O CAJADO MÁGICO

UMA AUTOBIOGRAFIA DE

ANDREW JACKSON DAVIS

Tradução: Amadeu António

O CAJADO MÁGICO

AUTOBIOGRAFIA DE
ANDREW JACKSON DAVIS

"Mesmo que andemos pelo vale da sombra da morte, não temeremos mal algum, porque Tu estás connosco; a Tua vara e o Teu cajado dão-nos conforto." — Poeta Hebraico.

NOVA IORQUE: PUBLICADO POR J. S. BROWN & CO.,
N.º 26, RUA FRANKFORT.
BOSTON: BELA MARSH, RUA FRANKLIN, 15.

Registado, conforme o Ato do Congresso, no ano de 1837,
por ANDREW JACKSON DAVIS.

PREFÁCIO DOS EDITORES

Aqui temos uma das biografias mais invulgares de uma pessoa também bastante singular. Consideramos que é a primeira história coerente e acessível da experiência de um clarividente escrita em língua inglesa. Independentemente das doutrinas ou filosofias que apresenta, é sem dúvida uma mais-valia para a literatura biográfica.

Este livro é, em essência, diferente — no estilo, no método e no conteúdo — de qualquer outro trabalho anterior do Sr. Davis, os quais são amplamente lidos e justamente apreciados tanto na América como na Europa. De facto, nenhum outro psicólogo americano alcançou fama tão vasta ou provocou opiniões tão extremas. Há, talvez, milhares de pessoas que veem o Sr. Davis como alguém com capacidades quase sobrenaturais, enquanto um número ainda maior o critica com preconceito e desdém.

Por isso, esta obra é especialmente importante — é uma tentativa de encontrar um ponto de equilíbrio entre esses dois extremos mentais. As pequenas biografias que foram aparecendo aqui e ali ao longo do tempo nunca conseguiram satisfazer os crentes nem responder às críticas dos céticos. Nada, portanto, além de uma autobiografia sistemática — começando pelas primeiras memórias e avançando ano após ano até aos dias de hoje — poderia preencher esse vazio tão sentido e tantas vezes expressado.

É precisamente esse o objetivo deste volume: apresentar ao público a carreira pública e privada do Sr. Davis. E oferecemo-lo com a firme convicção de que é um registo inédito, completamente autêntico e impossível de refutar. Muitos acontecimentos impressionantes relacionados com o seu desenvolvimento psicológico são aqui publicados pela primeira vez; e o segredo do seu dom extraordinário é explicado e fundamentado de forma inédita e bastante esclarecedora. Acreditamos também que as ideias aqui contidas são saudáveis e que o livro pode ser lido com proveito por pais e filhos, professores e alunos, reformadores e pensadores.

Com todo o respeito pelas opiniões dos críticos e estudiosos (cujos julgamentos sobre esta obra ainda estão por vir), sentimos liberdade para dizer que qualquer tipo de leitor terminará esta leitura não só encantado com o tom simples e quase romântico das suas páginas, mas também com ideias mais claras e propósitos mais nobres.

Nova Iorque, Maio de 1857.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

PELA COMPANHEIRA DO AUTOR

Ao começar esta secção introdutória à autobiografia, parece-me que muitas pessoas que venham a ler este livro irão logo levantar algumas perguntas sobre os objetivos da obra. Por isso, vou apresentar algumas dessas questões para, através das minhas respostas, ajudar-vos a entrar num caminho mais agradável e satisfatório de descoberta biográfica:

1. Porque é que esta autobiografia foi escrita, em vez de continuar a tratar de temas filosóficos como os que o autor tem abordado até agora?

É com o recurso ao poder das histórias que muitas verdades importantes têm chegado à sociedade. Mas, na verdade, nem sequer precisamos de seguir exemplos anteriores. O autor foi levado a escrever este livro por sentir, de forma honesta e profunda, que não haveria forma mais eficaz de transmitir os princípios psicológicos que o movem do que através dos episódios da sua própria vida. Os volumes filosóficos que já publicou mostram apenas pedaços soltos da experiência invulgar do Sr. Davis. E mesmo assim, a dúvida do cético — o eterno "Como?" — continua a surgir na mente inquieta de quem não se satisfaz facilmente. Para ilustrar isto, cito aqui uma carta de James Barnaby, do Ohio, publicada num jornal de Boston, onde se lê:

"Só ele próprio pode saber se não aprendeu, a partir de livros ou outras fontes conhecidas, os factos científicos e termos técnicos que aparecem nos seus escritos — qualquer pessoa com boa capacidade intelectual poderia aprender tudo isso sem necessidade de capacidades especiais.

Aí está o problema. Admitir essas capacidades extraordinárias é admitir que o Sr. Davis tem acesso a meios de obter conhecimento das leis da Natureza e do ser humano muito superiores aos dos outros. Os efeitos negativos de aceitar isso são tantos e tão evidentes que nem vale a pena detalhá-los. Sempre que existiu tirania mental e espiritual, ela baseou-se em pretensões semelhantes.

O que mais falta, neste caso, é discernimento. O jornal 'The Liberator' e outras publicações reformistas não têm alertado de forma clara para estes perigos, nem desencorajado o caminho que levou a este estado de coisas.

Vai-se dizer, claro, que se estas capacidades extraordinárias do Sr. Davis forem verdadeiras, não há com que nos preocuparmos. Mas será que são mesmo verdadeiras? Parece que acham que algumas delas são incontestáveis. Eu, pessoalmente, não vou tentar provar que ele não possui essa 'visão interior' ou outras faculdades maravilhosas. Mas também não as

posso aceitar. Essas alegações vão contra a consciência, a razão, o julgamento e a experiência — tanto minha como da maioria das pessoas. Por isso, qualquer testemunho que as sustente teria de ser mais forte do que a própria impossibilidade que apresentam. E, para mim, ainda não apareceu nenhum que não seja tão duvidoso quanto a veracidade das alegações."

Este excerto é apenas um exemplo do ceticismo generalizado que existe em relação à vida e obra do Sr. Davis, e às grandes leis interiores que estão na base do seu desenvolvimento. Daí que pareça essencial, tanto para o avanço da ciência como da mente humana, que esta obra entre para a corrente da literatura mundial.

2. Porque é que o Sr. Davis está a escrever a sua própria história — e logo tão novo?

"Vivemos pelos atos, não pelos anos; pelos pensamentos, não pelos suspiros;
pelos sentimentos, não pelos ponteiros de um relógio.
O tempo devia contar-se pelos batimentos do coração. Vive mais
quem mais pensa — quem sente com mais nobreza — quem age melhor."

À luz de tudo isto, podemos dizer que a vida do Sr. Davis já foi longa — não em anos, mas em experiências. Durante mais de uma década, ele oscilou entre extremos na vida exterior, enquanto, por dentro, percorreu um vasto e rico campo de investigação que dissipou muitas dúvidas. Foi através deste processo que se educou. Desde que os seus dons despertaram com a ajuda do magnetismo humano, tem frequentado uma escola onde a professora é a própria Natureza; e, com uma mente atenta e crente, tem trabalhado arduamente pela dádiva inestimável da Sabedoria. Em todos os sentidos, tem sido um estudante incansável — a única diferença é que, em vez de seguir os métodos tradicionais, foi direto à essência das coisas. Assim, colheu conhecimento do próprio coração do Universo, por assim dizer, enquanto outros o obtêm de forma indireta, através dos livros.

Por isso, o que ele aprendeu está hoje tão acessível e disponível como o conhecimento de qualquer outro intelecto bem treinado. Só quando se depara com algum tema novo e complexo é que precisa de abstrair-se e entrar num estado mais iluminado — o chamado "Estado Superior". É claro, então, que o seu estado mental atual, em que escreve esta autobiografia, é muito mais elevado do que aquele em que se encontrava quando ditou *As Divinas Revelações da Natureza*.

Parece-nos natural que seja o próprio Sr. Davis a escrever a sua história, dadas as circunstâncias. A sua experiência pertence à humanidade, na medida

em que revela muitos aspetos subtis e importantes da mente, além de apontar para um futuro onde a alma estará menos presa aos sentidos e menos dependente de meios externos para evoluir. Ao mesmo tempo, só ele pode relatar com precisão os acontecimentos da sua vida, e dar um retrato fiel daquilo que, de outra forma, ficaria para sempre distorcido ou mal compreendido. Além disso, muitos dos que fizeram parte deste percurso ainda estão vivos e podem confirmar os factos descritos aqui. Essa confirmação nem será difícil, sabendo-se que todo o desenvolvimento psicológico inicial do "Vidente de Poughkeepsie" aconteceu a menos de 150 km da cidade de Nova Iorque!

Há muitos testemunhos de pessoas que acompanharam os primeiros anos da vida dele, mas vamos partilhar apenas o seguinte, escrito por um cidadão bem conhecido:

Cara Senhora,

Este pequeno testemunho sobre o meu amigo, o seu estimado marido, é dedicado com todo o respeito e consideração, como reconhecimento do seu merecido valor.

Em 1843, o Professor Grimes, conferencista sobre Frenologia e Mesmerismo, veio a Poughkeepsie, Nova Iorque, e despertou grande interesse entre o público. As suas palestras e experiências foram muito frequentadas por gente de todas as classes, e quase toda a gente começou a fazer experiências de magnetismo uns com os outros. Entre esses, o Sr. William Levingston, alfaiate, teve bastante sucesso como magnetizador, e muitos se ofereceram para as suas experiências.

Andrew Jackson Davis era então um rapaz de cerca de dezasseis anos, vivia ao lado do local onde eu trabalhava com Ira Armstrong, como aprendiz de sapateiro. O jovem Davis, juntamente com outros rapazes, foi ter com o Sr. Levingston para ser magnetizado — como se dizia na altura. Mostrou-se muito sensível a essa influência, entrou logo num estado de clarividência e começou a "ver com a testa", sem usar os olhos — o que surpreendeu todos os que assistiram, ou ouviram falar do caso. Muitos quiseram saber mais sobre este fenómeno estranho.

Interessei-me muito pelo assunto e procurei toda a informação que pude. Falei com Samuel Davis, Levingston, Armstrong e outros, para saber o que me podiam dizer sobre as origens, o temperamento, a educação e o carácter de Jackson. Concluí que era pobre, honesto, afável e íntegro. A sua educação, na altura, resumia-se à leitura, escrita e contas básicas — e mesmo estas ainda estavam num estado muito inicial. Ao conversar com ele, percebi que tinha lido muito pouco e quase não tinha conhecimentos gerais.

Era um jovem bem-disposto e de bom coração. Quando lhe perguntei que livros tinha lido, respondeu: "Só li um livro chamado *Os Três Espanhóis*" — que suponho ser um romance, pois nunca o encontrei. Estava claro que a sua escolaridade tinha sido muito limitada. Não tinha tempo, nem naquela altura nem durante muitos anos depois, para se dedicar aos livros — e, pelo que sei, ainda hoje não o faz. O conhecimento que demonstra hoje foi, em grande parte, adquirido no estado clarividente.

Os seus dons recém-desenvolvidos começaram a revelar-se na área da medicina; e, depois de algumas semanas a experimentar para satisfazer a curiosidade dele e dos amigos, começou a exercer como médico clarividente, tendo Levingston como seu magnetizador. Armstrong deixou-o seguir este novo caminho.

Continuou em Poughkeepsie e arredores durante um ou dois anos, saindo às vezes para pequenas viagens, mas regressando sempre aos seus pacientes e amigos. As suas descrições de doenças — físicas e mentais — e os remédios que prescrevia eram verdadeiramente espantosos para todos os que o conheciam. Médicos formados reconheciam que as suas descrições anatómicas estavam corretas e que os seus tratamentos, embora invulgares, eram coerentes e baseados em conhecimento profundo — conhecimento esse que ele não possuía no seu estado normal.

Naquela altura, não conseguia lembrar-se do que dizia ou fazia no estado clarividente; mas desde então, desenvolveu a capacidade de recordar, bem como a de se magnetizar a si próprio — já não precisa, portanto, de outra pessoa para entrar nesse estado. As suas experiências continuam a ser tão impressionantes para ele como para os outros, como me disse há pouco tempo.

Enquanto vivia com o Sr. Levingston em Poughkeepsie e continuava a exercer a arte de curar, Jackson recebeu uma impressão, no seu estado interior, de que seria o instrumento para comunicar uma obra ao mundo — *As Divinas Revelações da Natureza*. Essa obra foi ditada palavra por palavra, em pensamento e conteúdo, e escrita a partir do que ele dizia, por William Fishbough. O conteúdo filosófico e espiritual dessa obra não estava na mente

de Fishbough, segundo ele próprio me confessou — até era contrário às suas convicções pessoais. Já li esse livro e posso dizer, sem hesitar, que foi quase um milagre o Davis tê-lo produzido naquela época.

Ira Armstrong disse-me várias vezes que tinha a impressão de que Jackson alcançaria um lugar de destaque no mundo — embora nunca imaginasse que seria nesta área. Armstrong era um homem prático, seguidor do espírito de Benjamin Franklin, e acreditava que qualquer pessoa com um ofício e vontade de trabalhar, com paciência e poupança, teria sucesso. Era um homem honesto e com espírito humanitário. Atualmente vive em Huntington, Indiana.

Tenho acompanhado com interesse o fenómeno da clarividência no percurso do Jackson. Conhecendo-o pessoalmente, segui os seus passos e li a maior parte das suas obras até agora. Como tenho dúvidas sobre a imortalidade da alma, esperava encontrar nessa fonte alguma certeza. Falei muitas vezes com ele sobre o assunto. Desde que começou a comunicar com espíritos, diz-me que para ele já não é uma questão de fé — é conhecimento.

Porque, no seu estado interior, vê e conversa com os desencarnados. Não duvido da sua sinceridade, nem da veracidade que isso tem para ele. Mas, como sou naturalmente cético e não tenho grande tendência para o maravilhoso, ainda não estou totalmente convencido da existência imortal da nossa espécie. Continuo, no entanto, a investigar todas as fontes possíveis em busca dessa "pérola de grande valor".

Seja como for, posso dizer com toda a sinceridade que considero A. J. Davis um dos fenómenos mais notáveis do nosso tempo, e a sua "Filosofia Harmonial" como um dos sistemas religiosos mais puros e racionais que existem. Apresenta-se como o verdadeiro evangelho, inspirado por "Deus-Pai e Mãe-Natureza", e está à altura dessa origem. Destinada, no "bom tempo que há de vir", a trazer harmonia, justiça e felicidade à Terra, e a preparar a nossa espécie para moradas felizes em qualquer vida futura que nos espere — desejo-lhe o maior sucesso e recomendo tanto a obra como o autor à atenção do mundo.

Na esperança de que um dia venha a confirmar a verdade das suas sublimes antecipações e elevadas teorias, subscrevo-me como amigo sincero e admirador racional da vida e das obras de Andrew Jackson Davis.

James Flagler.
156 Broadway, Nova Iorque, 17 de Fevereiro de 1856.

3. Porque é que o Sr. Davis, ao escrever esta história, relata os acontecimentos com tanto detalhe, especialmente os dos seus primeiros anos?

Mesmo que muitos desses episódios sejam contados com um certo humor e com pormenores que possam parecer triviais, é importante lembrar que nada é insignificante quando se trata de construir a estrutura imortal da Alma. E nenhuma palavra é irrelevante se ajudar a ilustrar, passo a passo, a evolução do espírito. Não sou o único a pensar assim — vejam esta citação sugestiva de um artigo do jornal *New Orleans Picayune*:

"O mundo é feito de pequenas coisas. Os grandes acontecimentos e as mudanças nos impérios normalmente nascem de causas que o mundo consideraria insignificantes. Sim, 'coisas leves como o ar' levaram a algumas das descobertas mais importantes que temos. A queda de uma maçã deu a Newton a pista para a gravidade; a tampa de uma chaleira a levantar-se deu-nos comboios, barcos a vapor, navios transatlânticos e milhares de outras coisas — sem falar da imprensa — que, juntas, colocaram o mundo séculos à frente na compreensão dos mistérios do universo e dos desígnios de Deus.

Foi ao observar a imagem ténue de uma flor numa pedra que se iniciou a investigação científica da luz e da química que acabou por nos trazer o daguerreótipo...

O Império Romano começou com um estratagema durante um duelo. A liberdade americana e os seus 31 gloriosos estados nasceram de uma forte chávena de chá preparada pelos habitantes de Boston, em 1775. Um pequeno pedaço de aço magnetizado levou à descoberta de um Novo Mundo. A construção de um moinho na Califórnia mudou o sistema monetário global. O simples atravessar de um riacho pôs fim à liberdade em Roma e deu a Brutus a sua fama eterna. Das pequenas bolotas nascem as grandes florestas americanas:

'Uma pedrinha num riacho estreito mudou o curso de muitos rios;
Uma gota de orvalho numa planta tenra,
Abateu para sempre o carvalho gigante!'

É impossível enumerar, especialmente num artigo de jornal, as inúmeras 'pequenas coisas' que deram origem a grandes acontecimentos e

transformações profundas na história do mundo. Basta dizer que os ‘detalhes’ não devem ser desprezados. O mundo pode aprender grandes e verdadeiras lições com essas mesmas ‘coisas pequenas’. A fábula do leão libertado por um ratinho foi escrita por um grande homem. E sobre bases ainda menores já se construíram poesias eternas, tragédias maravilhosas e romances nobres.

Não desprezemos nada: nada que venha das mãos do Criador é indigno. Os mundos que o microscópio revela numa gota de água são tão misteriosos e magníficos quanto os mundos brilhantes que o telescópio nos dá a ver. A lagarta repugnante que temos vontade de esmagar tornar-se-á um dia uma bela criatura com asas de arco-íris. E até a poça de água suja onde pisámos será transformada pelo sol num véu radiante e bordado, que servirá de adorno à face da rainha que passeia a sua luz entre as estrelas!"

4. Como pode o autor ter tanta certeza sobre os acontecimentos da sua infância?

O pai do autor, Samuel Davis, e a irmã mais velha, Eliza P. Williams, ainda estão vivos e lembram-se bem das várias situações familiares que viveram ao longo do tempo. Por isso, deram livremente detalhes sobre tudo o que aconteceu antes de o jovem Jackson ter consciência própria das suas memórias.

5. Porque é que ele reproduz fielmente a linguagem dos seus amigos de infância?

Se o autor tentasse corrigir ou “embelezar” a linguagem desordenada daqueles diálogos, mostrando tanto as suas próprias limitações mentais da época como as dos seus companheiros igualmente pouco instruídos, estaria a trair o compromisso com a verdade que caracteriza esta obra — e, aliás, toda a sua vida. Ao apresentar os diálogos como realmente aconteceram, conseguimos perceber até que ponto ele estava afastado de qualquer vantagem que pais cultos, irmãos educados ou amigos instruídos pudessem ter oferecido à mente de uma criança em crescimento. E o mais curioso é que essa ausência de recursos nunca chegou a ser compensada por qualquer formação posterior nas escolas tradicionais.

Mas para a verdadeira criança da Natureza, o tempo e as circunstâncias não são barreiras. O seu despertar acontece no silêncio do Pensamento — onde não há asas a bater nem marés a correr. E assim prossegue, pelo caminho veloz dos sóis, até que os seus pés toquem o centro dos Universos, e à sua volta se estenda o mar ondulante da Vida!

6. Qual é o valor moral desta autobiografia?

Para os mais jovens, a missão deste livro é claramente importante. Ao captar a atenção através de histórias cativantes, ensina lições de virtude que mil sermões bem elaborados talvez não conseguissem fixar na mente ainda virgem da juventude. As crianças, ao lerem estas páginas, sentir-se-ão naturalmente encorajadas a evitar a mentira, a raiva, o roubo, a linguagem ofensiva e o vício — e a cultivar a gentileza, a bondade, a esperança, a pureza e a integridade.

Para pais e educadores, será como um conselheiro vivo, ajudando-os a perceber quão delicadamente a mente jovem deve ser tratada, e como deve ser orientada com cuidado e sabedoria, para que, desde cedo, se lancem as sementes da virtude, da harmonia e do progresso. Nesse sentido, o casal humilde que trouxe ao mundo o autor destas memórias pode ser visto como exemplo — digno de imitação por muitos com mais meios e formação. Sem educação formal nem acesso ao mundo polido da sociedade, pobres e muitas vezes desprezados, vigiaram com atenção o comportamento diário do filho e corrigiram com bondade, mas firmeza, qualquer desvio moral que notassem.

Para todas as classes sociais, a história de uma vida assim será uma fonte de esperança. As experiências do "Filósofo Harmonial" bastam por si para provar a verdade reconfortante da imortalidade e a possibilidade de comunicação com os espíritos felizes que habitam o nosso Lar Espiritual. Mas há mais: as diversas situações, tentações, provações, fracassos e vitórias que marcaram a sua vida até aqui são um verdadeiro estudo, capaz de despertar coragem e inspiração até nos corações mais esmagados e descrentes.

O facto de ter alcançado um estado de vida tão elevado — onde os afetos são calorosos e radiantes, o intelecto claro e abrangente, a alma pura, serena, devota e firme, e o coração cheio de uma "alegria indizível e cheia de glória", alimentado pelas suaves dádivas da Sabedoria — esse facto, apesar das falhas de origem e das condições difíceis, é uma promessa para todos. Mesmo para o mais humilde e solitário dos filhos de Deus!

Mary F. Davis.
Nova Iorque, Abril de 1857.

CAPÍTULO I

O USO DA AUTOBIOGRAFIA

"Não me digam em tons sombrios:
'A vida é apenas um sonho vazio!'
Pois a alma que dorme está morta,
E as coisas não são o que parecem."

Parece-me que só a Inteligência Divina é capaz de compreender todas as possibilidades infinitas e os destinos eternos que adormecem no pequeno germe de um ser humano. Para esse ser, nada pode ser mais importante do que a própria **Existência**; tudo o resto, como o tempo acaba por mostrar, é secundário e está ao serviço disso mesmo. O princípio e o fim de todo o esforço humano é: **Existir**. As artes, as ciências e os engenhos que os homens criam para subsistir são tão passageiros como as nuvens no céu — tão efémeros como as sombras de sonhos nascidos da terra.

E, no entanto, sem essas artes transitórias e invenções úteis ao momento, a existência humana seria impossível. Na verdade, a base da existência assenta na arte de subsistir — e não há duas realidades mais inseparáveis do que estas. Mais ainda: sem os inúmeros pequenos gestos que, ao olhar para trás, vemos enfiados como contas num rosário de anos que passam — sem as atenções discretas mas constantes da mãe e do pai, dos irmãos, dos vizinhos amigos e até daquele "estranho dentro das nossas portas" — sem tudo isso, não haveria conservação do corpo, nem despertar do amor, nem crescimento do saber, nem satisfação com a vida. Não haveria, em suma, **existência**.

É por isso que, mesmo sem se aperceberem, e até contra os seus ideais mais elevados, a humanidade sente um apetite instintivo por tudo o que é genuinamente autobiográfico. Se alguém partilhar um relato pessoal numa revista, mesmo sendo um completo desconhecido, o mundo vai consumir essa leitura com um apetite insaciável. O domínio da subsistência é o domínio da biografia. Por exemplo: todos apreciam ler sobre a descoberta da América; mas quando a história pessoal do Descobridor é contada, aí sim — todas as idades, todos os géneros, todas as classes prestam atenção às revelações da sua vida íntima.

A história do mundo interessa-nos. A história de uma pessoa **fascina-nos**. Há sempre algo na experiência de um estranho que só ele próprio pode contar. Até as confissões de alguém prestes a ser enforcado tornam-se muito mais comoventes e impactantes quando ditas por si mesmo, do que se

fossem contadas por um conselheiro espiritual — mesmo que esse conselheiro fosse mestre na arte de narrar.

Esse instinto pela autobiografia está em toda a gente. Mas, quando não é guiado pela Sabedoria, rapidamente se degenera em deformação: o resultado são mexericos nocivos e boatos improvisados que perturbam o sossego de uma comunidade. A vida privada é invadida por um grupo de curiosos apressados, e o carácter da pessoa é manchado — ou mesmo destruído — por multidões furiosas compostas por jornalistas "respeitáveis" ou autores sem escrúpulos. Tudo isto é lamentado, em privado e em público, por homens íntegros e mulheres nobres.

Além disso, acontece por vezes que os principais acontecimentos da vida de alguém fiquem envoltos em mistério e confusão, ou sejam distorcidos pelas aparências e pelas histórias não desmentidas que circulam. Ora, se uma pessoa mal compreendida deixa passar a vida sem contar a sua versão, arrisca-se a ser, mais cedo ou mais tarde, atacada — até de forma fatal — por alguém que a considerava amiga, ou por um inimigo desconhecido.

Por isso, faz todo o sentido que, se a vida de uma pessoa contiver algo de útil para a humanidade — se oferecer novas lições de coragem e aprendizagem, mas ao mesmo tempo estiver envolta em falsidades ou mal-entendidos — então é um verdadeiro dever de justiça e compaixão que essa pessoa, antes de morrer, não parta em silêncio, mas deixe ao mundo uma autobiografia honesta e direta — um relato claro da sua viagem pela vida, uma confissão do seu **Coração interior**.

O ser humano nasce perto da base de uma colina — num vale cheio de sombras; mas, mal sai do berço, começa a subir. Logo ali começa a luta, o esforço, o ofegar — movido por uma força invisível que o impele a chegar ao topo. Com os olhos postos no futuro luminoso, mas sem conhecer o caminho, tropeça, desespera e cai a cada curva. O nevoeiro do vale pode envolvê-lo; a miséria e a doença podem estender-se entre ele e a colina; o caminho pode atravessar pântanos solitários e sombrios. E mesmo assim, com guias invisíveis, avança com coragem e atinge, triunfante, o cume do seu primeiro sonho. Quando lá chega… percebe que ainda está num vale — ou, melhor dizendo (e mais significativo), vê-se aos pés de uma nova montanha, ainda mais alta e irresistivelmente desafiadora.

Falo assim em linguagem simbólica, porque o percurso da minha própria vida tem sido isso mesmo: um caminho que começou num nível comum e foi subindo até ao cimo de uma colina dominante. Quando alcancei esse primeiro topo, vi diante de mim um novo vale, e depois mais uma colina, mais alta ainda. E, com o tempo e esforço, cheguei também lá. Mas, estranhamente,

encontrei-me então aos pés de mais outra elevação — ainda mais montanhosa, ainda mais difícil de escalar. Mesmo assim, o caminho foi-me mostrado com clareza. E, apesar dos obstáculos parecerem intransponíveis, continuei em frente e cumpri a missão que me estava destinada.

Da cumeada fértil dessa montanha majestosa, a vista era muito mais ampla e bela do que tudo o que já tinha visto ou vivido. Por algum tempo, senti-me em paz naquela casa de montanha — de onde podia observar os erros, os desvios, os nevoeiros, as tempestades e os significados dos vales por onde antes tinha passado. Era como estar firme sobre uma rocha à beira-mar, longe do perigo, a ver os navios a subir e descer com a tempestade. Lá em baixo, nos vales e encostas, via os meus semelhantes — orgulhosos demais para aprender — a saltarem de desfiladeiro em desfiladeiro, a prejudicarem a sua própria vida a cada passo, tentando alcançar o Mais Alto e o Melhor através de métodos que nunca poderiam trazer-lhes verdadeira vantagem.

Mas, com o tempo, senti-me impelido a olhar em frente, na direção da minha peregrinação; e eis que, contra as minhas expectativas, percebi que a elevação onde me encontrava era apenas a base de mais uma montanha — ainda mais grandiosa e longínqua do que todas as anteriores. E lá havia trabalho a fazer. Mais à frente, vou mostrar como esse trabalho foi cumprido.

Entre essa última elevação e uma outra montanha — que mal consigo ainda divisar ao longe — existe um vale intermédio. É nesse vale que estou agora, de passagem, tal como passei semanas ou meses em outros vales atrás de mim. E a minha ocupação, enquanto aqui permaneço, é escrever esta Autobiografia. Este será o primeiro texto público — tirando as respostas a correspondência — que escrevo enquanto permaneço num vale. Mas não é de estranhar, pois este vale está situado a uma altitude superior — mais elevada e dominante — do que o cume da segunda montanha. E isso dá-me hoje capacidades naturais melhores do que aquelas que tinha, mesmo depois de estar profundamente magnetizado.

O objetivo deste livro é contar o que me aconteceu em todas as regiões — nas montanhas e nos vales — por onde tenho passado; e explicar como, com uma precisão quase providencial, fui sendo guiado de uma etapa mental a outra. Esse é o único propósito desta obra.

Por isso, peço-vos paciência, queridos leitores, e que não julguem antes de terem caminhado comigo pelos capítulos sucessivos da minha vida.

CAPÍTULO II

A HABITAÇÃO LOCAL

Seria inútil qualquer antiquário curioso perder tempo a folhear as observações científicas de Humboldt sobre a paisagem natural; inútil estudar as viagens e descobertas do mundialmente famoso Peter Parley; inútil sonhar com as descrições poéticas de Bayard Taylor, o cosmopolita cujas pegadas nas terras orientais atraem centenas de leitores que preferem viajar por livros do que enfrentar perigos por mar e terra.

Nenhuma dessas leituras nos daria a conhecer uma certa habitação isolada, por pintar, inacabada — onde se desenrolou a primeira cena do drama de vida que está prestes a ser contado. Não estranhem esta omissão por parte dos historiadores mais atentos, pois nada havia naquela morada humana digno de grande reparo, a não ser a humildade bem visível da sua estrutura e dos arredores imediatos.

A casa foi construída por volta de 1824, em Blooming Grove, no condado de Orange, no estado de Nova Iorque. Era propriedade, em parte, de um homem que era meio-tecelão e meio-sapateiro — mas totalmente honesto. Ele, juntamente com a mulher, tinha conseguido acumular algum património, tanto real como pessoal, o qual se apresentava sob a forma dos seus filhos: Eliza, Jane, Sylvanus, Amanda e Julia Ann.

O marido já tinha atingido os seus quarenta e cinco anos. A pobreza deixara-lhe marcas visíveis. Toda a sua juventude fora passada a trabalhar para se sustentar. Mal nasceu nele o sol da adolescência, foi entregue como aprendiz para aprender a arte de tecer num tear manual. E, enquanto o tecido da sua própria vida era entrelaçado pelas circunstâncias à sua volta, aprendeu, sem livros nem professores, a fabricar tecidos de linho, algodão e lã, bem como tapetes de trapos.

Com o tempo, percebeu que não conseguiria sustentar uma família apenas com o tear, e decidiu então aprender a consertar botas e sapatos rotos — uma arte que, com o seu talento natural para a invenção e a persistência, rapidamente se tornou numa atividade mais rentável. Em resumo, passou da condição de "remendão" à posição mais produtiva e respeitável de sapateiro oficial. Dividia o seu tempo entre o tear e a banca, com uma ou outra incursão ocasional na agricultura. Por isso, vamos referir-nos a ele, daqui em diante, como o meio-tecelão e meio-sapateiro desta história.

A esposa, já a sentir o peso de trinta e três anos, também não tinha qualquer instrução. A única herança que trouxera consigo era um corpo frágil, animado por um espírito que parecia estar sempre deslocado — como se fosse uma alma estrangeira numa terra estranha. O seu interior era simples e infantil. As correntes pesadas da pobreza, que o marido aguentava com algum resmungo mas sem grande drama, nela tinham outro efeito: sobretudo quando combinadas com o alcoolismo dele, criavam sulcos profundos na substância da sua alma. Ainda assim, tinha qualidades notáveis que, nos momentos de maior provação, vinham à tona de forma luminosa. Iremos falar dessas virtudes mais adiante.

Quanto aos filhos, vale mencionar que as partes eternas das pequenas Jane e Amanda já tinham deixado as sombras da Terra. Havia um vazio melancólico naquele grupo familiar, e duas elevações a mais no cemitério da aldeia para lembrar aos que ficaram que elas existiram.

A região, na altura de que falamos, estava a dar os primeiros passos rumo à civilização. Da porta daquela casa humilde, ou de qualquer uma das suas janelas com vidros baços, via-se uma paisagem agreste e rude. E, mesmo assim, os agricultores locais tinham conseguido limpar e cortar muitos dos obstáculos ao progresso. Em vez de pedras inúteis e mato selvagem, podiam ver-se, aqui e ali, pomares de macieiras e terrenos bem vedados, com erva e cereais a crescerem em boa qualidade.

Mas a obra de refinamento ainda ia a meio. Entre outras provas de uma civilização a meio caminho, havia uma abundância de répteis venenosos conhecidos como “cobras-piloto” ou “cabeças-de-cobre”, cujos instintos sociáveis causavam bastante incómodo. Um testemunho ocular dizia que estas criaturas rastejavam até junto das janelas da cave e olhavam para dentro sem qualquer receio, entrando às vezes na casa humilde como quem vem dar as boas-vindas à família pobre, desejando trocar hospitalidades.

Foi já ao cair de um dia quente — 11 de Agosto de 1826 — que o meio-tecelão e meio-sapateiro recebeu a notícia de que mais um “bem” se somava ao seu modesto património. O médico que assistira ao parto, depois de examinar a "propriedade", declarou-a livre de encargos.

— “Não me diga!” — exclamou o sapateiro eufórico, que acabara de regressar da aldeia com o passo trôpego.

— “Digo sim, senhor,” — respondeu o médico. — “E mais: o seu bebé é um belo rapaz.”

— “Um rapaz, é?” — murmurou o homem enriquecido — “Isso é bom! Era mesmo o que eu queria! Que sorte!”
Invadido pelas felicitações da enfermeira e do médico, e com a cabeça a nadar num rio de alegria paternal, sentou-se para tentar juntar os pensamentos. Mas descansar, muito menos ficar sóbrio, era impossível. Na verdade — sejamos sinceros — o efeito do álcool já lhe tomava conta do cérebro. E assim, a cambalear e aos saltos, lá foi até à cama da mulher doente, para admirar o pequeno embrulho de riqueza de pobre que tão recentemente se juntara à família. Depois de fartar os olhos e se assegurar de que não estava a sonhar, lembrou-se de perguntar à mulher como se sentia.

CAPÍTULO III

O NOME

“Muitos morreram na miséria,
Com os seus pensamentos por contar.”

O aroma fresco das montanhas e a fragrância doce dos campos de colheita, somados à música do ribeiro que corria lá em baixo, junto à encosta onde se erguia a casa, conseguiram reanimar a mãe da fraqueza que se seguiu ao parto. Mas o hálito de álcool que se espalhava agora como uma peste sobre ela trouxe de volta as sensações de desespero — aquelas com que, há anos, já convivia demasiado bem.

— “Bem queria que te mantivesses sóbrio…” — disse ela com tristeza — “e que pusesses esta casa em ordem…”

— “Ora, não te aflijas nem te preocupes comigo. Acho que ainda consigo manter a família longe da casa dos pobres durante mais uns tempos…” — respondeu o pai, ainda alegre.

A presença da enfermeira e de uma vizinha só aumentava a vergonha da mãe. Ela olhou para o rosto dele enquanto ele se debruçava sobre ela e, com uma expressão que só nasce do medo, da tristeza e da desesperança, murmurou:

— “Agora a sério… tenta portar-te bem! Não fiques aqui. Vai-te embora... vai…”

A enfermeira ofereceu-lhe então um pouco de alimento leve; e, de puro esgotamento, a mãe fechou os seus olhos escuros e grandes, adormecendo por fim.

Entretanto, os filhos, que por algum motivo tinham sido enviados a casa de um vizinho, ao ouvirem dizer que o médico tinha deixado um bebé para a mãe, entraram de rompante, como potros soltos. Eliza, a mais velha — que tinha a virtude (ou talvez vício) de só ser amável quando as coisas corriam como queria — exigiu logo ver o recém-chegado. A enfermeira, sorridente, levantou o bebé para o mostrar. Mas era um rapaz, e por isso levou logo um estalo zangado da Eliza, que ficou prontamente disposta a discutir com o médico e com toda a gente.

— "Não quero ver-te fazer isso outra vez!" — disse a mãe acordada, apertando o bebé com mais força contra o peito. — "O que é isso? O que te deu?!"

— "Bah!" — respondeu a filha teimosa — "Por que é que o maldito doutor não trouxe uma menina? Eu não quero um rapaz ao pé de mim! Não se pode fazer nada com ele. Eu queria uma bebé para vestir e brincar. Pronto, já disse!"
E saiu amuada, deixando os irmãos — menos exaltados e menos desiludidos — a olhar e a pensar, entregues à curiosidade inocente de quem ainda está a descobrir as novidades da vida.

CAPÍTULO IV

O CONTEXTO POLÍTICO E O NOME

Naquela altura, como é habitual nos meses que antecedem eleições presidenciais nos Estados Unidos, falava-se bastante — mais das falhas do que dos méritos — dos candidatos em disputa. Um certo major-general era especialmente conhecido pela vitória decisiva que obteve sobre os ingleses em Nova Orleães, em 1815, que pôs fim à guerra. A sua notoriedade foi ainda mais reforçada pela fama de ser inquebrável na vontade de derrotar a tribo indígena Creek. A coragem das suas façanhas e o sucesso constante nas batalhas granjearam-lhe a gratidão e admiração de todos os verdadeiros democratas da América — e, como expressão disso, o partido democrata apresentou-o como candidato ao mais alto cargo da jovem república.

— "Eh lá! Ó vocês aí! Então, que se passou? Como está a mulher? E o bebé? Vá, contem lá!"

Quem soltava esta saudação abrupta era o Tio Thomas Maffet, que acabava de chegar da vila na sua carroça carregada com um arado e outros utensílios agrícolas. À primeira vista, parecia decidido a não sair da carroça. Mas o seu rosto — cheio de simpatia e boa disposição — deixava claro, até a

um desconhecido, que essa decisão não duraria muito. E assim foi. Sem esperar convite, saltou para fora, rindo com aquela alegria genuína tão própria dos temperamentos vigorosos, e entrou pela casa do pobre homem adentro.

— "Então, vizinho Davis, quando foi que isso aconteceu?" — perguntou o lavrador, inclinando-se sobre o berço tosco, feito em casa, e levantando a manta que tapava o recém-nascido.

— "Há quatro dias," — respondeu o sapateiro. — "Que achas deste pequeno calçadinho?"

— "Quatro dias, hein?" — murmurou o Tio Maffet, tentando pegar o bebé ao colo. Mas naqueles tempos ainda não havia conferências sobre os malefícios do álcool. Os lavradores achavam quase impossível fazer foices ou colheitas em dias escaldantes sem algum tipo de bebida que mantivesse corpo e alma ligados. Pelo menos era o que pensava o visitante, como o deixavam adivinhar a mão trémula e o olhar vacilante.

— "Pegue nele, enfermeira," — disse a mulher doente. — "Tenho medo que o Tio Thomas o deixe cair."

O bebé foi devolvido ao berço, e a ainda descontente **Eliza** — que se fazia notar com os seus puxões e solavancos no baloiço — foi incumbida de manter o irmão sossegado. Enquanto isso, os dois homens deram início à conversa política do costume, com os habituais "concordo" e "discordo" sobre os candidatos do momento.

— "Então e tu, vizinho Davis, vais votar em quem nas próximas eleições?" — perguntou o lavrador.

— "Sou pelo *Old Hickory* até à medula!" — respondeu o sapateiro, orgulhoso da sua convicção firme.

— "Igualmente," — replicou o bem-disposto Thomas. — "Agora digo-te uma coisa, vizinho — se me queres agradar hoje, deixa-me a mim escolher o nome do teu rapaz."

— "Por mim, tanto faz quem lhe põe o nome — que dizes tu, mulher?" — perguntou o pai, dirigindo-se à esposa ainda fraca.

— "Que ele não caia nem se magoe — é o que mais me importa," — respondeu ela, o que foi tomado como um "sim" tácito.

— "Dito e feito!" — exclamou Thomas, a rir. — "Agora vamos 'beijar a enfermeira'!"

Ao ouvir isto, a excitável e impaciente Eliza saltou do banco e correu, como uma raposa tresloucada, para o campo, gritando às crianças que brincavam:

— "O Tio Thomas Maffet chegou e vai dar o nome ao bebé! Corram!"

Julia Ann tentou pegar na mão do Sylvanus, que por sua vez esticou o braço para agarrar **Eliza**, mas falhou e caiu de cabeça na erva alta. Eliza, que já quase chegara à casa, ouviu o pedido de ajuda e voltou para puxar o irmão pelo braço; mas, como o azar não vem só, Julia Ann reparou que tinha perdido o seu chapéu de sol e recusou-se a ir sem ele. Eliza, que era supostamente quem tomava conta dos mais pequenos, começou a correr desvairada pelo campo à procura do chapéu. Não o encontrando, perdeu também a paciência.

Assim, sem chapéu e sem paciência, regressaram todos a correr, levados por uma curiosidade explosiva — que é quase tão poderosa como o vapor. Iam tropeçando uns nos outros, interrompendo o avanço mútuo com erros impossíveis de descrever, até que, finalmente, os três irmãos ficaram lado a lado, quase sem fôlego, a olhar para o lavrador enquanto este se equilibrava o melhor que podia para inspirar à mãe alguma confiança de que conseguiria segurar o bebé com segurança.

O meio-tecelão e meio-sapateiro, animado com a emoção paternal, juntou-se ao entusiasmo geral, e até a mãe, por mais frágil que estivesse, sentiu a harmonia do momento. Um grande copo de aguardente foi posto na mão esquerda do lavrador, enquanto o braço direito segurava o recém-nascido. A fiel enfermeira manteve-se bem perto, pronta a agarrar o bebé caso este escorregasse dos braços embriagados do nomeador. Ficou bastante aliviada ao perceber que "beijar a enfermeira" afinal queria apenas dizer "beber o brandy" — e nada mais.

— "Atenção, companhia!" — declarou o embriagado Thomas. — "Primeiro quero saber se vão aceitar o nome que eu escolher para este rapazito."

Vozes afirmativas saltaram de todas as bocas.

— "Então escutem bem: eu vou votar no *Old Hickory*, o herói de Nova Orleães — o maior homem vivo neste mundo; e quero que este menino leve o nome desse grande homem: Andrew Jackson! E olha, vizinho Davis, lembra-te bem das minhas palavras — não estou tão bêbado como pareço. Sei o que

estou a dizer — e (hic!) digo que o nome desse grande homem (hic!) não chegará tão longe como a influência que este teu filho (hic!) vai ter! Ele vai crescer e tornar-se num pequeno 'Hickory' — e nunca te hás de arrepender (hic!) de ele ter nascido!"

Era evidente que o bom Tio Thomas se tinha tornado mais patriótico, mais sentimental e mais profético do que pensava ser capaz. Em vez dos risos e dos olhos turvos, caiu sobre ele um estado de espírito sério e quase religioso, que pareceu limpar-lhe o pensamento e abrir-lhe um novo espaço no coração. Foi uma cena bela! Nenhuma arte mágica conseguiria produzir uma transformação tão rápida e completa. Um silêncio absoluto, quase fúnebre, espalhou-se pela sala — e nada o quebrou senão o soluçar do peito do lavrador. Parecia unir o seu destino ao de toda a humanidade. E, enquanto chorava como o bebé nos seus braços, pediu "a bênção do Céu" para todos os presentes.

O Tio Maffet, quase totalmente sóbrio, despediu-se apressadamente. E, embora parecesse saudável, poucos dias depois foi enterrado. A mãe do bebé acreditou, durante muitos anos, que aquele vizinho tão alegre ficou subitamente sério por ter tido uma visão providencial do seu próprio funeral.

CAPÍTULO IV

O LEILÃO E A PARTIDA

Só os pobres compreendem verdadeiramente as inúmeras complicações que se acumulam nas suas lutas pela sobrevivência do dia a dia. A lista de obstáculos que se interpõem entre a família e aquilo a que se chama "uma situação respeitável" é quase impossível de contar. A cada curva do caminho da vida, os desânimos parecem espreitar, encostando-se sem cerimónia à porta de casa.

Foi assim que se sentiu o homem cujo lar inacabado e por pintar ainda não estava pago, e cujas tentativas de se estabelecer tinham sido vencidas por derrotas mais amargas do que podia suportar. Durante dois anos inteiros após o nascimento do filho de que agora se conta a história, o meio-tecelão e meio-sapateiro — com exceção dos momentos sombrios provocados pelo álcool — lutou com firmeza contra o exército de pequenos contratempos que surgem sempre à frente dos pobres. Mas sem sucesso.

A falta de adaptação da mulher à luta constante que é criar uma família, somada à carência frequente de carinho paciente e indulgente — que ela desejava em silêncio como sendo a base de cada pensamento e esforço —

gerou mal-entendidos dolorosos e desencorajamentos sem fim. Nessas alturas, o marido exaltava-se e fazia a maior parte dos protestos e críticas, enquanto a mulher, naturalmente pouco dotada para se explicar ou defender com palavras, mergulhava numa tristeza que partia o coração a quem a visse.

Durante esses dois anos, nada de marcante aconteceu na vida do pequeno cuja biografia aqui se narra. Mas para outro membro da família houve uma mudança importante — um acontecimento cuja data ficou registada numa folha em branco entre o Antigo e o Novo Testamento da Bíblia da casa.

Houve um episódio curioso relacionado com essa "mudança", que vale a pena contar aqui como breve desvio.

As crianças brincavam livremente na encosta, correndo de um lado para o outro, quando Sylvanus parou de repente, como se tivesse visto algo extraordinário.

— "Eliza!" — gritou ele. — "Vem cá rápido — estás a ver aquilo?"

— "Ver o quê?" — perguntou ela, apressada.

— "Aquela luz branca ali, redonda, a deslizar por cima da relva, em direção ao bosque!"

— "Não vejo nada, seu parvo," — respondeu Eliza. — "Estás a inventar!"

— "Então estás mesmo cega," — disse ele, aborrecido. — "Não vês aquilo a mexer ali?"

— "Claro que não! E tu também não!"

Depois a pequena Julia Ann também tentou ver, forçando os olhos azuis muito abertos, mas sem sucesso. Perante o espanto e desilusão geral, Sylvanus correu directamente para casa para contar à mãe tudo o que vira.

Quando ouviu o relato apressado do filho, a mãe fingiu não dar importância e, com a sua calma habitual, mandou-o voltar a brincar com os irmãos. Mas quem a conhecia bem notava nos traços do rosto uma dor silenciosa.

Quando Eliza lhe perguntou o que se passava, ela respondeu com tristeza:

— “O Sylvanus vai deixar-nos em breve.”

O marido, que sempre a achara demasiado crédula em relação a sonhos, sinais e superstições, reagiu como de costume com um desprezível “Bah!”. Contudo, não tardou muito até que o pai cético se visse a preparar, com pesar, o pequeno caixão para receber o corpo do filho Sylvanus. Sempre que mais tarde lhe perguntavam o que pensava do tal episódio da luz, o sapateiro respondia com impaciência contida: “Bah, disparates. Aquela luz não teve nada a ver com a morte dele!”

Apesar de rejeitar tudo o que cheirasse a sobrenatural, e mesmo com a sua conhecida fraqueza pelo álcool, é justo dizer que este homem nunca foi profano, nem sem compaixão ou fé. Pelo contrário, estava sempre pronto a condenar a mesquinhez, a desonestidade e qualquer forma de descrença religiosa.

Voltando à narrativa: convencido de que não conseguiria sustentar a família nem pagar a casa modesta onde tudo se passava, o sapateiro desanimado juntou as ferramentas e anunciou publicamente que tencionava mudar-se para outra parte do estado. Poucos homens mostravam tanta determinação quando lhes surgia a ideia de vender tudo o que tinham num leilão e tentar a sorte noutro lado. E talvez também poucas mulheres houvesse que valorizassem tanto a estabilidade de um “lar fixo” como a sua companheira. Cada mudança era para ela uma ferida aberta — uma quebra violenta nos laços locais que o seu coração tão fortemente criava.

— “Não vás com tanta pressa, pai,” — implorou ela um dia, quando ele anunciou que ia vender tudo: porcos, galinhas, casa e mobília. — “Já tivemos provações que cheguem. Sabes o que se diz — pedra que rola não cria musgo.”

— “A decisão está tomada,” — respondeu ele, firme. — “E eu vou embora daqui.”

— “Quem sabe se a próxima estação não será melhor para nós,” — tentou ela, tentando manter alguma esperança. — “É tão difícil empacotar tudo… e tão doloroso ir para longe, para entre estranhos…”

— “Não quero ficar a dever a ninguém,” — atirou o meio-tecelão e meio-sapateiro. — “Não fico aqui agarrado pelas pestanas — nem pensar. Vamos vender tudo e sair.”

A certeza de haver um leilão e de se desfazerem dos bens da casa foi como um murro no estômago da mulher. Era mais uma ferida para o seu

espírito que ansiava por enraizar-se, e reabriu muitas outras mágoas ainda mal curadas.

— "Mudança, mudança, sempre mudança," — suspirou ela. — "Oh, quando teremos descanso?"
E seguiu, cabisbaixa, a fazer os afazeres domésticos.

Mas o cordoeiro desanimado, tendo decidido "arrancar as estacas e partir", continuava a justificar-se e a defender a decisão de realizar o leilão e abandonar o local. Levando as palavras da esposa como uma tentativa de adiar tudo, essa simples sugestão bastava para o irritar — pois a procrastinação era, para ele, insuportável.

— "Se há coisa que detesto," — dizia ele com convicção — "é esse empurra-com-a-barriga. Para quê adiar? Quem não arrisca, não petisca. Quando vejo algo para fazer, quero fazer logo — e não ficar eternamente parado. Não há trabalho que chegue para mim nem na banca nem no tear; e o trabalho no campo só dá para a época das colheitas. Por isso, não há volta a dar — eu vou. Não te preocupes. Vendemos tudo, pagamos o que pudermos e vamos procurar a sorte entre desconhecidos."

Os olhos castanhos brilhavam com um brilho teimoso e decidido, bem conhecido da mulher frágil e desgastada — que apenas respondeu com um longo suspiro, como quem carrega no peito a plena consciência do novo desafio que se aproximava.

No que toca à procrastinação, há realmente muito em que pensar. Metade dos pequenos problemas que afetam o lar têm origem, com justiça, nesse hábito. Adiar o trabalho de hoje para amanhã é quase um vício — ou até, em termos mais sérios, um crime contra a felicidade e o progresso da alma. Aqueles que adiam com elegância, dia após dia, o cumprimento de deveres que já se apresentam como tal, costumam ser vistos como vítimas de uma fraqueza humana "inofensiva". Mas, na verdade, nenhuma outra fraqueza está tão perto de se tornar numa deformidade moral grave e de causar tantos desgostos e desgraças como esta.

Centenas de famílias suportam chatices domésticas que nunca teriam conhecido se não fosse esse hábito preguiçoso de deixar tudo para depois. Uma consciência rápida e firme do que é justo raramente existe na mente que foge ao dever do momento e se escuda na desculpa de "esperar a altura certa". Mas, neste caso específico, o que havia era uma impaciência incontrolável perante as limitações impostas pela pobreza. Se o honesto sapateiro tivesse sido, como a sua mulher, alguém menos dado à aventura doméstica e mais inclinado a enfrentar, passo a passo, a montanha de

dificuldades, como certos homens conseguem fazer, haveria mais união e satisfação naquela casa isolada.

É verdade que, em certas situações, há sabedoria em adiar. Mas só os verdadeiramente sábios o conseguem fazer com segurança e sucesso. A preguiça é sempre mais perigosa do que a energia e a ação. A esposa tinha um espírito manso e calmo, mas em que faltava qualquer elemento mais afirmativo, o que a fazia ceder e desanimar até perante as provações mais simples. Já o marido, sempre ansioso por estar "em movimento", e incapaz de se submeter, empurrava-a constantemente para situações que eram contrárias à sua natureza. Sem educação formal e, portanto, sem uma visão mais compreensiva das fragilidades humanas, os dois acabavam por se magoar mutuamente: ela, com palavras tristes e derrotistas; ele, ao ignorar as emoções mais profundas e sensíveis da esposa.

Parámos para notar estas particularidades porque ajudam a compreender melhor as origens e a situação social do protagonista desta biografia. E convém acrescentar que esta incompatibilidade profunda de temperamento — esse obstáculo à paz conjugal que a Natureza deixou bem claro entre marido e mulher — manifestava-se de forma viva no carácter mental de **Eliza**, e, de forma mais ou menos nítida, em todos os filhos que vieram depois. Por isso, cada criança nasceu com certas desvantagens herdadas, tanto físicas como emocionais, que só muitos anos de esforço conseguiriam atenuar ou corrigir — o que tornava a conquista da tão desejada "harmonia pessoal" um objetivo difícil, mesmo quando começava a parecer alcançável.

— "Pois, então que se há de fazer!" — suspirou por fim a mãe, em tom queixoso. — "Vamos todos acabar na miséria, e só Deus sabe para onde iremos a seguir. Quando é o leilão?"

O meio-tecelão e meio-sapateiro tirou os olhos da "pedra no colo e da correia no joelho" e respondeu, num tom meio resignado, meio trocista:

— "Ora, não sabes? Ainda há pouco disseste que íamos para o fim do mundo. Daqui a dois dias, às dez da manhã, vai tudo debaixo do martelo." Fez uma pausa, e completou:
— "É duro, eu sei, mãe. Mas… que importa?"

A ternura e o tom brincalhão eram sinal seguro — de que o espírito da garrafa já se tinha instalado no trono do seu cérebro desequilibrado.

Chegou finalmente o dia. Um a um, os objetos da casa — de pouco valor — foram vendidos e levados para lares mais estáveis e felizes. Eliza, decidida

como era, escondeu alguns talheres e guardou secretamente algumas recordações queridas, contrariando a vontade expressa do pai. Assim, preservou, à sua maneira, a base de um futuro lar. De resto, nada escapou à voragem do leilão, exceto a roupa da cama, que foi logo metida na carroça de bagagens, pronta para a viagem.

Eliza corria e saltava com Julia Ann, alheias ao sofrimento da mãe desorientada, enquanto o pai, cheio de coragem falsa e esperança alcoólica, ajudava quem lhe pedia e ria-se da própria desgraça. De repente, chegou a ordem: — "Tudo a bordo!" — ou seja, todos para a carroça de viagem. E, em poucos minutos, lá iam: a mãe abatida, com o bebé ao colo; as duas filhas encaixadas entre os fardos de roupa; e o meio-tecelão e meio-sapateiro à frente, ao lado do condutor sedento — todos, ao estilo de pioneiros, mas sem unidade de propósito, lançados numa espécie de aventura doméstica sem bússola nem leme.

As mil e uma dificuldades e naufrágios pequenos que esta família empobrecida enfrentou entre a casa de Blooming Grove e a ainda mais precária habitação de John Myers, em Staatsburgh, Nova Iorque, não vamos agora descrever. Basta dizer que os errantes acabaram por se instalar num lugar ainda mais isolado do que aquele que tinham deixado para trás — um lugar onde nasceram as minhas primeiras memórias da existência — e onde, portanto, a parte biográfica dos capítulos anteriores dá lugar a uma autobiografia mais direta e concreta.

CAPÍTULO V

AS MINHAS PRIMEIRAS MEMÓRIAS

"Quando à noite me sento só,
Pensando no que já lá vai —
Enquanto o relógio, sonolento,
Marca devagar o passar do tempo —
E as brasas, a arder vagamente,
Falam da vida a voltar ao pó —
Então, à volta da minha cadeira solitária,
Com um som calmo e triste,
Com um murmúrio suave e baixo,
Chegam os Fantasmas do Passado!"

Quando a Alma faz o seu primeiro registo na folha da Memória, entra finalmente no mundo consciente, saindo do vale misterioso da primeira infância. Daí em diante, individualidade e memória tornam-se inseparáveis numa autobiografia. Os relatos meio verdadeiros dos contemporâneos podem então ser revistos e corrigidos pela própria pessoa.

Sem qualquer vaidade, passo a usar a primeira pessoa do singular — o "eu" — porque a partir daqui, tudo o que possa parecer incerto na história será traduzido, por testemunho direto, para uma realidade que o leitor pode tomar como quase certeza.

Três anos e algumas semanas tinham passado quando a Memória recebeu a notícia de que, para lá dela própria, existia um mundo exterior. Era o outono de **1829**. Através de um olhar para dentro (e para trás), consigo facilmente reconstituir essa cena original. Estava ao ar livre, de frente para uma pequena casa velha, gasta pelo tempo e solitária — mas que, para a minha mente inexperiente, parecia uma construção enorme e maravilhosa. Não me lembro se já lá tinha estado dentro. Árvores altas cercavam aquela morada estranha; e uma estrada, cuja utilidade eu não compreendia, estendia-se pela floresta sonhadora que a envolvia.

— "O que são aquelas coisas altas?" — murmurei para mim, olhando para as árvores que dançavam ao vento, muito acima da minha cabeça.
— "E como se chama aquilo ali?" — perguntei, apontando o dedo para a casa velha, cujas dimensões me pareciam imensas.

Mas, mais rápido do que o pensamento, atravessou-me o ser uma sensação horrível de solidão e desamparo; e, como se acordasse de um sonho de medo e ansiedade, gritei uma palavra — uma palavra que, até

então, eu não sabia que era capaz de pronunciar:
"Mãe! Mãe!"

Tal como o lendário Robinson Crusoé, ao ouvir a sua própria voz quebrar o silêncio da ilha de Juan Fernández, fiquei surpreso com o som que saíra da minha boca. E, no entanto, lembro-me perfeitamente de que havia algo na palavra "Mãe" que me soava familiar e cheio de significado abençoado. Como uma varinha mágica, parecia abrir um caminho estreito por entre uma paisagem conhecida, conduzindo até uns recintos bem definidos — talvez memórias difusas dos quartos da casa rural onde nascera.

"O que é 'Mãe'?" — não fazia ideia. Tinha forma, tamanho, cor? Ou era precisamente o contrário disso? Não sabia dizer. Sentia apenas duas coisas: a minha pequenez — tornada mais evidente pelo contraste com as árvores gigantes e a casa imensa à minha frente — e a minha solidão — ainda mais assustadora porque, ao meu redor, não via nada nem ninguém parecido comigo. Quando gritei "Mãe!", estava, sem dúvida, a pedir — a implorar — a presença de algo que me fizesse sentir quente, protegido, satisfeito e feliz. Algo de que eu fazia parte — um fragmento menor — e sem o qual seria frio, faminto, sedento e miserável. Mas, por mais estranho que pareça, é verdade: eu não conseguia, nem tentei, formar uma imagem concreta daquilo a que chamava "Mãe". E, mesmo assim, sabia que estava ligado à minha segurança e à minha existência. Hoje, considero este facto de enorme valor para os metafísicos.

Duvido que algum menino tenha gritado "Mãe!" mais alto e durante mais tempo do que eu naquele momento. Uma legião de terrores indescritíveis invadiu-me a mente. As árvores balançavam ao vento com uma força que, eu intuía, era algo com movimento próprio. "Será que me vai magoar?", pensei. Ao fundo, onde começava a floresta, vi uma escuridão que me deixou inquieto: "Será que vivem lá monstros?" E gritei outra vez, mais depressa, mais alto, por calor, proteção, companhia.

Enquanto chorava, ouvi uma voz familiar vinda de entre as árvores atrás de mim, a cantar uma cantiga popular, meio sem sentido, muito comum nas casas simples da nossa zona. Escutei:

"Este homem cansado veio do arado,
Dando, dando!
Este homem cansado veio do arado,
Clam e um clang e um cling go!
Este homem veio do arado,
E perguntou à mulher: 'Já está o almoço, ó meu bem?'

Canta, clam blarum glere arum,
E um cling go!”

A minha mente de criança captou logo a canção, pois sabia instintivamente que aquela voz era da minha mãe. E por isso sinto-me justificado em registar aqui essas palavras excêntricas, como uma homenagem à primeira impressão que o espírito dela deixou na minha memória.

A solidão, como se pode imaginar, dissipou-se de imediato. Com os braços carregados de lenha para acender o lume do jantar, a minha mãe surgiu no campo de visão; e, com o seu tom alegre, disse-me para a seguir. Entrámos juntos em casa, onde o meu pai estava a fazer sapatos — a primeira memória que tenho dele — e onde as minhas irmãs me chamaram para ir brincar com elas.

Comparando esta minha primeira memória — este súbito despertar para o mundo — com a de outras pessoas, vejo que quase ninguém se lembra de algo semelhante. No entanto, acredito que muitos, se conseguissem recordar com nitidez o momento em que começaram a registar as impressões do mundo exterior, poderiam confirmar o que aqui relato. A maior parte das pessoas reage com espanto e ceticismo quando conto este episódio — o que me mostra que não estou a descrever uma experiência tida como comum entre os homens.

Mas será que consigo fazer com que os mais céticos compreendam isto? Vou tentar.

Durante a infância, o espírito mais profundo do ser humano dorme na substância cerebral, como uma semente ainda não germinada no ventre da terra. O cérebro da criança ainda não está impregnado com o princípio imortal. A semente do ser futuro está ali, à espera. Tal como uma planta cresce no solo, também o espírito desperta e expande-se gradualmente a partir desse centro.

À medida que a semente espiritual germina, começa a preencher e animar com a sua energia os inúmeros vasos, fibras e nervos do cérebro — o que hoje chamamos de órgãos “frenológicos”. É por falta dessa circulação espiritual que algumas pessoas se queixam de dificuldade em refletir, raciocinar ou manter memória — mesmo quando mais precisam dela.

Segundo esta teoria, se alguém tiver uma alma de desenvolvimento lento, combinada com um temperamento forte e seletivo — como o meu —, então o despertar da memória pode demorar bem mais tempo do que o

habitual. Mas, quando esse despertar finalmente acontece, a impressão é tão vívida que nada a poderá apagar.

Se cada um conseguisse lembrar-se com precisão do momento em que começou a reter as impressões da vida, creio que todos compreenderiam perfeitamente a explicação que acabo de dar da minha experiência pessoal.

CAPÍTULO VI

A MINHA PRIMEIRA TENTAÇÃO

Deixando agora a filosofia para outros volumes, prossigo com o meu relato.

A atividade que via o meu pai exercer, dia após dia, despertava-me bastante curiosidade. Era engraçado vê-lo cortar pedaços de couro — macios e duros — em várias formas e tamanhos; depois molhá-los, martelá-los e fixá-los, com pequenos pregos, numa peça de madeira com a forma de um pé grande. Mais fascinante ainda era vê-lo fazer furos com um instrumento pontiagudo, e a seguir trocar as cerdas com precisão, puxando um fio encerado em direções opostas; e, por fim, notar as veias a inchar-lhe na testa e ouvi-lo soltar o inevitável e característico "Ugh!", num puxão final que parecia satisfazê-lo de que o trabalho estava bem feito.

Tudo aquilo parecia um jogo divertido, e eu morria de vontade de participar. Mas a diversão desapareceu rapidamente numa manhã, quando comecei a perceber — sem compreender bem porquê — que o meu pai sentia-se obrigado a continuar aquele trabalho, mesmo quando desejava estar noutro lado.

A minha irmã Eliza era quem cuidava de mim a maior parte do tempo. Pelo menos era isso que eu percebia: sempre que ficávamos a sós, tinha de lhe obedecer — e isso acontecia com frequência.

Um dia, ordenou-me, num sussurro:

— "Vai ali àquela espécie de cave que está ao lado do bosque, ao pé da encosta. Leva o avental e traz-mo cheio de maçãs. Estão lá."

Como qualquer criança, eu adorava fruta — e fui logo a correr buscá-las.

— "Mas não digas a ninguém que fui eu que te mandei!" — disse ela em tom apressado — "Ou levo-te os miolos à pancada, ouviste?!"

Ao ouvirmos aquela ameaça terrível, juntando-se ainda a ordem de manter segredo, trememos com um pressentimento estranho. Parecia-nos que íamos fazer algo que não devíamos. Aquela sensação era totalmente nova — não nos lembrávamos de alguma vez termos feito nada parecido. E, mesmo assim, não nos consideraríamos nem melhores nem piores do que muitos outros miúdos. Mas ali estávamos nós, num momento inocente, meio tentados e meio forçados a fazer uma coisa má que nem sabíamos bem como definir.

Assim confusos e agitados, perguntámos:
— Essas maçãs não são tuas?

— Não, seus patetas! — respondeu ela com um tom seco. — São do John Myers, por isso vejam lá, não deixem que ele vos veja nem a ir nem a voltar!

— Acho que não consigo ir, — dissemos, a tentar passar por ela para dentro de casa. — Tenho medo que ele me veja.

— Ah não vão, não! — exclamou ela, zangada, agarrando-nos e virando-nos para a entrada da cave com uma força que nos fez sentir e temer a sua superioridade física. — Agora vão, como eu digo, ou levo-vos um enxerto de porrada — querem ver se não levo?

As crianças, acreditamos nós, são todas pequenos democratas por natureza. Obrigações morais, distinções subtis ou regras sobre o que está certo ou errado pouco ou nada influenciam mentes muito jovens. Por isso, sem perceber bem qual era o mal de irmos buscar o que queríamos — e sem notar grande diferença entre maçãs na nossa cave debaixo da casa ou as da cave do John Myers debaixo do monte — lá fomos nós, empurrámos a porta que estava destrancada e enchemos o avental com aquele fruto que tinha tentado a Eva da história.

Quando voltámos, com mais maçãs do que conseguíamos segurar, algumas a rebolar do avental, apanhámos um susto daqueles ao ver o dono das maçãs a olhar para nós da estrada. Não sabíamos o que fazer, mas, apesar de irmos deixando cair o fruto a cada passo, continuámos a correr para casa. Ele chamou-nos, mas de nada serviu. Corremos ainda mais depressa, aos saltos pelo terreno irregular, até chegarmos à casa. Esquecendo todas as ameaças da nossa irmã, atirámo-nos para o colo da

nossa mãe, enterrando-lhe a cara no regaço, a chorar alto e bom som uma confissão completa!

Ela ouviu-nos até ao fim, disse-nos para secarmos as lágrimas e que nunca mais voltássemos a fazer tal coisa; e depois, para nosso grande alívio, foi tirar satisfações com a Eliza por nos ter mandado numa missão tão maldosa. O que aconteceu com a nossa irmã durante esse acerto de contas não vamos aqui relatar — mas, em vez disso, deixamos o nosso protesto bem sério contra se colocarem tentações assim à frente do espírito humano. Porque, embora na altura nos parecesse uma brincadeira inofensiva, havia ali um veneno escondido que, se o tivéssemos absorvido por completo, podia ter estragado a nossa consciência moral para o resto da vida.

A nossa mãe, que gostava de estar sozinha, muitas vezes ia dar passeios por entre os bosques à volta. Um dia, já para o fim da tarde, todos notámos "quanto tempo" ela já tinha estado fora, mas descansámo-nos uns aos outros dizendo: "Ela volta antes do pôr-do-sol." No entanto, o belo sol lá se foi escondendo por detrás da floresta densa, tocando as folhas mais altas e bonitas com uns tons que ninguém consegue imitar. Mas... e a nossa mãe? A noite caiu sobre o mundo, com aquele manto misterioso; os sons animados dos bichos do dia calaram-se; e nós, as crianças, ali estávamos à beira da escuridão, a tremer, a achar que ouvíamos um choro vindo do meio das árvores, a misturar-se com o lamento baixo da floresta ao vento.

Cada minuto era mais doloroso. Chamávamos por ela, procurávamos com os olhos, mas nada. Entre o medo e as lágrimas, gritei: "A mãe perdeu-se!" — e fui chamar o pai para ir procurá-la. Ele não teve medo da escuridão nem dos espíritos da noite na floresta — lá foi ele, sem hesitar. Passado um bocado, enquanto nos esforçávamos por ouvir qualquer coisa, escutámos vozes — e antes de as reconhecermos bem, já os nossos pais estavam à nossa frente! A alegria desse reencontro foi a primeira grande felicidade que nos ficou gravada na memória.

A nossa família não ficou muito tempo nessa casa isolada. Uma noite, o pai chegou e disse: "Pronto, arranjei outra cabana; vamos mudar esta semana." A mãe não achou muita piada e refilou; e então assistimos, pela primeira vez nas nossas memórias, a uma discussão prolongada entre os dois — algo que ainda hoje nos assombra como uma das cenas mais marcantes da infância. Lembramo-nos bem de nos enfiarmos debaixo das mantas naquela noite e pensarmos: "Será que o Grande Homem Bom lá em cima viu isto? E o que achará ele disto?" A pensar nisso, fomos tomados por um medo estranho e gritámos com todas as forças: "Mãeeeee!"

— O que foi, Jackson? — perguntou ela, logo, com carinho.

— Não sei — chorámos. — Tenho medo de adormecer. Achas que volto a acordar se adormecer?

— Claro que sim, filho — nada te vai fazer mal. — E tentámos acreditar nela. Mas foi impossível. Não sabíamos o que nos perturbava, só que tínhamos medo de não abrir mais os olhos, e que o sono fosse uma coisa sem fim. Lembrava-nos daquele medo que sentimos quando a mãe desapareceu na floresta. Por isso, pedimos para nos deitarmos na cama dos pais, porque só ali nos sentíamos seguros para dormir.

— Não estragues esse miúdo assim! — resmungou o pai. — Isso não é nada, deve ser lombrigas.

Ora, mesmo sendo pequenos, sentimos que sabíamos melhor do que aquilo. E então, pela primeira vez, discordámos do nosso próprio pai. Estava ali a nascer uma opinião independente num leito de criança. Mas essa surpresa por pensar diferente do nosso pai só veio aumentar ainda mais o medo que sentíamos. Sem saber como contrariar a teoria das lombrigas, chorámos até que, talvez para se verem livres de nós, ambos consentiram e deixaram-nos dormir ali, no meio deles — onde, sentindo-nos finalmente protegidos, caímos num sono tão profundo que nem sonhámos.

Pensando bem, concluímos mais tarde que o nosso espírito, ainda tão novo e inocente, naquele momento teve uma espécie de noção intuitiva sobre Deus e a Morte. Nunca ninguém nos tinha falado do "Grande Homem Bom" que estava no céu; e também nunca tínhamos visto nada parecido com a ideia de "dormir e não acordar mais", que era o que nos aterrorizava. Por isso, registamos isto como um facto curioso da psicologia infantil — que põe em causa aquela teoria que diz que a alma não tem conhecimento inato de certas realidades exteriores.

CAPÍTULO VII
UMA MUDANÇA DE CENÁRIO

"Ele não vivia em si, mas tornava-se
parte do que o rodeava."

Como a autoridade do pai era quem mandava, lá tivemos de juntar a tralha toda e, dois dias depois daquele anúncio, estávamos de novo a caminho de outra casa, também ela estranha. Fomos ora a pé, ora à boleia, por um caminho duro e solitário que atravessava uma grande extensão de floresta, até que finalmente chegámos a outra casa isolada e minúscula. Era na mesma freguesia, Staatsburg, perto de Rhinebeck, num terreno que pertencia a um holandês bem-disposto chamado Bart Cropsey, já velhote e a caminhar para o fim dos seus dias simples.

A sul daquela casa apertada via-se o campo e uma quinta ao longe, do vizinho mais próximo; para norte, quase nada se via — só uma trilha mal marcada de carroça (sinal encorajador de que já lá tinham passado outros seres humanos), que serpenteava ao longe, por um pedaço de terra cheio de pedras e colinas, propriedade do velho. A leste, a poucos passos da nossa porta, havia uma cadeia de colinas irregulares. Cobertas por uma camada de terra tão pobre que só dava mesmo era cascalho e pedaços de xisto a monte. Olhando para oeste, via-se um ribeiro rápido que corria junto à mata e seguia o seu caminho musical por entre os campos verdes — que davam ao nosso horizonte sul um ar quase encantador.

Quando chegámos, começou uma daquelas confusões típicas de mudança de casa. Havia tudo por fazer, mas ninguém pronto para começar — e mesmo assim, todos ocupados, a dar o litro, cada um à sua maneira. A casa estava dividida em duas partes — o que uma imaginação mais criativa podia chamar de "sala de receção" e "sótão". A primeira ocupava todo o rés-do-chão, enquanto a segunda, à qual só se acedia por umas escadas velhas e bambas, nunca tinha sido acabada — nem reboco, nem nada, desde que foi construída.

Mas o nosso pai — que era meio tecelão, meio sapateiro — não mostrava qualquer sinal de desânimo. Foi logo de mão ágil a montar a cama, esticou o estrado de corda, pôs o colchão de palha, empurrou a tina da roupa (com alguma loiça e utensílios lá dentro) para dentro do velho armário, que já era morada habitual de ratos, ratazanas e aranhas. Nós, os miúdos, também não ficámos atrás. Ajudámos a descarregar a carroça e a arrumar a "sala de receção" o melhor possível com o pouco que tínhamos. Mas a mãe estava diferente — triste, cansada. Tinha um olhar distante, como se visse para além dali. Havia nela uma espécie de afastamento, de quem está noutro lugar por

dentro. E lembro-me disto porque, mesmo que já tivesse estado assim outras vezes, foi a primeira em que reparei verdadeiramente. O pensamento dela estava longe dali.

Durante várias semanas, não aconteceu nada de muito relevante. O pai trabalhava todos os dias no banco de sapateiro e, tirando alguns resmungos e zangas, as coisas até iam correndo bem.

Um dia, ouvimos à socapa uma conversa meio sussurrada, da qual percebemos que a nossa irmã Eliza podia vir a casar-se. Não fazíamos ideia do que isso queria dizer. Só notámos que a mãe não achava graça nenhuma. Perguntámos porquê, mas o pai respondeu logo: "Mete-se na tua vida ou levas com o cinto!" Mas a nossa cabeça já não parava. Rapidamente percebemos que "casar" significava ir morar com um estranho. E, acreditando nisso, achámos que a mãe estava certa e o pai errado — porque ela queixava-se e ele ralhava-lhe por se meter.

A certa altura, lembrámo-nos de algo que tínhamos visto quando ainda morávamos na casa do John Myers. Mais do que uma vez, aparecia por lá um jovem estranho, que vinha pelo bosque até à nossa casa, a rir e a conversar com a Eliza como se já se conhecessem há muito. Também recordámos uma vez em que fizeram rebuçados de melaço com seiva de ácer, e nos deram alguns para irmos brincar com a Julia Ann.

Estávamos claramente do lado da mãe nisto. E, por isso, mesmo com apenas quatro anos, vestidos com uma túnica de lã curta, levámo-la lá para fora, fora do alcance da voz do pai, e perguntámos: "Oh mãe, achas que um dia vou ser tão grande como o pai? E quando for, não me deixas casar, pois não?" Se a memória não nos falha, ela não respondeu nada. Mas entrou em casa a rir-se como nunca a tínhamos visto rir. E isso deixou-nos confusos. "Que estranho," pensámos, "chorar pelo casamento da Eliza e rir-se com o meu!"

Mas logo nos esquecemos disso quando vimos uma figura ao longe, ao anoitecer — e voltámos ao mundo real à nossa volta.

CAPÍTULO VIII
O FANTASMA DO HOLANDÊS

Foi por essa altura que começámos a prestar atenção às expressões diferentes das caras das pessoas. Até então, poucas tinham deixado marca na nossa memória. Antes disso, lembrávamo-nos de, talvez, quatro pessoas fora da nossa família. E nem lhe chamávamos "círculo familiar" porque, na maior parte do tempo, os nossos pais estavam em extremos opostos — e os filhos (sobretudo a Eliza) estavam, por assim dizer, no terceiro ponto. Assim, por uma espécie de geometria espontânea, formávamos um triângulo — e o círculo era apenas uma hipótese, um desejo que por vezes pairava em raros momentos de união doméstica.

Essa realidade deixava-nos com um peso no coração. Talvez nunca tenhamos dito uma palavra de repreensão — embora muitas vezes achássemos que o pai bem a merecia — mas não se podia dizer o mesmo da nossa boca: sempre que víamos a mãe aborrecida com os humores dele, desatávamos a chorar alto e bom som, como que a forçá-los a fazer as pazes com a nossa "contra-irritação".

O ajudante do tio Bart Cropsey parecia gostar muito de vir visitar-nos. Ao entardecer, víamos muitas vezes o "Dave", como era conhecido, a descer pela trilha de carroça até à nossa casa. Mas vinha cedo demais, e ia-se embora tarde demais — tantas vezes — que nem o generoso holandês achava graça. Depois de várias chamadas de atenção, o Dave decidiu que ia começar a ir embora mais cedo. Mas o que para ele era "mais cedo", para nós ainda era tardíssimo. Muitas vezes esforçávamo-nos por manter os olhos abertos durante as visitas dele, mas o sono acabava sempre por vencer — e às vezes só acordávamos com os primeiros raios de sol.

É de lembrar que a nossa "sala de receção" era tudo ao mesmo tempo — cozinha, quarto, oficina do pai, e por aí fora. Por isso, quando havia visitas, era complicado para qualquer um de nós despir-se e ir dormir. Por isso, quando o tio Bart proibiu expressamente as visitas tão prolongadas do Dave, ficámos todos contentes. Mas a alegria não durou muito — passados poucos dias, ele voltou ao mesmo: chegava cedo e saía tardíssimo.

Numa noite escura e fria — lembramo-nos bem — o ajudante saiu ainda mais tarde que o costume. O vento de outono uivava à volta da casa velha, como uma melodia triste. Havia lua no céu, mas estava quase toda tapada por nuvens carregadas. Se tivéssemos portadas nas janelas, de certeza que o bater delas só vinha piorar a música melancólica da noite.

— Não tens medo de ir para casa, Dave? — perguntou o pai.

— Eu? Nem por sombras! — respondeu ele com coragem. — Já andei muitas vezes por esses bosques às escuras! Boa noite, a todos!

— Finalmente! — disse a Eliza. — Vamos mas é para a cama. Todos concordámos e, em poucos minutos, já estávamos debaixo das mantas — menos o pai, que ainda tinha "um sapato para acabar". Estávamos quase a adormecer quando ouvimos uma grande batida na janela e uma voz: "Oh da casa! Sr. Davis, venha cá fora, rápido!"

A única luz que havia era a chama fraca da vela de sebo do pai, presa numa ponta de pau. Mas mal ele se mexeu, apagou-a sem querer — e ficámos todos às escuras, em pânico. Mesmo assim, sem hesitar, o pai abriu a porta e perguntou:

— O que se passa?

Lá estava o pobre do Dave, a tremer de medo, mal conseguia falar. Mas lá conseguiu balbuciar:

— Vi um fantasma enorme — ou... ou uma coisa branca!

— Onde é que o viste?

— Lá no carvalho grande, no canto do bosque, junto à pontezinha de tábuas!

— E que aspeto tinha?

— Parecia um homem enorme, vestido com roupas de morto! Ó Sr. Davis, não quer vir comigo até passar por aquela coisa?

— Vamos lá ver — respondeu o pai. — Deixem-me arranjar um candeeiro. Acho que temos um.

Enquanto o pai se preparava para acompanhar o Dave, nós dissemos logo que não íamos, nem queríamos ficar sozinhos. E, com o susto, todos (mãe, Eliza, Julia Ann e eu) vestimo-nos num instante e preparámo-nos para sair naquela escuridão. Para mim, aquilo era tudo novo e assustador. Nunca tinha ouvido falar num "fantasma do caraças" e estava cheio de curiosidade. Se estava assustado? Talvez, mas a novidade da situação compensava. E lá fui eu, agarrado à mão da mãe, a correr atrás do pai e do Dave, "nos passos dos nossos ilustres antecessores".

— Ó mãe, o que é um fantasma? — perguntei, a ofegar, enquanto corria ao lado dela.

— "Oh, isso não é nada que nos faça mal," respondeu a mãe. "É daquelas coisas que têm significado... se a gente souber interpretar."

Como não ficámos lá muito convencidos com essa resposta, insistimos:
— "Mas... como é que era, então?"

— "Xiu — ouve — cala-te — não podes ficar calado um bocadinho?" — gritou a Eliza. — "Assim ninguém ouve nada com essa tagarelice!"

Mas, num tom mais baixo, lá continuámos:
— "Mãe, o que é que o Dave queria dizer com 'fantasma do caraças'?"

— "Ora deixa lá isso. O Dave é um homem pecador. Amanhã explico-te."

Nessa altura, percebemos pelo passo mais lento lá à frente que estávamos quase a chegar ao sítio do "acontecimento". O pai fez questão de declarar, bem alto, que não acreditava em nada daquilo e que não tinha medo nenhum. O Dave, todo inspirado com essa coragem, resolveu dizer que afinal não tinha fugido por medo. Que, logo ao ver o tal "fantasma", nem ficou assim tão assustado, e que tinha voltado para nos chamar só por brincadeira, para nos divertir. E, para reforçar essa pose corajosa, começou a assobiar com ar despreocupado — embora a verdade seja que aquele assobio mal se ouvia no meio dos ventos fortes que assobiavam por entre as árvores a caminho do campo aberto.

E como se estivesse tudo combinado, mesmo naquele momento assustador, a lua cheia lá saiu de trás das nuvens. E o que é que vimos? Bem ali, junto à velha ponte de tábuas, ao lado do grande carvalho, erguia-se uma figura enorme — envolta num lençol branco como a neve, com um chapéu na cabeça e os braços (ou o que pareciam ser braços) a abanar ao vento como loucos.

— "Credo! Estão a ver aquilo?" — gritou o Dave.

E mal acabou de falar, deu um passo atrás tão brusco que acabou por nos empurrar — e três quartos de nós foram ao chão com estrondo. Aquela queda fez com que todos sentíssemos, por um segundo, que tínhamos sido atacados pelo tal monstro fantasmagórico. E, com o pânico a acelerar as pernas, fugimos dali como o cavalo do John Gilpin! No nosso caso, eu só conseguia soltar um grito contínuo de puro terror — aquele tipo de choro que parece um apito — que só veio piorar ainda mais o estado de pânico do nosso grupo em debandada, à frente do ainda mais assustado Dave.

— “Parem! Esperem aí!” — gritou o pai, que vinha logo atrás de nós. — “Mas estão a fugir de quê? Voltem para trás! Vamos perguntar ao fantasma o que é que ele quer!”

Obedecemos. Os mais velhos juntaram-se para decidir o que fazer, e depois voltámos todos com cuidado. Quando estávamos perto o suficiente para sermos ouvidos, o pai gritou:
— “Oh da casa! Quem está aí? O que é que quer?”

Ficámos em silêncio um instante — que pareceu uma eternidade — mas não veio resposta nenhuma.

— “Eh pá! Quem és tu? O que é que queres?”

O vento de outono devolveu-nos apenas sons estranhos e sussurrados. A vela do pai, dentro da lanterna, já estava a apagar-se, e a lua continuava a brincar às escondidas com as nuvens pesadas. Por isso, cada vez víamos pior. Mas aquela atitude corajosa do nosso pai deixou-nos com um novo respeito por ele.

— “Bah! Tretas! Se não falas, dou-te com esta pedra na cabeça!” — resmungou ele, já irritado, apanhando um calhau.

E dito e feito! Para nosso grande espanto, a pedra voou e... lá foi o chapéu do “fantasma” pelos ares! Obedecendo ao pai, ficámos parados. E com cada segundo, ganhávamos mais coragem, ao ver o pai a bombardear e destruir o tal “fantasma branco”. E acreditamos que quem ler isto vai sentir a mesma desilusão que nós sentimos ao descobrir que... alguém, a fazer-se engraçado, tinha embrulhado um monte de palha num lençol velho e enfiado o chapéu largo do tio Bart Cropsey no topo, como se fosse a cabeça de um espantalho.

Voltámos todos para casa cheios de boa disposição e dormimos que nem pedras o resto da noite. Acreditamos que essa noite teve um efeito bem positivo no nosso “órgão da imaginação” — aquele que os frenologistas dizem que em nós até nem tem muita influência. Achamos que a Providência não podia ter arranjado melhor maneira de nos ensinar a diferença entre fantasmas a sério e falsos do que com aquele “homem de palha” do meio da noite.

“Assim, quando estou sozinho,
A pensar no que ficou para trás,
Sinto à minha volta, devagar,
Os fantasmas do antigamente voltar.”

CAPÍTULO IX
ONDE FAÇO MAIS DESCOBERTAS

Com o tempo, acabou por se formar uma espécie de círculo familiar de paz em relação ao tal casamento da nossa irmã Eliza. E o resultado foi uma preparação animada de sanduíches, nozes rachadas e umas empadas pequenas — cuja massa, segundo o pai, foi feita com "tirinhas de carvalho branco", o que é como quem diz, estava rija que nem sola de sapato.

Olhávamos para aquilo tudo com a típica curiosidade de criança. Ajudámos a pôr os bancos de madeira alinhados dos dois lados da "sala de receção" e perguntávamo-nos de onde viriam tantas pessoas para os ocupar.

Aos poucos, os vizinhos foram chegando. E as cadeiras, o banco do sapateiro e até as duas camas ficaram cheias de gente. Estávamos tão espantados e intimidados que nem conseguimos falar nem chorar. Limitámo-nos a fazer o que já era hábito: "agarrar-nos às saias da mãe" — expressão favorita do pai — e não largámos. Fosse para buscar lenha e água, fosse para ir à cave buscar o jarro do melaço, fosse para subir ao sótão buscar as meias acabadas de remendar — lá íamos nós atrás dela, como se a largar fôssemos ser deixados ali no meio de um mar de desconhecidos!

Uma das mulheres trouxe uma menina que nos chamou a atenção — era a primeira pessoa mais pequena que nós que alguma vez tínhamos visto. Ela usava vestidinhos... e nós também. E achámos isso... estranho.

De repente, entrou um homem bem vestido, que se portava como se soubesse tudo. Assim que ele avançou, as pessoas levantaram-se das camas, e todos os outros também se puseram de pé em silêncio. A nossa irmã desceu as escadas do sótão, toda arranjada e bonita como nunca a tínhamos visto. Logo a seguir, o rapaz que já nos era bem conhecido aproximou-se, deu-lhe a mão e ficaram ali os dois, muito sérios, em frente daquele homem que parecia saber tudo, até o nome das coisas.

Ele abriu a boca e começou a dizer as palavras mais compridas, difíceis e estranhas que já tínhamos ouvido. A mãe começou a chorar. Depois foi a Eliza. A seguir, a Julia Ann desatou a soluçar. E, por fim, nós — os mais pequenos — começámos num pranto descontrolado. Nem sabíamos bem porquê, mas se a mãe chorava... para nós, isso era razão suficiente.

O casamento acabou depressa. As sanduíches foram devoradas num instante. As nozes abertas, as empadas comidas. E a garrafa de aguardente do pai passou de boca em boca entre os homens. Depois, um a um, os

convidados começaram a despedir-se, desejando à nossa família "muita alegria e vida longa".

Aquele evento deixou-nos com um nó na barriga. Foi como uma espécie de doença, ou como quando alguém ralha connosco. E andámos durante dias a chatear a mãe, a repetir vezes sem conta: "Mãe, nunca me deixes casar. Nunca!"

As semanas passaram num instante, e antes que déssemos por isso, estávamos à beira de mais um ano novo. Não vou levantar o pano que separava a nossa casa do resto do mundo — o que escondia, na sombra, as aflições privadas da nossa família. O que interessa aqui é apenas o que dizia respeito ao meu progresso psicológico. Por isso, vamos avançar... até à chegada do Pai Natal!

Quando ouvimos falar dele — que trazia presentes para os meninos que se portavam bem, que ninguém o via a descer pela chaminé, a encher as meias com doces e tesouros — decidi que ia ser muito bem comportado (isto é, não chorar nem andar atrás da mãe) para ver o que é que vinha como recompensa.

Era o último dia de Dezembro, gelado, quando a mãe disse:
— "Anda lá, Jackson — vai brincar com o trenó lá fora, anda a puxá-lo até eu te chamar."

— "Porquê, mãe?"

— "Ora, porque quero que vás."

— "Mas não fico congelado na neve?"

— "Não, não — vai, depois eu chamo-te."

Aquilo era tão estranho — pedir-me para fazer o que, noutros dias, me proibia sem dar explicação — que a minha imaginação disparou. Por isso continuei a insistir:

— "Mas porquê, mãe? Porquê?"

— "Deixa lá isso e vai, como te digo. E quando te chamar, dou-te um biscoito quentinho."

— "Mas, mãe... diz-me lá porquê. Diz-me, vá... sim?"

Mas o pai, que ouviu a minha insistência e viu a mãe já a fraquejar, virou-se do banco de sapateiro e cortou logo:
— "Não o estragues! Ele que obedeça, ou levas com o cinto, Jackson — anda lá, faz o que a tua mãe manda, ou levas na cabeça!"

Hoje em dia, fala-se muito dessa ideia do Albert Brisbane sobre "trabalho atraente", em vez de sofrimento e labuta não recompensada como passa o povo. Pois eu arrisco dizer que nenhum miúdo de quatro ou cinco anos alguma vez sentiu tanto na pele o que é "brincar à força" e o que é "divertir-se de verdade", como eu naquele momento. Brincar, quando não se quer, é trabalho chato. E trabalhar, quando se gosta, pode ser puro divertimento. Mas ali, naquela altura, hesitar era perigoso — o cinto do pai estava ali mesmo, ao lado do martelo e da pedra de sapateiro. Por isso, de cabeça baixa, lá fui eu deslizar colina abaixo, sobre gelo e neve.

Puxei o trenó pela encosta leste. Mas em vez de o usar logo, fiquei a matutar por que razão a mãe queria tanto que eu estivesse fora de casa. "Será que foi o Pai Natal que lhe pediu para me mandar sair?" — pensava eu. "E quem será ele?" Comecei a ter uns lampejos de que talvez aquele ser existisse mesmo. Mas a parte de ele ser invisível — de conseguir descer pela chaminé suja e meter coisas nas meias sem ninguém o ver — isso era muito difícil de acreditar, mesmo vindo da minha querida, respeitada e sábia mãe. "Mas ela é tão grande e tão velha," pensei, "claro que sabe!" E de repente acreditei em tudo o que me tinham dito sobre aquele amigo invisível das crianças bem-comportadas.

Mas logo pensei: "Que estranho... um ser tão puro descer por uma chaminé toda suja, cheia de fuligem, até ao lume e às cinzas?" Continuando a pensar, concluí: "O Pai Natal deve ir tão depressa que ninguém o consegue ver." E com essa ideia, comecei a fazer bolas de neve e a atirá-las ao ar com toda a força, para testar se as coisas podiam mesmo ficar invisíveis de tão rápidas que eram. Mas não tive grande sucesso com essa experiência. Por isso, decidi que aquela noite ia dormir com um olho aberto. E fui-me entretendo como podia — a subir a colina com esforço, só para depois me atirar encosta abaixo e rebolar pelo monte de neve.

Passado um tempo, a Eliza, já casada, chamou-me para entrar e aquecer-me. Obedeci. Não vi nada de estranho, tirando uns donuts acabadinhos de fazer. Ganhei um como recompensa por ter ficado tanto tempo lá fora, como a mãe tinha pedido... e o pai mandado.

A noite caiu depressa — e como soube bem meter-me na cama pequena ao lado da dos pais! Na manhã seguinte, logo ao acordar, ia encontrar presentes na minha meia! A mãe pendurou um par de meias lavadas junto à

chaminé, mesmo ao lado da lenha grande — e eu vi tudo com autorização dela.

— "Agora, Jackson, porta-te bem e vai dormir," disse ela com doçura, "e vais ver o que te espera."

Tal como qualquer miúdo nessa situação, fui um anjinho e meti-me logo na cama. Mas, antes de ela se deitar, vi-a espreitar-me por debaixo do cobertor, para ver se já tinha os olhos fechados. Isso só dificultou ainda mais o sono.

Ficando de esguelha, com um olho por entre o cobertor, fiquei a olhar fixamente para as meias penduradas, cheio de ansiedade, até que toda a gente se deitou. Depois de um tempo, só ouvia respirações profundas. Menos da mãe. Que, ao fim de um bocado, levantou-se muito devagar, foi ao armário, depois às meias — e, à luz da lua que entrava no quarto, vi-a meter qualquer coisa em cada uma. A seguir voltou para a cama por cima da minha.

Ainda demorou uma hora até adormecer. Mas quando finalmente o "doce descanso da natureza" me levou, sonhei que o Pai Natal, vestido de preto, descia a nossa chaminé com todos os bolsos cheios de prendas lindas. E no sonho, levantei-me, puxei-lhe a capa... e lá estava a minha mãe, com aquele sorriso terno que só ela sabia dar.

— "Feliz Ano Novo!" — gritou a Julia Ann ao meu ouvido, tão perto que acordei de um salto e corri para a chaminé. As meias ainda lá estavam — cheias até ao topo! O Pai Natal não se tinha esquecido de mim! Voltei para a cama com os tesouros e fui ver o que tinha recebido: um rolinho de rebuçados; quatro donuts, iguais aos do dia anterior, mas moldados como um velho, um gato, uma vaca e um rapazinho; três nozes "butternut", seis castanhas... e uma batata enorme! E, para terminar... o cinto do pai — o verdadeiro instrumento de correção daquele fiel discípulo de São Crispim! Um lembrete gentil do Pai Natal de que "é melhor portares-te bem".

Entre o acreditar e o duvidar, entre o medo e a alegria, saltei da cama — e pela primeira vez, enfiei-me nuns calções "de gente crescida".

— "Mãe, foste tu que puseste estas coisas nas meias?" — perguntei-lhe, a olhar-lhe nos olhos.

O sonho confirmou-se na hora. Ela sorriu com aquele ar meigo e respondeu:

— "Fui eu, Jackson... tudo menos a batata e o cinto."

Essa resposta deixou-me convencido. E senti que gostava ainda mais dela por me ter dado tanta alegria.

Mas, mais fundo do que a alegria daquele dia de Ano Novo, ficou gravada na nossa mente uma impressão de ceticismo teimoso. Nada poderia ter sido mais oportuno e educativo. Por mais simples que tenha sido o acontecimento, serviu muito para fortalecer aquela nossa tendência, já desperta, para investigar tudo com rigor. Uma desconfiança atenta em relação à existência de seres invisíveis ficou muito mais fácil de desenvolver depois daquela explicação humana para o mistério do Pai Natal.

CAPÍTULO X
OUTRAS CENAS DESTE DRAMA

Um dia, ouvimos uma conversa entre a mãe e uma senhora de idade que veio fazer uma visita. Falavam sobre sinais que anunciam a morte nas redondezas.

— "É mesmo esquisito," dizia a mãe, "como há pessoas que nascem com um véu no rosto e conseguem ver essas coisas! Olha o meu Jackson — nasceu com um véuzinho na cara... se calhar vai ser desses."

— "A sério?" — exclamou a visitante, toda espantada. — "A sério? Ai quero saber!"

— "Sim," respondeu a mãe com um suspiro profundo e uma emoção que quase a sufocava. "Sim, lembro-me bem — quando olhei para o bebé e vi o véu a cobrir-lhe o rosto todo, disse para mim: 'Este foi feito para passar por dificuldades... ou por outra coisa qualquer — não sei bem o quê!'"

Mas, voltando ao assunto dos presságios de morte, a mãe contou que, numa certa noite de luar, já há muitos anos, viu um homem a caminhar devagar, com os braços cruzados ao peito, como se meditasse em algo muito grave e triste.

— "E quem era ele?" — interrompeu a senhora.

— "Pois, isso é que eu não sei," respondeu a mãe. "Mas tentei perceber. Primeiro fui à janela; e como ele parecia estar perto, abri logo a porta da frente para o chamar. Mas não vi viva alma! Achei aquilo muito estranho... e era mesmo. Mas na noite seguinte, à mesma hora, vi a mesma figura outra vez, a andar da mesma maneira. E pensei: 'Agora sei quem é.' Mas afinal... não sabia."

— “Ai que coisa! — exclamou a visitante. — “E nunca chegou a saber quem era aquela figura?”

— “Não, não soube. Mas tive a certeza de que era sinal de morte ali na zona. E acertou. Passados uns dias, o Sr. Juiz — aquele que adorava cheirar o fumo das velas — morreu de repente, de tuberculose.”

— “A sério? Ai, não me diga! Então é mesmo verdade que ele gostava do cheiro da vela?”

— “Gostava sim, senhora,” disse a mãe. “E olha que reparei que quase toda a gente com vida curta tem esse gosto estranho por cheirar o fumo da vela, como se fosse ar puro.”

Aquela noite foi complicada para nós. Quando o nosso trabalhador pai espetou a vela no chão, presa num pau, sentámo-nos ali mesmo ao lado, para perceber se também gostávamos daquele cheiro. Horrível! Afinal, sim — gostávamos de sentir aquele vapor fininho a subir da cera a arder! Foi o suficiente para nos assustar. Ainda era cedo, mas pedimos para nos deitar — com lágrimas nos olhos — com medo de ficar doentes se fôssemos dormir tarde como de costume.

Deitados, não parávamos de pensar na morte. E o medo crescia. Até que desatámos a chorar e a pedir à mãe:

— “Mãe... achas que eu gosto do cheiro da vela? Diz lá — gosto ou não gosto? Achas que vou morrer por isso? Diz lá... vou morrer?”

O pai ouviu os lamentos e fartou-se de rir, alto e bom som, mais do que o nosso choro. Mas aquela maneira de nos consolar não nos ajudou nada — e só ficámos mais aflitos. Continuámos a pedir à mãe respostas e algum consolo.

Ela acalmou-nos, mas não nos convenceu. E aquele medo de morrer ficou connosco durante vários dias. Nesses tempos, o pai ia alternando entre ameaças de usar o cinto e o diagnóstico habitual: que tínhamos “lombrigas” e precisávamos de “uma colher de enxofre com melaço todas as manhãs”.

Agora, saltemos por cima de várias semanas sem grandes acontecimentos, para chegarmos a algo bem mais importante.

A pobreza, com tudo o que ela arrasta, morava connosco. Não quer dizer que houvesse vícios ou crimes — como costuma vir no pacote — mas havia doença, tristeza, discussões, queixas e humilhações de toda a espécie. Várias vezes vimos a mãe a cozer a última mão-cheia de farinha de milho que

tínhamos — sem carne, sem batatas, sem farinha de trigo. E ouvimo-la perguntar ao pai onde é que ele ia arranjar mais comida para evitar que morrêssemos de fome.

Por vezes perguntávamos se nas outras casas as pessoas também passavam estas dificuldades para conseguir comida e roupa. O pai respondia, impaciente:

— "Não, bolas! O pobre fica cada vez mais pobre e o rico cada vez mais rico. É assim o mundo."

Foi nesse estado que nos encontrávamos quando, numa tarde fria de primavera, o sol se foi embora e deu lugar a um lusco-fusco misterioso que cobriu os campos e colinas. Claro que, em criança, não reparávamos na beleza da natureza. O que víamos eram lágrimas, preocupações e olhares ansiosos. Não havia comida! E não era como se tivéssemos vindo de uma festa — já andávamos a passar mal há dias. E aquela fome — aquela verdadeira fome — só quem já a sentiu sabe o que é.

A mãe dizia que acreditava que "a Providência havia de nos valer."

— "Pois... eu também acredito," disse o pai, sapateiro honesto e trabalhador, enquanto batia sola para consertar uma bota de um vizinho. — "Mas parece-me que a Providência conta mais connosco do que nós com ela."

— "Ora que ideia mais estranha!" — respondeu a mãe, com um ar de esperança a nascer-lhe no rosto, como o sol a nascer na paisagem. — "Não acho que nos vá acontecer nada de mal agora. Como dizia o velho Juiz — Deus o tenha:

'O Senhor é o meu pastor,

E nada me faltará.'"

Como qualquer leitor atento poderá imaginar, toda esta conversa séria sobre "Providência" e ser alimentado por um "Pastor celestial" soava-nos muito parecida à história do bom e velho Pai Natal invisível... ou até ao tal fantasma branco feito de palha. E por isso, mesmo com apenas cinco anos, não conseguíamos deixar de acreditar mais na proteção dos nossos pais, que eram quem realmente nos alimentava e cuidava.

Foi então que ouvimos o som de cavalos e o barulho de uma carroça a aproximar-se da casa.

— "Quem será que vem por este caminho a esta hora?" — disse o pai. — "Quem será?"

— "Ó da casa!" — gritou uma voz vinda da carroça. — "A minha gente precisa da Dona Davis para ajudar com a roupa amanhã."

— "Quem és tu?" — perguntou a Eliza.

— "Então não sabes? Vimos agora dos pesqueiros do John Radcliffe — estamos a ir para casa com a carruagem."

— "Oh, graças a Deus!" — exclamou a mãe, cheia de esperança. — "Vamos ver se conseguimos peixe para o jantar. Sempre soube que a Providência havia de prover."

— "Sim, sim!" — disse o pai. — "Vamos pedir um sável, ou uma dúzia de arenques. Eliza, vai lá ver o que ele traz."

Mal ela ouviu, desatou a correr, com a Julia Ann e comigo atrás, todos prontos a trazer alguma coisa para comer. Mas a desilusão foi grande quando o condutor nos disse que todos os peixes — cada sável, cada arenque — já tinham sido enviados pelo rio Hudson abaixo, para Nova Iorque. Que só tinha redes e uns ovos de peixe aqui e ali.

— "Olha, já serve," disse a mãe.

O pai não ficou nada satisfeito. Mas lá concordou que "ovos de sável sempre era melhor do que nada." Eu, na verdade, nem sabia a diferença — só queria comer. E como todos estávamos assim, acendeu-se logo o lume, e os tais ovos da Providência começaram a fritar na frigideira.

— "E o que é que temos para acompanhar?" — perguntou o sapateiro animado.

— "Nada," respondeu a mãe.

— "Nada?!" — repetiu ele. — "Nada?! Mas que raio de jantar é esse? Quem é que aguenta comer só ovos de peixe, hã?!"

A verdade é que naquela casa não se encontrava um único pedaço de pão — de espécie nenhuma — nem nada que se parecesse com um vegetal, a não ser uns nabos podres que jaziam lá em cima no sótão... ou melhor dizendo, na parte por acabar lá em cima, onde se chegava por umas escadas velhas e cambetas. Por isso, o "manjar marítimo" teve de ser servido sozinho naquela noite, sem qualquer outro acompanhamento. Felizmente, não

pertencíamos a nenhuma sociedade vegetariana. Pelo contrário, cada um de nós estava livre de devorar tantos ovos de sável como a fome mandasse. E foi o que fizemos. Assim, por algum tempo, acalmámos aquela dor de estômago que só a fome verdadeira sabe provocar.

Mas durou pouco. Veio uma sede terrível — daquelas que parecem que nos vão deixar doentes — uma sede que a água só aliviava por uns segundos.

— "Lá está!" — resmungou o pai, impaciente e já meio enjoado. — "Tal como eu pensava. O peixe nada duas vezes!"

Quando ouvimos aquilo, corremos para o pé da mãe para perguntar o que é que o pai queria dizer com os peixes nadarem duas vezes. Porque, além da sede, já sentíamos outras coisas estranhas na garganta — e começámos a temer que os ovos estivessem a eclodir cá dentro, e que peixinhos vivos andassem aos saltos dentro de nós! A mãe explicou que "peixe costuma dar sede" e que é normal dar vontade de beber depois de o comer.

Ficámos mais tranquilos na cabeça... mas o estômago contava outra história.

O pai ficou mesmo maldisposto e deitou tudo fora. Depois foi a vez da Julia Ann. E a Eliza, a tentar disfarçar a desilusão, enfiou a cabeça pela janela e... lá se foi o jantar. Para completar aquela noite negra, eu e a mãe também acabámos por gemer e vomitar até ao último ovo — como Jonas lançado à terra, só que à força.

Ah, que noite de pesadelo! Exaustos, depois de tanto lutar com a fome e, a seguir, com a rejeição daquela refeição "providencial", acabámos por encontrar algum alívio num sono profundo e sem sonhos. E na manhã seguinte, veio o alívio — pois antes mesmo de todos acordarmos e voltarmos a sentir a miséria à nossa volta, o pai, finalmente acordado da apatia em que andava, já tinha arranjado carne e farinha suficientes para nos dar um pequeno-almoço decente.

CAPÍTULO XI
LUZ E SOMBRA

"A vida não passa de uma sombra que anda; um pobre ator,
Que se pavoneia e agita por uma hora no palco,
E depois já não se ouve mais."

O álcool é um tirano amaldiçoado! A sua tirania é cruel. As vítimas dele espalham-se pelo mundo. Os seus gemidos enchem o ar. O cheiro da sua degradação infesta incontáveis casas com sementes de morte!

A nossa memória, geralmente fiável, não consegue recuperar a causa exata da nossa miséria extrema — mas, lembrando-nos dos hábitos por vezes desregrados do pai, concluímos que o Rum teve papel principal nesse teatro familiar. Mesmo assim, ao olharmos para trás, naquele corredor sombrio do tempo, conseguimos ver com gratidão o pai a trabalhar com afinco, com a sovela e o martelo, para manter a casa de pé. Por isso, não temos vontade nenhuma de lançar sobre ele culpas de negligência ou maldade — foi dele, afinal, que recebemos, segundo as leis da vida, parte da dádiva eterna que é existir.

O ponto mais baixo da nossa vida doméstica foi aquele do final do capítulo anterior. E como a roda da sorte está sempre a girar, a seguir subimos um degrau — voltámos a ter alguma coisa em casa.

A morte era, para nós, quase um mistério. Nunca tínhamos visto ninguém morrer — nem homem, nem bicho, nem ave. Mas com o regresso da carne à mesa, e outros sinais do dia a dia, começámos a perceber, ou pelo menos achávamos que sim, que os seres vivos também deixam de existir. Mas estávamos enganados quanto à profundidade desse entendimento, como logo se veria.

Para afugentar os ratos que organizavam "reuniões noturnas" em várias divisões da casa, arranjámos um gatinho que, com o tempo, cresceu e virou um belo gato. E como é da natureza, um belo dia brindou-nos com quase meio alqueire de pequenos gatos — ainda sem olhos, mas que nos fascinavam imenso. Dedicámo-nos a cuidar deles, enchendo pires com leite magro para a mãe gata, e preocupávamo-nos com o crescimento dos pequenitos todos os dias.

Ficámos a saber que demoravam nove dias a abrir os olhos — e que, então, começariam a interessar-se pelo mundo à sua volta. Esperávamos ansiosos por esse dia. Mas o pai dizia que era preciso matar todos — que já bastava ter bocas humanas para alimentar. No entanto, apesar de dizer essas

coisas duras, no fundo não tinha coragem de fazer mal aos bichinhos. Isso aumentava a nossa confiança na bondade do pai. A mãe, a Julia Ann e eu ríamos com isso.

Mas, como a sorte às vezes muda de um momento para o outro, apareceu lá em casa um homem velho, feio como tudo, de sobrancelhas penduradas e cabelo desgrenhado, boca larga e voz áspera como rosnar de bicho zangado. Ficámos espantados quando o pai o tratou por amigo de longa data. A certa altura, falaram dos gatinhos, e — para nosso choque — decidiram que iam matá-los logo.

O homem, sem dó nem piedade, agarrou nos pobres bichos — ceguinhos, inocentes, a miar — e, mesmo com os nossos gestos desesperados a tentar impedi-lo, saiu com eles na mão. Fomos atrás. Um a um, ele torceu-lhes o pescoço e atirou-os à corrente do rio. Ainda hoje lembramos bem o ódio que sentimos por aquele homem. Foi a primeira vez que tivemos medo real de outro ser humano. E desde então, aquele tipo de rosto nunca mais nos saiu da memória sem provocar um certo arrepio.

Pensamentos horríveis sobre a morte atormentaram-nos dias e noites seguidos. Mas a mão da mãe, doce como sempre, e a sua voz meiga, lá foram acalmando a alma — e preparando-nos para o que vinha a seguir.

Apesar de muitas vezes termos pedido para ir brincar a casa dos vizinhos Cookingham — a cerca de uma milha da nossa — nunca nos deixavam. Até que, num fim de tarde quente de primavera, a mãe disse que queria que fôssemos lá e ficássemos a dormir com os miúdos. Aquela mudança repentina foi um mistério, mas obedecemos com alegria. Lá fomos, por caminhos de terra e lama, até chegarmos à casa deles.

E que casa! Tapetes às riscas, cadeiras pintadas, castiçais de latão, cortinas nas janelas, colchas bonitas nas camas, pão de trigo e manteiga fresca... Parecia um museu. E não percebíamos por que raio a nossa casa não podia ser tão aconchegante e bonita.

Na manhã seguinte, depois de um bom pequeno-almoço de "papa com leite", trouxeram-nos de volta. Cruzámos o riacho por duas pequenas árvores deitadas, que faziam de ponte. Ao entrar em casa, notámos logo uma diferença — a cama da Eliza estava escondida por uma cortina de cobertores velhos. Depois, ouvimos um gemido por trás daquele abrigo improvisado. E, antes que disséssemos alguma coisa, a mãe disse:

— "Entra, Jackson — a Eliza ficou doente."

A ocupação do pai também tinha mudado. Estava ocupado a serrar uma tábua em vários pedaços, que depois pregou uns aos outros até formar uma pequena caixa. Quando lhe perguntámos o que estava a fazer, ele respondeu com autoridade:

— "Sai-me do caminho e não te metas no que não te diz respeito!"

Mas a nossa curiosidade já estava em alta, e recusámo-nos a sair dali. Continuámos a observar tudo. Quando terminou a caixa, forrou-a com papel pardo; e depois — adivinhem! — o pai foi atrás dos cobertores pendurados, trouxe um bebé muito, muito pequenino, imóvel e frio como a morte... e deitou-o dentro daquele caixote improvisado.

Mesmo com as ordens firmes para não mexer, aproximámo-nos para ver aquele ser humano em miniatura. Não sabemos bem o que sentimos — só uma mistura de espanto e silêncio total. Observámos cada movimento do pai. Cobriu o bebé com um pano, pressionou-o lá dentro e pregou uma tampa espessa, fechando-o para sempre ao mundo.

Com a pá numa mão e a caixa debaixo do braço, o pai saiu para a zona sul da horta — que, poeticamente, chamávamos de jardim — e parou debaixo de uma macieira. Começou a cavar um buraco fundo. Naquela ocasião, o pai foi o coveiro, o caixão e o cortejo fúnebre — e nós, sem perceber bem a solenidade do momento, éramos ao mesmo tempo o enterro e o único "chorão". A cova foi cavada, no formato de uma panela de ferro virada ao contrário. E ali, em silêncio, o pai pousou o caixão e voltou a tapar com terra. Sem dizer uma palavra, regressou à casa com passo apressado. E quando o seguimos, já o encontrámos de novo no seu habitual trabalho de sapateiro.

CAPÍTULO XII
EM QUE FAÇO MUITAS PERGUNTAS

"Não se admirem de mim, meus caros amigos;
Tenho uma estranha fraqueza, que nada é
Para quem me conhece bem."

Foi-me revelada uma nova e importante parte da vida humana — e, fiel à nossa tendência natural para procurar as causas de tudo, não conseguimos evitar ir atrás de respostas. Assim que voltámos do enterro, corremos para a mãe em busca de explicações.

— "Mãe, onde arranjaste aquele bebé?"

— "Ai não me chateies agora, que estou ocupadíssima." — E desapareceu atrás do cortinado improvisado, com uma tigela de comida para a Eliza.

— "Porque é que a Eliza ficou doente?" — perguntámos logo que a mãe reapareceu. — "Diz lá, mãe, diz — porque é que ficou tão doente?"

Mas havia outras urgências mais importantes do que satisfazer a nossa curiosidade. Embora lhe víssemos tristeza nos olhos, a mãe andava de um lado para o outro a fazer mil coisas com pressa. E nós, a tentar acompanhá-la, mal conseguíamos meter uma palavra pelo meio.

— "Oh mãe — vá lá... onde foste buscar o bebé?"

Depois de muito se esquivar, acabou por dizer:

— "Ora, foi o doutor que o trouxe."

— "O doutor?" — pensámos. — "Mas que doutor? Nunca vi nenhum doutor cá!" Mas depois lembrámo-nos de uma coisa:

— "Aquele homem que sabia tanta coisa — que disse aquelas palavras compridas no casamento da Eliza — era o doutor?"

— "Porque é que não lhe racham logo a cabeça?" — gritou uma voz vinda do leito escondido. — "Se eu te apanhasse, abanava-te bem até te calares! Ai se abanava!"

Mesmo sem ver quem era, não tivemos dúvidas de quem saiu aquele berro ameaçador. Aquela ameaça, vinda de quem estava de cama, pareceu-

nos tão desnecessária e exagerada, que ficámos irritados. E, lembrando a palavra que o Dave tinha usado no dia do fantasma, respondemos logo:

— "Pois, se calhar não estás assim tão doente como queres parecer!"

Mas ao contrário do que pensávamos, essa resposta deixou a mãe completamente transtornada. E o pai também. A sua mão agarrou logo o cinto — o de sempre — e tentou bater-nos... mas falhou. Um erro de pontaria pelo qual ainda hoje estamos gratos. Porque, naquela altura, sentíamos sinceramente que não merecíamos ser castigados. E se o pai, apesar do nosso sentimento de justiça, nos tivesse batido, talvez tivesse plantado em nós sementes de ódio e violência que, mais tarde, podiam ter crescido contra animais ou até contra outras pessoas.

Não. Por mais explosivas que fossem as ameaças do pai, e por mais bruscos que fossem os seus gestos, felizmente — como a memória ainda hoje confirma com alívio — ele nunca chegou a deixar em nós as marcas profundas de uma punição injusta. E isso evitou danos que poderiam ter durado uma vida inteira.

Para nós, a palavra "thundering" (trovejante), que tínhamos ouvido do Dave, não tinha nada de mau. Pelo contrário — parecia até um nome apropriado para coisas irritantes ou difíceis. Por isso, não compreendíamos aquela zanga toda do pai, e achámos que o seu julgamento ali tinha falhado. Naturalmente, como todas as crianças fazem, procurámos na mãe o carinho e a proteção que sabíamos encontrar.

— "Não assustes o rapaz assim," disse ela ao pai. — "Ele não sabia."

— "Pois, pois!" — rosnou o pai. — "Vais estragar o miúdo e depois ele ainda vai parar à forca. Não o mimes! Vais ver se não te arrependes!"

A mãe suspirou fundo, e continuou, em silêncio, as tarefas de casa. E o pai, ainda de mau humor, ia remendando um sapato — enquanto estragava, aos poucos, a paz da família. Havia ali uma discussão séria — e a culpa era toda nossa!

Mas, tal como o tempo traz flores à terra, também trouxe alguma paz ao triângulo familiar. E, uma vez a salvo de levar uma palmada, voltámos ao assunto que nos intrigava. Fomos ter com a mãe lá fora e perguntámos:

— "Ó mãe, diz-me agora... onde é que o doutor arranjou aquele bebé?"

— "Porque é que queres saber isso?"

— "Porque eu também queria um para brincar... mas não queria que fosse um bebé morto."

Ela sorriu com doçura e respondeu:

— "Tens de te portar bem e esperar. Quando o tio Bart cá vier, perguntas-lhe tu — vamos ver o que ele diz."

Aquilo bastou. Não voltámos a falar do assunto até que o velho holandês, dono da casa que ocupávamos, apareceu um dia para sachar o milho e espreitar as batatas a nascer. Era um homem muito simpático e bem-disposto. Como a mãe dizia sempre que devíamos tratar os adultos com respeito, chamávamos-lhe "tio Bart" com todo o gosto.

— "Então, meu rapazinho," disse ele, quando fomos com ele até ao fundo do terreno, "como vai a mulher doente?"

— "A Eliza já está melhor," respondemos, enquanto tentávamos descobrir uma forma de lhe perguntar sobre o assunto que a mãe nos tinha deixado pendente. Mas foi ele próprio quem nos ajudou com a pergunta seguinte.

— "Então... o que é aquilo ali debaixo da árvore?" — disse, apontando para o montinho de terra onde estava enterrado o bebé.

— "Ora, tio Bart — não sabe?" — respondemos nós. — "Foi ali que o pai enterrou o bebé morto que o doutor trouxe cá para casa!"

— "Então é mesmo verdade, meu rapazinho?" — perguntou o simpático holandês, enquanto continuava a arrancar ervas daninhas com a enxada. — "Bem... isso foi muito triste, de facto."

— "Foi sim," respondi, com ar pesaroso. — "Mas eu queria um bebé vivo só para brincar. Não me diz onde é que o doutor os arranja, tio Bart?"

— "Ah! Ah! Ah!" — riu-se o velhote com gosto. — "O quê? Tu queres um bebé vivo?"

— "Quero sim, tio Bart," disse eu, a corar. — "Queria um para mim também."

— "Então olha, porta-te bem e eu digo-te onde é que o doutor os arranja."

Prometi logo que ia portar-me muito bem. E ele continuou:

— "Primeiro, o doutor vai até uma árvore oca, dá umas pancadas, e depois encosta o ouvido ao tronco; se o bebé estiver lá dentro e acordado, ele ouve-o a chorar com fome. Então, corta a árvore, leva o bebé para casa... e depois vende a criaturinha à primeira mulher doente que o quiser."

Revelação maravilhosa! Fiquei espantado com a sabedoria superior do venerável holandês quanto à origem dos "pequenos bebés". E, contra o meu habitual comportamento, comecei a sentir por ele um respeito quase religioso. A simplicidade e sinceridade com que me explicou como arranjar um bebé vivo como brinquedo fez com que o considerasse, naquele momento, o meu melhor amigo. Ganhei coragem e decidi fazer-lhe mais perguntas sobre outros assuntos que me intrigavam. Uma das coisas que sempre me deixava curioso era a careca completa dele. E lá fui eu:

— "Diga lá, tio Bart... porque é que não tem cabelo nenhum?"

A cara do velho enrugou-se toda de tanto segurar o riso. Com as feições todas contorcidas de gozo contido, respondeu:

— "Nix kom ahraus, meu rapaz! Que pergunta engraçada! Pra que é que queres saber isso, hã? He! he! — então vá... ha! ha! — se fores bonzinho e não disseres nada a ninguém, conto-te como é que isso aconteceu."

Aquela introdução misteriosa só serviu para aumentar a minha ansiedade. Prometi logo, cheio de pressa, que ia guardar segredo. E ele, encostado ao cabo da enxada, ora rindo, ora tentando ficar sério, lá começou:

— "Ora bem, se tenho de te contar, então cá vai. A minha mulher andava a querer muito uma vaca malhada. Então lá fui eu e arranjei mesmo a que ela queria. O homem ficou com os meus trocos e eu levei a vaca. A minha mulher ficou toda contente — a criatura dava um balde de leite cheio todos os dias! Mas, um dia, já perto da hora do jantar, quando ela estava a fazer papa de leite, a minha cabeça começou a coçar — a coçar tanto que parecia coisa do diabo! E a minha mulher disse que as malditas bichas da vaca se tinham agarrado ao meu couro cabeludo. Bem, não havia pente que tirasse aquilo — nem um bocadinho! E eles ali a comer, a escavar, até que o cabelo desapareceu todo!"

Os sentimentos respeitosos que tinha por ele desapareceram num instante. Ao ouvir o fim daquela história nojenta, senti uma mistura de nojo e medo. E fugi a correr para casa — onde, mesmo tendo prometido segredo, contei tudo à minha mãe (como já tinha feito com as maçãs), entre lágrimas

assustadas e pedidos aflitos para que me protegesse daquilo. Supliquei-lhe que me salvasse da mesma tragédia.

Ela, como sempre, acalmou-me e garantiu-me que o tio Bart só tinha inventado aquilo para brincar. Mas, mesmo assim, durante anos, nunca consegui esquecer completamente o medo de ficar careca por causa de umas criaturas nojentas a escavar-me o couro cabeludo.

O pai e as irmãs fartaram-se de rir com a história. Para eles, aquilo era mais uma daquelas piadas que davam prestígio ao velho holandês. Mas eu, que sempre confiava nas palavras dos mais velhos, fiquei abalado. E por isso, deixo aqui o meu protesto pessoal contra essa mania que certas pessoas idosas têm de falar com crianças como se fôssemos tolos ou ignorantes, especialmente quando se trata de coisas sérias. Acreditamos que há muitas crianças, por aí, que já aprenderam a confiar mais nos seus próprios sentidos do que nas palavras dos adultos — tudo por causa dessas mentirinhas e histórias mal contadas que minam a confiança delicada das mentes pequenas.

CAPÍTULO XIII
EM QUE VOU À PROCURA DE UM BEBÉ

"Será que coisas destas acontecem,
E nos caem em cima como nuvens de verão,
Sem nos deixarem absolutamente pasmados?"

Sem dúvida que há grandes diferenças no poder de imaginação de pessoa para pessoa. Mas, se é para dizer a verdade, temos de admitir que, em criança, a beleza do mundo à nossa volta tinha muito pouco efeito sobre nós.

Só me lembro disto: depois de pensar bem comigo mesmo, decidi que ia sair num dia muito bonito, numa missão romântica — encontrar um bebé vivo. Antes de sair, enfiei os bolsos cheios de pedrinhas redondas, de vários tamanhos, para poder atirá-las e acordar os bebés adormecidos, tal como o tio Bart tinha explicado: escondidos dentro de árvores ocas.

Um espírito mais poético teria reparado nas maravilhas da natureza — a luz clara do sol no céu, a nitidez das paisagens, o ar fresco a inspirar-nos vida. As aves devem ter cantado nos ramos, os riachos murmuravam ao longe, e tudo à volta vibrava de beleza simples. Mas, verdade seja dita: eu não reparei em nada disso. Nenhum encanto do mundo natural me interessava. E por isso, sempre que lemos textos de autores que descrevem a infância cheia de sonhos e sensações profundas, ficamos com a impressão de que há muito exagero poético aí metido. A tal "Eden" da infância só é visível para os

adultos — só a maturidade consegue apreciar verdadeiramente o belo e o romântico.

A verdade simples e sem floreados é esta: o nosso plano era ir procurar bebés ao bosque que ficava do outro lado do riacho, a oeste da casa. O caminho mais curto era pela tal ponte improvisada, feita de dois troncos finos que ligavam as margens. Quando pusemos os pés ali, os troncos abanavam tanto por causa da corrente que quase caímos ao rio. Ficámos assustados, mas depois de deitar fora algumas das pedras que levávamos, lá conseguimos atravessar sem cair.

Uma vez no bosque, cheios de esperança, começámos a exploração. Enquanto andávamos por entre arbustos e lamaçais, pensávamos: "E se acordar mais do que um bebé? O que é que faço? Ia ficar triste de os deixar a chorar na floresta... mas ainda mais doente se tivesse de ver aquele homem horrível a torcer-lhes o pescoço como fez aos gatinhos!"

Com a firme decisão de andar com cuidado e bater nas árvores o mais suavemente possível, lá me aproximei de um grande carvalho, alto e imponente — parecia suficientemente velho e oco para esconder um bebé. E foi ali mesmo que comecei o "processo de despertar". Bati e ouvi. Ouvi e tornei a bater. Primeiro sussurrei... depois gritei. Mas não ouvi choro nenhum — aquele chorinho que estava ansioso por escutar como recompensa. Tentei noutras árvores. Depois em troncos caídos, espalhados pelo bosque. Mas nada. Só os meus próprios soluços de desilusão e queixas de cansaço é que quebravam o silêncio.

Desanimado, comecei a voltar para casa. Dizem que a infância é a fase mais feliz da vida, porque está livre de preocupações, responsabilidades e desilusões. Mas, pela minha experiência, nunca vi nenhum homem de negócios, falido e arruinado, sentir-se tão humilhado como eu me senti naquela aventura falhada. Imaginem-me, leitores, a regressar ao lar da infância... de mãos vazias, sem bebé, e sem qualquer recompensa emocional.

Claro que estava pensativo. "Pronto," disse para mim, "aquele velho chato do tio Bart enganou-me outra vez. Não acredito mais em nada do que ele diz!" A minha confiança pura e ingénua na sabedoria dos cabelos brancos começou a desvanecer-se. Aquele conhecimento dos velhos, por muito que viesse com careca e enxada na mão, já me parecia mais próximo da tolice.

Com esses pensamentos na cabeça, lá fui andando até à beira do rio. O riacho estava mais cheio e corria com mais força do que de manhã — a chuva do dia anterior tinha engrossado os regatos lá em cima, e agora a água parecia impaciente. A travessia pela ponte de troncos finos já era difícil

normalmente, e agora estava fora do meu alcance. Então baixei-me — de gatas — como fazem os bebés antes de aprender a andar. E, com todo o cuidado, fui avançando devagarinho. Mas o barulho da água a bater nas margens e os saltos dos troncos elásticos por baixo de mim foram demais para a minha força.

— "Mãe! Mãe!" — gritei. Mas ela estava demasiado longe para me ouvir. — "Socorro! Ajuda! Não consigo mexer-me!" — gritei, agarrado com toda a força. Ninguém veio.

Uma tontura horrível apoderou-se de mim. Tudo rodava. De repente, os troncos pareceram fugir-me debaixo do corpo, e fui projetado com força para dentro da corrente furiosa! No desespero, agarrei-me aos paus — agora por cima de mim — e a água arrastou-me a cabeça para baixo, deixando os pés no ar! Tentei gritar, mas a água invadiu-me a boca e sufocou-me a respiração. Embora o sol estivesse alto no céu, lembro-me perfeitamente da escuridão que se abateu sobre mim. E lembro-me também de, já sem medo, ver as estrelas a piscar no céu curvado... e pensar em dormir. Aqueles pontinhos brilhantes tranquilizaram-me, como o olhar da mãe. E adormeci.

Pais, tutores, professores!
Venham, e pensemos juntos. Faço-vos esta pergunta:
Será que se deve ensinar as crianças a não confiar nem respeitar os mais velhos?

Pode parecer que sabem tudo sobre como contornar perguntas difíceis. Conseguem inventar desculpas, enfeitar mentiras com jeitinho, dizer que são "demasiado delicados" para contar a verdade — mas não demasiado delicados para inventar mentiras fofinhas, ajustadas à "capacidade limitada" dos miúdos. Tratem-nos como se fossem tolinhos sem memória... e um dia, a memória deles vai levantar-se e acusar-vos de engano. Aquela "delicadeza" fingida, esse "recato" mal disfarçado, essa fuga ao mais simples e belo dos mistérios — o da origem da vida — tudo isso revela que a vossa sensibilidade é falsa, que a vossa sinceridade vem com aditivos, e que não estão preparados para educar uma criança com verdade.

Mas também há pais bons, que querem ser verdadeiros... mas não sabem como responder. Perguntam: "Então o que é que havemos de dizer?"

A resposta está no que acabaram de ler. Imaginem que, em vez de dizer "foi o doutor que trouxe o bebé", a mãe tivesse dito simplesmente:

"O doutor sabe mais do que eu sobre isso. Quando o vires, talvez ele te explique. E se não explicar, é porque ainda és pequeno demais para entender."

Com uma resposta destas, a criança ficava tranquila. E no dia em que descobrisse a verdade, ao lembrar-se do que a mãe disse, só podia admirá-la pela sua honestidade e respeitá-la ainda mais.

O mesmo com o tio Bart. Em vez de encher a cabeça do miúdo com histórias ridículas, podia ter dito:

"Olha, meu rapazinho, há muitas coisas que os meninos não conseguem fazer com as mãos — tu sabes bem — e há também muitas coisas que não conseguem entender com a cabeça. Agora, porta-te bem; e quando fores maior e trabalhares como os adultos, aí sim, vais saber como é que o doutor trouxe o bebé cá a casa."

Parece-nos que qualquer pessoa com bom senso percebe o valor moral de uma resposta destas. E o protagonista desta história podia ter sido salvo — não só da corrente do rio, mas também das ideias erradas sobre os mais velhos, que lhe ficaram por muito tempo.

CAPÍTULO XIV
A CORTINA VOLTA A SUBIR

"O amanhã, e o amanhã, e o amanhã,
Arrasta-se num ritmo lento, dia após dia,
Até à última sílaba do tempo escrito."

Após várias semanas de experiências banais e comuns, lá veio — em 1832 — mais uma mudança: a família do sapateiro abandonava a sua casa para ir viver para outra, agora em *Hyde Park*, no condado de Dutchess, estado de Nova Iorque. O pai, como sempre, seguia esperançoso e animado... sob o feitiço sombrio do bruxo maldito chamado álcool.

Como sempre nestas ocasiões, o rosto da mãe estava carregado de tristeza. Os seus olhos grandes tinham um ar distante — como se vissem, ao longe, outro mundo... mais justo, mais belo, mais puro. O suspiro com que disse que, às vezes, os seus pensamentos voltavam ao passado, partiu-nos o coração. Era claro (para quem soubesse ver) que ela se sentia uma estrangeira numa terra estranha — como uma pomba que, saindo da Arca da Vida, não encontra onde pousar.

Se os seus pensamentos pudessem ser transformados em imagens, talvez lembrassem um poema como "A Aldeia Abandonada":

"As tuas casas caíram em ruína,
E a erva alta cobre os muros gastos;
E os teus filhos, com medo,
Partem para longe desta terra…"

Era assim que pareciam, vistas de fora, as muitas casas que a mãe fora forçada a abandonar por causa das decisões inquietas do marido. E o pai, para se justificar, dizia sempre:

— "Quem não arrisca, não petisca. Para quê ficar aqui, a moer o nariz na pedra? Ou ganho tudo ou perco tudo — é assim que eu sou!"

E com essa atitude, tratava os sentimentos mais profundos da mulher como se fossem birras de criança, indignas de atenção.

Foi certo o que ele fez? Foi errado o que ela sentiu? Onde termina o elogio? Onde começa a culpa? Quem pode julgá-los com certeza? Quem responde? Por cima das montanhas da existência rudimentar, parece-nos ouvir o eco a devolver: "Quem?"

Enquanto a carroça carregada rolava pela estrada em direção à nova casa, a mulher desanimada foi interpelada por um pequeno curioso:

— "Mãe, diz-me outra vez... como é que eu comecei a respirar?"

— "Ora, filho, foi assim ordenado. Não estavas destinado a deixar-nos nessa altura."

— "Quem é que ordenou, mãe?"

— "Foi a Providência, Jackson. Tinha de ser assim. Não podia ser de outra maneira. Não ias morrer tão novinho. Foi por isso, meu amor."

— "Diz lá, mãe... a Providência não é uma coisa parecida com o Pai Natal de que falaste?"

Ao ouvir isto, a mãe, simples e reverente, estremeceu, como se tivesse levado um susto, mas respondeu:

— "Oh, não fales assim da Providência, Jackson! A Providência é o Criador de tudo — a fonte de todas as bênçãos. Não é bom falar assim d'Ele."

— "Está bem, não volto a dizer," respondi, a corar, sentindo que talvez a tivesse magoado sem querer. — "Mas gostava que me contasses, mãe, como é que eu fui feito para viver outra vez."

Com a sua forma simples e sincera de falar, ela começou:

— "Olha, foi mais ou menos assim: a Eliza e o Henry (o marido dela) estavam ali junto ao poço a conversar, quando de repente ela olha para o ribeiro, lá em baixo, e vê uma coisa estranha a mexer-se junto aos troncos. E diz logo ao Henry: 'Vai lá ver o que é.' Ele desceu o morro e, quando chegou mais perto, grita: 'Valha-me Deus, são os pés do Jackson!' Depois a Eliza bateu à janela e gritou para mim e para o pai: 'Depressa! O nosso menino afogou-se no ribeiro!' E nós os dois saímos a correr, sem parar para nada, e o Henry já vinha contigo nos braços, molhado até aos ossos. Estavas encharcado, como um rato apanhado na água. O pai disse: 'Acho que ele ainda não morreu.' E lembrámo-nos que já tínhamos ouvido dizer que rebolar uma pessoa ajudava a trazer à vida quem se afogava. Então começámos a rebolar-te no chão, de um lado para o outro, mas não mostravas sinal nenhum de vida. Mas eu sabia — eu sabia que a Providência não te ia levar assim tão novo."

— "O Henry foi buscar um barril velho, e o pai virou-te de barriga para baixo, e começou a sacudir-te. Ai, que alegria, quando vimos a água a sair-te

pela boca! Estavas muito mal, e deitaste fora quase um balde de água; depois soltaste um gemido... e eu soube logo que ias ficar bem. Enrolámos-te em flanela quente, cobrímos-te com mantas grossas, e à noite já te conseguias sentar e falar — lembras-te, Jackson?"

— "Lembro sim, mãe," respondi. — "Mas porque é que a Providência não me impediu de cair no ribeiro?"

— "Porque," respondeu ela, "não é assim que Ele trabalha. Ele deixa as pessoas fazerem como quiserem, até se meterem em sarilhos; e se gostar delas, ajuda-as a sair; mas se não gostar, deixa que se safem como puderem."

Foi neste momento que o sapateiro embriagado veio a correr desde a frente da carroça — com os olhos a dançar e as pernas trémulas a tentar imitar passos de dança — para anunciar que aquela casa, cuja chaminé já se via ao longe, era o nosso novo lar. A viagem até lá foi curta. E sem perder tempo com os detalhes do caos habitual de mudanças, registo aqui só o facto agradável: antes que a noite vestisse o campo gelado com a sua roupa escura, já estávamos mais ou menos instalados e a sentir-nos em casa.

Ficámos mesmo contentes com a troca. Em vez de um pardieiro a cair aos bocados, agora tínhamos um chalé confortável, rodeado de macieiras, pessegueiros e ameixeiras, a dois passos da estrada. Que alegria! Eu e a Julia Ann expressámos o nosso entusiasmo com mil brincadeiras. E lembro-me de, já deitado no nosso habitual "trundle-bed", exclamar:

— "Ó mãe, o pai não é mesmo bom? Tirou-nos de um lugar mau — igualzinho à Providência que me contaste."

CAPÍTULO XV
ONDE A ARCA MOSTRA SINAIS DE "SEGUNDA VISTA"

"Tenho receio, e cedo demais; pois algo me diz
Que há uma consequência, ainda pendente nas estrelas."

O nosso senhorio, Hiram Marshall, era trabalhador, respeitável e — acima de tudo — o nosso melhor amigo. Deu trabalho suficiente ao pai nos campos para que este pagasse a renda, comprasse uma vaquinha e melhorasse a nossa vida doméstica.

Numa tarde quente de verão, o senhor Marshall passou lá por casa para beber um copo de água fresca. E enquanto bebia, comentou com a mãe que tinha passado duas horas à procura de uma corrente de bois... e não a encontrava. Ao ouvi-lo, vimos uma expressão estranha atravessar o rosto calmo da mãe — parecia estar noutro mundo, como se não tivesse ouvido nada do que ele disse. Mas, passados uns segundos, recuperou o foco e respondeu:

— "Eu acho que não está perdida, Sr. Marshall."

— "Acha que não está perdida? A corrente?" — perguntou ele, a sorrir com ar desconfiado.

— "Sim, é isso que quero dizer. Está mesmo onde a deixou."

— "Está enganada, minha senhora," disse ele, ainda com um sorriso. — "A última vez que a usei foi lá em cima, no campo onde andei a transportar pedras. Já procurei em todo o lado — não está lá."

— "Está sim," insistiu ela, com toda a calma. — "Vai encontrá-la mesmo junto ao cepo grande, no canto norte do terreno — veja se não tenho razão."

Movido pela confiança simples e direta da mãe, lá foi ele ao local que ela indicou. Quando voltou, confirmou que a corrente estava mesmo onde ela tinha dito. E, meio a rir, disse que não conseguia entender como aquilo era possível, a não ser que a mãe fosse bruxa!

Hoje, com a maturidade que só os anos trazem, consigo olhar para trás e tentar imaginar que, talvez, a beleza da natureza e o lado poético da infância tenham deixado alguma marca na memória. E embora seja verdade que algumas crianças, como Lucretia ou Margaret Davidson, nascem com um sentido estético muito apurado, eu, honestamente, não fui uma delas. Não havia nada de romântico, nem encantador, nem espiritual, nos meus primeiros anos de vida.

Na verdade, eu valorizava as árvores no verão porque davam sombra e fruta; no inverno, porque davam lenha (depois de serem cortadas com muito esforço). As pedras serviam para fazer muros; a erva, para as vacas comerem; a água, para todos beberem; o sol, para aquecer; a chuva, para fazer crescer as plantas; a neve, para descermos o monte em trenó; o gelo, para escorregarmos; os trovões e relâmpagos assustavam-me porque pensava que alguma coisa tinha rebentado nas nuvens e podia cair na cabeça de alguém.

E assim era — toda a realidade da infância girava em torno das coisas que satisfaziam os sentidos e as necessidades básicas do corpo. Até as pessoas — os pais, as irmãs — valiam pelo que nos davam ou protegiam.

Mas agora, olhando para o passado com olhos mais treinados para detetar o delicado e o sobrenatural nas coisas mais simples, percebo que havia uma grande riqueza até no mais humilde fio de erva debaixo da nossa janela; que havia música no bater da chuva no telhado da casa; que nos campos ao longe se escondiam quadros belíssimos; que havia anjos tanto nas nuvens e na escuridão como no sol; poesia nas mil cores do verão e do inverno; e que até na sombra mais sombria se escondia algo de divino. Mas, infelizmente, sem saber da existência dessas riquezas — que eram tão nossas como de qualquer outra família — sentíamo-nos frequentemente embaraçados, desanimados e esmagados.

Os nossos opressores tinham nome: Ignorância, Bebedeira, Pobreza, Discórdia. Esses demónios raramente vinham todos de uma vez — preferiam atacar por turnos, como se fossem guardas de uma prisão invisível no caminho do pobre.

Um dia, a minha mãe tinha novamente aquele ar distante, que eu já começava a temer como sinal certo de que algo de mau se aproximava. Enquanto andava nas lides da casa, parecia estar a ver cenas longínquas, a viver noutro tempo. Olhava com os olhos muito abertos, fixando a parede — ou olhando através dela — como se visse um vazio nalgum ponto longínquo e desconhecido. E eu, sem saber que estava a ser atrevido ou desrespeitador, tentava trazê-la de volta à realidade: puxava-lhe pela saia, abanava-lhe a mão à frente dos olhos... mas nada disto parecia surtir efeito. Quando finalmente despertava daquele estado, apenas dizia, com voz doce mas firme:

— “Não faças isso, meu filho. Não sabes que isso não se faz?”

Naquela altura do ano, quase todos os rapazes da minha idade andavam lá fora a empinar papagaios ou a brincar. Outubro é um mês glorioso para isso. Mas a minha infância foi sempre a exceção. Em vez de ir ao bosque

apanhar nozes ou uvas, ou trepar árvores por causa das frutas, eu preferia ficar com a minha mãe. O meu pai gozava comigo e dizia que eu "andava agarrado às saias da mãe". Ela não estava sozinha — vivíamos todos juntos, menos a Eliza, que já era casada. Mas havia nela qualquer coisa de separado, como se tivesse uma vida paralela, uma solidão interior. Não parecia haver ninguém que a compreendesse, nem alma que acompanhasse a sua caminhada incompreendida. E talvez por causa disso — e também pela minha natural necessidade de proteção — eu a tivesse escolhido como a minha companheira, a minha confidente.

Depois de mais um dia desses em que ela andou estranha, com aquele olhar perdido, perguntei-lhe diretamente:

— "Ó mãe... porque é que andas sempre tão esquisita?"

A pergunta apanhou-a de surpresa, porque respondeu logo:

— "Oh, isso não diz respeito a ninguém, só a mim."

Essa resposta, além de repetida, não me satisfazia. Então mudei de tática:

— "Mas nós estamos melhores agora, não estamos? Esta casa é melhor do que a do tio Bart, não é? E o pai anda mais calmo, não anda? Vai todos os dias trabalhar no campo, e quase já temos a vaquinha paga. Diz lá, mãe, o que é que se passa?"

À minha tentativa infantil de relembrar as melhorias da nossa vida, ela respondeu apenas, com ar de desalento:

— "Oh, não vale a pena falar. Vêm aí mais desgostos. É o destino dos homens. Está escrito que tem de ser assim."

— "Que desgosto, mãe? O que é que vai acontecer agora?"

— "Só a Providência sabe," disse ela, com voz carregada, "mas eu já vi os sinais."

— "Que sinais? O que é que viste? Conta-me, mãe. Eu não digo nada ao pai... nem a ninguém."

— "Tenho-me sentido como me senti quando me perdi na floresta do John Myers," disse ela. "Vi a lua nova por cima do ombro esquerdo esta semana; e ontem à noite, ao lavar a loiça, deixei cair um garfo no chão com os dentes virados para baixo; e ainda sonhei que estava a atravessar água

lamacenta e a pentear o cabelo com um pente grosso — e o cabelo vinha todo às mãos! E, além disso, já vi sombras escuras na estrada quatro ou cinco vezes nos últimos dias... por isso eu sei, como sempre sei, que aí vem sarilho para esta pobre família."

Ouvi tudo com uma mistura de espanto e inquietação. Não sabia o que dizer. E, para ser sincero, ao escrever esta memória, sinto que talvez esteja a descrever as nossas falas de forma mais direta e clara do que foram na realidade. Hoje, com o que sei de língua e gramática, olho para o nosso jeito de falar — repetitivo, rústico, cheio de erros — com uma mistura de surpresa e ternura.

Cresci assim, ou melhor, fui "empurrado para cima". E nem tinha palavras para exprimir o pouco que conseguia sentir como simpatia pelos dilemas interiores da minha mãe. Mas comecei a sentir uma vontade forte de confiar na proteção daquele Grande Homem Bom do céu. E nessa noite, com todo o fervor, repeti várias vezes esta oração:

— "Ó Providência boa, não deixes que aconteça nada mau cá em casa, está bem?"

CAPÍTULO XVI
A MINHA TENTAÇÃO PARA DIZER ASNEIRAS

"Um espírito que não era o meu puxou-me por dentro;
E disse palavras que temo e odeio."

Com as colheitas e o milho já apanhados, o pai, como de costume, foi à procura de trabalho como sapateiro — para ganhar o sustento de outono e inverno. E conseguiu. Voltou a sentar-se no trono de São Crispim, cheio de autoridade e satisfação.

Num belo dia de outono, enquanto se preparava para ir entregar o calçado pronto à loja de atacado e retalho, numa aldeia do outro lado das colinas, chamou-me com um ar animado:

— "Olha, Jackson — se passares o dia a trazer lenha do mato para acendermos o lume, eu trago-te um *jewsharp*."

Ora, esse instrumento musical — chamado por nós de "harpa de boca" — era, para mim, a maior e mais espantosa invenção alguma vez criada para fazer música. Na minha imaginação, aquilo era mágico. O que mais me fascinava era poder tocar com a boca — tal como se saboreia uma cereja ou

uma maçã. Era música... com sabor! Por isso aceitei logo, contente. Só parei para avisar a mãe da promessa e da condição, e lá fui eu para o trabalho do dia.

Se o leitor já alguma vez recolheu lenha num bosque — principalmente sendo criança, pequeno e fraco, tentando puxar galhos presos em silvas e arbustos — então entenderá quando digo que é uma tarefa das mais ingratas. Dá muito trabalho e mostra-se pouco. Andei a puxar ramos durante horas. À medida que a tarde caía, eu estava exausto, com fome, nervoso — só queria um pedaço de pão com manteiga.

Mas no fim do dia, com grande esforço, consegui juntar o que considerei um enorme monte de lenha e galhos junto à cancela da horta. Coloquei-o ali de propósito, para que o pai, ao chegar, visse logo à primeira vista que eu tinha merecido bem a prometida harpa. Já tinha até convencido a mãe, pedindo-lhe para vir ver com os próprios olhos a minha vitória.

Assim satisfeito, fui encostar-me ao batente da porta, do lado de fora, à espera de ver ao longe o regresso do meu pai — que já não devia tardar. E eis que, por entre as sombras crescentes do entardecer, vi com alegria o homem bem conhecido a aproximar-se, cambaleante e carregado com um grande embrulho de couro para fabricar botas e sapatos nas próximas duas semanas. Já sem conseguir conter-me, corri ao seu encontro, ansioso por receber, o quanto antes, a minha recompensa musical.

Ele mandou-me esperar até chegarmos a casa. Quando passou pelo portão da horta e viu o monte de lenha, senti os ouvidos latejar de entusiasmo ao ouvir:

— "Eh pá, tu portaste-te mesmo ####!"

Mas... quem poderá descrever o que senti quando ele declarou, com ar descuidado, que se tinha completamente esquecido de trazer o *jewsharp*?

Foi um golpe terrível. Um grande proprietário que recebesse a notícia de que perdera tudo num terramoto não podia sentir-se pior. A minha ruína súbita, para um miúdo da minha idade, era tão difícil de suportar como a falência para um adulto. Fiquei triste e furioso. Estava sinceramente revoltado com o pai por se ter esquecido. Meio engasgado com a mistura de raiva e deceção, decidi ir até junto da pilha de lenha... e praguejar. Sim, era a única maneira que encontrava de me aliviar — e de fazer justiça ao que sentia.

Pus logo a decisão em prática. Fui até lá, sozinho, e, concentrando toda a raiva e todos os palavrões que conhecia, deixei escapar, consciente e de propósito:

— "P'rásser dod darn até à dod darnation se isto não é mesmo demasiado thunderin' dam mau, carago!"

A essa altura, a noite já tinha caído, e eu estava ali, sozinho, envolvido na escuridão. As estrelas brilhavam serenas. Nem uma brisa mexia nas folhas da horta. Nada se ouvia vindo do pomar. Nem um suspiro dos bosques de onde eu tinha trazido toda aquela lenha. Tudo à volta estava quieto — demasiado quieto — naquele exato momento em que eu quebrei o silêncio com a minha tremenda blasfémia.

Escuta!... O que foi aquilo?

Logo depois de ter soltado os impropérios, ouvi algo que me penetrou até aos ossos: uma voz que exclamava, carregada de tristeza e censura:

— "Ó Jackson!"

Era a voz da minha mãe — ou assim me pareceu. E, de repente, todo o meu corpo estremeceu de medo. A escuridão tornou-se densa, sufocante. O ar pareceu tremer à minha volta, como se um deus zangado tivesse descido. Uma corrente de vento invisível pareceu rodar à volta da minha cabeça e — juro que senti — chegou a levantar e pousar o meu boné várias vezes.

— "Ó Jackson!" — Só ouvi uma vez. Mas foi o suficiente para me encher de um horror inexplicável. Aquela voz trazia consigo espanto, repreensão, tristeza... e pena.

— "Bah! Qual é o medo da mãe?" — pensei alto. — "Ela nem se pode chatear assim tanto."

Esse pensamento deu-me alguma coragem. Ainda agitado, entrei em casa e disse, de cara fechada:

— "Também não me importo se me ouviste praguejar. Aquilo foi mesmo mau, caramba!"

Felizmente, só a mãe ouviu esta minha confissão espontânea. O pai, depois de ter caminhado tanto e bebido ainda mais, já quase dormia junto ao lume. A Julia Ann, sempre atenciosa, andava ocupada com o jantar. Mas a mãe olhava-me com ar tão triste, tão magoado, que me enchi de arrependimento.

Depois do jantar, e já perto da hora de deitar, ela chamou-me:

— "Agora, Jackson, tu e eu temos de conversar. O que eu quero saber é: estás a tornar-te um mau rapaz? Vais ser mais uma desilusão na minha vida? Vais ser como os filhos dos outros — maus e ingratos — e dar tristeza à tua pobre mãe para o resto da vida?"

Estas palavras caíram sobre mim como um peso insuportável. Comecei logo a chorar, e tentei justificar-me:

— "Mas não achas que foi mesmo injusto? Não foi o pai que teve a culpa por não me trazer o jewsharp?"

— "Não vale a pena falares assim," respondeu ela com irritação. "Toda a gente erra, de vez em quando. E se tu vais ser mau só porque os outros também são, então nem vale a pena viver. Diz-me lá o que disseste lá fora."

Entre soluços e arrependimentos, repeti, palavra por palavra, aquela frase feia — e perguntei:

— "Tu não me ouviste?"

— "Ai, misericórdia!" — exclamou ela. — "Não, não ouvi. E ainda bem! A Providência sabia que eu não tinha força para ouvir o meu filho dizer tais palavras."

Aquilo deixou-me confuso.

— "Então... quem me chamou? Quem gritou 'Ó Jackson'? Eu pensei que fosses tu. Estava tão escuro que nem via bem. Deve ter sido a Julia Ann."

— "Não fui eu," disse logo a irmã, que nos escutava com atenção. — "É a primeira vez que ouço falar disso — e espero que seja a última."

— "Agora percebo por que vi aquelas sombras na estrada," suspirou a mãe. — "Estava escrito. A voz que ouviste faz-me lembrar a Bíblia, quando fala de Caim, que andava a fazer uma asneira atrás da outra, até que matou o irmão. Depois ouviu uma voz a clamar do chão: 'Onde está o teu irmão Abel?'... Ai, ai... só espero que não venha mais desgraça. A Providência tem-te chamado para seres bom... e tu não ouves nada!"

Talvez o leitor — lembrando-se de uma mãe que usa só o carinho como castigo — possa imaginar o quanto esta conversa me partiu o coração. Mas ainda havia mais.

Depois de dizer isto, a mãe levantou-se e foi buscar um livro antigo — com uma capa de couro já gasta, sem imagens — que o pai costumava ler ao domingo. Colocou o livro no colo, abriu-o e começou a folheá-lo à procura de algo que queria ler. Aquilo até me despertou o interesse, porque era raro vê-la ler.

— "Este livro é a Bíblia, Jackson," disse ela. "O livro da boa Providência. Aqui dentro há passagens que dizem o que acontece aos maus. E eu quero que tu ouças isso."

Tentou ler os versículos, mas como não sabia ler bem, tropeçava nas palavras. Acabou por fechar o livro, com cuidado, e, confiando na memória, disse:

— "A Providência é boa para os bons. Mas também cumpre o que prometeu aos maus. Ele diz que os bons vão ser felizes com Ele para sempre. Mas os que mentem, roubam e praguejam vão ser atirados para um grande lago de enxofre a ferver, onde só há choro, gemidos, espuma na boca, ranger de dentes, sede que nunca passa, orações sem fim para morrer... e nada de descanso, nem sono, nem água, nem amigos... nem nada!"

Dominados pelos horrores acumulados daquela revelação que nos enjoava a alma, já não conseguíamos ouvir mais nada. "Deixem-me ir para a cama!", supliquei. "Prometo que nunca mais volto a praguejar." Concederam-me o pedido. Mas mal me enfiei debaixo dos cobertores, a mãe começou a insistir, com jeitinho, para que eu repetisse com ela a famosa oração infantil que começa com:

"Agora deito-me para dormir…"

A terceira linha — "Se eu morrer antes de acordar" — trouxe de volta todo o meu medo original da morte. Nada parecia mais arriscado do que dormir. Fiquei ali calado, acordado, a imaginar que a minha respiração ficava cada vez mais curta e difícil. Deixei de ter dúvidas — tinha a certeza de que estava a morrer! Com muito esforço, gritei por ajuda imediata. Mas tive o azar de acordar subitamente o meu pai, que dormia profundamente de cansaço, e que resmungou com impaciência: "Porque é que não deste enxofre com melaço a esse rapaz, para purificar o sangue? Nunca se vai livrar desses malditos bichos se não fizeres isso!"

Este diagnóstico absurdo e repulsivo do meu problema psicológico teve o efeito de anular e dissipar a "hipocondria" da minha imaginação — um resultado que foi tão benéfico que comecei a respirar normalmente outra vez, e todos os sintomas indicavam que ia recuperar rapidamente. Claro que

o meu pai não fazia ideia de que eu tinha acabado de engolir uma quantidade imensa de "enxofre a ferver", na esperança de purgar o espírito de ideias blasfemas. Mas o sono acabou por me embalar com ternura e, antes que o sol da manhã seguinte brilhasse sobre mim, já era vítima de febre e calafrios.

Foi, de facto, uma lição memorável naquela noite terrível! Tão profunda e marcante que, desde então até hoje, nunca mais me lembro de ter dito uma palavra blasfema. E, lá no fundo da alma, gostava mesmo que todas as mentes jovens pudessem sentir, de forma igualmente forte e saudável, o quão inútil é a raiva e o quão vulgar é a linguagem que a exprime.

CAPÍTULO XVII
O SONHO DA MINHA MÃE

Tal como a Deusa da música pega na sua lira,
Toca os acordes prateados de som doce,
E põe as melodias do verão em palavras;
Assim, vinda da Terra dos Espíritos, surge um Anjo
E, quando o sono profundo nos envolve por completo,
Acorda em nós o que há de mais elevado na alma,
Levando-nos à mais serena contemplação.

Uma forte dor de cabeça, com calafrios e sede, fez-me acordar mais cedo do que o habitual na manhã a seguir aos acontecimentos que relatei no capítulo anterior. Ao olhar à volta, vi a minha mãe, ainda preocupada, sentada debaixo da lareira, a tirar consolo do cachimbo.

Enquanto o fumo do tabaco ia saindo devagar com o sopro dela — misturado com o cheiro dos restos da escova que ardiam na lareira — pensei para comigo: "Ah, como eu gostava de fumar um cachimbo! Por que não? Os adultos fumam — os grandes, que sabem o que é bom — então porque é que eu não posso?"

Enquanto me fazia estas perguntas e sonhava com as vantagens de fazer o que os mais velhos fazem, perguntei:

"Ó mãe, não me dás um dos teus cachimbos velhos? Quero fumar como tu. O pai masca tabaco, mas eu não gosto do sabor. Só quero fumar, como tu fazes."

"Valha-nos Deus!" — exclamou ela — "O que é que vais querer a seguir?"

"Não sei", respondi. "Só sei que quero ser bom, mãe, e quero seguir o teu exemplo, fazer tudo como tu fazes. Assim sei que vou ser aquilo que sempre queres de mim."

Ao ouvir isto, o rosto dela mostrou tristeza. Mas, batendo as cinzas do cachimbo e enchendo-o até cima com aquele tabaco que acalma e vicia, respondeu-me com voz meiga e tranquila:

"Não penses, meu querido, que eu sou boa. Eu tento ser, sempre, e quero que tu sejas melhor do que eu. Por isso, não deves fumar, nunca."

"Ai, mãe, a minha cabeça dói tanto que já não sei o que fazer. Acho que fumar ia fazer-me sentir melhor. Se não é bom fumar, porque é que tu fumas?"

"Olha, meu filho, não te contei já? Dois anos antes de tu nasceres, quando vivíamos no Jarsey, eu tive uma retenção de líquidos horrível. Nenhum médico me ajudava; estive mesmo à beira da morte. Até que apareceu uma velha. Disse-me ela: 'Eu sei o que te vai curar.' E eu perguntei: 'O quê?' Ela respondeu: 'Tens de deitar fora essa água do estômago a fumar tabaco.' Fiz o que ela mandou e fiquei boa. Mas desde então, não consigo deixar o cachimbo; se tento, fico mal disposta e não consigo fazer nada em casa — e tu sabes que eu tenho de estar sempre a fazer alguma coisa."

Esta história simples e sincera de como a minha mãe começou a fumar tirou-me por completo a vontade de seguir o exemplo dela. Na verdade, eu era tão fácil de convencer nessa altura que nem o cachimbo nem nada parecido (a não ser uma vez, um pedaço de vime aceso) alguma vez me chegou aos lábios. E estou muito grato por isso.

Durante duas semanas, de dois em dois dias, tinha calafrios e febre; mas, graças a um remédio qualquer que já não recordo, os sintomas desapareceram e comecei a melhorar. Para me animar e fortalecer, a mãe sugeriu que a acompanhasse à vila numa ida às compras.

Estas caminhadas a pé, mais do que muitos outros hábitos das classes mais humildes, mostram bem a ignorância do campesinato norte-americano. É verdade que, no comércio de produtos da terra por artigos domésticos, tecidos, mercearias, etc., havia alguma esperteza. Mas nas famílias como a nossa, via-se sempre uma falta lamentável daquele saber que faz da economia algo fácil e compatível com a felicidade.

Por exemplo: a minha mãe, seguindo os hábitos dela e as ordens do pai, guardava dúzias de ovos e fazia manteiga com o leite da nossa vaca malhada para trocar por coisas inúteis, prejudiciais e caras como chá verde, café

queimado, tabaco em pedaço e tabaco moído para fumar! Enquanto isso, noutras coisas — arroz, açúcar, melaço, chita, jornais, livros, quadros, etc. — vivíamos no limite da miséria.

Ao regressarmos do comércio, naquela tarde fria de outono, com o que a nossa gente chamava de "necessidades" para a casa, comecei a sentir outra vez os sintomas da febre. Doía-me o corpo todo, e tinha arrepios. A mãe sentou-se e pôs a minha cabeça no colo dela. Para me distrair da dor, disse-me:

"Se fores forte e não chorares até chegarmos a casa, conto-te um sonho que tive uma vez."

Prometi que ia tentar não chorar e perguntei: "Quando é que o sonhaste, mãe?"

"Quando me perdi no mato do John Myers", respondeu ela. "Lembras-te?"

Disse que sim. E então, com aquele jeito simples dela, começou a contar, mais ou menos assim:

"Estava eu a andar, à procura de lenha, quando uma sombra fina me tapou os olhos. Peguei no avental para a tirar, mas não consegui. Passado pouco tempo, esqueci-me de tudo, já não me lembrava de nada. Depois sonhei que vivia sozinha, num monte bem alto, longe de toda a gente.

"Mas um homem estranho começou a andar na minha direção. Quando chegou perto, perguntei-lhe: 'O que quer de mim, senhor?' E ele respondeu: 'Não estás em condições de viver assim, completamente sozinha neste monte.' 'Oh, mas estou sim', disse-lhe eu. 'Não estás nada', respondeu ele, 'e eu não vou permitir isso.' Então eu disse: 'Vai-te embora e deixa-me em paz; és um estranho e eu não quero nada com estranhos.'"

"Mas de uma maneira ou de outra, ele fez-me segui-lo até lá abaixo ao vale, no sopé da montanha, onde a relva era verdinha e as flores estavam a florir. 'Agora,' diz ele para mim, diz ele, 'boa mulher, vou mostrar-te uma coisa que nunca viste antes.' 'Então vá,' digo-lhe eu, 'quero ver isso.' Achei que estava a ser um bocado atrevida para um estranho, mas olhei e vi mesmo o que ele estava a apontar."

"O que é que viste, mãe?" interrompi eu, cheio de curiosidade, esquecendo-me completamente do cansaço e das dores — "O que é que viste?"

"Olha, filho, eu vi uma coisa… que na verdade nem vi bem — parecia uma mão forte, vinda do nada, a levantar um lençol branco enorme no meio do campo. E por baixo estava outro homem, com um rosto que, não sei como, me parecia muito familiar. E enquanto olhava, vi três homens a virem de cantos diferentes do país. Foram-se aproximando mais e mais daquele que estava debaixo do lençol. Quando chegaram junto dele, o primeiro pôs um molho de penas na mão dele — eram doze ao todo. O segundo deu-lhe um jarro de tinta preta como o breu. O terceiro abriu um grande embrulho de papel branco e colocou-o mesmo aos pés dele."

"Ó mãe!" gritei eu, com entusiasmo de criança, "não acordaste logo e paraste de sonhar?"

"Não," respondeu ela, "só acordei quando ouvi o teu pai a chamar por mim."

"E não viste mais nada?" perguntei, já quase sem sentir-me doente.

"Ah, vi pois!" continuou ela. "Vi os três homens ali parados. E o homem pegou numa pena, molhou-a na tinta e começou a escrever em montes de folhas. Depois pegou noutra pena e fez o mesmo, e assim foi, uma a uma, até já não haver mais penas, nem tinta, nem papel que fosse dele.

"Foi então que apareceu um redemoinho e espalhou os papéis escritos por todo o país — uns foram para um lado, outros para outro. E eu fiquei assim meio assustada quando vi aquelas doze penas transformarem-se em doze homens crescidos, vestidos com roupas bonitas, brancas e azuis. Cada um começou a trabalhar, sem ninguém lhes dizer nada, a apanhar as folhas espalhadas. E quando punham uma folha no chão, ela transformava-se logo em pão branco. A tinta escorria como se fosse azeite e transformava-se em algo que parecia vinho do Porto, que eles deitavam em potes de barro à volta dali.

"Pensei logo que ia haver uma fome, ou uma guerra, ou qualquer coisa — mas não fazia ideia do quê. Porque o país estava cheio de gente. E os estranhos continuavam a chegar, cada vez mais perto dos doze homens; e lá estava aquele homem, no meio deles todos, de pé, sem se mexer. Vinham tantos, tantos, que já não se via o chão nem o que havia do outro lado. Parecia um rio — como se fossem pessoas a nadar, com só as caras fora de água.

Mas lá vieram, e disseram aos doze homens: 'Estamos com fome e sede: não nos dão de comer e de beber, por favor, boas almas, deem-nos algo!' E então os doze responderam a todos: 'Sim! Damos-vos isto por bondade.' E

toda a gente começou a comer e a beber como lobos esfomeados. E enquanto o mundo inteiro comia, bebia, ria e dançava de alegria, ouvi o teu pai a gritar e a chamar-me para casa. E foi aí que acordei — já era escuro e eu continuava perdida naqueles bosques medonhos!"

Tão suave como o cair do orvalho foi a forma como o desconforto que sentia se desfez, enfeitiçado pelo sonho que a mãe acabava de contar. "Ó mãe!" exclamei eu, enquanto seguíamos caminho para casa, "porque é que as pessoas sonham?"

"Ah, isso é que eu não sei dizer," respondeu ela. "Mas eu acredito sempre que é a Providência que faz isso por quem ama."

"A Providência é que te faz ver a lua nova por cima do ombro esquerdo? Ou que faz cair um garfo com os dentes virados para baixo? Ou que te faz ver aquelas sombras na estrada?"

"Não, filho," respondeu ela. "Essas são más sortes — maus sinais — coisas ruins que vão acontecer a quem os vê."

"Mãe!" insisti eu, "tu disseste-me uma vez que o Pai Natal era um velhinho bom que ninguém via — e disseste também que o doutor trouxe o bebé morto cá para casa — e eu descobri que não foi bem assim. Então não achas que esse tal fantasma branco que o Dave viu, e as sombras más na estrada, e a Providência que te faz sonhar — que isso é tudo igual, tudo a mesma coisa?"

A boa mulher ficou de repente em silêncio e triste. As minhas perguntas deixaram-na confusa e sem palavras. Caminhou pensativa e calada até chegarmos a casa. Mas antes de adormecer nessa noite, pedi-lhe com toda a minha força que me voltasse a contar aquela história estranha — que ainda hoje, como lembrança da infância, me fica na memória como uma melodia doce, como o canto de um anjo a anunciar boas novas.

CAPÍTULO XVIII
SINAIS, E O QUE ELES QUEREM DIZER

"A razão não pode conhecer
O que o sentido não sente, nem o pensamento concebe;
Há ilusão no mundo — e dor,
E medo, e sofrimento."

A ignorância é o maior inimigo do ser humano — e a origem dos seus maiores sofrimentos. Para além das grandes provações que esse Monstro, sem vergonha, impõe com tirania às suas incontáveis vítimas, ele comanda um exército de pequenas forças que, a qualquer momento, pode lançar contra a felicidade individual e prender as pessoas em meses — até anos — de sofrimento quase diabólico.

A palavra "superstição" foi a primeira usada pelos pagãos romanos convertidos para descrever o que hoje se entende por "Religião" — ou seja, colocar-se acima do mundo, confiar em tudo o que é sobrenatural, duvidar do que é conhecido e acreditar no que é incompreensível. Mas com o avanço da filosofia nos últimos séculos, o significado original da palavra mudou, e passou a descrever fantasias vãs — ou a crença em personagens imaginárias como fantasmas, bruxas, diabretes, etc., que os supersticiosos acreditam que influenciam a vida e o destino das pessoas.

O que é curioso — e por isso mesmo marcante — é que tanto a Religião, como a superstição, ou a crença em tudo o que é divino, celeste, eterno ou em sinais, presságios e maravilhas mutáveis — tudo isso exige o mesmo tipo de capacidade mental. Isso confirma o que já é aceite por toda a gente: que o conhecimento é o que faz toda a diferença entre as crenças religiosas de quem vive na América do Norte e as de quem vive na Lapónia ou nas Ilhas Sandwich.

Prova que qualquer mente vulgar será supersticiosa, a menos que seja refinada e elevada pela educação. E a experiência pessoal de centenas de pessoas confirma que, para passar do continente da superstição para o porto da verdadeira Religião, é preciso atravessar um estreito — uma espécie de mar estreito — que se pode chamar de Ceticismo; onde a pessoa é atacada por ventos tempestuosos vindos das duas margens, sem sentir a paz bonita que qualquer uma das crenças pode, às vezes, dar a quem nela confia de verdade.

A minha querida mãe era daquelas pessoas raras que nunca duvidavam do que não se compreendia. A fé dela era sustentada por provas que para ela eram irresistíveis. Nunca via a lua nova sobre o ombro esquerdo, nunca

começava nada à sexta-feira, nunca sonhava com atravessar água turva ou a pentear o cabelo sem que, depois, viesse algum problema em casa. Para ela, esses sinais eram certeiros. E por mais que o pai refilasse com o seu "Bah!" carregado de desprezo, ela nunca duvidava nem um bocadinho das suas crenças.

Hoje, com o que sei sobre coisas espirituais, consigo concluir — ao olhar para trás — que a ignorância da minha mãe sobre as causas interiores das suas experiências não só a impedia de distinguir o que era real do que era imaginário, como também aumentava muito a tristeza e a ansiedade dela. Ela era do tipo que "ia buscar sarilhos emprestados"; mas apesar de ser uma vizinha justa, não conseguia — porque não sabia como — devolver esses sarilhos quando já não eram dela.

Este era o azar constante da minha mãe — como é, aliás, o de toda a gente que vive na ignorância dos princípios da psicologia. Ela tinha mesmo clarividência, e, na minha opinião, verdadeiro contacto com espíritos. Mas como não conseguia distinguir entre o que era realidade e o que era fantasia, a vida dela tornou-se num curso de água incerto, cheio de provações, tristeza e uma constante inquietação nervosa. Para mostrar como a fé da minha mãe se baseava em algo que para ela era uma "prova irresistível", vou agora contar um capítulo de acidentes e desgraças familiares.

CAPÍTULO XIX
UM CAPÍTULO DE ACIDENTES

Pouco depois da ida à vila de que falei antes, aconteceu um acidente grave. Foi assim: o moço do nosso senhorio estava a levar milho debulhado do campo para o celeiro. Para além dos bois e do carro, ele usava também uma carroça grande de madeira, cujo varal prendera ao carro de duas rodas, para transportar o dobro da carga de cada vez. Numa das viagens, parou com os dois veículos na estrada pública, mesmo ao lado da nossa casa.

"Olha aqui uma boa chance para fingir que ando a cavalo!" gritei eu. Sem que o homem me visse, subi-me ao varal da carroça, atrás do carro, e fiquei lá, cheio de entusiasmo, à espera que ele dissesse "Hó, boi, vá!" O momento chegou. Os bois puxaram o carro; o carro puxou o varal; e eu, perdendo o equilíbrio, fui cair mesmo na linha das rodas carregadas da carroça. Gritei. O condutor, ao ouvir, parou de repente — mas a roda da frente ficou cravada sobre a minha cintura! Ele assustou-se, arrancou os bois outra vez — e voltou a parar, deixando agora a roda de trás sobre mim, com todo o peso em cima!

Foi só à terceira tentativa, avançando mais um pouco, que fiquei finalmente livre. Levaram-me para casa como quem leva um moribundo. Passadas algumas horas, quando recuperei os sentidos, perguntei à minha mãe se ia morrer. E ela respondeu: "Não, filho, isso não está assim ordenado. A Providência é boa com quem o ama. Mas tu foste ferido mesmo no sítio onde vi aquelas sombras negras." E foi assim que ela fixou na cabeça — e ficou convencida — de que os seus pressentimentos dolorosos eram de confiança.

Este acidente deixou-me lembranças bem reais: uma coluna fraca, dores no osso do peito, rigidez nos músculos entre as costelas, e um estômago muito sensível. Ainda hoje tenho um sistema digestivo debilitado. A fraqueza que me ficou no peito tornava uma simples hora sentado no banco de sapateiro um autêntico suplício. Mas o meu pai, sempre enérgico e teimoso — embora nunca cruel fisicamente — rejeitava as minhas queixas, dizendo: "És um preguiçoso, rapaz — é isso que tu és. Nunca vais valer nada. Não sei o que fazer contigo!"

Mas, apesar de parecer um mal na altura, esse acidente acabou por ser — como todos os outros — um bem universal. Porquê? Porque me incapacitou de ser aprendiz de São Crispim; fez com que o calor do sol me fosse insuportável (por causa da má digestão que me dava enxaquecas); tornou-me inapto para a agricultura, que antes era uma profissão saudável; e, por fim, tirou-me a vontade de comer em excesso. E isso, sem dúvida, foi uma

vantagem. Toda a gente que percebe um pouco de saúde — em casa ou em público — sabe que uma alimentação moderada ajuda muito a desenvolver as capacidades intelectuais.

Certa vez, disse isto a uma pessoa que queria muito tornar-se clarividente, e ele perguntou: "Então aconselhas-me a ser atropelado por uma carroça carregada de milho?" Respondi-lhe: "Se não queres atirar-te debaixo do carro dos teus próprios apetites, e com isso destróis o teu lado espiritual, então sim — esse acidente que agora celebro como um bem, ter-te-ia parecido uma desgraça bem grande. Por isso, se queres ter a cabeça no lugar, não te deixes atropelar — principalmente não pelos teus próprios exageros à mesa."

Depois dessa lesão, passei semanas a tremer com febres e calafrios. Mas quando recuperei, aceitei ir com o Reuben Kipps (filho de um vizinho Quacre) para uma escola distante. Agora, lembro-me vagamente que não aprendi grande coisa lá. Ficava a pensar de onde vinham tantos miúdos, a quem pertenciam e para onde iam depois das aulas.

Fui lá umas duas ou três semanas, com alguns dias em casa pelo meio. E ganhei — entre outras coisas — uma bronca, uma má nota, uma constipação valente e um livrinho ilustrado! Essa minha falta de jeito para aprender as letras — ou até de ganhar uma boa reputação — foi mais uma preocupação para a minha dedicada mãe, e veio cumprir à risca mais um dos seus maus presságios.

Estávamos agora no meio do inverno. Foi por esta altura que o meu pai, voltando uma noite da vila com um pacote de trabalho, sofreu uma espécie de paralisia que o fez cair na neve, incapaz de se levantar ou de pedir ajuda — embora (como ele próprio contou) tivesse a mente clara e consciente da situação em que estava. Passou ali toda a noite, a rebolar e a lutar na neve, enquanto em casa todos vivíamos horas de angústia e lamentos. Os vizinhos trouxeram-no na manhã seguinte, quase congelado. Para uma família pobre, foi mais uma grande dificuldade. Dependíamos completamente do trabalho diário dele, e ele ficou muitos dias sem conseguir fazer nada. E a mãe, como sempre, disse: "Era o que eu já esperava — sonhei com isso!"

Não muito tempo depois, recebemos a notícia de que a minha irmã Eliza estava sozinha, sem dinheiro e quase a morrer à fome — o marido jovem, Henry, tinha fugido, deixando-a a ela e ao bebé, sem que ninguém soubesse para onde. E, claro, o pai teve de ir buscá-los e trazê-los para viver connosco. Isto foi um peso enorme para a família — mas veio confirmar mais um dos sonhos maus da mãe!

As febres voltaram ao meu corpo fraco. Como qualquer pessoa sabe, a doença é um fardo enorme — e caro — numa família pobre. É, muitas vezes, o pior sintoma da ignorância. Sofri com essa maleita até à primavera. Num dos raros dias bons, quando o meu pai foi separar a nossa vaca do bezerro, fui com ele. A pobre vaca, furiosa, lutava para ficar com o filhote. Mas o pai — com força e razão — enfrentou o animal com um pau até ela ceder.

Só que, ao ver-me ali ao lado, a vaca perdeu a cabeça, baixou os cornos e atirou-se a mim com uma força louca. Eu tentei fugir, tropecei, e por sorte ela passou-me por cima sem me acertar! Antes que voltasse para me atacar outra vez, o meu pai já me tinha salvo. O susto psicológico foi tão grande que, desde esse dia até hoje, nunca mais tive sintomas de febres ou calafrios. Mas não recomendo este "remédio" como cura para a doença — não é seguro, nem dá para engarrafar e vender!

Apesar de eu não ver ligação nenhuma entre o susto com a vaca e os maus sonhos da minha mãe, ela disse que "já estava a contar com que algo acontecesse", e que a minha fuga por um triz encaixava naquilo que pressentira!

Algum tempo depois, a minha irmã mais sossegada, a Julia Ann — que nessa altura ajudava nas lides da casa do senhor Peter De Garmo — voltou a casa a contar um caso esquisito. Disse ela:

"Estava a dormir no andar de cima, ou a tentar, quando ouvi uma coisa a bater no vidro da janela, ali fora. Ai, fiquei tão assustada! Mas levantei-me e fui espreitar à luz da lua. Não vi nada, por isso voltei para a cama. Mal me meti debaixo dos cobertores, ouvi o mesmo barulho outra vez. Olhei e vi um cordeirinho branco a bater com a pata no vidro, a tentar entrar! Fiquei mesmo cheia de medo, porque sabia que ali fora não havia sítio nenhum onde o animal pudesse estar em pé. Por isso pensei logo que era uma assombração. Mas num instante desapareceu e eu quase nem consegui dormir nessa noite. O que achas que era, mãe?"

Enquanto a mãe ouvia, vi aquele olhar distante a apoderar-se do rosto dela — parecia que deixava de estar ali connosco. Mas quando a Julia Ann lhe perguntou o que queria dizer aquilo, ela despertou e respondeu: "Ai, filha, não vale a pena falar dessas coisas. Ainda não está na altura de saberes o que isso significa." E durante várias semanas depois desse "aviso", a nossa mãe andou cabisbaixa e melancólica.

Fica agora por contar mais um acontecimento importante da minha história moral. E esta experiência pode ser útil tanto para pais como para quem, no futuro, vier a ter esse papel.

Um dia, enquanto brincava no barracão de lenha do pai do nosso senhorio, Willet Marshall, reparei num pedaço de ferro curvado na caixa de ferramentas — era parte de uma velha sela. Aquilo parecia um brinquedo engraçado e eu desejei logo que fosse meu. Primeiro pensei: "Vou pedir ao tio Willet." Mas como ele estava sempre carrancudo comigo, não tive coragem. Depois pensei: "Ora, ele nunca vai dar por falta daquela peça velha… e eu quero-a já!" Essa desculpa bastou. Roubei o ferro e fui todo contente para casa! Mas quando entrei, devia ir com um ar mesmo culpado — porque o olhar rápido do meu pai apanhou logo o que se passava, e ele exclamou com firmeza:

"Olha lá, rapaz! Onde estiveste? O que estiveste a fazer? O que trouxeste dali?"

Sem hesitar, mas já em pranto, confessei logo o que tinha feito.

"Pára já com esse choradinho, ou dou-te um motivo a sério para chorares!"

"Posso ficar com o brinquedo, pai?" perguntei, com a voz embargada. "Achas que posso ficar com ele?"

"Nem penses em perguntar isso outra vez," respondeu ele com uma severidade firme, "ou dou-te uma tareia que nem sabes de onde vem!"

A minha mãe ouviu aquela cena com um rosto cheio de angústia; mas, por algum motivo dela, não se meteu. Estava visivelmente desconsolada. Havia uma névoa húmida entre os olhos dela e os meus. Alguma coisa me dizia que ela sentia um desespero tão grande, no medo de que eu — o único filho — já estivesse a seguir o caminho certo para a perdição. Por isso, não conseguiu defender-me de consciência tranquila; não disse nada para justificar o que eu tinha feito; e, ao que parece, na cabeça dela, o castigo do pai era justo.

Depois de tirar o avental sujo e vestir o casaco e o chapéu, disse-me:

"Agora tu, rapaz! Leva esse ferro na mão e vem comigo."

Caminhou depressa, sempre a resmungar. Chamou-me de "preguiçoso, inútil, e traquinas!" Mas eu não sentia, lá no fundo, que fosse tudo verdade — por isso, não conseguia dizer "Ámen". E lá fui, apressado, de volta à caixa de ferramentas de onde tinha roubado o brinquedo. E ali mesmo, o sapateiro honesto obrigou-me a deixá-lo onde estava, fazendo-me prometer, sob pena de um castigo grande, que nunca mais ia pegar no que não era meu.

Foi uma vergonha daquelas. Mas naquela noite, senti-me feliz e em paz. O método do meu pai ficou gravado no meu espírito — e, que me lembre, nunca mais quebrei a promessa que ele me obrigou a fazer! Se o castigo tivesse sido menos firme, menos direto, talvez eu tivesse começado a desvalorizar as questões de consciência. E quem sabe se esse pequeno acontecimento — com a dureza com que fui tratado — não me salvou dos vícios e crimes que tanto mancham a vida de muitas almas boas? Há um mundo inteiro de enganos e desvios aberto para qualquer mente jovem, e parece-me que um pai nunca deve tardar em corrigir, com sabedoria, os primeiros passos errados de um filho.

CAPÍTULO XX
O DESTINO EM CHAMAS DO JOGADOR

"Recordo-me dos pensamentos,
E peço-te que olhes para a noite."

Não serei acusado de falta de respeito filial se disser que, na ferrovia da nossa vida familiar, o sapateiro inquieto e impetuoso era o único comboio fiável. Ele punha a máquina a vapor, tocava o apito, e gritava a toda a gente para sair da linha! Numa viagem curta, com pouca carga, era uma locomotiva impecável, que deixava os passageiros satisfeitos — até começar a largar fumo e brasas em excesso.

Na primavera de 1835, ele pôs-nos a todos no comboio — com bagagens e mobília — e levou-nos até outro "apeadeiro". Quem quiser saber onde, que vá dar um passeio de Hyde Park até Pine Plains. Ao passarem pela grande quinta de Hiram Marshall, olhem para sul, e verão uma construção velha, em ruínas, a uns seis estádios da estrada pública. Foi ali que a nossa tralha foi deixada pela força inquieta de sempre. As nossas condições estavam claramente a piorar. Faltavam-nos várias coisas, em especial a nossa jovem vaca leiteira. Não me lembro porque mudámos, mas acho que foi para o pai ficar mais perto dos seus trabalhos, e a mãe poder fazer mais dias de serviço pago nas cozinhas dos vizinhos.

Nessa casa isolada e velha, o pai montou um tear. Era uma cena curiosa! Quando o mau tempo o afastava do campo, fazia ou arranjava sapatos; e quando nem isso havia para fazer, sentava-se ao tear, montava a urdidura e começava a tecer, com um talento que até metia inveja. Eu ajudava, de vez em quando, na parte de enrolar os fios ("quilling"). Mas ele achava que eu lhe era mais útil a cumprir certas missões — ou seja, a ir buscar jarros de sidra! Se um vizinho se recusava a vender-me um galão para o embebedar, as

ordens eram para continuar até conseguir. É com tristeza que me lembro dessas voltas. Espero que ninguém permita que o seu filho viva algo assim — porque nem sempre os anjos conseguem proteger os mais novos das más influências. Felizmente, nunca me senti tentado por essa bebida.

O coração solidário da minha mãe, aliado ao seu estranho dom de prever o futuro, fazia dela uma pessoa muito querida entre os moradores das redondezas. As visitas à nossa casa, por mais humilde que fosse, eram frequentes. Grupos de jovens apareciam e saíam encantados. Com a ajuda deles, fizemos um divertido "corte de maçãs" numa noite, que acabou com um bailado rústico.

Noutro dia, houve o que a mãe chamou de "festa da colcha", que terminou com várias brincadeiras: ler a sina, cabra-cega, adivinhas, violino, histórias e jogos de cartas. Mas em todas essas festas, notava-se uma certa reserva da parte da mãe. Quando olhava para a chávena de chá para ler a sorte de alguém, fazia-o como se fosse apenas por diversão. Mas, conhecendo-a como eu conhecia, por vezes via-lhe aquele olhar distante — um vazio nos olhos, como se olhasse para dentro de algo que os outros não podiam ver — e até as frases mais banais ganhavam outro peso.

Deixo aqui um caso marcante. Comecei a interessar-me pelos jogos de cartas, apesar de não jogar. Aqueles que jogavam pareciam tão contentes, que comecei a pensar que havia ali qualquer coisa de mágico ou engraçado que só quem jogava percebia. Para confirmar isso, andei de casa em casa pelos jovens da vizinhança e, por minha própria iniciativa, convidei-os para uma noite de cartas lá em casa.

Muitos aceitaram e apareceram à hora marcada. Os meus pais ficaram espantados com tanta gente. Os visitantes disseram: "Foi o vosso filho que nos convidou para jogar cartas aqui." Então, lá se trouxeram as cartas e deixaram-nos jogar, como se o convite tivesse vindo de casa. Mas vi, pelo olhar da minha mãe, que ela se lembrava de um mau pressentimento, e que achava que se ia cumprir naquela noite. Quando a festa acabou, fomos todos para a cama. Havia uma nuvem entre ela e o meu espírito atribulado. Nessa noite, rezei muitas vezes em silêncio, a pedir perdão e sorte melhor. E por fim adormeci.

Na manhã seguinte, acordei e vi a mãe a fumar o cachimbo ao pé da lareira. Assim que me vesti, ela aproximou-se e disse:

"Agora, tu e eu vamos acertar contas. Porque é que chamaste aquela gente toda cá a casa?"

"Porque queria vê-los jogar."

"E o que é que ganhaste com isso?"

"Nada… só queria ver como eles jogavam ao alto, baixo, valete e o jogo," respondi, atrapalhado.

"E o que é que isso te interessa?"

"Nada… só queria ver como é que eles salvavam o valete!"

"Ah, era isso?" respondeu ela.

"Sim, mãe, não era mais nada," disse eu.

"Então eu vou-te mostrar como é que eu vou salvar o meu valete," disse ela calmamente. Na mão direita trazia o baralho bem conhecido. "Agora olha," continuou ela. "Vou-te mostrar o que acontece a quem gosta de jogar às cartas." E, dizendo isto, atirou o baralho para o meio do lume!

A segurar-me pela mão, e com os olhos fixos nas figuras a arder, ela exclamou:

"Estás a ver? Ali naquele fogo estão os retratos de muitos senhores! Olha o rei e a rainha de espadas, o rei e a rainha de paus, o rei e a rainha de ouros, e o rei e a rainha de copas — e o ás — e o terrível valete! Agora, filho, salva-os se conseguires!"

Havia uma dignidade majestosa no modo da minha mãe, e uma força profunda e mágica no significado das suas palavras, que me assustou e passou por mim como um raio. Tremia em todos os nervos. O meu coração ficou doente — muito, muito doente! Mas como ela me tinha mandado salvar o valete, fui obrigado a responder:

"Mãe, não consigo! Já está quase todo queimado."

"Ah, está, é?" disse ela, com um tom triunfante. "Então vê nesse valete o que acontece a todo o homem que vive do jogo! A boa Providência não o consegue ajudar: por isso o Diabo vem e mete-o no fogo da destruição."

Seria preciso uma caneta muito mais hábil do que a minha para descrever o horror esmagador daquele incêndio, tal como foi sentido pela minha mente jovem! Esqueci-me por completo de que eram apenas pedaços de papel com figuras a arder. Quando as chamas saltavam e dançavam à volta das cartas, parecia-me que homens poderosos e mulheres lindíssimas

estavam mesmo a passar pelo suplício do jogador. "Mãe," exclamei, "não ralhes mais — eu nunca mais jogo cartas, nunca mais!"

Já passaram vinte e um anos cheios de tentações desde essa manhã tão marcante. A minha visão da forma como a Providência governa o mundo — de como os bons são recompensados e os maus castigados — é hoje muito diferente daquela que a minha mãe me transmitiu. No entanto, acho que, no essencial, ela tinha razão: conhecia bem o sofrimento mental inevitável e o remorso profundo de quem segue o caminho errado do jogo. E é com uma gratidão sincera que consigo rever, passo a passo, o meu caminho pela montanha da vida — e ver que nunca quebrei a promessa que fiz naquela casinha isolada.

CAPÍTULO XXI
EM QUE VOU PARA A ESCOLA

"E depois, o estudante choramingas, com a sua lancheira,
E o rosto fresco da manhã, arrastando-se como caracol
Sem vontade nenhuma de ir para a escola."

A cerca de uma milha a leste da vila de Hyde Park havia um pequeno aglomerado de casas chamado Union Corners — ou seja, uma oficina de rodas, uma ferraria, uma mercearia apertada, e uma taberna espaçosa (ou "hotel", como lhe chamavam os mais sonhadores), pronta para receber — e arruinar — tanto os viajantes como os que moravam no seu ambiente nocivo. Mesmo em frente a esse lugar funesto, erguia-se (e talvez ainda lá esteja) uma habitação de proporções pouco saudáveis: dois quartos, sendo o primeiro todo o rés-do-chão, e o segundo do mesmo tamanho, logo por cima, encostado às vigas do telhado, acessível apenas por uma escada que mais parecia uma escada de mão.

Não havia ali uma única árvore ou arbusto que tapasse a vista desoladora da taberna. Nada impedia o contacto direto entre as duas casas — apenas uns seis metros e uns noventa segundos separavam os ocupantes da taberna dos da nossa casa.

Pois bem, leitor, enquanto a primavera de 1836 dava vida aos campos amplos do condado de Dutchess, mudámo-nos para essa casa estreita e perigosa. À luz da janela da frente, via-se o meu pai a exercer o seu ofício habitual. E naquele espaço apertado também se via a mulher triste, sempre a costurar sapatos, remendar roupas, e a fazer mil tarefas, para as quais, por

natureza, não tinha qualquer vocação — ao contrário de muitas senhoras fisicamente robustas que enfeitam casas ricas e elegantes.

Estava agora no meu décimo ano — a primeira década de uma vida eterna! Se me vissem nessa altura, diriam: "Este miúdo parece ter uns sete anos." Faltava-me força física, e também aquele brilho no olhar que mostra uma mente pronta para aprender. Por isso, os vizinhos achavam que eu era um rapazinho bonzinho… para não se meterem comigo.

Graças aos meus pais, fui finalmente para a escola. A professora era uma senhora de meia-idade, muito bondosa com as crianças. Mas, apesar da sua gentileza e esforço, eu não conseguia memorizar e compreender ao mesmo tempo as letras do alfabeto. Com o tempo, ela foi substituída por um professor chamado De Witt. Ele pôs-me a recitar o A-B-C com uma rapidez inacreditável — tão rápida que, quando chegava ao fim, já quase não me lembrava dos sons anteriores. Mas fui avançando na mesma, até chegar, com muita glória, aos meus "a-b, abs". Pouco depois, este professor da escola do distrito foi substituído por um homem muito religioso, de nome Lacy.

Sob a supervisão austera e atenta deste novo mestre, avancei para palavras com duas sílabas — mas tão mal e com tanta dificuldade, que o meu lugar fixo passou a ser o fim da turma! Nem Napoleão teve jamais um sentinela que mantivesse tão fielmente a sua posição. A minha "posição fundamental", como diriam os lógicos, estava bem segura; e não me lembro de ter sido ultrapassado mais do que três ou quatro vezes — e mesmo assim, só por uns minutos.

Mas este professor era paciente comigo, e decidiu passar-me à tabuada. Queria convencer-me, através do entendimento, de que aquela tabela estava cheia de coisas maravilhosas para uma mente jovem. Mas não me convenceu! Depois vieram as lições de escrita. Mas como me obrigavam a segurar a pena com o polegar exatamente como os outros, acabei por adiar a escrita para um tempo incerto e distante.

Talvez por sugestão do professor, o meu pai investiu quarenta cêntimos num livro de Geografia Ilustrada, autorizado pelo famoso Peter Parley. Aquele livrinho modesto captou o meu olhar — e talvez até tenha ensinado qualquer coisa à minha mente. A imagem da capa já era por si um encanto: uma sala acolhedora, uma lareira acesa, um senhor idoso sentado numa cadeira confortável, com o pé engessado apoiado noutra, rodeado de miúdos curiosos a pedirem-lhe mais uma história de viagem — e mesmo por baixo, a frase que fazia qualquer um querer estar lá: "Cuidado! cuidado, rapazes! se me derem uma pancada no dedo, já não conto mais histórias!" O autor usava

uma linguagem de contador de histórias, e apresentava as ideias com imagens, irresistíveis para crianças e jovens.

Acabei por decorar umas linhas:

"O mundo é redondo, como uma bola,
E parece a balançar no ar;
O céu rodeia-o de fora a fora,
E há estrelas a brilhar."

Mas não conseguia lembrar-me do resto. Na verdade, a minha memória e a da minha mãe eram parecidas — nenhuma das duas fixava bem palavras, datas ou nomes para os reproduzir corretamente depois. As lições de mapa eram um desastre, tal como decorar os nomes de cidades e vilas. O mapa do mundo parecia-me uma teia de aranha onde o autor tinha despejado palavras complicadas demais para serem lidas ou ditas. E assim, mesmo com a beleza das ilustrações e das figuras de casas e povos diferentes, nunca consegui avançar muito nos estudos de geografia.

Mas deixa-me dizer isto: a Geografia do Peter Parley (o senhor Goodrich) foi o único livro escolar que alguma vez valorizei, guardei e estudei. Valorizo-o agora, mais do que naquela altura, porque envolvia os factos do mundo com o poder da imaginação, e dava prazer e ensino ao mesmo tempo. Guardei esse livro como o único encanto das horas que passei na escola. Os meus olhos olharam tanto para as imagens que quase desapareceram. As roupas bonitas dos ingleses, franceses, escoceses, etc., estão quase desfeitas de tanto uso. Esse livro é a minha pirâmide. O que lá está, como múmias embalsamadas, serve de elo entre esse ano... e este!

Entre os muitos alunos da escola do distrito, rapazes e raparigas, nunca me senti verdadeiramente à vontade. Os rapazes eram brutos e agressivos nas brincadeiras, pareciam mais felizes quando estavam a discutir ou a lutar; e as raparigas provocavam-me uma timidez incontrolável — uma vergonha que me deixava desconfortável e atrapalhado. O resultado disso foi que acabei por não ter nenhum companheiro agradável. Vários rapazes chamavam-me "totó"; algumas raparigas diziam "cabeça de sono"; o professor antigo chamava-me de "cabeça oca"; e a minha irmã mais velha, de "parvinho". Esses nomes só reforçavam em mim os traços que os inspiravam — e, assim, nem fiquei mais esperto nem mais feliz entre os miúdos da minha idade e condição.

O "código de honra" entre certos rapazes é algo mesmo curioso. Dou um exemplo. Uma tarde, depois de a escola terminar, o meu pai pediu-me para levar um pacote de trabalho até ao patrão dele, em Hyde Park. Fui

buscar um cavalo velho e muito manso que pertencia ao bondoso senhor Isaac Stoughtenburgh, montei e lá fui cumprir a tarefa. Já era ao lusco-fusco quando cheguei ao destino. Como o trabalho de retorno ainda não estava pronto, tive de esperar mais tempo do que queria à porta da loja.

Para dizer a verdade, nunca tinha estado tão longe de casa sem proteção. E o meu único receio era mesmo os rapazes da vila — tão rudes! Eu não tinha gosto por brigas, nem andava à procura de provar a minha força física, e tremia só de pensar nos maus-tratos que aqueles miúdos às vezes faziam aos mais indefesos. Já estava a escurecer depressa. E como esperava, lá vieram eles — pareciam pequenos selvagens — cercaram-me na rua, prontos a gozar comigo.

"Quem és tu, miúdo?" perguntou um com ar provocador. "Onde é que moras quando estás em casa?" gritou outro. "Como se chama o teu pai?" disse um terceiro, ao mesmo tempo que me empurrou com força e atirou o meu boné para uma poça de lama.

Respondi como pude; não mostrei ressentimento, porque não sentia nenhum — apenas um medo encolhido, que eles aproveitaram para gozar ainda mais. Supliquei para que não me fizessem mal, porque eu não lhes tinha feito nada, nem tencionava. E isso só os fez rir mais e chamar-me nomes que nem dá para repetir aqui. Pisaram-me os pés, arrancaram-me o boné várias vezes e faziam tudo para me provocar e levar-me à fúria.

Foi nesse momento difícil que, com toda a clareza, ouvi o que me pareceu ser a voz da minha mãe a chamar-me — como se estivesse a ver o meu apuro de alguma janela lá do alto! Isso deu-me coragem para manter a calma. Bastava um pouco de raiva da minha parte para lhes dar razão para me baterem. Mas pensei assim: "Se eu fizesse o que estes rapazes estão a fazer, teria vergonha de voltar para casa e encarar a minha mãe."

E com isso, não senti raiva — nem sequer antipatia — por quem me atormentava. E no entanto, mesmo sem dar-lhes motivos, um deles, mais bruto e sem escrúpulos, atirou-se a mim, derrubou-me e começou a bater-me com força. Espancou-me várias vezes — só porque eu era "um parolo do campo" e estava sozinho na vila — deixando-me com o nariz a sangrar e o rosto e o peito todos doridos.

Mas lá dentro, no fundo do meu ser, não estava ferido. E o "rosto" do meu espírito ainda brilhava com bondade — o que me surpreendeu muito. Chorei, claro, mas foi só pelas dores físicas. Contei tudo à minha mãe. E ela deu-me muitos sorrisos de aprovação. As feridas curaram depressa. Mas há

um desfecho para este episódio, aparentemente fora de contexto, que mais tarde virá mostrar um princípio moral importante.

CAPÍTULO XXII
O MEU PAI DIZ ADEUS AO ÁLCOOL

"A força nasce
No silêncio profundo dos corações que muito sofrem."

Um vendedor de álcool pode ser tão "honrado e bondoso" como um bêbado. Há vinte e um anos atrás — e ainda hoje, em certos lugares onde nada mudou — o homem que ganhava a vida a criar alcoólicos, indigentes, jogadores e futuros presidiários era considerado, por muitos cristãos e homens respeitáveis, tão digno como qualquer outro comerciante. Por exemplo: nunca ouvi ninguém criticar o alcoolismo do meu pai nem os meios que o alimentavam — pelo menos fora da nossa pobre casa. Mas por dentro, o sofrimento era pesado e constante.

Vejam a tentação: encostado à janela da taberna, com um sorriso tentador e cheio de bolhinhas no rosto, estava o tal de Cara-de-Brandy! Ao lado, sentado, estava um tipo mole, com cara de parvo, pálido como a cal — chamava-se Gin. E mais ao fundo, para lá do garrafão corado e inchado, espreitava um vagabundo nojento, com ar de porco, demasiado preguiçoso até para acender uma vela, e envergonhado de mostrar os olhos diante de gente decente — chamava-se Whiskey!

E além destes "senhores", havia ainda mais uns quantos malandros, de menor nome, que faziam com que maridos se esquecessem das mulheres, pais ignorassem os filhos, irmãos insultassem as irmãs e homens destruíssem a inocência preciosa de raparigas. Sim, caro leitor — essa corja alcoólica, que causava desgraças além do que as palavras podem descrever, estava ali à vista de todos, à janela da taberna mesmo em frente ao casebre do sapateiro.

Era dia 1 de janeiro. A neve estava alta; o frio, de rachar. Aqui e ali, dois vizinhos cruzavam-se, desejavam um "Feliz Ano Novo" e iam juntos para o bar "confirmar os votos". Com a devida autorização, pendurei os patins ao ombro e fui procurar um bocado de gelo liso. Diverti-me durante algum tempo, mas o frio intenso fez-me voltar mais cedo. Ao passar pela porta de um velho bêbado, conhecido do meu pai, decidi entrar e desejar-lhe um bom ano. Entrei e fiz o meu cumprimento. Estava sozinho, a dormitar junto ao fogão. Convidou-me a sentar.

Passado pouco, o homem levantou-se, foi ao armário, misturou melaço com brandy e, depois de beber um pouco, ofereceu-me o resto. Provei — e a doçura encantou-me! Lá em casa nunca havia nada assim tão doce. E por isso aproveitei ao máximo esse "luxo" de Ano Novo, que o velho bêbado me ia dando de tempos a tempos. Fiquei falador, animado — lembro-me hoje que falava como um parvo! Dizia disparates e ria-me deles com gosto! O pior é que nem percebi logo que estava bêbado. Mas, quando me levantei para ir para casa… aí sim, soube logo o estado em que me encontrava.

O quarto girava como um pião! Fogão, cadeiras, mesas, portas, janelas, o velho — tudo rodava à minha volta como mós de moinho. Tentei alcançar a porta da rua… mas ela fugia-me das mãos e saltava para o outro lado do quarto! O chão parecia uma onda — subia e descia como gelo fino debaixo dos pés! O que fazer? O velho já estava "fora de serviço", deitado junto ao fogão, alheado de tudo. Ele não era favorável a "mudanças no governo", enquanto eu só queria encontrar chão firme para pôr os pés!

Deu-me então uma ideia: saltar para a maçaneta da porta na próxima volta! Quando a divisão girou e a porta ficou ao meu alcance, agarrei-me a ela com força. Que alívio! Tropeçar até ao corredor e atirar-me para um monte de neve cá fora já não me pareceu tão difícil. Mas levantar-me e ir ter com a minha mãe — isso, não consegui! Só me restavam duas coisas: gemer e ofegar na minha cama gelada, a chorar de vergonha e dizer baixinho: "Ai, estou tão bêbado! Tão bêbado! Tão bêbado!"

Estava a sofrer, a congelar, e até disposto a morrer! Ai, a humilhação horrível daquele Dia de Ano Novo! Os meus gemidos, soltos no ar frio, acabaram por chamar ajuda a tempo — e fui levado para casa, quase inconsciente e a delirar. O brandy com melaço — o chamado "black strap" — escorria-me da boca, e a minha mãe pensou logo que eu tinha rebentado um vaso do sangue a patinar. Mas o cheiro inconfundível revelou logo a verdadeira causa da "ferida".

Ai, que ferida mais perigosa!

Caro leitor! És a favor das destilarias? Votas em homens que fazem negócio com o monstro violento que é o álcool? Acreditas que o teu vizinho deve ter licença para vender bebidas? Estás disposto a pôr o lucro de um homem em conflito direto com a saúde, a felicidade e o bem-estar de centenas de famílias? És amigo de motins? Queres aumentar o número de acidentes fatais? Tens vontade de construir uma linha de comboio que vá da porta de cada pessoa até aos asilos, casas de correção, prisões, antros de jogo e à forca? Clamas "Abaixo a virtude, viva o vício! Abaixo a alegria, viva o sofrimento?"

Trabalhas para reduzir o conforto dos outros, arruinar o carácter, destruir a saúde e encurtar a vida das pessoas à tua volta? Pretendes semear a tristeza no sangue de milhares de crianças que ainda nem nasceram? Se não, então vota por um governo harmonioso. Se não, então trabalha por uma nova Era de Harmonia na Terra. Vais fazê-lo? Veremos. Porque nenhum ato — por mais privado que pareça — se perde no grande Futuro!

Com alegria e gratidão, registo o facto de que o demónio-serpente chamado Álcool nunca chegou a prender-me de verdade nas suas garras — salvo naquela única vez, quando a hospitalidade traiçoeira de um velho bêbado se juntou à liberdade descuidada de um Dia de Ano Novo. Já passaram vinte anos desde essa experiência vergonhosa, e esse inimigo da humanidade não conseguiu encontrar um só cantinho no meu coração ou na minha razão. E acredito mesmo que a minha mãe profética percebeu isso — pois demonstrou menos preocupação e dor com este episódio do que com qualquer outra provação que já vos contei.

Pouco depois disto, a minha irmã Julia Ann — tão meiga e sossegada — voltou para casa muito doente. O rosto estava amarelo, tingido pela icterícia, e os olhos fundos mostravam um mal profundo e mortal. Pobrezinha! Como tenho pena dela, mesmo hoje, só de me lembrar. Lá estava ela, deitada na cama da morte, com febre e hipersensibilidade em todos os nervos; no meio do rebuliço da casa e do martelar constante do sapateiro, tudo na mesma sala pequena e insuficiente. Chamou-se um médico, e a doença foi tratada, talvez com o cuidado habitual — mas nenhum poder do mundo podia impedi-la de subir para a "Casa não feita por mãos humanas", onde não há ricos nem pobres, mas o suficiente para todos os filhos de Deus.

Uma noite, enquanto a minha mãe velava ao lado da cama da filha que partia, fiquei profundamente triste ao ver nos seus olhos aquele olhar vago e distante — o tal "olhar de longe" que eu sempre associei a desgraças que estavam para acontecer. A doente pediu qualquer coisa, mas a mãe nem ouviu — tão fundo estava o seu devaneio, que nem se quebrou durante vários minutos. Quando voltou a si para acudir à filha, havia uma serenidade resignada no seu rosto, mas em cada olho tremia uma lágrima de dor. Retirou-se para a janela de trás e, olhando para a terra gelada, chorou em voz alta. Aquela expressão de dor eu não compreendia, e perguntei:

"Porque estás a chorar assim, mãe?"

"A Julia Ann vai-nos deixar em breve," respondeu.

"Como é que sabes isso?" perguntei. "O que te faz pensar assim?"

“Porque vi o cordeirinho branco,” disse ela.

“Que cordeiro branco era esse, mãe?”

“O mesmo mensageiro do céu que a Julia Ann viu na janela de cima da casa do Peter De Garmo.”

“E quando é que o viste?”

“Hoje, logo depois de escurecer, quando o pai foi à taberna.”

“Mas mãe!” exclamei eu, “entrou mesmo aqui no quarto?”

“Sim, filho, entrou de mansinho quando o pai saiu.”

“E o que fez o cordeiro?”

“Olha, eu vi-o a andar em quatro patas até à cama da pobre rapariga; e depois pegou nos cobertores com os dentes e puxou-os, muito devagarinho.”

“Lá está!” exclamou ela, olhando para a porta, quando o pai entrou — “lá está! O cordeiro foi-se embora, e tenho mesmo medo que leve a Julia Ann com ele.”

“O que é que viste?” perguntou o pai, impaciente.

“Ah, não é nada para ninguém a não ser para mim,” respondeu ela, e com lágrimas nos olhos voltou a cuidar da filha moribunda.

“Não te ponhas a chorar por isso,” disse o pai. “Não chores por aquilo que não se pode evitar. O que não tem remédio, remediado está. Eu, por mim, estou pronto para tudo o que vier.”

Poucos dias depois desta conversa, acompanhámos o corpo da minha irmã até ao cemitério. Os meus pais e a Eliza choraram imenso; e embora eu sentisse muito a partida dela, não consegui derramar uma lágrima. Disseram que a minha dor era demasiado profunda para chorar. Mas a verdade é que a alegria superava a tristeza no meu coração. Uma voz dentro de mim dizia que o lugar onde a minha irmã estava agora era de invejar e não de lamentar — e eu sentia vontade de dizer aos meus que, embora tivesse medo da morte em si, sentia-me misteriosamente atraído pela vida que vinha depois.

Mas o cemitério era um terror! Aqueles mármores brancos, frios, e o som pesado do sino que anunciava a partida da minha irmã, despertavam em

mim imaginações mórbidas. E quando o coveiro atirou umas pás de terra e pedras por cima do caixão, o som que voltou — tão oco, tão sepulcral, tão fundo e doloroso — revolveu a minha alma com as ideias mais sombrias e assustadoras sobre a morte. Desde esse dia, fiquei com medo de passar sozinho por um cemitério à noite. Na verdade, não conseguia evitar uma inquietação horrível sempre que dormia sozinho num quarto escuro — uma timidez dolorosa — que ficou comigo até ao glorioso dia em que começou a minha iluminação espiritual.

Lembro-me bem da noite escura e tempestuosa em que os bêbados da taberna do outro lado da estrada empurraram o meu pai para dentro de casa num estado de embriaguez vergonhoso. Nunca o tinha visto tão dominado pelo inimigo. Não vou descrever o estado de desolação que isso espalhou no coração da minha mãe. Como todas as esperanças pareciam desfeitas! Como cada oração parecia voltar para trás, sem resposta! Como cada pequena esperança de "dias melhores" era coroada com o cipreste da morte e do desespero! Não! Não vou pintar esse quadro de desespero tão terrível. Mas não vês tu que precisávamos da força de um verdadeiro Reformador? De alguém cuja missão fosse:

"Enfrentar o grande destruidor —
O copo de esquecimento que embrutece a alma;
Expulsar da nossa casa o perturbador da paz,
E esmagar no lar o cálice fatal."

Mas eis que estou prestes a contar um dos exemplos mais gloriosos de reforma pessoal. Depois daquela noite horrível, o meu pai nunca mais tocou em álcool! A decisão de tornar-se um "homem de temperança" foi tomada e mantida no silêncio firme do seu coração! Com o inimigo à vista, rodeado por companhias tentadoras, e durante meses de luta intensa contra os seus próprios demónios, ele venceu! Durante quase quarenta anos antes disso, embriagava-se frequentemente — e quase sempre uma vez por semana, enquanto vivíamos em Union Corners. Por isso, no final da semana seguinte, a minha mãe esperava mais uma cena de tristeza. Mas nunca mais se repetiu — nem aquela nem nenhuma parecida!

Há, então, esperança para a esposa de um alcoólico! O céu calmo e puro está cheio de forças espirituais com corações tão compassivos que batem, mesmo à distância, em sintonia com cada oração sincera que fazemos por purificação e justiça. E acredita — toda oração assim, mais cedo ou mais tarde, será atendida com sabedoria.

CAPÍTULO XXIII
EXPERIÊNCIAS INICIAIS EM HYDE PARK

Uma das casas alugadas (sem pintura) de Belden Delamater ficava — ou ainda fica — na estrada principal que atravessa a vila de Hyde Park, indo tanto para Nova Iorque como para Albany. A norte, mesmo ao lado, ficava a oficina de ferreiro do senhor Parker. A sul, um pouco mais recuada da estrada, estava uma casa de madeira maior, e ambas as famílias tiravam água do mesmo poço. Foi para a primeira destas casas que nos mudámos na primavera de 1837 — o meu pai tinha conseguido trabalho fixo como jornaleiro na fábrica de botas e sapatos de John Hinchman.

Eu estava então no meu décimo primeiro ano. Mas, em termos de desenvolvimento físico e mental, estava muito atrás de rapazes quatro ou cinco anos mais novos. Tímido, sensível, dado a passeios solitários e pensamentos profundos, não me sentia nada inclinado a juntar-me aos rapazes da vila nem às suas brincadeiras barulhentas e brutas. Vendo-me assim, apático e, aos olhos dele, inútil, não guardo mágoa ao meu pai enérgico e trabalhador por muitas vezes exclamar:

"Tu nem vales o sal que comes!"

Ao que a minha mãe, sempre pronta a defender-me, respondia:

"Não ralhes com o rapaz! O que é que esperas de uma criança?"

"Criança?! Bah! Antes da idade desse rapaz, eu já estava entregue para trabalhar em troca de comida e roupa," replicava o pai. "E não vejo que ele seja melhor do que eu era. Não suporto isto. Ele já tem idade para começar a ajudar no sustento da casa. — Tu aí!" dizia, virando-se para mim, "fica atento se alguém precisar de um rapaz para ajudar."

Assim, fui à procura de trabalho e consegui arranjar um lugar com o nosso senhorio. Ele era dono de um grande moinho de farinha e gesso na vila e precisava de "um rapaz para tomar conta da tremonha". Sentado junto às mós giratórias, a minha tarefa era garantir que o grão caísse de forma constante da caixa de cima para os trituradores giratórios de baixo. Esta ocupação monótona não exigia nenhum esforço mental, e quase nada do meu corpo — só o braço direito, e mesmo esse mexia-se tão devagar que dava para andar a sonhar acordado.

Apesar de estar apenas a uma hora de caminho de casa, não conseguia resistir à melancolia debilitante da saudade. Quando me deitava no sótão do senhorio, por baixo da pele de búfalo, os meus pensamentos voavam para o ser mais querido que eu conhecia no mundo — a minha mãe! E foi então que

o sonambulismo começou a manifestar-se nas minhas noites. Mil formas de rodas e eixos giratórios enchiam-me a cabeça. Para além das máquinas que via no moinho durante o dia, passava a perceber e até a imaginar o funcionamento de outras novas. Máquinas completas para cortar madeira, moer grãos, triturar pedras de gesso, serrar e alisar tábuas, e até fazer tarefas de cozinha — todas estas invenções misturavam-se com as experiências do dia e apareciam à noite, numa sequência que nunca se confundia.

A vivacidade destas "visões" e a tendência quase incontrolável para me levantar e tentar realizá-las durante a noite acabaram por me cansar e desanimar. Por isso, um dia — sem pedir licença — peguei em mim e fui a correr para casa. Ao entrar, o meu pai, que estava a almoçar, olhou-me e perguntou:

"O que é que te fez voltar?"

Sem saber como explicar, respondi:
"Porque… já não aguentava."

"Mas porquê? O que é que se passou?"

"Porque o moinho de gesso faz-me mal… e o da farinha põe-me a sonhar… e tenho medo de dormir lá no sótão," disse eu, já aflito, com medo que ele me mandasse de volta sem dó nem piedade.

Mas, como de costume, a mãe veio em meu socorro e disse:

"Ah, o que é que queres de uma criança? E se o rapaz estiver mesmo a dizer a verdade? Deixa-o ficar em casa hoje, pelo menos — amanhã logo se vê."
E assim fui poupado a uma carreira como moleiro profissional.

Durante várias semanas depois disso, tentei esculpir com a navalha algumas das máquinas que via em sonho — sem sucesso. O pai dizia sempre que eu "não tinha jeito nem para fazer um apito", e repetia que o meu principal defeito era a "preguiça", misturada com gosto por brincadeiras. Mesmo assim, o meu instinto de sonâmbulo levava-me a trabalhar à meia-noite. Sem luz nenhuma, mexia-me pelo quarto sem tropeçar e usava a navalha com destreza. De manhã, não me lembrava de nada disso — mas hoje lembro-me bem e escrevo como se estivesse consciente na altura. Contudo, os meus inventos eram tão ridicularizados pelo meu pai que comecei a escondê-los — e acabei por os abandonar por completo, achando que nem como brinquedos valiam a pena.

Foi por esta altura que conheci um rapaz da vila chamado "Bill", conhecido por todos como o terror dos outros miúdos. Era aprendiz de um carpinteiro de rodas cuja oficina ficava a uns passos ao sul da nossa casa. Como os outros, eu ia lá buscar aparas de madeira para acender o lume. Sempre temi cruzar-me com aquele rapaz tão temido. Um dia, ao encher o cesto de aparas, o mestre não estava e ele apareceu de repente, gritando:

"Ó pássaro de abutre do raio! Quem te mandou aqui? Diz-me já, seu caramelo, ou dou-te uma à moda antiga, mesmo debaixo da quinta costela!"

Com dificuldade, respondi:
"Os meus pais…"

"Que pais? Quem são os teus pais, ó trambolho? Diz-me, ou levas!"

Contei-lhe quem eram, e implorei:
"Por favor, não me faças mal! Eu não volto cá, se não quiseres…"

"Ah, vai-te catar!" disse ele, com um sorriso de desprezo. "E volta quando quiseres mais aparas. Nem vale a pena dar-te uma tareia — és demasiado medricas… um banana completo!"

Mas, da vez seguinte que fui lá e o encontrei sozinho, estava estranhamente simpático e até me começou a fazer perguntas. Tinha mais cinco anos do que eu, e, por causa da sua fama de briguento, eu sempre o vi como alguém de quem me devia afastar. Tinha o corpo forte e bem feito. Os traços eram grandes e meio tortos, mas os olhos negros, apesar de imponentes, iluminavam-lhe o rosto com um sorriso sincero. Apesar das histórias que corriam sobre ele, não consegui evitar aceitá-lo como o meu único companheiro fora de casa. Pouco depois de o conhecer, levei-o a casa para o apresentar aos meus pais e à minha irmã — e, para minha surpresa, também eles gostaram dele.

Depois daquele primeiro encontro, nunca mais o ouvi dizer palavrões nem arranjar confusão na rua. Claro que não estávamos sempre juntos, mas também deixei de ouvir histórias das suas brigas. O que terá provocado essa mudança? Não sei. Mas acredito que, por trás daquele exterior bruto, havia os alicerces de um bom homem. A madeira estava lá — bastava alguém começar a erguer o templo da sua alma.

Num quente dia de verão, enquanto passeávamos juntos pelo belo parque do Dr. Hoosack, a norte da aldeia, ele disse:
— Vamos sentar-nos aqui — mesmo debaixo desta árvore com sombra — porque quero contar-te uma coisa.

Sentando-nos, começou:
— Há uma coisa na minha memória que me incomoda mais do que tudo o que já fiz.

— O que é, Bill? — perguntei.
— Ora bolas! É uma coisa tola, como um monte de outras que já fiz, mas não consigo esquecer isso, de maneira nenhuma. — Após um breve silêncio, continuou: — E nunca encontrei ninguém a quem pudesse contar isto antes de tu vires viver para Hyde Park.

— Bem, Bill, sabes que podes contar-me qualquer coisa: eu nunca deixarei escapar nada.
(E, no entanto, caro leitor, aqui estou eu a revelar tudo na sua inteira confiança.)

— Bem, não é nada que valha a pena ser mencionado — disse ele —, mas ao mesmo tempo é, senão não andava a remoer nisto.

— Oh, continua, Bill — disse eu —, não pares agora.

Prosseguiu:
— Por esta altura, no ano passado, fui mesquinho ao ponto de pontapear, bater e dar uma sova a um rapaz do campo que não nos tinha feito nada, a nós, rapazes da aldeia; e que me levem os diabos se desde então não me sinto mais triste e mais zangado comigo próprio do que nunca.

— O quê, Bill! — exclamei, escondendo a minha verdadeira emoção — feriste-o mesmo?

— Sim, e bem a sério!

— Não sabias quem era o rapaz? — perguntei.

— Não! Já estava quase escuro quando ouvi a confusão na rua. Quando cheguei ao local, mal lhe conseguia ver a cara; mas bati-lhe como gente grande, podes crer.

— Bem, Bill — disse eu —, não precisas de te preocupar mais com isso; porque eu sou o rapaz a quem magoaste, mas não te guardo rancor nenhum!

— Tu! — gritou ele, cheio de surpresa — tu és aquele rapaz a quem eu dei uma tareia de todo o tamanho...

— Não digas asneiras, Bill! Sim, sou esse mesmo rapaz do campo. Mas diz-me, porque é que isso te deixa tão arrependido, Bill?

— Ora bem — ah! ah! — Por todos os santinhos, se isto não é a coisa mais engraçada de sempre! Sabes, o motivo por que não me senti bem com aquilo foi porque tu não te zangaste nem tentaste revidar! Se ao menos tivesses feito algo do género, eu teria ficado em paz comigo. Mas não o fizeste; e mais ainda, nem sequer pareceste zangado comigo — só choraste e ficaste destroçado por estares ferido daquela maneira...

— Não fales mais nisso, Bill — disse eu com afeto —, agora já não me dói, por isso qual é o sentido?

— Bem — disse ele, levantando-se para regressarmos à aldeia — desde essa noite só dei dois murros por baixo da quinta costela, e mesmo assim porque fui desafiado mais de uma vez. Agora escuta — continuou —, vou arranjar uns tempinhos livres na oficina e fazer-te um belo trenó para o próximo Inverno.

Assegurei-lhe sinceramente que não me devia nada, mas que o trenó seria um presente valioso. Cumpriu a promessa em breve, e durante vários anos conservei esse símbolo cuidadosamente construído de uma amizade duradoura. E assim, caro leitor, na prática do autocontrolo e da não-resistência, vislumbramos o desfecho de uma moral impressionante e salutar. Se eu tivesse respondido com violência, ou sequer demonstrado disposição para me opor fisicamente ao meu agressor, teria ele sido tão profundamente tocado? Teria o remorso penetrado e lutado na sua alma? Penso que não. A bela lição desta história faz-me lembrar a assertiva vigorosa do poeta:
"Se os homens, em vez de alimentar o orgulho,
Aprendessem a odiá-lo e abominá-lo;
Se mais confiassem
No Amor como guia —
O mundo seria melhor por isso!"

CAPÍTULO XXIV

UM CASO CURIOSO DE FEITIÇARIA

"As nossas superstições entrelaçam-se,
Cada uma à seguinte, até tecerem
Uma linha que, por todas as fases,
Se estende da infância até à velhice,
Ligando a primavera ao verão,
E acorrentando juventude e anos maduros."

A exclusão do álcool da nossa casa foi rapidamente seguida por evidentes sinais de prosperidade doméstica. Um passo em direção ao conforto e ao luxo foi a compra de alcatifa de trapos suficiente para cobrir metade do chão da sala principal; outro, um novo xaile de dois dólares e um bonito vestido de chita para a mãe; outro ainda, um gorro quente e umas calças de sarja para mim; mas o melhor de tudo foi a aquisição e pagamento de uma bela vaca, cujo leite branco como a neve jorrava diariamente com abundância e sem esforço. A minha mãe parecia ter um carinho natural por este valioso animal, e sentia um verdadeiro orgulho em preparar manteiga para vender e em comercializar o leite extra que obtínhamos.

Durante várias semanas tudo correu às mil maravilhas, salvo um pequeno detalhe que entristecia a minha mãe e a levou a sonhar com um desses presságios de desgraça iminente. Esse detalhe era: o evidente ciúme dos nossos vizinhos, do poço dos quais retirávamos toda a nossa água pura e fresca. Estes vizinhos também tinham uma vaca, menos bonita e menos generosa que a nossa; também faziam manteiga para vender, e também forneciam leite pela manhã a alguns habitantes.

Mas a nossa manteiga era a mais doce, o nosso leite o mais cremoso, e, como era de esperar, os nossos clientes eram os mais numerosos, e a nossa bolsinha de meias recebia com mais frequência acréscimos do sujo vil metal. Ambas as vacas pastavam no mesmo prado; e era muitas vezes meu dever — e prazer — conduzi-las, isto é, o nosso nobre animal e a "criatura" apenas razoável dos vizinhos, de e para o campo todas as manhãs e noites. Mas o monstro de olhos verdes, o ciúme, depressa gerou uma amarga e silenciosa rivalidade; e, como consequência, a vaca rival passou a ser conduzida por um membro da família oposta.

Durante quatro semanas, as coisas mantiveram-se neste estado insatisfatório, durante as quais nenhuma mulher sofreu mais com a "vacinação" (figurado) do que a minha pacífica e inofensiva mãe. "Ela não tinha culpa se a nossa vaca era a mais bonita! Nem nós éramos culpados se

ela dava mais leite e produzia a melhor manteiga!" Em suma, éramos completamente inocentes — não acham, caros leitores?

As circunstâncias, no entanto, tornavam-se cada dia mais complicadas e críticas. De facto, uma verdadeira crise ocorreu no nosso curral, que quase confirmou o presságio do sonho da minha mãe! Numa certa noite, a nossa fiel quadrúpede recusou-se a deixar sair uma gota de leite! A mãe tentou tudo. Saltou a cerca, apanhou um molho de trevo fresco e colocou-o diante do animal doméstico, mas este não demonstrou a mínima gratidão no seu "caminho lácteo".

Todos os esforços foram adiados por uma hora; depois retomados, sem sucesso; e, por fim, abandonados. Na manhã seguinte, os nossos clientes habituais vieram, mas a resposta foi: "A nossa vaca não dá leite." Levei-a ao pasto como de costume, onde permaneceu até ser trazida de volta à noite — e o mesmo facto preocupante repetiu-se. Nem uma gota da doce bebida foi possível obter!

Entretanto, a família rival obtinha leite (tal como era!) da sua vaca, e nós tínhamos de assistir, humilhados, aos nossos fregueses a irem comprá-lo a eles. Na manhã seguinte, a ordenha falhou novamente; e da tentativa à noite a minha mãe regressou igualmente derrotada.

Diferentes pessoas apresentaram diferentes teorias para explicar o caso. Um disse que a vaca sofria de uma inflamação nos cornos; outro, que uma cobra tinha bebido o leite durante o dia; outro ainda, que ela engolira o boliço; outro, que tinha um lobo na cauda; outro, que havia uma contração espasmódica nos músculos do úbere. Mas cada uma dessas hipóteses foi triunfalmente refutada por cada curioso que, por sua vez, fez o seu próprio exame e aplicou o seu remédio experimental.

Os cornos da criatura foram considerados em perfeito estado. A teoria da cobra não resistia ao facto de que, de dia para dia, a bolsa de leite estava visivelmente inchada e dolorosamente distendida pela secreção acumulada. A explicação do boliço perdeu a validade quando se confirmou que este estava na boca da vaca. O homem que teimosamente insistia na teoria do "lobo na cauda" foi calado ao verificar que o apêndice caudal da criatura estava são e funcional; e, por fim, a hipótese da contração muscular foi igualmente desmentida ao baixar-se mecanicamente o dorso do animal, enquanto se tentava ordenhá-lo.

Nenhum progresso foi feito em direção a uma explicação satisfatória do caso. Mas havia uma pessoa cuja opinião firme permanecia não expressa: a minha mãe. A sua confiança no sobrenatural, como já disse antes, nunca tinha

sido abalada nem perturbada. A superstição parecia ser um complemento inevitável das suas genuínas experiências espirituais. O tique-taque de um inseto inofensivo no teto do quarto, o uivar de um cão nervoso à meia-noite, a corrida de um gato preto estranho pela casa, o toque de um relógio semanas depois de ter deixado de marcar as horas, o estalar súbito de um espelho — qualquer som incomum ou visão inexplicável — eram sinais de mudanças iminentes ou calamidades nos assuntos domésticos.

E, por mais estranho que pareça, várias dessas ocorrências misteriosas tinham acontecido ao longo dos meses de verão na nossa pequena casa! Por outras palavras, a minha mãe acreditava em amuletos, possessão, feitiçaria e bruxaria. Admitia a possibilidade da chamada Arte Negra. Não duvidava do poder de certas pessoas para impedir que a nata se transformasse em manteiga na leitaria de um vizinho, ou para causar a transformação da forma de um ser vivo noutra qualquer. E, ainda assim, raramente falava sobre essas coisas. Das minhas primeiras memórias, recordo apenas uma das suas histórias, sobre velhas curiosas que:

"Andavam pelos campos, de cá para lá,
Enfeitiçavam os filhos dos camponeses;
Secavam vacas, aleijavam veados,
E sugavam ovos, e matavam faisões."

Durante quatro manhãs e quatro noites, a minha mãe, auxiliada por vários experimentadores, tentou obter leite da nossa meiga e bonita vaca. Então, sem hesitação, exclamou:
— Aquela pobre criatura está possuída!

— O que queres dizer, mãe? — perguntei.
— Quero dizer — respondeu ela, baixando a voz até um sussurro — que a nossa pobre vaca está enfeitiçada.

— Bah! — exclamou o pai, que acabava de chegar da oficina — não acredito nessas tretas!

Mas a minha mãe não se deixou abalar, e enfrentou o ceticismo caseiro com a mesma coragem com que o Cristão de Bunyan enfrentou o Apolião no vale sombrio, e respondeu:
— Nada mais pode fazer aquela pobre criatura agir como age.

— Agir como? — perguntou o pai.

— Vem ver com os teus próprios olhos — respondeu ela com confiança, pegando no balde do leite. Todos a seguimos e vimos, com espanto, que mal a mãe tentava ordenhá-la, o animal, que até ali estava calmo, era tomado por

uma espécie de frenesi, um autêntico bailado de bruxa! Sim, leitor incrédulo! Testemunho apenas o que vi com os meus próprios olhos.

A pobre besta erguia as patas rápida e alternadamente, num movimento oscilante, como se impelida por um músico demoníaco invisível, enquanto os olhos pareciam brasas que quase a queimariam por dentro. E, para agravar ainda mais o caso, quando nos voltámos para regressar a casa, os nossos olhos cruzaram-se com os dos vizinhos da oposição! Pareciam divertidos, e até vitoriosos, diante das tropelias da vaca e da nossa desgraça mútua.

A opinião da mãe (ou crença) tornou-se de imediato contagiosa. Cada um de nós partilhou as suas suspeitas sobre quem teria lançado um feitiço infernal sobre o inocente animal. No meio da deliberação familiar, perguntei se as bruxas não seriam como o Pai Natal e os fantasmas que o Dave dizia ter visto; mas a minha pergunta de nada valeu perante a ansiedade crescente da mãe por "perder a pobrezinha".

Após uma deliberação semi-séria, ficou resolvido por unanimidade que o pai devia ir em busca de um sétimo filho. Assim fez; e, por fim, o mestre bruxo chegou. O seu exame solene à vaca foi breve e misterioso. Primeiro, apalpou-lhe o nariz, depois pressionou-lhe o lado com o polegar, e, por fim — numa lógica muito própria — torceu-lhe um pouco a cauda e declarou:
— O que aflige esta criatura é mais do que posso dizer esta noite.

Mas a sua prescrição de teste, e as instruções para quebrar o encantamento no campo onde a vaca pastava, lembro-me bem. Eram tão notáveis que, dadas as circunstâncias, penso ser desculpável registá-las:

— Vigie e apanhe cerca de um litro da urina do animal — ponha-a numa panela de ferro com nove agulhas de costura bem afiadas — e, enquanto estiver a ferver, repare em quem vem à sua porta! Entretanto, deve tirar alguns pêlos das orelhas, testa e cauda da vaca — furar uma árvore no prado — meter lá os pêlos e selar o buraco.

Dito isto, o misterioso sétimo filho — com uma impressionante combinação de proporções físicas e feições de feiticeiro — partiu, prometendo regressar na manhã seguinte.

O pai tratou logo do assunto do prado; e depois, com toda a vigilância louvável, revezámo-nos à espera do ingrediente principal da maravilhosa receita. Quando obtido, a panela foi cuidadosamente colocada sobre a fogueira já preparada. E que fogueira! Parecia decidida a cumprir a sua missão. Não estava confinada num fogão negro, fechado, idiota (como a maioria), nem era alimentada por algum aparato subterrâneo (o que nos faz

imaginar como se mantém o Inferno aquecido); não, senhor! Aquela fogueira ardia alegre e vivamente no seu sítio devido, na lareira à moda antiga, lançando a sua luz brilhante sobre os nossos rostos reverentes. "O fogo de lenha", disse Cornelius Agrippa, "afasta os espíritos sombrios." Se tal afirmação é verdadeira ou falsa, não sabíamos então, pois nenhum de nós ouvira tal coisa; mas parecia haver inteligência no comportamento daquela chama, que nos deu uma espécie de coragem e confiança a cada membro do nosso triângulo doméstico.

Neste ponto crítico, não me deterei a descrever os pensamentos aterradores que nos invadiram durante aquela temível invocação! Estávamos meio divertidos, meio aterrados. A receita do mágico estava, sem dúvida, a ser aplicada pelo ar a alguém! Mas a quem? Lá estava o fluido de prova do grande feiticeiro — borbulhante, a ferver, a salpicar, diante dos nossos olhos espantados! Era uma convocatória temível e irresistível — bem mais certa do que se fosse entregue por um oficial de justiça. Sim, naquela panela víamos o mestre-feitiço que faria uma de duas coisas: ou quebraria e removeria o encantamento subtil que afetava a nossa vaca, ou traria a bruxa (ou bruxo) maliciosa até à nossa porta! E, nesse caso, de onde viria tal feiticeira? E como viajaria? Talvez fosse um monstro hediondo — uma criatura escura, fantasmagórica, demoníaca — que,

"Sobre charcos, por escarpas, através de trilhos,
densos ou rarefeitos,
Com cabeça, mãos, asas ou pés,
segue o seu caminho,
E nada, ou afunda, ou caminha, ou rasteja, ou voa."

O que aconteceria, ou como aconteceria, era ainda um mistério puramente especulativo. Mas a fervura e borbulha continuavam. De tempos a tempos, uma agulha (havia nove na panela) subia à superfície — girava e flutuava sobre uma bolha enfeitiçada durante um instante — e depois mergulhava no sedimento acumulado no fundo. Seria aquilo estranho? A mãe foi a primeira a reparar; e depois, todos nós ficámos atentos à próxima agulha.

— Escutem! — exclamou Eliza — o que é esse bater à porta?

Ouvimos, e escutámos distintamente umas batidas suaves à porta da cozinha.

— Quem vai abrir? — perguntou Eliza — essa é que é a questão!

A noite tornara-se muito escura, e a nossa atividade tornava essa escuridão quase palpável. De vez em quando, enquanto fervia o líquido, a nossa vaca andava de um lado para o outro e mugia no pátio, bem junto à casa! Sim, caro leitor, tínhamos a poção de desencantamento ao lume, quando ouvimos aquelas batidas na porta. Como poderíamos então receber uma visita? Mas o sétimo filho dissera: "Vejam quem virá à vossa porta." Para cumprir as instruções, alguém teria de ir ver quem era! Isso não exigia alguma coragem?

Pois bem, o corajoso sapateiro não se deixava assustar "com tais disparates" e avançou decidido para receber o estranho. O que se seguiu? Nada de alarmante; apenas uma senhora idosa, recém-chegada como inquilina da família que possuía a vaca rival; e nada mais.

— Que deseja? — perguntou o meu pai, com amabilidade.

— Apenas queria pedir uma colherzinha de sal — respondeu ela, trémula — devolvo amanhã.

— Oh, com certeza — disse a mãe, com a sua habitual prontidão para ajudar um vizinho; e, quase esquecendo todas as suas suspeitas, colocou o sal na chávena da velha e disse com um sorriso — Pode levar, é de boa vontade.

Entretanto, a invocação terminara! O líquido maravilhoso evaporara-se; e as nove agulhas, com os seus bons olhos, continuavam tão aguçadas como sempre. Por isso, sem mais experiências nem controvérsias, retirámo-nos para dormir, entristecidos pelo sofrimento da nossa companheira doméstica, mas a rir-nos também da ideia absurda de que a inofensiva e sempre bem-comportada velha pudesse ser a bruxa que procurávamos exorcizar. E, no entanto, era tudo tão estranho!

Logo após o pequeno-almoço, na manhã seguinte, o desencantador apareceu e perguntou:
— Então, o que fizeram?

— Fiz como disseste, exatamente — respondeu a mãe. — Mas não aconteceu nada.

— Ninguém apareceu durante a fervura? — quis saber o sétimo filho.

A mãe contou-lhe então o que se passara, ao que ele respondeu prontamente:
— Não deviam ter dado o sal!

Quem pode imaginar a nossa confusão — quase consternação — ao ver o homem repreender a mãe pela sua imprudência.
— Valha-me Deus! — exclamou ela, pensando certamente que colocara, sem querer, a vantagem do lado dos nossos vizinhos rivais. Eles voltavam a estar por cima, e nós voltávamos a ser as vítimas!

A mãe pegou no balde e foi tentar ordenhar novamente. Saiu um pequeno fio de leite, mas com menos esperança; pois a secreção láctea vinha misturada, de forma repugnante, com sangue e muco.

Tendo confirmado que o sal fora dado à velha, o feiticeiro, confiando na reputação que tinha, acompanhou a mãe até ao quintal e iniciou um exame mais cuidadoso do verdadeiro estado da vaca; enquanto eu me ocupava a observar as mudanças no seu rosto. Num momento estava solenemente ridículo; no seguinte, cheio de rugas e vincos; depois, cada músculo parecia torcido de um lado e esticado do outro; até que, por fim, com uma voz rouca e áspera, própria da ausência de inteligência real, disse:
— Esta vaca está doente; e, na minha opinião, mais vale engordá-la para o mercado.

— Doente!? — exclamou a mãe — mas onde está ela doente, coitada?

— Esta criatura tem inflamação nos cornos — respondeu o homem — e um lobo na cauda. Sem dúvida, minha senhora — é exatamente isso que ela tem.

— O quê!? As duas doenças ao mesmo tempo? — murmurou o pai, incrédulo. — Duvido muito disso.

— Eu convenço-o — respondeu o bruxo com confiança — se me deixarem furar-lhe os cornos e cortar-lhe a cauda.

Este teste, mais racional, foi aceite, e foram-lhe fornecidos uma broca e uma faca. O "médico de vacas" (antes caçador de bruxas) não demorou a demonstrar a veracidade das suas últimas afirmações. E assim, como o ato mais piedoso possível, o pobre animal foi sacrificado por um golpe certeiro de um braço experiente.

Vemos, assim, quanto sofrimento teria sido evitado a esta humilde família se um pouco de conhecimento científico tivesse sido aplicado logo de início — como certamente o teria sido para centenas de outras, ainda hoje obscurecidas e quase enlouquecidas por superstições vulgares. Os movimentos frenéticos da pobre besta, com aquelas duas doenças até então desconhecidas, eram perfeitamente naturais — tal como o eram as coincidências peculiares que interpretámos como sinais sobrenaturais.

Os efeitos nefastos desta superstição não desapareceram durante vários meses. Recordo-me bem de quão envergonhada a mãe ficou — de como todos nos sentimos tolos e arrependidos — pela injustiça e pelo disparate da acusação. Conseguimos manter em segredo os eventos daquela noite de invocação. Na verdade, procurámos enterrar toda a experiência no túmulo do esquecimento. Mas os vizinhos rivais, com a vaca rival, não deixaram de alimentar alguma tendência para a antagonização, até que o pároco residente (da Igreja Reformada Holandesa) foi chamado para exercer o poder do seu prestígio sobre eles.

A perda daquela valiosa fonte de leite rico e manteiga doce foi um golpe duro para uma família em dificuldades; mas, graças ao sapateiro temperante, depressa adquirimos outra vaca — e outros sinais de prosperidade doméstica.

CAPÍTULO XXV

OUTROS EPISÓDIOS NESTA HISTÓRIA

Por essa altura, um comerciante israelita visitou a nossa aldeia com a intenção declarada de abrir uma "filial" de loja de fazendas, mercearias e um sortido geral de artigos úteis — variando, com delicadas gradações, desde um estojo de harpas-de-judeu até um fardo de sedas brocadas, desde um carrinho de brinquedo até peças de vidro e porcelana da mais bela qualidade.

Não tendo nada que fazer (que era a única coisa que eu conseguia fazer sem estragar), procurei tornar-me o mais útil possível, ajudando o empregado a abrir e dispor os artigos no edifício que o comerciante arrendara. Este simpático cavalheiro, agradado com o meu desempenho voluntário, contratou-me por alguns xelins por semana para continuar a ajudar o jovem a quem confiara o negócio.

Durante o desembalar, arrumar e classificar dos produtos, fui considerado um subordinado e colaborador satisfatório. Mas, quando os clientes começaram a perguntar os preços de certos artigos, foi aí que despenquei da minha posição de destaque até ao nível comum daqueles cuja educação fora negligenciada. As minhas faculdades de cálculo eram extremamente limitadas. Não conseguia somar nem sequer uma lista curta de preços. E a minha incapacidade tornava-se ainda mais evidente quando era preciso subtrair ou multiplicar frações de dólar na conta de um cliente.

Também não conseguia dar o nome correto a nenhum artigo mais invulgar. A juntar a isso, tinha uma visível falta de vivacidade e graça — aliás, um hábito desajeitado e trapalhão de dizer e fazer as coisas — e é fácil imaginar que fui despedido dessa loja. No entanto, antes de sair, o meu espírito libertou-se de um preconceito inevitável que, inconscientemente, tinha absorvido em relação aos judeus. Enquanto a loja era organizada, ouvia muitas vezes, ao ir e vir das refeições, expressões como: "Um judeu engana-te até aos olhos!" "Os israelitas estão sob a maldição de Deus." "Eu não confiava num judeu nem com tijolos," etc., etc.

No entanto, durante várias semanas de observação constante e convivência com este empregado judeu, nunca ouvi a mais leve sugestão de desonestidade, nem jamais recebi qualquer instrução para enganar um comprador quanto à verdadeira qualidade ou ao preço real de qualquer artigo à venda. Não posso, porém, dar testemunho igualmente favorável sobre vários daqueles que troçavam e escarneciam do cortês comerciante hebreu.

— O que fazer com este rapaz, não sei! — disse o pai, franzindo o sobrolho com impaciência, quando lhe expliquei por que motivo o dono da loja não quisera manter-me.

— Ora, o rapaz precisa é de mais escola — respondeu a mãe, encorajadora. — Nunca há de aguentar num emprego numa loja se não souber fazer contas, sabes bem.

Este raciocínio era sensato e, em conformidade, fui mandado de novo para a escola. Quando a simpática professora, uma senhora, me perguntou a idade, respondi:
— No meu décimo segundo ano.

À pergunta sobre quanto tempo tinha frequentado alguma escola, disse:
— Só algumas semanas em Union Corners.

Quando quis saber ao certo em que ponto estava nos estudos, respondi:
— No fim da turma de ortografia.

Ela quis saber o que já tinha aprendido, e respondi:
— No livro de ortografia cheguei até "padeiro", e na geografia passei todas as imagens.

Então, deu-me uma lição no *English Reader*, que, após dois dias de esforço ortográfico, consegui decorar para sua satisfação. Depois disso, fui colocado em estudos elementares e fiz algum progresso duradouro na escalada da útil colina do conhecimento.

Na primavera de 1838, já tinha ultrapassado as partes mais simples da tabuada, mas encontrava sempre grandes dificuldades quando chegava ao "nove vezes nove". Em aritmética, percorri todos os problemas de adição simples e composta. Na ortografia de palavras com até três sílabas, tive bastantes contrariedades. Na escrita, fiz progressos visíveis. Sabia — e de facto descrevia — ganchos e suportes conforme os exemplos da professora. Na turma de ortografia havia cerca de uma dúzia de crianças, bastante mais novas e pequenas do que eu; no entanto, devo confessar que, durante a maior parte do tempo, nunca fiquei a mais de dez ou onze lugares do topo da turma! Contando os dias de ausência, creio que a totalidade da minha permanência nessa escola não terá ultrapassado as seis semanas.

Saí da escola cabisbaixo, sem qualquer promoção adequada à minha idade. Nem uma coroa de louros brilhava sobre a minha testa febril. As correntes da ignorância interior pareciam prender a minha alma à terra. O pé de uma grande montanha parecia descansar sobre o meu pescoço juvenil. A minha cabeça desolada não ostentava o capuz de nenhuma glória. O carro do Tempo passou veloz, levando os meus alegres colegas, deixando-me a chorar na Estação do Tolo.

Os bons alunos pareciam aproveitar cada oportunidade dourada sem hesitar; enquanto eu, disposto a vestir a armadura de um conquistador, negligenciava sempre o impulso do momento. As asas da manhã nunca me ofereciam uma pena para benefício caligráfico. E os meus estudos não singravam nos ventos da adversidade como os dos outros rapazes. E assim, fiquei desalentado.

Na primavera desse ano, comecei a sentir sintomas de uma doença hepática e gástrica. Uma febre biliosa queimava-me a testa, e o estômago rejeitava toda forma de alimento. Adoeci rapidamente, o que já era infortúnio suficiente; mas logo surgiu outro: um médico alopata. Durante vários dias e noites, o pouco de natureza robusta que ainda havia em mim lutou

corajosamente e sem cessar. Apesar das sanguessugas e do lancete, apesar dos venenos subtis e do assassino calomelano, venci a batalha e senti-me vitorioso!

Mas o meu corpo, já antes debilitado, saiu ainda mais abalado. Trazia marcas de violência. O braço estava enfraquecido por uma ferida do "inimigo". O belo presente que havia recebido da Mãe-Natureza — um conjunto de dentes puros e perolados — estava agora manchado, rachado, aberto ao avanço do General Decomposição, cujo chefe de operações é chamado de Dores de Dente, e cujos julgamentos são conduzidos pelo Juiz-Carrasco e por outras pequenas ferramentas de tortura. A minha língua jazia silenciosa no campo de batalha — quase morta — cheia de cortes e poros a sangrar, feitos pelas lanças e lanças do valente Cavaleiro da Cruz, conhecido mundialmente como Sir Calomel. As mãos estavam gastas e trémulas; os joelhos tremiam à menor tentativa de movimento; os pés não obedeciam à cabeça, o seu mestre; mas, no meio de tudo, o meu espírito interior era mais forte do que antes.

— O seu filho não deve beber água fria, minha senhora — disse o médico visitante à minha solícita mãe. — O estado dele é muito crítico. O mais pequeno arrepio neste estágio de salivação pode pôr-lhe a vida em risco.

O leitor atento já sabe do meu profundo temor da morte. A ideia de deixar de respirar — de fechar os olhos para sempre — de ser posto num caixão — de estar confinado debaixo da terra — era indescritivelmente horrível. E, no entanto, apesar desse pavor e do aviso do médico, parecia ouvir algo a sussurrar:
"Podes beber a água doce das árvores de bordo."

Ao início pensei tratar-se de um delírio febril; uma sugestão da minha sede ardente; um pressentimento vindo do fogo líquido que me corria nas veias. Mas foi sussurrado duas vezes entre o meio-dia e o entardecer. O sopro daquela voz foi como uma lufada de alívio. E não consegui mais conter-me. A voz era como um pensamento — muito suave, clara, doce, sonhadora, influente. Sem mais hesitar, contei à mãe tudo o que ouvira naquele suposto sonho — e insisti que, logo ao amanhecer seguinte, teria de beber a seiva dos bordos-açucareiros. Ela acreditou em mim, acarinhou o meu pedido, e recolheu de árvores entalhadas um balde cheio das suas gotas.

Bebi livre e destemidamente — sim, com total fé — aquela água refrescante! E o que aconteceu depois? Uma recuperação verdadeira; e, em poucas semanas, saúde física e esperança restauradas.

Pouco depois do fim dessa doença, consegui uma colocação na casa de W. W. Woodworth, advogado de reconhecida competência e vasta reputação. Era, creio eu, amplamente respeitado pelo refinamento e democraticidade da sua hospitalidade; e também pelo porte digno e capacidade jurídica, sempre que os seus talentos eram chamados ao serviço público. Ascendeu de conselheiro jurídico privado a juiz, e foi mais tarde eleito para o Congresso Nacional.

Este bondoso cavalheiro, sabendo que a nossa família passava por algumas dificuldades, interessou-se pelo nosso bem-estar e confiou-me a responsabilidade de porteiro na sua residência. Esforcei-me por servi-lo com fidelidade e integridade. Mas a minha inapetência e desajeito natural — cada dedo tão rígido como um polegar, e cada pé tão tosco como o de um camponês — depressa fizeram de mim um candidato impopular para essa profissão honrosa.

No entanto, essas limitações pessoais não afetaram a amizade do advogado. Ele era agente da família aristocrática e da viúva do Dr. Hossack; e, por esse meio, fui transferido da sua casa para a grande quinta deles, a norte da aldeia. A minha principal ocupação ali era de pastor — ou vigia e guardador de cerca de setenta cabeças de gado que pastavam no belo parque que envolvia os jardins hortícolas e a magnífica mansão da viúva.

Se houvesse espaço, digrediria aqui o suficiente para descrever a esplêndida paisagem que se estende diante dos olhos do espectador ao contemplar o Hudson a partir das colinas a oeste da encantadora residência campestre da senhora. É variada e bela em todas as direções. A minha imaginação ainda hoje se deleita com os encantos daquela experiência pastoral tão bem recordada; mas, enquanto a vivia, não encontrei nela nada de memorável — salvo a visão da minha pontual mãe, todas as manhãs, a atravessar a erva molhada e ondulante, com um balde de lata com o meu pequeno-almoço, e palavras de ânimo que, de tempos a tempos, jorravam do fundo do seu coração para o meu.

Todas as famílias abastadas e aristocráticas que viviam em tal magnificência principesca ao longo das românticas margens do Hudson "prestavam culto" na igreja episcopal, da qual o reverendo Sr. Sherwood era o estimado e estabelecido pastor. A família do juiz Woodworth curvava-se perante esse altar; e eu, estando ao seu serviço, ia buscar o mesmo "alimento espiritual" ao mesmo lugar.

Uma senhora muito devota, discreta e de modos sempre corretos, demonstrou verdadeiro interesse pelos meus exercícios dominicais. Deu-me uma lição para decorar e emprestou-me um livro da escola dominical

ilustrado com muitas imagens. Com perseverança constante, decorei, tanto quanto julgava, as respostas do catecismo e, no domingo seguinte, apresentei-me no local devido, com o estado de espírito apropriado, para as recitar à senhora competente.

— Quem te criou? — perguntou a devota e meticulosa senhora.
— Deus — respondi, interiormente aliviado por não me ter esquecido do nome cristão do meu Criador.

— Quem te redimiu? — perguntou ela suavemente.
O significado da palavra "redimir" habitava algo vagamente no meu cérebro, e por um momento esqueci-me da resposta escrita; mas, reunindo depressa os pensamentos, respondi:
— Cristo.
Fiquei feliz por ela não me ter perguntado exatamente quando é que a minha redenção tinha ocorrido! Se o tivesse feito, sentia que a minha memória me teria falhado.

— Quem te santificou? — inquiriu então.

— O Espírito Santo — respondi prontamente.

— Em que acreditas?
— Eu... eu creio — disse eu, corando com um súbito receio de que a memória me não aguentasse até ao fim — eu creio... em... Deus Pai, todo-poderoso, Criador do céu e da terra; e em... Jesus Cristo, seu único Filho nosso Senhor, que foi concebido pelo Espírito Santo, nascido da... da... nascido da... da...

— Não te lembras da tua lição? — perguntou a professora, com uma expressão de censura e surpresa.

— Não, senhora — disse eu — não tenho boa memória.

Ela pensou um momento, e depois perguntou:
— Mas sabias tudo de cor antes de vires para aqui?

— Oh, sim, senhora — respondi — estava tudo na minha cabeça antes de hoje. Mas quando cheguei àquela palavra "Espírito", perdi-me a pensar noutra coisa que aconteceu antes disto.

— E em que é que essa palavra te fez pensar? — perguntou ela, com um olhar de paciência sobrecarregada.

— Oh, não foi nada de especial, senhora — respondi com apreensão, corando até às têmporas. — Mas — continuei, gaguejando — essa palavra

fez-me lembrar de um espantalho que um rapaz chamado Dave viu uma vez lá para Staatsburgh. Sim, senhora — foi mesmo nisso que pensei! Esqueci-me da lição porque comecei a pensar se um espírito era a mesma coisa que o outro.

Ao ouvir isto, a digna e santificada professora mordeu os lábios — lutando para conter uma gargalhada profana que subia do seu íntimo; mas, logo depois, recuperando toda a sua habitual gravidade e compostura, deu-me uma das mais severas reprimendas pela forma irreverente como tratei assuntos sagrados. Contudo, considerei que ela não compreendeu, de todo, a natureza e dimensão da minha dificuldade; e, por isso, o único efeito da repreensão foi o de me fazer virar a minha inclinação religiosa — ou preconceito — para a Igreja Reformada Holandesa, à qual a minha mãe, séria e espiritualmente convicta, recentemente se juntara e da qual era uma fervorosa defensora.

Durante todo aquele outono, acompanhei os meus pais com alegria, todos os domingos de manhã, à igreja da aldeia. Havia ali menos exclusivismo. Quanto à piedade prática, porém, não notei grande diferença entre os fiéis das duas instituições. Mas a sombra espectral daquela igreja permanece na minha memória até hoje! O campanário erguia-se alto e santificado. As reverberações do sino a tocar vibravam no ar quieto do domingo, ou soavam com entoações morais nos ventos noturnos, que suspiravam nas casas da aldeia e depois morriam entre as colinas distantes. No cemitério, via-se um túmulo, marcado por duas pedras rudes, a lembrar-me que o rosto da Julia Ann um dia sorriu para mim. Muitas vezes vi a minha mãe entristecida pelas palavras do pregador, e a regressar a casa pensativa, com ideias de perdição e morte a rodarem-lhe na cabeça.

Por pura simpatia filial, comecei a acreditar em tudo o que o ministro dizia ao domingo. É certo que compreendia pouco ou nada do que ele ensinava; mas tinha a certeza angustiante de que havia algo terrível em estar vivo — e ainda mais em estar morto. Muitas noites encolhi-me na cama, todo dobrado e desconfortável, com medo de que algo acontecesse à nossa família antes do amanhecer.

Regularmente frequentava essa igreja reformada, estudava as lições do seu catecismo e, com a minha habitual franqueza, dizia o que pensava. Os atributos eternos com que os calvinistas adornavam o seu Deus tornaram-se algo familiares ao meu entendimento. A doutrina da eleição e reprovação foi um dia explicada com clareza à turma da escola dominical, onde eu era um membro algo calado. Ouvi com ansiedade, misturada com confusão. Mais tarde, um cavalheiro idoso, profundamente devoto à divulgação dessas doutrinas essenciais, fez uma exposição breve sobre o momento crucial da

“eleição”. A meu pedido, repetiu a sua teoria sobre os desígnios de Deus para com os homens.

A minha mente não conseguiu absorver tal profundidade. Os outros alunos afirmaram compreender e acreditar em tudo, e, como de costume, começaram a dar-me aquelas cutucadelas trocistas que me diziam, sem palavras, que eu era meio tolo. Eu achava que conseguia entender teologia tão bem quanto eles, mas pareciam pensar o contrário. O professor de cabelos prateados, embora algo inclinado a partilhar essa opinião, insistia com empenho e zelo em explicar o tema sagrado, até que eu, confuso, me vi a acreditar ainda menos do que antes.

Um dia, ganhei coragem e interroguei:
— Tio Isaac, o senhor disse que Deus é Amor, não disse?

— Sim, meu filho — respondeu ele com um sorriso — disse.

— E não disse também que Deus é sábio?

— Certamente, meu pequeno — respondeu o velho — Deus tem tanto Amor como Sabedoria. Um tanto quanto o outro!

— Então, diz-me que devo ser muito bom e amar e obedecer aos meus pais, senão Deus manda-me para o inferno para sempre?

— Sim, as Escrituras dizem isso claramente.

— Bem, Tio Isaac — disse eu — deixe-me dizer-lhe porque é que eu não consigo meter essa crença na cabeça como o Bill, o Joe ou o Tommy.

— Diz lá, meu filho — encorajou o venerável professor.

— Parece-me — disse eu — que, se Deus é todo-sábio, ele já sabia antes de eu nascer se eu ia para o céu ou para o inferno.

— Pois, é verdade — interrompeu o velho, preocupado — mas ele... veja bem... Deus, na sua grande sabedoria e misericórdia, abriu um caminho estreito e apertado para todos — para quase todos — para alguns — se salvarem, desde que queiram entrar por ele.

— Mas isso não é o que quero saber, Tio Isaac — respondi. — O que quero saber é isto: poderia um Deus de Amor, sabendo com certeza que eu seria infeliz depois de morrer, criar-me mesmo assim? Sim, Tio Isaac, é isso que quero saber. Fico a pensar que um Deus de Amor e Sabedoria é bom demais para criar alguém destinado a sofrer no inferno para sempre.

— Oh, meu filho! — exclamou o professor, visivelmente espantado e alarmado. — Não deves falar assim com quem leu as Escrituras. Os caminhos de Deus, meu filho, são insondáveis. Os corações dos homens são naturalmente corrompidos, sabes; a razão deles é carnal e, seguramente, ilusória. O Maligno tenta os homens — e temo que esteja a tentar-te a ti — a ter tais pensamentos e dúvidas sobre os caminhos de Deus.

Este aviso impressionante foi, substancialmente, a última lição que recebi numa escola dominical. Fiquei profundamente marcado pela gravidade do meu atrevimento ao discutir com um homem cujos símbolos de sabedoria flutuavam, como um véu nevado, em torno da sua testa amadurecida.

Fui imediatamente contar tudo à minha mãe. A sua mente não estava talhada para o exame de questões doutrinais. Mas o santo génio da religião pura habitava no santuário do seu coração — ensinando-lhe que a Bondade é a única felicidade, que a Virtude é a única chave que abre os portões esmeraldinos que conduzem aos jardins do Paraíso — e, assim, nesta minha primeira tribulação teológica, ela não me pôde ajudar. Em vez disso, procurou lavar os tropeços com um dilúvio de lágrimas.

Pouco depois, estando eu a meio da subida da primeira montanha da minha vida, experimentei um súbito e brilhante desenvolvimento de sonambulismo. Este derramava uma clara radiância sobre toda a cama onde eu me deitava e, segundo pensava então, criava uma luz visível, semelhante à aurora boreal. Mas agora sei que o fulgor era um exercício puramente espiritual das minhas próprias faculdades percetivas.

Durante esta experiência anti-sono, que se prolongou durante cerca de três semanas, procurava persistentemente o sossego da solidão durante o dia. Fazia-o através de vários pretextos: obter permissão para caçar no bosque ou pescar arenques junto ao rio. Estas andanças solitárias tornaram-se tão atrativas que, para desconforto da minha mãe, cheguei a passar noites inteiras junto à margem, escutando o lamento incessante das ondas a rebentarem.

Os médicos, creio, consideram geralmente o sonambulismo uma doença. Mas a minha experiência baseava-se sempre em condições de plena saúde. Além disso, eu não era exatamente um sonâmbulo. O meu espírito estava mais lúcido e consciente nessas alturas do que durante o dia; e os meus olhos (não sei se abertos ou fechados) viam as coisas à minha volta com muito mais precisão. Em suma, precisava de passar por um certo processo de sono para me tornar tão desperto e perspicaz como os outros rapazes da minha idade. Numa dessas crises noturnas, levantei-me oito noites seguidas e pintei, numa pequena tela (que já havia preparado, sem saber

porquê), uma paisagem belamente variada, que, depois de concluída, reconheci como uma visão do Jardim do Éden — que me tinha ficado na mente desde a escola dominical episcopal.

Não recordo mais nada na minha história, por vários meses, que tivesse interesse psicológico para o leitor — por isso termino aqui este capítulo e começo o próximo com uma experiência diferente.

CAPÍTULO XXVI
ONDE OUÇO UMA MÚSICA ESTRANHA

Os meus pais tinham ficado conhecidos de dois homens trabalhadores, que eram exemplos tanto na agricultura como na religião; e, sendo práticos, nunca falhavam — tanto quanto eu soube e observei — no cumprimento das suas obrigações, fossem elas de carácter sagrado ou secular. Por esta altura (primavera de 1838), estes amigos estavam associados na cultura dos vastos campos que, como já foi dito, eram conhecidos em muitas léguas em redor como "as Terras dos Hossacks". Soube-se que estes lavradores precisavam de um rapaz forte e ativo para tarefas menores associadas ao cultivo. Assim, como eu não conseguia encher a mente com os saberes fundamentais da escola pública, o meu pai concluiu que, tirando o "forte e ativo", poderia preencher suficientemente a vaga oferecida.

Após a devida negociação, os agricultores chegaram a acordo quanto a comida e vestuário; e, poucos dias depois, já se podia ver-me a semear milho ou a cavar o meu próprio sulco — a suar, a sofrer com dores de cabeça, e a esforçar-me por acompanhar o grupo de trabalhadores hábeis e amigáveis.

Tornei-me bastante jeitoso com a enxada, e assim atribuíram-me dias completos de trabalho. Mas num dia extremamente quente, ao ser deixado sozinho no meio de um campo de milho com cerca de vinte acres, a minha atenção foi subitamente atraída por uma música suave, baixa e melancólica. Parecia vir do espaço acima de mim e tinha a melancolia do vento outonal a suspirar. Estando longe de árvores ou habitações humanas, a origem do som era inexplicável. Era algo que nunca antes ouvira — parecia respirar nas fibras do meu cérebro, sim, através da substância do meu ser interior e do coração palpitante — despertando os sentimentos mais ternos e enchendo a minha jovem mente de simpatia amorosa pelo mundo humano desconhecido.

Até então, nunca tinha sentido grande afeto por estranhos. A ideia de amar alguém que não fosse amado pela minha família, ou de não gostar de pessoas que eram amigas da nossa humilde casa, sempre me parecera algo

antinatural e condenável. Na verdade, as minhas simpatias e antipatias, como acontece com muitos jovens sem instrução, limitavam-se aos laços afetivos familiares. Mas agora, nascia em mim um desejo inexpressável de conhecer e amar tudo o que era humano. Sentia-me erguido, como por milagre, acima dos nevoeiros do egoísmo. Enquanto ouvia, confuso e extasiado com a combinação de alegria e espanto, pareceu-me escutar, descendo como que num raio solar resplandecente, misturando-se de forma indescritível com os acordes eólicos daquela melodia misteriosa, estas palavras:
— "Tu... podes... desejar... viajar."

Sem fôlego e atónito, fiquei apoiado no cabo da enxada, tentando não cair, a ouvir — oh, com que intensidade! — o que mais pudesse chegar até mim naquela música sonhadora do ar envolvente. Mas, antes que me apercebesse, o silêncio opressivo do imenso campo caiu sobre mim, e apenas os objetos familiares ao redor se refletiam no meu olhar maravilhado. Durante três ou quatro dias, o encanto permaneceu em mim. Parava involuntariamente perto do local encantado, esquecia-me do trabalho e ficava entregue ao desejo de ouvir de novo aquela harmonia do ar.

O som agudo da corneta do almoço ressoava por toda a plantação, convocando os diversos trabalhadores para a pausa habitual — eu incluído. Os agricultores associados, como já disse, cultivavam as terras em sociedade. Por isso, as suas famílias ocupavam alas opostas da mesma grande casa rural; e, para dividir despesas, repartiam também os trabalhadores mensais, com estadia incluída. Assim, nos primeiros três dias da semana eu comia com um dos empregadores e nos restantes com o outro — voltando sempre a casa ao sábado à noite e regressando na segunda-feira de manhã.

O mais novo dos dois agricultores era — aos meus olhos — terrivelmente, quase miseravelmente, religioso. Havia uma solenidade e uma preocupação constante no seu olhar, um tom de oração mesmo nas conversas mais simples, e uma espécie de precisão de cemitério na forma como caminhava — o que me impunha um constrangimento constante. Além disso, fazia-me sentir que as exigências sombrias do "domingo" se tinham, por algum acidente tremendo, espalmado sobre o restante tecido da semana — levando todos a pensar que "a religião é a principal preocupação dos mortais cá em baixo."

No entanto, era um homem justo e, à sua maneira, sempre bondoso comigo. Mesmo assim, quando comia à sua mesa — por melhor que fosse a comida — o meu apetite parecia diminuir. Os dentes mastigavam bem, mas, ao engolir, o alimento parecia prender-se a meio caminho. No final do segundo dia, tinha dores de cabeça e o estômago queixava-se de indigestão.

O agricultor mais velho, por outro lado, embora igualmente rigoroso na frequência dos cultos, era muito menos rígido e apresentava um aspeto mais humano e acessível para todos os que com ele conviviam.

Cerca de quatro dias depois do episódio da música misteriosa, estava eu à mesa do mais sisudo dos dois lavradores. Após agradecer a Deus pela carne, batatas e nabos fumegantes diante de nós, e invocar a continuidade da bênção divina, o homem fixou-me o olhar, e senti que algo seria dito para minha "edificação" particular.

— Cavaste uma fileira inteira do campo esta manhã? — perguntou ele.
— Quase — respondi, com um nó na garganta, como se a pequena batata cozida que então tinha na boca tivesse descido antes de tempo.

Reinou um breve silêncio, durante o qual os meus pensamentos voaram de volta ao campo, para calcular quanto trabalho eu realmente tinha feito; mas, em vez disso, só conseguia pensar nos sons deliciosos e nos sussurros misteriosos daquela música tão inexplicável.

— Não podemos empregar rapazes para perderem o tempo — comentou ele solenemente, por fim — nem para ficarem a olhar para os corvos a voar por cima dos milheirais.

Ao ouvir isto, aquele nó na garganta pareceu estender-se para baixo, e produziu no meu estômago a sensação de ter engolido, de repente, metade de tudo o que tinha no prato. O embaraço foi doloroso. Nenhum rapaz desejou mais do que eu encontrar algumas palavras com que se explicar e desculpar; mas arrisco-me a dizer que nunca houve alguém mais pobre no conhecimento das formas mais simples da linguagem.

Saí e fui sentar-me na relva do jardim. "Será possível", pensei, "que ele me viu parado quando devia estar a trabalhar? Falou de corvos! Eu não vi nenhum. Além disso, não creio que qualquer pássaro pudesse produzir o que eu ouvi." Mas a dúvida instalou-se na minha mente: teria sido enganado por alguém ou teria sonhado? Desejando ser considerado tão esperto e útil quanto os outros rapazes, resolvi que, se voltasse a ser deixado sozinho na tarefa, não desperdiçaria o tempo que pertencia justamente aos meus estimados empregadores. E, de facto, não deixava de sentir certo receio de que o rumor da minha ociosidade chegasse aos ouvidos do meu pai e me fizesse cair de novo sob o seu amparo e esforço.

Passemos agora um intervalo de vários meses. No Inverno de 1839, foi decidido, por iniciativa dos meus pais, que eu deveria frequentar a escola do distrito. Contudo, a minha memória não guarda qualquer progresso, nem

sequer nos ramos mais básicos da educação. A professora fez-me as mesmas perguntas de sempre sobre ortografia, leitura, escrita, contas, etc., e as minhas respostas foram as já anteriormente registadas — isto é, continuei no mesmo lugar: na cauda de cada turma assim organizada e nomeada. No papel, fiquei com o crédito de ter frequentado cerca de dois meses; mas, na realidade, dezasseis dias talvez cobrissem toda a extensão da minha presença. Sentia uma repulsa interior à obrigação de estudar por um livro. Para escapar a essa detestada imposição, arranjava pequenos trabalhos e recados para ocupar o tempo e assim justificar a minha ausência da instituição de ensino.

No início da primavera, tive a sorte de conseguir mais trabalho nas terras dos Hossacks. Um dia, enquanto limpava terreno novo para uma plantação de trigo-sarraceno, pareceu-me ouvir novamente aquela música maravilhosa! Felizmente, encontrava-me sozinho no meu trabalho e podia dedicar-me à escuta. Ao princípio, nada de extraordinário chegava ao meu ouvido, agora hipersensível. Mas depois, uma melodia pura e leve como a de um pássaro flutuou sonhadoramente pelo céu! E, mais uma vez, tudo ficou em silêncio.

Para fixar aquela harmonia eólica na memória, tentei imitar algumas das suas propriedades — reproduzir alguns daqueles sons tremeluzentes e deliciosos que, da vez anterior, me tinham fascinado ao ponto de esmagar-me de assombro e admiração. Para meu grande espanto, consegui imitar certas notas por uma espécie de ventriloquismo — algo de que até então não tinha consciência. Essa sinfonia peculiar, produzida com um sopro pela epiglote e passagens faríngeas, consegui repeti-la muitas vezes depois, na presença de amigos íntimos.

Desde o caso embaraçoso de feitiçaria e superstição na nossa casa, passei a ocultar dos meus pais a maioria das minhas experiências pessoais. Sonhos e presságios assustavam ou entristeciam desnecessariamente a minha boa mãe, ou assim eu pensava; por isso, omiti a história do meu encantamento musical no campo. Muitas vezes, estando sozinho, perguntei-me em silêncio: "O que significava aquilo? E aquelas palavras insinuantes, 'Tu—podes—desejar—viajar' — que queriam dizer? Foi uma voz da Providência benigna, ou estive a sonhar, como a mãe sonha às vezes?" E ainda: "Aquilo era uma permissão, ou uma profecia? Qual é a palavra-chave da frase? Se for 'podes', então é permissão. Se for 'viajar', então é profecia. Que forma tão perplexamente vaga! Que mistério tão onírico!"

Assim, depois de imitar aquelas notas celestiais, interroguei mentalmente o espaço azul acima de mim. Mas não obtive resposta. Recomeçando finalmente o trabalho, e convencendo-me de que tudo fora

imaginação, ouvi, aparentemente muito perto do ouvido, a mesma voz tão familiar (quase como a da minha mãe), a sussurrar:
— "Para—Pough—keep—sie."

Com a rapidez do pensamento, tudo se tornou claro.

— "O quê!" exclamei, "então eu posso querer viajar para Poughkeepsie?"

Esperei resposta, mas nenhuma chegou. A partir desse momento, no entanto, nasceu em mim um desejo ardente de ver os nossos destinos familiares mudarem para essa localidade misteriosamente indicada.

Como seria de esperar, esta nova experiência — somando-se à anterior e dando-lhe um sentido — deu um encanto irresistível à ideia de viajar. Comecei a recordar as imagens da geografia infantil de Peter Parley — e, através delas, a visualizar as maravilhas e vantagens das grandes vilas e cidades populosas. O meu órgão de "habitatividade" ficou claramente subordinado ao impulso de locomoção de outras faculdades. Lamentei ser eu a causa de sugerir uma mudança tão dispendiosa para uma família pobre. Mas sugeri-a, ainda assim. Com o tempo, convenci o meu pai a pensar no assunto; e, por fim, persuadi também a minha mãe, desde que fosse possível com um gasto moderado de esforço e recursos.

A razão expressa que dei foi que me tinha cansado dos rapazes da aldeia, etc. Por fim, o meu pai e eu fomos a pé até à bela Poughkeepsie.

Ele encontrou uma oportunidade de trabalho estável no estabelecimento industrial do Sr. John M. Cable. Depois descobrimos três quartos, todos vagos e para alugar, na enorme casa de inquilinos do Sr. Thomas Simpson. E assim, no início do outono daquele ano (1839), a nossa família mudou-se para o que, por força da adoção, tenho frequentemente e afetuosamente chamado a minha aldeia natal.

E agora, como novas personagens poderão em breve ter o prazer não solicitado de aparecer neste drama, deixo apenas a nota de que a minha irmã Eliza, tendo-se novamente unido em casamento ao homem que amava, ficou para trás — e, com toda a probabilidade, não voltará a surgir até perto do final desta autobiografia.

CAPÍTULO XXVII
A MINHA EDUCAÇÃO LANCASTRIANA

Talvez nenhum membro da Sociedade dos Amigos (Quakers) tenha sido mais amigo da juventude do que Joseph Lancaster, de Inglaterra. Viajou por várias regiões da ilha de Albion, proferindo eloquentes discursos sobre educação, aos quais os nobres, ricos e distintos ouviam com as mais fortes — e mais baratas — provas de aprovação. Os seus esforços filantrópicos foram seguidos de graves dificuldades pessoais.

O patrocínio dos ricos não veio acompanhado do dinheiro necessário; e o filantropo fugiu para a "terra dos livres" em busca de alívio e de cooperação substancial. Mas a América não ajudou de imediato o entusiástico quacre — cujo coração pulsava com os mais profundos aforismos para a juventude do mundo — e assim, tendo sido acidentalmente e fatalmente ferido na grande metrópole, o seu espírito ascendeu a uma terra onde os métodos mútuos de ensino são universalmente aceites e postos em prática harmoniosa.

Na rua Church, em Poughkeepsie, erguia-se um grande edifício de aparência utilitária, onde cerca de quatrocentas crianças eram diariamente enviadas à escola. O plano de ensino era, supostamente, o lancastriano — ou seja, uma escala descendente regularmente graduada de monitores e vigilantes — começando pelo diretor, Sr. Howe, e terminando com a presença pessoal e os exercícios intelectuais do próprio autor destas linhas.

Na verdade, o meu pai, após várias semanas de tentativas falhadas para me tornar útil na sua arte, mandou-me frequentar a escola lancastriana "para me manter longe de sarilhos". Obedientemente, fui, apresentei-me à secretária e, como o Oliver Twist, quis saber o que se seguiria. Após um dia de treino intensivo, o "cabeça" da instituição declarou-me "atrasado" em ortografia, leitura, escrita e aritmética. O professor, inteligente, colocou-me sob a supervisão de rapazes mais novos do que eu, mas bastante mais avançados nas disciplinas referidas. E eu próprio, apesar de aluno, fui promovido à honrosa e lisonjeira distinção de monitor.

Mas essa promoção não ocorreu de imediato. Não, de todo! A honra só me foi concedida após muitos dias como aluno — quando o superintendente determinou, por meio de observação e testes, qual seria a função mais adequada ao meu génio. E onde foi? Em que grupo específico, entre o vasto conjunto de turmas, eu estava qualificado para ensinar? Frequentara a escola, como se sabe, em Union Corners e em Hyde Park: até que ponto, então, teria a minha mente alcançado a exaltação? Leitor, eu digo-te.

O Sr. Howe nomeou-me monitor da turma do A-B-C! Um grupo heterogéneo, composto por mais de vinte petizes de cabelo emaranhado, odor desagradável, rostos sujos, trajes esfarrapados, comportamento caricatural, olhos semicerrados, pronúncia infantil e bocas largas — ainda assim, com algum potencial — cercava-me e olhava para mim como seu respeitado mestre. A minha memória estava bem treinada para a missão.

O meu olhar identificava qualquer carácter do alfabeto num relance. As cartas com letras estavam penduradas diante da minha classe heterogénea. Com a pronúncia simultânea de cada letra pelos alunos, ensinei-lhes os rudimentos da língua inglesa — sim, de todo o saber livresco! Ó, como me orgulhava então — e como me orgulho agora — do meu trabalho segundo o método de Joseph Lancaster! Mas teria passado este episódio em silêncio, se não tivesse prometido escrever uma história fiel. Durante as dez semanas que ali frequentei, não avancei em nada exceto na escrita e na aritmética. A minha atenção parecia embotar-se sempre que surgiam estudos mais avançados; e por isso, salvo por alguns novos jogos de berlindes e bola, saí da escola sem aprender praticamente nada.

Antes de deixar esta etapa da minha peregrinação, reafirmo que, enquanto estive na escola, não fui posto a estudar história, gramática, geometria, nem qualquer outro ramo intermédio da ciência. As belas-artes — geografia, astronomia, desenho, música, dança — foram estritamente vedadas. E quem escreverá os volumes da minha gratidão? Os manuais escolares não moldaram o meu espírito, pois os seus ensinamentos verdadeiramente úteis eu não conseguia assimilar. Na presença dos meus colegas, nos graus mais avançados, eu era um anão intelectual. Esta lentidão e apatia por vezes entristeciam-me, mas uns saltos ao ar livre restituíam-me logo a habitual serenidade.

Esta foi a última das minhas experiências escolares. Somando às semanas anteriores, não deu mais do que cinco meses — todo o tempo que passei em instituições de ensino. Com a mais limitada compreensão dos elementos e utilidades dos livros e da educação, regressei aos meus pais; e nunca mais, desde esse dia até à hora presente, voltei a tentar estudar qualquer livro que tratasse de assuntos gramaticais, históricos, científicos ou filosóficos.

A razão de tal decisão será inteiramente revelada nos capítulos seguintes. Desde esse inverno memorável, perguntei-me várias vezes: “Será que o espírito de Joseph Lancaster alguma vez observou do alto as inúmeras turmas que então eram educadas segundo aquele sistema de instrução mútua, que ele, ainda em vida, tanto promovera de um lado e do outro do

Atlântico?" A esta pergunta ainda não obtive resposta; talvez porque a resposta careça de importância universal.

CAPÍTULO XXVIII
OS ALTOS E BAIXOS DA VIDA

"Se o seu chamamento
For apenas o nosso reunir para aquela terra longínqua
Cujas doces águas ansiámos com sede,
Porque não há de o seu pressentimento
Entrar na quietude do coração, com um sopro
De ventos de verão — uma voz melódica,
Solene, mas bela?"

Sob a superfície da alegria, sentia sempre um sereno fluir de pensamentos sérios. Enquanto saltava e ria nos canais ordinários da existência, pressentia o movimento de uma fonte profunda, da qual não tinha palavras para dar conta. Não havia em mim forças vulcânicas, eruptivas, explosivas, ansiando por se expressar. Pelo contrário, a corrente mística que atravessava a minha alma era como o fluxo calmo, profundo, sem refluxo de algum rio batismal. Seres gentis, curvados pela doença e tristeza, caminhavam espectrais pelas suas margens. As suas lágrimas caíam sobre o solo, e lindas flores brotavam. Podia rir, cantar e dançar (à minha maneira), mas, de tempos a tempos, a minha alma sentia a tremenda profundidade da existência.

Estas eram as minhas perceções mentais logo após sair da escola Lancaster. A mãe dizia ao pai, que se queixava por eu não conseguir estar quieto no banco: "Não o censures sempre. Ainda é só uma criança."

"Uma criança!" — retorquiu o sapateiro, com sarcasmo — "Deixa-me dizer-te: não vale o sal que come. Já tem idade para ganhar o pão e a roupa. E há de fazê-lo, sim."

Era agora plena primavera de 1840. Os raios de sol libertavam-se do cativeiro gelado. Os ribeiros, antes aprisionados pelo gelo, soltavam-se sob os raios solares e corriam pelos prados, dançando de alegria. O mais sublime épico das águas norte-americanas, o nobre Hudson, entoava de novo a sua canção melodiosa. E o comércio, também ele, esse imenso rio de tráfego e sustento humano, começava a fazer rolar as suas marés pela bela vila.

Mas a minha alma estava amarrada, mãos e pés, na prisão da dúvida e da melancolia. "Porque é que saímos de Hyde Park?", perguntava a mim

mesmo, num dia em que os meus pés, sem vontade, me levavam pela rua principal. "Ali era útil. Aqui, não sirvo para nada. O meu peito dói tanto que não consigo estar curvado sobre o sapato ao colo. E nem o meu espírito está nisso! O pai não gosta de mim por isso — a mãe está infeliz — e eu lamento sinceramente não conseguir aprender algo e ser alguém útil."

Nesse momento, um indivíduo de aspeto firme e fala direta, parado no passeio, abordou-me: "Oh rapaz sonolento, ajuda aquele homem a descarregar as batatas", disse ele, apontando para um agricultor na rua, que, ao que parecia, lhe vendera os produtos. "Leva os sacos até lá abaixo," continuou, indicando uma mercearia no rés-do-chão à direita, "e conta-os também. Vá! Mexe-te — mantém os olhos abertos — não os contes mal, ouviste?"

Apesar da ordem brusca e inesperada do estranho, esta não chegou a quebrar por completo o estado de abstração em que me encontrava. Sem dúvida, hesitei e agi como quem não quer, até ouvir uma voz, semelhante à da minha mãe: "Jackson, faz isso."
Imediatamente despertei e dispus-me a servir o merceeiro do rés-do-chão. Assim fiz, até à hora da refeição da noite, quando o comerciante disse: "Volta amanhã. Já não sou novo, nem estou bem de saúde; preciso de um rapaz por uns tempos."

A minha alegria foi enorme. Entrei em casa aos saltos e contei à mãe tudo o que acontecera. Ela aconselhou-me a voltar no dia seguinte. Assim começou a base da minha utilidade numa mercearia de retalho. O proprietário chamava-se Nicholas Lawrence. Em todas as circunstâncias, confiou em mim, fez-me seu ajudante e companheiro durante o horário de trabalho, e pagava-me de forma satisfatória. As minhas capacidades de cálculo eram tão fracas, no entanto, que ele próprio tinha de fazer as contas; mas, felizmente, escrevia suficientemente bem para manter um registo correto no livro de caixa.

Contudo, a saúde do comerciante piorava de dia para dia. A doença espalhava-se pelo seu corpo como um assassino furtivo. As suas ausências da loja, para descansar, tornavam-se mais frequentes e longas. E um dia, cansado de lidar com os encargos do pequeno negócio, disse: "Porque é que o teu pai não compra este pequeno stock e te põe a trabalhar nele? Aposta que dás um bom merceeiro: diz-lhe para pensar nisso."

A simples ideia de o meu pai comprar uma mercearia para mim era absurda. O stock não valia mais de trezentos e cinquenta dólares; mas o meu respeitado progenitor não tinha um cêntimo a mais do que o necessário para pagar as contas ao sábado à noite. Que poderia ele fazer? Além disso, o

enérgico sapateiro não gostava da ideia de se expor em público. "Bah!", exclamou, "imagina lá o meu nome numa tabuleta — 'Samuel Davis, Merceeiro' — sem um tostão no bolso para manter aquilo a funcionar!"

O rosto da mãe brilhou com um suave esplendor. A sugestão pareceu dar-lhe esperança. Ela partilhava de todos os meus esforços para escapar à postura forçada de ajudar o pai em casa. Uma oportunidade de me colocar num trabalho mais adequado foi, por isso, agarrada por ela como uma abertura providencial. Assim, em oposição ao parceiro mais severo da vida, respondeu: "Não é assim tão impossível como pensas. Eu estou disposta a viver mesmo ali no rés-do-chão, onde fica a mercearia — assim poupamos na renda — e tomo conta da loja quando o Jackson sair para ir buscar coisas."

O pai pensou no assunto, falou sobre ele, rejeitou a proposta, pô-la de parte, levou-a a votação, sugeriu emendas, mandou o plano pelos ares, esperou que caísse, riu-se da iniciativa, acreditou que podia funcionar, destruiu os conselhos da mãe em mil pedaços, recolheu os fragmentos, decidiu avançar — e não queria adiar nem um dia! Detestava fazer as coisas pela metade. Assim, desceu à vila e disse ao Sr. Lawrence que, embora não tivesse dinheiro, tinha muita força de vontade e honestidade, e que pagaria o stock aos poucos (dez dólares todos os sábados à noite), e, se isso fosse satisfatório, tomaria posse do negócio imediatamente. A proposta foi aceite. E ao fim do segundo dia, já vivíamos no sombrio, húmido e lúgubre rés-do-chão.

Os detalhes da minha experiência nesse lugar subterrâneo não têm grande importância pública. No entanto, ao passar, posso talvez comentar a minha falta de jeito como comerciante. Devido ao facto de não termos capital de reserva, o nosso stock limitado, sem meios para se renovar, rapidamente se esgotou. O pai conseguiu crédito para cerca de setenta dólares em artigos vendáveis; mas quando chegou o dia de pagar essa dívida, estávamos irremediavelmente falidos. A notícia da nossa insolvência espalhou-se sussurradamente pelos meandros do comércio, e o nosso credor, J. O. Van Anden, autorizou o xerife a encerrar o nosso frágil empreendimento no rés-do-chão, o que nos levou de volta à casa arrendada do Sr. Simpson.

Mas houve uma circunstância que nos abateu profundamente a todos — o rápido declínio da saúde da mãe. Os seus esforços para manter a nossa posição — para sustentar a frágil coragem do pai, para amparar o negócio cambaleante — desgastaram e expuseram a sua débil constituição à invasão de uma doença dolorosa. Estava muito doente. Esta pesada desgraça, somada ao fardo das dificuldades financeiras, quase esmagou o espírito do meu pai. Tornou-se impaciente e irascível, e obrigou-me, apesar da dor e da dificuldade em respirar, a ajudá-lo no banco de trabalho.

Pouco tempo depois, tornou-se difícil arranjar trabalho suficiente. As nossas condições tornavam-se opressivas e constrangedoras. Os nós da pobreza apertavam-se à nossa volta por todos os lados. Mas, para nos aquecer e sustentar, havia a luz do nosso propósito honesto. As nuvens da adversidade desciam cada vez mais. Em breve, era difícil obter sequer o mais básico para a sobrevivência diária. A mulher fragilizada, que sofria pacientemente, exausta e pálida, necessitava de cuidados que não recebia, e de paliativos que não podíamos oferecer.

O médico, embora compassivo, não nos deu palavra de alento quanto à sua recuperação. As dores lancinantes da nevralgia varriam o seu corpo enfraquecido. Um reumatismo inflamatório crónico pairava sobre a sua cabeça e pescoço, e, como um inimigo mortal, desferia golpes fatais a cada nova exposição da vítima. E — mas não, não me deterei em cenas dilacerantes de sofrimento humano já há muito passadas.

Diante da nossa condição desesperada, o pai escreveu uma carta de súplica ao pastor da igreja presbiteriana da rua Cannon, da qual a mãe era membro de pleno direito (em termos morais), e onde íamos periodicamente buscar alimento espiritual. O venerável ministro respondeu pessoalmente. Inquiriu com discrição acerca da nossa situação.

Com sincero pesar, informou-nos de que a ajuda monetária não fazia parte das práticas da congregação, mas deu ao meu pai dois dólares do seu próprio bolso! O pastor era também um homem pobre, e assim a sua caridade caiu sobre os nossos corações como lágrimas de anjo. Mas a ajuda era demasiado modesta; não dava sequer para vinte e quatro horas. Na manhã seguinte, conforme uma resolução silenciosa, subi a "Colina do Colégio" para pedir comida fria.

Já contemplaste essa gloriosa elevação, caro leitor? E a estrutura clássica que coroa o seu cume? Se não, e se tiveres meios para tal, recomendo-te que a visites. Há montanhas distantes que se refletem no olhar atento, e uma vasta paisagem campestre que se estende a sul e a leste. O belo panorama desde esse cume é quase digno das linhas melodiosas de Eliza Cook:

"Há florestas, há montanhas,
Há prados, há regatos,
Que formam fontes eternas
No seio dos montes.
[...]
Há campos dourados a ondular
Sob a luz dourada das colheitas,

Há ramos floridos a entrelaçar
Com o sopro doce dos dias de Junho;
Há erva dos pastos a ondular
À sombra húmida da charneca,
E há rebanhos a mugir
No meio da flor e da folha."

Este monte imponente, com o seu templo do saber, despertava em mim um profundo respeito. As suas vantagens para a juventude, em contraste com as da escola de Lancaster, pareciam incomparáveis. No entanto, sempre me alegrava por o meu caminho não passar por um colégio. Essa estranha alegria, pensava eu, provinha do meu receio de estudar livros.

Foi na direção daquele edifício cativante que agora me dirigi, de passo hesitante, impelido pela necessidade de uma família em privação. Chegado lá, toquei à campainha, que trouxe à porta um cavalheiro elegantemente vestido. Expliquei, da melhor forma possível, o objetivo humilhante da minha visita; ao que ele, mudando o sorriso amável e os modos gentis por uma postura rígida e uma recusa áspera, fechou-me a porta. Voltei com o coração cheio, mas o balde vazio.

Antes de chegar a casa, porém, uma ideia atingiu-me como um raio. O choque e a surpresa fizeram-me estremecer e cambalear por um momento; mas a minha mente reteve as palavras: "Um—pouco—de—fermento—faz—levedar—a—massa—toda." Ora, o significado de "fermento" era incerto, mas fez-me pensar no fermento de padeiro, como o que usávamos lá em casa para o pão.

E esta sugestão foi logo seguida por uma pergunta que me coloquei: "E se eu vendesse fermento todos os dias — não conseguiria ganhar um pão e meio quilo de carne? Sim! É isso que vou fazer!" Assim, sem dizer onde estivera nem para onde ia com o balde de lata, persuadi o pai a dar-me doze cêntimos — quase tudo o que lhe restava — e parti apressadamente para a enorme cervejaria de M. Vasser & Co., junto ao rio. Investi o meu capital inteiro naquela substância espumosa, e agradeci ao empregado por acrescentar um pouco de cerveja para aumentar o volume. De seguida, iniciei a minha nova peregrinação pelas cozinhas e casas das donas de casa:

— "Quer fermento hoje?" — perguntava eu.
— "O quê?" — respondeu uma cozinheira de cor.
— "Fermento, para levedar pão e panquecas."
— "Ah, claro que sim! Dá-me dois cêntimos de fermento. É um negócio novo, não é? Mas gosto da ideia. Quando voltas?"

Marquei novo encontro ali e também em muitas outras casas; e, antes do pôr do sol nesse dia, tinha vendido todo o meu stock, e lançado as bases para um negócio mais alargado. Ao examinar a minha conta, verifiquei um lucro de vinte e cinco cêntimos.

Preservando cuidadosamente o meu capital para as operações da manhã seguinte, investi o produto do dia num pão, numa libra de carne e em um pouco de fruta, para animar o apetite da minha mãe sofredora e combalida. Aquela foi uma noite gloriosa para mim! Descobrir que podia ganhar dinheiro suficiente para comprar alimento para todos nós proporcionou-me um júbilo interior perfeito de alegria e gratidão, embora eu não o manifestasse por qualquer demonstração exterior ruidosa.

Durante várias semanas consecutivas continuei a ser vendedor ambulante de fermento, absolutamente sozinho e quase em farrapos; mas os meus esforços cintilavam com fragmentos daquele metal mágico que governa o mais orgulhoso dos mundanos. Nas minhas deambulações comerciais, encontrei-me frente a frente com pessoas que, então austeras e inacessíveis, são agora extremamente gentis e hospitaleiras! Na verdade, os altos e baixos da vida humana, como os fluxos e refluxos de um poderoso rio, operam muitas transposições maravilhosas. Que o homem soberbo modere, pois, o seu orgulho; e que o filho da tristeza abandone o seu pesar.

Perto do final de um dia frio, a 2 de Fevereiro de 1841, quando eu estava prestes a abrir o portão do quintal que separava a nossa porta da rua pública, algo como um véu negro caiu subitamente sobre o meu rosto, excluindo todos os objetos e envolvendo-me em completa escuridão. Tateei e apalpei o caminho como um rapaz cego, como se fosse noite cerrada, enquanto o sol ainda brilhava a oeste. A minha consciência era muito semelhante à que tinha sob o transe sonambúlico; mas, ao contrário dessa condição, os meus olhos agora fechados nada podiam discernir, e os meus pés, sem guia, tropeçavam em obstáculos não percebidos.

Neste ponto, contudo, devo registar as minhas reflexões enquanto regressava a casa, após a malsucedida venda ambulante de fermento daquele dia. "Porque quis eu sair de Hyde-Park?", pensei. "Porque persuadi o pai e a mãe a fazer a mudança? Lá, não tínhamos tanta dificuldade em obter trabalho. Lá, tínhamos uma vaca e não havia esta doença.

Lá, a mãe parecia mais contente e o pai menos irritável. Agora, tudo mudou. Tristeza, doença, dor, fome, habitam connosco. Oh, porque quis eu vir para aqui? Receio que tenha sido por causa daquele sonho com o milheiral. Bem, uma coisa é certa: não voltarei a fazer nada às cegas." Esta resolução

foi formada e fixada precisamente quando cheguei ao portão do jardim. Mas eis que fui tornado cego em pleno dia!

De repente, enquanto ainda procurava a tranca do portão, todo o espaço pareceu encher-se instantaneamente de uma radiação dourada! O mundo transformou-se! As neves do Inverno e as barreiras geladas haviam derretido e desaparecido; brisas mornas brincavam com raios de sol luminosos; árvores de fruto floresciam no jardim diante de mim; aves brilhantes soltavam os seus cantos melodiosos no ar perfumado; flores novas e belas adornavam as margens de muitos caminhos que conduziam a um palácio magnífico que se erguia onde, apenas alguns momentos antes, se encontrava a casa arrendada; uma flor celestial e uma beleza imortal resplandeciam por toda a parte; e ouvi o que, como noutras ocasiões, soava como a voz da minha mãe chamando, como que de uma janela invisível da superestrutura palaciana — "Vem cá, filho: eu— quero— mostrar-te— a— minha— nova— casa!"

Sem qualquer emoção de espanto ou pressa (o que ainda agora me surpreende), abri o portão cravejado de pedras preciosas diante de mim, que emitia música até das próprias dobradiças, e depois caminhei calmamente pelo ar puro, entre fontes que jorravam, sob árvores ondulantes e alegres, entre a floração variada e a glória imperecível, até alcançar a porta dourada do elevado e santo lar da minha mãe!

Por um momento hesitei, pensando: "Como devo agir se ela tiver visitas?" O pensamento dissipou-se e, à maneira rústica, bati ruidosamente à porta cintilante e arqueada. Nenhuma resposta! Enquanto aguardava admissão, voltei-me para contemplar a magnífica habitação. Com a rapidez do próprio pensamento, recordei as muitas casas miseráveis que havíamos ocupado. O contraste tornava esta mais bela do que tudo o que a minha mente alguma vez imaginara. O meu peito encheu-se de um orgulho inefável — depois de uma alegria — que me levou a gritar e a dançar. Creio que a minha alegria era muito extravagante e ruidosa; pois, no meio dela, a porta majestosa abriu-se, e uma vizinha irlandesa familiar levantou o indicador de modo ameaçador e disse:

"Espera um pouco. É a tua pobre mãe que está a morrer! És um rapaz atrevido por a estares a matar, querido, com esse barulho. É uma grande tristeza para ti. Morrer não é brincadeira. Entra devagar — põe o teu balde bem arrumado lá em cima — depois vai e fala um pouco com a tua mãe."

Toda esta conversa solene parecia extremamente ridícula! Não podia eu ver? Não sabia eu melhor? O átrio diante de mim era espaçoso, as paredes brilhavam com ornamentos dourados, as escadas para onde ela apontava

estavam revestidas de tapetes floridos e radiantes, e não era eu o orgulhoso filho da mãe saudável e feliz que possuía o palácio?

Tinha, como pensava, provas suficientes de que a simpática senhora da Irlanda apenas moderava a minha alegria, para que a felicidade do nosso novo lar se manifestasse mais serenamente no meu espírito. E assim, não me deixei conter. Rindo em voz alta das suas tolas palavras de cautela, passei por ela a correr através da porta esmaltada. Num instante, a visão resplandecente desapareceu! O véu negro voltou diante de mim! Caiu — e, eis! o quarto mal mobilado — a cama às escuras — a mulher emagrecida — ai! eu estava no meio da pobreza e da morte! Quem poderá descrever os meus sentimentos? O médico murmurou — "Ela está a morrer!"

Novamente a matrona irlandesa, em tom submisso, dirigiu-se a mim: "Oh, rapaz! Devias estar a ler a Bíblia. Serviria agora à tua doce mãe. Pobre alma! Está a deixar o mundo, e se queres rezar pela sua paz, este é o momento. O mundo frio será teu depois disto. Portanto, deixa os teus cantos e danças, rapaz. Em breve ela estará longe, e saberás quando ela morrer, lembra-te disso."

Mas eu não podia chorar. Nem sequer me sentia triste. Na verdade, estava cheio de um certo entusiasmo indomável que muito me espantava. Apesar da profunda aflição do meu pai e das abundantes lágrimas da minha irmã, eu transbordava de alegria! Queria exclamar: "Não é isto bom? Que grande casa temos! Mãe! Não és uma rainha num belo palácio?"

Contudo, não falei, apenas contemplava com uma alegria selvagem aninhada no meu coração. "Não será este sentimento perverso?", solilóquiei. O pensamento respondeu — "Não, não podes evitá-lo." E tal era, de facto, a verdade. Naquele estado de espírito peculiar e extraordinário (para o qual não tinha explicação senão o sonho), assisti à morte da confidente dos meus primeiros anos; o nome da cuja relação a minha língua primeiro gravou na tábua da memória — minha sempre estranha — sempre profética — sempre querida — Mãe!

A primavera natural desse ano foi apenas o invólucro de uma primavera espiritual para mim. Não que as nossas circunstâncias tivessem melhorado, nem que o meu corpo estivesse mais forte ou mais viril, mas um coração mais firme e nobre batia no meu peito. Intelectualmente, e em aparência, eu ainda era muito obtuso, desinteressante e desajeitado. Mas espiritualmente (isto é, no coração da minha alma), estava quase renascido. O meu espírito não tinha lágrimas para a urna sepulcral! As cinzas dos mortos continham os germes da vida. Os olhos selados, o sorriso desvanecido, os lábios pálidos, o orvalho da morte — que eram estes para mim? Sinais e símbolos de uma nova criação!

Uma perfeição celestial, para além de toda a expressão, estava colocada como um diadema na fronte da Natureza. Eu estava presente na coroação do desconhecido! Após o funeral da minha mãe, e quando todos os membros da família enlutada se haviam recolhido para a noite, recordo-me de repetir muitas vezes: "Agradeço-te, bondosa Providência, agradeço-te por a teres tirado do sofrimento; e, bondosa Providência, peço-te que não te esqueças nunca do resto da nossa família!"

CAPÍTULO XXIX
UMA LIÇÃO DE AUTOSSUFICIÊNCIA

Pouco depois do impressionante acontecimento anteriormente relatado, o meu pai arrendou parte de uma habitação na Mansion Square — pertencente e em grande parte ocupada pela família de Jonathan Clark, da Sociedade dos Amigos — para onde nos mudámos e onde trabalhámos diligentemente.

Da nossa porta lateral podia ver-se a superestrutura colegial, com a sua fachada serena e colunas imponentes, como um selo de inteligência colocado na fronte da colina. O seu suposto saber maravilhoso assustava-me e afastava-me para longe. Eu reverenciava-o, temia-o e evitava-o. A minha visita bem recordada a esse local, e a elegância clássica daquela caridade baloiçante que ali testemunhei, fizeram-me acreditar que estávamos tão separados como os pólos.

As provações recentes tinham desanimado consideravelmente o meu digno progenitor, o que, aliado à sua crescente relutância em visitar os comerciantes de calçado, mesmo para assegurar trabalho ou a devida remuneração, lançou sobre mim a responsabilidade de ambos. Além disso, incumbia-me obter quase todos os géneros de uso diário e de subsistência corporal.

E, com a maior constância possível, no meio do aumento da irritabilidade do meu pai, colaborava com ele nos ramos conhecidos pelos sapateiros práticos como "fechar as gáspeas" e "coser as costuras interiores" de botins femininos de couro granulado. De facto, muitas e pesadas responsabilidades repousavam sobre os meus ombros. A pressão fazia com que cada articulação se fixasse mais firmemente no seu encaixe natural. E comecei a sentir a existência de capacidades que, até então, tinham dormido nas dobras do meu ser.

Durante esta época, obtive na "biblioteca circulante" do Sr. Wilson, na aldeia, vários livros de narrativa e aventura para distrair o meu pai. Ele parecia lê-los com prazer e proveito, e um dia disse: "Porque não tentas ler alguma coisa? É melhor deixares de andar a cismar, como um cabeça-de-vento, e aprenderes as tuas letras." Ora eu conhecia as letras e sabia ler razoavelmente bem; por isso, não apreciei a sua sátira sobre a minha estupidez característica. Contudo, tentei seguir o seu conselho. Depois de examinar o longo catálogo, resolvi requisitar um livro intitulado "Os Três Espanhóis". À ortografia e leitura destes três espanhóis dediquei o meu tempo livre durante várias semanas; e depois devolvi alegremente o volume, cujas extravagantes e lúgubres absurdidades tinha quase completamente esquecido.

A influência do que então considerei um belo sonho, na véspera da morte da minha mãe, tinha agora diminuído. Os seus contornos permaneciam ainda na minha memória; mas mesmo as partes não apagadas habitavam apenas entre os túmulos de esperanças enterradas. Tal como a falecida, o meu espírito assumia muitas vezes uma expressão de tristeza, para a qual eu não conseguia perceber nem expressar razão. Um dia, porém, enquanto caminhava num desses estados de abatimento, ouvi distintamente o meu nome pronunciado (como se viesse da grande árvore que então estava perto de mim), e estas palavras: "Come — bastante — pão — e — melaço."

Esta circunstância despertou-me, enquanto as palavras me divertiam; e avancei aos saltos com viva alegria. "Não sou eu um verdadeiro sonhador?", disse mentalmente; "ora, posso convencer-me de que ouço uma voz! Que engraçado!" Mas, por estranho que pareça, desde esse dia até ao fim do Outono, não tive apetite por outro alimento; e consumi-o com tal genuíno gosto que o meu pai não conseguia conter a sua propensão para se irritar, criticar, ralhar e exclamar com impaciência: "Olhem para aquele rapaz! Vejam-no a ensopar-se em melaço! Vai-nos comer casa e tudo!"

Contudo, trinta e quatro meses depois, adquiri sabedoria suficiente para compreender a utilidade daquela alimentação exclusivamente doce e simples. O meu sistema sanguíneo foi grandemente purificado por ela; e as minhas forças nervosas foram em certa medida equilibradas e refinadas nas suas operações normais.

Perto do final desse ano obtive um lugar de caixeiro na loja de botas e sapatos de Simon Bierbaur, um alemão sóbrio e industrioso, que mais de uma vez fez a declaração paradoxal de que "não queria fazer nada — apenas ganhar a vida confortavelmente e pôr algum dinheiro de parte."

Antes disso, porém, ocupei brevemente a posição de ajudante de Charlie Roe, um homem extremamente calado, que mantinha uma refeição extremamente tranquila na cave do tribunal, raramente frequentada, exceto por clientes extremamente calados.

A minha posição com o paradoxal alemão foi apenas o degrau para a minha familiaridade e contratação pelo Sr. Ira Armstrong. E, visto que o meu percurso nos dois anos seguintes passa diretamente pelos assuntos comerciais e relações domésticas deste último, baixarei agora, sem hesitação, a cortina que durante tantos anos esteve levantada, expondo as peculiaridades pessoais e circunstâncias privadas do meu pai ao olhar e à crítica do público desconhecido.

CAPÍTULO XXX
A MINHA VIDA COM IRA ARMSTRONG

Ira Armstrong era comerciante de botas e sapatos e também, até certo ponto, fabricante, na parte mais comercial da Main Street. (O leitor terá naturalmente presente que estes registos mais recentes têm origem na aldeia de Poughkeepsie.) A sua constituição física era composta de excelentes qualidades, capaz de suportar muito trabalho; enquanto a sua mente era serena, ponderada e devota. Constitucionalmente, ou por natureza, era um rigoroso economista político e utilitarista; espiritualmente, ou de coração, era um amigo firme e benfeitor privado da humanidade.

Como me regozijei, na primavera de 1842, quando entrámos num acordo mútuo de boa vontade! Ele foi-me confiando gradualmente a condução geral do comércio a retalho. Com o tempo, instruiu-me cuidadosamente a fazer registos no livro do dia, a lançá-los no razão, a manter a conta de caixa, a depositar dinheiro no banco, a calcular e a levantar letras, etc.; tudo o que eu tinha o maior prazer em cumprir fielmente, como expressão da gratidão que a sua bondade despertava no meu espírito ferido e exausto. Sempre que um cliente pedia crédito, ou desejava uma redução de preço, eu, em geral, inclinava-me a concedê-la; pois não podia deixar de recordar épocas da minha própria vida em que um pouco de "fé e caridade" teria aparentemente poupado a nossa família a meses de desalento e sofrimento. O Sr. Armstrong, porém, percebendo esta disposição um dia, disse-me de modo admoestador mas bondoso:—

"Jackson, receio que deposites confiança a mais em estranhos. A honestidade não é um traço universal. É preciso ser homem de negócios para perceber isso."

"As pessoas não querem enganar, pois não?", perguntei.

"Talvez não", respondeu ele. "Mas algumas são muito lentas a pagar; e outras esquivam-se às contas e nunca as liquidam de todo."

"Então lamento mesmo", disse eu, com pesar; "porque confiei à Sra.— um par de sapatos vermelhos para crianças, e ao seu vizinho— um par de botas grosseiras para homem, pregadas."

Suponho que, sem dúvida, receberia um curto capítulo de reprovação e disciplina mercantil do chefe utilitarista que então trabalhava na banca; mas, em vez disso, ouvi-o rir com uma expressão crítica e exclamar: "Crianças vermelhas, hein? e homens grosseiros pregados, hein? Já viste alguma criança vermelha, ou algum homem grosseiro pregado?" Mas, vendo que Edwin, o aprendiz mais velho, se estava a divertir à vontade com a "troça" à minha custa, ficou imediatamente sério e continuou gravemente: "Se queres falar ou escrever corretamente, Jackson, deves dizer 'sapatos vermelhos de crianças' e 'botas grosseiras pregadas de homens'."

Voltando ao sistema de crédito que eu adotara involuntariamente e concedera aos clientes, eu disse: "Não volto a confiar em ninguém, a menos que o senhor o saiba; isso é certo." Mal tinha terminado a minha promessa, porém, quando o homem de negócios, de espírito religioso, procurou refúgio das mutações do tempo cantando, como melhor podia:—

"Eu não viveria para sempre,
Não peço para ficar,
Onde tempestade após tempestade
Se ergue escura sobre o caminho!"

Mas a sugestão arrepiadora de que eu "depositava confiança a mais em estranhos" ocupou-me a mente, excluindo as críticas aos meus erros de gramática. E o resultado foi duplo: esqueci-me do que estava a pensar e também de como falar e escrever corretamente, como me tinham dito. Por isso, alguns meses depois, quando o Sr. Armstrong me conferiu a honra e a responsabilidade de redigir e enviar uma encomenda a um grossista na grande metrópole, escrevi quase assim:—

"Poughkeepsie Junho 1843
"D Daniels & Co—caro senhor o Sr Armstrong quer que eu lhe escreva para lhe mandar 2 dúzias de sapatos vermelhos de marroquim para crianças 1 caixa de botas finas de vitelo para homens 1 caixa do mesmo de sapatos stoga grosseiros para homens e 1 do de botas de vaca para homens pregadas
"e faça o favor &c"

Deste feito caligráfico e mercantil fiquei bastante orgulhoso — especialmente quando a mercadoria chegou precisamente de acordo com as especificações verbais do meu patrão — e teria permanecido inocentemente assim até hoje, sem dúvida, se a firma não tivesse comunicado as minhas ridículas transposições ao estimado utilitarista, que então me lançou um dos seus olhares críticos mas bonacheirões e me deu outra dica sobre "crianças de marroquim vermelho" e "homens stoga grosseiros".

Sob a administração benevolente do Sr. Armstrong inaugurou-se a primeira oportunidade na minha vida de tilintar dinheiro no valor de cinquenta cêntimos no dia 4 de Julho. Ouve, jovem América! Segundo os registos de família numa Bíblia americana, eu tinha mais de quinze anos, americano por ascendência e nascimento, sem uma educação americana, num negócio americano útil, com uma história americana cheia de peripécias e sem interpretação atrás de mim, um futuro americano desconhecido e não interrogado ao longe, a sair em América depois da uma da tarde, com metade do primeiro dólar americano no bolso, para celebrar o aniversário da Independência americana! Pólvora e orgulho, estalinhos e bolacha de padeiro, amizade e amendoins, dor de cabeça e cerveja de abeto, formavam a base do meu prazer patriótico. Sem dúvida, procedi exatamente como um rapaz de aldeia transplantado para o solo de uma futura cidade. Enquanto o canhão ribombava do alto da colina, e o fogo-de-artifício enchia o ar de inúmeras estrelas, e o meu dinheiro resistia, eu estava no auge do entusiasmo patriótico e nutria um apreço febril pela posse da independência americana. E agora sinto-me inclinado a perguntar ao leitor se a maior parte do que os homens chamam celebrações patrióticas da liberdade americana não são precisamente como a minha excitação irrefletida naquele glorioso Quatro de Julho.

Pela família do Sr. Armstrong fui aceite mais como membro do que como aprendiz; e guardei muitas palavras bondosas como maçãs de ouro caídas da árvore da Vida. Embora então fosse membro da igreja metodista e o devoto que pronunciava agradecimentos antes de cada refeição, nunca me recordo de o Sr. Armstrong me ter pedido para assistir ao culto público. Assim, sendo-me dada liberdade na casa e no pátio, as crianças muitas vezes se uniam a mim e me ajudavam a tentar cantar canções washingtonianas de temperança. Num domingo, enquanto cantávamos—

"Onde estão os amigos que me eram tão queridos,
Há muito, muito tempo?" etc. —

aconteceu uma circunstância mística e agradável, da qual eu fui o único destinatário. Quando cantámos as palavras "em suas sepulturas jazem", ouvi a palavra "Não!" distintamente e com ênfase gritada ao meu ouvido.

"Não faças isso, Russell", disse eu ao filho mais velho.

"Fazer o quê?", perguntou ele, com ar de surpresa.

"Não grites 'Não!' quando isso não está na canção", exclamei eu, suplicante.

"Eu não gritei", respondeu ele prontamente; "e também não ouvi nada."

As crianças mais novas, Austin e Freddy, também negaram qualquer participação. Assim, continuámos a cantar. Mas sempre que cantávamos a afirmação de que os nossos amigos estão "em suas sepulturas jazendo", eu ouvia o negativo "Não!" tão claro e positivo como qualquer palavra pronunciada por nós próprios! Na altura, não o podia compreender. A minha crença (se eu tinha alguma) era que os meus parentes mais queridos e amados estavam a apodrecer na sepultura; que a morte era uma fuga ao sofrimento — uma espécie de sono; que as suas almas seriam um dia despertadas e recompensadas ou punidas segundo as obras feitas no corpo. Esta, ou algo semelhante, era a crença de todos os homens de cabelos grisalhos e mulheres de ar sábio que eu alguma vez conheci.

A minha mãe parecia pensar mais ou menos assim. O estimado Sr. Armstrong também sustentava esta doutrina, tanto quanto eu supunha. Assim também os homens instruídos da academia. E, de modo ainda mais impressionantemente tremendo do que tudo, acreditava o mesmo (como me diziam) o cavalheiro elegantemente vestido e clássico que presidia e dirigia o destino mental dos filhos dos ricos na reverenciada colina do Colégio! Portanto, eu não podia imaginar que a voz fosse outra coisa senão aquilo que ouvira anos antes — um sonho auto-imposto!

Nestes apontamentos cronológicos, desejo introduzir tais relatos e acontecimentos que incidam diretamente sobre os objetos e fins psicológicos deste volume. A história da minha vida não se baseia em fábulas. É toda ela uma realidade sóbria e sólida, e só é interessante quando e onde difere das manifestações comuns. E, no entanto, nenhum leitor pode verdadeiramente compreender o alcance de experiências extraordinárias, a menos que se veja que elas assentam e se misturam familiarmente com as ocorrências ordinárias e as transações diárias da existência humana.

A adesão nominal do Sr. Armstrong e a sua crença aparentemente inabalável nas doutrinas cardeais da denominação metodista eram incentivo suficiente para me levarem a prestar séria atenção a tais ensinamentos e a

fazer um esforço honesto para ser reconhecido como cristão por ele e por outros que eu guardava no santuário da minha confiança.

Ocasionalmente — mas sem revelar toda a extensão dos meus desejos — obtinha permissão para assistir às reuniões de oração à noite; também à classe de probacionistas, de inquirição e encorajamento mútuo; e, por fim, procurei auxílio ouvindo exposições dominicais do texto sagrado. E, na primavera de 1843, creio eu, fiquei algo excitado em direção a Sião por um avivamento na igreja metodista. Sempre que os negócios e a Providência o permitiam, apresentava-me entre os ansiosos buscadores e, em silêncio, orava para que o Espírito Divino (ou qualquer outra coisa santa) me impelisse ou conduzisse ao altar.

Este processo de auto-doutrinação, ou busca voluntária e disposição para aceitar a graça, mantive-o em privado durante várias noites consecutivas. Mas foi quase infrutífero, o que me causou não pouca consternação. O que mais me alarmava era que, quanto mais eu desejava, mais me afastava da conversão. Numa ocasião, um sapateiro jornaleiro de corpo magro, com uma testa alta e extraordinariamente estreita, mas que tinha o fervor religioso muito intenso, sussurrou-me:—

"Posso chamar-te meu irmão em Cristo Jesus?"

"Sim", respondi eu, prestável, "podes, se quiseres."

"Como te sentes, irmão?", perguntou ele em confidência.

"Tenho uma dor no peito", respondi eu fraternalmente; "mas não é nada de novo. Estou habituado."

O convertido excitado e compassivo gemeu, como eu supunha, por causa do meu peito dorido, e disse: "As minhas entranhas anseiam por ti, meu irmão — as minhas entranhas anseiam!"

Ora, sendo eu deficiente no conhecimento da fraseologia das Escrituras e igualmente obtuso no departamento orgânico da imaginação, cometi o erro característico de tomar literalmente as palavras metafóricas do convertido; e assim, em tons sinceramente comovidos, respondi: "Comeu alguma coisa que não lhe fez bem, suponho. É melhor tomar um chá de erva-gateira antes de se deitar. É bom, creio, para dor de estômago."

Ao ouvir isto, ele lançou-me um olhar muito extraordinário e recolheu-se para o meio de um grupo de irmãos e irmãs que gritavam do outro lado do corredor. O que se passara eu não conseguia imaginar. A brusquidão com que se afastou de junto de mim e a expressão meio zangada do seu rosto fizeram

com que toda a conversa sobre ser "meu irmão em Cristo" parecesse extremamente tola e absurda, se não absolutamente hipócrita e perversa. Esta pequena circunstância diminuiu muito o meu ardor; e, por isso, poucos minutos depois, escorreguei cautelosamente para fora da reunião e encaminhei os passos, a galope, para a residência suburbana do Sr. Armstrong.

O bom e honesto Edward Southwick, curtidor e correeiro no Lower Landing, tinha o hábito de visitar e conversar com o meu estimado patrão. Numa ocasião particular, ouvi por acaso uma conversa, em substância, como segue:—

"Na última eleição houve muita conversa de 'sidra forte', mas quase nada sobre os direitos do escravo."

"É verdade", respondeu Edward; "ainda assim, vivo na esperança."

"A loucura, a tirania e a injustiça do sistema", retomou o utilitarista, "serão reconhecidas um dia, sem dúvida, mas não por políticos sem princípios, nem do Norte nem do Sul."

"Paz, justiça e verdade, o povo demora a ver", sugeriu o curtidor moderado.

"Mas", interrompeu Ira, "o governo nacional está feito para sustentar um sistema oposto a todos os interesses do Norte. Quando o povo vir isso, então virá a mudança pela influência do voto abolicionista do Norte."

Os dois amigos continuaram a conversa, até que chegaram outros que mudaram o assunto. Menciono este pequeno acontecimento porque foi a primeira vez na minha vida que tomei conhecimento da existência de escravatura nos Estados Unidos! Eu tinha muitas perguntas a fazer sobre isso. Quando me disseram que havia milhões de homens, mulheres e crianças, sem qualquer pretensa incapacidade para a liberdade a não ser a ignorância e a pele negra, que naquele momento viviam em cativeiro sem esperança; mantidos, como os agricultores mantêm bois e cavalos, para executar trabalho pesado; privados de liberdade pessoal e comprados e vendidos como bestas — ao ouvir tudo isto, o meu coração pulsou com emoções misturadas de surpresa, compaixão e um alarme indizível.

"Ora pensa só!", pensei eu; "se eu tivesse nascido negro lá no Sul, com a minha ignorância, então eu teria sido escravo de alguém!" A simples ideia gelou-me até ao fundo. Fez-me encolher e cruzar os braços em silenciosa consternação. "Que estranho a minha mãe nunca me ter falado destes

escravos! Que curioso eu nunca ter ouvido os ministros pregarem sobre eles!"

Assim pensei, e fiquei muito perturbado. Mas algumas semanas de trabalho serviram para embaciar a impressão e, em breve, continuei a viver quase como antes, sem um preconceito consciente. Contudo, a este propósito, exprimirei a minha caridade para com aqueles indivíduos incultos e indolentes que vêm ao mundo e dele passam para além da sepultura desprovidos de consciência quanto à questão dos direitos humanos. Ao pensar neles, lembro-me de mim próprio — que eu tinha dezasseis anos antes mesmo de ouvir falar com clareza da escravatura como propriedade, e que atingira o cume dos vinte e dois anos antes de possuir uma consciência firme contra ela.

CAPÍTULO XXXI
O AMANHECER DA LUZ

"O amanhecer fluiu, e das suas fontes purpúreas
bebi aquelas esperanças que fazem o espírito tremer."

Um dia tive uma conversa breve mas útil com o Sr. Armstrong acerca do exercício da consciência em todas as transações comerciais. Tanto quanto me recordo, ele disse: "A honestidade é a melhor política, e nenhum homem terá sucesso sem ela."

"Sim", respondi eu; "mas o que devo fazer num caso como este: o John trouxe ontem um par de sapatos de um cliente, com a gáspea cortada e colada para baixo, de modo a não se ver, mas eu sei que está cortada e que não vai durar tanto como couro são. Ora, devo dizer ao cliente ou ficar calado?"

"Ah!", exclamou ele, visivelmente perturbado, "o John cortou muito a gáspea?"

"Sim, bem fundo", disse eu, "quase até atravessar."

"Deixa-me ver."

Eu trouxe os botins de marroquim. Após um momento de inspeção, disse — "Assim não dá — não podemos ter trabalho desses! Põe-nos no lote de saldos e manda sair outro par para os acabadores."

"Tenho de dizer sempre a um cliente tudo o que sei sobre sapatos?", perguntei.

"Faz disso um princípio: nunca vender trabalho mau", respondeu ele; e depois continuou — "Sabes o que Robert Burns escreveu sobre a honestidade?"

Respondi que "não sabia nada sobre esse tal senhor."

Então ele prosseguiu, citando, com evidente prazer, as palavras do poeta:—

"Para apanhar o sorriso dourado da Senhora Fortuna,
Espera por ela, assíduo;
E ajunta bens por toda a astúcia
Que a honra justifique;
Não para os esconder numa sebe, nem para um séquito de ostentação;
Mas pelo glorioso privilégio
De ser independente."

De acordo com o espírito deste excerto, ouvi frequentemente o meu patrão, quando se dirigia em voz alta ao trono da Graça, citar as muito razoáveis palavras da petição de Agur: "Não me dês nem pobreza nem riquezas; sustenta-me com o alimento que me convém; para que eu não me sacie e te negue; ou, sendo pobre, tome em vão o nome do meu Deus."

Pouco depois desta excelente lição sobre o uso e exercício de estrita franqueza e princípio nas atividades mercantis, entrou na loja um ministro de avivamento itinerante; e, vendo-me ocupado e sozinho atrás do balcão, perguntou — "Então, Irmão Davis, como se sente?"

"Muito bem, senhor", disse eu, alegremente.

"Não, não, meu jovem amigo — refiro-me ao seu bem-estar religioso."

Ora, pensei eu, aqui está uma oportunidade de ser franco nos negócios. Assim, reprimindo tanto quanto pude a confusão que se levantava, respondi — "Não sei, senhor. Por uma razão ou outra, eu não consigo converter-me tão facilmente como os outros."

"Sente pesar pelos seus pecados?", perguntou ele com um olhar perscrutador. "Sente que a sua alma é pecaminosa e odiosa diante de Deus?"

Parecia impossível responder. Mas eu estava decidido a ser honesto nos negócios — "pelo glorioso privilégio de ser independente". Por isso, o mais

depressa possível, revi mentalmente a minha infância, a minha meninice e a minha juventude. Primeiro, pensei nas maçãs tiradas da cave do John Myers; depois, estremeci com o meu terrível juramento quando o pai se esqueceu da harpa de judeu; depois, recordei o objeto furtado da caixa de ferramentas do Willet Marshall; depois, a jogatana de cartas que convidei por minha própria iniciativa; e, por fim, repus diante de mim a cena lúgubre da minha embriaguez. Estes foram os desvios da minha vida de que eu me arrependia. Contudo, eu não me sentia "pecaminoso e odioso diante de Deus" e, por isso, respondi:—

"Não, senhor, não sinto que eu seja muito mau; só tenho pena de algumas coisas, que nunca mais voltarei a fazer."

"Este é o tempo, meu jovem amigo, de obter religião", respondeu o clérigo gravemente. "Tem procurado fazer as pazes com o seu Deus?"

"Fazer as pazes com o meu Deus!", solilóquio eu, muito atarantado — "Ora, eu nunca tive nenhuma desavença com Ele em toda a minha vida." Mas, no meu embaraço, consegui balbuciar: "Não, senhor."

"Pois bem", continuou ele, com surpresa, ênfase e repreensão acrescidas no tom, "não teme encontrar-se com o seu Deus?"

"Não, senhor", disse eu (ainda decidido a exercer honestidade nos negócios), "não tenho medo de me encontrar com o meu Deus."

"Oh, jovem não convertido!", exclamou o pastor com um profundo gemido e uma expressão censória e devastadora. "Receio que o dia da graça tenha passado! Receio que se perca para sempre!" Dito isto, virou-se e deixou-me.

Ó leitor, consegue imaginar os meus pensamentos, quando ele fechou esta frase atroz? O amor da minha natureza jovem gelou-se no ódio mais frio, e sugestões horríveis ocuparam a minha alma! Por um momento não temi ninguém — não receei nada! Nem amei coisa alguma — vida, a mim mesmo, homem, terra, céu, nem Deus!

"Uma longa vida", pensei eu, com sensações novas de desespero — "uma longa vida está diante de mim — porque não tornar-me vagabundo ou pirata de uma vez? Se eu viver uma vida pura e irrepreensível, a danação será o meu destino; e se eu for desesperadamente perverso, no fim não fará diferença; porque, se for verdade, como este homem diz, que o dia da graça passou, então estou perdido eternamente — perdido no inferno — onde, como a mãe me disse, 'não há nada senão choradeira e lamento e ranger de dentes!'" Parei um instante, e uma bela tranquilidade sucedeu à minha

agitação. Um sopro suave passou-me pelo rosto, e ouvi, numa voz como a brisa de Verão que murmura docemente — "Sê—calmo! O—pastor—está—errado; tu—hás de—ver!"

Foi talvez dois dias depois disto, quando um pastor residente (de uma denominação perseguida) me pôs na mão dois tostões, para pagar um par de atacadores que eu lhe vendera muitas semanas antes, altura em que ele, por acaso, não tinha consigo o montante. "E então?", dirá o leitor. Nada de extraordinariamente importante, caro leitor; apenas isto: a minha mente ficou impressionada com um contraste que ainda hoje permanece vivo na memória.

Eu já tinha deixado conhecidos habituais levarem atacadores e outros pequenos artigos antes — dirigentes em reuniões metodistas e jovens dotados na oração oral — que diziam que pagariam um dia. Mas esses nunca pagavam, exceto em três casos isolados. Contudo, este homem, em torno das cujas convicções religiosas os preconceitos do povo se erguiam como uma inundação avassaladora, estendeu a mão e apresentou-me a soma esquecida, dizendo, com um sorriso honesto a irradiar dos seus suaves olhos azuis — "A ninguém devais coisa alguma, a não ser o amor."

De uma pequena fonte cresce a maré do oceano. Do mesmo modo, esta pequena transação teve o efeito de estabelecer uma doce e duradoura amizade entre as nossas duas almas — além de trazer à luz o facto de que existiam algumas pessoas que não acreditavam num Deus de ira implacável! A sua conceção nova e impopular de uma Divindade de amor parecia mais congenial e desejável para a minha melhor natureza; ainda assim, mesmo isso nunca satisfez a minha alma como a amizade inteira e direta do clérigo perseguido. Por vezes, durante a minha íntima convivência e trato com o Rev. A. R. Bartlett (pois era este o nome do meu amigo), eu conseguia o empréstimo de livros para outros que desejavam ler, mas que não conheciam suficientemente o pastor para pedirem emprestado por si mesmos.

O meu próprio tempo estava demasiado ocupado para ler, mesmo que eu tivesse sentido alguma inclinação para isso. E eu não conseguia aceitar interiormente a teologia do meu amigo, porque ela implicava um conhecimento pessoal da linguagem e um gosto pela crítica bíblica, que eu não conseguia levar para o exame; e, contudo, unicamente devido à influência atrativa da amizade pura, deixei que um dia me reconhecessem publicamente como irmão na Fé! O Sr. Bartlett era um pregador prático — demasiado, para ser popular junto do seu próprio povo. As suas lições eram bastante diretas e compreensíveis.

Mas quando algum dignitário controversista da denominação chegava e ocupava o púlpito, então vinham toda a espécie de palavras estranhas e para mim sem sentido — "sheol", "Hades", "aionion", "gehenna", "apo-aionos", "le-oulom", etc. — usadas para explicar ou refutar ideias populares sobre inferno, trevas, geração, eterno, etc., tal como expostas por escritores das Escrituras que ensinam de forma inconfundível a doutrina de recompensas futuras e punições pós-morte. Reparando numa dessas palavras compridas num jornal um dia, perguntei ao meu Diretor utilitarista "como a pronunciaria". Ele respondeu: "Quando vejo uma palavra que parece difícil, dou-lhe um nome difícil e deixo-a ir."

Em suma, eu não obtinha alívio do temor profundo e doloroso de que a Bíblia ensinava precisamente o que a minha mãe tinha declarado; e, portanto, apesar de palavras grandes e discursos eruditos, receava que a maior parte da humanidade seria severamente tratada após a morte por pecados cometidos antes desse acontecimento. Na verdade, tão horríveis e sombrias eram as minhas contemplações numa certa noite, perante a possibilidade de morrer e ir para um poço de fogo inextinguível, que saltei da cama, vesti-me e estava prestes a pedir permissão para me sentar junto do fogão da cozinha até de manhã, quando ouvi a voz — apaziguadora e amorosa como a da minha mãe — repetindo em tons menores: "Sê—calmo! Jackson. O—pastor—está—errado; tu—hás de—ver!" A promessa deste anunciador invisível e desconhecido — de que eu acabaria por ver o erro doutrinário do clérigo — tranquilizou o meu coração atribulado. "Sonho ou não sonho", pensei eu, devotamente, "estou mesmo agradecido à bondosa Providência por isso, de qualquer maneira!"

Os aldeões ficaram, por esta altura, muito excitados com relatos de certos milagres mesméricos então realizados por um expositor itinerante da ciência frenológica. Faziam-se anúncios inflamados em cartazes de espetáculo com o título "Mesmerismo" — palavra inteiramente nova para mim — que declaravam que o "Professor Grimes" continuaria a exibir as suas maravilhosas experiências no Salão da Aldeia, etc. Quase toda a gente se ria das pretensões do estranho, mas todos desejavam pôr a questão à prova por experiência pessoal. A excitação espalhou-se como uma epidemia. E, entre muitos outros, eu também fui seriamente atacado por um desejo de ser levado ao misterioso sono.

Mas o Sr. Armstrong mostrava-se muito duvidoso e cético quanto à utilidade da exibição de bufaria magnética do professor. Não recusou, porém, conceder-me parte de uma tarde para eu me colocar sob o poder do mágico. Assim, Edwin e eu seguimos para o "Hotel Hatch", onde, num quarto tranquilo no andar de cima, nos juntámos a cerca de quinze jovens que, como

nós, tinham chegado para se apresentarem como sujeitos voluntários do novo mistério.

O grupo sentou-se em ordem sistemática, cada um de frente para o operador inteligente e algo egotista, e assim permanecemos quase duas horas. Por fim, tornou-se quase impossível, pelo menos para mim, resistir a um sono natural; mas uma curiosidade vigilante, para saber qual de nós receberia o encantamento, ainda mantinha o meu espírito alerta. O professor passou por uma série de movimentos — semelhantes ao "presto change" de prestidigitadores — e então disse imperiosamente: "Não consegue abrir os olhos!" Estava enganado.

Eu abri os olhos com perfeita facilidade. Ele passou então ao sujeito seguinte, depois ao seguinte, e assim por diante até ao fim da fila, sem afetar particularmente nenhum. Faço esta afirmação para corrigir as posteriores asserções sem reservas do Sr. Grimes, de que ele foi o primeiro a magnetizar-me e a rejeitar-me como sujeito de experimentação; porque, como alegava — até mesmo na minha presença — "reconheceu uma propensão clarividente no meu organismo mental, que não serviria os seus propósitos públicos."

Alguns dias depois disto — por volta de 1 de Dezembro de 1843 — William Levingston passou pela nossa loja. Durante o relato de muitos prodígios magnéticos que ele próprio tinha realizado, tanto em casa como no estrangeiro, dirigiu-se a mim e disse: "Alguma vez foi mesmerizado?" Em resposta, informei-o da experiência malsucedida feita comigo pelo Sr. Grimes. Então ele disse: "Venha a minha casa esta noite. Eu experimento consigo, se não se importar, e com o Edwin também." Não havia razão para recusar, e por isso aceitei o convite.

Antes de relatar o que aconteceu naquela noite memorável, porém, desejo chamar a atenção para o facto de que, não tendo eu qualquer confiança nos alegados fenómenos do mesmerismo, fui movido apenas pelo que pareceu ser a sugestão do momento — tal como outros, cuja curiosidade fora superficialmente excitada. Além disso, como fundamento em que apoiar racionalmente os resultados extraordinários das manipulações do Sr. Levingston, darei um resumo das minhas peculiaridades mentais e condição física nesse tempo.

Primeiro, mentalmente: eu tinha amor à verdade; reverência pelo conhecimento; uma disposição algo alegre; imaginação deficiente; incredulidade (ou ignorância) quanto à existência de fantasmas, etc.; um medo inconquistável da morte; um medo ainda maior de enfrentar o que pudesse existir para lá da sepultura; uma fé vaga e apreensiva na doutrina bíblica do sofrimento eterno; uma tendência para o sonambulismo

espontâneo; ouvido para o que então eu chamava vozes imaginárias; memória defeituosa quanto a datas; um espírito quase estéril de educação comum; um coração muito compassivo em casos de provação e sofrimento; e, por fim, eu inclinava-me à meditação e à liberdade da solidão.

Segundo, fisicamente: o meu corpo estava imperfeitamente desenvolvido; o meu peito era estreito; a minha coluna era curta e fraca; o meu estômago era muito sensível; no meu sangue corria o subtil veneno do álcool do meu pai; a minha estrutura muscular era débil e ineficiente; o meu sistema nervoso era extremamente impressionável e estava prejudicado pelo uso parental do tabaco; o meu rosto era pálido e marcado por um nariz proeminente; os meus olhos revirados eram quase negros e ligeiramente míopes; a minha cabeça tinha pequena circunferência, com a testa recuada; o meu cabelo era negro como azeviche e caía de modo desajeitado sobre a minha testa; as minhas mãos traziam marcas bem visíveis do meu ofício; e, por fim, todo o meu aspeto era tal que pouco interesse inspiraria a estranhos pela minha existência.

CAPÍTULO XXXII
EM QUE CEDE À FORÇA MÍSTICA

"Dos nervos, a cada pulsação,
Do mistério do sono —
Vem uma lição, uma advertência,
De significado profundo."

Talvez o leitor nunca tenha presenciado a operação magnética. Seja como for, atrevo-me a arriscar algumas frases descritivas. Colocado em estreita relação com aquele que pretende produzir o sono físico, o sujeito é compelido (para que o estado seja devidamente induzido) a sentar-se numa posição cómoda — completamente quieto — com a mente livre tanto de intrusões exteriores como de desejos interiores. Os pensamentos do sujeito devem concentrar-se calmamente, para acelerar a consecução do fim.

Por fim, ele tornar-se-á inteiramente passivo, enquanto o operador é ativo. Deve ter-se o cuidado de excluir todas as circunstâncias desfavoráveis que possam tornar a operação morosa ou mal-sucedida. Em devido tempo, ele conhecerá o resultado — proveniente dessa troca recíproca de simpatia e sensação. O relato seguinte contém o resultado da primeira operação a que me submeti na residência do Sr. William Levingston: (ver o primeiro diagrama, p. 205.)

Senti a mão fria do operador passar e repassar pela minha testa, a câmara do pensamento. O sangue vivo, que correra sem perturbação pela minha forma juvenil durante a sua breve existência, pareceu quase parar. As dez mil vias da sensação iluminaram-se como com as lívidas chamas do fogo elétrico. Logo depois, tudo se fez intensamente escuro por dentro. Sentimentos terríveis e estranhos passaram sobre o meu corpo e através do meu cérebro. As minhas emoções eram dolorosas. Como o leitor sabe, eu tinha convicções horrendas sobre aquilo a que o mundo chama Morte. "Oh, mãe!", pensei eu, aterrorizado, "poderá ser este o momento da minha dissolução física?" O meu coração continuou a cumprir a sua função; mas as suas batidas tornaram-se menos frequentes. Senti os diferentes sentidos que ligam a mente ao mundo exterior fecharem-se gradualmente. "Ai!", pensei eu, desesperado, "estarão a fechar-se para sempre?"

Assim, os meus sentidos cederam impercetivelmente ao poder dominador. Já não podia ouvir o mundo agitado e ativo lá fora, nem sentir o toque de qualquer objeto, vivo ou morto. "Já não", pensei eu, "poderei contemplar o sistema da natureza. Os campos perfumados desapareceram; nunca mais serão cenários de feliz contemplação."

Pensamentos essencialmente como estes passaram velozes pela minha mente assombrada. "Que hei de eu fazer?", perguntei em silêncio. "Resistir às sensações é resistir ao efeito antecipado. E, contudo, permanecer nesta condição por muito mais tempo poderá resultar, talvez, em fechar para sempre as belezas do universo material."

Mas ocorreu-me então a pergunta contrária e cética, "se tudo isto não seria mais do que a ilusão da imaginação". "Certamente, creio que me sinto estranho; mas sei eu realmente que as minhas sensações são reais?" Assim me interroguei — sem fazer o mínimo esforço para satisfazer o meu juízo. Fiquei sentado, quase sem respirar, mais alguns segundos — alimentando a esperança de que a experiência não teria êxito; e, no entanto, por paradoxal que pareça, eu estava de facto a ajudar a produzi-lo. "Ainda estou vivo", pensei eu, exultante, "porque ouço o operador perguntar as horas — ouço-o responder aparentemente a algo dito por outro — mas não oiço ninguém falar! Não é isto extraordinariamente estranho?" (Ver o segundo diagrama, p. 205.)

Sobreveio outro silêncio, mais longo do que o anterior, durante o qual procurei analisar os meus sentimentos. O encantamento penetrara nos incontáveis recantos de toda a minha estrutura. Pouco depois, ouvi uma voz — baixa, distante, estranha, desagradável — vinda do mundo humano, a chamar-me de volta à terra, que eu mentalmente estava a deixar. Aquele som perturbou-me. "É verdade, então", pensei eu tristemente, "que o meu

sentido da audição — por cujos delicados corredores repercutiu a música prazerosa que acompanhava a voz sagrada do puro afeto e da amizade — está fechado! Fechado para selar a realidade de um silêncio eterno? Pode ser assim?" continuei eu, em silêncio. Não, de modo nenhum! Chegou o momento. Não me submeterei mais a esta experiência perigosa e terrível. Nunca mais a minha mente, ávida de maravilhas e sonhadora, me conduzirá a tais perigos medonhos! Sim! Eu vou falar e protestar contra esta operação horrível."

Mas, oh, que pavoroso! A minha língua pareceu, de repente, aumentar e colar-se violentamente ao céu da boca. As minhas faces pareceram extremamente inchadas e os meus lábios estavam unidos como pela morte — aparentemente para nunca mais se moverem. Outra resolução atravessou o meu cérebro e, instantaneamente, obedeci à sua sugestão. Fiz um esforço desesperado para mudar de posição — sobretudo para libertar as mãos — mas (horrível para além de toda a descrição!) os meus pés, as minhas mãos, todo o meu corpo, estavam inteiramente fora do controlo da vontade. Já não podia reclamar a posse da minha própria pessoa.

Tudo estava perdido — parecia — irremediavelmente perdido. Fiquei convencido de que, para mim, a vida exterior já não existia. Que podia eu fazer? É certo que podia exercer as minhas faculdades mentais ao mais alto grau — podia raciocinar com uma clareza espantosa — mas não podia ouvir, ver, sentir, falar ou mover-me! Não tinha meio de averiguar a minha verdadeira situação física ou mental. Interroguei-me e raciocinei comigo mesmo assim: "Tenho um corpo, um corpo tangível — habito na forma — mas será o meu corpo natural ou o meu corpo espiritual? Está adaptado ao mundo exterior, ou à vida pós-morte? Onde estou eu? Oh, estou tão só! Ai de mim, se isto for a Morte!"

Uma consciência natural, porém, impregnou-me e tranquilizou-me a mente. Ideias preconcebidas ou inatas foram-se desdobrando das minhas sensibilidades mais íntimas. O que mais me surpreendeu foi a irrupção de pensamentos novos e brilhantes — estendendo-se aparentemente sobre a vasta paisagem de um mundo desconhecido, de beleza indescritível — compreendendo mais do que me é possível, ainda hoje, relatar. Estas conceções — como estou agora plenamente persuadido — foram um influxo de muitas verdades interiores e imortais. (Ver "Filosofia de Perguntas e Respostas", nas *Penetralia*.)

De repente, tudo voltou a estar escuro como antes! Este momento exigia uma decisão absoluta. A morte parecia uma consequência inevitável da minha situação impotente. A cada instante eu me aproximava mais e mais de um vale misteriosamente escuro! A teimosia e a resistência enchiam-me de

força, mas até essa força me impelia para diante. Uma e outra vez eu recuava em pensamento. Mas cada onda de pensamento me levava mais e mais para perto do vale temível da escuridão inconcebível!

Agora era o tempo de um esforço poderoso. A resistência era necessária — ou então eu me perderia na treva impenetrável! Mas eu avançava mais e mais ainda. Em pensamento, saltei subitamente para trás e eis! eu estava à beira do oceano da Noite Eterna! O calor de toda a minha pessoa trocou-se por uma frieza semelhante à morte. Horríveis pensamentos de desorganização continuavam a afligir-me. Eu estava cheio de terror. A escuridão tornava-se mais escura e apavorante.

Fui subitamente tomado por um estremecimento sobrenatural e — terrível de relatar — vi-me a girar naquela treva enegrecida com uma velocidade inconcebível! Parecia que eu rodopiava num trajeto em espiral, com um amplo raio no início e depois mais pequeno; de modo que cada revolução, na minha descida, contraía o círculo do meu movimento. E assim, caro leitor — para baixo, para baixo, eu afundei — até que, imerso naquele oceano temido de escuridão, cujas vagas montanhosas me agarraram nas suas poderosas dobras, eu desci às mais baixas profundezas do esquecimento! (Ver o terceiro diagrama, p. 205.)

Este acontecimento psicológico deixa uma marca ousada e indelével na primeira montanha da minha peregrinação — a montanha do Uso. Ao olhar para trás, para essa experiência magnética, com os seus preciosos resultados, sinto-me cheio de gratidão sem palavras. Imutáveis, de facto, são esses poderes que se manifestam por toda a Natureza! Nada pode ocorrer, de modo algum, em oposição ao bem-estar mais elevado dos inúmeros mundos confiados ao seu exclusivo e eterno controlo.

Após anos de estudo, sou obrigado a acreditar assim. Provas explícitas foram apresentadas à minha mente. Sei que nem todas as mentes são igualmente suscetíveis a estas impressões. Contudo, as provas não podem ser postas em dúvida por aqueles que exercem o privilégio da observação. Que a minha própria convicção assenta numa base substancial, o leitor estará preparado para admitir quando eu relatar a misteriosa restauração do meu corpo sem vida e da minha mente perturbada ao gozo da existência exterior. A história é muito curta:—

Despertei para a consciência física, mentalmente a girar em forma circular. A escuridão continuou (com o meu movimento ascendente) a aumentar e a expandir-se, até eu alcançar a margem que delimitava o oceano do temido esquecimento, cujas ondas inquietas me transportaram para o desejado estado de pensamento e vigília. Os meus sentidos, as janelas da

alma, abriram-se de novo; a luz entrou na minha visão obscurecida; o som vibrou pelos labirintos do meu ouvido; a sensação percorreu-me todo o corpo como um relâmpago; e eu mexi-me, gritei e abri os olhos. Mas que alegria e surpresa!

Eu estava exatamente na mesma posição em que me sentara pela primeira vez para a experiência. Muitos conhecidos estavam sentados perto e à minha volta, com semblantes a irradiar prazer e espanto. Por um momento, porém, senti-me insatisfeito. Não conseguia recordar nada, exceto os meus sofrimentos mentais; e, de algum modo, na minha confusão, eu não me sentia inteiramente certo de que não tivesse morrido. Eu não conseguia perceber que tinha, na realidade, regressado do escuro "vale da sombra da morte".

Mas alguns olhares perscrutadores pela sala e para os rostos familiares em redor convenceram-me; e então levantei-me, como se saísse das trevas da sepultura, e, com forças renovadas, cumprimentei as testemunhas espantadas e encantadas. (Durante esta experiência, não cheguei ao quarto estado representado pelo diagrama magnético.)

"O que se passa?", perguntei com ansiedade sincera. "O que trouxe esta gente aqui? O que é que eu estive a fazer?"

"Eu mandei chamá-los", respondeu o operador, "para o verem atuar."

"Atuar!", disse eu, totalmente alheio ao sentido das suas palavras.

"Sim, atuar!", repetiu ele, com um sorriso triunfante. "És um rapaz estranho, isso és; mas eu sei como se chama o teu Poder."

"Como é que se chama?", perguntei.

"Chancey Hare Townsend chama-lhe 'Clarividência'", respondeu o operador. "Li o livro dele, *Factos no Mesmerismo*, onde ele descreve casos de ver, com os olhos vendados, exatamente como tu fizeste esta noite, com perfeição."

"O que foi feito?", perguntei eu outra vez. "Conte-me tudo."

"Pois, passado um bocado, leste pela tua testa as letras grandes de um jornal; disseste as horas pelos nossos relógios, etc.; além disso, descreveste onde alguns de nós têm doenças; tudo para nossa perfeita satisfação."

Lembro-me bem das minhas reflexões naquela noite, enquanto caminhava para a casa suburbana do Sr. Armstrong. Traduzidas para o meu

uso atual das palavras, estas eram as minhas perguntas e meditações: "Que poder é este? Este feitiço mágico? Esta operação de bruxaria? O que foi aquilo que me entorpeceu a carne? Que me fechou o mundo? Que me fez morrer uma morte temida? Que me trouxe de volta à vida? Como é estranho que tanto tempo tenha passado sem eu dar por isso!

Um período não lembrado — um vazio na minha história mental — produzindo uma colheita tão misteriosa! Será isto poder profético? Será como a feitiçaria dos antigos? Poderá ser um sonho? Uma exibição imaginária? Será alucinação mental? Sou vítima de encantamento satânico? Não! Há algo mais profundo do que o pensamento, que me assegura que isto é uma verdade importante e bela. E lembro-me também da doce voz familiar, soprando suavemente no ar: 'Sê—calmo! Tu—hás de—ver.'"

Nessa noite, como o leitor poderá imaginar, eu não consegui dormir. Na manhã seguinte, cedo, contei tudo o que acontecera. No rosto do utilitarista havia um olhar escrutinador de incredulidade. Não o contestou, contudo, nem me negou o tempo pedido (embora muitas vezes me dissesse que "tempo é dinheiro") para novas experiências magnéticas. Durante as horas de trabalho, no entanto, eu estava pontualmente no meu lugar — cumprindo os vários deveres consequentes ao meu ofício. Mas havia um mistério pendendo sobre o meu caminho — um encanto na minha alma — um chamamento mais alto, do cume de alguma montanha desconhecida — que me impelia, todas as noites, ao salão do Sr. Levingston, a fim de testar e demonstrar o que o novo poder podia realizar. Era uma luta mental, caro leitor — uma subida laboriosa e contínua — uma experiência estranha e selvagem, tanto para o meu corpo como para a minha alma. Era uma região de vida inexplorada — um oceano sem costa. Sim, eu estava literalmente "a avançar às cegas" — não levianamente e sem cuidado, mas com apreensões inexprimíveis.

Ao submeter-me assim periodicamente ao processo magnético, despertei a curiosidade da população superficial; e os amantes do maravilhoso afluíam à minha cadeira e disputavam oportunidades de obter provas individuais. Como o poeta da "praia solitária", parecia que, quando este sono misterioso passou pela primeira vez do meu corpo trémulo, "acordei e encontrei-me famoso". A minha popularidade, porém, estava longe de ser co-extensiva à minha notoriedade. Esta última, sem a primeira como escudo, fez de mim um alvo a que certos "rapazes do colégio" atiravam bolas de neve e vaias, enquanto algumas cabeças mais velhas — profissionais e gente da moda — disparavam a chumbo quente e frio a condenação ignorante e sem coração. Numa palavra, eu era universalmente o objeto de escândalo privado e ridículo público.

Quase todas as noites, contudo, as nossas experiências prosseguiam com êxito. Em cada sessão surgia alguma verdade nova ou prodígio interessante; e, por relato verbal, a sua influência espalhava-se ao longe por toda a comunidade. Mas o coração do monstro, a Ignorância, foi rapidamente tocado; e o preconceito dos religiosos sombrios começou a despertar. Indivíduos de várias denominações ergueram-se em rebelião contra as revelações; e, no seu zelo cego, protestaram contra a continuação dos procedimentos no salão do operador.

À medida que aumentavam a surpresa e a perseguição dos habitantes, assim se ampliavam a minha apreensão e a minha ansiedade. E, repetidas vezes, eu orava para que me fosse dado saber de onde vinha este poder; se eu devia continuar a exercê-lo; e em que consistiam a sua verdadeira natureza e propósito. Sabe, então, amável leitor, que os acontecimentos que relatei e as emoções que descrevi abrangem toda a recordação e conhecimento reais que então possuía acerca desta maravilhosa iluminação.

CAPÍTULO XXXIII
O MEU PRIMEIRO VOO ATRAVÉS DO ESPAÇO

"Ó filho do Tempo, que olhas para trás!
O novo é velho, o velho é novo —
O ciclo de uma mudança sublime
Ainda varre tudo!"

Para apresentar devidamente à mente os passos progressivos deste mistério, detalharei agora as impressões que recebi ao contemplar pela primeira vez, em clarividência, a superfície do globo. (A filosofia deste modo de observação interior é explicada no terceiro volume de *A Grande Harmonia*.)

Ao colocar-me em relações simpáticas com o operador — voltando os meus pensamentos para dentro e excluindo as perturbações e interrupções fugazes do mundo exterior — passei facilmente ao terceiro estado magnético. Este acontecimento particular deu-se, creio, na véspera do primeiro de Janeiro de 1844. Nessa altura (e durante os quatro anos seguintes), eu não conseguia recordar, quando fora desse estado, nada do que tinha visto ou dito enquanto nele me encontrava. Mas agora a vasta cena irrompe na minha memória com toda a vividez e beleza com que originalmente se apresentou; e posso ver e investigar — com muito mais certeza e com mais profunda satisfação — os mesmos campos em ligação com planos ainda mais elevados de existência e de pensamento.

Antes de me sentar, de frente para o operador, observei algumas pessoas na sala; como de costume, procuravam provas e maravilhas; mas eu tinha então pouca ideia de que pudesse haver algo que se parecesse com uma experiência bem-sucedida. Eu sabia ainda muito pouco da natureza do magnetismo; não tinha aprendido nada de definido sobre o fenómeno maravilhoso da clarividência; não possuía, na verdade, uma conceção clara de semelhante estado. Apesar disso, o estado magnético místico foi completamente induzido em menos de trinta minutos.

Como de costume, a minha mente tornou-se incapaz de controlar o mais pequeno músculo, ou de perceber qualquer sensação definida, exceto uma espécie de oscilação ondulante entre o que me parecia ser ação decidida ou inércia. Era uma sensação muito estranha, mas nada desagradável. Em poucos minutos, porém, toda esta agitação mental diminuiu; e então passei ao estado mais delicioso de tranquilidade interior. Nenhuma sensação discordante atravessou o meu espírito. Eu estava completamente "renascido" — estando no espírito. Os meus pensamentos eram do carácter mais pacífico. Toda a minha natureza se expandiu belamente. Pensei nas alegrias da amizade! nos prazeres indizíveis do amor universal! na doçura e felicidade das almas unidas! E, no entanto, por estranho que pareça, não experimentei qualquer emoção invulgar do coração, que se poderia supor ser uma consequência natural de temas tão prazerosos.

Apesar de a minha mente estar exaltada e a meditar desta forma, eu não percebia ainda o mais pequeno raio de luz em direção alguma. Por isso concluí que estava fisicamente num sono profundo, mentalmente entregue a um devaneio pacífico, e nada mais.

Mas mal esta conclusão se fixou entre os meus pensamentos como provável, observei uma intensa negrura diante de mim — aparentemente estendendo-se por centenas de milhas no espaço e envolvendo a terra. Isto fez-me lembrar a experiência da minha primeira noite. Gradualmente, porém, essa massa de trevas de meia-noite ergueu-se e desapareceu; e, com igual gradualidade, a minha perceção despertou e ampliou-se. Tudo na nossa sala — juntamente com as pessoas que nela se encontravam — ficou surpreendentemente iluminado.

Cada corpo humano brilhava com muitas cores, mais ou menos brilhantes e magnéticas. A figura de cada pessoa estava envolvida numa atmosfera luminosa que dela emanava. A mesma emanação estendia-se pelos braços e penetrava todo o corpo. As unhas tinham uma esfera de luz à sua volta, o cabelo outra, as orelhas outra e os olhos ainda outra; a cabeça era muito luminosa — as emanações, combinadas, espalhando-se no ar desde

quatro polegadas até vários pés. (O leitor verá isto ilustrado nos diagramas, pela linha oval em torno de cada pessoa.)

A absoluta novidade desta visão esmagou o meu espírito com espanto e admiração. Eu não a conseguia compreender. De novo me senti confundido e não podia ter plena certeza de que estava a viver na terra. Parecia que toda a terra, com todos os seus habitantes, fora subitamente transportada para algum Elísio. Eu não conhecia então linguagem que pudesse descrever as minhas perceções; por isso não soltei a menor exclamação, nem tentei articular palavra; mas continuei a observar, como alguém em solidão, com um sentimento de alegria indizível e santa reverência. Mais alguns momentos, caro leitor, e eu não só via os exteriores dos indivíduos naquela sala — como que vestidos de luz — mas também percebia com igual facilidade os seus interiores e, além disso, as fontes ocultas dessas emanações magnéticas luminosas.

No meu estado natural ou comum, recorde-se, eu nunca tinha visto os órgãos das vísceras humanas; mas agora eu podia ver todos os órgãos e as suas funções — o fígado, o baço, o coração, os pulmões, o cérebro — tudo com a maior facilidade possível. O corpo inteiro era transparente como uma folha de vidro! Estava revestido de uma estranha e rica beleza espiritual. Parecia iluminado como uma cidade. Cada órgão separado tinha vários centros de luz, além de estar envolvido por uma esfera geral própria. E eu não via apenas o órgão físico, mas também a sua forma, aspeto e cor, simplesmente observando as emanações peculiares que o rodeavam. Por exemplo: eu via o coração — rodeado por uma combinação geral de cores vivas — com pontos especiais de iluminação intercalados.

As aurículas e os ventrículos, juntamente com os seus orifícios, emitiam chamas distintas de luz; e o pericárdio era uma veste de vida magnética, envolvendo e protegendo o coração enquanto este executava as suas funções. O departamento pulmonar ou respiratório também estava iluminado com belas chamas, mas de diferente magnitude e cor. As várias câmaras de ar pareciam tantos laboratórios químicos. O fogo nelas operava mudanças químicas instantâneas no sangue que fluía através das membranas contíguas; e o grande nervo simpático, cujas raízes se estendem por todas as vísceras inferiores e cujos ramos mais altos se perdem nas camadas superiores do sensório, aparecia como uma coluna de vida, entretecida e superfundida com um fogo suave e prateado!

O cérebro era igualmente muito luminoso, com cores prismáticas. Cada órgão do cerebelo e do cérebro emitia uma luz própria. Eu conseguia discernir facilmente a forma e o tamanho do órgão pela forma e intensidade das suas emanações. Esta visão, lembro-me bem, despertou em mim grande

admiração. Mas eu estava tão profundamente no estado magnético e tão pobre de linguagem, que não manifestei qualquer deleite nem descrevi um fragmento do que então via. Em algumas partes do cérebro pequeno vi emanações cinzentas e, noutras, sombras mais baixas e mais escuras dessa cor — em muitos e variados graus de nitidez — até uma chama sombria e quase negra.

Por outro lado, nas porções mais elevadas do cérebro maior ou superior, vi chamas que pareciam o sopro de diamantes. A princípio não compreendi a causa dessas belas respirações; mas logo descobri que eram os pensamentos dos presentes sobre os estranhos fenómenos então manifestados na minha própria condição. Ainda assim, continuei as minhas observações. Os órgãos superiores do cérebro pulsavam com um fogo suave e radiante; mas não se parecia com nenhum fogo ou chama que eu tivesse visto na terra. Na verdade, o cérebro parecia uma coroa de brilho espiritual — adornada com crescentes reluzentes e joias flamejantes.

Aqui observarei, entre parênteses, que aquilo que é assim natural ao cérebro humano nesta sua primeira etapa de existência é preservado e indescritivelmente aperfeiçoado na Terra-Espírito para a qual todos certamente caminhamos. Cada cérebro parecia diferente — diferente nos graus, modificações e combinações das chamas e cores — mas muito, muito belo! Do cérebro vi as correntes diversificadas de vida, ou fogo magnético, a fluírem através do sistema. Os ossos pareciam muito escuros ou castanhos; os músculos emitiam em geral uma luz vermelha; os nervos davam uma chama suave, dourada; o sangue venoso uma luz roxa escura; o sangue arterial uma lâmina brilhante e lívida de fogo, que me lembrava constantemente os fenómenos elétricos das nuvens. Em verdade, amável amigo, eu via cada ligamento, cada tendão, e cada estrutura cartilaginosa e membranosa, cada qual iluminada com lâminas diferentes e centros magnéticos de luz viva, que indicavam e revelavam belamente a presença do princípio espiritual.

Assim, eu via não só as estruturas físicas reais, mas também as suas essências internas e elementos vitais. Outra coisa era muito notável: eu sabia que as pessoas tinham roupa, porque eu via um elemento de vitalidade, mais ou menos distinto, em cada fibra das vestes sobre os seus corpos! Do mesmo modo que, por um ato de vontade, olharia através das bolhas num vidro e, por ele, para os objetos e cenas além, assim eu conseguia discernir, e isto sem esforço consciente, todo o mistério e beleza da economia humana — e fruir aquela iluminação festiva que as dez mil chamas das velas douradas da vida davam a cada avenida, pilar, câmara, janela e cúpula do templo humano!

Mas o campo da minha visão começou então a alargar-se. Eu podia ver a vida da natureza nos átomos das cadeiras, mesas, etc.; podia vê-los com muito mais satisfação — quanto ao uso, estrutura, localização — do que alguma vez me lembrava de saber no meu estado comum. Depois, eu podia distinguir nitidamente as paredes da casa. A princípio pareciam muito escuras e opacas; mas logo ficaram mais claras e depois transparentes; e, em seguida, eu podia ver as paredes da habitação adjacente. Estas também se tornaram imediatamente luminosas e desapareceram — derretendo como nuvens perante a minha visão que avançava. Eu podia agora ver os objetos, o mobiliário e as pessoas na casa ao lado com a mesma facilidade que os da sala onde eu estava.

Nesse momento ouvi a voz do operador. Ele perguntou "se eu o podia ouvir falar claramente". Respondi afirmativamente. Perguntou então sobre o que eu sentia e "se eu conseguia discernir alguma coisa". Ao responder afirmativamente, pediu-me que convencesse algumas pessoas presentes "lendo o título de um livro, com as pálpebras fechadas, por detrás de quatro ou cinco outros livros". Tendo ele apertado bem os meus olhos físicos com lenços, colocou então os livros numa linha horizontal com a minha testa, e eu vi e li o título sem a menor hesitação. Este teste e muitos semelhantes foram tentados e repetidos; e a demonstração de visão independente dos órgãos físicos dos sentidos foi clara e incontestável.

Por fim, sentindo-me um tanto exausto, abandonei-me a um sono mais profundo, que parecia apoderar-se da minha forma exterior. Pouco depois, as minhas perceções anteriores regressaram com maior força. A aldeia foi então instantaneamente submetida à minha visão. Era-me agora tão fácil ver as pessoas a moverem-se dentro das suas casas como nas ruas abertas, e era igualmente fácil ver o seu íntimo mais interior como as luzes e sombras externas dos seus corpos físicos.

Era o primeiro de Janeiro, recorde-se — frio, brilhante, sem nuvens, gelado, belo! Um vento de Inverno cortante varria a terra, arrefecendo e gelando por onde passava; mas as minhas perceções prosseguiam ondulantes — a aldeia e os seus habitantes derretiam-se diante de mim, e o meu gozo era maior e mais fresco do que alguma vez experimentei no fulgor e beleza de Maio ou Junho. Por um processo de interpenetração, como agora lhe chamo, fiquei em *rapport* com a Natureza! O espírito da Natureza e o meu espírito tinham, instantaneamente e pela primeira vez, formado — aquilo que me parecia — uma espécie de conhecimento psicológico ou simpático: a base de uma comunhão elevada e eterna. O seu amplo gabinete abriu-se diante de mim, e parecia que eu era o único visitante na feira da Natureza — um banquete real!

As propriedades e essências das plantas tornaram-se claramente visíveis. Cada fibra da flor silvestre, ou átomo da violeta-da-montanha, resplandecia com a sua própria vida peculiar. As ramificações capilares dos musgos de ribeiro — os nervos finos da planta cicuta, do sapatinho-de-dama e das trepadeiras floridas — tudo se revelou à minha visão. Eu via os elementos vivos e as essências a fluir e a brincar através dessas formas simples da matéria; e do mesmo modo via as muitas e variadas árvores das florestas, campos e colinas, todas cheias de vida e vitalidade em tonalidades diferentes e em diferentes graus de refinamento.

Parecia que eu podia ver a localização, propriedades, qualidades, usos e essências de toda a forma e espécie de vegetação espontânea que tivesse existência em qualquer ponto da constituição da terra. A beleza viva e intensa e a sublimidade avassaladora desta visão eu não consigo descrever sequer agora; embora, como o leitor verá, eu tenha desde então contemplado frequentemente cenas muito mais belas e inefáveis.

Mas as minhas perceções continuavam a avançar! A ampla superfície da terra, por muitas centenas de milhas à frente do alcance da minha visão — descrevendo quase um semicírculo — tornou-se transparente como a água mais pura. Os depósitos aluviais e diluviais mais profundos distinguiam-se das estratificações mais fundas de pedra e terra pela brancura comparativa e superior dos ingredientes dos primeiros. A terra emitia uma cor particular, as pedras outra, e os minerais ainda outra.

Quando pela primeira vez distingui um leito de minerais — era uma veia de minério de ferro — lembro-me de como sobressaltei e tremi com uma sensação de medo. Parecia que a terra estava em fogo! A eliminação instantânea de eletricidade, de toda a massa, dava a aparência de uma fornalha profunda sob a terra. E a minha agitação não diminuiu ao perceber que esses rios de fogo mineral corriam sob o oceano por centenas de milhas e, ainda assim, não eram diminuídos numa única chama — sim, não podiam ser extintos!

Inúmeras camadas de zinco, cobre, prata, calcário e ouro chamaram de seguida a minha atenção; e cada uma, tal como os diferentes órgãos do corpo humano, desprendia diversos tipos de atmosferas luminosas. Todas estas emanações como que respirantes eram mais ou menos brilhantes, variadas e belas. Tudo tinha uma glória própria! Os corpos cristalinos emitiam emanações suaves, brilhantes, azuis e carmesins. Os vários sais do mar cintilavam como gemas vivas; as plantas marinhas estendiam os seus largos braços, cheios de vida hidrogenada, e abraçavam a alegria da existência; os vales profundos e os desfiladeiros de luz ténue, por onde o velho oceano flui incessantemente, estavam povoados de incontáveis animálculos — todos

permeados e pulsando com o espírito da Natureza; enquanto as encostas das montanhas oceânicas — muito, muito abaixo da alta via de viagem e do comércio humano — pareciam literalmente cravejadas de esmeraldas, diamantes, ouro, prata, pérolas e gemas cintilantes, para lá de qualquer cálculo. Oh, o oceano é um magnífico gabinete de beleza e de riqueza imensa; e, à luz de investigações mais recentes, sinto-me levado a dizer que o homem ainda o possuirá!

Sê paciente, leitor amigo, pois ainda tenho outras cenas a relatar. Olhei então para os campos de terra firme e vi as várias espécies de animais que pisam a terra. A anatomia externa e a fisiologia interna do reino animal estavam igualmente abertas à minha inspeção. Uma perceção instintiva de anatomia comparada ou relativa encheu-me o espírito num instante. O porquê e o para quê dos vertebrados e invertebrados, das divisões crustáceas e moluscanas do mundo animal, afluíram muito agradavelmente ao meu entendimento; e eu vi os cérebros, as vísceras e a anatomia completa de animais que (naquele momento) dormiam ou rondavam as florestas do hemisfério oriental, a centenas e mesmo a milhares de milhas do quarto em que eu fazia estas observações!

Não se deve esperar que eu detalhe a tricentésima parte dos pormenores da minha primeira introdução a uma perceção intuitiva da Natureza. No melhor dos casos, só posso dar-vos um esboço grosseiro, porque as palavras não servem ao propósito: parecem-me prisões de pedra em que, demasiadas vezes, encarceramos coercivamente os nossos pensamentos mais elevados.

Nesta visão mística, amável leitor, eu vi tudo exatamente como tu verás — com os sentidos penetrantes do espírito — depois de deixares o corpo visível na morte física. Foi muito, muito belo ver tudo vestido com uma atmosfera! Cada pequeno grão de sal ou de areia; cada planta minúscula, flor e erva; cada gavinha das árvores mais altas — as suas folhas maiores e mais pequenas; as pesadas formas minerais e as ponderosas formas animais, existentes nos vastos campos diante de mim — cada uma e todas estavam revestidas de uma atmosfera escura, ou castanha, ou cinzenta, ou vermelha, azul, verde, amarela, ou branca — dividida e subdividida numa variedade quase infinita de graus de intensidade, brilho e refinamento.

E — nota bem o facto! — em cada mineral, vegetal e animal eu Vi Algo de Homem! Na verdade, todo o sistema da criação me pareceu como fragmentos de futuros seres humanos! No castor vi, em embrião, uma faculdade da mente humana; na raposa, outra; no lobo, outra; no cavalo, outra; no leão, outra: sim, em verdade, por todo o vasto círculo concêntrico de vida mineral, vegetal e animal, eu conseguia discernir certas relações com

o Homem e indicações embriológicas de Homem! Se então eu tivesse possuído o meu instinto atual de linguagem, teria exclamado, na linguagem do poeta-salmista:

—

"As ervas curam alegremente a nossa carne, porque
Encontram aí o seu parentesco

Todas as coisas, para a nossa carne, são afins."

Entendido neste sentido, leitor sincero, quão instrutiva e apropriada foi a visão de Pedro — relatada no décimo capítulo dos Atos — em que viu um grande lençol branco descer do céu, contendo toda a sorte de quadrúpedes, répteis, etc., e lhe foi dito que os matasse e comesse! Tudo isto dizia simplesmente o seguinte: "Pedro, não precisas sentir-te demasiado exclusivo, demasiado parcial, demasiado aristocrático, demasiado altivo e elevado acima do mais humilde dos teus semelhantes, nem mesmo acima do pequeno verme que rasteja debaixo dos teus pés; porque, eis que és aparentado com todo o quadrúpede e todo o réptil que o Senhor fez: reconhece, portanto, as tuas relações universais e simpatias concêntricas, e sê daqui em diante bondoso e indulgente para com tudo o que vive."

Ora, desde aquela noite memorável, encontrei demasiados que precisam da lição de Pedro. Eles, como ele, encolhem-se perante este novo método de seguir a sua génese ou derivação ancestral; e tais dizem: "Não estamos habituados a comer coisas impuras." Mas o tempo aproxima-se rapidamente, creio eu, em que a humanidade sentirá a sua unidade com a Natureza e com o seu Deus — até à total aniquilação de toda a estreiteza de espírito e de toda a superficialidade vazia.

Na minha visão gloriosa, lembro-me bem de como fixei o olhar nas pequenas plantas dos campos — e vi, envolvendo amorosamente cada uma, uma atmosfera de vida própria. Esta emanação dourada e enevoada — circundando algumas espécies de vegetação — tinha aparentemente de quatro polegadas a oito pés de diâmetro. Alguns animais desprendiam uma esfera sombria com três ou quatro pés de espessura e, para além desta, um ar muito escuro e fino — de mais alguns pés — que se esbatia no espaço circundante. Em tudo isto, a Lei da Simpatia era muito claramente visível. (Ver o terceiro volume de *A Grande Harmonia*.)

Vi que tudo na Natureza estava arranjado e situado de acordo com esta lei universal; e que, por ela, todas as verdadeiras relações simpáticas se estabelecem e se mantêm reciprocamente. As posições relativas dos corpos minerais no seio da terra; a situação de árvores, vegetação, animais e seres humanos; sim, até as posições relativas do sol e das estrelas — eram

manifestamente conduzidas por esta simpatia infinita. Vi os diferentes corpos cristalinos da terra agirem uns sobre os outros e, mediamente, sobre as substâncias sólidas a que estavam ligados — por meio de um generoso entrelaçar das suas emanações magnéticas.

Vi as flores exalarem os seus odores, com cujo perfume se revestiam, e então formarem ligações com flores vizinhas — respirando sobre elas, segundo uma fusão espontânea de esferas, o doce hálito da sua vida. Não havia uma gota de orvalho, alojada nas pétalas da rosa, que não cintilasse com uma essência viva — profética de animação vindoura! Vi correntes de eletricidade a correrem de um leito mineral numa parte da terra para o seu parente (mas positivo) vizinho noutro departamento do mesmo hemisfério. E vi as pequenas chamas, elevando-se das essências de plantas e árvores, saltarem para correntes fluentes que eram instantaneamente absorvidas e levadas para destinos mais longínquos e apropriados.

Não, não, a linguagem não consegue descrever esta cena! Basta dizer que toda a Natureza era radiante com incontáveis luzes, com atmosferas, com cores, com respirações e com emanações — tudo a palpitar e a pulsar com uma essência de vida indestrutível — que parecia pronta a graduar-se e a saltar para dentro da constituição humana! Tudo parecia emular para ser Homem! Mas eu já não conseguia suportar a felicidade requintada — sentia-me incapaz de manter um sentimento tranquilo — as minhas emoções tornaram-se tão profundas e indizíveis!

Ansiava agora por um companheiro, por associação. Por um momento percebi dolorosamente que contemplava toda aquela magnificência sozinho! Este pensamento fez-me sentir isolado também e incapaz de reter a recordação. Então comecei a pensar, com saudade, na aldeia — na sala em que me sentara para a experiência magnética — nas pessoas que eu vira na sala — e também no operador — e, imediatamente, a minha visão começou a diminuir e a contrair-se. Os continentes distantes, os oceanos, os campos, as colinas, as florestas — tudo foi gradualmente esbatendo-se e desaparecendo. As luzes fulgurantes ficaram bem para trás!

Agora eu conseguia discernir, como antes, a condição interior dos que estavam na sala e também o rosto do operador, que então disse: “Vamos, vamos, Jackson, tens estado muito quieto! Consegues ver alguma coisa — tens alguma coisa a dizer?” Fiz um esforço para descrever aquilo que tenho vindo a escrever neste capítulo. Lembro-me de como lutei por algumas palavras; mas, quando estava prestes a desistir de todas as tentativas, exclamei involuntariamente, em voz baixa e trémula: “Que bonito!”

Ouvi os meus próprios acentos, e nunca senti mais intensamente a total inexprimibilidade e impotência da linguagem humana! Naquele momento, nada mais disse nem vi. Passados poucos instantes, senti a mão do operador a passar sobre a minha cabeça. Pouco depois regressei ao meu estado habitual, sem um único vestígio — do que tinha visto — vivo na minha memória exterior. Portanto, tudo o que aqui relatei é um ressurgir das impressões que então foram feitas na minha mente.

CAPÍTULO XXXIV
O CUME DA PRIMEIRA MONTANHA

"Maravilhoso rio é o Tempo,
Ao correr pelo reino das lágrimas,
Com ritmo sem falha e rima musical,
E mais largo curso e sublime arrebentação,
E funde-se com o oceano dos anos."

O honrado e cavalheiro operador — homem de espírito consciencioso e benevolente — continuou a convidar as pessoas a virem assistir às nossas demonstrações noturnas. Estes convites eram feitos livremente e sem discriminação, sem medo de derrota ou esperança de recompensa. Nada se fazia em segredo. Durante o dia, cada um de nós seguia o seu diferente e sempre respeitável ofício; e nenhum de nós tinha, então, a mais remota ideia de dedicar uma hora de trabalho a estes procedimentos místicos.

Interiormente, como o leitor já está perfeitamente ciente, havia-se-me aberto um mundo mais claro, mais brilhante, mais verdadeiro e mais elevado; mas, exteriormente, com tudo excluído e não recordado, eu permanecia obtuso, confuso e apreensivo. Conhecidos intrometidos estavam por perto com palavras de conselho ou de opróbrio. Um dizia — "Isso vai-te fazer mal"; outro — "Vais ficar maluco"; outro — "És um tolo por te deixares enganar todas as noites"; outro — "És um embuste — um aldrabão — um impostor"; e assim, sujeito aos golpes de uma comunidade opinativa, a minha vida diária estava longe de alegria e descanso. Mas —

"Como a corrente do oceano,
o homem é impelido por poderes invisíveis;"
facto plenamente exposto e demonstrado nesta parte da minha peregrinação.

Uma influência simpática incompreendida, como o ar do céu, começou então a pairar diariamente sobre tudo o que eu tocava. Em breve pareceu

abalar e enfraquecer o meu apego ao Sr. Armstrong e definir e fortalecer um desejo secreto de viver dentro do círculo da delicada fascinação do Sr. Levingston. Finalmente, a atração desconhecida prevaleceu sobre as minhas obrigações comerciais para com o primeiro; e, como o peixe salta com alegria para o seu elemento nativo, assim eu me lancei com deleite no desconcertante Elísio magnético! Fiz isto, leitor prudente, sem expectativa de melhorar a minha condição presente ou as minhas perspetivas futuras. O Sr. Levingston não me ofereceu quaisquer incentivos pecuniários; apenas disse que "gostaria de me ter na sua família", e nada mais. Em suma, como a ave que procura o seu clima congénere, ou o planeta que rola como que em êxtase à volta do seu pai celeste, assim segui eu as minhas atrações indefiníveis.

Então o prudencialista suspirou, o cético escarneceu, o religioso gemeu, o comerciante abanou a cabeça duvidosa, o amigo íntimo lamentou, os rapazes vaiaram e, por fim, mas não menos importante, o político de rua (por força do hábito) declarou que era um truque para ganhar dinheiro. Não que eu tivesse de enfrentar todas estas influências conflituosas e obstrutivas de uma só vez; mas elas caíram por graus lentos — como uma tempestade fria, de neve derretida e chuvisco, irregular e com granizo, com várias semanas de duração. Esta mudança espontânea, esta união magnética com o operador, ocorreu por volta do primeiro de Março. Falando simbolicamente, eu estava agora a poucos passos do topo da primeira montanha que se erguia entre o meu berço e o Futuro!

Os últimos poucos estádios tinham sido vencidos apenas graças a luta privada contínua e a uma obediência irresistível à lei oculta que então agitava a minha natureza. Mas, pouco antes de alcançar o cume psíquico, ocorreu um acontecimento mais notável e importante do que tudo o que eu tinha vivido até então. E, embora os seus detalhes já tenham sido publicados anteriormente, o objetivo deste volume não pode ser bem cumprido, parece-me, a menos que os traços principais dessa visão iniciática reapareçam nesta ligação; e, ajudado pelas minhas recordações adicionais atuais e pelo conhecimento aumentado, estou felizmente habilitado a apresentar essa experiência com mais brevidade e menos mistério.

Foi numa noite fria, instável e desagradável — 6 de Março de 1844 — que o Sr. Levingston e eu seguimos para o n.º 24 da Garden Street. Eu já tinha dado provas consideráveis de poder inspecionar, em estado de clarividência, a condição de pessoas doentes. Fazer tal exame era o objetivo da nossa visita nessa ocasião. À chegada, trocaram-se poucas palavras antes do processo indutivo, durante o qual experimentei a minha transformação mental habitual, com um brilho adicional de intensa excitação e sentido de novidade, como aquele que caracterizou a minha primeira tentativa. Cumprida a tarefa,

o operador procurou libertar-me da misteriosa Simpatia. Mas, durante muito tempo, isso pareceu impossível. Uma e outra vez ele tentou, mas sem sucesso. Depois, porém, senti a vida a regressar e a correr pela minha carne, fazendo-me sentir natural e livre da subtil influência a que eu fora submetido.

Depois de conversar alguns instantes com os presentes, senti uma dolorosa aversão às suas várias esferas. Cedendo, desci para a rua. Imaginei então que o meu organismo retinha uma parte da influência transmitida. Isto foi confirmado por uma iluminação súbita e paralisante na região do intelecto. Fiquei imóvel, como que pregado ao chão! Ao sair do quarto, a minha intenção era regressar a casa e, não me sentindo bem, recolher-me de imediato. Mas agora, confuso, encostei-me ao portão da rua, aparentemente à mercê e à disposição de algum poder sobre-humano.

Enquanto ali estava, nasceu em mim o desejo de visitar o Rev. A. R. Bartlett, por quem, como o leitor sabe, eu formara forte afeição. Obedeci depressa a esta sugestão. Avancei até à sua porta; toquei à campainha com furor; fui conduzido à sala de estar; deram-me uma cadeira perto da janela. A minha mente estava penosamente perturbada. O clérigo entrou e recebeu-me calorosamente. De modo desajeitado e apressado, ofereci muitas desculpas pela minha intromissão a tão altas horas. Com toda a naturalidade, ele se admirou do que poderia ser a verdadeira causa e objeto da minha súbita aparição.

Fraternalmente, insistiu para que eu passasse a noite com ele. Senti-me impelido a recusar. E assim, sem dar nem receber qualquer explicação quanto à causa ou intenção da minha visita, retirei-me de forma algo abrupta. Dirigi-me à casa do Sr. Levingston, na Main Street. Entrei pela porta da frente, atravessei o corredor e subi dois lanços de escadas até à minha cama. Com extrema agitação, tanto do corpo como da mente, deitei-me. Os meus pensamentos eram poucos e fugazes. O meu sistema físico cedeu, e afundei-me num sono inconsciente.

Quanto tempo dormi não sei, mas despertei completamente com a sensação de um abanão vivo sobre o meu rosto. Abri os olhos, mas nada via. Concluí que estivera a sonhar e tentei adormecer de novo. Pouco depois, porém, no silêncio do meu quarto, ouvi estas palavras: "Levanta-te! veste-te — e — segue-me." Pareceu-me como se a minha amada mãe tivesse falado mais uma vez, mas com uma voz muito mais enérgica e imperiosa. Obedeci. Na verdade, não podia evitá-lo. Agora nada era feito de modo desajeitado ou tardio. Vesti-me num minuto e estava na rua. Os meus pés não se agarravam a nada. Não havia fricção. Eram como asas, e eu voei com uma rapidez indescritível. A minha alegria exuberante era extática. O poder invisível (que eu pensava poder ser aquilo a que a mãe chamava "bondosa Providência")

conduziu-me ao passeio, na esquina das ruas Mill e Hamilton, onde, nessa altura, não havia casas.

A minha mente ficou imediatamente sóbria. "Que poderá significar isto?", perguntei mentalmente. "Que mudança! A abóbada celeste é extraordinariamente gloriosa e bela! As muitas estrelas, estacionadas por todo o vasto labirinto, brilham com um esplendor imortal — para guiar o viajante para diante e para cima, até à cidade da alegria eterna! E aqui estou eu sozinho — invisível a qualquer um, salvo ao Olho do Ser Eterno, e inaudível a qualquer um, exceto ao Ouvido que escuta o silencioso eco de todos os pensamentos humanos! Sim! estou vestido com as minhas roupas de sempre e contemplo os mais altos e sublimes assuntos!"

Assim, caro leitor, eu meditava, sem saber por que poder viera ali, nem quanto tempo passara desde que me deitara. Contudo, sentia grande calma e, ainda assim, não conseguia reprimir sentimentos de curiosidade quanto à minha capacidade maravilhosa de contemplar e raciocinar. Mas estava plenamente preparado para uma visão.

Um som estranho vibrou-me então ao ouvido. Olhei e eis que vi, com admiração, uma congregação sombria de ovelhas limpas e belas! O rebanho era grande e a sua condição era pobre. Os seus corpos, porém, eram perfeitamente brancos; e mostravam grande doçura de carácter. Pouco depois, fui impressionado com a seguinte interpretação, que agora entendo como verdadeira e como dando o uso da cena simbólica:—

"As ovelhas correspondiam à vasta irmandade da humanidade. A sua bela brancura exterior correspondia à pureza e bondade inatas de todos, indicando que todos são capazes de refinamento material e elevação espiritual. A pobreza dos seus corpos correspondia à miserável condição física dos habitantes da terra. As suas afeições sociais estão desunidas; opõem-se ao mais alto bem e felicidade uns dos outros; e as suas simpatias espirituais estão mal dirigidas. Sim, a raça humana inteira representa um rebanho de ovelhas, cujo pastor é o Pai Universal!"

Estas verdades afluíram ao meu espírito desdobrado tão livremente como a chuva cai do céu sobre a terra. Reconheci a sua utilidade e importância. Mas continuei a minha meditação. As ovelhas permaneciam em paz como quando as vi pela primeira vez. Mas agora, ao compreender o sentido pretendido, começaram a mudar de posição — como se desejassem algum redil onde pudessem descansar sem perturbação. Muito confusas, começaram a avançar pela rua de tal maneira que mostraria (se fossem homens) que os seus juízos eram fracos ou estavam comprometidos, e que

assim eram incapazes de escolher o caminho próprio e justo que as teria conduzido ao alvo que todas pareciam procurar.

***** *Nessa altura, eu não acreditava na existência de espíritos individuais.*

No instante seguinte vi um pastor. A sua aparição súbita e espiritual não me surpreendeu; e aproximei-me dele como de um amigo divino. Vi que estava muito perplexo, mas plenamente decidido (ainda que ineficaz) a levar as ovelhas para onde reinavam paz e harmonia. Tinha grande elegância de forma e estava vestido de maneira simples e útil. Apresentava um ar de dignidade altiva e sem afetação, digno de admiração em qualquer ser. O seu rosto e os seus olhos azul-céu indicavam pureza. Toda a sua aparência era a de um ser bondoso e gentil — dotado de perfeição física e espiritual.

Ao aproximar-me, ele não falou, mas exprimiu em linguagem simples (pela iluminação do seu semblante) os desejos da sua alma. Precisava de simpatia e auxílio. As ovelhas estavam em ignorância e confusão, que ele se esforçara por vencer. Precisavam de disciplina suave mas regular. Ao seu pedido acedi imediatamente. Com um poderoso esforço, conseguimos estabelecer ordem entre elas — à qual aderiram em conjunto — e então, como se fossem seres substanciais, elas e o seu pastor, encantado, prosseguiram naturalmente rua abaixo. Os seus movimentos uniformes pareciam fundir-se num único movimento harmonioso, até se esbaterem e desaparecerem entre os objetos circundantes que formavam a cena ao longe.

Com impressionante solenidade e iluminada por uma luz rosada, toda a cena veio e passou. Sustentado pelo poder invisível, mantive-me tranquilo durante toda a espantosa representação. Também me foi tornado distintamente manifesto o seguinte significado da sua parte final: "O belo pastor correspondia a um grande e nobre reformador, cujo espírito respirava 'paz na terra e boa vontade para com os homens'; cuja sabedoria exaltada compreendia as muitas necessidades físicas e espirituais da raça humana; cujo grande sistema de governo moral transcendia todos os outros concebidos desde que a inteligência permeou o seio da Natureza.

O estado de dolorosa confusão em que as ovelhas foram lançadas correspondia à condição confusa do mundo teológico — aos conflitos entre verdade e erro, razão e teologia, realidade e imaginação, teoria e prática — e, por fim, à intensa ansiedade de cada pessoa que deseja, mas não consegue crer, na vida imortal. O pedido que tão benignamente resplandecia do seu belo semblante denotava que eu, como todos os homens, sou chamado a desempenhar um papel moral no sagrado drama da vida." Assim sou compelido a relatar: primeiro, porque a instrução, pretendida pela bela representação, entrou no meu espírito irresistivelmente e

independentemente dos meus próprios pensamentos naquele momento; e, segundo, porque o meu transporte pessoal para aquela parte da aldeia foi produzido e governado por um poder superior a mim.

Mas a cena mudou agora. Fiquei quase sem pensamento; o sangue gelou no meu corpo exposto; a minha cabeça e o meu peito estavam penosamente congestionados; fui envolvido por uma escuridão semelhante à morte e tornei-me quase insensível. Lutei e arquejei por ar; mas o esforço falhou. A vida quase fugira. Tudo era frio, escuro, mortiço. Fiz um fraco esforço para escapar àquela morte solitária e então caí, inconscientemente, por terra.

Pouco depois despertei e fui levado a correr, como antes, com rapidez saltitante. Conduziram-me muitos, muitos quilómetros por uma estrada nova. Por fim, virei-me para o rio Hudson, gelado, que atravessei, e apressei-me a subir as colinas como se fosse numa caçada. As minhas forças naturais estavam tão esgotadas nesta crise que fiquei inconsciente de vida ou de existência; e, se o meu corpo não tivesse sido novamente abastecido de vida e energia, eu não teria podido mudar de posição. Mas, após um bom repouso, uma sensação doce e suave despertou-me e reanimou-me. Mexi-me e regozijei-me. Estendi a mão e senti a atmosfera vivificante. Eu também conseguia ouvir; e abri os olhos. Em poucos minutos a minha vista estava bastante clara e lancei o olhar sobre a paisagem. Estava sob uma influência psicológica e via as coisas comuns sob uma luz nova. Ainda assim, estava quase entorpecido de espanto. Encontrava-me numa posição reclinada, elevado cerca de sete pés do chão. A massa sobre a qual eu repousava era composta de mato e de árvores jovens — bem e estreitamente entrelaçadas umas nas outras — formando uma estrutura bem proporcionada, que me pareceu assemelhar-se a um altar artificial.

De cada lado erguia-se uma montanha estéril, escarpada e estupenda. Eu estava assim situado num vale profundo e aparentemente inacessível. As encostas elevadas estavam cobertas de gelo e neve; e, por entre essa capa dura, sobressaíam grandes rochedos de forma irregular, entre cujas fendas havia árvores apodrecidas. Notei, porém, que o vale terminava na encosta da montanha, a cerca de dez varas para oeste, havendo uma abertura aparente que conduzia para a esquerda, à volta da base da montanha.

"No ocidente havia um clarão de glória,
A esvair-se sobre a montanha encanecida."

Ao voltar-me para leste, vi o rio a uma distância aparente de quatro milhas. Do outro lado do rio, observei habitações mal construídas e em

ruínas, colinas desoladas e abruptas, e florestas escuras e sombrias, que estranhamente me lembraram a minha triste mãe.

Os céus estavam então cobertos como se chorassem a morte de um mundo. A dor enchia-lhes o seio de convulsões rebentantes. Como gemidos abafados de agonia universal, os trovões rolavam ao longe com terrível violência. O fogo elétrico iluminava a vasta concavidade. Luz e escuridão sucediam-se instantaneamente. Oh, era uma visão horrível! Nunca posso esquecer como, ao cair a chuva, os céus pareciam chorar, gemer, suspirar e rir; e como eu, sozinho, simpatizava com eles e pedia poder para acalmar os seus elementos perturbados.

Terrível, de facto, para o meu espírito psicologizado, parecia a minha condição exposta. A chuva caía em torrentes, e os elementos fugitivos (enquanto guerreavam entre si) pareciam ameaçar a minha destruição. Uma solenidade terrível e impressionante permeava tudo. Sobre o arcabouço de uma cena natural estava pintada uma lição espiritual de instrução. Da representação psicológica aprendi submissão e elevação; e, pela rapidez do relâmpago e pela terrível positividade do trovão, confessei que "o Senhor Deus omnipotente reina". Contemplei a minha própria insignificância e, entretanto, em comum com toda a humanidade, contemplei uma importância indizível no facto da existência. Aprendi também a reverenciar, obedecer e depender desse Poder que dirige e controla o universo.

"Cada pensamento era uma oração santa;
Cada suspiro era ar encantado;
Cada palavra era um tom do céu,
Mas dado em amor ao terreno."

O sol parecia estar a cerca de duas horas e meia de altura quando a tempestade cessou e o céu ficou limpo de nuvens. Como as representações que tinham sugerido as minhas reflexões tinham passado, comecei a ponderar sobre a mudança de local. Onde eu estava, não conseguia imaginar. O lugar era estranho; eu nunca o tinha visto até então; e eu sentia-me seguro, por experiência passada, de que, se tivesse viajado muito, eu estaria fatigado; mas não estava. Obediente ao meu guia, eu ficara deitado sobre a pilha de ramos (altar) durante o aguaceiro e estava completamente encharcado. Sentindo-me agora livre, desejei secar a roupa e saber, se possível, em que parte da terra me encontrava. Assim, levantei-me e desci ao chão. Enquanto me encostava à pilha (sobre a qual me deitara), senti uma sensação baça e sonolenta, imediatamente seguida de uma reação, e tornei-me invulgarmente clarividente.

Tudo me parecia notavelmente romântico e belo. Mas chegou-me então aos ouvidos um som indefinido. Escutei. Pouco depois ouvi o mesmo várias vezes repetido rapidamente — e então virei-me e vi (por meio de impressão psicológica) uma das visões mais estranhas imagináveis. Um rebanho de ovelhas num estado de confusão indescritível. Corriam em todas as direções possíveis. Algumas faziam esforços para subir a encosta. Eu via-as saltarem contra a montanha vidrada de gelo, de onde ricocheteavam e caíam, com força terrível, sobre a base pedregosa. Outras tentavam passar pelo lugar onde eu estava. Mas eram ignorantes e não conseguiam avançar; nem podiam obter apoio firme. As montanhas eram altas demais. A terra gelada era demasiado inóspita e a passagem estava demasiado bem guardada. Nesse momento, pela abertura na base da montanha, apareceu o seu pastor. Avançou na minha direção com passo lento mas firme.

Estas ovelhas visionárias correspondiam às que eu vira em Poughkeepsie, à noite; e o pastor assemelhava-se ao belo que eu ali vira, em todos os pormenores. Dei um passo em frente para o encontrar e, sem falar, observar como antes as indicações do seu semblante. Li os seus desejos. Solicitava ajuda na tarefa de reunir o estranho e disperso rebanho. Ao princípio, as criaturas ofereceram forte resistência. Mas, vendo a firmeza das nossas intenções, cederam submissamente. Reunimo-las e guiámo-las para o caminho que conduzia em torno da base da montanha.

Uma nova paz pareceu agora caracterizar o estado delas. Ovelhas e pastor estavam, pela primeira vez, inseparavelmente unidos. Princípios eternos do Bem haviam realizado a sua salvação. As ovelhas partiram, como sombras do entardecer, com o seu pastor gentil, subindo o vale pela abertura. E pareceu que—

"Anjos se moviam no espaço encantado,
Entre o céu e o vale assombrado."

Cheio de júbilo, voltei ao meu lugar de repouso e, encostando-me ao seu lado, puxei as roupas mais para junto de mim e mergulhei em profunda meditação. Pouco depois, vi aproximar-se, deliberadamente, um homem — aparentemente absorvido em pensamento. Era de baixa estatura, mas tinha uma estrutura bela. A sua fina simetria, beleza e elegância de porte cativaram a minha atenção. Parecia já entrado em anos e vestia-se de modo quase correspondente ao dos Amigos. O seu cabelo era de um branco prateado, a flutuar em madeixas sombrias sobre a testa e a cair graciosamente em torno do pescoço e dos ombros. O seu rosto era cheio e expressivo. Os seus desenvolvimentos morais e intelectuais eram proeminentes. Era um ser espiritual.

Na mão, vi-lhe um rolo branco, límpido. As suas bordas cintilavam com dourado da melhor qualidade; e o cuidado com que ele preservava a sua beleza despertou em mim o mais profundo respeito. Quando eu ia avançar para o encontrar, ele ergueu a mão e indicou suavemente que eu devia manter-me perfeitamente tranquilo. Uma radiação muito celestial brincava no seu semblante. Ele elevou o rolo aos lábios — imprimiu-lhe afetuosamente um beijo puro e santo — e depois entregou-mo, para que eu o abrisse e lesse. Eu já não estava desajeitado nem tosco. Com delicadeza e precisão, portanto, desdobrei-o. Continha escrita em caracteres que eu nunca tinha visto antes; mas eu conseguia traduzi-los sem hesitação. A linguagem era clara e abrangente. A forma de expressão era simples, mas poderosa. Encerrava um mundo de belo significado. Dizia assim:—

"Como eles eram, assim são;
Como são, assim serão!"

Por baixo vinha a seguinte pergunta: "Agora acreditas?" Senti o seu poder convincente e curvei-me em assentimento. Ao observar isso, o mensageiro entregou-me um lápis singular (pois eu não tinha nenhum), com o qual manifestei a minha convicção e assinei o meu nome. Feito isto, ele recebeu o rolo com uma vénia suave, enrolou-o, apertou-o aos lábios, e depois virou-se e partiu como viera — devagar, firme, deliberadamente. Segui-o com os meus olhos clarividentes até a sua forma desaparecer em torno da base daquela montanha estupenda.

"Que inexplicável", exclamei eu, "que um estranho venha, obtenha a minha assinatura e parta, sem proferir uma única palavra em voz, e, no entanto, tão eloquente!" Grandes verdades jorraram então das profundezas do meu espírito, e fui impressionado com a seguinte correspondência:—

"O portador do rolo representava um reformador que (enquanto esteve na terra) derramou luz sobre a vida e a imortalidade. O rolo branco representava a pureza da sua missão. O conteúdo do rolo representava a grande consumação, isto é, 'Paz na Terra'. Assim:—

"'Como eles eram;' Como as ovelhas eram (quando as vi pela primeira vez) num estado de confusão universal, miseráveis, sem conhecimento dos seus verdadeiros interesses, nem daquela sabedoria que as conduziria à felicidade. 'Assim são;' Assim os homens são — na mesma condição desorganizada, ignorantes, supersticiosos, céticos, fanáticos, intolerantes.

"'Como são;' Como as ovelhas são — unidas para sempre, esforçando-se por um único propósito, avançando para um grande e glorioso fim, que é a Felicidade. 'Assim eles' (a humanidade) 'serão.' Isto é, unidos do mesmo

modo. Livres de todo o mal desnecessário! livres de orientação pessoal errada e de sofrimento; de ignorância e depravação; de orgulho e intolerância sectária — Livres! Haverá um novo céu e uma nova terra onde habita a justiça. Tal como as ovelhas foram unidas, assim todos os homens serão reunidos numa só Irmandade."

A pergunta "Agora acreditas?" foi dirigida ao meu juízo juvenil, depois de este ter sido tão injustamente impressionado pela teologia tradicional. E essas representações iniciáticas eram necessárias para que eu compreendesse as vicissitudes da minha vida futura e as suportasse com sabedoria e paciência. A pergunta apelava ao meu juízo então impressionável: se eu acreditaria na instrução recebida em preferência às minhas opiniões religiosas anteriores. As minhas faculdades foram então restauradas ao seu estado habitual, e eu voltei a estar livre de tudo exceto de fadiga e embaraço. Comecei a descer o vale para descobrir, se possível, a minha situação geográfica. Eu estava agora no meu estado natural. Pouco depois, vi um homem vestido como camponês, com uma pá ao ombro, caminhando vagarosamente em direção oposta. Apressando-me até ele, perguntei-lhe, ansiosamente:—

"Senhor, pode dizer-me o nome deste lugar? onde posso arranjar alguma comida? e a que distância fica Poughkeepsie?"

Ele sorriu e lançou-me um olhar inquisitivo: "Este sítio aqui", disse ele, "é Catskill, e aquelas são as montanhas Catskill; talvez consigas alguma coisa para comer na estalagem. Perguntaste-me por Poughkeepsie. Bem, suponho que fica a umas quarenta milhas do outro lado do rio."

Agindo com base nesta informação, atravessei de novo o rio e depois descansei, recostado, no parapeito de um barco de travessia. E agora o sono veio sobre mim impercetivelmente outra vez, enquanto eu refletia nas cenas por que passara. Sobressaltei quando me dei conta do regresso daqueles sentimentos místicos que precedem o fechar dos sentidos e o iluminar do princípio interior. Ao chegarem, o meu corpo cedeu, como eu queria que cedesse; a vida exterior desapareceu de novo, como se para sempre, e eu voltei a ser um ser do interior.

Pouco depois, porém, levantei-me e corri pela estrada como uma rena. Muitas, muitas milhas corri; e então adormeci novamente.

Quanto tempo permaneci adormecido não sei; mas, como em ocasiões anteriores, acabei por sentir a vida a regressar e a correr pelo meu organismo, e o meu espírito foi restaurado a um alto grau de animação. Abri os olhos e, coisa maravilhosa de relatar, estava sentado sobre uma lápide de

mármore a cerca de dezoito polegadas do chão! O melancólico santuário em que me encontrava era cercado por um enorme muro de pedra, encimado por uma grade superior, semelhante às cercas comuns dos agricultores. O recinto tinha a forma de um triângulo e, creio, ocupava cerca de acre e meio de terreno liso. Contei onze lápides inteiras de pé, cinco partidas e várias espalhadas no chão. Um bosque denso ocultava-me a paisagem circundante; e eu encontrava-me assim retirado num lugar solitário, para um propósito de que não tinha a mínima noção. Contudo, sem medo, resolvi manter-me na mesma posição em que despertara para a consciência e aguardar quaisquer sugestões que pudessem vir de dentro ou de fora.

Nesse instante, senti uma sensação de sopro, diferente de qualquer outra, na frente e no lado da minha cabeça, na região do órgão da idealidade. A atração crescente levou-me a voltar-me na direção de onde vinha, e vi um homem de estatura comum, mas de aparência espiritual. Aproximou-se e, sem falar, virou à direita, perto de mim, e preparou para si um assento semelhante. Por instinto, percebi que era amante da Natureza e da verdade — tinha uma sede constante de conhecimento — e era dotado de fortes poderes de investigação.

A sua perceção natural rápida, sustentada pelas suas faculdades altamente cultivadas de intuição e reflexão, apresentava uma combinação de poderes intelectuais raramente vista. Era um ser que eu me senti compelido a amar — pois o amor era suscitado pela sua sabedoria superior. Senti-me tranquilo e feliz. E é verdade que conversei com ele, e ele comigo, durante longo tempo — e isso por um influxo e refluxo mútuo de pensamento! O seu discurso foi, substancialmente, deste teor:—

"Vivi", disse ele, "na terra, na forma, entre os seus habitantes, por um tempo determinado pela minha obediência à Lei Natural. Desde jovem, absorvi as impressões feitas na minha mente pelos meus pais, pelo mundo religioso e pela filosofia. Mas a educação artificial serviu mais para retardar o meu progresso mental do que para auxiliar um avanço útil. Rejeitei cedo essas influências desfavoráveis e comecei a interrogar e a comungar com a Natureza e as suas produções — dentro do alcance da minha visão e capacidade mental — e assim me familiarizei com verdades de maior importância e de maior magnitude. Foi-me demonstrado que todas as diversas formas exteriores neste, como noutros universos, se desdobram por virtude de um elemento ou princípio espiritual, contido em cada uma, que é a sua vida, ou Alma; e essa essência, pelos homens, é chamada Deus; e também que o exterior corresponde ao princípio interior ou produtor; que as formas são determinadas, como perfeitas ou imperfeitas, pelo carácter específico da alma que as impulsiona, a qual as leva à vida e ao desenvolvimento.

"Por isto aprendi que a matéria grosseira e os minerais da nossa terra são formados, governados e sustentados por uma lei — um princípio inerente — que também opera em mundos mais elevados de organização material. E, à medida que este princípio, em várias modificações, ascendia na ordem da natureza, formas mais altas e mais perfeitas se iam revelando — sendo ativadas e aperfeiçoadas por uma vida interior, a que a existência exterior correspondia. Estas formas", continuou ele, "compreendi que constituíam o reino vegetal. A partir desta base estabelecida, percebi essas Leis a exalarem o reino animal; e, no seu estágio seguinte de ascensão, a desenvolverem, sustentarem e aperfeiçoarem o homem! E tudo isto me veio (como te virá a ti) por descobrir e meditar sobre verdades correspondentes, que habitam dentro, à minha volta e acima de mim.

"Nas minhas investigações analíticas, também descobri um Poder tríplice ou trino em cada composto — três partes essenciais em toda a organização estabelecida — o que é absolutamente necessário a todas as coisas, para que possam estar perfeitamente organizadas.

"Este conhecimento levou-me a refletir sobre as muitas violações físicas que ocorrem a cada hora entre os habitantes da terra — e impressionou-me de que estas frequentes transgressões das leis que sustentam a forma humana exigiam algum remédio eficaz para aliviar as doenças por elas causadas. Assim, fundei um sistema sobre estes princípios e considerações, que pode chamar-se um 'sistema médico da trindade'. Neste sistema sustento a proposição de que cada partícula do corpo humano tem uma afinidade estreita com partículas particulares abaixo, nos reinos subordinados — e que estas últimas partículas, devidamente associadas e aplicadas, curariam qualquer parte ou órgão afetado do corpo humano.

"Para estabelecer esta teoria, trabalhei diligentemente; e agora tenho a satisfação de saber que o meu sistema foi um germe vivificado por verdade interior, pelo qual novos e mais verdadeiros sistemas se desenvolveram para abençoar os habitantes da terra! Agora eu amo a verdade porque ela gera sabedoria; pois o meu amor tornou-se sabedoria; e a minha sabedoria, conhecimento substancial!" O seu rosto espiritual, ao concluir estas palavras, iluminou-se com um sorriso belo e encantador!

Espantado com o seu discurso erudito — e, estando o meu espírito cheio de pensamentos sobre as suas revelações, como eu nunca antes ouvira — formulei um pensamento específico que ele percebeu imediatamente e a que respondeu.

Mentalmente perguntei: “Poderei eu familiarizar-me consigo, bondoso estranho, e com o seu sistema também, por meios apropriados dentro do seu poder e vontade de conceder?”

“Ah! é para isso que estás sentado na minha presença”, disse ele, inclinando-se para a direita e erguendo na mão uma elegante bengala que, até então, eu não tinha visto que ele possuísse. “Aqui está um sumário completo do meu sistema e prática”, continuou ele, voltando-se para mim, “e desejo que isto tu compreendas; e, entendendo os seus princípios fundamentais, aplicarás com brandura e justiça os seus ensinamentos para o bem dos teus irmãos, a humanidade!”

Dito isto, tocou numa mola singular no topo, e a bengala separou-se mecanicamente em três tiras ou peças longitudinais. Uma haste forte corria pelo centro, graduada para corresponder à forma da bengala. Esta haste era muito direita e bela, com o aspeto de prata altamente polida. As partes estavam bem ajustadas umas às outras e, quando dispostas na haste, formavam um bastão que excedia em beleza qualquer um que eu alguma vez tivesse visto. Vi que as peças se mantinham inteiras quando se desencaixavam da haste. Ele pegou nelas e foi desdobrando peça a peça até se separarem completamente. As peças menores assumiram agora a forma de diamante, sobretudo quando observadas de perto.

“Aqui”, disse ele, “nestes pequenos blocos”, apresentando-mos, “está o nome de todas as doenças de que a raça humana padece.”

Eu vi, senti e li o nome de cada e toda a doença, muitas das quais me eram inteiramente desconhecidas; e, à medida que lia, devolvia-lhas, uma a uma, pela ordem original.

Depois, elevando a sua pessoa (que parecia menos terrena do que o meu corpo), discursou assim: “No interior destes blocos encontrarás uma composição que, quando aplicada, aliviará ou removerá a doença nomeada no seu exterior. Deste composto farás uma quantidade sugerida no momento em que examinares o indivíduo doente e suficientemente forte para ser bem adequada.”* Ele recolocou as peças nos seus lugares respetivos e juntou rapidamente a bengala, de modo que eu não conseguia ver qualquer meio possível de voltar a separar as suas partes.*

“Toma isto”, disse ele, entregando-me a bengala, “e conserva esta incumbência com devoção; pois é obra de uma vida inteira, exigindo igual atenção, reflexão e aplicação.” Recebi a preciosa dádiva com deleite e satisfação inefáveis.

"Além disso", continuou ele, "para que possas ver a correspondência completa entre este sistema e a Natureza, explicarei o significado da bengala. As peças, quando separadas do modo observado, correspondem àqueles princípios que habitam e operam na organização natural; e os blocos correspondem aos vários indivíduos que constituem a raça humana. A doença especificada no exterior de cada bloco corresponde à verdade de que a doença tende a afetar apenas os corpos dos homens e não o seu princípio interior e vivo.

A composição no interior de cada bloco corresponde à verdade de que o exterior de tudo é determinado precisamente pelo princípio interior, criador e movente; corresponde também à verdade de que o espírito é a essência criadora, desenvolvedora, aperfeiçoadora, expansiva, embelezadora, organizadora, curadora e eterna, possuída por cada ser.

** Este sistema de tratamento médico é desenvolvido em A Grande Harmonia, vol. I.*

"A haste que corre através da bengala e liga as suas partes corresponde ao princípio da verdade divina que atravessa e sustenta este sistema, bem como todas as vastas criações, tanto nesta como em esferas mais elevadas. E o facto de a haste estar no interior significa que a grande lei da verdade é o interior de todas as coisas e, especialmente, na alma de todas as coisas — ali habitando impercetível ao sentido exterior, e contudo conhecida como existente pelas manifestações regulares de um Universo unido e complicado!

"A busca interior da verdade conduzirá a, e revelará, as grandes e importantes realidades tão delicadamente tipificadas por este Bastão — pois ele é uma acumulação de provas interiores e exteriores, ajudadas pelos impulsos da Natureza e sancionadas e consumadas pela consciência da verdade que habita na alma."

Assim terminou a sua eloquente interpretação. O seu semblante iluminou-se de deleite extático, e os seus pensamentos entraram no meu espírito e foram respondidos, sem que, uma única vez, os sentidos fossem audivelmente interpelados.

Uma sensação doce e suave passou então calorosamente sobre o meu peito esquerdo, rosto e cabeça. Parecia proceder de algo humano imediatamente atrás de mim. Assim impressionado, voltei-me e vi um homem de aparência muito diferente do que estava ao meu lado. A sua anatomia era de proporções sábias; possuía perfeita simetria de estrutura cerebral e teria, aparentemente, cerca de seis pés de altura. A sua cabeça, em particular, chamou-me a atenção, pois eu nunca tinha visto combinação tão harmoniosa

de desenvolvimentos morais e intelectuais. O cérebro indicava um intelecto vigorosíssimo e gigantesco — bem como um exaltado poder de conceção, grande facilidade de expressão — e elevado grau de espiritualidade. Aproximou-se e recostou-se à pedra que o primeiro orador ocupava, e falou deste modo:—

"Por permissão há muito concedida pela divina misericórdia do Senhor, de visitar esta e outras terras, sou habilitado a instruir-te, como me convém fazer, acerca das coisas pertencentes à tua vida interior e à tua esfera exterior de pensamento e utilidade. O teu espírito está agora desembaraçado — experimentou uma jubilosa ressurreição das artifícios do mundo social exterior; portanto tornaste-te um vaso apropriado para o influxo e perceção de verdade e sabedoria. Espiritualmente, deixaste o mundo onde os homens residem; mas fisicamente, ainda aí estás com eles. A tua missão foi-te mostrada. Grande é o Universo em que trabalharás e farás tudo o que o teu entendimento mais interior conceber como bom, verdadeiro e proveitoso.

"Estarei perto de ti na tua mordomia — apontando-te o caminho certo. As coisas que produzirás surpreenderão e confundirão os da terra que são tidos por profundamente versados em ciência e metafísica.

"Obstáculos de várias espécies afetarão a tua vida exterior; mas tenderão a expandir mais plenamente o teu ser interior. Prossegue o teu caminho: e ama apenas aquelas coisas que tendem para a verdade e a sabedoria.

"Por ti aparecerá uma nova luz; será nova porque aclarará e purificará a que já existe, e refletirá intelectualmente sobre o que antes se concebeu; e estabelecerá aquilo que tem sido, e ainda é, suposto ser a mais selvagem alucinação, a saber: a lei e o 'reino dos céus' na terra — paz na terra e boa vontade para com os homens.

"A seu tempo, estas coisas serão manifestadas por teu intermédio, e a outros, enquanto residirem na forma. Por outros serão compreendidas e cridas e, ao fim de pouco tempo, serão geralmente reconhecidas, a sua beleza e importância apreciadas; e serão amadas e proclamadas na prática.

"Num tempo não muito distante, instruir-te-ei acerca da abertura do teu entendimento interior e das leis que deves observar para te tornares apto a comungar com as realidades interiores de todas as coisas subordinadas e elevadas. Este fenómeno, quando abertamente manifestado, dará testemunho dessas verdades espirituais divinas, ainda não compreendidas por aqueles que admiram a Natureza apenas pelos seus deleites, e por aquelas almas aprisionadas por toda a parte que nada creem para além da

esfera dos seus sentidos corporais. Atende aos impulsos do teu espírito vivo. Em tempo justo, começará o teu grande labor, que, quando consumado, elevará a raça humana a um alto grau de harmonia.

"Por agora não comunico mais. Mas repito: ama a sabedoria, que é alimento e luz para o interior; e a sabedoria assegura a saúde; e a saúde alcança a felicidade. E assim fortalecido, iluminado e purificado, acharás conatural procurar e ter sede de verdades interiores e belas."

Assim terminaram as admoestações proféticas do último orador; e, ao concluir a frase acima, vi um sorriso de alegria (e até de êxtase) passar pelo seu rosto, que parecia doce e celestial — vindo, como vinham os seus pensamentos, com uma espécie de facilidade espontânea.

Senti-me então diretamente impelido por alguma influência a levantar-me e, com o meu bastão, partir. Obedeci imediatamente a este impulso. Fui até à cerca, pus o pé no lado do muro e ergui o corpo até ao topo. Ao tentar transpor o corrimão, porém, a roupa prendeu-se e experimentei uma irritação que se aproximava de intensa raiva por causa do obstáculo. Isto era invulgar, pois eu não tinha tais sentimentos havia muitos anos — de facto, mal me lembro de alguma vez ter ficado tão zangado, exceto quando o meu pai se esqueceu da harpa de judeu. Fiquei assim exasperado com o varão que, estando fendilhado na extremidade, apanhara o meu casaco.

Eu sabia que as minhas ações e gestos eram rudes e desajeitados — que as minhas maneiras denunciavam que eu não convivera com gente polida — o que feriu muito o meu orgulho e excitou impaciência e mortificação. Entretanto, os estranhos observavam os meus sentimentos e movimentos com aparente complacência. Ao ver isto, pedi ao que me dera a bengala que a segurasse até eu passar para o outro lado da cerca. Ele avançou cortesmente e recebeu a bengala da minha mão trémula. Assim livre, agarrei o corrimão na parte aberta e rasguei-o completamente em dois. Depois de desabafar a minha raiva, desci ao chão e pedi o bastão. Então, o que falara por último aproximou-se e disse suavemente:—

"Guarda bem a instrução que te foi dada; além disso, aprende a ser sábio e gentil; e acrescenta à gentileza, amor; e ao amor, sabedoria; e a sabedoria, sendo pura, gera iluminação, e a iluminação, felicidade. E, como me foi dado dizer, em tempo devido voltarás, e então este bastão será teu; mas deves primeiro aprender a não estar, em circunstância alguma, abatido, nem por influência alguma, exaltado: pois estes são os extremos de um impulso não guardado, em mentes que não são fortes com pura sabedoria.

“Aprende daqui mansidão e humildade”, continuou ele, “e sustenta-as por uma dignidade apropriada no teu viver natural. Recebe esta tua primeira e suficiente lição e, pela sua luz, leva outros a buscar o caminho que conduz à Sabedoria e à Árvore da Justiça — cujo fruto será delicioso aos famintos, mas não provado, exceto se nutrirem a semente e fizerem a árvore brotar dentro de si — o que para sempre lançará uma sombra refrescante sobre o espírito interior e o mundo exterior.”

Assim concluiu. Enquanto eu estava de pé a ouvir, a gratidão encheu-me a alma em ondas de agradecimento, por a bengala mágica ter sido sacrificada por tão valiosa instrução; e, ao mesmo tempo, senti-me seguro de que o belo e abrangente Bastão acabaria por ser meu, e isto porque eu seria digno de o possuir.

Estando do lado de fora do muro, já não podia ver os seus corpos, pois a cerca erguia-se demasiado alta, e o terreno onde eu estava era mais baixo do que dentro do recinto; e se permaneceram no interior, ou se desapareceram para outras partes do mundo, não o consegui averiguar.

CAPÍTULO XXXV
UMA COMPLETA MUDANÇA DE PROGRAMA

"Há uma divindade que molda os nossos fins,
Por mais toscamente que os talhemos."

"És um rapaz estranho, sem dúvida", disse o operador, a rir. "Suponho que agora nos vais dizer onde tens estado desde ontem à noite!"

"Dizer onde tenho estado?", repeti eu, sonhadoramente.

"Sim, é isso que queremos saber", respondeu ele, evidentemente apreciando a minha abstração.

Reunindo por fim os meus sentidos confusos e errantes, respondi: "Tenho andado numa longa viagem e vi muitas coisas curiosas. Mas", continuei eu, ainda confuso, "não consigo perceber o que isto tudo significa."

O leitor mal precisa que lhe diga, a este respeito, que eu chegara a casa do operador pouco depois da entrevista descrita no fim do capítulo anterior. Mas o que aconteceu no intervalo entre esse facto e a conversa acima ainda falta ser registado.

Imediatamente ao sair do cemitério, passei inesperadamente a um estado de clarividência espontânea; e, desejando saber onde me encontrava, dirigi as minhas perceções para aqui e para ali, por várias estradas e localidades, até fixar Poughkeepsie. Tão real ou literal era a minha visão dos objetos naturais pelo caminho, que supus que viajava, e maravilhei-me por os cocheiros e viajantes não me reconhecerem!

E foi muito tempo até eu aprender que tinha confundido o voo da minha visão com o ato de caminhar normalmente — conhecimento esse que aliviou muito a circunstância do seu mistério. Assim apurado o rumo da aldeia distante e formado um juízo quanto ao caminho mais direto para lá, voltei a ficar normal e comecei a viagem. E, no entanto, lembro-me de estar consciente e de me sentir natural apenas por intervalos, enquanto caminhava na estrada em direção a Poughkeepsie.

Ao aproximar-me de casa, a minha mente ficou extremamente perturbada por sensações semelhantes às que eu costumava sentir ao despertar do meu estado magnético. Recordo perfeitamente encontrar vários conhecidos, cada um dos quais manifestou surpresa ao ver-me. Não falei com ninguém. Ao chegar à casa do Sr. Levingston, atravessei diretamente o corredor; e, ao chegar ao fim dele, perdi subitamente a maior parte da memória relativa às minhas visões recentes. Isto confundiu-me por

um instante, mas logo atravessei a sala contígua, subi as escadas e entrei na sala de jantar, onde a família estava a comer. Oh, como eu tinha fome!

Tirei o casaco e o chapéu e sentei-me à mesa. Sem dúvida, a família ficou algo espantada com as minhas ações sem cerimónia e vorazes, e ainda mais com o meu estado pouco comunicativo. Começaram a interrogar-me acerca do meu desaparecimento misterioso; mas depois disseram-me que eu não respondera; que comera um jantar substancial; e que, terminado, fui lavar-me ao fundo da sala.

Uma refeição dessas era certamente bem capaz de me fazer sentir natural. Sim, eu sentia agora o regresso da sensibilidade normal. À medida que a estranha influência que me retivera tantas horas se afastava, vi uma luz brilhante — ela lampejou — e de novo tudo era escuridão. Mas agora outro lampejo, e outro, vieram, e eu fiquei completamente liberto da condição anormal. E, no entanto, fiquei absolutamente assustado! O facto de eu me lembrar de ter entrado pela porta da frente e depois ter perdido toda a consciência até aquele momento, em que me vi de pé na presença da família com um guardanapo na mão, parecia tão inexplicável que, por um instante, os amigos familiares à minha volta pareceram estranhos, e eu senti como se estivesse a afundar-me num vazio absoluto.

Nesse exato momento fui despertado pelas palavras animadas com que este capítulo começa; e, ainda seguindo o tema, o Sr. Levingston perguntou-me bondosamente:—

"Então, Jackson, não nos podes contar alguma coisa sobre isso?"

"Há quanto tempo estive fora?", perguntei eu apressadamente.

"Desde ontem à noite", respondeu o operador. "A certa altura, esta manhã, estávamos prestes a procurar-te pela cidade; mas alguém sugeriu que o poder que causou o teu desaparecimento te preservaria e devolveria, e por isso resolvemos adiar o alarme."

Durante a tarde desse dia, consegui recordar a impressão geral que os estranhos do cemitério deixaram no meu espírito. O menor dos dois homens eu sabia chamar-se Galeno, um médico de considerável renome; e o mais belo fora outrora conhecido como Swedenborg, um filósofo e teólogo sueco; mas, até então, eu nunca tinha ouvido nada sobre os nomes ou as obras dessas pessoas, quer por livros quer por relatos, e assim comecei já a alimentar dúvidas inquietantes quanto à realidade da minha experiência.

À noite fui magnetizado, como de costume. Como de costume, também, estavam presentes muitos buscadores de sinais e maravilhas, de olhos

arregalados e boca aberta. Um trouxera o seu amigo combativo, que desejava ser convencido fazendo-me, enquanto eu estivesse bem vendado, dizer as horas pelo relógio que tinha então no bolso. Outro conseguira finalmente levar a sua esposa cética e contrariada a vir satisfazer-se, pedindo-me que olhasse para dentro e dissesse que alimentos tinha ela tomado ao jantar.

Outro lograra por fim convencer o marido estoico e trocista a vir obter uma prova, fazendo-me ler a folha de rosto do livro que ele cuidadosamente escondera debaixo do forro do seu sobretudo para esse fim. Além destes, havia um grupo de doentes, doridos e sofredores — pessoas que não só queriam ser convencidas, mas que efetivamente precisavam do que queriam: um relato verdadeiro do seu estado e o conhecimento do meio mais direto de restauração.

Assim, as "vontades" e as "necessidades" dos aldeãos cercavam-me como uma vedação. Mas eu estava agora muito quieto e muito insensível a todas as exigências e envolventes. O meu espírito, todo invisível para a multidão insensata, atravessava uma crise importante. Estava prestes a fazer-se uma mudança completa de programa! Os meus poderes clarividentes estavam na véspera de uma gloriosa graduação. Com a velocidade do turbilhão, eu percorri cada recanto e canto do meu futuro imediato. Uma grande alegria permeava a minha alma — pois vi que havia um Uso sublime até no exercício da clarividência — um benefício substancial para a Humanidade dorida, coxa e cega!

Oh, a felicidade, o êxtase, daquela visão de âmbito mundial! Havia uma grandeza elevada nas emoções filantrópicas com que me senti inspirado e fortalecido. Havia um novo benefício na existência. A minha felicidade consistia na certeza de que eu iria conceder saúde, arrancar à morte o bebé sofredor, guiar o cego para a luz, fazer soar a voz da cura ao ouvido do surdo, ser apoio quando a doença oprimisse o meu próximo e bastão de força para o doente que entrasse no caminho que estava diante de mim. E, no entanto, leitor amigo, eu não me envaideci com importância própria. A obra bendita que eu via para fazer, em vez de excitar a minha autoestima, quase oprimiu e venceu a minha alma. A minha gratidão era muito profunda; a responsabilidade seria pesada, e a minha vida tornar-se-ia uma realidade sóbria.

O silêncio prolongado, ou antes, a minha falta de comunicação, levou o operador a perguntar: "Consegues ver alguma coisa esta noite, Jackson?"

"Oh, sim!", exclamei eu, com emoção entusiástica, "tenho algumas novas orientações a dar. Agora vejo o bem das minhas últimas visões."

"Pois bem", disse ele, "estou pronto."

"Em primeiro lugar, então", prossegui eu, "temos de fazer uma mudança."

"Uma mudança!", exclamou o operador, algo sobressaltado — receando talvez que eu estivesse prestes a deixá-lo — pois o seu coração já estava posto na prática diária de me lançar em clarividência.

"Sim, é bom que façamos", respondi eu; "e esta noite é o momento de começar."

"Bem!", suspirou ele com verdadeira submissão.

"Primeiro, então, vejo que é bom", disse eu, "não gastar mais tempo com caçadores de maravilhas; porque, mesmo quando satisfeitos, não fazem avançar a verdade desta ciência; nem continuam crentes, mas, ou por pura indolência intelectual ou por real falta de juízo, voltam noite após noite para a repetição de velhas provas, ou então querem outras evidências. Todo o tempo gasto a gratificar tais pessoas é imoralmente desperdiçado."

"Então como convenceremos os incrédulos?", perguntou o operador.

"Fazendo o bem", respondi eu entusiasticamente; "examinando e prescrevendo para os doentes."

"As tuas faculdades devem ficar confinadas exclusivamente aos doentes?", perguntou ele, com uma pequena mostra de desapontamento.

"Sim, daqui em diante", respondi eu; e depois passei a dar instruções amplas. O nosso tempo futuro deveria ser empregado sistematicamente. Certas horas seriam dedicadas a candidatos doentes. Eu deveria permanecer no estado clarividente apenas tanto tempo (duas horas e meia) em cada sessão; o processo magnético deveria ser conduzido assim e assado; e o nosso tempo deveria ser recompensado pela cobrança de uma taxa moderada apenas aos que estivessem em circunstâncias folgadas.

O que mais aconteceu nessa noite não vou parar para registar. O leitor fica agora a conhecer a disposição do meu tempo e a direção da minha faculdade clarividente. Mas deve ter-se presente, entretanto, que nenhum conhecimento, quer dos grandes usos e benefícios que eu via, quer das regras e regulamentos pelos quais nos deveríamos guiar, era trazido para o meu estado natural. Assim, quando não estava clarividente, a minha mente não ficava sem uma apreensão indefinível — um sentimento secreto, talvez um medo — de que a minha alma fosse o trouxa involuntário de algum

mágico malicioso, a vítima de algum encantamento funesto e irresistível. Estas dúvidas sonhadoras eram frequentemente despertadas pelas leves insinuações e obscuras sugestões de certas pessoas intrometidas; e, contudo, sempre que eu baixava a linha e sondava as profundezas da minha alma, não encontrava lá infelicidade, nem sequer o desejo de restaurar as minhas relações anteriores com o sempre estimado Sr. Armstrong.

Em justiça ao operador, deve contar-se que, como alfaiate-mercador, ele estava entre os primeiros e mais destacados e, consequentemente, tinha grande parte do patrocínio público. O seu negócio era abundante e lucrativo. Apesar disso, porém, o seu amor pela humanidade era tão puro e o seu espírito tão consciencioso que, encorajado pelo coração adotivo e pela mente enérgica da esposa, abandonou a sua profissão e se dedicou a obedecer às regras que eu apresentara. Fez isto, leitor incrédulo, com a perspetiva nua de perseguição sem limites e de perda pecuniária continuada.

Pouco depois da minha visão das ovelhas e do pastor, cujo mistério composto já quase se tornara assunto de mexerico, fui visitar o utilitarista; ou antes, num estado distraído, dei por mim a vaguear para dentro da sua loja; e então ele disse:—

"Ouço histórias estranhas sobre ti, Jackson: alguns dizem que estás meio maluco."

"Maluco!", exclamei eu, com inquietação sincera.

"As pessoas falam, já sabes", disse ele. "Quanto tempo pensas continuar assim como estás?"

"Como — a ser magnetizado?"

"Sim — é isso que quero dizer."

"Não sei", disse eu; "talvez todo o próximo Verão."

"Queres deixar o mesmerismo meter-se entre nós", perguntou ele, "e pôr um travão às tuas boas perspetivas como homem de negócios?"

"Não sei", respondi eu sombriamente; "parece-me agora que a minha clarividência é útil para as pessoas doentes."

"Ah, sim!", exclamou ele; "fazes curas?"

"As pessoas dizem que sim", respondi eu.

"Sim, eu também ouvi isso; mas os teus doentes ficam mesmo bons?"

"Várias pessoas declaram que eu as curei", respondi eu; "mas agora temos novas regras e talvez curemos mais."

"Pois bem, sucesso para ti, Jackson", respondeu ele, com boa disposição. "Se és realmente um prodígio nessa linha, suponho que terei de te dispensar por mais algum tempo; mas repara! não te deixes enganar e ficar sem a tua parte da remuneração."

E esta, por muitos meses, foi a última conversa entre o Sr. Armstrong e o seu aprendiz fugitivo.

Aqui sinto-me movido a registar várias ocorrências notáveis que se passaram tanto antes como depois dos acontecimentos espantosos do memorável 7 de Março. Os incidentes a que agora me refiro foram desenvolvidos durante os meus exames médicos.

Permite-me, leitor bondoso, que faça uma pequena premissa, aludindo ao facto de que, por inspeção clarividente, cedo apurei que a Doença é uma falta de equilíbrio na circulação do princípio vital. Disto se apresentava uniformemente uma de duas provas — ou um excesso em algum órgão ou localidade particular, ou uma deficiência. Os resultados do primeiro aprendi cedo, como por instinto, a chamar agudos ou inflamatórios; os do segundo, crónicos ou doenças lentas e insidiosas; cada forma exigindo tratamento muito diferente da outra.

E, o que era igualmente notável e belo, enquanto eu estava em estado clarividente, parecia ser uma espécie de elo de ligação entre a doença do paciente e o seu exato equivalente (ou remédio) na constituição da Natureza exterior! Para cada deficiência e necessidade visceral ou orgânica no homem (que pode ser a base de doença), eu percebia instantaneamente um agente correspondente de satisfação ou restituição. Do mesmo modo, para cada necessidade ou exigência funcional, nervosa ou muscular (que também pode tornar-se doença), eu conseguia descobrir um suprimento apropriado e adequado. A existência desse suprimento, desse agente, desse remédio para a doença, eu primeiro a sentia como que por uma simpatia instintiva; e depois, em quase todos os casos, passava a exercer o meu poder de visão para ver em que campo, ou livro, ou botica, o artigo necessário estava localizado ou descrito.

Dessa maneira silenciosa e misteriosa — isto é, olhando através do espaço diretamente para o laboratório da Natureza, ou então para estabelecimentos médicos — adquiri facilmente os nomes comuns (e até os

gregos e latinos) de vários medicamentos, e também de muitas partes da estrutura humana — a sua anatomia, a sua fisiologia, a sua neurologia, etc.; tudo isto espantava grandemente as pessoas, e a mim não menos quando eu não estava clarividente — porque então tinha de me apoiar apenas em relatos de ouvir dizer e em mexericos. O segredo, pois, do meu sucesso ao prescrever era juntar medicamentos específicos para suprir uma exigência fisiológica ou para equilibrar o princípio vital desequilibrado.

Contudo, o que não deixa de ser estranho e paradoxal, durante os primeiros anos da minha experiência médica eu não conseguia dar uma solução satisfatória do meu próprio método. De facto, eu não compreendia a extensão e a importância das minhas próprias perceções — não, nem mesmo quando mais exaltado na minha iluminação mental. A razão era que eu ainda não tinha alcançado aquela condição superior que é representada pelo quarto dos diagramas que descrevem a progressão magnética.

Feita esta digressão preparatória, passarei agora a relatar alguns incidentes ilustrativos:—

Uma noite, enquanto estava na residência do Sr. Bartlett, ele pediu-me que fosse (em espírito) examinar certa pessoa nas imediações de Utica, Nova Iorque. Como era costume em tais experiências, o operador cedeu o seu lugar ao solicitante, que, tomando-me a mão, perguntou: "Irá comigo ver um amigo?"

Nesta ocasião, o meu estado clarividente estava bom, por isso respondi afirmativamente e esperei novas sugestões. Ainda hoje me lembro de quão claramente eu conseguia então ler-lhe o espírito. Ele sabia a estrada direta a percorrer e a casa onde o seu amigo residia e, assim, podia facilmente julgar e decidir sobre a correção ou incorreção das minhas observações. Vi, impressa distintamente no seu espírito, como as linhas de um mapa, a estrada que ia de Utica até à casa em questão; e, se eu tivesse querido, sei que, só por essa imagem, poderia ter descrito satisfatoriamente os exteriores do percurso e a habitação onde o doente estava então. Mas suponhamos que eu me tivesse apoiado no espírito e nas lembranças dele para as minhas impressões ou conhecimento das localidades: como obteria, então, o ramo seguinte de informação — o estado exato do doente — de que ele não tinha conhecimento preciso?

O caso era claro. A visão independente, só ela, era a minha única confiança. E assim parti! Por colina e por vale eu corri — voando como o pensamento de condado em condado — até localizar a vizinhança. Em voz alta descrevi uma casa aqui, um celeiro ali, uma igreja acolá, etc., tudo o que o Sr. Bartlett reconheceu, no essencial, como correto. Ao chegar a certa

residência, descrevi-a lentamente e o aspeto dos seus habitantes, especialmente os sintomas de uma pessoa doente ali.

Esta descrição não satisfez completamente o Sr. Bartlett. Pareceu, no melhor dos casos, apenas parcialmente correta e, de algum modo, misturada com a aparência e sintomas pessoais de outro amigo dele naquela região. Mas eu insisti que não conseguia encontrar mais nenhum doente na vizinhança; e, depois de mais algumas observações descritivas, também insatisfatórias, cedi às atrações do meu corpo e voltei como um relâmpago ao seu abraço acolhedor.

Agora, leitor investigador, eis dois pontos a reter para explicação ulterior: um é que eu supunha que realmente viajava com toda a personalidade do meu espírito através do espaço e, no entanto, conseguia o tempo todo ouvir e conversar com o clérigo; o outro é que, ao apoiar-me exclusiva e resolutamente nos meus próprios poderes de discriminação clarividente, saí do trilho, por assim dizer, e, como um rapaz deliciado e desnorteado com o perfeito panorama de novas visões, deixei passar o verdadeiro objeto da minha busca na minha simpatia impulsiva por outra pessoa sofredora num recanto remoto do condado.

Mas esta experiência pareceu-me encaixada, ou interposta, entre um longo catálogo de provas excursionais das mais convincentes. Registo-a, portanto, para benefício do psicólogo imparcial que ama investigar leis metafísicas.

Segue-se, em seguida, um facto muito diferente. Um dia, um camponês tomou a cadeira para um exame. A minha visão era clara e, após alguns instantes de inspeção, descobri que o seu mal era surdez. Eu já me familiarizara com a estrutura interna do ouvido; e, sendo um elo de ligação entre o império da necessidade e o mundo do suprimento, encontrei com facilidade o remédio. Isto foi muito notável. O carácter singular da sua surdez (o engrossamento da membrana de revestimento, etc.) pedia a humidade magnética do rato!

"Do rato!", exclamou o operador, espantado, quando eu sugeri o estranho remédio. "Como é que isso se faz?"

"O doente tem de colocar as peles quentes dos ratos por cima e por trás de cada orelha, todas as noites", disse eu, "durante certo tempo, e depois que volte para eu o ver."

O camponês ficou, ao princípio, muito perturbado com esta prescrição fantasiosa; mas acabou por resolver mandar pôr armadilhas em todas as

casas e celeiros do seu distrito rural, além de oferecer um prémio por certo número de ratos vivos entregues em sua casa. O prémio depressa lhe trouxe dezenas das criaturas condenadas e, com as peles quentes e húmidas delas (logo após as matar), ele ratificou a prescrição excêntrica. E mais tarde ouvi dizer que, contra toda a crença, o remédio desagradável operou a tão desejada restituição.

Numa noite fria, enquanto eu examinava alguns doentes, entrou apressadamente um cidadão e pediu atenção imediata.

"Não acredito muito nisto", disse ele, "mas quero alívio."

Sentou-se na cadeira e, no mesmo instante, eu detetei um mostrengo de panarício — não no coração, mas numa das mãos — que piorava rapidamente, inflamava o braço inteiro, excitava todo o tecido nervoso e o ameaçava com as agonias do tétano. Longe, longe, correram e se espalharam as minhas simpatias pelos campos da criação — sentindo, sentindo, sentindo, com uma sensibilidade requintadamente intensificada — a natureza e o nome do remédio mais apropriado e mais expedito.

"Oh, sim!", exclamei eu, "é isso — é mesmo isso!"

"O quê, Jackson?"

"Isto", disse eu: "arranje uma rã viva, tire-lhe a pele toda e ate-a nas partes doentes."

"Tem a certeza", perguntou o doente, ansioso e atormentado, "de que consigo salvar o dedo?"

"Sim, tenho toda a certeza", respondi eu; "apenas faça o que eu indiquei."

Mas onde arranjar a rã — essa era a questão seguinte. O inexorável Rei do Gelo ainda trazia penduradas ao cinto real as chaves de ribeiros e nascentes. O gelo era espesso sobre todos os refúgios cavernosos em que a família das rãs faz a sua residência de Inverno e, por isso, a perspetiva de obter o remédio era densamente toldada e desanimadora. E, no entanto, como se dirigido por alguma inteligência que tudo vê e controla, o homem sofredor foi até uma certa nascente abaixo da aldeia, onde, eis senão quando! uma rã tinha, providencialmente, acabado de saltar para fora e andava, apressada e impiamente, a tentar voltar para dentro, quando foi apanhada, morta de imediato e a sua pele elétrica atada ao panarício incorrigível. O efeito refrescante na mão inflamada foi delicioso. E depois disseram-me que a cura foi perfeita.

Pode dar-se ainda mais um exemplo. Um indivíduo condescendente e semi-crente, pertencente às classes abastadas, abriu-nos o caminho para sermos admitidos numa família aristocrática. O respeitável chefe da casa, um cavalheiro idoso, era aflito de surdez. Para além do divertimento que o grupo procurava, levianamente, extrair da clarividência, desejavam seriamente que fosse feito um exame aos ouvidos doentes do velho, com especial atenção à sua restauração. Depois de os observar por um momento, exclamei—

"Ele é velho demais!"

"O quê?", perguntou o operador.

"Ele é velho demais para ficar bom", respondi eu. "Além disso, há uma crosta espessa ao longo das passagens que vão do ouvido para a garganta. Há alguma ossificação também."

"Hã?", gritou o doente. "O que é isso tudo?"

O operador explicou em voz alta. Ao que o velho, refletido, respondeu muito razoavelmente: "Já há muito abandonei toda a esperança de recuperar por inteiro a audição. Tudo o que peço é alívio, alívio — é isso que procuro."

"Percebeste-o, Jackson?", perguntou o operador.

"Sim", respondi eu; "e agora vou ver o que há para ele."

E lá fui eu, a flutuar pelos bosques bravios e muito sobre os campos extensos e, pouco depois, voltei com—

"Bom! Encontrei o verdadeiro agente de alívio."

"O que é?" — "O que é?", gritou metade do grupo. "Porque, isto sim, será a fortuna do rapaz se ele fizer uma cura!"

"Sim, o que é, Jackson?", perguntou o magnetizador, animado.

"Ele tem de arranjar", respondi eu, "ele tem de apanhar trinta e duas doninhas."

"Hã?", berrou o doente surdo — que ouvira apenas o suficiente para ficar chocado e alarmado — "apanhar o quê?"

"Trinta e duas doninhas", repeti eu, e continuei: "cortar-lhes as patas de trás pela articulação do meio e ferver esse óleo que a Natureza depositou nos pés e nas partes adjacentes; e esta preparação, sendo um líquido oleaginoso

e penetrante, deve ser pingada (uma gota de cada vez) em cada ouvido, duas vezes por dia, até se gastar toda — e então ficará quase curado!"

"Ridículo!", exclamou uma senhora, quase submersa numa inundação de seda e cetim sobre a sua pessoa requintada; "perfeitamente ridículo! E que nojo, também! Bah! pés de doninha! Mas — pergunto-me se ele consegue dizer o que eu tenho?"

"Espere um pouco, minha senhora", sugeriu polidamente o operador, "até eu fazer algumas perguntas. Jackson", continuou ele, "falas mesmo a sério ao prescrever óleo de doninha para a surdez deste cavalheiro?"

"Sim", disse eu, "não há nada mais certo para ajudá-lo."

"Nada mais!", resmungou o doente, meio enojado, "então fico como estou."

Após mais dois ou três exames, saímos, deixando o cavalheiro idoso mais preconceituoso do que o encontráramos. Mas a si, leitor ponderado, posso segredar algumas boas razões que sustentam aquela prescrição singular. São estas: havia óleo penetrante apenas suficiente no número especificado de doninhas para tornar o alívio certo; e, além disso, os pés dessas criaturas contêm uma secreção oleosa, macia e inquisitiva, diferente da de qualquer outro ser vivo, e muito melhor para o fim pretendido do que a de qualquer árvore, erva ou outro vegetal americano conhecido. Tudo isto eu compreendi plenamente na minha clarividência na altura, mas não proferi uma palavra de autojustificação.

Os aldeãos céticos depressa puseram a história das doninhas em circulação bem-sucedida. Ela viajou como o "algo negro como um corvo", até que todo o lado mexeriqueiro da comunidade ficou invadido por doninhas imaginárias; excitação que, porém, acabou por assentar numa convicção profunda de que o Sr. Levingston era "um embuste" e de que eu o ajudava voluntariamente por um salário moderado.

Por esta altura, também, correu uma história horripilante, supostamente saída do meu estado clarividente, de que num certo dia toda a parte noroeste da aldeia afundaria — seria engolida pela prodigiosa boca de um terramoto faminto e sedento — e que todos os seus habitantes, especialmente os descrentes, desapareceriam pela mesma fenda escancarada e nunca mais seriam ouvidos! Mas a monstruosidade deste relato totalmente falso depressa lhe apagou o lume.

Outra, porém, veio logo a seguir. Foi esta: que a água de poço, por toda a aldeia, tinha de súbito absorvido da terra um veneno mortal, que só poderia

ser separado do líquido coando a água por flanela vermelha. Os crentes correram e compraram a substância encarnada. Um comerciante afirmou que, num só dia, vendeu muitos metros de flanela vermelha expressamente para coadores! Mas os céticos riram-se, usaram a água do poço sem filtrar e não sentiram o primeiro sintoma de envenenamento. Daí "sabiam que era tudo um embuste" e admiravam-se de como as pessoas podiam ser tão enganadas.

Mas, farto destas calúnias parvas, volto-me outra vez para ti, leitor fraternal, para segredar uma palavra de explicação. Era verdade: eu descobri algumas propriedades pouco saudáveis num copo de água trazido do poço do operador, e adverti a família para não a beber nem cozinhar com ela a menos que fosse devidamente filtrada. As minhas sugestões foram seguidas. Empregou-se um pedaço de flanela vermelha para o efeito, sem atribuir qualquer importância à cor; e, só desta circunstância insignificante, nasceu um grande rio de boatos escandalosos prejudiciais à clarividência.

CAPÍTULO XXXVI
A MINHA JORNADA EM DIRECÇÃO AO VALE

"Vejo a luz e ouço o som;
Navegarei na cheia da tempestade escura,
Com a calma dentro e a luz em redor
Que faz da noite dia."

Em quietude profunda e cada vez mais profunda segui o meu caminho solitário. Exteriormente, o espírito da Primavera fervilhava de beleza, alegria e glória. O céu era todo rubor, a terra estava salpicada de flores a despontar, e o sol sorria sobre as habitações dos homens. Mas eu, embora apenas um jovem, não partilhava o júbilo e o repicar da estação. Solitário e triste, caminhava eu para o vale — que separava o Monte do Uso do Monte da Justiça — e não morava ali coração familiar que me acalmasse e confortasse.

A concavidade azul do céu era demasiado fria e distante; os céus rosados do alto reino não me davam consolo, nem mensagem de paz; as santas estrelas cintilantes da noite olhavam bondosamente, mas de lugares demasiado elevados; os belos pássaros riam, chilreavam e trinavam com demasiada leviandade; as saudações e tagarelices dos jovens e conhecidos eram demasiado irrefletidas e insinceras — enfim, eu não estava em acordo com nada fora nem dentro, salvo isto: uma prece para conhecer o meu destino, para que a dúvida, a escuridão e a agonia da minha alma jovem fossem ou dissipadas ou fixadas como a pena do meu encantamento não resistido.

Os efeitos subjetivos da minha visão iniciática começaram a ser plenamente sentidos. Não me lembrando, ao acordar, do que vira ou dissera no meu sono místico, fiquei privado de quase toda a fonte racional de força. Se eu tivesse retido sequer a milésima parte da verdade, da beleza, da sublimidade, da consistência ou da utilidade futura que eu via e compreendia enquanto em clarividência, não haveria o ermo, a sombra, a vacuidade de espírito, que eu agora penosamente experimentava; mas a minha peregrinação teria seguido por campos de luz dourada e entendimento normal.

Um efeito da visão das ovelhas e do pastor foi limpar o meu cérebro do pouco de informação que eu absorvera do contacto com a minha mãe e com o mundo. No meu espírito eu sentia como se algum zelador prático tivesse cavado, raspado, esfregado e varrido tudo para fora! Tudo quanto eu antes tinha de mobiliário intelectual — de pensamento, de opinião, de crença, de dúvida, de inclinação — desaparecera completamente! Daí que a minha alma se sentisse não só extremamente pequena, mas que o pouco espaço que

tinha estava vazio — desocupado, mas muito limpo e branco, como a "rosa acabada de ser lavada pela chuva", tal como no cantiguinha juvenil descrita. Nenhuma mente se sentiu alguma vez mais desprovida de senso.

A superfície de nenhum rio ocioso alguma vez pareceu mais idiotamente calma. Nenhum livro alguma vez foi mais deficiente de substância de pensamento. Nenhuma folha de papel vergé alguma vez foi mais branca, por escrever, ou sem mancha. Tal foi o primeiro efeito psíquico ou subjetivo daquela visão maravilhosa — um resultado que se tornava mais e mais definido na minha consciência interior à medida que as semanas iam passando.

Outro efeito dessa experiência — cujos contornos, por esta altura, já se tinham esbatido e sumido da memória — foi uma convicção, quase de pânico, de que eu tinha perdido ou esquecido alguma coisa, sem a qual eu não poderia seguir no caminho da vida! Este singular esquecimento pendia como um véu noturno, perolado mas impenetrável, entre o meu sentimento e o facto de que ele provinha e para o qual apontava. Sonhadoramente, tristemente, cansadamente, caminhava eu para o vale que ladeava a montanha futura. Aqui e ali, é certo, uma esperança sombria iluminava as células vazias do meu entendimento. "Mas acho que não sei nada", pensava eu; "e isso é mesmo o que eu também acredito." Depois de tentar raciocinar por um instante, acrescentei: "Não! há uma coisa em que acredito — que as pessoas têm razão quando dizem que estou a fazer figura de parvo. Mas eu não vou! Vou já já voltar direitinho para o Ira Armstrong e deixar esta porcaria deste sono ir pastar."

A minha depressão espiritual tornava-se rapidamente insuportável. A impaciência e quase a raiva perturbavam o meu íntimo; e, não sabendo o que tinha perdido ou esquecido, se é que tinha, escondi a minha condição ao operador. Uma noite, ao ser libertado do poder magnético, corri para cima, atirei-me junto da cama e rebentei na seguinte súplica:—

"Oh, bondosa Providência que estás no Céu, eu agradeço-te por viver; mas, assim como me sinto agora, não sei se estou certo ou errado. Oh, bondosa Providência, deixa-me saber o que perdi ou esqueci!" Nesse momento, pareceu-me lembrar vagamente que tinha perdido uma bengala — uma espécie de cana — que algum estranho bondoso me dera semanas antes, mas não conseguia recordar a circunstância e, por isso, a minha alma assombrada voltou a encher-se de silêncio e sombra. Então continuei: "Oh, boa Providência, de quem a minha mãe me falava, ficarei muito agradecido se me mostrares o que é certo."

Houve um rápido clarão de luz! Alarmado, olhei em volta no quarto. Nada além de uma ténue luz de estrelas aliviava a intensa escuridão. De novo baixei a cabeça e de novo o clarão ofuscante! Olhei e vi uma linha oblíqua de luz — a imagem exata da bengala mostrada e dada a mim por Galeno! Instantaneamente a minha memória voltou! Eu reconheci perfeitamente a bela dádiva e estendi a mão para a receber. Sumiu-se! A escuridão estava outra vez ali e, no meu espírito, um sentimento de desagrado não reprimido.

O tempo passou — talvez meia hora — antes de eu ousar suplicar de novo: "Perdoa a minha precipitação, a minha raiva momentânea, bondosa Providência; mas concede, peço-te, que eu possa obter e conservar aquela bela bengala!"

Outro clarão de luz dourada rasgou a abundante escuridão e, ao erguer os olhos, contemplei uma estranha folha transparente de brancura, na qual estavam pintadas palavras luminosas que pareciam arder, irradiar e intensificar-se no ar silencioso. Não senti medo, mas encanto! Calmamente li as palavras radiantes:—

Repetidas vezes li aquelas palavras fulgurantes, cintilantes, resplandecentes, de significado maravilhoso. Mas uma dúvida apoderou-se de mim, e perguntei: «Será aquela frase mais longa o meu Cajado Mágico — "Em todas as circunstâncias conserva um espírito sereno" — será essa a minha bengala, que eu julgava ter perdido ou esquecido?»

Num instante, a folha de brancura desvaneceu-se, e em seu lugar surgiu, belamente a brilhar, a resposta — «SIM». Foi o bastante! A minha alma encheu-se de ações de graças! «O Cajado Mágico, então, não é ficção», pensei eu jubiloso; «o segredo é tomá-lo, experimentá-lo, caminhar com ele, falar com ele, apoiar-se nele, acreditar nele, para sempre». Sim, leitor amigo, apoderei-me dessa bengala mental — o cajado mágico — e desci as escadas a correr, saí ao ar livre, percorri as ruas, voltei para a minha cama, deitei-me com ele ao meu lado, levantei-me com ele pela manhã, tomei o pequeno-almoço com ele, examinei os doentes com ele, apoiei-me nele sempre que as coisas corriam mal, acreditei nele em todo o tempo, e assim fui avançando penosamente em direção ao vale intermédio.

Sucedeu, por essa altura, no pleno verão de 1844, um acontecimento de importância insignificante; mas relatá-lo-ei, convicto de que nenhuma outra circunstância pode ilustrar tão bem o meu estado mental, o meu temperamento físico e a minha educação deficiente.

De acordo com o programa estabelecido, os nossos exames médicos realizavam-se a intervalos regulares durante o dia. Entre essas sessões, eu

ocupava geralmente o tempo livre a passear ou a visitar algum vizinho amigo. Certo dia, durante a minha ausência, uma jovem senhora, conhecida da família do operador, deixou um ramo de flores e os seus cumprimentos para mim! Ao regressar, ambos me foram entregues. As belas flores agradaram-me bastante; mas o que fazer com os «cumprimentos» não sabia. Por fim, contudo, concluí que estava tudo bem, e deixei passar o assunto sem mais atenção.

Dois dias depois, porém, recebi mais flores e mais cumprimentos; e, o que foi ainda mais chocante, uma astuta cartinha, escondida no ramo, convidando-me a dar um passeio com ela nessa mesma tarde! «Agora», pensei eu, «agora é tempo de me apoiar no meu Cajado.» O convite era muito modesto e muito delicadamente redigido, mas eu nem podia pensar em aceitá-lo! Assim, apressei-me a subir as escadas, escrevi a lápis uma breve nota de desculpa, entreguei-a pessoalmente, e regressei tão depressa quanto pude. Como fiquei contente por ela não me ter visto à porta!

No dia seguinte, outro ramo de rosas de jardim, entremeadas com folhas de gerânio, foi deixado sobre a lareira para mim, com mais cumprimentos verbais e outra nota contendo convite semelhante! O meu rubor súbito chamou a atenção de um visitante que, sendo conhecido, disse: «Davis, és o sujeito mais verde que eu já vi!»

«Porquê?», perguntei.

«Ora, há uma rapariga bonita apaixonada por ti», disse ele, «e és tão inexperiente que nem te apercebes disso.»

«Apaixonada por mim!», exclamei eu, espantado e confuso. «Que direito tem ela de se apaixonar por mim, gostava eu de saber?»

«Ora», respondeu ele a rir, «ela acha que és um jovem simpático, inteligente e bonito.»

«Bem», disse eu com sinceridade, «ela tem de saber que eu não quero nada com andar a apaixonar-me, nem quero casar tão cedo.» Aqui apoiei-me firmemente no meu Cajado e continuei mentalmente: «Ora, nem pensar em casar! Se há coisa que eu não quero fazer é isso. Já pedi à mãe mais de vinte vezes que nunca me deixe casar. Não gosto das raparigas — portam-se de modo tão tolo, riem-se, fazem trejeitos, andam com manhas — não posso gostar delas de maneira nenhuma!»

Nessa noite, porém, chegou-me outro doce apelo epistolar da bela jovem — chamando-me insensível e antissocial — pedindo-me gentilmente que não me deixasse dormir até à morte — aconselhando-me a ir à igreja e a

procurar religião — e, por fim, instando comigo para que a visitasse na primeira oportunidade conveniente. E, para apertar ainda mais a cadeia da afeição em torno do meu coração, concluiu com algumas linhas muito originais sobre alegria, amor, corações, amizade, abelhas, tempo quente, silvas perfumadas, madressilvas, salgueiros pendentes, etc., etc., tudo o que li e reli várias vezes. Por fim, esforcei-me muito por redigir uma resposta, o melhor que pude segundo as minhas capacidades poéticas. Insistentemente rabisquei e rasurei, e só quando comecei a sentir dores de cansaço em quase todas as articulações consegui compor a seguinte resposta extraordinária:—

«querida menina

Recebi a sua linda carta
e li cada palavra
A sua poesia torna-me melhor
sinto-me tal qual um pássaro.

Mas o meu coração não está pronto
para sair do meu cuidado
E os meus sentimentos são demasiado fortes
e o meu negócio é dormir.

Por isso espero que me desculpe
por não ir passear
e confio que não me censure
se eu parar a nossa futura conversa.»

Depois desta efusão poética, que está literalmente transcrita, não tive mais problemas desse lado da natureza humana.

Mas o meu Cajado foi de grandíssimo benefício; na verdade, era o meu paládio invisível — a minha arma de dois gumes para defesa. Cada dia trazia à luz algum novo embaraço nos negócios, ou algum novo e difícil teste de clarividência, ou alguma história infundada mas perturbadora de danos causados pela nossa prática, e assim até ao fim do capítulo; mas, no meio de tudo, o meu Cajado era a minha força privada, o meu apoio, a minha consolação inflexível.

Certo dia fomos visitados por um homem de semblante sombrio, caçador de tesouros — crente em adivinhação, sinais, presságios, etc. — que insistia em usar a clarividência para seu proveito material. Mas, nessa ocasião, como quando fui assaltado por outras tentações semelhantes, confiei apenas no meu Cajado Mágico, e a minha fuga em todas essas circunstâncias foi segura e rápida. Havia dentro de mim uma repugnância invencível por toda a

especulação yankee e pelas operações destinadas a ganhar dinheiro em geral. O meu indizível temor delas — não direi ódio — afastava-me de todo aquele que escavava, agarrava ou se lançava sobre «a raiz de todos os males». Neste particular eu era, de facto, o oposto de muitos que solicitavam os meus serviços. Por vezes, contudo, tinha visitantes mais agradáveis que, ainda assim, procuravam informações igualmente fora de harmonia com o nosso programa.

Entre muitos casos deste último tipo, escolherei um que (conservando em parte a expressão de um amigo a quem o relatei) poderá interessar o investigador psicológico.

Um cavalheiro inglês idoso, de boa aparência, corpulento e bem-vestido, veio várias vezes a Poughkeepsie e desejava que eu observasse clarividentemente algo acerca do qual buscava informação; mas, durante bastante tempo, tínhamos tantos pedidos de atenção médica e tantos compromissos com doentes que me foi impossível satisfazê-lo.

Um dia, porém, justamente quando eu saía do estado místico, o mesmo cavalheiro, que se apresentava como Dr. Maryatt, entrou no nosso aposento. Como noutras visitas, trouxera um cristal branco em forma de ovo, para o qual me pediu que olhasse e lhe dissesse o que via. «A observação», disse ele, «deve ser feita num quarto escuro.»

Assim, levei o cristal para o sótão, que era o lugar mais escuro da casa, e sentei-me com ele no topo das escadas; e, embora o fitasse intensamente durante algum tempo, nada vi. Pouco depois, porém, sombras pareceram dissipar-se como nuvens que se afastam de uma paisagem, e então o cristal começou a iluminar-se belamente. Logo em seguida tornou-se tão brilhante que me assustei e desci precipitadamente.

O Dr. Maryatt, contudo, assegurou-me que não havia perigo; assim, voltei e retomei as observações. As mesmas mudanças que eu observara primeiro repetiram-se, e, quando a luz começou a suavizar-se, percebi uma paisagem. Era uma encosta que se erguia de um campo lavrado, e havia várias árvores. Dois homens estavam de pé sob as árvores, um deles com traje comum inglês e o outro com roupa de marinheiro. Ao ver isto, senti-me bastante agitado e desci novamente.

O digno doutor disse que era muito satisfatório. Mas pediu-me que voltasse mais uma vez e olhasse para a direita da encosta. Assim fiz; e logo vi uma casa de pedra a formar-se nessa direção, emergindo, por assim dizer, das nuvens naquela parte do cristal. Em seguida vi o que havia na casa, e descrevi pessoas e mobiliário. Mais uma observação, e descobri um papel sob uma das

vigas do telhado. Como parecia mais brilhante do que qualquer outra coisa, pensei que devia ser importante. Estava coberto de pó e teias de aranha, e parecia ter sido há muito negligenciado, senão absolutamente esquecido, pelos moradores da casa.

Ao fazer este relato, o doutor expressou grande satisfação, dizendo «que era precisamente aquilo que ele queria»; mas pediu-me «que voltasse novamente e visse se conseguia descobrir o que era o papel». Voltei então, e informei que era «uma escritura». Mas, nesse exato momento, vi uma cópia do documento a ser queimada sob as árvores.

Pareceu-me que o homem que queimara a cópia da escritura era um herdeiro distante, mas não tinha intenção fraudulenta ao fazê-lo. Via claramente que estava vestido ao estilo antigo inglês e que tinha mais de seis pés de altura. Ele pensara que os herdeiros da família residiam na Alemanha. A família Maryatt, então a viver na casa, não conhecia o valor do papel, e essa foi a razão por que acabou por ser lançado fora e destruído tão descuidadamente. Todos estes pontos, tal como vistos e explicados por mim, provaram-se perfeitamente corretos.

O relato precedente explica o facto, conhecido por muitos, de que certos temperamentos, ao olharem para ou dentro de uma pedra, espelho ou cristal, têm o poder de ver certas representações relacionadas com o consulente, e assim descrever o passado ou predizer o futuro, o que é vulgarmente conhecido como adivinhação; e, não obstante a probabilidade de que muitas pessoas ao estilo cigano que pretendem estas artes ocultas sejam impostoras, há contudo multidões de factos que provam clara e incontestavelmente que alguns indivíduos realmente possuem este dom.

Mas, quando fiz o exame, nunca tinha ouvido falar de nada deste género. De facto, durante quatro ou cinco anos, esta circunstância pareceu-me inexplicável por qualquer princípio de previsão que eu conhecesse. Por fim, porém, resolvi examinar a causa da minha visão no cristal. E então, pela primeira vez, ocorreu-me que o meu olhar fixo nele, com tão característica intensidade, induzira temporariamente o estado de clarividência consciente, que me permitira primeiro ver a paisagem, a casa, o papel, etc., e depois, pela simples concentração do pensamento, produzir uma reflexão em miniatura deles no vidro diante de mim. Desde então encontrei várias pessoas, especialmente mulheres de cabelo muito claro ou muito escuro — que são as mais suscetíveis — que, em virtude de um olhar prolongado e concentrado sobre um objeto, deslizam, sem entrar no sono, para um estado de clarividência consciente, que, nos primeiros capítulos deste volume, denominei sonambulismo espontâneo.

Quanto à origem e história do cristal mágico, apurei muito pouco; na verdade, nunca senti interesse por ele, e o relato anterior foi a minha primeira e última experiência; mas alimento de algum modo a impressão de que ele, ou algo correspondente, foi inventado por um médico da Escócia há mais de um século.

«O cristal mágico», diz o Dr. Gregory, «é geralmente um pedaço de vidro claro, redondo ou oval. Existem vários, e um está agora nas minhas mãos, que foram feitos há muito tempo e usados para fins de adivinhação, como no caso do cristal do Dr. Dee. Diz-se que o cristal do Dr. Dee ainda existe e, segundo alguns, era uma massa polida de azeviche; mas não parece que a natureza da substância seja de grande importância; antes parece que o Dr. Dee possuía um globo de vidro ou de cristal de rocha, e também um espelho mágico, provavelmente a peça de azeviche a que se alude.

O ponto essencial é que as pessoas que fixam atentamente o cristal muitas vezes veem as figuras de pessoas ausentes, e até, como na clarividência comum, de pessoas que lhes são desconhecidas. O cristal de que falo tem o tamanho e a forma de um grande ovo de peru, e foi vendido há alguns anos por um negociante de curiosidades como um antigo cristal mágico, com um papel contendo certas regras místicas e mágicas para o seu uso.»

Tendo contado tudo o que sei acerca do cristal e da filosofia da visão que vi no do Dr. Maryatt, tomarei o meu cajado e continuarei a minha caminhada em direção ao fundo do vale.

CAPÍTULO XXXVII
PROVIDÊNCIAS ESPECIAIS

«Um viajante por uma estrada poeirenta
Espalhou bolotas pelo prado —
E uma criou raiz, brotou,
E cresceu até se tornar árvore.»

Com o advento e a concessão do Cajado Mágico surgiu uma exuberância despreocupada de sentimentos, aproximando-se por vezes de uma leviandade quase frívola, que, em certos momentos, eu não deixava de me envergonhar de manifestar. Uma espécie irrefletida de brincadeira juvenil, roçando a do palhaço ou do bufão, parecia borbulhar fantasiosamente mesmo em ocasiões solenes e religiosas, levando-me involuntariamente a rir e a mostrar uma alegria inocente, pouco condizente com a minha idade e com o ambiente respeitável que me rodeava. E, todavia, por estranho que pareça, toda essa jovialidade, embora natural e espontânea, era invariavelmente superficial e nunca tocava aquela misteriosa corrente subterrânea de energia silenciosa que fluía constantemente pela minha constituição espiritual.

Certo dia fui abruptamente interpelado e severamente tratado por um desconhecido de aspeto clerical, que afirmava que a minha ocupação não era apenas «perversa», mas que os meus atos diários e pensamentos momentâneos estavam a ser registados no céu.

«No céu!», exclamei eu — «registados no céu! Que querem eles lá em cima com os meus atos e pensamentos?»

«Castigo, jovem», respondeu ele calorosamente; «para aplicar castigo pelas más ações praticadas no corpo.»

«Bem», disse eu alegremente, «quem escreve toda a minha linguagem durante os exames médicos deve ter um grande amontoado de palavras difíceis para soletrar.»

«O Deus eterno do céu não será escarnecido, senhor!», replicou ele com manifesta indignação; «e, senhor, fique avisado — acautelai os vossos passos — antes que seja tarde demais!» E os seus olhos faiscavam como o que os lavradores chamariam relâmpago de calor.

Felizmente, o Cajado Mágico estava em minha posse, e assim perguntei:

«Castiga Deus um homem por fazer mal quando ele julga estar a fazer bem?»

«Deus, senhor, nada tem a ver com o que vós pensais — lembrai-vos disso, jovem!», respondeu o loquaz e dogmático estranho. «As Suas recompensas e os Seus castigos baseiam-se no Seu próprio sistema de governo — não no vosso, senhor, nem no do homem mortal — e havereis de descobri-lo quando for tarde demais, se eu não me engano!»

«O Seu próprio sistema de governo», solilóquiei eu, numa súbita abstração, «que quererá isso dizer — o Seu próprio sistema de governo!»

Num instante esqueci a presença do pomposo estranho e, sob um pavilhão de emoções semelhante a um transe, apressei-me a subir as escadas e passei rapidamente ao estado sonambúlico. Esta recaída foi um verdadeiro refrigério. Transportou-me de novo às minhas experiências noturnas em Hyde Park e fez-me desfrutar outra vez daquela brilhante lucidez auroral de imaginação e intelecto com que eu pintara tão belamente o jardim do Éden.

O meu juízo interior e as minhas intuições estavam claros e luminosos como o céu sem nuvens da região superior; os meus pensamentos melodiosos voavam de um lado para o outro como bandos de pombos-correio; e assim fiquei preparado para o exame e apreciação de algum assunto profundo.

«O governo de Deus», exclamei; «essa é a questão!» E era-o! Reverentemente, e com toda a emoção aquietada como o silêncio do entardecer, roguei algum conhecimento do sistema das recompensas e castigos divinos. O que vi não relatarei aqui. Mas no dia seguinte, recordando vagamente os contornos das minhas meditações sistemáticas, escrevi-os. Enquanto me ocupava nisso, a porta abriu-se e entrou o meu amigo confidencial A. R. Bartlett, que, vendo-me de pena na mão e barrete na cabeça, disse jocosamente: «Ah! estás mesmo com ar de estudante. Qual é o teu assunto?»

«O governo de Deus», respondi gravemente.

«Ah, sim? É um bom assunto. Já tens algo escrito?»

«Sim, Irmão Bartlett», respondi, «tenho algumas páginas que gostaria de lhe ler.»

«Muito bem», disse ele, sorrindo perante a minha invulgar reflexão. «Lê; quero muito ouvir.»

Assim li o que recordara e escrevera; ao que ele respondeu: «Muito bom. O assunto é importante, e trataste-o bem, muito bem. Ora, Irmão Davis, se continuares assim, tornar-te-ás um bom pensador.»

Mas, três dias depois, creio verdadeiramente que não conseguiria recordar nem ligar vinte palavras do que lera ao meu amigo; e, se não as tivesse registado na altura, penso que o meu espírito teria retirado pouco benefício daquela hora de iluminação intuitiva.

Para dar ao leitor alguma ideia da minha modesta ambição — para mostrar que, no meu estado natural, não nutria expectativas nem aspirações de fama — registarei a seguinte pequena circunstância:

Comprei um acordeão de dois dólares. Os irrefletidos inimigos das revelações clarividentes afirmaram que eu dedicava o meu tempo livre ao estudo de livros. Mas creio que os vizinhos pouco amistosos que, dia após dia, ouviam as dissonâncias arrastadas do meu acordeão estariam dispostos a jurar solenemente o contrário! O facto era que, sem recorrer a partituras, mas auxiliado apenas pelo meu inculto amor pelos acordes musicais, pretendia aprender a tocar o instrumento. Para quê?

Sinceramente, isto: eu conhecia a minha extrema pobreza; a minha educação muito deficiente; a minha condição dependente, sem ofício nem meio seguro de sustento; e não tinha a certeza de que a minha clarividência não pudesse falhar-me de um dia para o outro, ou de que eu não viesse a perder a vista, a audição ou os membros por algum acidente ou doença imprevistos; e assim, como medida de precaução, resolvi empregar as minhas horas livres, entre as sessões magnéticas, a aperfeiçoar-me no acordeão.

«Quem sabe», pensava eu melancolicamente, «se algum dia não terei de depender deste instrumento para uns poucos pedaços de pão? Quem sabe se não poderei tornar-me um tocador cego de acordeão nas ruas de alguma cidade desconhecida? Quem sabe se, nos anos vindouros, não serei compelido a repetir aquelas palavras plangentes que ouvi na escola:

"Compadece-te das tristezas de um pobre velho,
Cujos membros trémulos o trouxeram à tua porta,
Cujos dias se reduziram ao mais curto termo:
Oh, dá-lhe alívio, e o Céu abençoará o teu haver!"»

O mistério quase mágico que ainda pairava sobre a minha ocupação diária, e o sentimento ocasional de incerteza quanto à sua continuidade e valor real, serviam para amortecer aquela aspiração que é natural à juventude; e, não fosse o meu firme Cajado, creio que a minha mente sonhadora e pouco ambiciosa me teria levado de volta ao ofício de Ira Armstrong.

«Um dia fala ao outro dia, e uma noite revela conhecimento à outra.» Assim, impercetivelmente, foi-se tecendo uma trama dourada de interesse simpático que me trouxe numerosos admiradores inteligentes — pessoas de alta e baixa condição, que valorizavam o meu raro dom e exaltavam, em termos desmedidos, o bem que eu fazia — contudo, espiritualmente, eu permanecia imóvel e estoicamente impassível. Nenhum orgulho inflamava o meu espírito; nenhuma vaidade; nenhuma ambição de distinção; nenhum amor ao poder; nenhum desejo de riqueza; nenhuma aspiração a conhecer os segredos do claustro, da escola ou da universidade; nenhuma sensação de vangloriosa importância pessoal perturbava a corrente invisível da minha alma. Pelo contrário, de hora a hora, de dia para dia, de semana para semana, vivia e prosseguia viagem — sem sequer perceber que dava um único passo progressivo — rumo ao fundo do vale psicológico.

Ora soprava e resfolegava (ou tocava) no meu acordeão asmático; ora a minha jovem carne era entorpecida pelo operador, e o meu espírito examinava os doentes presentes ou ausentes. Despertado, saía para respirar ar fresco; depois regressava ao instrumento com o qual talvez um dia pudesse ganhar a vida. Assim, durante meses, permaneci no vale psíquico — onde uma névoa cinzenta envolvia e toldava todos os objetos intelectuais, dando ao meu futuro imediato um aspeto neutro e duvidoso — e, contudo, estava então ao pé de outra montanha, ainda invisível, mas cujo cume eu ascendia firme e inconscientemente.

Vários pacientes estavam a ser examinados quando entrou um cavalheiro como observador convidado. Era o Reverendo Gibson Smith — então ocupando o antigo púlpito do meu amigo Bartlett — um cético decidido quanto às pretensões da clarividência. Contudo, cedo nele se despertou um interesse quase equivalente à convicção; e, estando algo doente, pediu um exame do seu próprio estado. Foi-lhe concedido, e disse: «É perfeitamente satisfatório.»

Este homem possuía uma organização mental positiva, decidida, firme e intransigente, que desejava que eu examinasse e relatasse. Fi-lo, vendado e em estado clarividente, e ele declarou: «A verdade é irresistível, e sou obrigado a crer.»

Tendo avançado assim na nova fé, disse: «Que há algo no Mesmerismo não posso duvidar. Quando o calor animal é retirado de moscas, sapos, serpentes, ursos, etc., naturalmente eles adormecem, dormem todo o inverno e despertam bem na primavera. Agora», disse ele, dirigindo-se a mim, «podes dizer-me qual é a diferença?»

A esta pergunta, a minha mente tornou-se maravilhosamente lúcida, e prometi-lhe três ou quatro palestras sobre o assunto. Este anúncio era novidade. O operador ficou muito surpreendido, e eu, vendo privadamente algum benefício nisso, não fiquei menos satisfeito.

«Mas», continuou o cavalheiro cético, «embora eu admita o Mesmerismo e este teu poder de leitura do pensamento, não creio que a tua mente possa viajar com maior exatidão do que a minha nos sonhos.»

«Ah, não crê!», exclamou o operador entusiasta; «então experimente! Peça-lhe que visite algum lugar distante, e ficará convencido.»

«Muito bem», disse o honesto investigador. «Jackson, quero que vás cerca de quinhentas milhas — a New Portland, no Maine — e me dês uma descrição da casa e da família do Sr. ___, que ali reside.»

Obediente ao pedido, parti como a luz atravessa o espaço e, no breve espaço de dez minutos, regressei com um perfeito daguerreótipo das instalações e dos seus ocupantes!

«É verdade! É um facto! É exatamente assim! Sem erro!», foram as sucessivas exclamações de afirmação e surpresa que brotaram da testemunha agora plenamente convertida.

«Quando devo vir para as palestras?», perguntou ele. A data foi marcada. O operador devolveu-me então à consciência normal e informou-me de que eu anunciara que iria dar palestras. Tudo me pareceu ininteligível. Que eu tentasse algo semelhante parecia então o cúmulo do absurdo — tão completamente distintos eram os meus dois estados.

À hora marcada, porém, o novo convertido chegou pontualmente, com papel e lápis, para registar as palavras que eu pudesse proferir. Todas as iluminações, emoções, acontecimentos, conversas e visões da minha história clarividente — como explicarei mais adiante — são agora propriedade inestimável da minha memória quotidiana ou externa, da qual posso, a qualquer momento, extrair dados e circunstâncias como de uma fonte de conhecimento diligentemente adquirido. Assim, como se fosse ontem, recordo a súbita elevação mental quando comecei a proferir as prometidas palestras ao atento amanuense. Oh, quanto julgava eu poder compreender! A Natureza entrara, por assim dizer, no círculo da minha compreensão pessoal.

As minhas intuições ascendentes eram como tantos anjos instruídos e comunicantes. A minha razão expandida era como o oceano que rola sobre a terra e, ao mesmo tempo, reflete os fenómenos mutáveis do firmamento curvado. Mas as minhas exclamações extravagantes e entusiásticas nesse

momento não as repetirei, pois o leitor curioso pode encontrar o seu registo, com as minhas correções, na página 210, Vol. III, da «Great Harmonia». Nem farei nova referência ao testemunho de Gibson Smith, pois também ele pode ser encontrado, redigido pelo próprio, no Vol. II da mesma série, começando na página catorze.

«Que nome darás às palestras?», perguntou o escriba, depois de eu as ter concluído. «A tua explicação do magnetismo humano é quase toda nova para mim, e gostaria de saber como chamarias a esta ciência inédita.»

Com a mesma facilidade com que a água desce a encosta, o título apropriado deslizou para a minha mente; e respondi: «Clairmativeness.»

«Clair — o quê?», perguntou o operador.

A palavra foi devidamente repetida, registada e publicada para o mundo. Mas agora desejo corrigir a sua ortografia. O pensamento que eu tinha em mente era este: a produção clara da clarividência — e o termo deveria ter sido «Clairlativeness», tal como definido na página 153 de um dos meus volumes recentes, intitulado «The Present Age and Inner Life».

A nova montanha erguia-se ao longe, caro leitor; e, totalmente inconsciente do meu avanço, eu subia de hora a hora as suas encostas agrestes. As palestras imperfeitas sobre a *clairlativeness* não eram senão degraus — sementes espalhadas ao longo do caminho — bolotas lançadas no prado — mas ajudaram a acelerar e a aperfeiçoar a peregrinação psicológica. Contudo, uma semente deu uma rosa — uma só bolota produziu um carvalho — pequeno, mas bom e útil no seu género. Isto é, aquelas palavras fragmentárias e explicações imperfeitas de magnetismo e clarividência foram trabalhadas até se tornarem um par de discursos populares. E o Sr. Smith, tomando por seu dever proferi-los, avançou com firmeza.

O operador e eu tivemos de o acompanhar. Era para mim uma prova nova e dolorosa: apresentar-me, a corar de timidez e reserva, perante um auditório estranho e heterogéneo; ser lançado no meu sono místico em meio de uma assembleia impaciente e ruidosa; e ser submetido às picadas de alfinete, beliscões de dedos, apertões de tenaz e outras torturas físicas inventadas por comissões de céticos médicos. Ainda que eu tivesse explicado as leis do meu próprio estado mental, era delas tão ignorante como um hotentote, e não sabia que mal me poderia acontecer perante as pessoas. No meio de tudo, porém, havia em minha posse um agente de força — o Cajado Mágico — no qual confiava, e pelo qual nunca, por um instante, fui traído.

O trio perseguido — o conferencista, o operador e eu — partiu para Albany, Nova Iorque. Esta cidade de encosta era a Sebastopol do conservadorismo. A sua indiferença crónica a toda a descoberta nova — a tudo o que estivesse fora da rotina habitual do comércio mercantil ou da tradição teológica — fez com que a vinda das nossas forças aliadas não só fosse um fracasso retumbante, como também dispendiosa de modo inconveniente. No nosso dilema fui lançado em clarividência. Foi dado conselho livremente: partir na manhã seguinte para Danbury, Connecticut. Sem murmúrio, seguimos velozes pela via-férrea do Housatonic em direção ao destino indicado. Esta foi a minha primeira viagem atrás do cavalo a vapor. O que pensei sobre a velocidade não me deterei a escrever. A neve recentemente caída estava profunda ao longo da linha, e a bela Danbury só foi alcançada após uma viagem fatigante.

Chegados, os cartazes do conferencista foram afixados, proclamando o novo assunto, «Clairmativeness», e prometendo ao público que seriam exibidas experiências.

A noite apressou-se, a sala encheu-se até ao máximo da sua lotação, e eu estava sentado na plataforma. Oh, se eu pudesse ter sido deixado à satisfação do meu amor pela solidão! Mas, tal como foi, não pude senão ansiar pelo refúgio — ou armadura — do meu sono místico. O sono habitual foi facilmente induzido, foram tentadas as provas excursionais de clarividência, a comissão anunciou a sua satisfação, e depois seguiu-se a restituição do meu estado normal. Não fiquei eu contente por ter terminado? E não me apressei eu a sair da sala?

Na palestra e demonstração seguintes fui novamente colocado no estrado, para ser testado quanto ao facto da insensibilidade física. Entre o grupo diagnosticador, escolhido *viva voce* pelo público, havia certo discípulo oficioso de Esculápio. O seu ceticismo munira-o de vários instrumentos de tortura, alguns dos quais usou na minha pessoa, sem perturbar a serenidade da minha consciência individual. Na verdade, eu estava muito para além da dor nervosa ou do sofrimento corporal — tão profunda e completa era a minha libertação magnética. Ao preparar-me para a cama nessa noite, caiu um pequeno pedaço de carne das minhas calças, tendo sido arrancado por instrumento do interior da minha perna direita; e, no entanto, quando essa experiência cruel foi feita, eu estava totalmente inconsciente da laceração.

Em justiça à simpatia do povo, deve dizer-se que o doutor que cometera esta injustificável brutalidade foi, pouco depois, batizado «Beliscador»! Os rapazes da terra, absorvendo o espírito da desaprovação geral, ao vê-lo, assobiavam e gritavam: «Beliscador!» E, mais tarde, segundo me disseram, a perseguição tornou-se tão intoleravelmente beliscadora que o senhor

profissional partiu para parte incerta. Mas, ainda que a sua prova extrema fosse desnecessária e o dano que infligiu pudesse ter sido sério e duradouro, eu não alimentei nenhuma da hostilidade que os habitantes manifestaram contra ele.

Os doentes vinham de todas as direções. Pobre humanidade enferma — a doer, a gemer, a coxear, a tossir, a morrer! Os nossos quartos ficavam cheios em excesso ao longo de todo o dia, e a minha vida exterior passava-se principalmente no sono inconsciente.

Por essa altura, o Sr. Smith percebeu que os seus serviços já não eram requisitados. As pessoas queriam auxílio físico, não intelectual; por isso ele voltou para cumprir as suas obrigações profissionais. Mas o ramo de Poughkeepsie da seita a que então servia (os Universalistas), estando à procura de respeitabilidade e popularidade, recusou estender-lhe tão cordialmente como antes a mão direita da fraternidade. Isto deu-lhe ocasião de rever as curiosas palestras e prepará-las para publicação.

Talvez o leitor tenha visto esse estranho e realmente sugestivo folheto — uma produção fugitiva e híbrida — contendo forte infusão do espírito do editor — com a quarta e última palestra relatada palavra por palavra a partir das minhas declarações clarividentes — tudo sob o título «Clairmativeness, or Human Magnetism, with an Appendix, by Rev. Gibson Smith», que devia ser um homem moralmente destemido, amante da verdade e da liberdade, pois de outro modo o público nunca teria ouvido as minhas simples palavras, proferidas tão calmamente sob o retiro protetor do salão do operador.

A nossa longa lista de pacientes, tanto em Poughkeepsie como em Danbury, levou-nos a dividir o tempo entre os dois lugares — visitando ocasionalmente Bridgeport e localidades contíguas — durante tudo o que eu continuei, exteriormente, a ser o mesmo jovem reservado e ignorante; mas, confiando silenciosamente no meu Cajado, subi com firmeza a alta e agreste montanha. Na nossa primeira visita a Bridgeport, onde muitos doentes foram acrescentados à lista, fiz conhecimento de uma certa personagem que em breve aparecerá neste drama psicológico, mas por quem, na altura, não senti qualquer afeto especial, como prenúncio das relações peculiares que em breve haveriam de existir entre nós.

Nada aconteceu de interesse psíquico para o leitor até Maio de 1845, ocasião em que fui duramente assediado por um ardente crente nas Providências Especiais e na segunda vinda de Cristo. O encontro religioso deu-se perto do cemitério episcopal, para onde eu caminhava vagarosamente em busca de recreio e recolhimento. O sectário começou por se compadecer de mim com sarcasmo, pelas minhas perigosas enredações.

«Na tua condição obscurecida e não santificada», disse ele, «estás a todo o tempo em perigo de morte e de juízo.»

«E tu não estás em perigo de morte e de juízo tanto como eu?», perguntei.

«Sem dúvida que estou», respondeu ele calorosamente, «mas sou daqueles que creem no Senhor Jesus Cristo.»

«Bem», disse eu, «e por isso estás seguro?»

Ignorando a minha pergunta e eriçando-se de zelo combativo, lançou-se numa longa profissão de fé, em substância como segue: «Eu creio, senhor, na Escritura Sagrada, que diz que há de haver uma segunda vinda do Messias. Fui ensinado em jovem a ler a Bíblia, senhor, e a crer numa Providência superintendente.»

«Também eu; a minha mãe ensinou-me a crer numa Providência que governa», disse eu prontamente. «E, mais ainda, creio que tenho ouvido a voz da Providência muitas vezes desde que era rapaz.»

«Não, senhor! não, senhor! isso não pode ser», atalhou ele com ênfase enérgica; «era mais provavelmente o diabo! Ora, senhor, a Bíblia e Jesus Cristo ambos denunciam a ocupação que segues. Sabes, senhor, o que diz a Bíblia? — que os judeus eram o povo escolhido de Deus?»

«Sim, isso eu sei bem», respondi, com forte desejo de prosseguir o meu passeio sem ser importunado.

«Ah, sabe, hein?», replicou ele asperamente; «então, senhor, deixe-me dizer-lhe que os judeus foram conduzidos do deserto para a terra prometida, mas, durante a viagem, era seu dever vencer e exterminar os habitantes daquele país.»

«E de que serviu isso tudo?», perguntei.

«De que serviu, senhor?», exclamou ele com calor rapidamente crescente. «Eu digo-lhe, senhor! O extermínio dos pagãos, senhor, foi um meio providencial de promover a causa do Cristianismo e da civilização.»

«O ato de assassinar é um mal?», perguntei.

«Certamente, é errado destruir vida humana.»

«Então», disse eu, «faz Deus o mal para que venha o bem?» Ao dizê-lo, senti um lampejo de iluminação mental que excitou momentaneamente os meus órgãos intelectuais, e continuei: «Não ensina Deus uma doutrina diferente?»

«Ahá!», disse ele, com um esgar de desprezo. «Eu bem pensei que não sabias nada a não ser quando estás a dormir. Mas eu vou desmascarar-te!»

«Por favor responda à minha pergunta», pedi eu calmamente.

«Oh, sim, senhor, responderei. O governo de Deus está nas Suas próprias mãos. Ele pode mudá-lo quando julga necessário, e ninguém pode deter a Sua mão. Assim, quando Ele quer, abate homens maus na rua; envia geadas amargas e mordentes para destruir o fruto de lavradores ímpios; enche a terra de piolhos e gafanhotos; faz guerras contra raças desobedientes de homens; detém o sol no seu curso; transforma os céus num forno de fogo consumidor; e almas não convertidas envia para miséria eterna.»

«Tem muita certeza?», perguntei.

«A Escritura Sagrada», respondeu ele, «é a própria palavra de Deus, senhor; e isso diz que Ele assim fez em todas as idades do mundo. E agora, senhor, creio que o fim de todas as coisas está perto, mesmo à porta; e o meu conselho para pessoas como vós, senhor, é este: abandone a vossa ocupação sonolenta, volte ao vosso antigo trabalho, guarde o dia de sábado e prepare-se para a terrível conflagração.»

«Que conflagração?», perguntei, com grande espanto.

«Ora, senhor, o fim do mundo — a segunda vinda do Messias — o fim de todas as coisas, como foi predito na Escritura Sagrada!»

«Oh, sim, agora entendo», disse eu, «e prometo pensar nisso.»

«Promete?», disse ele, amolecendo para um tom suplicante: «promete que vai pensar nisso? Faça-o, meu amigo, faça-o — sem demora — e que o Senhor do céu o ajude!»

Durante toda esta conversa eu dependi da força do meu Cajado, e ele não vergou; nem temi que viesse a quebrar sob pressão muito maior. Mas quando o pregador nervoso e zeloso seguiu caminho, e eu alcancei o retiro silencioso do cemitério — pelos seus trilhos resguardados, onde caminhei na mais profunda meditação — então o Cajado foi quase negligenciado, e a minha aflição mental tornou-se intensíssima.

Por muitos dias subsequentes a minha mente foi dolorosamente exercitada sobre o assunto solene que o sectário severo e persistente impusera à minha atenção. O problema, de interesse para o mundo inteiro — se tinha havido, ou havia então, intervenções sobrenaturais entre os homens, com o propósito de mudar, inverter ou regular os assuntos e desígnios humanos — agitava o meu espírito quase continuamente; e recordo bem as circunstâncias que acompanharam o seu exame e resolução finais. E permita-me aqui exprimir — como não posso deixar de sentir — o desejo de que todo o espírito inquisitivo pudesse ser enriquecido com revelação semelhante. Sei, até ao fundo da alma, que isso emanciparia o indivíduo da escravidão da ignorância, superstição e fanatismo.

Foi no último dia do belo mês de Junho que recebi uma impressão autoritativa, da vida interior, para subir ao cume de uma alta mas familiar montanha. A minha aldeia natal (por adoção) era visível ao longe, do lado oposto do rio. Esta montanha era o meu retiro habitual; nada havia ali que perturbasse — e todas as coisas exteriores, a solidão, o silêncio apenas quebrado pelo canto dos pássaros, e a paisagem, eram propícios ao desenvolvimento, elevação e visão espiritual. Sobre este monte, e neste tempo, o meu espírito, à sua maneira costumada, pôde subjugar e subordinar o corpo a si mesmo, e os meus princípios interiores de perceção abriram-se e foram autorizados ao seu exercício fácil e natural.

O problema pesava sobre mim com o peso de uma montanha. Mas o que então e ali testemunhei não o repetirei aqui. O leitor pode encontrá-lo por inteiro no meu folheto intitulado «The Philosophy of Special Providences».

Por estranho que te pareça, leitor imparcial, é verdade que, durante cinco dias após essa visão, fui crente — um crente ignorante, miserável, inconsolável — numa Providência divina de manobras e manifestações mutáveis e fantásticas. A minha convicção irrefletida era tão completa que eu não me teria admirado de ouvir os estrondosos sons daquela terrível trombeta que havia de despertar milhões para felicidade eterna e muitos mais milhões para miséria eterna! E tremia, receando ter sido desde a mais tenra juventude o joguete de algum anjo destruidor; receando que aquela voz misteriosa que tantas vezes acalmara o meu espírito atribulado fosse apenas o embuste de algum génio maligno invisível — o príncipe das trevas, de cuja existência eu tanto ouvira falar. E, no entanto, em meio de toda esta comoção mental, o Cajado Mágico era o meu apoio!

Por fim, enquanto caminhava pelos prados sem trilhos perto da aldeia, resolvi dirigir uma oração à «bondosa Providência» e invocar a sua ajuda na minha tribulação. Fi-lo, e isso também pode ser encontrado no folheto acima

referido. Imediatamente ao concluir a minha súplica fervorosa, experimentei, por todo o meu organismo, os sinais de uma visão iminente. Assim que a minha clarividência se tornou perfeita, veio até mim uma presença gloriosa — um ser ultra-terrestre — muito belo e de aspeto terno — cuja voz era a mesma que eu ouvira em momentos de prova desde a minha infância! Era como a da minha mãe — só que mais doce e mais musical. Que revelação divina! Tão rápida e luminosa como o clarão do relâmpago foi a cintilação talismânica que rasgou as sombras suspensas da minha peregrinação passada.

Toda a minha história anterior se abriu e ficou explicada. Eu não estivera a sonhar — a voz não era imaginação — a figura não era invenção sem fundamento — não! não! não! Meio vencido por uma alegria exaltada, ainda me apoiei no meu Cajado e escutei a voz angélica e a sabedoria celestial do meu glorioso Guia. As suas sublimes palavras escrevi-as na publicação já nomeada. Por isso, neste livro, limitar-me-ei a reiterar o facto de que o meu espírito foi elevado triunfalmente para fora de toda a dúvida sobre o assunto das Providências Especiais.

Ao prosseguir o meu caminho para casa, o coração encheu-se-me de felicidade e contentamento. A noite caíra, e era escuro para os olhos físicos. Mas a luz do sol de um Dia Infinito e Eterno brilhava intensamente através das porções agora desdobradas da minha alma imortal; e, por essa Luz que não conhece trevas, eu aprendera a não temer, mas a Amar o Princípio Supremo!

Mas, ai de mim! a fraqueza do meu corpo jovem e as faculdades ainda imaturas da minha mente privavam-me da memória abençoada quando não estava em clarividência — tão impenetrável era a cortina de esquecimento que pendia entre as minhas duas condições. E assim, embora eu sentisse uma tranquilidade pacífica quanto ao tema excitante, não conseguia dar, no meu andar quotidiano, uma única razão para a fé que havia em mim!

CAPÍTULO XXXVIII

LUTA PELA SEGUNDA EMINÊNCIA

«Ah! para a alma estranha, quando primeiro espreita
Do seu novo alojamento e olha em redor
À procura de felicidade e simpatia, quão severo
E desolado é este vasto mundo!»

A bela naturalidade dos acontecimentos que vou escrever só pode ser apreciada revendo algumas semanas e obtendo assim a vantagem de um pano de fundo. O encanto de uma paisagem, por exemplo, depende sobretudo da posição relativa do observador. O fascínio da distância nunca deve ser rejeitado. Nenhum artista inteligente se mete nas profundezas de um ermo para ver uma floresta, nem enfia a cabeça «sob a triste vaga do mar» para contemplar a grandeza de uma cena oceânica. Do mesmo modo, o leitor inteligente que quiser perceber consistência e beleza nesta história psicológica deve afastar-se ocasionalmente da proximidade dos seus episódios e observar toda a superfície com o olhar de uma mente generalizadora.

Antes das experiências relatadas no fim do último capítulo — durante uma das nossas visitas profissionais a Bridgeport, Connecticut — eu previ distintamente, enquanto em estado lúcido, um programa psíquico novo e mais elevado. O misterioso fardo de um trabalho futuro eu já o antecipara vagamente e anunciara alguns meses antes desta data (Maio de 1845), mas, devido ao meu agora maior avanço mental e amplitude de visão, eu podia contemplar o novo território com calma, como um homem idoso bem familiarizado com os caminhos labirínticos das empresas humanas.

A minha previsão referia-se a uma série de revelações extraordinárias, que em breve eu estaria preparado para ditar para benefício presente e futuro da humanidade. Estas novas divulgações seriam, em parte, respostas a centenas de perguntas que me eram feitas por doentes convalescentes e por mentes investigadoras, desde o começo mesmo da minha experiência mística. Algumas dessas interrogações eram curiosas, divertidas e importantes. Um doente intelectual, por exemplo, tendo sido examinado de modo satisfatório, pedia o privilégio de fazer perguntas verbais ou mentais como estas:—

«Podes dizer-me o que constitui a alma?» ou «O espírito do homem é imortal?» ou «O homem é um agente livre?» «Deus é uma pessoa, ou uma essência?» «O que é a vida?» «Como foi povoada a terra?» «Qual é o principal propósito da criação do homem?» «A Bíblia é toda verdadeira, ou apenas em

parte?» «Se o homem vive depois desta vida, onde é o lugar para onde vai ao deixar o corpo?» «Jesus Cristo era o Filho de Deus, ou o próprio Deus?» «Podes dizer-me o que se entende pela palavra inferno?» «Existe um lugar literal de sofrimento?» «O diabo é uma pessoa ou um princípio?» «O que entendes pelo termo Espírito Santo?» etc., etc.

E a todas essas perguntas a minha resposta invariável era — «Sede pacientes! Um dia saberei como dar plena satisfação à vossa mente. Quando esse tempo chegar, como certamente chegará, então ditarei um Livro que conterá as minhas respostas às vossas interrogações. Sede pacientes! Ainda não posso examinar nada senão doenças.»

Assim, de dia para dia, durante todo o tempo que passei com o Sr. Levingston, repeli qualquer tentativa de desviar a minha mente do programa original. Em suma, se se disser a verdade exata, eu ainda não tinha atingido o estado perfeitamente independente. (Vede o diagrama das diferentes fases do magnetismo, p. 205.) A minha condição geral era consideravelmente mista; e a minha mente estava apenas parcialmente libertada. Este facto eu só o soube no primeiro de Julho seguinte; quando então começou a despontar no meu entendimento.

Este despontar caracterizou-se por certos indícios ou premonições conspícuas. Um sinal era a natureza intermitente da minha visão clarividente — acompanhada de uma suspensão parcial da minha capacidade original de suportar o transe. O período do meu sono magnético tornou-se, por conseguinte, mais curto ou variável; e a sensação e lucidez da minha mente participavam largamente da mudança que se aproximava.

Estas irregularidades ou flutuações inconfundíveis perturbavam em privado a semi-habitual equanimidade do meu espírito. Tornei-me triste e descontente, sem razão evidente, e isto reagiu sobre o operador. Um dia ele pediu-me «que explicasse a causa da minha inquietação ou descontentamento».

«Não sei», disse eu com emoção não disfarçada. «Talvez o seu magnetismo já não me faça bem.»

«Ah!», exclamou ele tristemente, «eu pensei que seria assim.»

«Que seria assim o quê?», perguntei eu.

«Ora, que alguns destes novos conhecidos iriam prejudicar-te contra mim. Sim, vejo como é. Eles querem pôr-te sob a influência deles.»

Agora, confesso livremente que esta declaração sem rodeios me surpreendeu e desconcertou; e, não fosse o meu Cajado Mágico, creio que teria saído da sua presença, indignado. Era uma reflexão sobre a minha amizade firme por ele, e por isso respondi: «Não, senhor! Está completamente enganado. É verdade que me ofereceram grandes somas para eu deixar Poughkeepsie e ir para oeste, mas nenhum dos nossos amigos ou conhecidos tentou alguma vez desfazer a nossa relação.»

«Fico muito contente em ouvi-lo», disse ele; «porque seria pena fazer fosse o que fosse que impedisse a entrega desse Livro que tantas vezes prometeste.»

A isto não respondi; limitei-me a ficar cabisbaixo e pensativo. Vendo isso, ele propôs dar-me uma parcela maior do nosso insignificante rendimento e assim antecipar qualquer tentação pecuniária que suspeitava poder ser-me apresentada por outros.

Apreciando a sua generosidade e bondade, e sabendo que o nosso rendimento médio, durante meses seguidos, não excedia aquilo que ele costumava ganhar na sua ocupação em metade do tempo, esforcei-me por voltar a ser alegre e agir como plenamente satisfeito. Tudo correu harmoniosamente por pouco tempo, exceto as variações peculiares nos meus poderes clarividentes, precedidas por um pesado sono magnético e, ocasionalmente, terminando em fortes dores de cabeça que o operador já não conseguia remover nem mitigar como antes.

Estes sintomas eram, em grande parte, propriedade privada minha. Para mim eram extremamente ominosos! A sombra de um acontecimento iminente escurecia o meu horizonte. O que o futuro me reservava, eu não conseguia discernir. Por isso, embora caminhando com e apoiando-me no meu Cajado, o meu espírito estava dolorosamente perturbado.

A propósito disto, caro leitor, desejo apresentar uma nova personagem. Não! não te escandalizes. É bastante dócil e não morde. Chamava-se Richard; mas, para abreviar, eu chamava-lhe «Dick»; e ele era o principal companheiro dos meus passeios diários. Em forma e peso era notavelmente pequeno e leve; mas, por instinto, era o maior e mais sabedor cão da aldeia. A minha predileção pela companhia exclusiva deste pequeno Dick era manifesta. As suas manifestações, de cabeça e cauda, de alegria dogmática — a cada regresso meu de uma visita profissional — eram de uma honestidade rigorosa e extremamente gratificantes.

Introduzo-o neste ponto porque aquele *morceau* do Espírito da Natureza que animava o seu pequeno corpo percebia certamente a presença

de seres invisíveis — e isso, por vezes, até antes da minha própria impressionabilidade, muito mais exaltada! E este animal impulsivo e sem raciocínio praticou por mim, nesta crise dos meus assuntos mentais, um ato valioso, que passo já a relatar. Permita-se-me, entre parêntesis, observar que, desde o advento do facto que está prestes a ser registado, notei que três raças da espécie canina são particularmente (por vezes) suscetíveis à presença de figuras desencarnadas. A primeira é o mastim puro ou cão de casa; a segunda, o cruzamento entre o spaniel e o bull-dog; a última, uma segunda remoção do cão rafeiro comum e uma quarta do pointer ou cão de caça.

Na ocasião particular a que agora aludo, eu vagueava e meditava num campo distante. O meu espírito vergava sob a pressão de uma responsabilidade desconhecida. Assim, eu caminhava como quem está fatigado com a bagagem e o fardo próprios de uma longa e solitária peregrinação. O único companheiro visível desta deambulação era o meu pequeno Dick. As suas brincadeiras alegres nos campos abertos — os seus saltos e investidas graciosas atrás dos cantores emplumados — não me podiam agora distrair. O meu espírito estava em oração. Elevei a voz ao céu pedindo instrução. Mas nenhum som sagrado me chegou ao ouvido, e eu estava prestes a voltar atrás; quando o pequeno Dick me chamou a atenção com várias demonstrações de inquietação.

Teimosamente recusava-se a regressar comigo para casa. Pelo contrário, choramingava e farejava o ar, olhava freneticamente para cima, uivava do modo mais lamentoso e, de outras formas, significava pantomimicamente a sua convicção instintiva de que a atmosfera continha algo para mim. Pareceu-me que o animal sem raciocínio enlouquecera momentaneamente no seu entusiasmo por apanhar os passarinhos; e, assim crendo, assobiei-lhe e avancei algumas varas, aparentemente indiferente às suas súplicas singularmente frenéticas.

Mas não! não se deixou persuadir; e, vencido finalmente pela curiosidade e pelo desejo de agradar ao meu bonito favorito, já não resisti e segui até a um lugar apartado para onde a criatura afetuosa me conduzia. «Bem, Dick», disse eu em tom brincalhão, «o que se passa aqui?» Em resposta, mostrou os seus habituais sinais de prazer e andou a dançar como se o seu pequeno coração estivesse perfeitamente feliz.

Nesse momento senti a presença do meu benfeitor invisível. Esta explicação súbita bastou e, ficando de imediato abstraído, ouvi estas palavras, ditas musicalmente: «Procura — a — montanha! Às — quatro — horas. Não — demores. Uma — visão — te — será — mostrada.»

Sem respirar, esperei por mais uma bela palavra do ser cuja voz era tão parecida com a da minha amada mãe. Mas tudo permaneceu quieto como um meio-dia de Julho, e parti para casa.

Antes da hora marcada atravessei o Hudson, de ferryboat, e esperava no meu assento familiar — no belo Monte — quase exatamente a oeste do cais da Rua Principal de Poughkeepsie. Gradualmente passei a um elevado enlevo clarividente, quando, eis! ali estava o meu glorioso Guia como um anjo de luz!

«Estás abatido e muito atribulado», disse ele, suavemente; «queres saber a razão?»

«Sim», respondi, «estou oprimido. Mas não sei porquê.»

«Então, se queres saber por que motivo o teu espírito está abatido, fita ali.» Aqui ele apontou acima do horizonte para a profundeza do espaço aberto e continuou: «Num momento figurarei o teu passado e o teu futuro.»

Enquanto falava, vi o espaço vazio subitamente ocupado por uma cena muito natural e romântica. Havia diante de mim, ao longe, uma estrutura com aspeto de castelo, erguida no corpo de uma grande montanha. O lado do edifício voltado para mim parecia ter sido talhado e removido, dando uma vista livre e natural das suas partes e disposições interiores.

«Contempla!», disse ele afetuosamente. «Isso representa os aspetos exteriores da tua história mental.»

«Deveras!», exclamei eu. «Quão frio e desolado! Mas não consigo compreender o quadro.»

«Então», respondeu ele, «dirige a tua visão para o primeiro e mais baixo compartimento.»

Fiz como ele me ordenou e eis! vi um contrarretrato exato de mim mesmo. Representava-me em sonambulismo. Eu andava no escuro — vendo maquinaria, pintando o jardim do Éden, etc. — enquanto a minha expressão era a da simples infância. Nesse piso subterrâneo havia várias janelas, mas davam para a rocha maciça e não deixavam entrar luz alguma.

«Sim», disse eu, muito divertido e animado, «isso é exatamente verdade!»

«Então», disse ele, «dirige a tua visão para o compartimento seguinte e mais alto.»

Ao elevar a minha visão psicológica ao segundo piso, vi outra representação perfeita da minha própria personalidade. Ali via-me na atitude de escutar, como se ouvisse palavras de oradores invisíveis. Assim fui lembrado do que ouvira no milharal de Hyde Park, etc.; e novamente me declarei encantado com a perfeita representação pictórica. Notei também que as janelas desta divisão mais elevada abriam contra as paredes cegas da montanha e não deixavam entrar um raio de luz natural.

«Sim», disse eu, «esse foi exatamente o estado em que a minha mente esteve durante todo aquele período.»

«Então», respondeu ele, «dirige a tua visão para o terceiro e ainda mais alto compartimento.»

Com a maior satisfação obedeci à sua orientação. E esta vista foi um grande alívio. Ali vi-me sentado diante do Sr. Levingston e, embora os meus olhos estivessem bem vendados, podiam discernir a luz do sol a entrar e a vivificar a ampla sala. Agora, as janelas abriam diretamente para grandes fendas no rochedo da montanha; e a luz prateada que se derramava por essas aberturas fazia-as parecer como seteiras conduzindo a alma para uma paisagem vasta e ensolarada.

«O quadro é perfeito!», gritei eu com entusiasmo e gratidão. «Sim! é exatamente assim que a minha mente estava.» Mas, ao pronunciar estas palavras de reconhecimento, senti uma súbita tristeza — um desejo de um horizonte mais vasto. Então disse: «Oh, bondoso Guia! pode dizer-me por que razão não consigo ver mais da paisagem requintada além?»

«Desejas uma visão mais ampla desta tua casa presa à pedra?»

«Oh! sim, sim!», exclamei eu. «É isso mesmo que eu quero a seguir.»

«Então», disse ele, «dirige a tua visão para cima, para o último e mais alto compartimento que por algum tempo te é dado contemplar.»

Olhei e tornei a ver-me personificado. Mas agora eu estava sentado diante de um homem que reconheci imediatamente como o conhecido recém-formado de Bridgeport, Connecticut. Os meus olhos corporais continuavam vendados, mas a sala estava cheia de luz! Estava muito, muito acima de qualquer saliência da montanha; e as janelas, dando para fora da sala circular, abriam-se sobre uma cena das mais refulgentes e magníficas!

«Que mudança desejável!», exclamei eu com fervor. «Que perspetiva deliciosa! Mas temo que isso nunca possa ser!» e, sentindo-me momentaneamente abatido, baixei a cabeça e a visão desvaneceu-se.

«Por que duvidas?», perguntou ele docemente.

«Oh, bondoso Guia!», respondi eu tristemente, «porque a minha relação presente está enredada com laços muito fortes de simpatia. Está firmemente fixada nas afeições do Sr. Levingston. Além disso, se eu me afastasse dele e tomasse outro magnetizador antes de dar o Livro, parece-me que os nossos poucos e valiosos amigos não o entenderiam, e temo que a validade e correção da minha futura clarividência fossem por toda a parte contestadas e negadas.»

«Temerosa, de facto, é a tua mente juvenil», respondeu o Guia. «Diz-me, se puderes, qual de dois atributos humanos é o mais elevado e o melhor — Simpatia? ou Justiça?»

Esta pergunta fez-me pensar longamente e profundamente, como eu supunha; mas a minha alma não conseguiu respondê-la, e eu disse: «A sua pergunta, bondoso Guia, é demasiado profunda para a minha mente.»

Ao ouvir isto, ele sorriu benignamente e disse: «Diz-me, se puderes, qual de duas condições da matéria física é mais útil e admirável — árvores e nenhum navio? ou um navio feito de árvores?»

Num fôlego respondi: «Um navio é mais útil e admirável.»

«Ah!», disse ele com o mesmo sorriso doce e terno, «és um aluno rápido. Mas ainda: diz-me, se puderes, qual de dois navios é o mais seguro numa tempestade — um navio entregue aos ventos caprichosos? ou um navio entregue à mente do homem?»

A simplicidade extrema desta pergunta excitou a minha alegria e ri-me em voz alta; mas, ao contemplar o semblante sereno do Guia, contive-me e respondi: «O navio mais seguro é o que está entregue à mente do homem.»

«Em verdade!», exclamou ele, «estás a aprender bem a tua lição. Guarda-a na memória, de dia para dia. E diz-me, se puderes, qual de dois atributos humanos é o mais admirável, o mais seguro, o mais elevado e o melhor — Simpatia? ou Justiça?»

Ao proferir estas palavras, a minha mente compreendeu o sentido; e respondi: «Perdoe-me, ó Guia, por não ter entendido antes a sua lição. O mais elevado e o mais seguro é a Justiça, e eu hei de lembrá-lo.»

«Esse», disse ele, «é o nome da montanha de cujo cume as tuas primeiras doutrinas hão de emanar.»

Oprimido por um sentido aterrador de um labor doloroso — o de me afastar do meu operador, bondoso e apegado — inclinei-me para diante e olhei abatido para a terra. Passados alguns minutos, levantei de novo a cabeça para fazer outra pergunta. Mas, ai! o meu belo Guia desaparecera. Então, percebendo que estava ainda mais enriquecido por algumas gotas de ouro da fonte da Sabedoria, e que a Justiça fora recém-entronizada no seu próprio reino dentro do território da minha alma, recaí no meu estado habitual e regressei à residência do operador, com o coração cheio de uma alegria totalmente inexprimível.

CAPÍTULO XXXIX

A MONTANHA DA JUSTIÇA

«Sempre a verdade vem ao de cima,
E sempre se faz justiça.»

Antes de me recolher nessa noite, apenas seis horas depois da lição precedente no alto planalto, a minha memória já não conseguia recordar os pormenores do que acontecera. «É muito mau», pensei eu, «ter um sonho útil — discernir uma verdade bela — e não ter tino suficiente para a recordar.» E, na manhã seguinte, quase esquecera a razão precisa que me levara a atravessar o Hudson. Ainda assim, havia dentro de mim uma força nova e bela — uma energia e destemor no meu órgão da justiça — que me levava a pensar em fazer tudo quanto a minha consciência viesse a ditar. A semente da mudança fora secretamente plantada e cresceria; a maré de um novo rio acabara de abrir caminho pelo meu ser e correria; outro sol estava destinado a iluminar o meu mundo mental e haveria de nascer; o Cajado Mágico fora cravado na montanha e o estandarte da «justiça» seria desfraldado; e assim, embora ainda demasiado fraco de mente para guardar na memória a imensa riqueza das minhas experiências providenciais privadas, havia uma certa consciência incessante que me dava um coração forte e uma vontade firme.

Pouco depois partimos numa das nossas viagens profissionais a Bridgeport. Mas não me esqueci de levar o meu Cajado. Em conversa com um médico residente, alguns de cujos doentes eu examinara anteriormente, perguntei: «Pode dizer-me o que é que eu tenho?»

«O que é que tem?», disse ele, com evidente surpresa por eu poder sentir mal-estar corporal como o resto da humanidade.

«Sim», disse eu, «há qualquer coisa errada no meu estado. Se é físico ou mental não sei.»

«Não é capaz de se examinar a si mesmo quando está em clarividência?», perguntou ele. «Parece-me que é. ‘‘Médico, cura-te a ti mesmo’’, como diz o bom livro.»

«Não», respondi. «Não consigo discernir o meu próprio estado de saúde como consigo o dos outros. Seria como levantar-se a si próprio pelas orelhas.»

«O seu poder de clarividência alguma vez lhe parece estar a apagar-se?», perguntou.

«Penso que ultimamente tem», disse eu. «E isso é o que me faz sentir tão infeliz, acho eu.»

«E o poder do Sr. Levingston sobre si diminui?»

«Não, creio que não; mas ele não consegue levar-me mais alto em clarividência; talvez nem consiga manter-me onde estou agora. Às vezes sinto isso.»

«Pois!», exclamou o médico. «Se há coisa desejável neste mundo, é o seu poder. Ora, meu caro senhor, devo-lhe uma fé que eu não trocaria por nada do que conheço.»

«Bem», disse eu, «se continuar como estou, a minha vela clarividente em breve será apagada. Mas há uma mudança de algum tipo a caminho.»

«Ah!», respondeu ele, «pensa em mudar de operador?»

«Não que eu saiba», disse eu, sombrio. «Mas tenho a certeza de que vai haver algo diferente, embora não saiba o que seja.»

«Suponho», replicou ele, «que consegue ver quem é a pessoa certa, caso tenha de arranjar um novo magnetizador. Quanto a mim, digo livremente que nada me daria mais satisfação do que exercer medicina com a ajuda das suas prescrições.»

«Bem, o que está à minha frente não posso prever», respondi. «Mas se o senhor for o homem para me magnetizar, eu apresentar-me-ei com certeza no tempo próprio.»

E assim terminou a nossa conversa franca. Mas, de dia para dia, o meu discernimento espiritual vacilava e tremeluzia; o que contribuiu muito para o restabelecimento da depressão abatida que me pesara nas poucas semanas anteriores. Achando quase impossível avançar com os exames dos doentes,

nós (o Sr. Levingston e eu) partimos bastante precipitadamente de Bridgeport para cumprir os nossos compromissos correspondentes em Danbury, aonde chegámos nessa mesma tarde.

Era então aproximadamente o décimo nono aniversário do meu nascimento. As horas ricas e perladas destilavam a sua maturidade sobre o campo de ceifa e o prado. As vinhas graciosamente entrelaçadas e a abundância ascendente do solo, o suave respirar das flores do jardim e o coro musical dos insetos delicadamente formados davam múltiplos prazeres à imaginação sensível; mas tais prazeres não eram hóspedes do meu peito; e as felicitações dos amigos pela repetição do meu aniversário, sempre tão gratas a quem valoriza a própria existência, caíam como flores mortas sobre o meu espírito oprimido e confundido.

Eu adquirira recentemente decisão de carácter; mas decidir o quê? eis a questão. Num momento, julgando pelas minhas sensações em conflito, temia a chegada de uma doença prolongada; no seguinte, não sabia se o dever me chamaria de volta ao ofício de Ira Armstrong. Ora, as minhas afeições inclinavam-se para o médico de Bridgeport; ora se aconchegavam, apegadas, ao coração bondoso do operador. Por fim, procurei a minha torre de defesa: a Solidão. Apoiado no meu Cajado Mágico, interroguei os céus curvados em busca de instrução.

Longa e pacientemente esperei por algumas palavras de conforto. Nenhuma veio. Era, contudo, uma hora calma e formosa, e eu demorei-me longe dos meus semelhantes. Observei os raios refulgentes do sol que, um a um, formavam o templo sagrado do Dia. Ouvi a abelha silvestre cantar a sua canção de trabalho e reparei no belo melro-preto enquanto prestava bons ofícios aos seus filhos; mas estas criaturas alegres não tinham mensagem de sabedoria para mim. A minha era a triste canção do poeta:—

«Sinto-me como quem caminha só
Num salão de banquete abandonado;
Cujas luzes fugiram, cujas grinaldas morreram,
E todos, menos ele, partiram.»

Mas o alívio estava próximo. No meio das minhas meditações, operou-se uma mudança no meu espírito. A minha natureza pareceu lançar-se, como por um crescimento instantâneo, numa virilidade livre e confiante em si mesma. A cadeia, como cabo, de braços entrelaçados e corações fraternos que me prendia ao Sr. Levingston pareceu romper-se de súbito! O feitiço mágico com que ele, sem intenção, me afastara de Ira Armstrong, ficou totalmente neutralizado e dissipado. A liberdade luxuriante de me pertencer

a mim mesmo inundou-me como uma torrente de alegria celestial. A minha alma era forte, livre e inteiramente minha. Que libertação maravilhosa!

Ao regressar ao nosso local de hospedagem, pelo crepúsculo que se adensava, encontrei o operador que, com um olhar de ansiedade e impaciência pouco habituais, disse: «És um rapaz fugidio, e isso sem dúvida. Vários doentes estiveram à tua espera o dia inteiro. Agora já se foram. Onde tens estado tanto tempo?»

A gloriosa notícia da minha inesperada emancipação não a revelei; mas, plantando-me firmemente na vingança, disse-lhe que o meu estado exigia a suspensão do seu magnetismo. E então insinuei que era melhor recusarmos, por ora, todas as solicitações. A isto ele se opôs energicamente, como eu previa que se oporia; mas eu insisti com igual firmeza, e assim a questão ficou encerrada.

Na manhã seguinte já não vagueava no nevoeiro da dúvida. O horizonte dos meus direitos e deveres individuais estava luminoso como sob um sol espiritual; e eu voltei a caminhar como um ser de vida e entendimento independentes. O meu próprio sangue vital e o meu princípio nervoso-áurico tinham estado saturados de magnetismo durante quase dois anos — fazendo de mim mero «sujeito» da vontade de outrem — mas agora a minha vontade e a minha individualidade estavam totalmente distintas e sob autocontrolo. Mas eu era ainda um jovem, e demasiado fraco para seguir sozinho.

Pouco depois, portanto, apercebi-me de uma atração em direção ao médico de Bridgeport. Essa influência depressa se tornou muito poderosa. E, como a agulha aponta para o pólo, assim eu segui essa atração positiva. Foi a obediência a um impulso semelhante que, no início, me separou de Ira Armstrong; e agora, com o luxo adicional de uma consciência, cedi à mesma lei e, assim, rompi definitivamente a minha relação com William Levingston.

O médico de Bridgeport, Dr. S. S. Lyon, recebeu-me de modo muito fraternal; e, quando lhe disse que ele fora escolhido, manifestou gratidão sem fingimento. A fisionomia deste homem era peculiarmente marcada. O contorno de perfil da sua cabeça era agradavelmente regular. Mas o seu rosto indicava um temperamento misto — um cruzamento entre Aristóteles, o filósofo, e um diácono de Jersey — não sendo um índice fiável do seu excelente carácter interior.

Era moderadamente sociável, muito atento aos sentimentos alheios, apreciador de crianças, honrado nos negócios, humano, extraordinariamente firme nas amizades, ordeiro na vida e naturalmente religioso. Mas o olhar

retraído, a testa saliente e o aspeto pensativo de todo o seu rosto faziam dele, para muitos, um livro fechado e selado.

Agora, mais um sacrifício. O meu novo operador, com esforço severo e contínuo, estabelecera-se em atividade. Aqueles que acreditavam na virtude dos remédios botânicos e conheciam o sucesso constante do doutor recorriam a ele; e a sua remuneração, gradualmente crescente, era igual, se não maior, do que o rendimento provável das minhas observações clarividentes. Mas sobre ele pesava a convicção do dever. Assim, obedecendo às minhas direções interiores, renunciou à sua prática; e, juntos, seguimos para esse imenso entreposto comercial dos Estados Unidos, conhecido como a cidade de Nova Iorque. Aqui, como eu antes anunciara quando iluminado, as palestras haviam de ser proferidas. A sua influência era refrescante e libertadora. Claramente, enquanto em estado magnético, eu percebia o caminho; mas, como de costume, no estado ordinário, a minha mente era limitada e obscurecida.

No começo foi anunciado um programa: eu apenas examinaria doenças durante certo número de semanas; e depois, estando tudo preparado, eu iniciaria os longamente prometidos discursos.

Deixemos agora o leitor deslizar comigo por dez semanas — durante as quais eu dormi de quatro a seis horas por dia — e deter-nos na nossa casa particular de pensão, n.º 92 da Rua Greene, na grande cidade. Era por volta de meados de Novembro de 1845. E agora, se o investigador psicológico quiser ler uma ilustração muito extraordinária do que eu chamo «Mediunidade Missionária», que veio de súbito sobre mim nessa altura, pode voltar-se para a página 181 da minha obra intitulada «Present Age and Inner Life». Há matéria romântica e instrutiva oculta nessa experiência maravilhosa, que algum dia no futuro poderá ser dada ao público.

Poucos dias depois disto, estando eu em clarividência, percorri com o olhar o imenso primeiro plano do meu trabalho por vir. A minha recordação disso, neste momento, é muito perfeita. Mas o que vi nessa contemplação abrangente pertence propriamente ao capítulo seguinte. O motivo para a nomeação de testemunhas é suficientemente óbvio. O motivo para escolher a pessoa em particular que foi designada como escriba pode não ser igualmente aparente; e por isso, como consigo recordar a circunstância e as razões, passarei a divulgá-las.

Ao rever e refletir sobre o nosso prospeto para os dois anos seguintes, o que eu podia fazer a partir do meu estado de exaltação mental — tal como um homem no cimo de uma montanha pode ver mais do país do que estando no vale abaixo — previ a necessidade de ter um escriba que pudesse

compreender a orientação geral das palestras e que, possuindo uma consciência viva, defendesse voluntariamente os nossos procedimentos contra as calúnias de jornalistas preconceituosos e sem escrúpulos. Para encontrar tal homem, percorri de longe a longe a população deste país, mas não vi ninguém cujas qualificações mentais e circunstâncias externas fossem igualmente favoráveis, a não ser o Rev. William Fishbough, de New Haven, Connecticut.

Este cavalheiro eu já o tinha visto no meu estado normal. Mas, antes deste exame interior das suas capacidades, eu não descobrira o mínimo vínculo de relação entre ele e o trabalho prestes a começar. De acordo com a minha escolha, o doutor escreveu ao Sr. Fishbough, que, apesar de uma combinação de impedimentos externos, aceitou alegremente a nomeação e apresentou-se uma hora antes do momento fixado para a proferição da primeira palestra.

As minhas impressões sobre o carácter interior do escriba foram estas: que a sua mente amava o pensamento, amava a verdade, amava o homem, amava Deus, amava o Céu, amava a humildade, e era moderadamente ambiciosa de sucesso e distinção pessoais. Pareceu-me cuidadoso, prudente, crítico e consciencioso; e que, em qualquer empresa literária louvável, os seus dotes podiam ser obtidos e, em geral, aproveitados.

A natureza maternal predominava nele, tal como eu lia a sua organização; e por isso julguei que, quaisquer que fossem as suas crenças intelectuais, as suas afeições acabariam invariavelmente por prevalecer sobre elas, e assim estabelecer o seu destino no universo humano. Percebendo estes traços e discernindo a favorabilidade das suas circunstâncias externas, consideradas em ligação com a natureza e exigências peculiares do nosso futuro imediato, aconselhei solicitar o seu auxílio, que, como já foi dito, foi prontamente e alegremente prestado.

Pode ser difícil para o leitor manter na memória o vasto contraste entre a minha mente iluminada e não iluminada. O tempo que separava as duas condições não era maior do que «o passo» que se diz separar o sublime do ridículo. Vinte passes das mãos do doutor mudavam-me e elevavam-me de jovem ignorante à alta condição de filósofo profundo. Ou cinco minutos dedicados às manipulações inversas trar-me-iam do trono exaltado de Júpiter para o nível comum de um habitante inculto e despercebido da ilha de Manhattan. Se o leitor conservar este facto em mente, não se admirará de que, antes do começo das minhas palestras, eu fugisse para a minha montanha em frente a Poughkeepsie, em busca de consolação e maior iluminação.

A tristeza caiu sobre mim mais uma vez. Porque eu não conseguia sentir, a todo o tempo, com certeza positiva, que os meus passos estavam realmente bem e com segurança dados. É verdade: o meu Cajado salvou-me e sustentou-me em muitas ocasiões. Mas eu voltara a ser assaltado por dúvidas sobre o assunto das Providências Especiais e por receios de que, de algum modo, eu estivesse enganado e conduzido ao erro. Neste estado excessivamente ansioso e aflito embarquei num dos vapores do North River e, chegando de novo ao monte consagrado, derramei a minha alma numa torrente de interrogatórios suplicantes acerca dos assuntos perplexos que me oprimiam.

A minha iluminação espontânea, a exaltação harmoniosa das minhas faculdades, foi invulgarmente doce, e as bem-vindas descobertas do curso sem trilhos da minha alma foram grandiosas e vividamente delineadas. Intelectualmente, contemplei os princípios imutáveis que regulam o universo. Com que facilidade e gratidão bebi estas verdades inesquecíveis da existência temporal e eterna! Mas o resultado das minhas investigações filosóficas, nessa ocasião, já o publiquei naquela parte do folheto sobre «Special Providences», intitulada «The Argument». Por isso não o registarei neste volume. Os inestimáveis pormenores dessas reflexões metafísicas ficaram, como de costume, encerrados no tesouro da minha memória clarividente.

Ao regressar em direção a Nova Iorque, porém, sentindo-me calmo e preparado para as palestras, repetia mentalmente: «Obrigado! obrigado! obrigado!» e nada mais. Mas agora sei que o grande efeito dessa última contemplação ficou gravado indelevelmente nas pregas interiores da substância da minha alma. Certamente há providências especiais. Há poderes guardiões invisíveis. Foi com e através da sua ajuda, somada aos meus próprios esforços e ao Cajado infalível, que alcancei o cume da Montanha da Justiça; de cujo ápice psíquico, como o meu Guia me informara, as sublimes revelações da Natureza haviam, em breve, de emanar.

CAPÍTULO XL

OS PRINCÍPIOS DA NATUREZA

«Recordo o tempo, ó sol e estrelas,
Quando elevastes a minha alma das suas grades mortais,
E a levastes pelos céus nos vossos carros dourados!»

Tendo-me acompanhado até aqui e visto as muitas e variadas mudanças e cenas por que passei desde o nascimento, parece-me que o leitor não voltará agora atrás. Não; pois um pano, que por muito tempo privou o espectador de uma representação nova, está prestes a erguer-se.

O lugar era o n.º 92 da Rua Greene, a poucas portas a norte da Spring, na bem conhecida ilha de Manhattan. As *dramatis personæ*, ou os que sustentaram as principais personagens distintas nestes teatros privados, eram o Dr. Lyon, o Sr. Fishbough e o autor. O auditório era ocupado por três testemunhas, a mais proeminente e instruída das quais era o amável e tranquilo Dr. T. Lea Smith. A sua mente gentil sofria com o corpo naquela altura; mas, além de ser meu paciente, era um sincero investigador da verdade e um semi-crente na clarividência. A peça nova anunciada para ser representada em parte nessa ocasião intitulava-se «Lectures by A. J. Davis, the Clairvoyant».

Mas deve ter-se em mente que este anúncio não foi tornado público. Apenas algumas pessoas foram avisadas em privado e convidadas a testemunhar a encenação. Pois o objetivo não era notoriedade nem dinheiro; pelo contrário, tão silenciosa e firmemente como o orvalho desce e a erva cresce, se perseguia o fim comum de obter admissão no sempre sagrado templo da Verdade! Por isso, os termos «farsa», «comédia», «prestidigitação», etc., usados mais tarde com intenção tão evidentemente maliciosa por alguns jornalistas nova-iorquinos para caracterizar e caricaturar aquela atuação, eram grosseira e ridiculamente inaplicáveis.

Se possuis uma faculdade impressionável de imaginação, caro leitor, agora é o momento de a exercitar legitimamente. É por meio deste órgão, e só dele, que podes fechar os olhos e evocar as feições de um amigo ausente, ou gozar, sentado junto à lareira, os encantos de uma paisagem lembrada, ou misturar-te com as particularidades de algum lugar e acontecimento no mundo que os teus olhos nunca viram. Imagina uma pequena sala, mobiliada com artigos convenientes para um par de cavalheiros pensionistas itinerantes, sem biblioteca nem outros indícios de gostos e ocupações intelectuais. Imagina um homem de semblante grave a manipular um jovem de rosto pálido e corpo franzino. E, à direita deste par, vê um indivíduo de

olhar brando e testa ampla, sentado diante de uma mesa, sobre a qual se encontram os utensílios habituais para escrever. E, de cada lado, imagina três homens meio fascinados com o sempre encantador processo de magnetização. O prazer do silêncio é mutuamente sentido. Tudo está quieto como o sol. E agora, quando o jovem está prestes a assumir a personagem principal, supõe que fitas o seu crânio.

Em primeiro lugar, façamos um inventário do seu capital intelectual e registem-se os itens pelo seu valor mercantil. A circunferência da sua cabeça é invulgarmente pequena. Se «o tamanho é a medida do poder», então a capacidade mental deste jovem é invulgarmente limitada. Os seus pulmões são fracos e pouco desenvolvidos. Se «a mente se vigoriza em proporção com a capacidade do peito», então a mente deste jovem deve ser débil e circunscrita nas suas operações. Ele não viveu no meio de influências refinadoras.

Se «as circunstâncias moldam o carácter», então os modos deste jovem devem ser pouco gentis e desajeitados. Não leu livro algum exceto um, e esse sobre tema muito pouco importante; nada sabe de gramática nem das regras da linguagem; nem se associou com pessoas literárias ou científicas. Se «a educação forma a mente comum», então o capital intelectual deste jovem é demasiado escasso para o mercado literário.

Mas vê! O operador de semblante grave ata um lenço em torno da cabeça inculta do jovem — fechando-lhe ainda mais o mundo e deixando-o entregue às suas próprias mudanças e transformações psíquicas. Não desvies o olhar, caro leitor, pois a crise mental acaba de chegar.

Contempla! as pregas interiores dos seus órgãos intelectuais começam a tremer e a expandir-se como flores que se abrem. Exalam um suave éter atmosférico, que rapidamente satura o ar da sala e sobe, como a tromba-d'água no mar, em direção aos céus. Que delicada coluna de luz! Vê-a erguer-se! — acima da casa, acima do campanário mais alto, acima da montanha mais elevada, acima da pálida lua, acima das estrelas sagradas, acima do alcance do telescópio, acima — longe — mais alto — para além de toda a elevação, exceto a das aspirações da verdadeira alma!

«Antinatural!», exclamas tu. Não, não assim, digníssimo amigo. Permite-me substituir o termo «extraordinário». Seguramente não queres afirmar que a ascensão da vida é antinatural! Pois olha apenas para aquele campo onde o carvalho se ergue acima do solo, acima do alcance da erva, acima do poder das feras errantes, acima da profundidade gelada das neves invernais, acima das cheias destruidoras da primavera, acima da ambição das árvores plebeias da floresta, acima — além — mais alto — do que as cabeças de padres

presunçosos, reis, papas ou imperadores! Sim, toda a vida olha para o céu; e, uma vez desembaraçada, vê como se apressa para lá!

Sim! não vês tu essa haste radiante de luz em espiral a estender-se, por todo o caminho, desde a cabeça inculta do jovem adormecido até um Foco de Pensamento para além das estrelas? Ali! vês isso? Um raio respondente desce! As suas mãos entorpecidas tremem com uma sensação nova e os músculos do seu rosto vibram e estremecem com a força que aflui.

«Impossível!» Não, não, não impossível, caro leitor. Ora, se te dispuseres a contemplar uma exibição correspondente, ainda que muito, muito inferior, então mostrar-te-ei um fenómeno bem conhecido dos mares do Norte. Fixa o olhar no oceano Ártico. Vê a água rodopiar com uma rotação terrível. Agora vê a coluna ascendente de água formar junção com a coluna em espiral que desce das nuvens acima do oceano. Vê o vórtice de espuma em baixo!

Vê esse tremendo prodígio marinho — maravilhoso e impossível para o homem de terra, mas certo e perigoso para o marinheiro que sulca com o seu navio os mares setentrionais. Contemplando esse objeto distante e acreditando na sua realidade, poderás duvidar dos teus próprios olhos e da tua razão ao contemplares a cabeça daquele jovem magnetizado? E tão perto de casa, ainda por cima! Já esqueceste o lugar? Pois foi no próprio centro de Nova Iorque — eu quase diria da civilização — no século XIX!

«Escutai! que é isso?», perguntou o operador de rosto grave. O escriba de olhar brando e testa larga escutou. As testemunhas estavam imóveis como carregadores de caixão.

«Esta noite», respondeu o jovem, com entoações reverentes e medidas, «alcanço a minha condição superior.» (O leitor poderá entender esta linguagem revendo os diagramas magnéticos. O autor atingiu pela primeira vez de modo permanente o quarto estágio em 28 de Novembro de 1845.)

«Podes dar a palestra esta noite?», perguntou o doutor que magnetizara o jovem.

«Ao grande centro da inteligência — à esfera positiva do pensamento — a esse Foco que entesoura todo o conhecimento dos mundos humanos», disse o jovem calmamente; «ao Sol espiritual da esfera espiritual — eu vou receber a minha informação.»

«Ele deseja que isso seja escrito?», sussurrou o escriba vigilante.

O doutor repetiu a pergunta, e o jovem respondeu: «Não, isso não.» Mas, após uma pausa, disse: «Agora estou pronto.»

O escriba pôs em ordem a sua mão caligráfica, e o doutor — que, conforme instruções prévias, devia repetir em voz alta, após o jovem de voz baixa, para assegurar que cada palavra era corretamente ouvida e escrita — estando também pronto, o clarividente começou lentamente e sem excitação:—

«A razão é um princípio que pertence apenas ao homem.» Esta frase foi escrita, e ele continuou: «O ofício da mente é investigar, procurar e explorar os Princípios da Natureza e seguir as manifestações físicas nas suas múltiplas e variadas ramificações.» Quando estas palavras foram devidamente registadas, o jovem — o mesmo jovem, lembra-te, cujo capital mental inventariámos cuidadosamente — prosseguiu: «O pensamento, na sua natureza própria, não é controlado. É livre para investigar e elevar-se a aspirações sublimes. A única esperança de melhoria do mundo é o pensamento livre e a investigação sem restrições. E tudo o que se lhe opõe ou tende a obstruir este princípio sublime e elevado está errado.»

Assim, com a ocorrência e recorrência de breves intervalos de extrema abstração entre parágrafos, foi proferida a primeira palestra. E, quando o jovem voltou ao seu estado ordinário, toda a memória do seu saber se desvanecera, e ele era de novo uma pessoa ignorante e sem interesse. O que foi dito naquela noite e nas seguintes, na forma e estilo exatos aqui descritos, o leitor pode encontrar na Primeira Parte do meu volume intitulado «Nature's Divine Revelations».

«Incompreensível!», creio ouvir-te exclamar com incredulidade. Não, não, não sejas tão apressado na rejeição. Aqui! apoia-te um pouco no Cajado Mágico e deixa-me falar-te, à tua razão mais íntima, desta rara exibição. Põe de parte, ao menos por breve tempo, o teu orgulho e o teu saber, e abre a parte-criança do teu ser a esta velha verdade, agora novamente delineada no nosso quarto sossegado da Rua Greene. Não quererás ser calmo e filosófico? Quão cético és! Será isso prova da tua força de intelecto? Ó intelecto presunçoso! Não sabes que a minha mãe acreditava demais, porque o seu intelecto era inculto? E não sabes também que tu acreditas de menos, pela mesma razão — que o teu intelecto ainda está na infância?

Pois bem, o drama maravilhoso foi representado. O jovem inculto sustentou a personagem principal, isto é, a de um filósofo plenamente instruído. O seu papel foi bem concebido e representado para inteira satisfação do auditório. E, neste momento, ao fim de muitos anos intermédios, as suas reminiscências mais interiores ocupam a minha alma. Portanto, sou a testemunha mais fiável e não sinto relutância em revelar os trabalhos secretos da minha mente naquela e nas sessões subsequentes.

O operador novo e diferente, Dr. Lyon, libertou por completo a minha mente das perturbações do sistema nervoso. Eu estava, por isso, mais mental, mais espiritual e menos físico do que em qualquer ocasião anterior. Como uma planta bienal, a minha alma floresceu e apresentou aquele raro fruto há tanto antecipado. Assim, somando-se à minha clarividência, desenrolou-se de dentro a Condição Superior.

«Qual é a diferença?» A diferença é a mesma que existe entre ver sem compreender e ver coroado com essa vantagem e melhoria indizíveis. Por exemplo: olhas para um pedaço de minério de ouro ou para uma libra de gesso. Este ver, sem compreensão plena dos constituintes químicos do que vês, corresponde à clarividência. Mas supõe que não apenas olhas, como também analis as quimicamente o minério ou o gesso: então ilustras simultaneamente *clair*-visão e *clair*-ciência, ou, por outras palavras, perceção interior em combinação com entendimento intelectual, que é a condição superior. Daqui se segue que aquele que é apenas clarividente está mais ou menos sujeito a errar e a enganar-se quanto ao lugar, propriedades, natureza e relação do que assim percebe; ao passo que aquele que é ao mesmo tempo claro-vidente e claro-sabedor — ou que possui de uma vez a dupla bênção da clarividência e da *clairscience* — é passível de erro apenas em três direções, a saber: em quantidades, tempos e magnitudes. Ambas as condições, portanto, são suscetíveis de aperfeiçoamento eterno.

Ao entrar na condição superior naquela noite inesquecível, a minha mente pareceu primeiro expandir-se por toda a ilha de Manhattan. Observando e analisando intelectualmente, à medida que esta sensação nova avançava, descobri que não era um despertar corporal, mas intuitivo — um alçar e elevar — que tão belamente identificava a minha consciência individual com a de toda a humanidade. E não foi só isto. Os meus instintos identificaram-me igualmente com a criação animal e, daí, com as essências e leis das plantas e da vegetação; e assim senti-me como um espelho consciente, se assim posso dizer, no qual se refletiam e no qual se focalizavam os princípios e propriedades do Sistema da Natureza!

Esta receção consciente e focalização subjetiva de reflexos absolutos levou-me a afirmar: «Ao grande centro da inteligência — à esfera positiva do pensamento», etc., «eu vou buscar informação». A ideia aqui incorporada é correta, mas a forma de expressão é ambígua. É suscetível de dar ao leitor uma impressão falsa — a de que eu ia, mentalmente, ao mundo dos espíritos por cada parágrafo que proferia; quando as minhas «impressões» intelectuais eram inteiramente derivadas do contacto das minhas intuições exaltadas com as essências últimas das substâncias externas.

Sendo isto verdade, que quis eu dizer ao afirmar que me erguia «acima das estrelas»? Simplesmente a ascensão das minhas intuições, o voo e expansão das minhas sensibilidades superiores, que, em todo o ser humano, são infalíveis na medida em que lhes é permitido estender-se ao império e leis da vida.

«Não estarás enganado?», dirás tu. Não, amigo. Deixa-me convencer-te de que não, fazendo e respondendo a algumas perguntas familiares: qual é o maior geómetra? O maior é a criatura que nunca estudou livros — a abelha. Qual é o maior arquiteto? O castor sem escola. Qual é o músico mais doce? O pássaro canoro sem treino. Quem é o amante mais verdadeiro de Deus? O índio não instruído. Que coração conhece a arte de amar melhor do que Ovídio? O coração não sofisticado. Quem aprecia o valor da infância melhor do que qualquer filósofo? A mãe simples. Quem entende a ciência da dietética melhor do que qualquer fisiologista? O trabalhador faminto.

Agora permite-te imaginar, por um momento, a libertação simultânea, a expansão e a exaltação desses mestres implantados e infalíveis. Isso foi a minha experiência — e nada mais. Pela libertação dessas intuições inerentes — que são os únicos filósofos fiáveis do universo — recebi o meu conhecimento. Sim, obtive as minhas «impressões» a partir dos últimos termos, ou essências espiritualizadas, da Natureza objetiva.

Que quero eu dizer com «últimos termos»? Por últimos termos entendo os produtos dos primeiros termos. Para ilustrar: tens na mão um pêssego. O que é esse pêssego? Um último termo! Último termo de quê? (Ah! agora tornas-te um filósofo interior incipiente.) O pêssego é um último termo de uma flor. Donde veio a flor? De um botão. Donde o botão? De um rebento. Donde o rebento? De um ramo fino. Donde o ramo? Do tronco. Donde o tronco? Da semente. Donde a semente? De forças espirituais. Donde as forças espirituais? Da Fonte Divina. Donde a Fonte Divina? Questão elevadíssima! Consumirá uma vida eterna para dar a resposta correta.

Ou toma outra ilustração. As minhas intuições elevam-se acima de Nova Iorque e eu apercebo-me da presença de um certo éter impalpável. Donde o éter? Da água a ferver. Donde a água? De gases presos à terra. Donde os gases? Das forças vitais da terra. Donde a terra? Do sol. Donde o sol? De outro sol. Donde esse sol? De um sol ainda maior e mais remoto. Donde esse sol mais remoto? De um sol ainda mais inconcebível. Donde esse sol ainda mais vasto? Do Sol central do Univercœlum. *****

*****(*NT: Termo arcaico cunhado pelo autor, com que pretendia traduzir mais ou menos de forma poética, a Unidade absoluta de toda a existência. A manifestação infinita da Mente ou Espírito Divino. O Univercœlum não é apenas*

o "universo físico," é uma ordem divina harmoniosa que funciona segundo leis espirituais universais, em que tudo evolui dentro dele — matéria, mente e espírito.)

Ou toma um exemplo diferente. As minhas intuições ascendem como uma coluna luminosa de éter para a região superior e entro em contacto com uma atmosfera de Pensamento! Donde essa atmosfera? De uma congregação de professores, estudantes e convidados, no Union College. Porquê essa congregação? É dia de cerimónia de formatura. Qual é o tema do orador do momento? A relação do Cristianismo com a Civilização. Donde o Cristianismo? Dos ensinamentos de uma pessoa chamada Cristo. Donde essa pessoa?

Ora, ao colocar a mim mesmo esta pergunta histórica enquanto mentalmente exaltado, as minhas intuições concentram-se nos rastos multiformes da história humana. Em breve atinjo a veia certa. Então, tão fiel como a terra ao sol, deslizo velozmente «pelos enormes sulcos do Tempo» — saudando os séculos intermédios ao passar — até fixar os acontecimentos exatos que precederam e caracterizaram o nascimento e a vida do indivíduo em exame.

Do mesmo modo, qualquer outra questão — científica, ética, psíquica, poética, profética, literária, etc. — com a qual eu entre em rapport intuitivo — fica sujeita à minha investigação voluntária. E assim, a partir do último termo de qualquer matéria — que invariavelmente contém os minuciosos detalhes e o resumo da sua génese, biografia, incidentes, propriedades, natureza e relações, bem como os índices certos dos seus destinos futuros — eu recebo as minhas «impressões».

Se as obtenho corretamente ou não é uma questão que, em parte, ainda fica por decidir pelo meu labor individual e amor à verdade enquanto assim exaltado intuitivamente. Digo «em parte», porque certa proporção dessa experiência só pode ser explicada com verdade por referência à favorabilidade da organização e inclinações hereditárias. Assim me torno, até certo ponto, individualmente responsável pelas minhas «impressões»; e, na receção e transmissão delas (pois a minha perceção e o meu uso da linguagem também são intuitivos), posso progredir muito ou cessar por completo, conforme o meu estado moral e a minha vontade me inclinem.

Em tudo isto, pois, percebes a utilidade inestimável do Cajado Mágico. E, à luz da explicação fiável precedente, quão flagrante se torna o equívoco daqueles que anunciam as minhas palestras como «proferidas através da mediunidade de A. J. Davis» — como se a minha mente (na condição superior) fosse uma substância insensível, sem inteligência e passiva, ou um bocal, através do qual figuras desencarnadas exprimem ou promulgam as

suas próprias opiniões específicas! Isto é um erro grosseiro — uma deturpação muito nociva.

A influência especial e a tutela de seres espirituais são interpoladas, por assim dizer, nos capítulos independentemente escritos da existência individual. Tal é uma lei imutável da humanidade. E assim, no meio das provas da vida e das mudanças da morte, a consolação não está em termos sido autómatos insensatos sob inspirações incessantes de espíritos, mas em sermos seres dotados de existência própria e responsáveis; e que, ajudados de quando em quando por esses agentes providenciais, subimos enfim ao cume dessa montanha rudimentar que nos permite pisar as encostas menos agrestes de um mundo ainda mais elevado e feliz.

CAPÍTULO XLI
AS TRISTEZAS DE NOVA IORQUE

A cidade de Nova Iorque, a metrópole da América, é um magnífico entreposto. As várias nações e tribos selvagens da terra habitam, por intermédio de certos representantes autoproclamados, de maior ou menor exatidão e distinção, dentro dos limites da cidade. E a rapidez nervosa e muscular com que todos caminham, bem como a ansiedade locomotiva estampada no semblante de cada transeunte, servem para dar a um homem do campo a impressão de que cada qual se apressa a apanhar o próximo comboio, vapor ou máquina voadora, com destino à Califórnia, Oregon, Minnesota, Kansas ou Perdição.

Sem dúvida, a maioria dos jovens da minha idade teria exultado nas multiformes elegâncias sensuais que resplandecem numa linha ininterrupta de ambos os lados da Broadway, desde a Battery até Union Park. Exemplos das mercadorias e obras de todas as raças civilizadas podem ver-se expostos nas palacianas montras das lojas, e tão criteriosamente classificados e tão encantadoramente exibidos, que o espectador tem de ser muito obtuso para não se imaginar visitante de um museu interminável, ou da Exposição Universal, que há de encerrar com uma semana de carnaval e um desfile militar do carácter mais sumptuoso e magnífico. A estas incontáveis visões atrativas e influências externas sedutoras eu não era insensível. Mas as horríveis personificações da vagabundagem e da miséria que diariamente via — apelando, como apelavam, à minha sensibilidade constitucional e à minha disposição para simpatizar com os que sofrem — eclipsavam todas as glórias e neutralizavam muitos dos prazeres temporários da minha vida citadina.

As ruas estavam cobertas de neve, o vento era cortante, contudo o sol brilhava resplandecente sobre a Ilha, e eu caminhava vagarosamente por motivos de saúde corporal. Mas poderia sentir-me feliz? Talvez a primeira visão fosse a de uma criança a chorar, descalça e privada de roupas quentes. A seguinte, a de uma mulher aflita, com um marido doente no seu miserável quarto alugado, e várias crianças enfermas, sofrendo igualmente por falta de alimento e vestuário. E assim até ao fim do meu passeio.

O olhar desamparado, o tom desesperado, a súplica dilacerante por dinheiro e auxílio, penetravam e comoviam as profundezas do meu coração; e, impelido assim ao exercício da piedade e da caridade, eu entregava nervosamente à criança solitária, à mãe mendiga ou ao velho decrépito, a quantia que pudesse dispensar, e apressava-me depois no meu caminho — oprimido pela triste reflexão de que os poucos cêntimos que dera eram como moscas para um leão faminto, ou como gotas de água para uma manada de gado sedento.

Mas o Bastão Mágico deu-me muitas vezes tranquilidade. O pouco dinheiro que obtivera por meio de exames foi por fim despendido em supostos objetos genuínos de caridade, mas observei que esses objetos não se tornavam menos numerosos nem mais felizes. Esta dolorosa descoberta conduziu-me a outra — menos dolorosa mas muito absurda — a saber, que eu estava a tentar encher um «poço sem fundo»; e isto levou-me, em estado de clarividência, a examinar as causas e o remédio da Pobreza em Nova Iorque.

Os resultados dessa investigação foram-me, pelo menos, de grande utilidade pessoal. Encontrareis um registo fiel dos mesmos consultando a página 105, volume segundo, de "The Great Harmonia". Após essa singular investigação sofri muito menos com a simpatia impulsiva pelos aparentes sofrimentos da rua; mas, confiando mais na sabedoria dos esforços associativos em favor dos pobres, resistia a muitos apelos diários e dedicava o excedente do meu escasso rendimento às necessidades correntes da minha única irmã remanescente e empobrecida.

Poucos dias antes do início da Segunda Parte das Revelações, cuja primeira secção eu estava quase todas as noites empenhado em proferir, o escriba redigiu e apresentou uma comunicação ao "New York Tribune", intitulada "Remarkable Phenomena", que o destemido editor daquele jornal diário aceitou e publicou. O artigo esboçava, em termos gerais, o progresso então realizado com as nossas palestras privadas, e comentava brevemente o carácter completo e harmonioso das verdades já reveladas.

Antes da minha sessão magnética, na manhã seguinte ao aparecimento do artigo, várias novas personagens se apresentaram no nosso recinto. Estávamos então instalados no n.º 24 da rua Vesey. Um velho rabugento recordo particularmente. Tendo lido a comunicação, desejava fazer inquéritos específicos e exatos acerca do tema das palestras. Quando plenamente informado, perguntou: "Não pode ler-me alguns parágrafos?"

O prudente e complacente escriba, com a sua característica deliberação, leu em voz alta partes de um discurso recente. O visitante idoso escutou com rigorosa atenção. As passagens continham uma sequência de estranhas, longas, difíceis e obscuras expressões — tais como "ciências palsetiológicas", "formações zoológicas", "teorias morfológicas", etc. — que grandemente enevoaram o juízo do auditor e, posso acrescentar, o meu próprio, não menos quando não mentalmente exaltado.

Subitamente esmagado pela nova fraseologia, o ouvinte meio irritado exclamou: "Alto! Deixe-me perguntar: essa primeira palavra grande tem alguma coisa a ver com o palato?"

"Não, senhor", respondeu respeitosamente o escriba. "É, talvez, uma nova cunhagem. O clarividente diz que a usa para significar aquelas ciências anteriormente estabelecidas, das quais diferentes teorias e especulações podem ser desenvolvidas."

"Humph!", resmungou o visitante carrancudo. "Siga o meu conselho, senhor, e deixe essa palavra de fora." Depois continuou: "Que quer dizer morfológicas?"

O escriba, sempre brando, respondeu novamente: "Este termo é outra palavra nova, creio, que o clarividente emprega para designar formas irregulares de matéria, ou uma sucessão de desenvolvimentos heterogéneos, durante as diferentes épocas que assinalam a formação geológica do globo."

O velho confuso mostrou-se ainda mais rígido. E, fixando firmemente os olhos nos do escriba, disse: "De que serve toda essa linguagem desconhecida? Use palavras, senhor, que as pessoas possam entender, senhor. É isso que se quer."

"Se se acrescentarem notas explicativas às partes obscuras", disse o paciente escriba, "não serão então as palavras novas compreendidas pelo leitor?"

Mas nesse momento o doutor avisou-me de que a hora dos meus exames médicos chegara. Pelo que o austero velho se levantou abruptamente para partir. Conduzi-o à porta exterior, onde disse

asperamente: “É você o sujeito que usa essas palavras grandes?” Recebendo resposta afirmativa, continuou: “Então, jovem, siga o meu conselho.”

Fiquei em silêncio. O seu discurso divertia-me, contudo, e aguardei o conselho.

“Queime essa palestra que ouvi ler esta manhã”, disse ele com olhar carrancudo e voz rouca, “e depois escreva alguma coisa que o povo possa entender.” Dito isto, afastou-se arrastando os pés, batendo com a bengala no pavimento enquanto seguia — como se quisesse que as pedras insensatas aplaudissem o profundo conselho que acabara de proferir para meu benefício individual.

Na tarde desse dia recebemos a visita de um tipo de humanidade muito diferente. As suas perguntas e atenções eram do carácter mais inteligente, direto e afável. Mas não soubemos, senão quando estava prestes a retirar-se, que o nosso agradável visitante era o Professor Bush, o hábil filólogo e teólogo. Esta circunstância fez-me bem. Ensinou-me a acreditar que, apesar da natureza impopular dos nossos procedimentos magnéticos, havia pelo menos uma pessoa digna que ousava examinar por si mesma.

Pouco depois dessa agradável visita, outro cavalheiro chegou com propósito semelhante. O seu rosto notável trazia traços de características mentais femininas; mas na sua ampla fronte cintilavam as gemas de raras faculdades. No seu olhar crítico, porém, observei uma sombra ominosa! Pensando comigo mesmo, disse: “O talento desta pessoa imola o seu génio.” Por fim informou-nos de que o seu nome era “Edgar A. Poe.” Durante uma conversação interior, recordo-me de lhe ter assegurado que, embora tivesse imaginado poeticamente todo o seu artigo publicado acerca das respostas de um clarividente, as ideias principais nele transmitidas acerca dos “últimos” eram estrita e filosoficamente verdadeiras. No termo dessa entrevista retirou-se, e nunca mais voltou.

Chegou finalmente a noite destinada à prolação da primeira palestra da Segunda Parte. A minha recordação atual das “impressões” dessa noite é extremamente vívida. Já eu havia pesquisado e explorado os principais departamentos do grande templo da Natureza Organizada. A minha mente tornara-se, em certa medida, familiar com as leis fundamentais da composição, cristalização, segregação, desintegração, refinamento, a correspondência entre as coisas visíveis e invisíveis, a origem e os usos das organizações animal e humana, etc., etc.; e, consequentemente, devido unicamente ao progressivo desdobramento e revigoramento das minhas próprias faculdades de compreensão, estava intelectualmente preparado

para traçar as grandes leis que subjazem ao próprio fundamento do universo presente.

Em harmonia com o método exposto no último capítulo, elevei-me para o ilimitado mar da vida existente; e então tracei, elo por elo, cada etapa sucessiva do crescimento planetário, até alcançar e resolver a condição primordial.

Tendo chegado, pela via férrea intuitiva, ao Depósito Central do universo, e contemplando os factos e princípios que estavam simultaneamente envolvidos e desenvolvidos, fui movido a romper o silêncio com estas palavras surpreendentes: "No princípio, o Univercœlum era um oceano ilimitado, indefinível e inimaginável de Fogo Líquido.

"Que palavra foi essa?", perguntou o escriba intensamente interessado, referindo-se ao termo recém-cunhado "Univercœlum".

Ora, não deixa de ser notável que, embora eu soubesse instintivamente as raízes e a ortografia desta expressão nova, não pudesse dar-lhe a pronúncia correta. Por conseguinte, soletrei-a cuidadosamente, letra por letra, para tornar a escrita do escriba matéria de certeza.

Fixada esta palavra, prossegui: "A imaginação mais vigorosa e ambiciosa não é capaz de formar uma conceção adequada da sua altura, profundidade, comprimento e largura. Havia um vasto oceano de Substância líquida! Esta era a condição original da Matéria."

O diagrama destina-se a ilustrar o que então contemplei. Imagine agora o leitor um Sol suficientemente grande para preencher todo o espaço, cujo Centro é a morada dessa Mente Omnipotente chamada o "Sensório", e o círculo ou faixa branca junto ao Centro como um Mundo Espiritual inconcebivelmente vasto, povoado por personagens espiritualizadas que outrora foram homens e mulheres, e então terá uma ténue mas correta ideia do espetáculo estupendo que contemplei imediatamente antes de proferir as breves frases acima. Assim, continuei e completei o discurso e, noite após noite, prossegui com as minhas visões maravilhosas e estranhas elocuções; as quais, tendo sido tão plena e habilmente relatadas, não me deterei a reiterar.

CAPÍTULO XLII
VÁRIOS NOVOS GOLPES

O Bastão Mágico sustentou-me e salvou-me em muitas ocasiões de severa provação; e o que não deve ser ignorado é que, quanto mais o usava, maior era o meu contentamento. Durante uma doença prolongada e angustiosa que, por esta altura, quase despedaçou o meu corpo exausto, este Bastão foi a invisível varinha mágica que convocou para junto do meu leito não só amigos amorosos deste mundo, mas influências celestes e fortalecedoras de céus demasiado puros para que os olhos físicos os contemplem. "Toma-o e experimenta-o", caro leitor: o resultado é tão certo como o destino.

Os meus exames clarividentes dos doentes todas as manhãs — a nossa única fonte de rendimento pecuniário — tornavam-se impercetivelmente menos frequentes e menos lucrativos. Não que as solicitações do mundo enfermo fossem menos numerosas, mas as palestras monopolizavam e consumiam grande parte da minha força cerebral. Dos limitados proventos que tínhamos, era necessário, primeiro, pagar as nossas próprias despesas correntes individuais; e, segundo, liquidar certas obrigações definidas para com o escriba pela tomada de notas e cópia das palestras. A sua remuneração semanal tornámo-la tão generosa quanto possível — sabendo que, enquanto assim ocupado, não podia receber muita, se alguma, ajuda da sua profissão anterior e dos seus colegas.

Achando necessário, mudámo-nos temporariamente para quartos modestamente mobilados na rua Canal, onde, conforme agora recordo, a minha alma parecia mais do que nunca familiarizada com o universo estelar. Os sublimes acontecimentos dessa época estão brilhantemente pintados na minha memória. Intuitivamente, ou em virtude da condição superior, tornei-me intelectualmente identificado com aquilo que as mentes científicas haviam descoberto na astronomia.

Em poucas horas descobri, para meu espanto, que a história progressiva das descobertas científicas é rastreável na atmosfera mental do planeta; tal como, na fragrância de uma rosa, se podem encontrar átomos que representam a sua génese particular, incidentes históricos, qualidades respetivas, etc.; cujas fontes originais permanecem ainda ocultas na sua constituição externa ou física.

Nestas fontes mais sensoriais o químico encontra as qualidades da rosa, assim como os eruditos leem livros e artigos para adquirir conhecimento de astronomia. De todo este externalismo eu era independente. Nem estava obrigado a relatar apenas segundo a minha clarividência. Mas quando as

minhas intuições se libertavam e inspiravam, então podia sentir e ver e conhecer o que a atmosfera mental da Terra continha.

Elevando-me assim através da longa perspetiva dos séculos passados, observei homens, sob o clima suave e nas planícies niveladas da Caldeia, examinando e classificando os corpos celestes. Daí tracei as observações astrológicas até aos estudiosos naturais do vale do Nilo. Daí até aos ainda mais avançados sábios entre os Egípcios. Daí ao que agora se chama América Central. Daí novamente para trás até aos Caldeus, de quem os antigos Indianos e Chineses obtiveram os seus dados; dos quais testemunhei os desenvolvimentos estelares de Eratóstenes; e daí, cada vez mais perto de casa, as obras de Galileu, Newton, Kepler, La Place, Herschel, etc., até alcançar os resultados da última observação telescópica.

E o que é notável, conforme agora recordo, ao descrever os factos e fenómenos do nosso próprio sistema solar, não senti o impulso de divergir das informações geralmente recebidas pelos astrónomos vivos. Durante todo esse período eu apenas enunciava, na minha própria linguagem, um resumo do conhecimento astronómico existente. Por isso não considerei necessário usar a clarividência, como o teria feito, para verificar as minhas apreensões intuitivas da história astronómica. Se tivesse suspeitado por um momento que os astrónomos não tinham visto todos os corpos que havia a descobrir no nosso imediato conjunto de planetas, parece-me agora que não teria deixado de detetar e relatar a comunidade de asteroides que o telescópio desde então revelou.

De facto, quando passei a considerar a paisagem e os habitantes dos planetas, o exercício da clarividência independente tornou-se imediatamente indispensável. E, além disso, quando interiormente descobri (vários meses antes de o relatório chegar à América) que Le Verrier inferira a existência de planetas mais distantes, mas que ainda não sabia ao certo se as suas conjeturas estavam corretas, então, movido unicamente pelo propósito de criticar ou confirmar a inferência, elevei-me para fora da esfera histórica e, investigando independentemente, descobri "o peregrino solitário da imensidão" antes que a notícia da demonstração final de M. Galla fosse conhecida neste país.

Um dia, estando eu no meu estado habitual, ouvi uma das testemunhas, no decurso de uma conversa, observar: "Como os seus ensinamentos se parecem com os 'Vestiges of Creation'!"

"Em certos princípios e proposições", respondeu o escriba, "penso que há semelhança."

"Parece-me", disse o outro, "que várias das suas últimas palestras são muito iguais. Embora eu deva confessar que nunca li o livro; apenas alguns excertos num jornal, há algum tempo."

Esta conversa despertou a minha curiosidade. Assim, na manhã seguinte, enquanto descíamos a Broadway a pé, eu disse: "Doutor, acha que poderia prejudicar as minhas palestras se eu lesse os 'Vestiges of Creation'?"

"Porque deseja lê-lo?", perguntou ele.

Informei-o de que tinha curiosidade em averiguar por mim mesmo se eu estava a palestrar sobre ideias semelhantes, como uma testemunha afirmara. Ao que ele disse: "Não receio que leve qualquer memória exterior para o seu estado de clarividência."

"Então", disse eu, "vamos comprar o livro e ver." Agindo conforme a sugestão, entrámos numa loja e fizemos a compra. "É muito engraçado, doutor", disse eu, "eu ser dono de um livro."

Logo que regressámos aos nossos quartos, sentei-me, abri o volume e tentei ler algumas frases. Mas as palavras difíceis incomodavam-me imenso. Tão lentamente eu lia que não conseguia manter a ligação das ideias. Assim, eu lutava pela primeira página abaixo, quando o escriba me fez uma pergunta; à qual não respondi, mas continuei, perseverante, os meus esforços para dominar as frases difíceis.

"Não fale comigo, Irmão Fishbough", disse eu, quando ele repetiu a pergunta, "porque estou ocupado a ler."

"Oh, sim!", exclamou ele, com graça, "está a cozinhar alguma coisa para a sua próxima palestra."

Embora eu soubesse que ele apenas citava as suspeitas declaradas dos céticos e nada dizia de sério com a observação, ainda assim aquilo atuou em mim como uma sugestão valiosa para pôr o livro de lado. Fi-lo imediatamente e nunca mais tentei lê-lo. Mais tarde, destruí-o com outros artigos de bagagem sem valor. Mas, dois anos depois, examinei a obra por clarividência. E posso verdadeiramente afirmar que as suas doutrinas se assemelham às que eu então ensinava tão de perto como a Filadélfia de chapéu de aba larga se assemelha à Nova Iorque locomotiva. Isto é, ambos os lugares são povoados por seres humanos e regidos por jurisdição municipal; contudo, em quase toda a característica distintiva, são duas cidades muito diferentes. O mesmo sucede com as "Revelações" e as doutrinas principais dos "Vestiges of Creation". As leis fundamentais da natureza são apresentadas de modo um tanto semelhante em ambos os livros, mas as deduções específicas delas

extraídas são, de forma impressionante, divergentes — facto que basta para confirmar a afirmação de que a minha mente era independente do último volume nomeado.

Pouco depois disto, o escriba mudou a família para Nova Iorque; e o doutor e eu fomos aceites como seus pensionistas. Era na primavera de 1846. Quantas memórias abençoadas datam dessa morada consagrada! Passaste alguma vez por ali, caro leitor? Era exatamente como os outros edifícios de um e de outro lado; e nenhum estranho poderia saber que as glórias das esferas espirituais eram fotografadas num dos quartos superiores. Não! Nunca o poderei esquecer. Foi no n.º 252 da Spring Street, perto do Hudson. Mas muitas vezes me parecia que os habitantes de orbes distantes eram os nossos vizinhos mais familiares.

De bastão na mão, eu viajava firmemente sobre o Monte Justiça. Ao entrar, numa manhã, na sala de exames, para tomar a minha cadeira para o processo magnético habitual, observei, entre os pacientes, duas senhoras de meia-idade, uma das quais parecia exprimir grande curiosidade e algum divertimento com a minha aparência pessoal. Isto, vindo de estranhos, não era particularmente novo, contudo, e assim passei, sem pensar, para a minha clarividência.

Uma das senhoras tomou então o lugar da paciente e pediu um exame. Mas, rápido como o pensamento, soaram-me ao ouvido estas palavras: "Cabeça — o — Livro — da — Vida!"

Era a voz do meu guia invisível! Mas a senhora não a ouviu, nem o operador, nem qualquer outra pessoa ali. Só eu percebi o sentido, e só eu olhei para a história privada da senhora. Em dez breves minutos, durante os quais não proferi uma palavra, li a sua biografia desde o dia do nascimento até àquela hora. Sem revelar nada, o doutor acabou por perguntar: "Jackson, vai examinar o sistema físico desta senhora?"

Percebendo que era sábio não falar do que eu via, prossegui com o meu exame. Depois, fixei outro dia para lhe dizer certas palavras estranhas à sua alma. Pontualmente, e até antes da hora, ela veio. Desta vez, eu tinha de proferir uma frase que ninguém deveria ouvir senão ela. Dizia respeito aos seus planos presentes para a felicidade futura. Todos saíram da sala, portanto, exceto o doutor, e eu prossegui: "Não — isso está errado, não deve ir!"

Estas poucas palavras, ambíguas para o operador, abalaram o coração da senhora. Ele tremeu de forte emoção e derramou uma torrente de lágrimas, como a fonte transborda na primavera. Ela sabia que o seu livro de

vida estava aberto à minha visão. Mas a presença do doutor parecia incomodá-la. Queria falar comigo em privado. Arriscou o pedido. Mas isso teria sido uma violação das leis que regem o sono magnético, e por isso a resposta foi negativa. A sua alma orgulhosa rebelou-se. Mas, serenando a expressão, perguntou: "Parlez-vous Français?"

"Não", disse eu, "mas compreendo." E continuei: "Está preparada para as minhas palavras?"

"Oui, Monsieur", disse ela, com fervor, "je suis!"

Então eu recapitulei mentalmente as muitas desvantagens da sua expatrição planeada. Ela estava prestes a deixar o seu país e, em solo de um clima meridional, perto da cidade do Rio de Janeiro, encontrar um lugar para passar os seus dias. Vi distintamente que ela não iria, e por isso disse: "Há circunstâncias que tornarão impossível a execução dos seus planos."

"Circunstâncias!", soluçou ela com violenta emoção. "Como pode ser? Os meus planos estão todos concluídos, e o navio há de zarpar na semana a seguir à próxima."

"Vejo que não pode ir", disse eu, firmemente.

"Não pode!", exclamou ela. "É capaz de ver para além da hora? Pode", perguntou veementemente — "pode discernir o meu futuro?"

"Não muito dele", respondi. "Mas li o seu passado — compreendo o seu presente — sei que não deixará a América do Norte."

"Mon Dieu!", disse ela, num tom de desespero. "Seja feita a Tua vontade, não a minha." E chorou abundantemente.

Vários dias depois, ela voltou. Quando entrei no aposento, tirou do dedo um belo anel, que me deu; e quando partiu, dizendo "para nunca mais voltar", deu-me também o lenço ainda húmido das suas lágrimas, como sinais da gratidão que sentia por mim. O que eu dissera, enquanto em clarividência, para despertar tais expressões de consideração, eu então não podia recordar; mas agora estas conversas interiores são-me familiares como palavras de uso doméstico.

"Vai-se embora?", perguntei eu, estando novamente no meu estado normal.

"Sim, meu jovem amigo", disse ela tristemente, "estou prestes a embarcar para Buenos Aires."

"Conhece por lá alguém que viva lá?", perguntei com bondade.

"Se Deus assim o quiser", disse ela devotamente; "levarei comigo uma amiga, que conhece o ministro americano no Rio de Janeiro."

Dizendo isto, retirou-se da minha presença. Mas antes de decorridas três semanas, o carteiro trouxe-me o seguinte:—

"Boston, ----, 1846.

"Meu caro jovem amigo: É com surpresa que me encontro ainda nos Estados Unidos. O navio em que eu devia ter embarcado partiu deste porto sem mim! De facto, como tão verdadeiramente predisseste, várias circunstâncias sobre as quais eu não podia exercer domínio impediram a partida planeada — sendo a mais bela um sonho comovente que o espírito do meu falecido pai imprimiu à minha querida irmã, que veio de Nova Iorque para mo relatar. Este sonho oportuno talvez me tenha salvado de uma situação perigosa.

"Parece agora que poderei voltar a ter o prazer de te ver no teu maravilhoso transe. Posso ir em breve? Tu disseste-me 'todas as coisas que eu alguma vez fiz'. Se eu puder ver-te em breve, enquanto no teu estado elevado, por favor escreve-me.

"Meu Deus! Seja feita a Tua vontade, não a minha!

"Com sinceridade e gratidão, tua amiga,
"_____ _____"

O leitor deve ter presente que, desde a minha primeira extraordinária introdução à região clarividente, eu regulava todos os meus movimentos exteriores por leis e sugestões obtidas interiormente. Tal era o meu hábito no tempo de que agora escrevo, e tal, com propósito inflexível, tem sido o meu método até ao presente momento. Além disso, desde a primeira operação magnética até ao dia da minha emancipação incondicional — de cujo glorioso acontecimento o leitor, a seu tempo, receberá informação fidedigna — fui compelido a confiar inteiramente na probidade e franqueza do operador para a comunicação das direções assim elaboradas para meu benefício exterior.

Assim, não podendo, durante a minha experiência dependente, lembrar-me dos meus próprios conselhos interiores, ficava mais ou menos exposto à imposição; mas, ao rever os pontos e incidentes da minha ligação com qualquer operador, não consigo recordar um único caso de infidelidade às palavras transmitidas por via clarividente.

Ao receber a carta acima, pedi imediatamente que o meu juízo interior se pronunciasse sobre ela, antes de eu enviar uma resposta.

Consequentemente, quando voltei a estar em clarividência, a pergunta escrita da senhora foi submetida.

Uma vez mais penetrei e desenredei a história das suas tristes errâncias pelo mundo, para cima e para baixo, tanto na Europa como na América; e uma vez mais, mas mais minuciosamente do que antes, tracei a procissão ininterrupta de circunstâncias que acabariam por fundir os seus interesses com as palestras então proferidas. E também vi, num futuro indefinido, mais do que posso agora relatar. Do que então e assim vi, nada foi confiado ao doutor. Mas, em vez disso: que ele me deveria dizer, ao despertar, para responder negativamente à pergunta da senhora — no sentido de que, na minha sabedoria, eu via que ela não deveria voltar a visitar-me pessoalmente, mas que eu, em qualquer altura, prescreveria de bom grado, na sua ausência, para as suas indisposições físicas.

Tendo regressado ao meu estado exterior, o operador de semblante grave repetiu candidamente a decisão acima, e eu apressei-me a enviar a minha resposta:—

"New York, 1846.

"Estimada Senhora: Em resposta à sua muito amável carta, sou instruído a dizer que não é sabedoria que me volte a visitar. Não posso dizer porquê — apenas escrevo o que o Dr. Lyon diz que eu lhe disse no meu sono, e não ouso desobedecer. Ele diz que eu estou disposto a dizer-lhe de que sofre quando estiver doente, e a enviar-lhe receitas por carta."

[Aqui a minha testa começou a aquecer, como se exposta a um sol de Julho. Um lampejo de luz quase me cegou os olhos. Sabendo o que vinha aí — iluminação espontânea — esperei até que estivesse completamente aperfeiçoada, e então olhei mais uma vez para o passado e o futuro da senhora. Era uma repetição da visão anterior. Tornando-me eloquente no meio dela, prossegui assim:—]

"Bela e maravilhosa, de facto, minha cara senhora, foi a santa providência que a conduziu à minha presença! A sua alma é amada por inúmeros corações invisíveis. Há uma música regeneradora a soar por si na outra vida. O meu consciencioso operador, homem valioso no trabalho presente, não sabe o que eu agora percebo em seu favor — que posso vir a encontrá-la no futuro. Quando ou onde, não vejo. E confio que nunca insistirá, antes desse tempo, em nova entrevista pessoal. Esteja segura,

minha cara senhora, de que estarei sempre pronto a ministrar-lhe auxílio médico na forma acima descrita.

"O Deus dos destinos eternos, a grande Mente Positiva, mantém os seus pés no caminho certo! Creia n'Ele. Então os Seus espíritos ministrantes velarão por si e a guardarão noite e dia!

"Perdoe a minha linguagem familiar e aceite os melhores votos de
"Seu amigo,
"A. J. Davis."

A excitação consciente da clarividência diminuiu à medida que a última frase foi escrita, e voltei de imediato a ser o meu eu habitual. Resolvendo ocultar do doutor tanto a minha visão meio lembrada como o conteúdo da carta (que penso ter sido a primeira epístola bem-expressa que alguma vez escrevi), apressei-me para os correios; onde encontrei outra comunicação da estranha senhora, e assim começou uma longa e ininterrupta correspondência entre nós, através da qual derramei um relato meio inspirado das verdades novas que estavam a ser expostas nas minhas palestras noturnas.

Algumas semanas depois disto, estando eu no meio de uma das minhas palestras, ouvi a conhecida voz suave, como a da minha mãe, dizendo: "Procura — a — montanha. Uma — pessoa — encontrar-te-á — lá."

O que estava para acontecer eu não podia adivinhar. (O leitor lembrar-se-á de que "a montanha" fica situada em frente a Poughkeepsie.) Possuindo um verdadeiro conhecimento da minha condição habitual, pedi ao operador que não me comunicasse o acontecimento iminente quando eu estivesse desperto — visto que eu seria impressionado quando chegasse o dia certo e, assim, me pouparia a toda a excitação mental anterior.

Assim, no dia 11 de Junho, sem a mínima antecipação exterior, ouvi de novo a voz: "A tua — memória — ainda — é — fraca! Procura — a — montanha. Não — demores."

Era extremamente necessário que o meu Bastão Mágico me sustentasse agora, pois eu já tinha concluído preparativos para uma excursão a uma localidade totalmente oposta. Mas mantive-me calmo, reprimi a minha deceção e tomei passagem no barco a vapor sem demora.

Entre várias pessoas, vestidas com ar de cavalheiros, no salão de passeio, havia uma que, infelizmente, "me conhecia de vista", enquanto as restantes, às quais fui apresentado a contragosto, fingiam "conhecer-me de

reputação"; e assim fiquei imediatamente cercado por um bando de interrogadores capciosos.

"Li num jornal", disse um, "que é ignorante quando não está magnetizado. É assim?"

"Sim, senhor", respondi. "É verdade."

"É verdade", perguntou outro, "que consegue ver dentro das pessoas?"

"Penso que consigo", disse eu. "Tenho três anos de experiência para o provar."

Neste momento, uma pessoa de aspeto clerical avançou e disse: "Rogo-lhe, senhor, é verdade que ensina infidelidade?"

"Não, senhor. Eu ensino fidelidade às leis de Deus." Ao proferir estas palavras, passou pela minha mente uma iluminação parcial. A cor escura dos meus olhos deve ter-se aprofundado subitamente, pois o cavalheiro pareceu pensar que eu estava zangado.

"Rogo-lhe, senhor, não se irrite", disse ele. "Eu apenas desejo, senhor, fazer-lhe algumas perguntas."

"Não estou irritado", repliquei. "As suas perguntas podem ser demasiado profundas; e só posso prometer que tentarei respondê-las."

"Isso é franco. Então, rogo-lhe, jovem, diga-me — o que pensa da Bíblia?"

"Ainda não falei em palestras sobre a Bíblia", respondi. "Por isso não sei o que penso."

"Bem, guarda o dia de sábado santo?"

"Espero que sim", disse eu tranquilamente.

"Crê", continuou ele, "que Deus fez a terra em seis dias?"

"Não, senhor — não creio."

"Deveras! E, no entanto, não ensina infidelidade, hein?"

"Não, senhor", respondi, "não sou infiel. Porque pergunta pelos seis dias da criação?"

"Oh, eu só queria saber", disse ele, "com que fundamento guarda o sétimo dia."

Apoiando-me no meu Bastão e estando iluminado, respondi: "A palavra 'sabbath' vem do hebraico shebang ou yom shaba, significando o sétimo dia. O sentido da raiz da palavra é 'era' ou um período de repouso, e foi originalmente aplicada aos homens, sobretudo aos antigos sábios, que periodicamente se reuniam para fins de ensino, culto e oferta de sacrifícios. O dia particular em que esses sábios se reuniam era determinado, em números redondos, pelos períodos evidentes das mudanças lunares. As revoluções da lua eram naturalmente divisíveis em quatro períodos de sete dias cada, e cada sétimo dia, nesta divisão, era chamado o dia de descanso, ou o sábado, tal como estabelecido pelos astrónomos caldeus e egípcios."

"Ah, ah!", exclamou o suposto pastor, "não é assim tão tolo como os jornais dizem. Continue, rogo-lhe — é excelente — continue, senhor."

Ainda exaltado por intuição, continuei: "Os próprios judeus eram regulados pelos períodos lunares, em todas as suas instituições religiosas e seculares e nas suas assembleias públicas. Na verdade, as crenças religiosas, formas, cerimoniais e sacrifícios desse período eram quase todos derivados dos Magos orientais, dos astrónomos egípcios e de outros sábios eruditos do Oriente. Tal é a origem do sábado moderno. Isto eu sei", disse eu, "e por isso não reconheço nada dessa santidade sabática que é tão universalmente exibida por certos clérigos crédulos e pelos seus devotos apoiantes."

"Pronto!", exclamou ele triunfantemente, "quem dirá agora que este jovem é ignorante? Rogo-lhe, senhor, onde frequentou a universidade?"

"Não frequentei universidade nenhuma", respondi, "e o que acabo de lhe dizer é novo para mim!"

"Impostura!", disse ele com sarcasmo. "Isso não me entra pela garganta."

"Não desejo que entre", disse eu. Aqui a iluminação declinou; e eu ia retirar-me do grupo quando outro estranho perguntou: "Consegue dizer que bilhete de lotaria vai sair premiado num certo dia?"

"A minha mente", respondi, "não tem prazer nessas matérias."

"Bem, não me diz se eu lhe der metade da quantia recebida?"

"Não, senhor", respondi, "eu não olharia interiormente para tal coisa mais do que viveria de assalto em estrada."

O homem, de ar brincalhão, sobressaltou-se como se pensasse que eu queria dizer algo pessoal, e disse em surdina: "Ouça aqui, rapaz! Não verá o próximo cais se me insultar."

Ouvindo esta ameaça irada, retirei-me imediatamente e permaneci numa parte mais resguardada do palácio flutuante, até ouvir o bem-vindo anúncio — "Passageiros para Poughkeepsie!"

CAPÍTULO XLIII
AS ESFERAS ESPIRITUAIS

"Para mim, se eu esquecer o tema querido,
Que a minha língua emudeça, a minha fantasia não pinte mais,
E, morto para a alegria, o meu coração se esqueça de bater!"

Uma vida diária maravilhosa e dupla era a minha! Eu vivia uma existência dupla. A linha mística de demarcação, separando a minha condição comum da minha condição superior, continuava ainda traçada de modo nítido e forte.

Poucos, mesmo entre os meus amigos pessoais, podiam compreender plenamente que a minha alma era o centro de onde estados tão amplamente e tão espantosamente diferentes eram gerados e manifestados. Um rapaz insignificante num momento, um homem sereno no seguinte; agora um simplório jovial, depois um prodígio intelectual; um habitante do mundo exterior há dez minutos, agora um viajante e espectador em reinos superiores do Infinito.

Embora estas condições mentais permanecessem, na maior parte, maravilhosamente distintas, dessemelhantes e independentes uma da outra, estava entretanto a ocorrer silenciosamente uma mudança pessoal, ou apoteose — uma elevação da minha condição natural de modo a encontrar e entrelaçar-se com a condição superior — da qual ninguém senão eu podia, conscientemente, receber as intimações e as evidências indubitáveis.

A minha viagem apressada a Poughkeepsie começou a parecer-me bastante selvagem e inútil. Eu já tinha gasto a maior parte de três dias a fazer visitas amistosas e a escrever à senhora correspondente. Vagueando por baixo das árvores sombrias da Cannon Street e duvidando da sabedoria de ali estar, ouvi: "Procura — a — montanha. Uma — pessoa — deseja — a tua — presença — lá. Não — demores."

Em obediência a esta bem conhecida voz guardiã, apressei-me, a toda a velocidade, em direção ao ferry; mas, antes de lá chegar, a minha mente, por

vezes, divagava, ou oscilava entre os dois estados, o que fazia com que o impulso original se tornasse tão fraco e incerto que eu hesitava e me detinha, apático, pelo caminho.

Em pouco tempo, porém, o impulso primário foi-me novamente comunicado, e então passei diretamente ao estado superior. Assim atravessei o rio. No retiro da montanha, nesse refúgio sagrado, encontrei e saudei uma nobre personagem. Era o talentoso sueco — o autor de "Arcana Celestia" — o Profeta-Vidente do Norte intelectual. Neste lugar republicarei a seguinte carta que, a pedido particular de Swedenborg, enviei na manhã seguinte ao Professor George Bush:—

"Poughkeepsie, 16 de Junho de 1846.
"Caro Senhor: Ontem de manhã, depois de tomar o pequeno-almoço no n.º 49 da Washington Street, onde vive a minha amiga Mrs. Lapham, desci à livraria para comprar papel para escrever ao _____. Depois de o comprar, visitei várias pessoas pela rua, ficando apenas alguns minutos em cada lugar. Em breve tive um desejo de descer ao rio; o que o causou eu não sei. Mas desci; visitei um ou dois amigos pelo caminho.
"Em breve perdi todo o conhecimento de onde estava; recordo-me de estar algures junto ao rio e também a subir uma colina. Tenho consciência de ter encontrado a mesma pessoa que tinha visto no cemitério em Hyde Park.

Também me lembro de conversar com ele e de tirar o meu lápis e escrever todos os pensamentos que me eram dados. Lembro-me de ele me deixar de repente, e eu saí do estado. Fiquei surpreendido ao ver-me molhado de chuva, o papel no meu colo, e seco — e ao ver-me na montanha em frente a Poughkeepsie, a cerca de 4 milhas, onde eu já tinha estado antes, há 2 anos.

"Vim diretamente para casa, eram 6 horas da tarde, eu estava molhado e enlameado e com muita fome. O papel não se tinha molhado. No exato momento em que voltei ao estado natural, senti que devia ter o papel imediatamente. Não compreendo o sentido, nem as letras A. C. e aqueles números. Parece que então eu o sabia, mas não consigo lembrar-me do que era. Como me senti tão fortemente impelido a enviá-lo, assim o faço, pois deve estar certo.

"Os amigos daqui podem dar testemunho. Estou em casa da Mrs. Lapham, 49 Washington Street. Se me puder dizer o sentido, por favor escreva-me para o n.º acima. Copio a escrita exatamente do papel, tal como foi escrita por mim então.
"Seu, etc.,
"A. J. Davis."

O leitor não deixará de perceber que a comunicação precedente foi escrita por alguém desconhecedor das regras da gramática e das elegâncias epistolares usualmente ensinadas na escola. É uma ilustração genuína, penso eu, da diferença entre a condição interior e a exterior, tal como se manifesta num mesmo indivíduo. Um relato do que Swedenborg comunicou, de modo tão belo e tão vivo, nessa ocasião, seria irrelevante neste volume. Ele citou certos postulados de uma das suas obras publicadas e deu várias referências numéricas a expressões correspondentes contidas noutros volumes — tudo isto o Professor Bush comentou com habilidade e publicou sem temor no seu valioso tratado sobre "Mesmer and Swedenborg". Do objeto preciso desse encontro, contudo, ainda não adquiri uma ideia definida.

Durante o mais quente da estação de verão, permaneci afastado de Nova Iorque e vivi no meio de hospitalidades humanas. Nada de importância ocorreu durante a minha ausência, salvo o seguinte caso impressionante de providência especial:—

Uma senhora viúva, que eu conhecia, chorava o seu único filho, que, num humor irritado e descontente, a deixara para embarcar rumo ao alto mar. Precisamente no meio da sua profunda aflição, calhou eu fazer-lhe uma visita amigável.

Enquanto me relatava a causa das suas tristezas, os sentimentos dominaram-na e ela retirou-se, com soluços de coração partido, para um quarto contíguo. Pouco depois ouvi a sua voz em oração. Ao grande Pai derramava os seus sentimentos agonizados em favor do filho errante. Eu desejei ver qual seria o resultado das suas súplicas fervorosas; e, sentindo quase de imediato o poder da perceção clarividente, dirigi a minha visão ao seu aposento.

Vi de imediato uma luz etérea suave a brincar logo acima da sua cabeça e a induzir ação nos órgãos da esperança e da veneração, bem como em vários outros departamentos contíguos do seu cérebro. Desta luz, uma linha estreita de brancura prateada estendia-se para cima, um tanto obliquamente, até alcançar um ponto, talvez, a umas vinte milhas acima da superfície da terra. Segui esse delicado fio de luz até ao seu ponto terminal e ali contemplei um espírito radiante, que controlava este belo fenómeno. Dele partia outra linha brilhante, formando um ângulo com a primeira, que se estendia de novo em direção à terra até alcançar a cidade distante para onde o jovem fugira, e por fim incidia e penetrava na própria substância do seu cérebro.

O efeito foi maravilhoso. Os seus órgãos afetivos e morais foram despertados. E foram acordados na sua natureza tais sentimentos de arrependimento e tais desejos de regressar à sua mãe viúva e cruelmente

abandonada, que, antes de terminar o dia seguinte, ele estava de novo na presença dela, plenamente resolvido a levar uma vida melhor. A alegria dela foi profunda, e a sua gratidão para com o Deus que acreditava ter respondido à sua oração foi ilimitada. Dessa visão sagrada não lhe disse eu uma palavra. Mas bem sabia eu que, quando a Terra dos Espíritos viesse a ser o seu lar, seria uma alegria ainda mais sublime saber que o seu companheiro há muito perdido fora o ouvinte da sua súplica angustiada e o salvador do seu filho querido!

Ao regressar à metrópole progressiva, eu estava preparado para prosseguir com as revelações da Natureza. Uma noite fui ouvinte silencioso de uma conversa de alguma importância. Vários convidados céticos estavam a contestar a ideia, expressa pelo deliberado escriba, de que "enquanto no estado anormal, a minha mente recebia o influxo da ciência compreendida nas esferas espirituais."

"Há algo de tão peculiar e maravilhoso no magnetismo animal", disse um dos convidados, "e todo o assunto está envolto em tanta incerteza, que primeiro se torna necessário examinar as leis da simpatia entre mente e mente."

"O que quer dizer com as leis da simpatia?", perguntou uma testemunha.

"Porquê, simplesmente isto", respondeu o duvidoso: "como sei eu que o Davis não tira as suas palestras da cabeça do Sr. Fishbough?"

"Isso seria muito lisonjeiro", interrompeu o escriba com um sorriso modesto. "O Irmão Davis, no seu estado superior, exibe um poder de análise e generalização perfeitamente sem paralelo e absolutamente esmagador, e nenhum homem possuidor de tais capacidades desejaria jamais escondê-las. Não; eu sei que há ideias nestes discursos que nunca estiveram na minha mente; e quanto ao Dr. Lyon, bem, ele pode falar por si;"

"Sim", disse o doutor, "sinto que ainda não conheço metade das ideias que o clarividente exprimiu na minha presença."

"Oh, não duvido", replicou o visitante, "de que o mesmerismo aumente as faculdades reflexivas do Sr. Davis — facto que pode ajudar a explicar como ele chega às suas ideias e raciocínios."

"Essa teoria não cobre o terreno", respondeu o escriba.

"Porque não?", perguntou ele. "Estou disposto a conceder que ele se lembra e raciocina muito melhor quando magnetizado do que habitualmente:

isto, somado à sua relação simpática e à absorção das vossas mentes, explicará toda a questão melhor do que o plano do Professor Bush e o seu. E—"

"Permita-me observar", interrompeu o escriba, "que a sua hipótese é defec—"

"Espere até eu dizer o que ia dizer", disse o convidado apressadamente, "e é isto: a teologia da obra inclina-se para o Universalismo, do qual o senhor é um pregador inteligente. Ora, ele não obtém isso da associação consigo e com outros da mesma fé?"

"Quanto às doutrinas teológicas das suas palestras, não posso dizer exatamente", respondeu o escriba, "porque ele ainda não chegou a essa parte das suas revelações."

A conversa prolongou-se mais um pouco, mas não foi satisfatória para o espírito do descrente.

O leitor é agora convidado a escutar outra breve altercação — ocorrida após a anterior e noutro lugar. O local era o interior de um depósito de carruagens, na Broadway. Um dos contendores era Harvey R. Haight, um proprietário; o outro, o nosso atencioso escriba, com quem se supõe que o leitor já está bem familiarizado. Os ouvintes eram o operador e eu. O assunto em discussão era o alcance teológico das minhas palestras clarividentes. O Sr. Haight, homem de fala afirmativa, disse vigorosamente:—

"Não, senhor! Ele não pode sustentar a Bíblia como um livro divino."

"Porque não?", perguntou o escriba. "A minha opinião é que a Bíblia será plenamente sustentada."

"Não, senhor!", respondeu o Sr. Haight, "digo-lhe que não, senhor — não, se eu compreendo os seus princípios principais. Ele não pode fazê-lo, senhor, e ainda assim ser coerente consigo mesmo."

"Sim, pode, contudo", retorquiu o escriba com confiança. "Os seus princípios conduzem direta e legitimamente nesse sentido; e tenho a certeza, pelo que já foi proferido, de que as palestras endossarão as Escrituras como dadas por Deus."

Pouco depois disto, porém, as revelações avançaram para a parte teológica. Imediatamente após a prolação do primeiro discurso sobre "A Origem da Teologia Mitológica", recordo bem quão dolorosamente triste era a expressão que invadiu o rosto habitualmente sereno do escriba. Ele

trabalhava com o coração cheio de desilusão. A origem divina da Bíblia, a sua derivação e valor supra-terrestres, era uma ideia que envolvia os seus sentimentos e a sua experiência religiosa. O apego a essa crença era mais afetivo do que intelectual. A razão, sem dúvida, fora empregue desde o princípio como um porteiro a servir os seus sentimentos de veneração e culto.

Durante duas semanas inteiras ele chorou a perda da ideia querida da sua mente afetuosa — período em que se mostrou extremamente taciturno e envolto em pensamento laborioso. Mas numa manhã, que recordo distintamente, entrou a passos leves e alegremente na sala de exames, dizendo: "Bom! Encontrei a saída! A minha mente está livre! Resolvi a dificuldade e agora estou em repouso." Mas a sua libertação não foi absoluta.

Em vez de possuir afetos intelectuais — os únicos que podem apreender plenamente e amar com firmeza os princípios de uma filosofia interior — ele possuía, pelo contrário, um intelecto afetivo e, por isso, não podia centrifugar completamente, ou expulsar, as suas convicções escolares. Que isto é verdade, a sequência o mostrará claramente. Mas o valor do que precede para o leitor consiste em enunciar o facto de que as minhas impressões sobre a origem da Bíblia e as minhas ideias sobre questões religiosas em geral não foram, de modo algum, obtidas dos meus associados.

À medida que as minhas palestras de teologia avançavam, uma testemunha após outra começou a retirar-se; de tal modo que, de umas oito ou dez que muitas vezes estavam presentes, apenas duas ou três continuaram até ao fim. Em clarividência, esta diminuição de amizade, expressa abertamente, não me perturbava; mas, no estado habitual, muitas vezes eu me sentia como alguém abandonado e banido. Por isso, fui necessariamente compelido a caminhar e falar com, e a apoiar-me no meu Bastão Mágico.

Entre outros, o Professor Bush começou a mostrar tibieza e a insinuar que as minhas "afinidades morais poderiam ser tais que lançassem o fundamento para uma mistura de verdade e falsidade nas grandes doutrinas do Cristianismo." Numa ocasião, mais tarde, recordo-me de o professor ingénuo ter declarado a sua crença de que, embora o meu "dom", como lhe chamava, "fosse evidentemente dirigido e governado por certa inteligência providencial que o subordinava a algum uso importante", ainda assim, "quanto ao seu tratamento da Bíblia e de várias das suas doutrinas cardeais, o livro seria uma enormidade absoluta". À luz destas palavras, quão pouco sólida parece a suspeita tantas vezes repetida de que a minha mente estava em consonância simpática com a do Professor Bush, o firme e talentoso swedenborgiano!

As minhas intuições tornavam-se diariamente mais e mais exaltadas. E quando os discursos bíblicos terminaram, eu estava preparado para formar uma relação ainda mais estreita com as esferas superiores. Em virtude da gradual elevação e expansão desses Filósofos divinamente inspirados — as Intuições — descobri que a Segunda Esfera da ordem presente do Universo é uma Enciclopédia, ou Compêndio infalível, da história de todos os universos pré-existentes.

E não só isto, mas que o conhecimento atualmente possuído pelos habitantes das esferas espirituais mais elevadas é livremente derramado sobre o solo da Segunda Esfera; e também que tal conhecimento é obtido por meio daquela perceção clarividente e simpatia intuicional que eu era capaz de pôr voluntariamente em operação enquanto no estado superior.

O diagrama (página 340) ilustra as minhas descobertas. Imagine o leitor que está a olhar para o plano de uma imensa esfera dividida pelo centro, como uma maçã cortada em duas metades; imagine que a margem escura é um oceano inconcebivelmente vasto de matéria não organizada, num estado de névoa ígnea ou nebulosas elementares — entre a qual e o círculo exterior ou primeiro círculo de sóis e planetas há inúmeros corpos incipientes, ou sóis-bebé e planetas-bebé, vulgarmente chamados "cometas"; imagine depois que "o nosso sol", "a nossa terra" e "os nossos planetas" constituem um dos grupos do círculo exterior à direita, perto da parte inferior do diagrama.

Em seguida imagine que, ao olhar para cima à noite, os seus olhos apenas conseguem ver "o nosso próprio círculo de sóis e planetas," chamado a "Via Láctea" (ou estrelas fixas e constelações), e que não consegue penetrar, mesmo com o melhor telescópio, na região do terceiro círculo planetário, que é mais interior, geograficamente falando, do que a "Segunda Esfera," ou Terra dos Espíritos, para a qual todos nos encaminhamos; imagine depois que o centro é a sede da Inteligência, a fonte de todo o Amor e Sabedoria, e a Atração mais perfeita na estupenda organização de matéria e mente.

Imagine em seguida que esse Sol Divino emite emanações de vida e luz que saturam e energizam todo o sistema do Universo, e que, enquanto atrai o espírito, repele igualmente a matéria — não porque a última seja repulsiva e o primeiro agradável, mas porque tal é a lei imutável pela qual entidades raras e substâncias densas são governadas com governo infalível; imagine então, em harmonia com esta lei, que os espíritos humanos, ao morrer, sentindo a Atração Divina, deixam a terra e vão para a Segunda Esfera — que, após o decurso de muitos séculos, progridem o bastante para ascender, sem o processo de morrer, à "Terceira Esfera," ou Terra dos Espíritos ainda mais interior.

E imagine ainda que a Atração Central, estando imutavelmente em ascensão, continua a atrair amorosa e ternamente até que os espíritos de todos os homens alcancem a "Sexta Esfera," que é a aproximação mais próxima possível ao Sol Espiritual do Univerccolum — esse sistema estupendo que, de eternidade a eternidade, tem rolado sobre o seu imenso eixo tal como a terra; e agora, estando todos os espíritos pessoalmente seguros junto ao Centro ou residência do Pai-Deus, imagine que toda a organização da Mãe-Natureza passa por um processo de renovação universal e desfruta, por assim dizer, de uma estação de repouso das funções de reprodução ou maternidade — durante a qual os sóis e planetas, do centro à circunferência, se dissolvem e se misturam num Oceano indefinível de matéria líquida e forças em movimento; imagine depois que, desse Oceano, voltam a rolar novos círculos de sóis e planetas, que, a seu tempo, começam a fazer, de novo e de novo, a mesma coisa, só que melhor — isto é, produzir minerais, vegetais, animais e seres humanos.

E, por fim, imagine que a "Segunda Esfera" desta nova ordem é mais elevada e mais atrativa do que a "Sexta Esfera" de uma ordem anterior, e que, como consequência, toda a população espiritual do velho Universo emigra, como aves de passagem, para a latitude mais agradável e o clima mais ameno que caracterizam a "Segunda Esfera" do novo Universo — e assim que nenhum espírito verdadeiramente humano perde jamais a sua identidade no decurso de eras eternamente rolantes: imagine tudo isto, caro leitor, e terá apenas um esboço grosseiro da magnífica cena que, em 1846, se abriu ao meu entendimento preparado pela intuição.

Há certas objeções científicas, bem o sei, que podem parecer invalidar por completo estas declarações da Filosofia Harmonial; mas, se eu viver na terra tempo suficiente para escrever um livro sobre Astronomia Universal, como fruto das minhas investigações mais recentes e mais exatas, penso que essas objeções desaparecerão e não mais tornarão a aparecer, para sempre.

Ao concluir as minhas palestras acerca das Esferas Espirituais, comecei a dar-me conta de que estava a viajar em direção ao vale psíquico que separava o Monte Justiça do Monte Poder. Felizmente, o que o futuro me reservava eu não discernia. O meu Bastão, contudo, nunca me faltou nessas jornadas místicas, enquanto eu descia rumo à planície desconhecida na distância sombria.

Um dia ouvi um visitante, com uma determinação nervosa em surdina, exclamar: "Quando esse Livro for publicado, vou trancar a Bíblia na gaveta debaixo da secretária, meter a chave no bolso e pregar as palavras angélicas da Nova Filosofia!"

"Essa decisão é demasiado súbita", pensei eu. Pois eu sabia que ele não ouvira as minhas palestras, salvo em alguns casos isolados, e por isso não podia exercer um juízo fiável sobre o seu valor para a humanidade.

"O mundo tem de ser despertado!", continuou ele. "As organizações religiosas tremem e vacilam com a idade. A decadência é certa! A brilhar e a falar através destas palestras está o poderoso espírito de uma Humanidade em luta. O espírito do Amor Divino é deturpado e crucificado pelas igrejas modernas de orgulho e poder!"

Ele acentuava quase cada palavra com um punho firmemente cerrado; todo o seu corpo tremia; o seu olhar era oracularmente luminoso; e ele parecia como eu o tinha visto em várias ocasiões anteriores diante do público reunido. A extrema fulguração da sua eloquência e o carácter deslumbrantemente carregado das suas declamações mais comuns faziam com que o meu espírito recuasse como alguém que fecha os olhos contra a intrusão de luz excessiva.

A maré cheia do seu entusiasmo filantrópico erguera-se tão de súbito e tão acima do que era marca de água alta, mesmo para a minha mente moderada, que eu me afastei instintivamente, para que a vazante não me arrastasse para o mar aberto. O esplêndido pêndulo tinha oscilado como relâmpago para um extremo, e eu procurei manter-me fora do espaço através do qual ele vibraria com igual rapidez para a direção oposta. Mas eu estava destinado a passar por uma breve experiência com esta pessoa talentosa e vivaz; e, como ela se distinguia por pregar sermões brilhantes e escrever poesia eloquente, apresentá-la-ei ao leitor como "o Poeta" deste drama psicológico.

A Terceira Parte das Revelações, intitulada "Uma Voz à Humanidade", foi prosseguida e concluída. E, ao serem enunciados os parágrafos finais, apercebi-me distintamente de uma bem conhecida depressão mental profética; não como a que sucede à excitação, mas como uma perceção instintiva de uma mudança nas minhas circunstâncias. A natureza dessa mudança iminente, porém, era então quase totalmente para lá do meu discernimento.

Pouco depois de concluídas as palestras, proferi "Um Discurso ao Mundo" e em seguida dispus-me a legar toda a obra, e todo o dinheiro que pudesse advir da sua venda, em partes iguais ao escriba e ao operador.

Ao regressar ao meu estado natural, os dois amados (e uma testemunha) informaram-me do legado. A minha depressão, por um momento, foi severa. Pois eu não juntara um dólar em anos de diligência

clarividente, e não conseguia imaginar quais seriam os meus recursos futuros, porque havia semanas que eu sentia uma convicção distinta e secreta de que a minha carreira magnética estava prestes a terminar. Tristemente, caminhei até à janela; mas, num instante, ouvi as palavras benditas: "Não — temas! Há — tesouros — na — mão — de — um — estranho."

Era a voz familiar do meu venerado Guia! Imediatamente, portanto, abandonei-me, com alegria, a celebrar a circunstância inesperada. Em consideração do tempo que eu consumira a proferir as palestras, porém, os irmãos, cheios de júbilo, entregaram-me a sua nota conjunta de mil dólares. Esta prometida e ampla compensação eu não a solicitei. Mas, pensando que era isso o que o meu Guia significava, aceitei fraternalmente a nota que tão cordial e generosamente me foi concedida.

CAPÍTULO XLIV
EVENTOS DO VALE

Perto do fim de Março deste ano, 1847, anunciei, em clarividência, que o doutor não deveria continuar o seu magnetismo depois de uma data determinada. E também que não devia receber pacientes que estivessem demasiado doentes para serem curados em virtude de um único exame e prescrição.

Ele seguiu estas regras, e tudo prosseguiu harmoniosamente. De dia para dia eu conseguia perceber distintamente um declínio temporário da minha clarividência. Durante este curto período, contudo, recebemos, como de costume, muitas cartas contendo mechas de cabelo e pequenas quantias de dinheiro, de pessoas doentes a solicitar ajuda médica imediata. O dinheiro contido nessas cartas, salvo em alguns casos em que a nossa regra se aplicava ao paciente, era devolvido pontualmente.

Um dia o doutor recebeu uma carta contendo a mecha de cabelo necessária e a taxa habitual, e que pretendia ter sido escrita por uma certa Mrs. Brickett. Esta suposta senhora dizia padecer de grande doença e, apelando à nossa humanidade comum, buscava a ajuda da minha clarividência. Descreveu os seus sintomas e não pediu mais do que alívio.

Como de costume, o doutor submeteu o caso ao meu juízo clarividente. Ao sentir o cabelo, ele levou-me primeiro a uma pessoa saudável, depois a pessoa nenhuma; pelo que pedi "a carta", como meio de simpatia entre mim e a sofredora. Isto não me serviu. Mas, tomando ainda por certo que as declarações da carta eram verdadeiras e, portanto, negligenciando examinar

a mente do autor quanto aos reais motivos que impulsionavam a comunicação, cedi de imediato ao meu desejo de aliviar o sofrimento retratado pelas palavras diante de mim e parti, independentemente, em busca da pessoa doente.

Fixei o olhar aqui e ali nas proximidades da localidade indicada, a umas quatrocentas milhas de distância, e em breve descobri uma mulher doente com tísica. Ela podia ser consideravelmente ajudada — talvez quase curada — com uma só prescrição; e por isso passei a especificar o xarope. A descrição e a receita foram, assim, enviadas, e nós retivemos a remuneração habitual.

O leitor julgue da minha surpresa e da indignação do doutor quando nos chegou a notícia de que a carta era um tecido de falsidades — que tudo não passara de uma "fraude piedosa" — a fabricação sem escrúpulos de um padre profissional, que pregava o Cristianismo e publicava uma folha santa, chamada "The Gospel Banner", algures no estado do Maine! As aparências, neste caso, eram inteiramente contra a clarividência. Os factos em si, porém, eram os nossos melhores amigos. Mas o truque sem princípios deste ministro — com a sua interpretação exterior e maliciosa das circunstâncias — foi apregoado por todo o país. E decerto se podem encontrar muitas pessoas que ainda são enganadas pela influência deste padre — tal como o mundo tem sido cegado por personagens semelhantes há mil e oitocentos anos!

A questão seguinte era: "como obter meios para publicar um volume tão grande?" As palestras tinham de ser estereotipadas e apresentadas à humanidade num bom traje. Isto é, o arranjo mecânico e a execução deviam ser, em certa medida, coerentes com o suposto valor intrínseco das revelações. O escriba e o operador, porém, tal como eu, não estavam libertos dos constrangimentos de uma bolsa escassa. De onde, então, viriam os meios para levar adiante a bendita Reforma?

Esta questão inquietou-me durante vários dias e noites sucessivos, até que ouvi: "Escreve — à — tua — Irmã — Espiritual!"

Foi suficiente. Escrevi uma exposição completa das nossas circunstâncias exteriores à senhora com quem me correspondia. Disse-lhe, em palavras simples, a necessidade de dinheiro para levar por diante a gloriosa Reforma. Ela estava então a permanecer em Nova Iorque. Enviei a carta no correio da manhã; e, antes de os negros cortinados da noite caírem sobre o mundo, uma criada francesa perguntou à nossa porta por "Monsieur Davis". Pôs-me na mão uma carta, na qual surgia a seguinte frase:—

"Obrigada! meu Irmão Espiritual — meu único amigo na terra — obrigada! muitos, muitos obrigados! De bom grado faria tudo para ajudar a obra da tua vida. Mas, no estado atual dos meus negócios pecuniários, só me é possível permitir que os Srs. Lyon e Fishbough tenham a soma de mil dólares. Eu tomarei a sua nota e guardá-la-ei para teu benefício futuro."

O leitor pode imaginar a profunda gratidão da minha alma. Recebida esta quantia, os sócios obtiveram, noutro lugar, um empréstimo adicional de quinhentos dólares, e assim asseguraram o poder material para prosseguir com o seu trabalho.

A segunda crise magnética da minha vida chegara por fim. A influência do operador tornava-se cada vez mais desfavorável ao meu exercício clarividente. Uma espécie de embrutecimento e dormência invadia e embotava as minhas faculdades. Era uma repetição da antiga experiência, num novo grau de consciência.

De tudo isto eu sabia secretamente apenas o suficiente para acreditar que o meu operador não o poderia compreender; e assim, para conservar inteira tranquilidade, escondi as intimações proféticas que por vezes sentia acerca da nossa aproximação de separação magnética. Quando fui magnetizado por ele pela última vez — a 10 de Abril de 1847 — lembro-me de que não me senti totalmente seguro quanto ao futuro. E talvez, enquanto no vale dessa incerteza, eu tenha deixado na sua mente a impressão de que continuaria a ser "o seu sujeito" ao longo dos anos vindouros. Seja como for, pouco depois deixei a cidade rumo à bela Poughkeepsie; onde comecei a realizar as possibilidades de uma existência independente!

Quinze dias após chegar às "margens e encostas" do meu querido Hudson — a 16 de Maio — percebi ainda mais dessa sublime revolução que vinha ocorrendo dentro de mim. O cansaço corporal e a prostração consequentes dos meus trabalhos em Nova Iorque estavam a ser rapidamente substituídos por uma bela robustez e liberdade de espírito. Os sinais interiores da mudança psíquica eram muitos; e a minha iluminação individual presente foi, silenciosamente, inaugurada.

Oh, aquele dia florido! Brilha na minha memória como a estrela sagrada do destino. Uma amiga viúva, em cuja casa eu então era pensionista, sofria de uma doença cancerosa. Atuava principalmente sobre as membranas do estômago. O seu sofrimento físico pesava sobre o meu coração simpático; e, desejando ardentemente ajudá-la, passei ao meu estado superior. (Ver "Great Harmonia", vol. i, p. 204.) Foi uma grande novidade! Eu entrara muitas vezes nos estados sonambúlico e clarividente, como o leitor sabe, sem ajuda de operador; mas atingir conscientemente a mais alta eminência mental, de

forma independente e no segredo do meu próprio quarto, era como um arco-íris de promessa a abarcar o firmamento da minha alma.

A minha vista atravessou substâncias intermédias — duas paredes e um soalho — e eu vi a sua doença e os meios apropriados de alívio. Os meus poderes superiores nunca estiveram melhores; e não estavam à mercê de uma terceira parte! "Grande Deus!", exclamei eu. "A minha alma está esmagada por toneladas de gratidão. Oh, deixa-me usar as dádivas da minha alma como dons vindos de Ti, e prometo que nunca, nunca, Te desonrarei por um mau direcionamento delas!"

Tudo foi feito para o alívio da mulher idosa. Mas as Leis da Natureza deixaram uma convocatória à sua porta. O sopro de uma primavera espiritual entrou-lhe pelas narinas. O corpo continuou a definhar lentamente, mas o espírito cresceu em força e aspirações. Um dia ela disse:—

"Jackson, meu amigo, não me consegues curar?"

"Receio que não", disse eu com muita emoção; "a tua doença é mais forte do que o teu corpo."

Ela fitou-me, calma e inteligentemente, por um momento, e depois disse: "Isso são boas notícias, Jackson — muito boas notícias — não achas?"

"As notícias não são más", respondi. "Para mim, há boas novas na morte."

"Então não seria melhor para toda a humanidade morrer de uma vez?"

"A morte é boa", disse eu, "apenas quando não é procurada."

"É errado eu desejar a morte?", perguntou ela.

"Não", disse eu, "não é errado, depois de teres feito tudo o que podias para ficar bem."

"O que queres dizer?", perguntou ela, parecendo um pouco alarmada e confusa.

"Quero dizer", disse eu, "que devemos viver neste corpo o mais tempo que conseguirmos."

"Bem", respondeu ela com energia, "suponhamos que eu negligenciava tomar um remédio que poderia curar-me e que, em consequência, eu morria; seria isto uma desgraça para a minha alma no outro mundo?"

"Eu percebo", disse eu, "que só são inteiramente felizes depois da morte aqueles que sentem que a sua vida na terra e a sua partida dela estiveram estritamente em harmonia com os justos Princípios da Natureza."

A sua mente pareceu divagar um pouco enquanto eu falava, e disse: "Põe só mais uma colcha por cima de mim. Tenho muito frio. Mudou o tempo?"

O tempo de verão estava extraordinariamente quente, e por isso supus que o frio fosse um sintoma da sua libertação que se aproximava gradualmente. Mas cobri-a com mais mantas e depois perguntei: "Ouviste a minha última observação?"

"Claro que ouvi", disse ela alegremente; "e agora deixa-me perguntar — achas que eu fiz tudo o que podia para me manter viva?"

"Sim", disse eu. "Até onde consigo ver, cumpriste todo o teu dever."

"Então a morte é muito bem-vinda!", exclamou a mulher de mente liberal e aspirante espiritual; "mas tira esse peso de cima dos meus pés."

Não havia pressão invulgar sobre os pés da moribunda, exceto o corpo a pesar sobre o espírito; e, apercebendo-me disto, chamei os membros da família ao leito e retirei-me para a privacidade do meu quarto. O estado superior veio imediatamente sobre mim. E eu testemunhei e compreendi o mais ínfimo pormenor dessa translação espiritual. O espetáculo era impressionante e supremamente santo. Oh, processo belíssimo! Oh, beatitude sublima! Mas refrearei já a minha pena e remeto o leitor, para uma descrição plena e verdadeira dessa cena de morte, à página 163, Vol. I, de "Great Harmonia". O artista tentou retratar essa transformação inefavelmente gloriosa — "Morte" — que será experimentada por toda a humanidade à medida que os anos avançarem.

Supõe-se que o leitor conheça, por esta altura, os traços principais da minha organização mental. Talvez o elemento mais forte fosse um impulso quase irresistível de responder às exigências que me eram feitas de todos os lados da humanidade — muitas vezes em violação direta da lei da retaliação e do instinto de sobrevivência. Ao receber a carta de um estranho, apelando por alívio de alguma provação ou doença, a minha disposição era imediatamente a de devolver uma resposta humana e benéfica. Esta propensão sem freio, como a sequência mostrará, expôs-me a muita imposição e sofrimento. Ainda assim, não desejo que a minha natureza seja menos inclinada à boa vontade universal, nem insinuaria que o exercício do egoísmo seja correto ou conduza à felicidade.

A minha fama não procurada como vidente de coisas ocultas, e a grande escassez, naquele tempo, de pessoas dotadas de modo semelhante, trouxe-me dezenas e dezenas de cartas. Se a tarefa de soletrar e ler estas epístolas era árdua, como era, como descreverei o labor necessário para lhes responder? De uma carta de um correspondente extraio o seguinte:—

"New York, 1847.
"Meu caro Senhor: Tomo a liberdade de lhe escrever, embora estranho, para obter alguma informação num assunto de negócios da máxima importância.

"Amanhã, espero falir! O vórtice da bancarrota gira-me no cérebro! Sou um jovem comerciante, senhor; as minhas esperanças e ambição têm sido elevadas; o meu pai adiantou-me grandes somas, senhor; e investi largamente em ações, para minha completa ruína, a menos que o senhor, por meio dos seus poderes sobrenaturais de perceção, me diga como posso recuperar estas perdas com investimentos que se revelem imensamente e rapidamente lucrativos.

"Eu próprio poderia receber esta desgraça e morrer mendigo, ou terminar a existência pelo suicídio, senhor, não fosse eu ter uma jovem esposa querida e um filho recém-nascido, que contam comigo para simpatia e sustento.

"Por amor de Deus, senhor, ajude-me se possível — com a maior urgência — e inclua a sua conta pelos serviços. Seu, etc."

A minha resposta foi que eu não podia livrá-lo de embaraços pecuniários — que a minha mente estava absorvida em questões de importância universal — que o suicídio não o tiraria do problema, mas apenas o aumentaria — e que, trabalhando perseverantemente por uma posição honrada no mundo, receberia a ajuda de comerciantes que o conheciam.

Vinte dias depois, o correio trouxe-me outra carta da mesma pessoa, na qual dizia:—

"Tudo está perdido! Sou um homem arruinado! — tudo porque confiei no seu pretenso poder de dizer o que vai acontecer. Na sua carta para mim, o senhor afirma positivamente que 'eu receberia a ajuda de comerciantes que me conheciam'. Nada disso se cumpriu! Não, senhor — nem uma palavra — e nunca se cumprirá!"

E assim o meio-louco deturpava o meu conselho. A seguir, eu lia um maço de talvez cinquenta cartas de pessoas meio doentes ou meio mortas com diversas doenças. E então surgiria um pedido deste tipo:—

"Philadelphia, Pa.
"Caro Amigo: Suponho que as reclamações da humanidade desordenada sobre o teu tempo e paciência são numerosas, mas tu és capaz de fazer bem como poucos o são, e tu estás disposto, dizem-me, a usar o teu poder num caso de humanidade como o meu. O meu filho mais novo está perdido, ou morto, tememos. Saiu de casa há alguns meses para visitar um parente no campo e, desde então, não se ouviu falar dele. Agora, meu caro amigo, se tu o puderes encontrar, aliviarás grandemente os corações partidos dos seus pais aflitos. Com grande respeito, etc."

Quase todos os dias o correio trazia-me cartas contendo perguntas como as seguintes:—

"A minha ligação atual com o Sr. --- envolver-me-á em mais perdas pecuniárias?"

"Pode dizer-me o nome do banco onde posso negociar um empréstimo com as garantias que possuo?"

"Passarei pela presente crise e sustentarei o meu crédito?"

"Se eu for à sua vila, posso vê-lo a respeito dos meus envios atuais?" etc., etc.

Algum tempo antes da data destas cartas, enquanto vivia no vale psíquico, fui hóspede na mansão de um comerciante. Serenamente brilhava o sol sobre as posses ornamentais do rico. Corações quentes batiam dentro dos limites consagrados daquele lar, e as ternuras da amizade acrescentavam dez vezes às atrações da hospitalidade do comerciante. Imagine-me, caro leitor, a caminhar no jardim, braço dado com o proprietário, que perguntou: "Consegue entrar agora em clarividência sem a ajuda do doutor?"

"Sim", respondi, "a minha vontade pode induzir o estado superior quando eu o desejo."

"Supõe", disse ele, "que tem poder para dizer, por exemplo, o estado do mercado da farinha em qualquer momento dado, se o desejar fazer?"

"Sim", disse eu. "Se eu desejasse ver o mercado da farinha, poderia compreender tudo a seu respeito em trinta minutos."

"Como chegaria lá?", perguntou ele.

"Primeiro", respondi, "examinaria a condição das colheitas agora na terra; depois, a quantidade de farinha retida por especuladores; depois

calcularia sobre tempestades, para apurar quanto trigo seria provavelmente danificado; e por fim, com esses dados, compraria farinha por certa quantia e guardá-la-ia até ser oferecido o preço mais alto."

"Isso exigiria bastante cálculo", disse o comerciante. "Mas por que não o faz, se pode?"

"Porque", respondi, "não posso querer fazê-lo."

"Porquê?", perguntou ele.

"Porque não o posso desejar", respondi. "A razão é que acredito que toda a especulação é tanto uma injustiça como uma fraude que aflige grandemente as classes trabalhadoras."

"Talvez isso seja verdade", respondeu ele, argumentativamente; "mas alguém há de especular em farinha — isso será feito — dinheiro será ganho — e não seria melhor e mais conforme à sabedoria que um homem liberal o ganhasse do que um especulador meramente egoísta que não ajudaria a Reforma?"

"Não", disse eu; "toda a especulação é errada, seja quem for que nela entre; e o dinheiro assim obtido raramente tem algum valor para o mundo."

"O seu raciocínio, confesso, parece-me um tanto turvo", disse o comerciante. "Agora suponha que a perspetiva da colheita era assim e assim, e suponha que o mercado da farinha está assim e assim, e que poderia conseguir tantos barris a tal preço; o que faria?"

"Se eu fosse comerciante", disse eu, "e o mercado e as condições e as oportunidades fossem como descreve, eu faria uma boa provisão de farinha."

O que precede é, em substância, um relato correto dessa conversa. Dos resultados dela eu não tive qualquer pensamento, pois não alimentava suspeita de mal. Mas antes de o sol desse dia se pôr, as minhas palavras não iluminadas foram tomadas como norma de ação! Posteriormente, ao ouvir os efeitos dos movimentos impulsivos do meu amigo, senti-me surpreendido e entristecido; mas, movido por impulsos benevolentes, reprimi toda a expressão dos meus arrependimentos e desaprovação. Mas outros, mais tarde, agarraram-se à circunstância inexplicada, e eu recebi saraivadas de deturpações vindas das ameias do inimigo.

O leitor terá presente, ao percorrer estas poucas "necessidades" do mundo, que eu vinha recebendo exigências semelhantes desde 1844. Então, porém, eu tinha a proteção de um operador. E, além disso, os apelos agora

feitos eram muito mais numerosos e mais penosos para a minha natureza sensível — porque eu estava a permanecer no vale mental, entre o Monte Justiça e o Monte Poder, numa espécie de transição que me expunha a provações desconhecidas dos habitantes do mundo. Mais uma ilustração do emaranhado vasto da minha correspondência bastará:—

"A. J. Davis, Esq.: Perdoe a um estranho escrever-lhe sobre matéria tão delicada como a de uma querela doméstica. Não me intrometerei no seu tempo com palavras de desculpa, mas irei diretamente à dificuldade de que sofro. As circunstâncias são estas: Há uns dez meses, cortejei uma jovem com a intenção de fazê-la minha esposa. Mas um dia tivemos a infelicidade de discordar sobre uma coisa sem importância, com o que ela se ofendeu muito, e considero impossível conciliá-la por quaisquer meios ao meu alcance.

"Se me puder informar sobre o que trará de volta o estado de afeição e confiança que existia há poucas semanas, muito me obrigará, etc."

Além destas, chegavam-me cartas de todas as tonalidades concebíveis de inquérito científico, histórico e filosófico — nunca transmitindo a mínima parcela de informação, mas fazendo incontáveis perguntas sobre todo o género de assuntos peregrinos e nunca-imagináveis. E assim, caro leitor, vivi eu no vale. Que poderia servir-me, na minha humilde habitação, senão o Mundo Angélico e o meu Bastão Mágico?

Recebendo, por fim, um convite de um conhecido no Vermont para o visitar e fazer com ele um passeio de carruagem desde Bennington até Burlington, fugi à presença das minhas ansiedades cansativas e descansei três semanas inteiras.

CAPÍTULO XLV
MISSIONÁRIOS NO CAMPO

"Trabalharam com triste sinceridade,
A si próprios de Deus não puderam libertar,
Construíram mais sabiamente do que sabiam,
A pedra consciente cresceu em beleza."

As brisas balsâmicas das grandes Montanhas Verdes tinham varrido do meu corpo grande parte da fadiga febril, e afastei-me da presença do meu amigo do Vermont com um repouso abençoado no espírito. Havia uma promessa a cumprir: no regresso, eu pararia em Troy, no estado de Nova Iorque, para visitar o meu novo conhecido, o poeta. Assim fiz. As suas expressões finas e livres de estima foram para mim refrescantes e agradáveis. Havia agora menos excitação impetuosa no seu modo. Disse ele: "A missão em que estou prestes a partir, Irmão Davis, é de grande importância."

"O que resolveu fazer, Irmão Harris?", perguntei.

"Tendo-me retirado privadamente da denominação universalista", disse ele com profunda energia, "preparo agora um curso de palestras para proferir na minha digressão pelo Oeste."

"Já traçou o plano da sua viagem?", perguntei.

"Vou precisar das suas impressões, Irmão Davis, sobre o melhor caminho que devo seguir", disse ele com muita emoção. "Considerar-me-ei, com a devida sabedoria, como agindo sob a sua orientação." Dito isto, caiu por um instante numa quietude quase infantil e depois continuou: "Espero muito trabalho, muita dureza e até perseguição; mas espero que a minha vontade, amor e sabedoria sejam fortalecidos e guiados — assim enfrentarei todos os desânimos com fortaleza, todos os insultos com magnanimidade, e trabalharei com a coragem serena e paciente que, numa causa tão boa e divina, há de enfim assegurar o êxito."

"O Irmão Fishbough já tem as Revelações publicadas?", perguntei — pois, como acabara de regressar da viagem, ainda não tinha verificado os factos.

"Não", respondeu ele; "espera-se que o Livro chegue aqui por volta do primeiro de Agosto. Estou ansiosamente à espera de o ver cá fora. Viu a pretensa crítica no 'Troy Whig'?"

Respondi que não. "Então", disse ele, "deixe-me ler-lhe a minha réplica."

Agradeci-lhe a bondade e, pegando no manuscrito, leu-me uma resposta extraordinariamente franca e digna às "falsidades" do jornalista. Nesse artigo sustentava, com habilidade, três proposições, como segue:—

"1. O livro teve a origem que se afirma, porque o carácter do Dr. Lyon, o operador, do Sr. Fishbough, o escriba, e do Sr. Davis, está acima de censura; e a sua reputação conhecida e provada como homens honestos exclui a possibilidade de engano.

"2. Nem os Srs. Lyon ou Fishbough, nem qualquer ou todas as testemunhas, nem o próprio Sr. Davis, no estado normal, eram capazes de produzir a obra, ou teriam oportunidade de o fazer sem deteção, mesmo que fossem capazes.

"3. O testemunho de centenas de testemunhas oculares atesta a realidade dos poderes espirituais do Sr. Davis e prova que ele tem capacidades à altura de produzir a obra."

Além do que precede, o poeta inserira o seguinte: "Em Março passado, ele [Sr. Davis] afirmou que ocorreria em breve um desenvolvimento ulterior dos seus poderes. Isto aconteceu. Ele é agora capaz, sem ser magnetizado, de fazer pleno uso dos seus poderes espirituais — de curar os doentes — de predizer acontecimentos futuros — de ver as ocorrências mais distantes — de resolver as questões mais abstrusas da psicologia — e de declamar durante horas com a eloquência de um anjo, em defesa e exposição dos princípios que revelou."

Havia um brilho divino no olhar do poeta enquanto lia, e eu escutava com emoções dolorosamente prazerosas. O seu modo, mais do que as suas palavras, interessou-me. "Que acha disto?", perguntou-me ele ternamente.

"As posições são essencialmente verdadeiras", disse eu. "Mas receio, Irmão Harris, que as suas viagens sobrecarreguem as suas forças de resistência."

"Muito dependerá da prontidão das suas impressões", respondeu ele, trémulo, "e confio que a importância da minha missão o levará a escrever-me de tempos a tempos, dando-me orientação interior. Tudo mostra que a minha missão é divina, e eu irei, seja vida ou morte."

Por fim parti para Poughkeepsie. Enquanto descia o Hudson, recordei a entrevista precedente e tentei penetrar nos seus resultados. Mas, ai de mim!, eu vivia no vale. As brumas e nevoeiros que antes me tinham arrefecido, muitas vezes, durante períodos semelhantes, voltavam de novo a cair sobre as minhas faculdades. As minhas intuições não se erguiam. Foi melhor assim.

A planície humilde era um período de repouso e, sabendo-o, era errado da minha parte lamentar-me.

E, contudo, embora me apoiasse no meu Bastão, eu estava profundamente perturbado. Não tiveste tu muitos dias nublados e semanas difíceis, caro leitor — quando as tuas circunstâncias exigiam o exercício de sabedoria e, no entanto, não conseguias ver claramente o caminho para agir com sabedoria? Pelo menos, assim era o meu estado, com algumas exceções resplandecentes, durante as semanas que se seguiram à minha conversa com o poeta-missionário.

Caminhando no convés do vapor e recordando a responsabilidade não procurada que me tinha sido conferida, pensei: "Bem, suponho que a terei de assumir. E, no entanto, parece-me que os Princípios do meu Livro ensinam um caminho diferente. Cada homem é um indivíduo. Cada pessoa deve reverenciar e obedecer aos ditames da sua própria Razão. Quando a alma de um homem se harmoniza consigo mesma, o mundo espiritual revela-se-lhe. O homem é um microcosmo, por outras palavras; e todas as coisas estão contidas nele. Um homem plenamente inspirado é, então, aquele que tem acesso a toda a Verdade e a toda a Sabedoria. Bem, então, suponhamos que eu aconselhe o Irmão Harris? Isso será correto, porque eu posso ajudá-lo a tornar-se plenamente inspirado e, assim, o seu próprio centro de força. Muito bem; farei então tudo quanto puder para o ajudar. Ele parece amar a Reforma universal, ser religiosamente sincero, sentir uma devoção heroica ao dever, e é muito talentoso. Tudo isso é bom e desejável; e, contudo, eu recuo diante do seu ímpeto."

Assim terminaram as minhas meditações sobre essa matéria. Mas havia outra coisa que me inquietava: o seu exagero positivo das minhas capacidades pessoais. "Ora, eu não pretendo predizer acontecimentos futuros", pensei eu, "senão na medida em que se encontrem na senda de princípios fixos. E mais: eu não consigo 'declamar durante horas com a eloquência de um anjo'. O facto é que as pessoas queixam-se de que eu não falo o suficiente e de que, quando falo, embrulho as palavras de tal maneira que muitas vezes lhes sou ininteligível."

Assim meditando, comecei a sentir-me alarmado. "Isso não pode ser", exclamei mentalmente. "O Irmão Harris falará de mim nas suas palestras, sem qualificação, como sendo 'um anjo' e tudo isso, quando eu não sou nada disso, tal como ele também não é." Os meus pensamentos começaram a suceder-se a uma velocidade tumultuosa, mas a Benevolência, escusando-o, cedo os conteve e acalmou; e eu soliloquiei assim: "Oh, não faz mal. O Irmão Harris é poeta. É assim com os poetas. Eles não dizem as coisas tal como aparecem às pessoas comuns. Para ele está bem — e creio que vou deixar

passar e não pensar nem preocupar-me mais com assunto tão pequeno e tão manifestamente evidente."

Deslizemos agora por alguns dias sem acontecimentos. A cena seguinte abre na residência do escriba, em Williamsburgh, Long Island. É o vigésimo primeiro aniversário do meu nascimento; o onze de Agosto de 1847. O título da peça a representar é: "Homens e meios para editar e publicar um jornal de Reforma em Nova Iorque." Sobe o pano; e a peça começa.

Os pormenores do drama, tal como se desenvolveram ao longo de algumas horas, não precisam de ser repetidos neste volume. Basta dizer que as partes principais foram bem desempenhadas pelos artistas capazes e francos. Mais: não foi uma representação artificial, caro leitor, porque uma triste sinceridade corria por cada coração. O dever de cada homem era estender o braço honesto e ajudar a virar a maré da existência humana para canais melhores e mais altos. O mundo estava vestido com roupagens enegrecidas, tecidas no tear da Ignorância e da Superstição; e estes homens reuniram-se para construir uma fábrica que tecesse vestes de brancura e imortalidade.

Resolveu-se iniciar um jornal por meio de uma associação harmoniosa de trabalho, capital e talento. Várias quotas de cem dólares foram de imediato adquiridas por indivíduos da assistência. E, após muitos bons discursos, alguém perguntou: "Como se chamará o jornal?"

Foram sugeridos vários títulos. Por fim, um ouvinte observou que "a palavra nova no livro do Irmão Davis seria, sem exceção, excelente."

"O Univercœlum", repetiu o presidente. "Sim — um nome muito bom, de facto."

"Quem será o editor principal?", foi a pergunta seguinte.

"Ora, naturalmente o irmão que propôs originalmente a publicação", disse um. "Ele é precisamente o melhor homem para esse lugar nas nossas fileiras."

"Sim, Irmão Brittan", disse o escriba conscienciosо e deliberado, "o senhor é o homem."

O cavalheiro designado expressou com graça os seus sinceros agradecimentos e depois disse: "Permitam-me, irmãos, sugerir um título adicional. As minhas razões para o oferecer serão suficientemente óbvias. Abaixo da designação principal, eu colocaria a expressão suplementar 'And

Spiritual Philosopher' — com este mote: 'As coisas que se veem são temporais; mas as coisas que se não veem são eternas.'"

O editor nomeado é uma personagem nova neste drama e deve, por isso, ser apresentado à consideração do leitor. Antes desta ocasião, eu já fora muitas vezes hóspede em sua casa. As simpatias fraternas e as amáveis hospitalidades da sua família foram-me prodigalizadas sem parcimónia — pelo que então, e agora, estou profundamente e cordialmente grato. Muitas vezes, também, contemplei a sua estrutura mental e deleitei os olhos do meu espírito com as paisagens, símbolos, figuras, arquétipos e imagens que se agrupam, brilham e se estendem ao longe, cena após cena, na região da sua Idealidade vivaz. E, durante as suas doenças, também eu o examinei interiormente e prescrevi para o seu organismo físico. Era meu amigo. No seu olhar havia amor; no seu sorriso, um sinal de afeto confiante. Os seus traços dominantes eram: amor à Liberalidade, amor à Beleza, amor à Estima pública, amor à Verdade. Tornou-se editor de "The Univercœlum" e em breve voltará a aparecer nesta história.

Os missionários estavam agora no campo. O leitor terá presente que eu não os convoquei para lá, embora me tenha tornado de bom grado seu coadjutor. Lá estavam o operador, o escriba, o poeta, o editor e eu. Estávamos lado a lado no palco da vida, os braços do espírito em volta do pescoço uns dos outros, enquanto as ondas turbulentas do mundo desunido rolavam diante de nós. Além de nós, havia ali outros que declararam a intenção de escrever artigos para o jornal de Reforma. A peça, contudo, terminou cedo nesse dia, e o pano caiu em meio ao que a imaginação chamaria "trovoadas de aplausos".

A minha ausência de Poughkeepsie foi breve. Ao regressar, a minha mente estava cheia de pressentimentos ininteligíveis. Uma publicação ia ser lançada antes da procura pública, sem o complemento necessário de doze editores e antes de se ter acumulado capital suficiente. Pareceu-me ver, a pouca distância, uma nuvem carregada de chuva. A água descia em torrentes, o jornal dissolvia-se em fragmentos informes e os seus editores derivavam num mar de discórdia. "Oh, meu Deus!", exclamei, muito agitado, "nunca hei de ultrapassar este sonhar?"

Mas um momento de reflexão devolveu-me a calma quando ouvi a voz bendita: "À — Montanha! Não — temas!" Ao ouvir estas palavras, apoiei-me firmemente no meu Bastão e senti fé perfeita.

Pouco depois, um conhecido contou-me uma conversa entre ele e o meu antigo operador, substancialmente como segue:—

"Já viu o grande volume do Sr. Davis?"

"Não", respondeu o Sr. Levingston, "não vi."

"Não tem muita curiosidade de ver o que o clarividente tem dito desde que o deixou?"

"Não", disse ele, sombrio. "Não espero grande coisa desse livro."

"Ah, sim? Espanta-me. Diga-me, por favor, por que não espera grande coisa do livro dele?"

"Porque não acredito que ele tenha estado no alto estado clarividente desde que aqueles homens o afastaram de mim."

"Não acredita?"

"Não", disse ele. "Não acredito."

"Como é possível que acredite nisso?"

"Sim, é essa a minha opinião", respondeu o operador. "Se o Jackson tivesse ficado comigo e continuado a deixar-me magnetizá-lo, poderia ter dado um livro que valesse a pena ler."

"Mas alguns jornais dizem que as Revelações são muito interessantes."

"Oh, isso pode ser", respondeu ele. "O Jackson pode ter dito umas coisas espertas, de vez em quando, sob a influência do Dr. Lyon, mas não proferiu as palestras que teria proferido se tivesse continuado a ser magnetizado pelo seu primeiro operador. Tenho a certeza disso."

"Então não tem vontade de ver o grande Livro?"

"Não, sinto quase nenhum interesse nele — embora espere lê-lo quando tiver tempo."

Quando a substância da conversa precedente se tornou conhecida dos meus amigos de Nova Iorque e Bridgeport, sorriram com desprezo, como se o antigo operador não tivesse exercido o seu senso comum. O seu ponto de vista era tido por extremamente absurdo. E assim era. Mas, em breve, as mesas viraram; e então uma posição precisamente idêntica a esta absurda posição do Sr. Levingston em relação às Revelações tornou-se inteiramente razoável e conveniente para outros assumirem, no que respeita aos meus

volumes subsequentes. Neste particular, a sequência será extremamente nova e valiosa para o leitor.

Enquanto as Revelações estavam a ser estereotipadas na América, surgiu uma sugestão quanto à sua rápida publicação em Inglaterra. O operador de rosto grave submeteu-me um catálogo de questões graves sobre este ponto; depois de as considerar interiormente como devia, respondi favoravelmente ao interesse da publicação. Não foi o dinheiro, caro leitor, que levou os novos sócios a enviar o livro para a nossa Mãe-Pátria para lá do azul Atlântico; pelo contrário, foram movidos por um desejo genuíno de manter e exercer a sua mútua e sagrada tutela sobre a difusão dos seus sublimes princípios.

Mas de onde viriam os meios? Eu o direi. Por carta, apresentei os seus planos e desejos à minha Irmã Espiritual — a senhora correspondente — cujo rosto eu não via desde a minha primeira impressão de que não nos encontraríamos. A sua resposta foi pronta e característica:—

"Meu próprio Irmão! — melhor e mais verdadeiro amigo da minha alma — tão querido como és para mim, mais querida ainda é a obra da tua vida, e eu faria tudo para te ajudar nela. Mas os meus meios não são abundantes, querido irmão, e lamento não poder fazer mais. Do que tenho, porém, emprestarei de bom grado mil e duzentos dólares aos Srs. Lyon e Fishbough, para serem aplicados (como dizes) em custear as despesas consequentes da publicação do Livro em Inglaterra. Mas, meu melhor amigo, deixa-me acrescentar que recebas os lucros provenientes da sua venda aí, para pagares as tuas despesas correntes de viagem e hospedagem, até receberes de volta a soma inteira, pela qual tomarei a nota conjunta deles. Serve assim? Não me negues, meu melhor irmão. Desejo ser de alguma utilidade para o mundo. Eu servir-te-ia! Tua Irmã-Espírito — — —."

Por conseguinte, além do empréstimo anterior, e de duzentos e cinquenta dólares posteriormente oferecidos para ajudar a sustentar o *Univercœlum*, foi agora ainda proposta pela generosa senhora uma quantia maior, para auxiliar a difusão desta bendita Reforma.

O Sr. Joseph H. Cunningham, um discípulo inteligente tanto de São Crispim como do pensamento progressivo, concordou em levar as chapas duplicadas do livro para a sua terra natal. Os resultados da sua missão foram satisfatórios. Mas, antes da sua partida — durante uma visita à sua residência abaixo de Poughkeepsie — tive uma visão das mais maravilhosas e úteis. Dizia respeito ao passado, ao presente e ao futuro da raça humana. Considerada apenas como uma generalização da verdade histórica e como um enunciado sistemático daquilo que me pareceu estar focalizado no ar

diante de mim no breve espaço de vinte minutos, é tão superior às "Revelações" quanto estas são superiores à filosofia das escolas. Mas, antes de apresentar esta visão ao leitor, devo, para evitar anacronismos, relatar o que ocorreu pouco depois da reunião em Williamsburgh.

Sentindo-me duvidoso quanto ao meu rumo futuro no que respeita ao operador e receando o perigo iminente de vir a ser feito o centro sobrenatural de uma propaganda semi-filosófica e, por fim, supersticiosa, apressei-me a retirar-me para o meu santuário na montanha, em busca de instrução. Quieta e santa como a pausa do crepúsculo era aquela condição sonhadora que precedeu o meu estado superior.

O meu Guia estava lá! Apoiou o meu espírito no seu peito palpitante e disse: "A generosidade do Céu deu-me sabedoria para ti, meu filho."

"Obrigado, bondoso Guia", disse eu, enquanto o aroma da sua presença pura flutuava para dentro da minha alma. "Estou muito agradecido."

Ao ouvir-me pronunciar estas palavras, afastou-se alguns passos e respondeu com suave firmeza: "Porque me chamas 'Guia'? O teu guia está dentro de ti!"

"Oh, não digas isso!", exclamei eu com grande agitação — "não me deixes! A minha vida de cada dia depende da tua verdade e da tua providência dominadora!"

"Oh, homem!", disse ele, "ainda és um jovem ignorante?"

"Não, não; não pretendo ser uma criança desamparada", respondi; "mas o meu coração recorda as tuas palavras, sem as quais eu muitas vezes me teria desviado."

"Conduzes tu o vidente como quem é cego?", perguntou ele.

"Não", disse eu, "só os cegos precisam de guia."

"És tu um vidente?", perguntou ele; "ou alguém que apenas tateia o caminho através das galerias da experiência há muito passada?"

"O passado não é o meu guia", disse eu. "Quando desejo dar um passo, olho para o chão diante de mim, para não tropeçar."

"Assim é, meu filho", disse ele, num tom bondoso. "Assim deves tu ver, da tua própria vista central, o mais pálido feixe de luz sobre o teu caminho. E

eu só virei quando tiveres feito tudo o que podes, e ainda assim precisares de vista e poder."

"Quer dizer", perguntei, "que posso penetrar no futuro por mim mesmo, sem auxílio?"

"Cada homem", respondeu ele, "tal como a Terra e o Sol, é um centro; quanto mais verdadeiro é o homem, mais verdadeiras são as suas revoluções. Diz-me, meu filho, viajaste tu sobre a Montanha do Uso e também da Justiça?"

"Sim, sinto que sim", foi a minha resposta.

"Então não és capaz de ser útil e justo sem as minhas palavras?"

"Sim", respondi, "sinto que posso fazer tudo o que à minha própria consciência se afigure útil e justo."

"Está bem! Faz assim! Nada mais é exigido de qualquer alma viva!"

Afastou-se então mais alguns passos e continuou: "Como antes, vou mostrar-te as tuas obras e os teus caminhos. Olha!"

Olhando na direção indicada, vi instantaneamente uma reprodução daquela cena impressionante que outrora testemunhara — a montanha, uma estrutura semelhante a um castelo no seu interior, os quatro andares sucessivos e uma representação das quatro fases da minha própria carreira. "Sim", disse eu, "é verdade, muito verdade. Estas são as cenas da minha infância, as vozes misteriosas da minha juventude, as operações do Sr. Levingston e o meu trabalho com o Dr. Lyon. Sim, é tudo verdade. Mas o que vem a seguir? A minha alma anseia ver o futuro."

"Então", disse ele, "dirige a tua visão mais alto!"

Para meu espanto, ao olhar para cima, vi mais um andar na estrutura, mais brilhante e belo do que todos os inferiores juntos. Parecia ser feito de cristal, através do qual raios de sol dourados e púrpura fluíam perpetuamente. E, no centro da sala, vi-me a mim próprio sentado a uma mesa, escrevendo atarefadamente.

A mesa resplandecia, o aposento brilhava como um sol, e toda a minha cabeça parecia iluminada. Em baixo, reconheci o meu amigo, o doutor, e outros que nada sabiam daquele quarto superior. E, olhando de novo para tornar certa a minha visão, vi um quarto agradavelmente mobilado, contíguo ao em que eu escrevia, tenuemente iluminado por uma fonte mundana; e,

sentada numa cadeira confortável, a estranha senhora com quem eu me correspondia!

"Oh, diz-me", exclamei, "queres então prenunciar um encontro pessoal com a minha Irmã Espiritual?"

A visão desvaneceu-se. Mas o meu Guia estava em primeiro plano, com um sorriso a brilhar como um raio de sol no seu rosto celeste, e eu perguntei: "Qual é a próxima obra que tenho de fazer?"

E ele respondeu: "A generosidade do Céu dá-me sabedoria. Vê! A estrada diante de ti guia o viajante, através de névoas noturnas, por todo o caminho acima da Montanha do Poder, até planícies e vales para lá. Segura firmemente o teu Bastão, pois os inimigos do progresso são muitos e poderosos." Dito isto, desapareceu, e eu voltei à vida exterior.

No caminho de regresso a casa, ponderei tudo o que tinha acontecido — pois a minha memória já não estava suspensa — e o leitor pode facilmente antecipar as minhas resoluções. Foram estas: que, doravante, viveria uma vida independente; seria o meu próprio centro de visão; o meu próprio redator de impressões; seria responsável pelos meus próprios erros; distribuiria as generosidades da minha própria alma; ajudaria a obra do progresso humano como um entre muitos; não seria o líder de partido algum; não seria amigo de compromissos inúteis; e assim caminharia sobre as montanhas e através dos vales da minha peregrinação individual.

Chegado à casa onde eu estava hospedado, apressei-me para o meu quarto e eis que — entre aquele momento e o fim da hora seguinte — todo o passado se fundiu na minha recordação exterior! O Passado místico — que para mim fora como um sonho — era agora todo meu! A minha memória podia agora voltar a cada mais ínfimo pormenor de cada visão clarividente. Chega de contradição! Chega de existência dupla e torcida!

A riqueza abundante da minha experiência já não estava fechada no banco de outrem. Nenhum homem podia agora deter a chave com que entrava e saía da minha alma à vontade — deixando-me, como ser exterior, um errante solitário e desprovido de entendimento comum. "Não, não!", exclamou o meu coração jubiloso, "doravante caminharei sobre a face da terra de Deus, não com orgulho, mas como companheiro tanto do humilde cavador como do académico instruído. Oh, estou totalmente desperto! O negro cortinado do mistério — tanto tempo pendente entre o meu mundo exterior e interior — rasgou-se em dois e foi para sempre banido! Os segredos de uma vida clarividente estão diante de mim e nenhum homem os pode arrancar à minha razão e memória!"

Um sentimento natural entrou-me na carne, na fusão harmoniosa destas memórias antes separadas. Não que o estado superior tivesse sido puxado para baixo ao nível da minha vida comum, mas a minha vida comum foi elevada até ao próprio limiar do estado superior. Depois dessa hora memorável e graciosa — como eu disse no meu primeiro artigo para o *Univercœlum* — eu podia entrar voluntariamente no "estado superior", investigar verdades, ver por mim, tirar as minhas próprias conclusões e conservar uma recordação perfeita de toda a experiência.

Em tudo isto, então, podeis ver uma profecia do que o Pai-Deus e a Mãe-Natureza têm em reserva para cada filho e filha da humanidade. Não que todos os homens passem pela prova mística da magnetização; mas as leis imutáveis da mente hão de, mais cedo ou mais tarde, levar cada alma ao "estado superior" — quando, tal como com a abelha e o anjo, o único e suficiente guia para o bem e para a verdade será essa totalidade da vida divina na alma, que eu celebro sob o nome de "Intuição".

CAPÍTULO XLVI
VISÃO DE PAZ PERPÉTUA

Embora vários anos cheios de acontecimentos tenham levado a minha barca para longe do lugar onde contemplei a substância deste capítulo, ainda assim recordo cada pequeno incidente e circunstância da ocasião como se fosse ontem. "Cada suave lembrança brota como flores no coração."

Terminado o pequeno-almoço e já passada parte da manhã de sábado, o Sr. Cunningham disse: "Vamos, caminhemos todos até à igreja esta manhã. A música costuma ser muito boa."

As duas filhas anuíram de imediato, e eu, sendo hóspede, acedi alegremente à proposta. Nunca foi o sol do sábado mais brilhante, nem as cenas de domingo mais belas. O passeio foi curto — apenas atravessar a ponte e subir até ao santuário episcopal na encosta, em Channingville, condado de Dutchess.

Entrei num banco almofadado com a família. O organista improvisou um prelúdio, o coro cantou os seus cânticos solenes, o clérigo devoto percorreu diversos exercícios preliminares, e eu tentei interessar-me. Um dos presentes entregou-me um livro de orações. Apreciei as suas intenções benevolentes, mas aquilo era um obstáculo decidido às minhas devoções. Não estando habituado a livros de espécie alguma, tive uma dupla tentação — isto é, parecer que lia e, no entanto, não fazer nada disso.

Por fim, o ministro solene começou o seu sermão solene a uma congregação solene. Não disse nada que tocasse a minha mente na parte inicial do sermão; mas quando, talvez, faltassem apenas algumas polegadas para o fim, exclamou: "Quem pensa na redenção do homem? Quem pode dizer quando as palavras de Jeová foram pela primeira vez entregues às nações errantes?"

Essas perguntas interessaram de imediato a minha mente. "Sim", pensei eu, "gostaria de saber quando começou o primeiro ministro a pregar. Na verdade, gostaria de ver a primeira forma de crença religiosa — e que espécie de gente era aquela que acreditou na primeira teologia."

Enquanto meditava, olhei e vi uma luz ténue diante de mim — fazendo com que o altar, o púlpito, o ministro e a igreja se derretessem, esmorecessem e desaparecessem.

As minhas intuições libertaram-se e fundiram-se com a clarividência; o estado superior foi perfeitamente produzido; e, embora no meio de pessoas, ninguém conheceu os movimentos da minha alma. Os confinamentos

materiais do santuário local não me restringiram; nem a presença de mentes formou a mínima parte da minha consciência individual.

"Qual foi a primeira teologia?", perguntei mentalmente. Sabendo que possuía o poder de responder à minha própria pergunta, olhei para longe, através de céus nublados e séculos tempestuosos, ao longo de margens estígias e sobre oceanos de homens sepultados, até fixar as condições primevas da existência humana. Isso era o Selvagismo. A teologia desse estádio era o Fetichismo. Depois contemplei a vaga turbulenta da história humana a rolar em direção a mim, e isso era o Barbarismo. A teologia desse estádio era o Politeísmo. Depois olhei para a vaga seguinte, mais próxima, do passado da humanidade, que era o Patriarcalismo. A teologia desse estádio era o Panteísmo.

Fixando isto na memória, olhei para a vaga montanhosa do presente, chamada Civilismo. A teologia deste estádio é o Dualismo.

"Agora", disse eu pensativamente, "porque não ver o que vem a seguir a fluir desta era? Qual será o futuro da raça?" Vendo a fixidez dos princípios, pude produzir com facilidade um quadro mental exato do destino que se aproximava para a humanidade. Seria o Republicanismo. A teologia dessa condição será o Monoteísmo.

A grandeza desta visão fez-me estremecer de deleite. "Mas", pensei, "porque não olhar para outros departamentos da história? Porque não rasgar as trevas do passado?" E imediatamente comecei o trabalho. As minhas penetrações foram voluntárias e profundas. "Agora", disse eu interiormente, "deixa-me primeiro olhar para a compleição das raças nos diferentes Estados Sociais, depois para a sua Arquitetura, depois para o seu Comércio, depois para a sua Linguagem, depois para a sua Ciência, etc., etc. — cada qual na sua ordem — até obter uma história de todo o passado; e, pelas leis imutáveis que regulam a existência humana, deixa-me ler o maravilhoso pergaminho do Destino!" E, impelido por estas minhas próprias interrogações, caro leitor, trabalhei sobre o passado morto, o presente vivo e o futuro ainda não nascido, até efetivamente elaborar e focalizar um quadro de história e profecia. Pareceu-me então — devido ao meu grande e projetivo órgão de individualidade — que o quadro estava desenhado no ar. Mas tenho a certeza de que foi a ação sistemática das minhas próprias intuições e do discernimento clarividente.

"Esteve a dormitar?", murmurou uma das jovens senhoras ao meu lado, quando eu recaí suavemente no meu estado exterior.

"Não", respondi. "A minha mente esteve bem desperta."

O ministro estava justamente a encerrar os serviços da manhã. Por cálculo, concluí que o exercício interior não durara mais de vinte minutos! Desta visão extraordinária nada disse nesse dia. Na manhã seguinte apresseime para Poughkeepsie e comecei a transcrever das páginas da memória. Escrevi-a metodicamente, tal como fixara a forma na minha mente, sem recorrer a dicionário nem a qualquer obra histórica. Apresento-a, portanto, como um dos triunfos do estado superior. Mas, para trazer este quadro de modo inteligível diante da mente do leitor, inserirei algumas explicações:

Explicações introdutórias. — Nas duas páginas seguintes, como o leitor verá, há duas Fórmulas. Estas constituem o firme fundamento daquilo a que chamo "Uma Visão de Paz Perpétua". O quadro, por outras palavras, baseia-se numa Teoria Intuicional (ou auto-evidente) da Mente Divina, da Estrutura do Universo e dos Elementos da Mente Humana. A filosofia é esta: que o Homem possui, em grau finito, os atributos do Infinito; que o Homem é um microcosmo, ou universo em miniatura; e, por conseguinte, que todas as artes, ciências, filosofias, teologias, etc., têm o seu assento ou gérmen na Alma Humana viva. Isto explica o valor das duas Fórmulas.

Depois, quanto às oito páginas seguintes. O leitor observará, ao passar para a primeira página após a segunda Fórmula, que a História Humana se divide em Cinco Idades — 1. Selvagismo. 2. Barbarismo. 3. Patriarcalismo. 4. Civilismo. 5. Republicanismo. Estas Cinco Idades são como uma Chave posta na mão do leitor para abrir os tesouros do Passado, do Presente e do Futuro neste globo. Tenha-se em mente que estas Cinco Idades atravessam, transversalmente, todas as oito páginas que abrangem o Quadro, e que os títulos das dezasseis colunas longitudinais (ou verticais) indicam as diferentes fases da Raça no período especificado pela Idade à esquerda da primeira página. Por exemplo: suponha que deseja ver que tipo de casas se construíam na Idade do Barbarismo. Primeiro procure o título "Arquitetura"; depois olhe diretamente por baixo, na segunda linha, e aí encontrará a palavra "Piramidalismo". Agora, para saber o que esta palavra significa, veja a explicação em letra mais pequena por baixo (para a qual é remetido pela figura correspondente 2), e lerá: "Montes sagrados, altares, monumentos, etc." Assim poderá encontrar a condição da Arte, ou da Música, ou da Teologia, e assim por diante.

Este breve guia do Quadro, espero, torná-lo-á útil ao mundo. Na verdade, parece-me que quase qualquer pessoa pode apreender a generalização.

PAI-DEUS — CAUSA

{**Amor, Vontade, Sabedoria.**}

MÃE-NATUREZA — EFEITO

{**Substância, Agregação, Universo.**}

LEI NUPCIAL — FIM

{**Associação, Progressão, Desenvolvimento.**}

O que precede é a fórmula fundamental.

1. **Pai-Deus** é a **Causa** — o Princípio invisivelmente ativo e imutavelmente energizante.
2. **Mãe-Natureza** é o **Efeito** — o Princípio recetivo e reprodutivo.
3. **Lei Nupcial** é o **Fim** — o Código do Matrimónio e o Princípio conjugador.

Esta Fórmula pode ser expressa numa fraseologia diferente, assim: **Pai-Deus** é um Ser organizado e inteligente; um Espírito no Cérebro central do Universo. **Mãe-Natureza** é uma contraparte exata; o sistema orgânico, ou a Noiva de Deus. **Lei Nupcial** é o código da ação conjugal; que conduz à propagação de todas as formas de vida e de inteligência.

O primeiro desejo, inato, involuntário e central, de **Pai-Deus** é a projeção e multiplicação de Si mesmo. O tipo de Si mesmo, no cume da criação, é o Homem. Para desdobrar este tipo, para satisfazer este desejo constitucional, o Universo está cheio de instrumentalidades inumeráveis. E, sendo a perfeição o fim de **Pai-Deus** e de **Mãe-Natureza**, o completo cumprimento do seu Desejo consistirá no desenvolvimento harmonioso das qualidades inerentes que caracterizam a Humanidade. Tal é a proposição primária da Filosofia Harmonial.

ESPÍRITO — CAUSA

{**Movimento, Sensação, Inteligência.**}

CORPO — EFEITO

{**Mineral, Vegetal, Animal.**}

DESEJO — FIM

{**Parentalidade, Imortalidade, Felicidade.**}

A Fórmula acima é apenas uma reprodução da precedente: num grau ulterior e infinitamente menor de desenvolvimento.

1. **Espírito** é a **Causa** — o Princípio ativo e imperecível.
2. **Corpo** é o **Efeito** — o Princípio recetivo e reprodutivo.
3. **Desejo** é o **Fim** — o Princípio motor e atuante.

Esta Fórmula pode ser enunciada noutras palavras, assim: o espírito humano perfeito é uma miniatura de **Pai-Deus;** o corpo humano perfeito é uma miniatura de **Mãe-Natureza;** e o Desejo humano é a Causa de toda a ação humana.

De onde surge o desejo?
O Desejo brota das propriedades inatas do Espírito. Qual é a forma mais elevada do desejo? A forma mais elevada do Desejo (ou Amor) é a Sabedoria.

Os elementos masculinos de **Pai-Deus** e as propriedades femininas de **Mãe-Natureza** encontram-se e aparecem (numa extensão muito limitada) na constituição do Homem; a partir dos quais se desenrolam progressivamente, e a partir dos quais florescem com uma beleza imortal, em esferas para além das estrelas.

Tal é a proposição secundária da Filosofia Harmonial.

1. ESTADO SOCIAL | 2. DESENVOLVIMENTO

1. SELVAGISMO | 1. Negro.

1. A infância da raça; uma era de rudeza, penúria, poluição, servidão, ignorância e egoísmo.

1. O **negro** foi a cor dos primeiros tipos de homem, que eram muito imperfeitos e confinados à África.

2. BARBARISMO | 2. Aborígene-Americano.

2. Uma era de cobiça, superstição, dogmatismo, guerra, rapina e brutal sujeição das mulheres.

2. Vermelho. Migrou, previamente à formação do Oceano Pacífico, para o norte da América do Sul.

3. PATRIARCALISMO | 3. Malaio-Mongol.

3. Uma era de despotismo, arrogância, perfídia, orgulho, opressão, proezas físicas e dedicação.

3. Amarelo (transição). Localizado na Ásia oriental e estendendo-se às ilhas do sul do Oceano Pacífico.

4. CIVILISMO | 4. Caucasiano.

4. Uma era de autocracia, aristocracia, feudalismo, democracia e civilização. Aspiração à liberdade.

4. Branco. Estendeu-se da Índia ao norte de África e à Europa; daí chamados "Indo-Europeus".

5. REPUBLICANISMO | 5. Anglo-Americano.

5. Esta será uma era de indústria geral, elevação feminina, paz, luz, segurança, e ..... **UNIDADE.**

5. Concreto. Combinação de vários europeus na América; os mais elevados espécimes da humanidade; outros em ..... **UNIDADE.**

3. ARQUITECTURA | 4. COMÉRCIO

1. CAVERNISMO | 1. Nundinantal. *(NT: Fase mercantil Primitiva. Fase mercantil primitiva, economia de permuta periódica e sistema de feiras rudimentares.)*

1. Choupanas, cavernas, escavações, tendas, cabanas, etc., etc.; as habitações e estruturas mais rudes e simples.

1. Recolha de materiais de caça, pesca e vestuário, em tempos e lugares fixos, para fins de troca.

2. PIRAMIDALISMO | 2. Semi-Pessoal.

2. Montes sagrados, altares e monumentos. Exemplos da perfeição desta etapa da arquitetura no Alto Egipto.

2. Troca de metais, instrumentos de guerra, animais e outros artigos por mulheres.

3. PALACIALISMO | 3. Duplicismo *(NT:* Teocratização*. Representa o sistema de dupla estrutura (sagrado vs. profano; rei vs. povo; templo vs. sociedade) caraterizado pela concentração simbólica da riqueza e do poder,*

mediação entre o povo e o divino através de instituições, religiosidade formal e representacional - ídolos, dízimos, sacrifícios).

3. Palácios, torres, edifícios sagrados, templos e santuários. Das estruturas sagradas, o Panteão é um exemplo.

3. Conversão da riqueza em ídolos; pagamento de dízimos; apropriações para sacrifícios e para a ambição régia.

4. DOMESTICISMO | 4. Semi-Nacional.

4. Mansões e chalés; edifícios menos destinados à defesa — mais orientados para a conveniência e utilidade.

4. Restrições, tarifas, antagonismo entre capital e trabalho, e entre interesses e produções gerais.

5. EDIFICIALISMO | 5. Recíproco.

5. Combinará a vastidão, grandeza, utilidade, simplicidade e beleza de todas as eras precedentes ..... numa **UNIDADE.**

5. Comunicação internacional, comércio livre, reciprocidade universal de trocas ..... **UNIDADE.**

5. LINGUAGEM | 6. CIÊNCIA

1. AUTOMÁTICA | 1. Simplismo.

1. Configuração do semblante, gesticulação, expressão simples, fala discordante e ambígua.

1. Perceção, observação das coisas circundantes, aplicação superficial, usos pouco conhecidos.

2. HIEROGLÍFICA | 2. Alquimia.

2. Representações em pedras, árvores e placas; figuras significativas, letras e sons simples.

2. Deduções supersticiosas, metalomania, magia, adivinhação, demonologia, astrologia.

3. SIMBÓLICA | 3. Transição.

3. Estruturas alegóricas, ideias tipificadas, esculturas significativas, estatuária e ídolos.

3. Quimeras, sobrenaturalismo, cronologia, muito do imaginário mas pouco do prático.

4. ALFABÉTICA | 4. Química.

4. Sinais convencionais, letras, palavras, conjugações, inflexões, sintaxe — (gramática).

4. Conhecimento prático-indutivo, conhecimento dos usos, aplicação prática geral, por exemplo, em invenções, navegação, etc.

5. AXIOMÁTICA | 5. Composta.

5. Gramática natural, regras claras, expressão espontânea e inequívoca, sentido interior ..... **UNIDADE.**

5. A Ciência como objeto da educação primária, aplicada a todos os departamentos; conhecimento sistematizado ..... **UNIDADE.**

7. FILOSOFIA | 8. TEOLOGIA

1. MATERIAL | 1. Fetichismo.

1. Causas imaginárias, origens fantásticas, deuses gigantescos, especulações selvagens sobre cosmogonia, etc.

1. Primeira fase da idolatria, culto de objetos exteriores na Natureza, imagens, chefes, etc.; adoração.

2. ANALÍTICA | 2. Politeísmo.

2. Investigação fragmentada, pesquisas imaginárias, árbitros invisíveis, especulações sobre a formação da Terra.

2. Divindades invisíveis com diversos atributos; ritos, cerimónias, sacrifícios, jejuns, festas, etc.; expiação.

3. TRANSIÇÃO | 3. Panteísmo.

3. Experiência, dados, a priori, classificações dos elementos, geometria, subtilezas dialéticas, metafísica.

3. Resolução da matéria em espírito; suposição de que todas as coisas são Deus; superstição, fanatismo.

4. SINTÉTICA | 4. Dualismo.

4. Desenvolvimento de sistemas físicos, doutrinas do acaso, fatalismo, liberdade da vontade, astronomia, geologia.

4. Divindades antagónicas, Deus bom e Deus mau (ou diabo), Igreja, Papa, Bíblia, Clero; sectarismo e preconceito.

5. ESPIRITUAL | 5. Monoteísmo.

5. Conhecimento das causas, relações, graus; definição, método, investigações interiores, tudo em ..... **UNIDADE.**

5. Nenhuma divindade arbitrária, UMA Causa, UM Pai, UM Destino, UMA família, UM propósito ..... **UNIDADE.**

Segue a tradução fiel, mantendo a **estrutura original em duas colunas** e a numeração:

9. GOVERNO | 10. AUTORIDADE

1. Nuli-Autonicismo* | 1. Desejo e Medo.

******(NT: Ausência de consciência autónoma desenvolvida)*

1. Isolamento individual; invasão, poder local e temporário; força, tortura; justiça distributiva desconhecida.

1. Impulso, inclinação; a vontade imaginária dos ídolos; fogo, luz; superstições e impressões.

2. Anarquismo | 2. Força e Mistério.

2. Confusão, perversidade, instabilidade; padrões artificiais; escravização dos fracos e conquistados; ordens familiares.

2. Poder, vontade arbitrária de chefes; feitiçaria, apaziguamento, oráculos, demónios, divindades imaginárias.

3. Hierarquismo | 3. Posição e Título.

3. Escolha voluntária de chefes e governantes; guerreiros bem-sucedidos tornam-se monarcas; os fracos oprimidos.

3. Profetas, reis, nobres, sacerdotes; leis arbitrárias e irrevogáveis baseadas no egoísmo e na superstição.

4. Feudalismo | 4. Doutrina e Riqueza.

4. Aristocracia hereditária; servidão, fidelidade, sufrágio eletivo exclusivo; monarquia, democracia.

4. Igreja, papa, bíblia; artigos estabelecidos de fé; opulência e grandeza hereditárias; riqueza.

5. Natural-direitismo | 5. Natureza e Razão.

5. Consentimento geral; qualificação, atração, legislação natural (equitativa e justa), justiça distributiva ..... **UNIDADE.**

5. Interpretação da Natureza; verdade nativa; intuição, Razão, Sabedoria e Retidão ..... **UNIDADE.**

11. ARTE | 12. MÚSICA

1. Inanimada | 1. Discordante

1. Contorno simples; figuras rudes e grotescas com partes desproporcionadas e incoerentes; incolor, sem vida.

1. Confusa, incoerente, clamorosa, sonora, discordante; cornos, gongos, tambores, etc.; mero ruído.

2. Imitação Simples | 2. Excitante

2. Imitação rude e imperfeita; cor profunda, grosseira, sem sombreado e ineficaz; estatuária áspera e tosca.

2. Intensamente estridente; sons simultâneos; regras imperfeitas e tempo; aproximação à ordem.

3. Transição | 3. Melodiosa

3. Ousada, robusta e atraente; devido cuidado com a simetria e as proporções; cor simples mas eficaz.

3. Batidas periódicas; invenção, variedade, melodia; cânticos órficos, louvores; harpas, flautas, etc.

4. Composta | 4. Suave

4. Cor menos eficaz; maior cuidado com a exatidão no delineamento; delicada ternura.

4. Sagrada, solene, marcial, penetrante, sentimental, eólica; tempo perfeito, ordem e harmonia.

5. Viva | 5. Harmoniosa

5. Cor suave e viva; graciosa, sentimental, espiritual; profundamente eficaz; influência pura e refinadora ..... **UNIDADE.**

5. Sinfónica, eufónica, harmoniosa, elevada, delicada, expressiva; ordem e tempo requintados ..... **UNIDADE.**

---

13. POESIA | 14. DIVERSÕES

1. Percetismo *(Sensorial exterior)* **| 1. Sensual**

1. Exterior, selvagem, surpreendente; abundante em fantasias enormes e estupendas; temas: génios, caça, guerra, etc.

1. Em estado de nudez; física, lasciva, grande animalidade; caça, pesca e feitos musculares.

2. Eratoísmo* | 2. Mito-Trágica

2. Inspirada por Erato, lírica, excêntrica, ousada, difusa; temas: deuses, heróis, guerreiros, batalhas, etc.

2. Representações de cenas mitológicas com desfechos trágicos; maravilhosas, excitantes.

**(NT: De Erato, musa da poesia lírica e amorosa; fase da poesia lírica e exaltada, emocional, que assume tom heroico e mitológico, que se move entre o grandioso e o trágico.)*

3. Transição | 3. Gládio-Gimnástica

3. Cânticos a Deus, mitológicos, trágicos, amorosos, épicos, sublimes, vigorosos e instrutivos.

3. Cruel, destrutiva, gladiatória; jogos como corrida, luta, etc.; Jogos Olímpicos.

4. Conceptismo | 4. Melo-Dramática

4. Incorporação da mitologia, teologia, ciência, filosofia; didática, descritiva, sagrada, efeminada.

4. Representações de acontecimentos históricos e das paixões humanas, fábulas, etc.; musicais e instrutivas.

5. Intuicionismo | 5. Intelectual

5. Instrutiva, elevadora, refinadora; veículo da verdade e promotora da paz, do progresso e da ..... **UNIDADE.**

5. Útil, educativa, espiritual; abraçando ciência, arte, música, poesia, verdade ..... **UNIDADE.**

15. IDIOMA | 16. REINO

1. Sânscrito | 1. Babilónico

1. Antigo indiano, chinês, persa, eslavo, celta e gótico; o sânscrito o mais proeminente.

1. Inclui as eras selvagem e bárbara, desenvolvendo o sistema monárquico representado no babilónico.

2. Grego | 2. Medo-Persa

2. Uma língua pura formada a partir dos materiais das línguas primitivas, principalmente do sânscrito.

2. Transita do primeiro para um novo reinado; a era zoroastriana; medos e persas detêm o domínio.

3. Hebraico | 3. Greco-Romano

3. As línguas sagradas dos egípcios e dos judeus, o idioma bíblico, e outros dialetos do tronco-mãe.

3. Reinos posteriores a Alexandre, o Grande; era de carnificina, hostilidade e riqueza.

4. Latim | 4. Europeu

4. Latim, alemão, italiano, espanhol, francês, inglês, sueco, dinamarquês e outras línguas atualmente em uso.

4. O Império Romano e as subsequentes monarquias europeias, agora quase encerradas.

5. Inglês | 5. Americano

5. O inglês aperfeiçoado, sendo composto de outras línguas; um idioma geral e final ..... **UNIDADE.**

5. Uma República geral, pedra de passagem para a Liberdade, Associação, Justiça, Concórdia e ..... **UNIDADE.**

Não há nada mais positivamente certo do que o facto de a Idade Harmonial acabar por despontar sobre este mundo rudimentar. Estudai os princípios fundamentais que fluem imutavelmente através de toda a existência e a governam; pois eles, muito mais do que eu, convencerão plenamente o vosso entendimento e alegrarão o vosso mais profundo coração.

O que é verdadeiro em relação ao Indivíduo é igualmente verdadeiro em relação à Raça. Para ilustrar: a primeira Idade — Selvageria — é a infância; a segunda Idade — Barbarismo — é a adolescência; a terceira Idade — Patriarcalismo — é a virilidade; a quarta Idade — Civilismo — é a idade adulta; a quinta Idade — Republicanismo — é a maturidade; ou seja, o amadurecimento das idades precedentes num estado de Sabedoria e Harmonia comparativas.

Entretanto, tereis presente que, assim como há infância e velhice na mesma família ao mesmo tempo, também há selvageria e harmonialismo na mesma Idade e na mesma Nação. E, ainda, observareis que, assim como os extremos se encontram pela ligação da maturidade com a infância, assim a mais elevada harmonia da Raça tocará a mais baixa discórdia; e assim, pela troca de interesses e simpatias, manter-se-ão as rotações progressivas, as reproduções e as semelhanças da experiência humana.

Por outras palavras: aquilo que é Velhice para um Homem é, na realidade, apenas a infância ou a iniciação de uma carreira semelhante num plano superior; do mesmo modo, aquilo que é Harmonia para a Raça é, na realidade, apenas a selvageria ou o começo de uma experiência histórica semelhante numa escala mais grandiosa.

Ora, na visão de vinte minutos, da qual o Quadro precedente é apenas um resumo, contemplei a certeza de um período de Paz e Felicidade. Não que todas as nações e todas as terras venham a ser harmonizadas e aperfeiçoadas simultaneamente, mas que a melhor porção da Raça e o solo mais puro da terra desdobrarão o Reino dos Céus.

Os poetas não são sonhadores! Os profetas não são impostores! Os videntes não são visionários delirantes! Os filósofos não são loucos! Não, não! Todos os poetas cantaram um "Elísio". Os profetas anunciaram uma "Nova Jerusalém". Os videntes contemplaram uma "Era de Unidade Universal". Os filósofos calcularam uma "Nova Atlântida". O dia Milenário, o período Utópico, o reino da Justiça, a idade da Felicidade — tudo! sim, tudo — não é senão uma única declaração do Pai-Deus através dos vários filhos inspirados da Mãe-Natureza.

Que quero eu dizer? O sentido é que todas as conceções que os termos e títulos acima exprimem têm a sua origem secundária na alma humana — sendo a fonte primária sempre o Pai-Deus e a Mãe-Natureza. "Unidade" é a última palavra no fundo de cada coluna. "Unidade" é o nome da Era da Harmonia. "Unidade" inclui o pleno crescimento e a ação harmoniosa de toda a paixão, desejo ou amor. "Unidade" é o fim último do desígnio de Deus e do desejo da Natureza. Portanto, quando realizada, a "Unidade" será a harmonia do Homem consigo mesmo, com o seu próximo, com o universo — ou com o Pai-Deus e a Mãe-Natureza!

A experiência da Raça, registada na história profana e eclesiástica, mostra que ela passou de estágio em estágio numa progressão regular — que os homens foram primeiro selvagens, depois bárbaros, a seguir semicivilizados, depois civilizados, e agora avançam em direção a um Republicanismo geral. Paralelamente ao estado social da Humanidade em cada Idade, esteve o estado da filosofia, da arte, da teologia, da moral, etc. Se conhecemos um, conhecemos o outro. Apelar à autoridade das idades passadas como regra de fé e prática na idade presente é manifestamente violentar os princípios do progresso, bem como contrariar todos os ensinamentos naturais e as intuições humanas. Assim como os homens procuram nas indiscrições da juventude instrução, assim deve a Humanidade rever a experiência das gerações anteriores e, pelos seus erros e loucuras, aprender a seguir o caminho da Verdade e da Retidão. As artes, doutrinas, teorias, etc., das idades passadas devem ser religiosamente preservadas, e tudo o que nelas houver de bom e verdadeiro deve ser adaptado e aplicado ao uso presente; mas valorizá-las acima dos melhoramentos modernos, ou

sonhar que uma Idade de Ouro se perdeu, é inverter a ordem do progresso e exaltar a ignorância e a discórdia acima da Sabedoria e da Harmonia.

CAPÍTULO XLVII

O QUARTO MOBILADO

"Em profundo silêncio caminho numa terra
Onde formas espirituais saúdam os meus passos,
E belos pensamentos — um coro angélico —
Cantam suave e docemente."

Ao regressar ao meu alojamento, encontrei montes de cartas provenientes de todos os graus e matizes das "necessidades" humanas, às quais os seus autores esperavam respostas imediatas e satisfatórias. Entre numerosos pacotes, os meus olhos detiveram-se numa sobrescrição familiar. Dessa carta farei um único excerto:

"Waltham, Mass., Agosto de 1847.

"Irmão muito amado! — Luz do meu caminho! — Meu único amigo terreno! O motivo que me levou a adquirir esta confortável 'Casa de Pedra' foi proporcionar-te um refúgio — um lar teu para onde fugir — quando fatigado de labutar no campo da Redenção Humana. O Rev. O. H. Wellington, meu agente, está a planear remover os encargos.

Assumirá as hipotecas que agora pesam sobre esta propriedade, liquidará todas as contas do mobiliário, etc.; e então, querido irmão, esta será a tua casa — um lugar onde o filho do homem pode reclinar a cabeça e estar completamente em repouso. Posso fazer isto? Será sabedoria? É o pensamento querido de cada hora minha servir às tuas necessidades materiais, ainda que neste mundo não me seja permitido contemplar a tua forma perecível. Diz-me, meu melhor amigo, aceitarás esta casa como tua?

"Tua Irmã-Espírito, ----- ----- -----."

Logo após ler o que precede, considerei a sua generosa oferta e a conveniência de a aceitar. Os pormenores desse exame interior não os registarei, mas o seu resultado pertence, por justiça, ao leitor. Respondi que não devia permitir que a minha mente fosse entravada pelos cuidados da propriedade; e, consequentemente, embora ela se esforçasse por pagar a casa e me conceder um título livre de ónus, via-me obrigado, por prudência, a declinar. Contudo, quanto ao "não nos encontrarmos neste mundo", escrevi-lhe que podia estar certa de que teríamos o prazer de um encontro pessoal.

Esta certeza baseei-a na força da impressão que me fora transmitida pela visão já relatada.

Pouco depois recebi uma carta do missionário auto-nomeado. Este heroico pioneiro encontrava-se agora a proferir discursos em Utica. A 3 de Outubro pregou em Troy, Nova Iorque, ocasião em que, como diz, "declarei a minha crença nas Revelações"; e, à noite, "preguei sobre a Imortalidade, utilizando a grande Ideia Central de 'As Revelações Divinas da Natureza' — Deus a Causa, a Matéria o Efeito, o Espírito o Último — para demonstrar a verdade de que a sabedoria interior de Jesus outrora, e a do nosso Profeta vivo agora, provavam que 'um espírito estava no homem'." Depois de relatar com franqueza alguns pormenores do seu trabalho, acrescenta: "Vejo que serão necessários esforços poderosos e heroicos para iniciar a grande revolução. Estou determinado a 'conquistar ou morrer', mas necessitarei, por ora, de ser muito aconselhado pela vossa sabedoria interior."

Sob o impulso dominante da benevolência, eu já havia pedido a este apóstolo enérgico que me escrevesse ao prosseguir o seu caminho, prometendo ao mesmo tempo fornecer-lhe todo o conselho que me fosse possível. Mas, ao ler esta primeira epístola importante, o meu coração começou a tremer, enquanto a minha cabeça se aquecia com os presságios do temor.

"Será possível", disse eu mentalmente, "que o poeta me considere um profeta designado pelo Céu? E proclamará ele as minhas palavras como sendo mais divinas e autorizadas do que as de qualquer outra pessoa intuitivamente exaltada? Ah, receio que tenha sido demasiado tempo crente no sobrenatural, sem investigação. Ama a verdade religiosa, mas não discrimina. É, contudo, positivo e determinado, e as suas palavras serão sempre expressão da sua crença, certa ou errada. Este traço do seu espírito agrada-me particularmente. Mas que farei por ele? Vede os factos! Em obediência às suas próprias convicções de dever, renunciou heroicamente a um elevado salário, abandonou todas as suas anteriores pretensões a auxílio pecuniário e, como o apóstolo Paulo, saiu agora, destemido e só, para pregar o evangelho das 'Revelações Divinas da Natureza'. Mas não foi por minha influência que partiu, e, no entanto, 'depende da minha sabedoria interior'."

Meditando assim, senti-me triste e hesitante. Mas, por fim, escrevi-lhe uma resposta encorajadora, enviei-lhe uma receita para a sua saúde e sugeri-lhe os melhores lugares onde poderia dar conferências. E agora, caro leitor, deixaremos o poeta na prossecução do seu árduo trabalho e retomaremos o assunto anterior.

O escriba diligente acabava de regressar de uma visita à "Casa de Pedra", onde viu e conversou livremente com a nossa benfeitora. Ela encontrava-se extremamente desanimada e até entristecida porque eu não aceitara a sua oferta. Parecia desestabilizar e confundir-lhe a mente — dissipar-lhe as esperanças queridas e os planos acarinhados. O Sr. Wellington, seu agente, estava prestes a receber a casa da sua posse, e ela estava decidida a respirar uma vez mais o ar revigorante da sua terra natal, Rhode Island. Apenas mais um pedido ousaria agora fazer. Este foi-me comunicado tanto pelo escriba como pela carta seguinte:

"Waltham, Mass., -------, 1847.

....."Submeto-me. A tua sabedoria é a minha confiança. Mas, meu melhor e único amigo, tenho ainda um plano. Na 'Casa de Pedra' mobiliei um quarto e consagrei cada artigo de conforto e luxo a ti. Contém tudo o que é necessário para um cavalheiro. Há também quadros nas paredes e uma coleção de livros escolhidos. Não me negues! A minha desilusão seria insuportável! A minha saúde declina rapidamente, e sinto que a minha vida na terra é breve. Permite-me mobilar um quarto de dormir e um gabinete para ti, onde quer que resides durante o ano vindouro. Não recuses, pois temo que isso rompa o último elo que me liga às coisas deste mundo. Posso fazê-lo?

"Tua Irmã-Espírito, ----- ----- -----."

O seu generoso apelo dirigia-se diretamente aos afetos; contudo, eu tinha poder para silenciar os seus impulsos. O meu exame interior deste novo pedido foi imediato e satisfatório. Respondi em harmonia com os seus desejos e informei-a de onde tencionava passar os meses de outono e inverno.

Estava apenas a iniciar a minha jornada pela Montanha do Poder. O segredo do meu progresso seguro até então fora o Cajado Mágico. Algumas semanas de experiências sem grande importância decorreram entre a aceitação do último benefício da senhora e os acontecimentos que passo a relatar.

"Então, Irmão Davis, como estamos contentes por ver novamente o seu rosto!"

Esta saudação cordial emanou do coração naturalmente caloroso da amável esposa do editor, à minha chegada de Poughkeepsie. Os seus olhos luminosos de azul límpido brilhavam com uma expressão de acolhimento amistoso, e o seu rosto formoso refletia as atraentes alternâncias de emoção prazerosa.

O editor conseguira uma casa confortável na elegante Colonnade Row, em Williamsburgh. Das janelas superiores, o ocupante podia contemplar a ampla baía, coberta pelos deslizantes agentes do comércio; e, além, Nova Iorque, cujas inumeráveis construções oprimiam o olhar como o faria a sombria perspetiva de uma floresta interminável.

"Obrigado, Sra. Brittan", disse eu; "também eu estou contente por a ver novamente."

"O que tem feito durante todo este tempo?", perguntou ela.

"Oh, de tudo um pouco", respondi; "a escrever o meu novo quadro, a responder a cartas, a tratar de doentes, etc. Como estão as crianças?"

"Saudáveis e belas como sempre", disse ela, apertando com entusiasmo um bebé robusto nos braços; "encantam-me completamente! São tão doces e tão deliciosamente traquinas!"

"Tem visto a Sra. Dodge ultimamente?", perguntei.

"Oh, certamente que sim. Tem estado a fazer todo o tipo de excelente trabalho para si lá em cima."

"Ah, sim! O que tem estado a acontecer?"

"Não esteja com tanta pressa, Irmão Davis", disse ela, sorrindo com malícia; "quando o Sr. B. chegar, subiremos todos e veremos juntos."

Ora, embora desde a minha infância eu tivesse sido alvo de surpresas, não gostava que um segredo delicado me fosse revelado de súbito; por isso pedi que me dispensassem de esperar mais. Mas o editor entrou pouco depois e subimos como fora inicialmente proposto. A porta do meu retiro de inverno foi aberta, e eis que contemplei com os olhos materiais uma cópia perfeita do quarto agradavelmente mobilado que fora retratado na minha visão da estrutura da montanha.

Tudo estava em exata conformidade com aquele presságio, exceto a presença da estranha senhora; mas, apoiando-me firmemente no meu Cajado, mantive o coração tranquilo, e a minha língua nada revelou do profundo assombro e gratidão que agitavam a minha natureza — assombro pelo cumprimento perfeito da profecia pictórica do meu Guia; gratidão por ele ter inspirado a senhora a semear o meu caminho áspero com violetas.

O número inicial, ou exemplar, de "The Univercœlum" já tinha aparecido, e parte do material para o número seguinte estava preparado. O principal motivo que me levou a alojar-me na família do editor foi o desejo de

promover uma unidade de interesses na empresa editorial. O primeiro passo para a unidade de ação era a unidade de pensamento; e a proximidade estreita de indivíduos cujos afetos estavam mais ou menos envolvidos era, para mim, a consideração primordial. Ao mesmo tempo, tinha resolvido não exercer autoridade sobre ninguém; e, igualmente, que não me submeteria a ser, de modo algum, detido na minha peregrinação individual.

Não era necessário grande perspicácia, contudo, para discernir o erro que se ocultava no próprio núcleo do nosso glorioso movimento. Essa semente de desorganização era a falta de capital e de talento suficientes para sustentar a publicação. A minha convicção era que o nosso corpo deveria ter-se originado como o cristal se forma no seio da matéria — duas partículas afins unindo-se primeiro; e depois, pelas suas silenciosas emanações, tornando outras afins e agregando-as à medida que gravitam, até se desenvolver um corpo forte e belo. O nosso movimento, pelo contrário, começou na esfera externa do negócio comum; e embora, à primeira vista, estivesse repleto de promessas redentoras, eu previa a sua dissolução final. Ainda assim, o meu propósito era escrever quase todas as semanas para o jornal e, cooperando com o editor, o escriba, o poeta, J. K. Ingalls, Frances H. Green, o Rev. W. M. Fernald e outros, tentar difundir alguma luz espiritual sobre o mundo humano.

Os acontecimentos dolorosos a registar no capítulo seguinte não serão vistos na sua verdadeira luz, a menos que o leitor beba primeiro outro gole das águas turbulentas que espumavam e borbulhavam em redor da cidadela do escritor.

Antes de deixar Poughkeepsie, recebi várias cartas do poeta-missionário. Numa delas — datada de 14 de Novembro de 1847 — encontrei o seguinte:

"Hoje alegrei-me em espírito. Sinto-me forte. Sinto-me interiormente seguro, apesar de circunstâncias aparentemente desfavoráveis, de que está reservado a esta verdade um triunfo final e universal. Não sei qual poderá ser o meu destino. O futuro, no que respeita às coisas mundanas, é sombrio. Pode acontecer que eu caia mártir da malignidade e do preconceito da época. Mas fica certo disto: enquanto estiver na forma, erguerei continuamente a minha voz — clamando: 'Reforma! porque o reino dos céus está próximo.' Quanto mais se opõem, mais vejo a necessidade da obra em que labutamos. Oh, por poder espiritual — para me permitir vencer todas as coisas e permanecer destemido na linha da frente da batalha!"

O espírito deste poeta era verdadeiramente heroico. A sua ideia do que um reformador deveria ser e fazer era-me afim, e a sua ambição de permanecer "na linha da frente" considerei-a louvável e coerente com o seu temperamento. Mas ele procurava uma autoridade exterior. Ai de mim! Eu era o estandarte em torno do qual os afetos do pioneiro se reuniam espontaneamente, como o seguinte trecho da mesma carta o demonstrava com excessiva clareza:

"Tenho de ter uma resposta imediata a isto. A causa exige-o. Preciso de saber para que lugares devo ir ao sair de Cleveland, Ohio. Deixa tudo o resto sem resposta, contanto que respondas a isto."

Longa e tristemente meditei sobre aquela carta. Por fim resolvi perturbar com delicadeza a sua confiança em mim como autoridade. "Mas", solilóquio eu, "como poderei fazê-lo sem ser cruel?" A simpatia fraterna, inclinando o meu juízo, sugeriu-me um plano que, sem prejudicar o seu trabalho, o lançaria sobre a sua própria razão central. O plano foi especificar vários lugares onde poderia dar conferências, a maioria dos quais facilmente acessíveis; mas outros eram tão pouco importantes e fora de caminho que dariam a impressão de que a minha visão era pouco fiável. O resultado foi exatamente o desejado. Na carta seguinte, datada de 18 de Dezembro de 1847, encontrei esta frase acolhedora: "Os lugares que indicaste ficam, penso, fora da rota e não podem ser visitados sem grande despesa."

Assim entrou a cunha naquele catálogo de evidências que levara o poeta a confiar sem questionar na minha orientação intuitiva. E esse catálogo foi posteriormente aberto de uma ponta à outra, por força dessa primeira pequena cunha, como os capítulos seguintes mostrarão abundantemente.

Pouco depois da minha chegada à residência do editor, o escriba de olhar meigo e fronte larga regressou de uma viagem de negócios por partes do Maine. Ao entrar no meu agradável gabinete, saudei-o com:

"Bem-vindo de volta, meu caro e velho escriba! Como vai a saúde e o ânimo?"

"A verdade é, profeta", respondeu ele em tom brincalhão, "que estou num estado bastante considerável de confusão mental."

"Porquê, Irmão Fishbough?", perguntei; "o que aconteceu?"

A superfície da sua fronte generosa contraiu-se em sulcos sombrios enquanto respondia, ainda com leveza:

“Bem, a verdade é que quase fiquei atordoado pelas diversas transmutações decorrentes da minha viagem malsucedida; e, além disso”, acrescentou seriamente, “sinto muitos conflitos desagradáveis acerca de assuntos ligados ao livro e ao jornal.”

“Então senta-te e falemos sobre os problemas.”

“Sim”, disse ele, cabisbaixo, “penso que uma crise se aproxima, e quero aconselhar-me um pouco contigo sobre matérias rudimentares.”

“Muito bem, escriba”, respondi animadamente, “vamos rever essas questões.”

“‘Duplo, duplo, labor e tormento’”, disse ele, sorrindo tristemente — “há algo a correr mal algures.”

— Mas não relatarei essa conversa. Ainda assim, creio que o leitor tem o direito de conhecer o segredo dos sombrios pressentimentos do escriba. O “espírito maligno” que o atormentava era o embaraço pecuniário, provocado por causas estritamente locais e mundanas. O escriba, recorde-se, era o meu melhor amigo entre o grupo de laboriosos companheiros. Conhecia-me bem — tratava a minha posição com deferência, mas não me considerava um guia infalível — e nada ocultava. Éramos irmãos de espírito um do outro. Nessa relação encontrava eu completo repouso. Contudo, creio que ele não percebia a verdadeira causa das suas dificuldades privadas. Não tinham origem na Providência, mas na imprevidência. Nisto não havia desonestidade, mas uma espécie de necessidade.

Quando me separei do Dr. Lyon no início da primavera, toda a fonte de sustento foi imediatamente encerrada, exceto o capital emprestado para publicar o livro, do qual tanto a família do escriba como o operador viveram até Agosto. Depois disso, as vendas tornaram-se a única base do seu rendimento, e assim continuaram até à altura da nossa conversa e por meses depois. Consequentemente, os meios para publicar futuras edições diminuíam proporcionalmente ao declínio natural das vendas. O operador parecia saber tudo isto, e o editor também. Mas o afetuoso escriba pareceu posteriormente confundir as suas perplexidades pessoais com algo de infernal em certos imaginários e invisíveis instigadores do Novo Movimento.

Na época de que falo, o operador (um querido irmão da esposa do editor), com a sua recente noiva, ocupava aposentos abaixo dos meus. Calmamente, começou a perguntar “se já não estaria na altura de eu ser novamente magnetizado”. Isto era-me muito desagradável; mas, para não

ferir os seus sentimentos, limitava-me a sugerir, em resposta, que não sentia necessidade da sua influência.

Também nesta altura o poeta encontrava-se no Ohio — dando conferências com muita tribulação, vendendo livros para os parceiros e angariando assinantes para "The Univercœlum". Tal era a situação quando os acontecimentos do capítulo seguinte ficaram inscritos na tábua da minha memória.

CAPÍTULO XLVIII

NOITE E MANHÃ

"Sê aquilo que Deus te fez —
Canal de nenhum fluxo emprestado.
Ele concedeu-te mente e consciência;
Vê que caminhas na sua luz!"

Os aposentos mobilados — gabinete e quarto de dormir — estavam sumptuosamente decorados. A minha secretária estava guarnecida com todos os artigos imagináveis de utilidade e beleza. Entre as janelas erguia-se uma estante de livros valiosos que, como a profusão de outros objetos, eram novos e bastante além das minhas necessidades e desejos.

A existência desses livros deu, porém, origem a um boato insensato de que eu era um estudante vigilante e laborioso. "Deixe-me sussurrar-lhe uma palavra ao ouvido", disse um literato de rosto rosado que certa vez visitou o meu gabinete a um inimigo da clarividência, "deixe-me dizer-lhe que Davis estava a escrever artigos médicos para o jornal quando vi um livro de medicina sobre a sua mesa. Aí tem! Pense o que quiser. Eu apenas lhe digo o que vi." Mas eu tinha consciência de que tais suspeitas eram infundadas; e, por isso, nem tentei ocultar os livros nem evitar a existência de aparências desfavoráveis.

Recordo bem o dia frio de um Dezembro agreste em que caminhava pelo quarto e, notando a exata semelhança do meu gabinete com o aposento visto na minha visão, me perguntei: "Que significava a presença da senhora? Quereria isso dizer que ela me visitaria aqui?" Um sopro quente passou sobre o meu rosto enquanto formulava a pergunta, e logo ouvi as palavras: "Olha — para — a — história — da — tua — Irmã-Espírito."

Embora a minha mente estivesse interessada num tema então em mãos — "A verdadeira mas não amada Religião" — voltei toda a minha perceção

interior na direção sugerida. E mais uma vez percorri o caminho da minha benfeitora. Vi o seu nascimento e infância; a vida no colégio interno; as visitas aos pais na cidade de Washington; o casamento, para agradar a outros, com um cavalheiro por quem sentia uma repugnância invencível; como essa repulsão amadureceu em ódio positivo; as suas viagens à Europa em busca de liberdade pessoal; o regresso; os esforços para suportar a falsa união por causa dos familiares; a segunda viagem ao continente oriental.

A estadia em Berlim, Paris e Londres; a sua presença entre o brilho mundano e as festividades régias; a morte dos pais; o refúgio nos afetos e na fé atraente da Igreja Católica; o descontentamento constante em todas as circunstâncias; o segundo regresso à América; a tentativa de fixar os afetos num elevado objetivo de vida; o crescente desassossego; os preparativos para Buenos Aires; a visita a mim no n.º 252 da Spring Street; o que ali vi para ela; a sabedoria de não nos encontrarmos durante os meses intermédios, a saber: que a minha mente, neste período inicial do seu crescimento, se mantivesse naquele estado exterior indiferente necessário para assegurar êxito no seu difícil trabalho interior.

Que a minha missão, incluindo a minha própria pessoa, ocupava sozinha os seus afetos; que, não tendo filhos e sendo abundantes as razões para a separação, deveria obter o divórcio; que então seria justo, correto e útil que nos casássemos; que assim seria resgatada de provações mais severas do que quaisquer decorrentes do nosso casamento; que o seu rendimento, embora de pouca ou nenhuma utilidade para mim individualmente, seria suficiente para sustentar os seus hábitos luxuosos de vida; e, finalmente, que eu já não precisava de me preocupar com as influências locais e desejos particulares das mentes circundantes.

Como vi tudo isto? Não por comunicação espiritual, caro leitor, mas pelo poder clarividente de investigação exata. O passado variado estava todo diante de mim; as circunstâncias presentes contemplei; os principais elos da cadeia de acontecimentos futuros tracei e avaliei como o astrónomo prediz um eclipse.

Ah, agora a minha visão de Poughkeepsie começava a parecer uma vaticinação completa. Escrevi, pois, à senhora relatando toda a minha investigação interior. A barreira da distância foi removida; e, na manhã seguinte, ela apresentou-se pessoalmente diante de mim. Estava profundamente agitada; e quando reiterei a mensagem da vida interior que a minha carta lhe transmitira, tremeu de emoção, e lágrimas brotaram abundantemente do seu coração longamente fatigado.

"Será possível", disse ela, quando a voz lhe voltou, "será possível que nos casemos?"

"Sim", respondi, "nunca vi nada mais claramente na minha vida."

"Neste mundo, querido irmão?", perguntou.

"Sim, neste mundo, minha Irmã-Espírito."

"Oh, o meu coração nunca ousou esperar tanto!", exclamou em tom arrebatado. "Este é o dia mais feliz da minha vida! Pois comecei a temer que nunca mais o veria. Mas" — acrescentou, enquanto uma súbita sombra lhe toldava o semblante — "que dirá o mundo?"

"O mundo não tem direito de interferir, se obtiveres o divórcio", respondi. "Essa é a primeira coisa a fazer agora."

"Mas sou muito mais velha do que tu, e as pessoas não estão habituadas a tal diferença de idades — não será isso uma objeção?"

"Não", disse eu, "nada merece consideração além da questão de um divórcio rápido."

"Sim? Tens a certeza? É só isso? Os teus amigos concordarão?"

"Os meus verdadeiros amigos concordarão", respondi. "Os falsos não contam."

"Obrigada! irmão, muito amado, obrigada! Preparar-me-ei para partir para Bristol na próxima segunda-feira."

"Porque vais para Bristol?", perguntei eu.

"Porque lá vive um advogado muito talentoso", respondeu ela; "e na vila podem obter-se provas para garantir a minha libertação de uma odiosa servidão."

A sua visita foi longa e útil. Tendo eu visto através da sua história, pude conversar com ela sobre as suas viagens; sobre os perigos que enfrentara em diferentes períodos da vida e como lhes escapara. Por vezes parecia belamente apaziguada e, depois, indignada perante certas lembranças. O leitor poderá formar alguma ideia desta minha benfeitora a partir de algumas frases descritivas:—

Era fisicamente bem proporcionada, um pouco acima da estatura mediana, e aparentava ser cerca de vinte anos mais velha do que eu. O seu semblante, outrora belo, exprimia toda a emoção interior. Força, sofrimento, ambição, devoção, infância, impetuosidade — tudo se desenhava nas linhas

do seu rosto expressivo. O sentimento, não o pensamento, predominava. Com infalível certeza, percebi que ela era precisamente o caráter adequado para me acompanhar na subida à Montanha do Poder. No seu olho escuro havia um olhar de dignidade régia e ousadia.

Quando encolerizada, poucos conseguiam encarar e corresponder à sua expressão. Nascera para mandar. As suas maneiras e o seu discurso eram extremamente graciosos e lisonjeiros para com os seus favoritos particulares; mas, para aqueles de quem não gostava, havia no seu olhar fulgurante e no seu porte imperial algo que impunha imediata hostilidade. A sua benevolência era impulsiva. Nada era demasiado bom para aqueles que amava. Para esses, as suas palavras e dádivas eram profusas e dispendiosas. Mas, para os seus inimigos, não havia castigo demasiado severo.

Vendo tudo isto, eu disse: "És governada pelo amor, não pela sabedoria. Só os teus impulsos te tornam, muitas vezes, infeliz, ao passo que um exercício calmo da sabedoria te daria o céu na terra."

"Sim, meu irmão — eu sei que me consegues ler", respondeu ela. "Que podes fazer por mim? Dar-me-ás sabedoria?"

"Ajudar-te-ei a ficar tranquila", foi a minha resposta — "creio que posso tornar a tua vida mais útil e feliz; de outro modo, eu não proporia este casamento extraordinário."

Assim terminou a nossa primeira entrevista. Antes de partir para Bristol, tivemos mais duas conversas, e ela foi-se embora cheia de coragem.

Passaram-se algumas semanas até concluir os seus preparativos para a separação legal. Ficou combinado que o assunto seria apreciado na sessão seguinte da legislatura de Rhode Island. Mas a sua saúde estava muito debilitada e ela ansiava por sossego e auxílio médico. Tomei então sobre mim a responsabilidade de a aconselhar. Nas circunstâncias, julguei prudente tê-la perto de mim até que os procedimentos legais instaurados exigissem a sua presença. Por isso, obtive junto do editor um quarto no mesmo piso que o meu e, assim, abri caminho para uma estada temporária da nossa benfeitora comum no meio das convivências domésticas.

De acordo com este arranjo, mas antes do tempo previsto, a minha Irmã-Espírito chegou — transbordante de entusiasmo. Era, com razão, vista como uma hóspede distinta. Por isso, a sua chegada do barco, de madrugada, quando "as coisas não estavam em ordem", foi manifestamente desagradável para todos, exceto para mim. Ainda assim, ela saudou calorosamente os diversos moradores, tomou de imediato posse do seu

quarto com o ar de quem está habituada a mandar, e preparou-se para tomar o pequeno-almoço com a família.

O meu coração estava grato por esta segunda vinda da minha querida amiga. A sua idade e a sua natureza eram uma dupla barreira a tudo o que não fosse a mais respeitosa reserva entre nós. O meu apreço por ela era tão puro e reverente como se ela fosse um ser dotado dessa fabulosa Ilha Atlanteana —

"No longínquo Sul, onde nenhuma brisa rude
Jamais varre a planície dos mares halciônicos,
Onde os ares respiram bálsamo e os céus sorriem
Com uma gloriosa radiância."

Parecia uma espécie de abadessa régia, ou irmã mais velha, por quem eu nutria uma afeição profunda e sagrada. Cansado de escrever para o "Univercœlum" e sabendo que ela estava resolvida a pagar, com os seus próprios meios, as minhas futuras despesas de hospedagem, aceitei com gratidão a necessária oportunidade de lazer e dediquei as horas fugidias ao descanso e à conversa. O dia depressa passou e a noite caiu sobre o mundo.

Então relatei-lhe muitas visões e instruí-a nos princípios da existência espiritual. Mas, não tardou, chegou a hora de recolher. O fogo na lareira do meu gabinete ardia com calor. O divã ali era rico e amplo. O quarto dela era comparativamente frio, pouco acolhedor e mobilado de modo comum. A sua saúde estava bastante fragilizada. Por isso, aconselhei-a a trocar de quarto comigo ou, então, a ocupar o amplo divã diante do fogo do gabinete. A esta última sugestão ela anuiu; e eu recolhi ao meu quarto contíguo para passar a noite.

Na manhã seguinte, antes de a minha estimada irmã ter deixado o seu repouso tranquilo, ouvi a pancada da criada na porta do gabinete. Era tempo de reacender os fogos. Silenciosa e apressadamente, passei do meu quarto, por trás do divã, até à porta, para pedir à mulher de trabalho que não entrasse ainda, dizendo que em breve estaríamos prontos a admiti-la; e, tão depressa quanto isso, voltei para o meu próprio aposento. Dou todos estes pormenores, caro leitor, para que melhor compreendas o que deles resultou. Acrescentarei ainda que, para promover a saúde e o conforto da nossa benfeitora, a induzi a fazer do mesmo agradável quarto — que eu não podia deixar de considerar mais dela do que meu — o seu dormitório sagrado durante várias noites subsequentes.

Algumas manhãs após a chegada inesperada da minha irmã, entrei no escritório do "Univercœlum", na Broadway, em frente da fonte do Park, quando o editor, cavalheiro, disse: "Ah, como vai Vossa Alteza Profética?"

Esta designação era, naturalmente, aplicada em tom de brincadeira — pois o editor era um daqueles que nunca recebeu as minhas revelações clarividentes como padrão da sua crença — para grande satisfação minha e não menor crédito intelectual dele. De facto, ouvi-o afirmar a sua aceitação geral de "As Revelações Divinas da Natureza", porque todas as suas proposições principais já anteriormente haviam ocupado o seu próprio espírito. E embora a atribuição deste motivo como base da sua adoção dessas novas verdades me parecesse ligeiramente tingida de idealidade, nunca questionei a sinceridade da sua afirmação.

"Obrigado", disse eu, "desde que deixei de escrever e de examinar, começo a sentir-me melhor."

Havia duas ou três pessoas presentes no momento, e o editor mostrou grande calor para comigo, mas vi uma nuvem escura a pairar entre nós. Fiquei sobressaltado. "Que poderá isto significar?", pensei eu. E, desejando a solidão para resolver a questão, virei-me para sair do escritório; ao que o editor se aproximou e perguntou cordialmente: "Para onde vai, Irmão Davis?"

"Tenho um compromisso em casa do Sr. Freeman, o artista", disse eu, "onde espero encontrar a Sra. Dodge."

"Espere um momento, até eu rever esta prova, e depois acompanhá-lo-ei."

Pouco depois caminhávamos de braço dado em direção à residência do artista. O modo do meu amigo era extremamente fraternal, o tom suave como a própria música do amor, mas por dentro escondia-se um segredo opressivo, destinado aos meus ouvidos.

"Tenho de lhe dizer uma palavra a respeito de um certo assunto, por mais penoso que seja perturbar o seu espírito, Irmão Davis", começou ele por fim; "e espero que isso não afaste de mim o seu apreço, nem o apreço por quaisquer dos seus valiosos amigos."

"Penso que posso ouvir qualquer coisa vinda de si, sem que isso perturbe a minha amizade", respondi.

"O meu espírito tem estado muito perturbado desde a manhã seguinte à chegada da Sra. D., por causa de uma dolorosa suspeita que se espalhou pela minha família contra ambos."

"De facto!", exclamei. "Diga-me, por favor, o que é?"

"Na manhã seguinte à chegada da senhora", continuou ele, "quando a criada foi ao quarto dela (da Sra. D.) para acender o fogo, encontrou a porta destrancada, as roupas de dia da Sra. D. penduradas num dos postes da cama e a cama intacta, mostrando que não tinha sido usada. Depois foi ao seu quarto, bateu a pedir entrada, pois já era tarde, e então o senhor veio à porta em deshabillé e pediu-lhe que esperasse mais um pouco."

Ao ouvir isto, a minha alma entristeceu; mas, apoiando-me no Cajado Mágico, eu disse: "Bem, Irmão Brittan, e a que é que tudo isso levou?"

"Pois a rapariga desceu as escadas num grande estado de excitação, assustada e irritada, e declarou que sabia positivamente que a Sra. D. tinha ocupado o seu quarto."

"O quê!", disse eu, "não me quer dizer que ela declarou que o meu quarto de dormir tinha sido assim ocupado?"

"Sim", respondeu ele, tristemente, "mas eu atuei de imediato sobre os seus medos. Mostrei-lhe que não podia ter certezas — que não tinha conhecimento pessoal de quaisquer circunstâncias positivas — e que, por tão grave calúnia, podia vir a sofrer até na prisão. Sim, Irmão Davis, foi apenas com a máxima energia de oposição que eu silenciei temporariamente a língua da nossa criada."

"Então", disse eu, "essa suspeita existente na família contra nós explica todos aqueles olhares sombrios e ácidos que têm abundado há alguns dias."

"Sem dúvida", respondeu ele. "Lamento muito estas circunstâncias e acontecimentos recentes."

"Porque não me falou disto antes, até hoje?", perguntei.

"Porque se manteve afastado de nós — negligenciando, ao mesmo tempo, dar atenção aos amigos de Bridgeport que eram nossos hóspedes — o que tornou necessário esperar por uma ocasião mais conveniente."

"Agora, Irmão Brittan, confessarei francamente que as aparências, tal como as apresenta, estão contra mim. Mas", disse eu com firmeza, "os factos estão inteiramente a meu favor, e isso basta-me saber." Depois dei-lhe um breve esboço das circunstâncias reais e dos verdadeiros motivos que

caracterizaram os nossos movimentos privados, tal como os esbocei para ti, caro leitor, entre os registos das páginas anteriores. Mas, sabendo que o editor era extremamente sensível quanto à necessidade de evitar más aparências, acrescentei: "Suponho que devo ser mais cauteloso na minha conduta no futuro."

"Por razões que poderá compreender", disse ele com cordial energia, "considero importante que a sua boa fama permaneça sem mancha."

"É mais importante", repliquei eu, "que eu aja em harmonia com as minhas próprias perceções interiores."

"Espero que não me considere insincero, Irmão Davis", retorquiu ele, "quando digo que os seus amigos o estimam demasiado para não se preocuparem profundamente com tudo o que possa afetar prejudicialmente a sua reputação perante o mundo."

"Não, Irmão Brittan, creio que é sincero", disse eu. "Mas a amizade dos amigos não é tão importante para mim como a justiça e a consciência de agir corretamente."

"Sim, sim", respondeu ele brandamente, "mas mesmo quando há pureza interior, um homem pode sofrer se as circunstâncias externas e as aparências forem desfavoráveis. Talvez não saiba que a minha esposa tem sofrido imenso com estas dolorosas alegações. Pois ela considera-o um modelo de excelência pessoal."

"Não sou insensível à aprovação dos meus amigos", disse eu. "E quanto ao caso presente, prometo rever toda a questão e agir de acordo com o que parecer ser o nosso bem-estar mútuo."

Dito isto, entrámos no quarto do artista, onde a minha honrada benfeitora aguardava. Tendo o Cajado para me sustentar, não deixei transparecer nada da minha agitação interior e, pouco depois, pedi à senhora que me acompanhasse até Williamsburgh. Durante a caminhada através de Nova Iorque até ao ferry de Peck Slip, contei-lhe tudo o que se passara entre o editor e eu. Lá fora, o dia era resplendente; mas uma escuridão régia cobriu o rosto da senhora enquanto escutava.

Emoções de medo, desprezo, vingança e tristeza alternavam e misturavam-se nos seus olhos escuros. Estas rápidas mudanças tornavam as suas expressões dramáticas e o seu desagrado trágico. "Contenha os seus sentimentos, minha querida irmã", disse eu, "pois tudo isto pode redundar em nosso benefício. Esta noite olharei interiormente para o assunto e determinarei o nosso rumo futuro."

"Mon Dieu!", exclamou ela amargamente. "Que conspiração! Que mentira maligna! Não têm estes homens e mulheres, seus amigos, confiança em si? Não o conseguem ler suficientemente bem para saber que não cometeria tal erro?"

"As aparências, minha querida irmã", disse eu, apaziguando-a, "as aparências estão contra nós, e é por elas que o mundo julga, como sabe."

"'Honi soit qui mal y pense!', como dizem os franceses", respondeu ela. "Estas pessoas chamam-se 'Reformadores', é? Dizem ser os seus 'melhores amigos', é? Amigos muitíssimo nobres! reformadores muitíssimo nobres! mestres muitíssimo nobres da pureza! Eu vi muito do mundo", continuou, um pouco mais contida, "e, no entanto, entre aqueles que não fazem pretensões reformadoras, mas vivem apenas como borboletas sobre as flores murchas da moda tola, nunca ouvi um escândalo que igualasse este!"

"Não se deixe perturbar demasiado", disse eu. "Devemos alimentar o espírito do perdão, como sabe, e fazer o bem até mesmo àqueles que deturpam os nossos atos mais dignos."

"Recordo as palavras de uma condessa alemã", respondeu ela calorosamente: "'Eu perdoo por justiça para com os meus inimigos — eu recordo por justiça para comigo mesma.'"

Quando chegámos a poucos passos da residência do editor, abrandámos o passo e eu disse: "Agora peço-lhe, minha querida irmã, que esconda da família o seu severo preconceito presente. Esta noite procurarei sabedoria e, amanhã de manhã, dir-lhe-ei que caminho devemos trilhar. Se for melhor partir imediatamente para Bristol e aí aguardar a sessão da legislatura; ou se for melhor mudar-se para outra residência nesta vizinhança; ou, finalmente, se for melhor permanecer alojada precisamente onde está, mesmo nas circunstâncias atuais, sabê-lo-ei em breve e dir-lho-ei com franqueza. Entretanto, esteja calma, minha irmã! pois, com esta consciência de inocência a habitar como um anjo em cada um dos nossos corações, nada nos poderá causar dano."

"Obrigado! querido irmão. Obrigado!", respondeu ela submissamente. "Sei que fará o que é correto. Confio em si. Não irei, perante a família, trair o meu desagrado. Prometo-lhe!"

De imediato fui reunir-me em conferência com o bondoso escriba. Contei-lhe tudo acerca da minha triste posição. Ficou profundamente pesaroso, mas, como um verdadeiro amigo, ofereceu-me a duradoura simpatia da sua alma.

CAPÍTULO XLIX

FACTOS E FANTASIAS

"Venha um, venham todos: esta rocha voará
Da sua base firme tão depressa quanto eu."

Apressei-me a recolher ao doce retiro do meu gabinete-sala e, trancando a porta para impedir intrusões, entreguei-me à meditação interior.

Primeiro, contemplei e avaliei o valor da minha relação com o nosso jornal; os desejos do editor de manter uma reputação sem mancha; o imenso serviço pecuniário que a minha Irmã-Espírito prestara à causa em que labutávamos; o conhecimento que eu tinha de que ela viria a ser minha esposa após o divórcio; que a sua saúde estava muito comprometida e exigia tratamento judicioso; que eu começara a separar-me da falsa posição de ser o centro de uma nova fase de propagandismo religioso; que a obra de auto-libertação estava agora plenamente iniciada; e que, auxiliado pelas particularidades mentais da minha irmã, eu em breve alcançaria uma esfera de individualidade que era o primeiro grande fim procurado por cada um dos meus anjos guardiães. Recordando as palavras proféticas de Swedenborg — proferidas a 7 de março de 1844 — citei:

"Obstruções de várias espécies afetarão a tua vida exterior; mas tenderão a expandir mais plenamente o teu ser interior." E, de novo: "Prossegue o teu caminho e ama apenas as coisas que conduzem à verdade e à sabedoria." Depois raciocinei assim:

"Aqui está uma questão de política externa, de reputação mundana, de fazer aquilo que apenas me pode trazer a aprovação de pessoas na esfera da amizade. Suponhamos que eu cedesse a esta tentação de fazer amigos com o mundo; então não fugiriam a 'verdade e a sabedoria', entristecidas, da minha alma apóstata? E o que viria como minha recompensa apropriada e única? Ah, bem sei que, na melhor das hipóteses, eu ficaria oprimido pelo peso cansativo da adulação pública. Apenas isto, e nada mais. Não", disse eu, "a minha benfeitora ficará! Deve ser respeitada como a minha futura companheira, e eu assumirei as consequências privadas e públicas."

Chegado a esta conclusão impopular, fui procurar a minha honrada irmã e disse-lhe, em poucas palavras, tudo. Ela pareceu ficar satisfeita. Tocou a campainha do chá e sentámo-nos com o grupo doméstico. Mas o seu severo preconceito contra toda a família era irreprimível. Exibia um desagrado altivo e desafiante. Eles sentiram-no e empalideceram com uma inquietação indefinível. Ao regressar ao meu gabinete, admoestei-a a controlar e vencer

as suas expressões, para que não se despertasse depressa amarga hostilidade contra nós. Estava infalivelmente certo de que uma escuridão de meia-noite, vinda da esfera exterior, cairia aos nossos pés. O único indivíduo na casa, além da minha irmã-amiga, com quem eu me importava de falar, era o operador, ainda amistoso.

Assim, solicitei de imediato a sua presença. Quando entrou no gabinete, eu disse: "Uma nuvem de tempestade rebentou sobre a nossa casa, doutor, e quero que saiba como aconteceu."

"Lamento-o profundamente", disse ele, com bondade. "Ainda assim, gostaria de saber tudo."

Depois de repetir os simples factos que deram origem às suspeitas compostas, eu disse: "Há outra coisa, doutor, que me levou a tomar a liberdade de a convidar para aqui como pensionista: foi que, num certo dia (mostrando-lhe o registo no meu diário), descobri interiormente que ela viria a ser minha esposa."

Ao ouvir isto, o semblante naturalmente sereno e ponderado do doutor tornou-se ainda mais grave e pensativo. Pouco depois, porém, disse: "Se consentisse em ser magnetizado e, estando no seu estado superior, afirmasse que isto é correto, penso que os seus amigos em toda a parte ficariam satisfeitos."

Ora, embora eu tivesse publicado no primeiro número do "Univercœlum" que podia entrar no estado superior sempre que as circunstâncias e a minha vontade o exigissem, o doutor permanecia, como vários outros amigos que julgavam saber tudo sobre mim, particularmente alheio a esse facto; por isso, nesse ponto, não tentei acrescentar palavra alguma de explicação.

Mas prossegui: "Agora, doutor, não há necessidade de qualquer perturbação aqui. Que fique entendido que a família receba a nossa benfeitora comum como a minha futura companheira. A opinião deste mundo nada é para mim; contudo, eu não faria o mal nem pareceria fazê-lo. Preciso de descanso e recreio. Por isso não escrevo agora artigos para o jornal; mas espero em breve retomar este labor para o público."

O médico amigo transmitiu esta informação e este pedido aos vários membros, e assim se estabeleceu uma espécie de harmonia fictícia por muitas semanas sucessivas.

Por volta do fim de março de 1848, após uma ausência de quase seis meses, o poeta-missionário regressou a Nova Iorque. O seu espírito e o seu

corpo vinham atribulados e gastos pelas viagens. Durante uma estada em Cincinnati, o seu espírito, ao contactar com uma vigorosa irmandade de progressistas sistemáticos, tornou-se algo mais centrado e moralmente fortalecido. Parecia ter crescido até uma unidade espiritual e apresentar-se nobremente como um filho de Deus. A sua última carta pareceu-me cheia de boas novas. Eu já não era o seu padrão religioso. Na verdade, a sua mente estava tão verdadeiramente individualizada e centrada em si mesma, que me deu muitas indicações definidas quanto às minhas próprias obras e modos de proceder.

Na primeira noite após a sua chegada, ficou alojado comigo. Sem reservas, contei-lhe tudo o que sucedera. Os suspiros e as lutas do seu espírito, durante aquelas horas sombriamente drapeadas que pendiam entre nós e a aurora, fizeram-me sentir que estava profunda e dolorosamente agitado. Ainda assim, continuou a declarar-se meu amigo até que, no dia seguinte, lhe foi comunicada a versão do editor sobre a minha conduta; e então (para minha satisfação íntima) fui completamente expulso de um certo círculo de pureza espiritual!

"'The Univercœlum' é um jornal de boa aparência e boa leitura", disse eu um dia, pegando num exemplar recente, "e a direção reflete grande mérito no seu editor-chefe, como todos podem ver."

"Sem dúvida o jornal se tornaria extremamente influente", disse uma ouvinte do sexo feminino, "se conseguíssemos apenas preservar a sua pureza."

"Sim!", respondeu o poeta com intensa ênfase; "Deus tem os corações dos homens nas suas mãos. Deus não fala, não falará, não pode falar através de médiuns desviados e poluídos!"

Pensando que estas palavras poderiam aplicar-se a outra coisa, perguntei: "Como assim? Considera o nosso jornal um médium impuro?"

A inquietação do poeta tornou-se então mais evidente. Cerrando dolorosamente o punho direito, respondeu: "Afetos pecaminosos, egoísmo, materialidade, corrupção — por aí Deus não pode brilhar. Um homem cegado pelas paixões — um homem que cede às suas concupiscências — que se perde na sensualidade — não pode estar em unidade com Deus!" E, ao dizê-lo, tremia como se vencido por sentimentos de infelicidade e horror.

Mas, apoiando-me e crendo firmemente no meu Cajado, eu disse: "Sim, isso é bastante verdade; e desejo que todos os homens pratiquem um

princípio tão bom. Mas por que fala com tanta veemência? Encontrou porventura indivíduos assim desviados e corruptos no estado do Ohio?"

"Quanto ao Irmão Davis", interrompeu um visitante, com sátira no tom, "quanto a ele, não há perigo, porque ele é tão espiritual e tão cuidadoso com as companhias."

"Verdade", respondi eu; "sempre procurei boa companhia. Mas por vezes falho, como falhei na presente ocasião."

Nesse instante observei uma mudança a percorrer o coração de cada ouvinte. De imediato, muito amor fraternal se converteu em ódio fraternal. A minha resposta severa e sem qualificações — a primeira que jamais proferira — foi direta ao alvo! Triste e arrependido, saí da sala e apressei-me a recolher ao meu gabinete silencioso.

Encontrando ali a minha Irmã-Espírito, pedi-lhe que se recolhesse ao seu aposento, para que eu ficasse inteiramente entregue às minhas meditações interiores. Assim fez. Então, tirando os meus óculos de miopia e pondo a minha clarividência de visão longa, olhei diretamente para a sala do editor. Assim pude discernir os pensamentos de cada pessoa.

"O caso é claro", disse o poeta com ênfase. "Aquela mulher tem uma esfera positiva — é uma mulher do mundo — tem ambições a satisfazer — é movida por motivos mistos — está a arrastar o Irmão Davis para a sua própria esfera — e nós, seus irmãos, devemos ser igualmente positivos e resgatá-lo já!"

"A influência da mente dela é extremamente positiva", observou o doutor. "Creio que o psicologizou parcialmente. Também desviou o seu apreço dos seus melhores amigos. Gostava de saber o que ele diria disto no seu estado superior!"

"Sim", interveio o poeta, "o Irmão Davis é uma vítima! Perdeu a sua pureza. A sua clarividência desapareceu! As cartas que me escreveu provam-no. Ponho a minha confiança em Deus."

Mas não — não registarei mais palavras cruéis e injustas que foram ditas nessa noite e em ocasiões subsequentes. Passados poucos dias, eu já tinha removido o rico mobiliário dos meus quartos para a residência do escriba, não muito distante. A minha benfeitora, assustada, fatigada e indignada, preparava-se agora para partir para Bristol, Rhode Island. A esposa do escriba, sem preconceitos, acolheu-a e entreteve-a com alegria até ela partir.

Antes, porém, deste acontecimento, o escriba e eu fomos visitar o editor, perturbado. O poeta já lá estava. Retirámo-nos os quatro para uma das salas, quando o poeta tremeu e disse:—

"Irmão Davis, a ocasião exige grande franqueza. Sou um homem simples e sério, e assim devo exprimir-me. Serei culpado diante de Deus se não lhe disser tudo o que tenho no espírito."

"Certamente", disse eu, sentindo verdadeira bondade, "espero que fale muito claramente, Irmão Harris."

"O nosso movimento está embaraçado", prosseguiu ele, nervosamente. "Os seus amigos estão inquietos em todas as direções. A notícia da sua corrupção chegou a Vermont. Fala-se disso em Troy. Está na boca de todos em toda a parte! Enviam-se artigos de denúncia para o Tribune, para o Herald, para o Sunday Dispatch. A ruína está no nosso caminho. Diante de nós caminham os poderes da destruição. Estamos no templo de uma Noite escura. E olhamos para si! Mas o meu irmão é vítima de um estranho magnetismo!"

"Veja bem", interrompeu o escriba, com ar decidido, "penso que esses relatos escandalosos não chegaram assim tão longe, de modo nenhum."

A isto, os olhos do editor faiscaram com intensa excitação. "Há um ponto", disse ele, com energia enfática, "para lá do qual a tolerância deixa de ser virtude."

O meu Cajado Mágico, legado pelo Céu, estava então muito forte e, com a bendita consciência da minha retidão privada, o meu coração estava em paz e eu sorri calmamente. Os amigos não sabiam que eu tinha investigado a extensão da minha impopularidade. "As vossas acusações", disse eu, "são totalmente falsas, e a vossa história extravagante sobre a comoção generalizada é bastante poética. Mas estou disposto a ouvir qualquer proposta que queiram apresentar. Só peço uma coisa: que a Sra. Dodge seja autorizada a partir em paz."

O ponto seguinte, de grande importância para mim — e para todos os que desejem acompanhar a minha penosa ascensão pela Montanha do Poder — foi a receção de um aviso fraternal do editor. Realizar-se-ia uma reunião dos irmãos em sua casa. Quão grato fiquei por a nossa benfeitora aflita ter escapado a todo o conhecimento desta prova eclesiástica! Ela já partira para Bristol.

O escriba e eu caminhámos de braço dado até à casa do editor. Os diferentes membros do tribunal secreto estavam sentados pela sala. O

objetivo especial da sessão eu compreendia-o bem. Era induzir o meu regresso à posição anterior relativamente à nossa vida social e ao nosso trabalho público. Como meio para alcançar esse objetivo, pretendiam forjar uma cadeia de indícios circunstanciais: primeiro, para resolver a questão da minha corrupção pessoal; e, segundo, para estabelecer a suspeita de que a minha Irmã-Espírito era uma mulher desviada e calculista. Mas eu tinha pleno conhecimento do contrário destas alegações e, por isso, toda a minha alma estava serena e forte, preparada para receber as acusações sem amargura nem contenda. Havia ali algumas pessoas, como observei, que não apreciavam muito o papel que lhes fora atribuído, pois eram secretamente meus amigos firmes. Mas o meu defensor aberto era o fiel e consciencioso escriba.

Em privado, eu resolvera dar início ao julgamento — e dizer, em trinta minutos, tudo o que diria em minha defesa. Depois de declarar o que eu considerava serem os objetivos da conferência, disse:—

"Afirma-se que sou vítima de uma mulher calculista. Pois bem, deixem-me ler alguma da nossa correspondência."

Então passei a ler alguns excertos das suas cartas — para mostrar, primeiro, que ela não alimentava a mínima esperança de alguma vez me ver nesta esfera, até eu lhe dar permissão para me visitar pessoalmente num certo dia; em segundo lugar, para mostrar que ela não pensara em tornar-se minha esposa até receber de mim a proposta nesse sentido. Enquanto lia um excerto que indicava que ela não era movida por qualquer desígnio — que era apenas o seu coração que segurava as rédeas que guiavam os seus movimentos — o editor interrompeu:—

"Ahá! Eu não sabia que havia tanto amor neste assunto." Depois acrescentou: "Peço licença para sugerir que toda esta leitura não tem relevância essencial para os objetivos específicos desta reunião."

Dizendo isto, ergueu-se com firme dignidade e apoiou-se na sua crença, enquanto eu me apoiava no meu Cajado. Começou as suas observações exprimindo "o penoso pesar que sentia ao reavivar assim a memória de circunstâncias e transações passadas". E depois, com palavras cuidadosamente escolhidas, fez uma exposição de muitos factos e muitas fantasias. As suas afirmações jogavam todas contra mim e contra os meus; e, ainda assim, eu não conseguia sentir raiva.

A minha alma saiu de si e colocou-se caridosamente na sua posição mental. Vi o caso do seu ponto de vista e do seu temperamento e, assim, fiz-me compreender a naturalidade das suas inferências. Além do medo de vir a

ser publicamente condenado por ter protegido um suposto mal doméstico, o editor, naturalmente bondoso e confiante para com os seus amigos, tornara-se severamente exasperado por um confronto prolongado com as expressões severas e desguardadas de indignação imperiosa da minha irmã. Embora eu suavizasse frequentemente os seus preconceitos, ela não conseguia, por vezes, controlar o impulso arrogante de, verbalmente, queimar toda a oposição. Nem o adversário assim "queimado" conseguia controlar os sentimentos de orgulho ferido, nem as amargas expressões da consequente repugnância pessoal. Por isso, eu não podia sentir a menor resistência aos procedimentos instaurados e às palavras pouco amáveis proferidas na noite daquela memorável reunião.

Por fim, o poeta, que tomara parte ativa nas ocorrências da noite, aproximou-se de mim num estado de ânimo mais tranquilo e disse:—

"Vá, agora, Irmão Davis: está entre os seus irmãos; nós somos seus amigos e não o trairemos. Diga-nos, então — foi conduzido a esta criminalidade, como as provas parecem demonstrar?"

"Porque pergunta?", inquiri. "Afinal, duvida das provas tão engenhosamente alinhadas aqui esta noite?"

"Oh, não; mas queremos que seja franco connosco, seus irmãos, e nós o sustentaremos em tudo."

"Veja lá", interveio o escriba, que até então pouco dissera, "eu oponho-me a que o Irmão Davis dê qualquer resposta. No direito comum, um homem é considerado inocente até prova em contrário. Ninguém é obrigado a testemunhar num caso destes, e aconselho o Irmão Davis a não responder absolutamente nada."

Esta oposição súbita do ponderado escriba atingiu o peito do editor, e o seu amor fraternal pareceu inverter-se. Raramente se permitia o luxo de estar inteiramente enganado; e a ofensa do escriba consistiu nesta declaração aberta de ceticismo quanto às suas posições. O seu ideal de um homem feito parecia ser o de alguém que nunca é obrigado a alterar essencialmente as suas proposições. Ser irrepreensivelmente coerente era sempre o seu louvável propósito.

Assim, qualquer oposição direta era uma reflexão sobre as suas faculdades de raciocínio. Por isso, o manso escriba foi, durante semanas, levado a perceber a transgressão que cometera. Talvez ainda não tenha recuperado por completo de feridas privadas infligidas em consequência da sua amizade conscienciosa por mim.

Por volta da meia-noite, o conclave secreto foi dissolvido, com o entendimento, por parte de alguns, de que eu deveria "reconsiderar" a minha intenção, abertamente declarada, de casar. A principal razão alegada para querer impedir a união era a crença deles no escândalo ultrajante de que a minha Irmã-Espírito vivera indignamente.

Na manhã seguinte, as minhas meditações foram estas: "Quão cruelmente foi a minha querida amiga deturpada! Mas, concedamos que ela tenha sido uma mulher desviada, como o poeta declarou abertamente e com certeza ontem à noite — e então? Deverei por isso abandoná-la? Pode o que erra ser reconduzido pela austeridade e pela denúncia? Ultimamente não tenho ouvido senão insinuações sobre 'pureza' — banalidades tolas acerca de 'virtude' — dissertações poéticas sobre 'sensualidade' — de pessoas cuja missão pretensa é reconduzir o errante! que professam amizade ao viajante extraviado! que acreditam em retribuir o mal com o bem — palavras de amor por palavras de ira — que erguem um elevado padrão para a humanidade!

Se a minha benfeitora fosse a mulher que estes homens descrevem (o que eu sei ser falso como o próprio erro), então tanto mais forte seria a razão para que eu, infalivelmente, fizesse brilhar sobre ela e curar-lhe o coração ferido o sol espiritual do amor fraternal. Estes homens não podem ser os meus guias. Dizem que o mundo franzirá o sobrolho e me condenará. Pois bem, a condenação dos ignorantes é toda a aprovação mundana de que a minha alma necessita. O poeta diz que o 'Tribune' pode publicar uma exposição da minha conduta. Pois bem, se houvesse Tribunes diários emitidos em cada palmo de espaço entre a terra e o sol, e se cada número contivesse um artigo contra mim, eu continuaria no caminho que escolhi. O que a consciência dita que deve ser feito, isso farei, e não me desviarei para me aconselhar com os poderes deste mundo."

O que me sustentou, caro leitor? Foi a consciência interior de bem proceder e o meu bendito Cajado Mágico. O meu rumo conduzia-me pela Montanha do Poder — não poder sobre as mentes dos homens ou sobre as circunstâncias, mas poder sobre tudo o que fosse egoísta e imperfeito em mim mesmo — uma peregrinação de benefícios psíquicos eternos.

CAPÍTULO L

O CASAMENTO FRATERNAL

Por volta de meados de abril de 1848, pouco depois da memorável reunião da meia-noite, empreendi a minha fuga das habitações dos homens. O amado escriba acompanhou-me ao barco e deixou no meu coração o selo de uma afeição indissolúvel.

A primavera sorria por toda a parte. Poughkeepsie parecia bela como sempre. O Céu estava transcendentalmente glorioso. O exílio que temporariamente me impus tinha por finalidade alcançar dois objetivos, a saber: cortar toda e qualquer tentativa de me fazer "o profeta" de um movimento teológico-filosófico e preparar a minha mente para um plano superior de utilidade pública. Olhando para trás, para os meus irmãos de Williamsburgh, eu disse: "Pai, perdoa-lhes, não sabem o que fazem." E uma orvalhada chuva de bênçãos angélicas caiu sobre o meu espírito. Oh, quão doce foi o meu repouso! As minhas horas mais solitárias eram encantadas por palavras amorosas de lábios não vistos por homem mortal.

Tinha dois correspondentes estimados — o meu irmão escriba e a minha Irmã-Espírito. As cartas dele vinham cheias de impressões, de fora e de dentro; as dela traziam marcas evidentes de medo, tristeza, tribulação, fadiga e puro afeto. Numa das suas mensagens escritas, dizia:—

"Ficarás surpreendido, irmão muito amado, se te pedir que consideres mais uma vez a conveniência dos meus planos atuais. Ainda tens a certeza de que terei êxito nos meus procedimentos legais? A minha ansiedade de sacudir as algemas odiadas é intensa! Muitos, muitos anos tenho eu ansiado por liberdade! Consegui-la-ei? Sabes que a terei? Diz-me — eu posso suportar — pois posso morrer. Lamento ter-te causado tantos problemas. Por vezes temo não ser adequada para ti. É correto? Tens a certeza de que devemos casar?"

Mas, semana após semana, acalmei as águas turbulentas e inspirei-lhe coragem, esperança e força para vencer. De dia e de noite eu estava sereno como a verdade; mais ainda, elevado, sustentado no propósito, cheio de luz sobre grandes questões e feliz. Contudo, ansiava pela presença de algum amigo confidente; e, por isso, perto do fim de abril, escrevi ao escriba e pedi-lhe que me viesse visitar. Ele veio, e os nossos espíritos misturaram-se nos prazeres de uma elevada conversa fraternal.

"Irmão Fishbough", disse eu, "há três princípios cardeais pelos quais um verdadeiro homem pode infalivelmente reger a sua vida — a saber: Justiça consigo mesmo, Justiça fraternal e Justiça universal."

"Sim", respondeu ele, "estas ideias têm-me surgido ultimamente sob um novo aspeto."

"Isso é bom!", exclamei. "E que pensaste sobre elas?"

"Veio-me claramente ao espírito", respondeu ele, "que a justiça consigo mesmo é a base a partir da qual um homem pode começar a aperfeiçoar-se em harmonia."

"Sim — isso mesmo — continua", disse eu. "Assim o vi quando escrevia aquele artigo sobre 'A verdadeira mas não amada Religião'."

"A justiça consigo mesmo", prosseguiu o calmo escriba, "ensina-me, primeiro, os meus deveres para com o meu próprio corpo (preservar a saúde, etc.); segundo, os meus deveres para com essa outra parte de mim, a minha esposa e os meus filhos; e, terceiro, os meus deveres no que respeita a propriedade, reputação, etc. Sinto agora, como nunca senti antes, que esta justiça CONSIGO MESMO é a base sobre a qual assenta toda a justiça para com o próximo e para com o mundo."

"Esse é precisamente o princípio pelo qual tenho procurado reger a minha vida", respondi. "Tenho mantido firmemente esta ideia de justiça, independentemente de expedientes, em todos os meus atos, e é por isso que os irmãos não compreendem os meus passos."

No dia seguinte, o escriba partiu para Nova Iorque. Ao regressar do cais, caminhando vagarosamente por uma das ruas secundárias de Poughkeepsie, fui de súbito e com força puxado para trás um ou dois passos, como por uma mão invisível. No mesmo instante, caiu no passeio diante de mim, cravando-se vários centímetros, uma pesada alavanca de ferro, que por acidente escorregara da mão de um operário no telhado de um edifício muito alto. Foi coisa de um instante. A minha fuga foi assustadoramente por um triz; e, ao prosseguir caminho, os meus nervos tremiam com o choque recebido. Mas a minha alma permanecia silenciosa. Este novo testemunho dos meus espíritos guardiães encheu-me de uma gratidão demasiado profunda para palavras. Senti que só uma vida bem ordenada poderia pagar pela vida preservada.

Tal como eu previra, a legislatura concedeu o diploma que assegurou a liberdade pessoal à minha Irmã-Espírito. O escriba acompanhou-me a Boston, e ali encontrei a mulher libertada. E, como também previra, casámos. A cerimónia legal teve lugar na residência do escriba, no dia 1 de julho de 1848.

Não foi um casamento à moda, caro leitor — não foi uma época de festejos sem coração — mas um acontecimento santificado por um propósito santo. Desde a primeira hora em que nos conhecemos, eu discerni, com o meu entendimento interior, a sabedoria desta união extraordinária. Mas o meu leitor viu que "os caminhos da sabedoria" por vezes conduzem por circunstâncias perigosas e, ainda assim, que para o viajante verdadeiro e determinado "todos os seus trilhos são paz".

Ao regressar de uma breve viagem a Poughkeepsie, fiz planos para iniciar vida doméstica na casa ao lado da residência do escriba. Sabendo que o rendimento da minha companheira consistia numa soma fixa recebida semestralmente e querendo manter um registo das nossas despesas correntes, comprei um diário de caixa e um livro-razão e assim comecei um registo sistemático. A primeira entrada no meu diário foi a seguinte:—

"Williamsburgh, 4 de agosto de 1848. A terra e o mundo a A. J. Davis e companheira — Devedor. A uma vida respeitável e a uma suficiência." Depois, para abrir e equilibrar a conta comercialmente, debitei a nossa firma assim: "A. J. Davis e companheira à terra e ao mundo — Devedor. A viver uma vida que prove que o 'reino dos céus está dentro'. Também, a praticar a doutrina que ensina que a justiça consigo mesmo é a mais verdadeira bondade — que a justiça universal é a mais alta expressão da verdadeira Religião."

A casa arrendada não era grande nem elegantemente acabada. Mas, por dentro, devido ao gosto oriental da minha companheira, os confortos e as decorações eram originais e sumptuosos. "O seu rendimento moderado", sugeri eu em voz baixa, "não cobrirá as contas." Mas a mínima ideia de interferência ou restrição era, para ela, intensamente desagradável. Os seus impulsos eram fortes, infantis, extravagantes, generosos, régios, excitáveis, indisciplinados e majestosos. "Economia" não se encontrava na sua organização. Os seus hábitos de vida, comparados com os meus, eram todos moldados em grande escala. Durante muitos anos a sua fortuna fora ampla e proporcional aos seus gastos generosos; mas agora, como eu interiormente vira, devido a diversos desembolsos financeiros, era apenas suficiente para cobrir as suas próprias despesas necessárias.

"Bem, irmão", disse ela com ternura, depois de a primeira onda de irritação ter passado, "não me revoltarei contra o teu conselho. Sei que o teu espírito não deve ser perturbado com estas matérias mundanas."

Mas, mesmo enquanto falava, atravessou-lhe o rosto um olhar de agudo desgosto e severa impaciência. Ao ver isso, eu disse: "Não, não, minha

querida irmã, não te entristeças nem te sintas desiludida. Nós, como sabes, não devemos tirar a nossa felicidade de coisas externas. Pequenas preocupações e incidentes triviais, para mim e para ti, não devem ser mais do que bolhas no seio de algum rio poderoso."

"Sim, sim, meu irmão — aí! acho que nunca conseguirei deixar de te chamar 'irmão'. Agora que estamos casados, o mundo não o compreenderá. Mas — oh, aquela bendita, pura, santa, bela correspondência nossa! As tuas doces cartas começavam 'Querida Irmã-Espírito', e eu tratava-te por 'Irmão muito amado'. Sim — belo! E temo que nunca aprenderei a trocar essa palavra bendita por outra qualquer. Como deveremos tratar-nos agora? Podes dar-me um nome — um novo nome, não terreno — um que exprima a nossa santa união?"

Enquanto ela falava assim, ouvi distintamente a palavra "Silona" sussurrada junto ao meu ouvido; e eu disse: "Sim, dar-te-ei o nome pelo qual os anjos te conhecem."

"Oh, alegria, alegria!", exclamou ela. "Qual é? O que dizem? Oh, se eu pudesse ver e ouvir por mim mesma. Diz-me, meu irmão!"

"Um guardião bem conhecido", disse eu, "acabou de sussurrar a palavra 'Silona'. Ainda não sei o seu significado. Mas é o teu nome espiritual. Assim, daqui em diante, diante das pessoas chamar-te-ei 'Katie', e 'Silona' quando estivermos fora do alcance de ouvidos humanos."

"Oh, palavra maravilhosa!", disse ela, com um olhar comovido e lacrimoso. "Não voltarei a inquietar-me com estas coisas materiais. Mas — qual é o teu? Se não tiveres um nome espiritual para te dares a ti próprio, eu chamar-te-ei 'Meu Jackson'. É assim que o meu coração te continua a nomear."

Nesse momento entrou o nosso amigo e vizinho comum, o escriba, e pediu-me que fosse ver um quadro.

"Sr. Fishbough", disse ela com severidade imperial, "agradecia-lhe, senhor, que deixasse o Sr. Davis ficar comigo."

Isto foi mais irritante do que qualquer coisa que eu alguma vez ouvira dirigida ao afetuoso escriba. Não foi apenas inesperado e enfático, mas também imperioso, e eu temi o efeito no coração do meu amigo. Mas, lembrando-me de que Katie era a minha companheira na Montanha do Poder, não fiz qualquer observação para suavizar a expressão.

Pegando no meu Cajado e pedindo desculpa por alguns minutos, segui o escriba até ao seu gabinete. "O que tem para me mostrar, meu amigo?", foi a minha primeira pergunta.

"O meu quadro", disse ele, "que foi sugerido num sonho de que lhe contei algo."

O fiel escriba — tendo concluído o seu último trabalho editorial importante para mim, a saber: copiar e preparar o meu quadro, intitulado "A História e o Destino da Raça" — acabava de esboçar o seu próprio quadro na época de que agora escrevo.

"A sua mente metafísica vai trabalhar", disse eu, "e alegra-me ver as suas produções."

"Este quadro", começou o escriba com a sua característica minúcia, "está construído segundo princípios estritamente correspondenciais. Mostra", disse ele, apontando para os círculos concêntricos e as secções convergentes, "mostra a ação de princípios que subjazem ao progresso universal, à educação, ao desenvolvimento, ao governo, etc. Como vê, baseia-se na sua classificação das Afeções e não só ilustra a estrutura e o progresso de todas as criações materiais, como mostra distintamente o caminho em espiral do progresso humano, que conduz da Infância ao cume da Perfeição."

"É um quadro muito interessante", disse eu. Mas, ao examiná-lo mais de perto, pareceu-me notar uma tendência para a complexidade ou envolvimento, por assim dizer, e acrescentei: "Irmão Fishbough, receio que o mundo mal esteja preparado para compreender os seus princípios."

Uma sombra pesada de tristeza juntou-se-lhe na fronte ao ouvir-me, e os seus pensamentos, ao que me pareceu, voltaram ao severo desaire de Katie. Assim se agitou o plácido curso da sua amizade, e expressões posteriores dela não contribuíram de modo algum para alisar as águas turbadas. Estas pequenas alterações e travões no fluxo das suas simpatias sobrecarregaram-lhe o coração e também despertaram um sentimento de resistência. Mas eu não cedi a emoções infelizes. Porque eu tinha previsto a retidão da obra que esta Irmã-Espírito devia realizar como minha associada privada. Estava destinada a isolar-me dos meus melhores amigos e, assim, a instruir-me na arte de abandonar dependências externas e superar obstáculos externos no caminho do progresso espiritual.

CAPÍTULO LI

A RECONCILIAÇÃO

"Quem abençoa os outros nos seus atos diários,
Encontrará a cura de que o seu espírito precisa;
Pois cada flor espalhada no caminho alheio
Concede a sua fragrante beleza ao nosso próprio."

A influência de "The Univercœlum", sob a direção cuidadosa e de bom gosto do seu editor-chefe, alargava-se e aprofundava-se diariamente. Muitos que dormitavam às portas da luz, e os que já por elas haviam entrado, eram igualmente beneficiados pelo seu magnetismo espiritual. Os relatos das minhas dificuldades não tinham prejudicado tanto a sua circulação como o facto de eu não ter escrito nada para as suas colunas durante muitas semanas.

A saúde física do editor ia enfraquecendo devido à sobrecarga mental, mas as suas finas capacidades permaneciam firmes e universalmente aceites. A sua tarefa fora árdua e embaraçosa. Ansiava incessantemente por um sistema de ação unida, e eu sabia que, em privado, continuava a ser meu amigo. A prova exterior disso surgiu numa carta dele, em resposta a uma minha, pouco depois de eu me ter imposto a disciplina do exílio. Era assim:—

"Nova Iorque, 26 de maio de 1848.

"Caro Irmão Davis: Dificilmente posso supor que alguém deseje que seja um exilado dos seus amigos, e sou levado a pensar que interpretou mal os desejos desses amigos cuja devoção talvez os tenha tornado desnecessariamente solícitos em seu favor. Entristece-me que permaneça no horizonte uma nuvem que projeta sombra sobre o teu espírito, cujo lugar próprio é no meio da luz inacessível a almas menos dotadas. Que ela se dissipe depressa e que a alegria fresca, que batizou o teu espírito quando nos encontramos pela primeira vez, regresse e torne o teu ser terreno novamente brilhante e belo.

"Com afeição não diminuída, sou
"Seu fielmente,
"S. B. B."

Tal era a expressão afável do editor, revelando um apreço intacto. O meu casamento não suscitou oposição. Pelo contrário, pouco depois — em agosto — recebi uma carta do poeta, propondo uma reconciliação, como se pode ver pelo seguinte traslado:—

“Nova Iorque, Agosto de 1848.

“Estimado Amigo: Embora não o tenha visto nem tido notícias suas há bastante tempo, e durante esse período muitas circunstâncias imprevistas tenham ocorrido, sinto-me impelido a escrever-lhe; e fá-lo-ei num espírito de cordialidade e franqueza — crendo que reconhecerá e corresponderá ao espírito que me move e aos sentimentos que se exprimem.

“Sinto que o seu desejo interior é de Unidade. Sinto o mesmo desejo em mim. Desejo ver reunidos todos os que se interessam pelo progresso espiritual — ver todos os erros perdoados, todas as animosidades enterradas, todas as raízes de amargura destruídas. Também sente e deseja o mesmo. Mas o sentimento de boa vontade e o desejo de unidade não são benéficos se não encontrarem expressão aberta. Tendo estes sentimentos, senti-me impelido a exprimi-los — pensando que isso poderia ajudá-lo a considerar a posição dos Amigos da Causa.

“Com sentimentos de respeito pela sua companheira e de apreço por si,
“Subscrevo-me, seu,
“T. L. H.”

“Que carta é essa, meu Jackson?”, perguntou Katie, no momento em que eu acabava de ler a última frase.

“É uma nota muito nobre e bem-vinda do Irmão Harris”, respondi.

“Como se atreve ele!”, exclamou ela indignada. “Como se atreve, depois de tudo o que se passou, a escrever-te uma carta?”

“Ele está a pedir uma reconciliação”, disse eu; “para enterrar todas as animosidades, para que todos os erros sejam perd—”

“Deus sabe”, interrompeu ela, “que eu estou disposta a perdoar, mas não posso esquecer a traição dos teus pretensos amigos!”

“Eles não foram traiçoeiros”, disse eu, apaziguando-a; “estavam apenas ansiosos por salvar o núcleo do movimento de qualquer mancha. Quando me coloco no lugar deles, não me admiro da sua trepidação.”

“Pois bem”, disse ela altivamente, “o que propõe ele?”

“Nada diretamente”, respondi. “Mas depreendo, pelo teor das suas palavras, que os amigos gostariam de ter um encontro.”

“Um encontro!”, exclamou ela com dignidade. “Consentirias em voltar a encontrar-te com aqueles homens?”

"Com o maior gosto", respondi. "E tu não dirás 'Ámen', Silona?"

"Oh, sim", respondeu ela, de súbito mais contida, "se me pedires."

"Ah, isso é muito digno da minha Irmã-Espírito", disse eu. "Então, responderei já aos amigos e marcarei um encontro para se realizar nesta mesma casa."

O tempo entre esta conversa e a reunião de reconciliação foi breve. O resultado foi bom. Pareceu haver paz e boa vontade a perpassar a sessão. Mas a minha companheira, indignada, achou difícil conter o seu ressentimento, como o seu modo altivo claramente indicava, embora nada dissesse que pudesse prejudicar a troca de simpatias amistosas. A conclusão foi esta: nós, os editores, assinaríamos e publicaríamos uma breve nota sobre o restabelecimento da nossa harmonia comum, e eu passaria, daí em diante, a fazer do "Univercœlum" o veículo das minhas mais elevadas intuições. O editor principal, o poeta, o escriba, etc., concordaram todos, voluntariamente, que eu era a pessoa adequada para redigir a nota. Na manhã seguinte escrevi a declaração, tão delicadamente quanto pude, e apressei-me a deixá-la no escritório a tempo do número seguinte. O poeta leu-a e disse: "É muito científica." Foi publicada no número datado de 9 de setembro de 1848, e dizia o seguinte:—

"Aos Nossos Leitores: Na primavera passada houve um desenvolvimento de perturbações pré-existentes entre os editores e mentes contíguas imediatamente ligadas ao Univercœlum — um mal-entendido que teve por origem três causas, a saber: uma má apreciação dos motivos individuais, uma conceção errada das responsabilidades individuais, uma disposição incorreta das pessoas individuais em relação às suas verdadeiras posições e esferas de ação.

Não tendo este mal-entendido sido rapidamente removido, ultimou numa divergência voluntária. Mas o tempo revelou os motivos de todos; e as circunstâncias modificaram as respetivas responsabilidades, definiram as suas verdadeiras posições, uniram os seus esforços; e a experiência traçou-lhes o curso futuro. Doravante, formam um só corpo, trilham um só caminho, laboram por um só propósito; e procurarão representar, pela sua Unidade de Alma e combinação de Força, o triunfo da tríplice manifestação do Sentimento Religioso, a saber: Justiça consigo mesmo, fraternal e universal.

"Editores do Univercœlum."

Em conformidade com o meu acordo, recomecei a escrever e a publicar para o mundo. Ao consentir nesta reconciliação fraternal — o que fiz de todo

o coração — não assumi qualquer responsabilidade de liderança, mas mantive o posto escolhido como apenas um entre muitos. O meu caminho continuava a subir a íngreme e escura Montanha, e as minhas dolorosas experiências eram naturalmente incidentais à minha peregrinação. Por isso não me queixei nem perdi a minha serenidade essencial. E com grande alegria guardei as palavras bondosas, os sorrisos francos, os nobres sentimentos, que produziram e selaram aquela reconciliação memorável.

A minha alma estava agora armada para a batalha da vida. Com palavras pacíficas e princípios justos, resolvi tratar com o mundo. Revestido de nenhuma cota de malha, oculto atrás de nenhum escudo, energizado pela força de nenhuma paixão, sem temer viver nem partir, envolto apenas no manto da caridade universal e acompanhado por nenhum ser visível senão "Silona", eu me comprometera a beber profundamente das infinitas águas da Verdade, a pisar com passo destemido os precipícios escarpados ao longe e, assim, resolver o problema da Individualidade e testar o valor da iluminação independente.

Entre as imagens vivas da memória, há uma de um homem nobre que me serviu quando mais precisei dele. O rendimento de Katie era consideravelmente menor do que as nossas despesas. Ela emprestara dinheiro para ajudar a Reforma. As suas obrigações pendentes eram iguais ao montante assim aplicado. Vendo que não podíamos pagar as contas que chegavam de várias origens, dediquei um dia inteiro à questão da liquidação. Por fim, o ar tremeu com sons doces, ondulações de música etérea vibraram no meu mais profundo coração e a mesma voz amorosa de anos passados disse: "Escreve — ao — teu — irmão."

"Refere-se à pessoa em quem eu estava mesmo a pensar?", perguntei.

A voz celeste respondeu: "Ele — é — o — amigo — para — ficar — entre — ti — e — o — mundo."

De imediato, enquanto o meu coração transbordava de alegria sem palavras, escrevi ao irmão escolhido, que então residia em Boonton Falls, New Jersey. Passaram apenas alguns dias até ele nos visitar. Examinou logo as contas, fez uma estimativa das nossas responsabilidades, passou cheques e deu letras para as satisfazer num montante de quase mil e quinhentos dólares; aconselhou-nos a desfazer a casa; e, por fim, para que eu ficasse livre de cuidados com propriedade e despesas semanais, convidou-nos cordialmente a partilhar com ele as alegrias e a liberdade do seu grupo familiar. Bela, de facto, é a providência do mundo angélico! A amizade firme deste irmão e os muitos atos de bondade inteligente que espontaneamente

brotavam do santuário do seu coração estão entre as melhores imagens penduradas nas paredes da minha memória.

Antes de nos mudarmos para a residência do Sr. Green, escrevi as minhas investigações acerca da cólera pestilencial. Uma declaração publicada com os pormenores do que eu vi, por clarividência voluntária, em Paris, em Berlim e em São Petersburgo — do número de doentes de cólera em cada hospital e localidade — deu ao público oportunidade de julgar, com a chegada do vapor seguinte, a fiabilidade das minhas perceções. O editor do "New York Sun", reparando neste artigo no "Univercœlum", copiou quase a totalidade e acrescentou o seguinte:—

"Uma comunicação de um professor de clarividência, relativa às causas e cura da cólera, à origem do apodrecimento da batata, uma visita veloz de vinte minutos a São Petersburgo, etc., encontra-se noutra coluna. Esta comunicação, feita antes da chegada do Hermann, é fortemente confirmada nos seus factos pelas notícias trazidas por esse vapor, que, como se verá ao consultar o Sun de ontem, dão conta de a cólera estar a diminuir na Rússia e a aumentar na Prússia. Seja qual for a opinião dos nossos leitores sobre a clarividência, há na filosofia desta comunicação uma dose de bom senso que merece atenção respeitosa. Não vimos os temas da cólera e do apodrecimento da batata tratados com mais seriedade e cientificidade."

Regressaremos agora, uma vez mais, ao poeta deste drama psicológico, cuja natureza era aspiracionalmente espiritual. As minhas impressões, quando ele declarou pela primeira vez a sua determinação de pregar exclusivamente a partir das "Revelações Divinas da Natureza", foram rigorosamente confirmadas. O refluxo foi igualado apenas pelo fluxo. O movimento de recuo do pêndulo foi legítimo.

Durante o verão de 1848, pregou para a "Sociedade Cristã Independente" no Coliseu da Broadway. Assim aperfeiçoou a admirável obra de centrifugação. Para mostrar que a sua separação de mim, enquanto autoridade religiosa, era completa, apresentarei um ou dois parágrafos da sua pena, publicados no "Univercœlum" de 30 de setembro de 1848, como segue:—

"Observo uma tendência, por parte de certas mentes, para depositar confiança implícita em todas as declarações provenientes de pessoas em estados de iluminação mental; para tornar as suas palavras autoritárias; para receber os seus dizeres como oraculares e infalíveis; para aceitar e subscrever as suas afirmações sem prova e sem investigação. Isto é visível entre a seita dos 'Swedenborgianos'. Muitos entre eles recebem Swedenborg como

autoridade infalível e escravizam as suas mentes às suas declarações. Levam a sua cega e idiota subserviência ao ponto de negar a sua razão e desconfiar das suas intuições, se estas estiverem em desacordo com as afirmações contidas nas 'Doutrinas da Nova Jerusalém' ou nas 'Relações Memoráveis de Coisas Vistas e Ouvidas no Céu e no Inferno' do seu mestre. Não importa quão razoável seja uma ideia, ou quão grande seja o conjunto de provas que a sustenta — se Swedenborg a negar, é tratada com desprezo indiferente, como indigna de consideração.

"Observo a mesma tendência entre alguns que se interessaram pelas diversas declarações apresentadas pelo Sr. Davis. Custa-me profundamente ver homens que ridicularizam os sobrenaturalistas por tornarem os ditos de Moisés, ou Jonas, ou Judas autoritários e infalíveis — superiores à razão, mais fiáveis do que a consciência — caírem eles próprios no mesmo erro: acreditando em tudo o que o Sr. Davis afirma, porque ele o profere — sem investigação, sem prova — sem sequer pedir prova. Deve ter-se em mente que o livro do Sr. Davis contém erros e contradições, no meio de muito que é verdadeiro. Deve recordar-se que ele cometeu graves enganos e que, a qualquer momento, está sujeito a repeti-los. As próprias ideias que defende demonstram conclusivamente que esta escravidão da mente às afirmações de qualquer homem — esta paralisia voluntária da razão — esta elevação de oráculos e receção cega das suas palavras — é uma torpe transgressão; e a história acrescenta que tem sido causa de inumeráveis infortúnios para a humanidade. Se compreendo corretamente a posição do Sr. D., ele recua tanto disto quanto eu. Agora, enquanto o mal está no seu estado incipiente, sede advertidos e não permitais que se estenda mais."

Os poucos apoiantes ativos do "Univercœlum" lutavam então para manter a publicação acima da tempestade iminente e concentrada de embaraços pecuniários. Mas as Parcas haviam falado: o periódico estava destinado a dissolver-se. Tal foi a cena desastrosa representada diante da minha visão interior poucas horas depois de me ser feita a proposta de o publicar. Contudo, contra as leis de causa e efeito, rezei pela sua continuação.

As melancólicas horas de um sombrio dia de dezembro dediquei-as a planear uma nova distribuição das forças existentes. O editor principal, como bem sabia, tinha influência junto de várias pessoas liberais e abastadas. Sugeri, portanto, que lhe fosse confiada a tarefa de angariar meios e assinantes, enquanto o escriba assumiria as responsabilidades editoriais. Assim cooperando, esperava que a excelente publicação pudesse ser sustentada por mais algum tempo.

Mas as pesadas rodas do Tempo acabaram por rolar sobre o escritório. Esmagaram e destruíram completamente o nosso ídolo alado. Ouviu-se de imediato um lamento em muitos lares — um réquiem semelhante a um cântico fúnebre vibrou no seio dos reformadores — algumas notas persistentes repercutiram-se através do "Espírito da Época" — rostos distantes e familiares mostraram-se tristes e pensativos; mas, pouco depois, o mundo humano voltava a chocar como antes, enquanto o mundo angélico continuava a sorrir benignamente e a difundir as suas verdades livre e universalmente.

CAPÍTULO LII
A GEMA FATAL

A nossa mudança para a residência do Sr. Green, em Boonton, Nova Jérsia, proporcionou-nos um abençoado alívio das preocupações mundanas e trouxe aos nossos corações o luxo de associações refinadas, afáveis e elevadas. Mas a saúde de Silona continuava bastante imperfeita e, por isso, após alguns meses, fomos para o estabelecimento de Cura pela Água de South Orange.

Pouco depois da nossa chegada, em setembro de 1849, comecei a sentir a antevisão intuitiva do volume inicial de uma "Enciclopédia" que anteriormente fora prometida ao mundo. Contudo, ainda não tinha confiança suficiente para avançar numa obra tão grande sem alguém que revistasse a ortografia e a construção gramatical das minhas frases e parágrafos. Assim, escrevi uma nota ao escriba solicitando uma visita. As suas aspirações eram firmemente filantrópicas. E eu tinha em mente propor um estabelecimento editorial associado, incluindo vários departamentos de trabalho reformador — uma espécie de Instituição Eclética para a divulgação dos elevados princípios morais que constituíam a base da Filosofia Harmonial e das diversas ciências abrangidas pelo seu ilimitado alcance.

À minha carta, o escriba respondeu pessoalmente. A nossa conversa foi longa e explícita. Mas as doces ternuras de um período anterior não regressaram. Ambos recordávamos vivamente a delicadeza da nossa ligação fraterna. Mas nenhum sentiu a torrente ascendente de comunhão que outrora misturara e fundira as nossas simpatias privadas. A causa inconsciente deste efeito era a minha franca e destemida Katie. Ela não parecia perceber a profundidade e a pungência das provações passadas do generoso escriba. As suas palavras e atos viris e sacrificiais em nosso favor pareciam-lhe completamente esquecidos. Ele não agradava pessoalmente ao

seu temperamento, e a extraordinária vivacidade do seu rosto espelhava o seu preconceito.

Ainda assim, não se opunha a qualquer plano reformador que eu tivesse em vista. Nada podia ser mais certo, contudo, do que isto: ela era demasiado sensível e demasiado aristocrática para os meus associados de traje simples e linguagem simples, enquanto eu era demasiado impopular e demasiado democrático para as classes abastadas com quem ela convivera durante todos os seus anos anteriores. Assim, cada um protegia o outro do contacto com o mundo exterior. Ela isolava-me e eu isolava-a: e eu regozijava-me, enquanto ela não se queixava, com este grande resultado. Proporcionava-me o retiro perpétuo de um mosteiro, o isolamento de um lar nas montanhas acima do mar, e ainda assim eu habitava no meio da multidão.

Um dia, enquanto caminhava no bosque perto do estabelecimento de Cura pela Água, um sopro suave, como de melodias misturadas, pairou sobre mim, e o meu Guia disse: "Diz — a — Silona — que — os — dois — nada — lhe — devem."

Não pude antecipar o efeito desta mensagem. As partes em questão estavam longe de ser as favoritas de Katie. Mas, sentindo plena confiança no juízo e conselho do meu Guia, procurei Silona e disse:
— Sentes que as tuas notas contra Lyon e Fishbough alguma vez precisam de ser pagas?

— Não — respondeu ela — e desistiria delas hoje mesmo, se pensasse que esses homens ficariam melhor por isso.

A prontidão da sua generosidade, a ausência de qualquer oposição, surpreendeu-me grandemente.
— É minha opinião — disse eu — que ambos se sentem oprimidos por esta obrigação. Suponhamos que lhes envio o montante total da sua dívida para connosco. Gostarias disso, Silona?

— Tudo o que desejares — disse ela com ternura. — Tu és a minha sabedoria.

Com grande satisfação enviei aos irmãos, de acordo com a sugestão espiritual, este testemunho da nossa boa vontade mútua. As notas devolvidas ascendiam apenas a dois mil dólares; pois concluímos conservar o nosso direito à edição inglesa. A delicada resposta do escriba foi a seguinte:—

"Caríssimo Irmão: … A tua muito bondosa carta li-a muitas vezes e sinto o maior embaraço ao tentar respondê-la. Aceito a oferta generosa que ela

contém, considerando-me responsável perante o Céu por fazer justiça segundo as melhores perceções da minha consciência. Se as Revelações vierem futuramente a tornar-se lucrativas em sentido pecuniário, não permitirei — não devo permitir — apropriar-me exclusivamente dos proventos.

"Seu em amor,
"W. F."

Sentimo-nos amplamente recompensados. O dinheiro e o trabalho tinham enviado ao mundo um valioso auxílio para a humanidade em luta. Foi uma obra de amor puro; os irmãos foram os agentes sabiamente escolhidos; e, sob esta perspetiva, regozijámo-nos mutuamente.

O meu único objetivo ao tornar público este episódio é manter a cadeia de providências espirituais que distingue a minha história individual. Aquela modéstia peculiar que é desfavorável a uma confissão pessoal franca, pró ou contra, é uma espécie de delicadeza que não resiste à prova da penetração clarividente. Não servirá no Dia do Juízo — sob o sol da consciência — sempre no seu fulgor meridiano na mente de um homem honesto.

Um dos pacientes da Cura pela Água, um carácter pedante e altamente presunçoso, regressando do seu passeio numa manhã, dirigiu-se a mim e disse:
— Senhor, estou aqui há quase um mês sem trocar uma palavra consigo, mas desejo colocar-lhe algumas perguntas, se não se opuser.

— Oh, não — disse eu — quando não estou a escrever, estou pronto a responder a todas as perguntas que puder.

Sentámo-nos, então, num banco rústico, sob as árvores ondulantes, e ele começou:
— Confesso livremente, senhor, que a minha mente está decididamente predisposta contra si; todavia, não sou daqueles que não investigam algo novo. Permita-me perguntar-lhe se alguma vez examinou clarividentemente a origem do culto religioso moderno?

Instantaneamente soube que não era totalmente sincero; que apenas queria passar uma hora ociosa.
— Sim — respondi — examinei o assunto muitas vezes.

— Onde teve origem?

— No Oriente — disse eu — em direção ao sol nascente.

— Porquê no Oriente? — perguntou ele, com aparente interesse.

— Por uma necessidade da natureza humana ali existente — disse eu — antes de o hemisfério ocidental ser povoado.

— Acredita realmente — perguntou — que viu o hemisfério oriental?

— Sim, senhor. A minha recordação do que vi é clara como o sol do meio-dia.

— Que viu ali de interessante?

— A primeira coisa que vi que me interessou — respondi — estava desligada do assunto sobre o qual eu então dissertava.

— O que foi? Perdoe a minha curiosidade; mas gosto de histórias de viajantes — disse ele, rindo.

— As pegadas de Nadir Shah em terras persas atraíram primeiro a minha atenção — respondi. — Os saques, crueldades, assassínios e excessos licenciosos deste invasor estavam inscritos nas próprias areias e solos da Índia.

— De facto! — exclamou o ouvinte. — Que foi feito do tirano?

— Pouco depois — disse eu — ao examinar as tradições do povo, vi que acabou horrivelmente assassinado pelos chefes do seu próprio bando.

— Que mais viu? — perguntou o paciente.

— Percebi — disse eu — que os hindus tinham uma superstição flutuante acerca de Nadir Shah, que poderia ser importada para este país e aplicada.

— Ah! — respondeu ele. — Pode dizer-me qual era?

— Era a de que o ladrão transportava consigo uma Gema que certamente traria desolação a qualquer indivíduo ou nação que a possuísse. O povo acreditava seriamente que essa gema fabulosa era uma realidade e que trouxera desastre, tristeza e ruína a vários reis e dinastias desde os dias de Nadir Shah, o impiedoso saqueador das montanhas de Cabul.

— Nunca antes ouvi falar dessa superstição — disse ele. — Mas como a aplicaria neste país?

— Dir-lhe-ei. O diabo de Milton transportava consigo uma esplêndida Gema que, como o diamante hindu, certamente traz desgraça ao seu possuidor.

— A que se refere, senhor? — perguntou o paciente.

— Refiro-me à sua Ambição de ter êxito nos seus empreendimentos — não porque o objetivo fosse bom, mas porque tinha demasiado Orgulho para ser derrotado na prossecução dos seus fins egoístas.

— Não consigo compreender a aplicação — disse ele.

— A Gema fatal — continuei — é o Orgulho pessoal que fixa advogados, médicos, clérigos e outros em diversas relações injustas e discordantes com a humanidade. Não são como crianças na busca da Verdade. A respeitabilidade é mais preciosa para tais pessoas do que a Sabedoria. A Ambição é a estrela dominante do seu destino. A sociedade lega este traço fatal à sua descendência de geração em geração, e daí os infortúnios e as tristezas que corroem o seio do mundo.

O som da campainha do jantar ecoava já no ar, e a nossa conversa terminou de imediato. Durante meses, ocasionalmente, interroguei-me sobre o que haveria no temperamento ou no estado de espírito daquele desconhecido que suscitara as palavras sobre o "Orgulho" no nosso primeiro e último encontro. Por fim, porém, o correio trouxe-me uma carta do quase esquecido paciente hidropático, na qual li esta frase:—

"'A Gema fatal', senhor, já não está na minha posse. Como resultado, a minha esposa, os meus filhos e os meus vizinhos estimam-me mais — eu estimo-me mais — e tenho tido muito menos dificuldades nas minhas relações comerciais. Noventa dias após a nossa breve conversa retirei uma ação judicial insensata — confessei-me errado pela primeira vez em vinte anos — e agora falo com pessoas a quem, durante anos, fui como um espinho e um flagelo. Se alguma vez vier a esta região, meu caro senhor, não deixe de visitar-me a mim e à minha família."

A saúde de Katie melhorava rapidamente. Prosseguiu o tratamento e adotou a dieta durante muitas semanas. Bem me recordo da hora em que, imediatamente após regressar de um dos seus banhos, exclamou:
— Oh, Jackson, como anseio por reler mais uma vez algumas das tuas queridas cartas!

— Porquê, Katie? Não sou eu tão reconfortante como as minhas cartas eram?

— Não me compreendes — disse ela com um olhar ansioso. — Estás tão absorvido pela tua escrita todos os dias que raramente recebo algo teu acerca da nossa bela união.

— Silona — respondi — ambos reconhecemos a pureza do nosso casamento e o prazer que ele nos traz.

— Oh, sim — replicou ela — mas gosto de te ouvir falar disso todos os dias.

— Então, Katie, que gostarias que eu dissesse?

— Oh, diz-me se pensas que a nossa união é eterna. Continuará para sempre? Tens a certeza — muita, muita certeza — de que todos os casamentos são eternos?

— Tanto quanto posso ver — disse eu — todos os casamentos verdadeiros são indissolúveis.

— O meu coração transborda de felicidade ao pensar nisso, meu Jackson — exclamou ela. — E agora diz-me outra vez: sabes — realmente, verdadeiramente, seguramente, positivamente sabes — que o nosso casamento é uma união verdadeira?

— Nada é mais certo, Silona, do que a pureza da nossa relação. Mas — acrescentei — recorda que disse "tanto quanto posso ver" todos os casamentos verdadeiros são indissolúveis.

— Meu Deus! — exclamou ela com um ar de dignidade régia e sincero alarme. — Que estou eu a ouvir? Diz-me, Jackson! Não sabes que a nossa relação é inalterável?

— Não, Katie, não sei; mas acredito que a nossa união é eterna.

— Então acreditas realmente que o nosso casamento há de durar para sempre? Ainda acreditas nisso, meu Jackson?

— Sim, Silona — tenho fé na perpetuidade da nossa união.

Falámos então das venturosas vantagens dos laços conjugais inabaláveis — de como uma alma se eleva pela confiança e devoção da sua alma afim — e de que, em meio a toda a traição e incerteza dos acontecimentos exteriores, existe doce força e jubiloso repouso na consciência de corações verdadeiramente unidos. E, após esta conversa — sempre que a questão do casamento era mencionada por outros — ela afirmava, positivamente, que "a nossa união era eterna, porque eu assim o declarara"; e contudo, quando estávamos a sós, por vezes recordava as minhas palavras e perguntava:
— Que querias tu dizer ao afirmar que o nosso casamento era eterno "tanto quanto podias ver"?

A minha resposta era que "ainda não sabia se um casamento é eterno por ser verdadeiro e desejado, ou por outras razões e princípios ocultos na constituição espiritual. Mas de uma coisa estava sempre certo: que a nossa

união era verdadeira, e por virtude dessa certeza possuíamos uma poderosa evidência a favor da sua perpetuidade." O seu coração ardente e a sua mente imperiosa, contudo, não podiam suportar ser contrariados nem refreados nas suas expressões entusiásticas e exacerbadas. Assim, acreditando que ela era a minha verdadeira companheira e que eu devia proteger ternamente o seu temperamento da dor, não procurei explicações nem modificações das suas palavras, mas apoiei-me constantemente no meu Cajado Mágico e vivi uma vida harmoniosa.

CAPÍTULO LIII
LEITURAS E ENSINAMENTOS

"Vivo para aqueles que me amam;
Para aqueles que me conhecem verdadeiramente;
Para o céu que sorri sobre mim
E também espera o meu espírito:
Para a causa que carece de auxílio;
Para a injustiça que exige resistência;
Para o futuro ao longe,
E para o bem que posso fazer."

Rostos de anjos brilhavam dos céus profundamente puros, e vozes imortais agitavam o ar interior com tanta suavidade que, embora subíssemos a áspera Montanha, os nossos pés não vacilavam, e os nossos corações nunca se inquietaram por um único dia. As dádivas ambrosíacas da Natureza eram derramadas silenciosamente ao longo do nosso caminho, e as lutas inerentes à peregrinação tornavam-se cada vez mais suavizadas, mitigadas e ajustadas às nossas capacidades de resistência. E contudo, tais auxílios teriam sido como tantas sombras vazias e de nenhum proveito, se não fosse a minha própria determinação privada de depender de uma fonte sempre presente de força — o Cajado Mágico.

O tempo caía, hora após hora, no oceano da eternidade. Por vezes, um mês inteiro passava enquanto eu compunha interiormente capítulos para outro volume e, não fosse o salpicar que fazia nas águas da memória, parece-me que não teria percebido qualquer decurso de tempo. Eram os acontecimentos da jornada, e não os dias consumidos, que se agrupavam na videira da vida.

Sem o auxílio do escriba, sem ajuda externa de livros, escrevi o primeiro volume da "Harmonia". Esta foi a minha principal ocupação durante o outono e a primavera de 1849-50. Pouco depois, obedecendo a um desejo

constitucional de investigar por mim mesmo, visitei a família do Dr. Phelps. A saúde e o ânimo de Katie, estando grandemente melhorados, permitiram-lhe acompanhar-me. As horas passadas naquela casa foram de ouro. O consolo da solidão, o conforto do silêncio, os mistérios do poder espiritual, os sinais da sabedoria vindoura, tudo ali me foi concedido.

— Que significa esta perturbadora desordem? — perguntou o venerável senhor, quando um garfo de mesa atravessou o ar e pequenos seixos caíram sobre as cordas do piano aberto.

— A sua ansiosa necessidade de saber, doutor — disse eu — apenas excitará ainda mais os fenómenos. Permita as manifestações — não as tema — e apenas o bem resultará.

Sons súbitos e surpresas desagradáveis tornaram-se, contudo, mais frequentes e numerosos. Por vezes, a família parecia imprudente e temerária na sua oposição. Mas nenhuma expressão de desafio ou repugnância conseguia remover o "incómodo" das provas que caíam. O passo de pés invisíveis era ouvido no quarto superior; obras artísticas de mãos invisíveis eram vistas; engenhosas brincadeiras de pensadores impalpáveis espalhavam-se em todas as direções; mensagens suplicantes de seres misteriosos eram escritas nas paredes; mas, no meio de todas as perplexidades desconcertantes da família do venerável senhor, eu não me senti perturbado por um único momento.

— Veja isto! — exclamou o clérigo desconcertado, ao regressar com o filho, cujo vestuário fora subitamente rasgado por dedos invisíveis. — Veja! Não é isto um estado chocante? Que senão poderes malignos praticariam tais atos de violência?

— Em breve escreverei a minha resposta — repliquei. — E, com a sua permissão, lê-la-ei à sua família.

Não tardou que a promessa fosse cumprida. Os resultados dessa investigação foram também publicados e, para evitar repetição, remeto o leitor para o meu opúsculo intitulado "Filosofia da Intercomunicação Espiritual".

Era irresistivelmente divertido, por vezes, observar as caretas da Ortodoxia de Connecticut! Os piedosos habitantes de Stratford estavam impiamente perturbados. E muitas mentes ali, não incomodadas por qualquer religião, estavam irreligiosamente preconceituosas. A residência do clérigo era escrutinada com beatice. Nada havia de "maligno" dentro ou fora dela, contudo, exceto a incompreensão da revelação espiritual. De quando em

quando, um transeunte fitava as colunas espectrais da varanda como se tivessem recentemente adquirido o poder de produzir "ruídos misteriosos", mas nenhum dos observadores sagazes conseguia penetrar naquele reino de causas inteligentes que produzia efeitos correspondentes tão alarmantemente inequívocos.

Algumas semanas depois fomos para Cambridge, Massachusetts. Esta viagem foi feita em benefício de Katie. Desejava sentir o sopro revigorante do oceano e, por isso, procurámos um local onde chegassem as brisas salgadas. Mas então a minha própria saúde começou a declinar e, por fim, fui prostrado por um violento ataque de febre tifoide.

Antes da minha doença, durante seis semanas, estive constantemente empenhado a escrever sobre o mais estupendo assunto que alguma vez incitou o pensamento humano. Toda a minha organização mental foi exercitada ao extremo. Esse assunto era "Deus, o Governador do Universo". O segundo volume da "Grande Harmonia" contém o resultado dos meus trabalhos. Este exercício extremo das faculdades espirituais levou todo o meu sistema a um estado excessivamente positivo, que inevitavelmente desenvolve a terrível febre que causou a minha extrema prostração.

Nos estádios iniciais da minha doença fui visitado diariamente por um médico alopático de reconhecida competência e habilidade; mas, à medida que o meu estado se tornava mais grave, a sua confiança na minha recuperação final diminuía, e era geralmente acreditado, por aqueles que testemunhavam a minha condição, que em breve me tornaria residente permanente na Terra dos Espíritos. Contudo, a Sra. Mettler, de Bridgeport, Connecticut — cuja existência de poderes clarividentes eu descobrira alguns anos antes — ao saber do meu estado, veio imediatamente a Cambridge.

O meu caso foi submetido à sua observação, e o seu diagnóstico dos sintomas foi extraordinariamente preciso. Entre vários milhões de medicamentos existentes no mundo, as suas perceções discriminativas selecionaram, para o meu caso, dois simples remédios vegetais. Com eles preparou-se uma tisana, administrada segundo as suas instruções. Por meio dessa simples infusão, cuja adequação ao meu mal apenas a sabedoria de um clarividente poderia discernir, a febre foi dominada.

Associado ao chá, na remoção da febre, esteve o magnetismo humano ou psicologia. Nunca esquecerei a manhã em que se operou em mim o seguinte milagre: o médico que me visitara dois dias antes declarara que eu deveria permanecer na cama seis semanas e abster-me de alimento por mais vinte dias. Já descera tão baixo em forças físicas que não conseguia virar-me

na cama nem auxiliar-me com as mãos. E o meu alimento e medicamento, durante quase três semanas, com poucas exceções, tinham-se limitado à Água de Congress, que eu bebia abundantemente.

Tal era a minha condição quando a Sra. Mettler, seguindo instruções interiores no estado clarividente, veio ao meu leito e, tomando-me a mão na sua e fixando-me alguns momentos nos olhos, disse:
— Agora pode sentar-se na cama.

A força e a confiança necessárias fluíram instantaneamente por todo o meu sistema, e sentei-me com facilidade. Depois fez passes ao longo da minha coluna e sobre todo o meu corpo, e ordenou-me que caminhasse da cama até uma cadeira, preparada para o efeito, a cerca de quatro metros de distância. Assim o fiz com surpreendente facilidade; e nesse dia permaneci sentado quase quatro horas. Assim, literalmente, tomei a minha cama e andei. Durante várias manhãs seguintes, à mesma hora, fui magnetizado pela senhora; e em dez dias podia sair de carruagem e desfrutar da luz do sol e do ar.

A influência harmonizadora e tranquilizadora desta doença sobre o meu corpo e mente foi profunda e completa. Todo o meu sistema experimentou uma espécie de regeneração ou purificação; e a minha mente ficou muito mais livre para explorar as infinitas ramificações daqueles grandes e elevados assuntos que constituem o sistema vital dos meus volumes subsequentes.

A cena seguinte abre-se, não no Trinity College, mas na College Street, na cidade de Hartford. Impelidos apenas pela confluência de circunstâncias externas, e portanto, sem qualquer motivo oculto, tornámo-nos pensionistas numa família de simpatias afins. Pouco depois da nossa chegada, quatro ou cinco senhores vieram visitar-nos, e um disse:
— Damos-lhe as boas-vindas, Sr. Davis, à terra das "leis azuis", e esperamos que a sua permanência seja longa.

— Sim — disse outro — temos lutado contra preconceitos de toda a espécie. Um pouco de ajuda, de vez em quando, animar-nos-ia.

— Que têm feito? — perguntei.

— Conseguimos um escritório no edifício de Kellogg e reunimo-nos nele todas as semanas durante vários meses. Mas não conseguimos que muitos de fora participem nas nossas investigações.

Nesse momento senti a presença do meu Guia. Saindo para o ar livre, pude ouvir os tons semelhantes a alaúde da sua voz e estas palavras:

— Esta — é — a — tua — estação. Mentes — leais — estão — aqui. Começa — os — teus — ensinamentos.

Ao ouvir estas ricas frases, e regozijando-me com a ideia de iniciar uma carreira de ensinamentos orais, dancei e ri como um rapaz. Mas nada do que ouvira relatei a qualquer alma viva. Antes que os amáveis visitantes partissem, contudo, assegurei-lhes a minha disposição para assistir às suas reuniões.

Assim, na sessão da quarta-feira seguinte à noite, narrei o que testemunhara em Stratford; os factos absolutos — ousados, nus, desconcertantes — e nada mais. A filosofia desses factos reservei-a para ocasião futura. Por fim, essa ocasião chegou. O meu conteúdo, não a minha maneira, foi bem acolhido. Então chamei em meu auxílio Silona. A sua voz era clara e a pronúncia firme. Tinha poucas iguais como leitora — mesmo entre professores — sobretudo quando a sua mente se compenetrava do sentido do autor. Com firmeza e zelo, portanto, ela foi, semana após semana, lendo à assembleia as palestras que eu escrevera intuitivamente. Era tudo novo para os habitantes da cidade do Carvalho da Carta. Alguns dos intelectos mais audazes interessaram-se de forma permanente.

Senhoras da Moda! Contemplai esse quadro. Ali estava sentada uma senhora, outrora uma estrela no mundo, vestida com trajes dispendiosos — é certo — mas no meio de mecânicos sem polimento e de comerciantes sem luvas. Que fazia ela ali? Erguia a voz — sem um tremor de medo — contra o preconceito e os seus crimes atrozes. Lia os discursos com aquela vivificadora cordialidade que é fruto da verdadeira devoção. Era um trabalho popular o que fazia? Não! Mas era forte e penetrava fundo nas almas corajosas de homens e mulheres vivos. A verdade libertou-os; e eles renderam-lhe gratidão. Os mais dignos de lástima são os devotos de São Costume que não ousam seguir o exemplo enfático daquela senhora!

No início da primavera do ano seguinte, 1851, era eu próprio quem se dirigia ao povo. A tarefa pesava-me muito; todavia, impelido pela lei oculta da minha alma, resisti à pressão e obtive êxito. Não podia gabar-me de um elevado nome ancestral. Não possuía posição nem riquezas. Carecia de saber académico e de credenciais da Faculdade. E, no entanto, tinha acesso espiritual às melhores vantagens que poderiam advir de tudo isso — não por qualquer direito hereditário ou adquirido, mas porque as minhas Intuições estavam emancipadas do jugo dos sentidos. E assim subi a Montanha do Poder. Não por motivos de ambição trilhei este caminho escarpado; subi pela mesma razão por que a água desce: porque não podia evitá-lo! Se o leitor

quiser saber quais foram os temas dos meus primeiros ensinamentos orais, poderá apurá-lo examinando o terceiro volume da "Grande Harmonia".

Pelos serviços públicos não cobrava nada. Na verdade, era tão feliz ao prestá-los que antes teria pago pelo privilégio do que tributar a generosidade dos que escutavam. O nosso rendimento, já de si limitado, continuava a ser ultrapassado pelas despesas correntes. E, à medida que os dias de primavera se iam derretendo, um após outro, comecei a pensar em regressar às hospitalidades do irmão espiritualmente designado.

Enquanto assim ponderava, numa noite, a voz bem conhecida disse: "Sê — firme — meu — filho. A tua — casa — é — aqui."

"Como me alegro", pensei eu, "por já não ser um jovem! Se o fosse, as palavras agora ditas, em dez minutos, parecer-me-iam um sonho. Agora, não há mistério — nem ambiguidade — nada a deslindar."

Nesse momento chegou um conhecido, um editor de Hartford de aspeto generoso, que disse:
— Creio que se pode conseguir o chalé.

— É muito bonito lá — respondeu Katie. — Mas o meu Jackson pensa que não o podemos comprar este ano.

— Talvez — disse o visitante — se possam fazer outros arranjos.

— Não vale a pena planear, pelo que vejo — respondeu ela. — Só resultaria em desilusão.

Nada mais de relevante foi dito nessa noite. Na manhã seguinte, enquanto tomávamos o pequeno-almoço, recebemos outra visita do mesmo senhor.

— Venho cedo — disse ele, com desculpa — para lhe dizer que o Sr. Turnbull está disposto a vender o seu chalé.

— Bem, Seymour — respondi eu — não conseguimos juntar dinheiro suficiente este ano. Por isso, creio que vou procurar algo mais barato.

— Suponho que poderiam pagar a renda? — perguntou ele, com ar de negócios.

— Oh, sim! — disse Katie com grande vivacidade. — Teríamos bastante para isso e ainda sobraria.

O editor ficou silencioso e pensativo. Pouco depois, retirou-se. Quando voltou, disse-nos que o chalé era propriedade dele, para nosso benefício

imediato. Assim perscrutou o meu Guia o nobre coração desse irmão e antecipou o curso das circunstâncias que se aproximavam.

Sim, a minha casa seria em Hartford. O chalé era agradavelmente retirado, quase envolto em árvores, e situado em terreno elevado, não longe do depósito ferroviário. A voz frenética desse símbolo da civilização — o "Cavalo de Ferro" — sacudiria o ar dentro da habitação e bradaria: "Hurra! pelo mundo progressivo!" Havia uma varanda em torno da estrutura ornamentada — de onde se podiam alcançar cerejas, alperces e a magnólia perfumada — na qual, mais de uma vez, examinei clarividentemente verdades eternas. E, mesmo no meu estado ordinário, havia por vezes dedilhares sonhadores naquele mesmo pavilhão sombreado, durante os quais a minha mente regressava a Poughkeepsie, a Hyde Park, a Union Corners, à casa de Hiram Marshall, às histórias de Bart Cropsey, à pobreza da minha infância e, por fim, às minhas pequenas preces à "benigna Providência", que eu não podia deixar de pronunciar novamente com a mais terna reverência.

Em dezembro seguinte, de acordo com uma impressão derivada da perceção de uma necessidade humana, iniciei uma série de discursos argumentativos. A minha atenção foi, em primeiro lugar, despertada ao ler o seguinte aviso público: "O Rev. Dr. Bushnell iniciará no próximo domingo à noite um ciclo de conferências sobre 'as Teorias Naturalistas da Religião em oposição à Revelação Sobrenatural'."

Movido pela curiosidade de saber que posições ele assumiria, tornei-me rapidamente intuitivo. Perscrutei e "inalei" a atmosfera da sua mente. Esta perceção exigiu apenas um momento e, no entanto, eu poderia enunciar todas as suas proposições. Estando na presença de irmãos, assim o fiz e pedi-lhes que assistissem à sua conferência para confirmarem a correção literal do meu relato. Isto aconteceu na parte da manhã do dia em cuja noite seria proferido o discurso introdutório.

Os amigos assistiram, portanto, e o resultado foi favorável à Intuição. De imediato a minha revisão começou e prosseguiu até ao seu termo.

Dessa obra particular não farei mais crónica, exceto para remeter para o registo publicado pouco depois, intitulado "A Crise que se Aproxima". Para assegurar ao público, porém, que as posições do estimado clérigo não foram deturpadas nessa Revisão, acrescentarei o seguinte testemunho, obtido na altura, mas nunca antes publicado:—

"Nós, os abaixo assinados, tendo tido a oportunidade e o prazer de ouvir as recentes conferências do Dr. Horace Bushnell sobre o tema de

‘Sobrenaturalismo em oposição às Teorias Naturalistas da Religião’; e tendo, também, com grande satisfação, ouvido as diversas e sucessivas revisões ou ‘críticas’ a esse respeito, escritas por Andrew J. Davis e por ele proferidas nesta cidade; certificamos, pelo presente, que, segundo o nosso melhor conhecimento, recordação e crença, o Sr. Davis reproduziu com exatidão as ideias do Dr. Bushnell — ‘nada atenuando nem registando coisa alguma por malícia’.”

Por esta altura, na primavera de 1853, a Irmandade obteve o Union Hall. As nossas audiências tinham aumentado e melhorado de semana para semana. Os participantes eram pessoas intelectuais de ambos os sexos. Mentes provenientes de quase todas as formas de fé religiosa vinham às nossas reuniões e conferências. As rajadas gélidas do preconceito popular varriam as nossas fileiras. Geadas mordazes de calúnia tocavam a árvore da vida que cultivávamos; mas nenhum dano exterior podia penetrar ou queimar as folhas e os rebentos de promessa.

A primeira palestra que proferi no salão mais espaçoso foi uma exposição da minha relação individual com a obra do Progresso Humano. Para que o leitor também apreenda plenamente a natureza não sectária dessa “relação”, introduzirei aqui a parte inicial do meu discurso:—

Homens e Irmãos: Se eu aparecesse perante vós como membro de algum Sinédrio, como advogado juramentado e propagandista declarado de algum novo dogma ou sistema, então seria razoável esperar de mim apenas provas e argumentos unilaterais, estritamente sectários. Como procurador publicamente comprometido com um esquema exclusivo, faria parte do meu plano deturpar os céticos e expor todos os antagonistas ao ridículo e à zombaria. E talvez, como uma civilização tolerante não me permitiria queimar um opositor na fogueira, como o grande Calvino fez ao bom Serveto, eu inventasse um substituto — e assá-lo-ia numa vasta Geena de palavras duras, alimentada por adjetivos ígneos e epítetos abrasadores, de todo terríveis e insuportáveis.

Tal como é impossível extrair luz das trevas e absurdo colher figos de cardos, assim é contrário aos ditames da Razão esperar que de um sectário conscienciosо emane um benigno espírito de tolerância. Cada elemento da sua fé o desafia audaciosamente a ser coerente. A exigência de um credo é sagradamente vinculativa e imperativa em tudo. O seu terrível e implacável lema é: “Crê, ou serás condenado!” Quer a mente tenha adotado a Bíblia, o Corão ou qualquer sistema que reivindique origem e autoridade sobrenaturais, os seus raciocínios são os mesmos: “Se professo estar do lado do Senhor, as minhas palavras e ações devem corresponder; e devo sentir-me

chamado a opor-me abertamente a todas as ideias e a todas as pessoas denunciadas e rejeitadas pela sua palavra.

O meu alvo é — 'Ser semelhante a Deus'. Portanto, os inimigos de Deus são meus inimigos; a quem Deus odeia, eu odeio também; os Seus amigos são meus amigos; e todos os condenados por Deus são condenados por mim. Quando a palavra de Deus é atacada e posta em causa, devo apressar-me ao resgate e à defesa; se os ímpios marcham contra Sião, devo cingir a armadura e resistir-lhes; sim, todos os anos da minha vida devo esforçar-me por ser semelhante a Deus — fazer da Sua Palavra a minha palavra, dos Seus mandamentos os meus mandamentos — e, sempre que Ele enviar alguma alma, 'por expresso relâmpago', para esse país tropical chamado Perdição, devo sentir-me autorizado a ir e fazer o mesmo." Assim raciocina o sectário.

Receber a totalidade de um único registo como a única "Palavra de Deus" equivale à rejeição total de todos os outros registos. A tolerância, portanto, é logicamente impossível. Ser verdadeiro seguidor e defensor de qualquer um Homem é fazer o que ele faz e crer no que ele crê — rejeitando, por decreto de um preconceito consciencioso, todos os opositores como infiéis e inimigos da verdade. Ser liberal e livre enquanto campeão de algum esquema sectário é ser infiel e incoerente.

Os jornais diários trazem, de quando em quando, notícias de um grupo que se intitula "Cristãos Liberais", do que nunca houve paradoxo mais flagrante nem solecismo mais perigoso. Professam adotar um Livro cujo padrão eterno de juízo é "Crê, ou serás condenado!", e contudo pintam a bendita palavra "liberal" sobre o vestíbulo que conduz ao seu santuário. Admitir a possibilidade de existir alguma Verdade salvadora de almas em qualquer outra religião é desonrar abertamente o vosso credo perante todos os homens e levá-los a associar às vossas profissões um catálogo de absurdos fatais.

Por vezes, encontrei cristãos liberais e caritativos. O meu espírito disse: "Em verdade, estes homens são mais magnânimos do que os seus credos." E acrescentei: "Não poderemos também concluir que o carácter do Ser Divino é infinitamente melhor do que o melhor relato que o homem faz dele?" Então, o ar iluminado pareceu palpitar por toda a parte com as vagas impetuosas de um cântico imortal, cujo refrão era "Selah!", significando: "Repete a pergunta, até que todos os homens vejam uma resposta afirmativa gravada em cada reino da Natureza!"

A falta de caridade e a impaciência dos sobrenaturalistas exibem os seus traços mais repulsivos para com aqueles a quem se costuma chamar

"céticos" — como se a alma pudesse dominar as suas convicções! Talvez os crentes na Bíblia fossem mais justos para com os descrentes se tivessem a nossa filosofia, que ensina que as faculdades intelectuais são, por constituição, céticas; que aquele que vive principalmente na parte frontal da cabeça é, por necessidade, um duvidador.

As denúncias iliberais e as anedotas profanas dos pregadores revivalistas exaltados, que atuam como termómetros mentais, indicam a animosidade e intolerância latentes que se escondem na atmosfera dos mais dignos e comedidos. Que uma pessoa que duvida intelectualmente da duração eterna da alma confesse o seu ceticismo a um cristão ou maometano declarado e, em noventa e nove casos em cada cem, a resposta seria: "Oh, senhor, é um infiel; toda a conversa ulterior entre nós é inútil!"

Ser um cristão coerente é ser iliberal. Por outro lado, ser coerentemente liberal é ser um cristão ilegítimo. Desatendendo à sugestão filantrópica de que "os sãos não precisam de médico, mas sim os doentes", o crente presunçoso deixa o descrente num estado mental muito pior do que aquele em que o encontrou; pois agora o cético julga-se, com toda a probabilidade, mais certo do que errado; e, lembrando-se do tratamento recebido, justifica também o pensamento seguinte: que tem consciência pessoal de ser um homem melhor do que o crente obstinado e amargo do eclesiasticismo. E imediatamente o seu ceticismo, antes tão indesejado como a doença e não menos doloroso, é encorajado e preparado para a batalha. Assim acontece que surgem dissensões insalubres entre aqueles que, com a nossa filosofia das coisas, poderiam ser os melhores e mais felizes amigos.

Na verdade, o génio do sobrenaturalismo nunca está pronto para uma consideração liberal nem para um juízo imparcial. É por natureza antinatural e nega hospitalidade ao enunciado oposto, mesmo na sua forma mais branda. Um opositor tem de ser repelido em qualquer circunstância; porque, em suma, é impossível que qualquer forma de sectarismo seja imparcial.

Mas, como venho perante vós não como propagandista, não como fundador ou instigador de uma nova seita, mas simplesmente como uma mente livre, comprometida apenas em ser fiel a um princípio interior de Verdade não dogmática, independentemente da forma, podeis esperar de mim uma exposição imparcial e serena.

Embora no meio do ensino público, havia sempre a fluir pelo meu ser o silencioso princípio do progresso pessoal. O rude levantamento das tempestades desenfreadas da oposição exterior, o estrondo do raio do inimigo e o gemido das florestas teológicas perturbadas nos vales e terras

baixas, nada eram para o possuidor do Cajado Mágico. A repulsa involuntária de Silona para com muitos dos amigos afetuosos que vinham ao chalé, unida à minha determinação inflexível de não ser líder de ninguém, varreu por completo o nosso caminho privado de quase toda a sedução social.

A nossa habitação, entre ramagens, era mobiliada de modo dispendioso e, ao mesmo tempo, acolhedor. As brisas dos campos distantes entravam nela, as condições salutares prevaleciam em toda aquela vizinhança, e, contudo, o organismo físico de Katie ansiava pela influência fortalecedora do ar do oceano. Foi para lhe proporcionar esse luxo que deixámos temporariamente Hartford e procurámos o retiro do chalé de High Rock. E foi ali, longe do tumulto da vasta cidade espalhada abaixo, que alcancei o mais alto cume da Montanha do Poder! Era o fim de uma longa e cansativa batalha. A visão celeste dessa elevação dominante está diante do mundo. Foi mais grandiosa do que tudo o que a precedera — um clímax para cada experiência anterior. Ocorreu a 7 de agosto de 1852 e está registada no meu volume intitulado "A Época Presente e a Vida Interior".

Além deste benefício espiritual, a saúde e os sentimentos de Katie melhoraram muito durante aqueles meses de verão; e, após a visão, o meu próprio corpo repousou, enquanto uma nova tranquilidade permeava todas as minhas faculdades interiores.

CAPÍTULO LIV
NO CAMPO ABERTO

"Agradeço-te, Pai, que eu viva;
Ainda que lamentos encham esta terra tua,
Trabalhar pelos teus que sofrem
É alegria divina."

Algumas semanas após o nosso regresso a Hartford, lançámo-nos ao campo aberto do labor reformador. Não tardou que chegássemos à cidade de Cincinnati, Ohio, onde iniciei um ciclo de ensinamentos públicos. Durante três noites sucessivas, a congregação, embora pequena, era composta por pessoas capazes, críticas e de considerável destaque. Senti a presença de um preconceito nebuloso a pairar sobre a audiência. Não obstante, convidei livremente o público a visitar-me, na residência particular do Sr. A. O. Moore, em dias e noites não dedicados ao ensino público. Assim, a sala deste irmão foi palco de muitas excelentes entrevistas com os amigos e de encontros memoráveis com os inimigos do Progresso ilimitado.

— O objetivo da minha visita — disse um agente masculino, de aspeto quase donzelil, de alguma instituição religiosa — é falar consigo sobre o emprego dos seus talentos.

— Ah, isso é muito fraternal e bondoso da sua parte — respondi — e posso, senhor, apreciar o seu conselho.

— Ao folhear os jornais da manhã — continuou ele — vejo que está anunciado para palestrar sobre as "Causas da Civilização", e ocorreu-me que está a usar mal a sua influência e a tornar-se impopular sem necessidade.

— De facto! — disse eu. — Conhece algum método melhor para mim?

— Creio que sim — respondeu com moderação. — O melhor caminho é este: adotar o curso comum entre o nosso melhor clero.

— Qual é? — perguntei.

— Os nossos ministros inteligentes pregam os princípios morais do Novo Testamento e o plano de salvação nele exposto; mas nunca excitam os preconceitos das pessoas, como o senhor está a fazer, revelando as suas perplexidades teológicas.

— Então os vossos ministros duvidam de certos pontos de doutrina? — perguntei.

— Certamente! — respondeu o agente honesto. — Mas quase nunca pregam sobre pontos doutrinais. E a razão é que o clero sabe quão propenso o mundo é ao ceticismo. Assim, ocultam às suas congregações as suas divergências doutrinais e talvez as suas dúvidas. E, sabendo que alguma forma de religião é necessária aos homens e crendo que os preceitos do Evangelho são os melhores do mundo, o clero preserva a sua influência sobre o povo e limita-se ao que chamamos cristianismo prático.

— Pois bem, amigo — disse eu — o que me aconselharia a fazer?

— Ao ler os avisos esta manhã — respondeu — ocorreu-me que, se adotasse precisamente esse caminho, as pessoas da igreja sairiam em multidões para o ouvir. Em vez de poucos ouvintes, teria multidões de apoiantes; e nós, os amigos do Evangelho, poderíamos assegurar-lhe um lugar num dos melhores púlpitos deste país.

— Que bem faria isso? — perguntei.

— Ora, senhor, seria então respeitado como um homem talentoso e útil; e o seu salário poderia ser, talvez, três mil dólares por ano!

A gentileza do seu discurso sedutor foi agradável ao meu ouvido; mas o efeito que exerceu sobre a minha alma pode inferir-se do que se seguiu.

— As suas sugestões são oferecidas com bondade — disse eu — e agradeço-lhe a franqueza. Mas, quanto ao caminho que me recomenda, só posso responder na linguagem que se diz ter sido usada, há muito, pelo filho de José e Maria, quando recebeu sugestão semelhante.

— Não percebo o que quer dizer — disse o agente, ligeiramente irritado. — A que palavras se refere?

E eu respondi:

— Quando o diabo da mundanidade convidou o Homem do Amor a colocar-se no cimo de uma alta montanha, para contemplar os reinos do mundo e a sua glória como recompensa prometida de procedimentos populares, usou palavras que agora reitero: “Vai-te para trás de mim, Satanás.”

— Não, não! — exclamou o agente. — Está a interpretar mal os meus motivos. O meu objetivo é dizer-lhe como pode tornar-se respeitado e, portanto, mais útil.

— Bem, amigo — disse eu, levantando-me — terá de desculpar-me agora, pois tenho de escrever e não devo dedicar mais tempo esta manhã aos prazeres da conversa.

Mais tarde reparei nesse homem na audiência, mas nada mais de importante se passou entre nós.

Na manhã seguinte ao meu discurso sobre as "Causas da Civilização", retirei da estação de correios três cartas anónimas do mais grosseiro e injurioso teor. Pretendiam emanar de três pessoas diferentes que, alegando ter assistido às minhas palestras, afirmavam ter ficado extremamente chocadas com a minha suposta indecência e profanidade. De uma dessas missivas citarei um único parágrafo:—

"… Quando se sentou após a palestra de ontem à noite e cobriu os olhos com a mão, tive pena de si! Porque estava a pensar nas suas bebedeiras, nas suas especulações com farinha, na sua libertinagem e em comerciantes que foram arruinados pelo seu pretenso poder de fazer dinheiro. Não adianta negar, senhor, pois os seus antigos companheiros podem prová-lo."

O conhecimento do temperamento sensível e imperioso de Katie levou-me a ocultar-lhe todas as comunicações tão totalmente falsas e malignas. A minha segurança e força estavam no Cajado Mágico e no poder protetor da Verdade. Mas, embora antes tivesse destruído de imediato toda a prova desse género de inimizade assassina contra mim, conservei as cartas, desta vez, para efeito de uma experiência.

Numa das três li isto: "Não acredito numa p*a de palavra das suas pretensões. Mas estou pronto a acreditar e não assino o meu nome — por isso, se não é um p*a de um impostor, pode dizer quem escreveu isto."

Quando estive só nesse dia, psicometrizei a escrita e concluí haver apenas uma pessoa como autora. Para com ela a minha alma não sentiu a menor retaliação. Na verdade, ao penetrar na mente do homem, surpreendeu-me que as cartas não contivessem linguagem mais dura e falsidades mais numerosas. Pela clarividência, identifiquei facilmente o autor e aconteceu que, antes de eu deixar Cincinnati, ele entrou numa loja onde eu tinha entrado um instante antes. Acreditava que eu não sabia que fora ele a escrever as cartas e perguntou:

— Então, como gosta da "Cidade Rainha do Oeste", Sr. Davis?

— A minha visita tem sido muito agradável — respondi. — Só há uma coisa a que me oponho nas feições exteriores desta cidade.

— Qual é essa objeção, Sr. Davis?

— O fumo negro emitido pelo carvão betuminoso tão geralmente usado como combustível — disse eu. — Suja a roupa em poucas horas.

— Hm! E como têm sido as suas audiências?

— A última palestra do meu ciclo teve a maior afluência — respondi.

— Consegue dizer no que é que um homem está a pensar? — perguntou o desconhecido.

— Consigo dizer qual é a ambição de um homem — respondi.

— Consegue dizer qual é a minha?

— Tem três ambições — disse eu. — Primeiro, fumar os melhores charutos; segundo, possuir o cavalo mais rápido a trotar; terceiro, ter o seu bife na mesa precisamente à uma hora da tarde.

Ao ouvir isto, riu-se com vontade e respondeu:

— Não esteve tantos anos na velha Connecticut para nada. É bom a adivinhar, como toda a gente dos "nozes-moscadas de madeira". Diga lá: conhece o Barnum?

— Pois! — exclamei eu, meio a brincar, mas falando a sério. — Esqueci-me de acusar a receção das suas cartas, mas vou fazê-lo agora.

— Que raio! — disse ele, sobressaltado. — Que cartas quer dizer?

Nesse momento entrou o Sr. Moore para me conduzir a outro local e, não desejando afligir o meu adversário, já com ar arrependido, com uma exposição desnecessária, retirei-me. Assim terminou abruptamente a entrevista. Mas fiquei convicto de que o homem das três ambições nunca mais haveria de brincar com os poderes sagrados da clarividência.

De Cincinnati seguimos viagem para Cleveland, Ohio, e ali também iniciámos um trabalho social e público. Nada de especial importância ocorreu durante uma permanência de dez dias nessa cidade, exceto uma circunstância relatada pelo Presidente Mahan — relato que envolve uma questão de veracidade pessoal.

A afirmação desse lógico cavalheiro é, em resumo, a seguinte: que, enquanto eu proferia um discurso público em Cleveland, parei subitamente, entrei num dos meus estados favoritos de abstração e então "professei à audiência ter uma visão" da palestra de Horace Mann sobre "A Mulher"; que em seguida proferi "um parágrafo que comoveu os espíritos" e que,

terminado este, um senhor na assembleia declarou ser palavra por palavra um excerto de um relatório condensado publicado recentemente no New York Tribune.

O teor e as expressões dessa afirmação — que se encontram desenvolvidos no livro do Presidente Mahan intitulado "Mistérios Modernos Explicados e Expostos" — levam-me a crer que ele fundamentou a acusação de "imposição deliberada" em mexericos editoriais de um jornal de Cleveland que, pelas suas múltiplas alegações insuficientes e inescrupulosas contra o Espiritualismo e os seus adeptos, merecia, como então pensei e ainda penso, não ser honrado com uma única linha de reprimenda ou vindicação por parte dos assim atacados.

Mas darei agora ao leitor um relato correto desta circunstância tão deturpada. É verdade que eu estava a proferir um ciclo de palestras em Cleveland. O meu tema dizia respeito igualmente aos sexos, sendo uma definição das suas posições relativas na ordem da criação. É também verdade que, no meio do assunto, hesitei e observei "que seria interessante saber o que um mestre público, como Horace Mann, teria a dizer sobre os direitos das mulheres e a relação entre os sexos". A audiência, tal como eu, sabia que o Sr. Mann estava anunciado para palestrar em breve sobre esse tema.

Assim, nada havia de irrelevante ou maravilhoso em aludir a ele ou ao que poderia ensinar sobre essa questão. É igualmente verdade que permaneci quieto por alguns momentos, durante os quais obtive (por impressão, não por clarividência) aquilo que entendi ser um resumo das opiniões do Sr. Mann. Em algumas frases breves e soltas, transmiti à audiência as minhas impressões, dizendo: "Assim recebo como uma exposição correta dos seus sentimentos, mas se está certo ou errado, aqueles que ouvirem a palestra do Sr. Mann poderão decidir"; após o que um senhor se levantou e afirmou ter lido substancialmente o mesmo no New York Tribune.

O Presidente Mahan diz que eu fiquei "completamente desconcertado com tal anúncio". A verdade é precisamente o contrário, pois eu fiquei satisfeito, sentindo que a minha impressão fora mais exata do que esperava obter na excitação de uma assembleia pública. Assim vê, leitor imparcial, que eu não fiz qualquer profissão de ler a palestra por "visão", nem atribuí importância à transação psicológica.

Mas o Cleveland Herald publicou um relato tolo das minhas "pretensões", "tentativas", "erros", etc.; e, porque eu não me movi para corrigir um pedaço de mexerico jornalístico, este autor dogmático considera

isso um facto assente, implicando "imposição deliberada" e suficiente para derrubar uma série de revelações clarividentes que dizem respeito à minha história passada. Considero este ataque de nenhuma consequência prática e creio que será desconsiderado por todo o leitor atento do Presidente Mahan. A sua obra é uma casa materialista, construída com madeiras talhadas por outras mãos, adornada com

"Ricas janelas que excluem a luz,
E corredores que não levam a nada."

Mas a consequência mais triste das nossas viagens pelo Oeste foi a grave perturbação da saúde física de Katie. Os ventos irregulares e as chuvas miúdas e persistentes do Lago Erie pareceram desenvolver uma doença hepática que, até então, fora mantida sob controlo, ano após ano, pela dieta e pela medicação. O sintoma mais doloroso era uma tosse violenta e incessante.

Voltando-nos, com saudades, para casa, tomámos o comboio para Rochester. Aqui a doença de Katie tornou-se ainda mais devastadora para as suas energias. Sofreu três semanas inteiras. Por fim, indicaram-nos um médico que lhe aliviou muito a angústia. Em breve ela ficou forte o suficiente para fazer a viagem até ao chalé de Hartford. E ali, enquanto o orvalho fresco da manhã cintilava na relva jovem e o suave ar primaveril entrava, ameno, pela porta aberta, o seu corpo recuperou forças e o seu espírito encontrou repouso.

O meu primeiro trabalho público importante após o regresso foi escrever impressões acerca do controlo último do homem sobre as causas das secas e da queda da chuva. Essas impressões foram comunicadas numa série de cartas ao "Hartford Times" e tiveram o efeito de atrair uma chuvada de censuras do Professor Vaughn, do Kentucky, que me acusou abertamente do crime de plágio. À primeira vista, as aparências eram decididamente contra a clarividência. Mas, se o leitor quiser apurar os factos — que mostram quão completamente falsas eram as imputações do professor — e também aprender as leis pelas quais a humanidade pode controlar a queda da chuva, leia o meu opúsculo intitulado "O Homem Harmonial".

Por esta altura comecei a aperceber-me de que o cume da Montanha fora ultrapassado. Já o meu rosto se voltava para o vale desconhecido para lá dela. De quando em quando eu ouvia harmonias à maneira de Anfião, como se uma lira feita de raios de sol fosse tocada pelos dedos hábeis de um anjo. Nesses momentos, parecia quase que árvores, aves, rochedos e ribeiros, e

até nações indómitas de terras distantes, respondiam à música harmoniosa desses Arcádios celestes.

Tais sinais asseguravam-me de que o mundo angélico se ia fundindo silenciosamente com o humano, tal como os céus siderais cobrem a terra opaca dia e noite para sempre; e então eu ansiava por que os inexoráveis sustentáculos do conservadorismo ouvissem aquela cadência tão melodiosa. Mas não queriam ouvir e eu — que podia eu fazer? Ah! Tinha de cultivar a paciência, ano após ano, e, apoiado no meu Cajado Mágico, trabalhar para a raça divina de um futuro longínquo.

O acontecimento seguinte foi a Convenção Bíblica de Hartford; um facto grande e significativo, digno de memória. Indicava a prevalência e a força do Livre Pensamento no próprio coração da ortodoxia da Nova Inglaterra. A convenção prolongou-se por quatro dias e noites. Houve sempre grande e respeitosa afluência, de mentes de disposição liberal. Mas a última noite, embora caísse sobre um dia de domingo, foi uma cena da mais incivil e beligerante confusão. Os hostis fizeram circular um boato, dizendo que "tal era o efeito legítimo das doutrinas promulgadas por aqueles que convocaram a convenção". Mas a minha atenção estava desperta para toda e qualquer manifestação da audiência. E sei que os ruídos aterradores e o tumulto arruaceiro não tiveram origem, nem receberam apoio, de um único amigo da Filosofia Harmonial.

Pouco antes deste grande ajuntamento, ocorreu uma estranha circunstância noturna na nossa casa coberta de videiras. A nossa cozinheira e governanta recolhera-se. O chalé estava silencioso, e o sono pesava em todas as pálpebras, exceto nas minhas; quando ouvi, em baixo, um som invulgar. Um ladrão estava a entrar pela porta da sala de jantar; os seus cinzelamentos e alavancas chegaram-me nitidamente aos ouvidos. Desci as escadas sem ruído e confrontei de imediato o ladrão. Já conseguira entrar e evidentemente se julgava seguro, até que eu me coloquei entre ele e a porta exterior, com uma bengala na mão direita. A lua brilhava obliquamente e permitiu-me ver o contorno do seu rosto, negro como o de um negro autêntico, embora a sua figura e feições fossem as da raça europeia. Nesse instante a voz bem conhecida sussurrou: "Jackson! — fala — com — ele."

Sem receio de agressão pessoal, perguntei-lhe calmamente:
— Não tem comida em casa?

Não recebendo resposta, comecei a admoestar:
— Isto é pouco bondoso, meu amigo, vir visitar-me como se eu fosse seu inimigo. Não sabe que estou sempre disposto a ajudar um homem pobre?

Ele não respondeu e eu continuei:
— Acha que fez bem? Trata-me como a um irmão? Se viesse aqui à luz do dia e me dissesse com verdade quais são os seus sofrimentos e necessidades, talvez eu pudesse ajudá-lo e recomendá-lo à generosidade de outros.

A tudo isto ele não respondeu, mas passou a correr por mim, pela porta aberta, e fugiu, não sei para onde. Felizmente, os habitantes do chalé nada ouviram da ocorrência e assim foram poupados a um susto de meia-noite.

Voltemos agora ao fecho da Convenção Bíblica. O bando excitado pressionava e forçava passagem pela assembleia em direção ao estrado. Os oradores estavam em perigo. Os opositores enfurecidos pretendiam refutar o argumento pela força física. Mas o Cajado Mágico sustentou-me, e eu sustive Katie, que então sofria de grande consternação. Tomando-me pelo braço, ela agarrou-se ao meu lado, e abrimos caminho por um dos corredores em direção à porta exterior, seguidos de perto por um homem forte e de peito largo, que, em silêncio e com êxito, se esforçava por impedir que a turba se lançasse sobre nós.

Assim chegámos à rua, entre apupos, gritos e imprecações, permanecendo o estranho hercúleo como guarda-costas. As forças turbulentas amainaram a cerca de cem varas do salão da convenção, e ficámos entregues a nós próprios, ilesos. O luar era ténue e, no entanto, quando o desconhecido se afastou e seguiu caminho, reconheci o contorno daquele rosto enegrecido que eu vira à meia-noite! O nosso protetor era o ladrão! O ladrão revelou-se nosso benfeitor! Dize-me, caro leitor — se eu tivesse retido palavras bondosas e, em vez disso, desferido golpes pesados no perturbador noturno dos nossos direitos privados, acreditas que ele nos teria conduzido tão nobremente através daquela perigosa tempestade de paixão humana?

Embora eu estivesse então a descer, dia após dia, em direção ao vale entre o Monte do Poder e o Monte da Beleza, logo após a Convenção Bíblica a minha condição era extremamente favorável aos exercícios clarividentes e impressionais. Assim, as minhas palestras sobre "Vícios e Virtudes Fisiológicos" foram depressa percebidas, concebidas e postas por escrito. Mais tarde, esses discursos foram publicados na primeira parte do quarto volume da "Grande Harmonia".

Mas os longos dias de verão derramaram demasiada influência tropical sobre a minha honrada companheira. A sua forma delicada começou lentamente a mostrar sinais de uma doença próxima. Cansada, gasta e fraca

estava ela; o seu sono era curto e irregular; e uma palidez sombria estendia-se pela sua testa e face.

A Natureza prescrevia-lhe sempre o estímulo calmante das brisas do mar. Para assegurar esse remédio, apressámo-nos para um povoado, a um quilómetro a leste de Lynn, Massachusetts, conhecido como Swampscot, onde encontrámos acomodações confortáveis diretamente voltadas para o mar aberto. Maria, a sua fiel criada, estava connosco. Contudo, não muito depois da nossa chegada, a doença de Katie agravou-se. E como eu, havia seis anos, não fazia exames médicos — porque as minhas energias mentais eram exercitadas constantemente noutros e mais altos planos — vi-me na necessidade de recorrer à ajuda de um médico. Chamou-se, assim, o Dr. B. F. Hatch, a pedido dela. Sob as suas prescrições, os sintomas abrandaram e eu alegrei-me ao vê-la de novo capaz de apanhar ar num coche aberto. Os passeios na ampla praia e a alegria das brisas salgadas exerceram em breve uma influência favorável.

Mas um dia, estando de novo muito prostrada e presa à cama, ela arrefeceu e desanimou, e disse:
— Querido Jackson, temo que este corpo esteja muito gasto. Sinto-me quebrada — cansada da vida — aborrecida de arrastar este corpo doente.

— Não desesperes, Silona — respondi. — A tua constituição ainda é forte e pode durar muitos anos. Quando o tempo se tornar menos abafado e chegarem os belos dias de outubro, talvez possas ficar novamente muito bem.

— Não me fales em ficar bem — disse ela com um ar de resistência. — Preferia ir já e não ter de passar por este processo doloroso outra vez.

— Já estiveste muito doente muitas vezes, Silona — repliquei. — Já sentiste a restrição, a escravidão, o tédio de muitos dias e meses de enfermidade; mas tão bons eram os teus poderes naturais de recuperação que voltaste a restabelecer-te e a desfrutar do luxo da saúde. Agora penso que podes confiar no teu vigor natural e não ser desiludida.

Ela não respondeu. O lábio, sem fala, tremia; o peito ergueu-se ligeiramente; mas tudo estava silencioso no quarto. Pouco depois, perguntou:
— Achas, meu Jackson, que eu tenho medo de partir daqui? Se achas, enganas-te muito quanto aos meus sentimentos. Maria! — disse ela, dirigindo-se à criada — abre o baú e dá-me a minha pasta. Jackson, levanta-me na cama — quero escrever uma carta.

Quando a sua postura ficou confortável e os instrumentos de escrita estavam sobre o colo, parti para Boston. Ia lá muitas vezes, onde podia escolher as melhores uvas, peras-passe, pêssegos, melões e outros frutos, do agrado do seu apetite. Ao regressar, ela disse:
— Aí tens, Jackson: quando saíres de novo, põe essa carta no correio. Eu escrevi-a e selei-a — acrescentou — para que ninguém possa dizer que eu estava sob a tua influência.

A carta era dirigida a "Joseph M. Blake, Esq., Bristol, Rhode Island", o advogado que tratara de muitos assuntos dela.

Alguns dias depois, o referido senhor chegou e consultou-a acerca da forma de me legar toda a sua propriedade. A seu tempo, os necessários documentos legais foram redigidos e assinados e assim se consumou mais um ato da sua natureza generosa. Na minha mente não existia sequer a sombra de um desejo de possuir a sua fortuna. E, um dia, quando exprimi calmamente este facto, ela respondeu:
— Oh, eu sei disso! meu Jackson. Mas tu vais precisar de tudo o que o meu querido pai me deixou, e de mais ainda, para sustentar a obra da tua vida. Só lamento não ter uma parte maior para te deixar.

Estes acontecimentos deram-se nos dias mais quentes de agosto de 1853, quando a prostração do corpo de Katie mais lhe oprimia o coração. Mas as brisas refrescantes e fortalecedoras de setembro reanimaram-na bastante e, em pouco tempo, regressámos a Hartford, animados pelos prazeres da Esperança.

CAPÍTULO LV
VIDA NO CHALÉ

"Quão calmas e doces são as vitórias da vida,
Quão sem terror é o triunfo da sepultura!"

A minha peregrinação avançara quase até ao mais baixo vale na depressão psíquica. Era, pois, um período de completo descanso espiritual. Por isso escrevi pouco, não me esforcei por proferir discursos públicos, e o mundo angélico raramente soprava as suas mensagens musicais ao meu ouvido. A maior parte de cada dia, pelo contrário, foi dedicada a acudir às necessidades de Katie. Pois, pouco depois do nosso regresso, ela voltou a sentir-se nervosamente cansada e desalentadoramente prostrada.

Algures em outubro, creio eu, enquanto caminhava em direção à cidade, fui interpelado por uma mulher idosa, mal vestida, que perguntou:
— É o Sr. Davis?

— Sim — respondi. — Deseja alguma coisa?

— Desejo, senhor — disse ela muito agitada. — É o senhor um mestre das Artes Negras?

— Não! Mas por que pergunta?

— Porque eu estou a morrer todos os dias — a morrer aos poucos — porque fui enfeitiçada por um inimigo.

— De facto! Sabe como foi feito e quem o fez?

— Valha-me Deus, senhor, eu não sei nada de quem seja o meu inimigo. Alguém, sem eu saber, mandou-me esta carta.

Dizendo isto, apresentou-me um bilhete mal escrito, que dizia o seguinte:

"Gato preto, gato bravo, gato — Isto é para te dizer que se não parares e não saíres do quarto onde vives agora, eu vou atormentar-te todos os dias de todas as semanas e todas as horas de todos os dias e todos os minutos de todas as horas e todos os segundos de todos os minutos até saíres ou morreres.
(Assinado)
†""

Depois de ler o bilhete maldoso, dobrei-o e conservei-o na mão direita. A distância até aos correios ainda era considerável e, como o meu assunto ali era urgente, convidei-a a caminhar comigo nessa direção.

— Onde mora? — perguntei.

Ela respondeu que o seu quarto era numa casa de inquilinos onde viviam várias famílias.

— Alguma pessoa nessa casa alguma vez lhe pediu que se mudasse para outro sítio?

— Não, senhor.

Mas eu senti, pela esfera do bilhete, que alguém no prédio de quartos lhe invejava o aposento arrendado que ela ocupava e que a parte invejosa tomara esse caminho culposo para assustar e afastar a mulher supersticiosa.

— Como se sustenta? — perguntei.

— Vou lavar roupa e fazer limpezas, senhor.

— E o que come e bebe?

— Oh, senhor, desde que fui enfeitiçada quase não como nada. O meu estômago acabou-se e não tenho apetite para comida, só café há seis semanas. Oh, senhor, sinto-me tão fraca — sei que estou a morrer aos poucos — não posso viver assim muito tempo! Ai, Jesus!

Eu resolvera fazer bem àquela mulher. Compreendia a sua fraqueza de espírito, a sua crença em bruxaria e a total ignorância do facto de estar apenas psicologizada pelo Medo. Lógica, persuasão, filosofia, religião — nenhuma delas era remédio; nada senão um poder psicológico mais positivo, aplicado sem explicações, a curaria e salvaria. Disso eu estava moralmente certo.

Chegados à igreja unitarista, parei e disse:
— Vamos agora separar-nos. Reparou que eu trouxe este bilhete na mão direita?

— Oh, sim, senhor — respondeu ela, com um ar de alívio mental.

— Repare — disse eu, tirando o lápis e riscando a face do bilhete; depois soprando sobre ele por um momento e devolvendo-lho à mão — repare: esse bilhete já não lhe pode fazer mal. É inofensivo. Tem de o queimar assim que chegar a casa. Varra as cinzas para o fogão ou para a lareira e não pense mais nisso.

— Valha-me Deus, senhor — essas palavras da carta não me enfeitiçam na mesma?

— Não, não tema as palavras — disse eu. — Mas quero fazer-lhe uma pergunta. Sabe que o seu café é exatamente da cor da Noite, quando as influências escuras prevalecem?

— Sei, senhor — respondeu ela — embora nunca tenha sabido que me fizesse mal.

Mas, enquanto falava, um arrepio percorreu-lhe o corpo, como se se alarmasse com a semelhança de cor entre a sua bebida preferida e certa celebridade de casco fendido.

— Não deve beber um líquido negro — disse eu.

— Valha-me Deus! então que hei de eu fazer? Se me tirar o café, senhor, morro, tenho medo. Ai de mim!

— Vá já para casa — respondi — e, assim que queimar o bilhete, prepare para si uma batata assada e coma-a com pão e manteiga. Amanhã de manhã, além da batata e do pão, pode tomar uma colher de sopa de café; e assim também durante um mês, mas não depois disso. E lembre-se: nunca diga a nenhum ser humano que fui eu quem lhe deu estas instruções.

Ela prometeu-me e partiu, aparentemente cheia de fé. Passou pouco mais de um ano até nos voltarmos a encontrar. Foi ao crepúsculo. Afastando-se para a margem exterior do passeio, na North Main Street, ela sussurrou:

— Que o Senhor o recompense, senhor.

— Está agora completamente bem e feliz? — perguntei.

— Nunca estive melhor, senhor, há muitos anos — o que me disse para fazer foi a minha cura. Ninguém me perturba a paz nunca mais. Oh, senhor, eu sabia que o senhor era mestre das Artes Negras!

— Não — disse eu. — A minha arte é a Natureza não compreendida. Se voltarmos a encontrar-nos, quando eu tiver uma hora livre, hei de dizer-lhe como expulsei de si as bruxas.

— Oh, obrigado, senhor — estou-lhe muito agradecida — pode só dizer-me o nome da sua Arte, senhor?

— Certamente, boa mulher — disse eu. — O nome do encanto que a curou é Psicologia.

— Escailólóge! — exclamou ela. — Escailólóge!

— Sim — disse eu — Psicologia. Mas não diga essa palavra a outros.

— Oh, senhor — não tenha receio — estou-lhe agradecida demais para isso.

Com estas palavras separámo-nos, e nunca temi que o segredo fosse traído.

O preconceito é insolente como é idiota e impiedoso como é erróneo. A minha história privada é uma demonstração disso. Mentes demasiado embotadas para sentir uma verdade e demasiado indolentes para examinar um princípio são as primeiras a gritar "cão raivoso!" e a berrar "infiel!" Apupos, assobios e exclamações tolas chegavam-me ao ouvido quase todos os dias. Rapazes da escola dominical escreviam, a giz, palavras vulgares na vedação do nosso chalé e nos postes do portão.

Estudantes de Cícero, Xenofonte, Locke, Bacon e Teologia ecoavam em público o ridículo que professores assalariados tantas vezes sussurravam em privado. E jovens senhoras também — não muito providas daquela caridade que não suspeita o mal — mas absorvendo o preconceito de preceptora, ministro ou pais, todos igualmente mal informados — soltavam nervosamente pequenos epítetos astutos e sátiras inofensivas com que procuravam travar o progresso do nosso Movimento. O que era tudo isso para mim? Divertimento, e nada mais. No céu azul eu tinha amigos firmes como as montanhas eternas!

Mas suponhamos que eu não tivesse sentido tal apoio; então que restava? Uma consciência interior de agir corretamente — isso e o Cajado Mágico. Que mais era necessário? Nada! O sol que despertava música do peito de mármore da estátua de Mémnon é apenas um símbolo desse astro oculto que salpica o caminho da justiça com inumeráveis alegrias.

E, no entanto, além dessa fonte privada de força, vieram até mim certos espíritos companheiros — espíritos afins, amorosos, musicais, alegres, dotados — perfumados de bênçãos ambrosíacas e de simpatias doces como campos de violetas imperecíveis.

"'Dominus illuminatio mea'", pensei eu, quando — caminhando um dia pelo parque do Trinity College — rapazes brincalhões me encharcaram com um balde de água imunda atirado de uma das janelas superiores. "Deus é a minha luz, o Cajado Mágico é o meu apoio, e não há nada na Terra capaz de impedir." Mas os caloiros riram-se — e eu também — da sua graça e tolice. "E, contudo", pensei eu, "quão melhor seria se este colégio ensinasse o espírito do lema da Universidade de Oxford! Então, em vez de mentes artificiais, a Instituição daria ao mundo Homens vivos!"

Era um belo dia de outubro lá fora; o sol derramava raios dourados sobre a terra, mas havia sofrimento dentro do Chalé. Cansada da sua prostração contínua e impaciente por causa do confinamento que dela resultava, Katie disse:

— Afasta essa luz desagradável — fecha as cortinas das duas janelas — e não me deixes ver o sol outra vez!

A obediente Maria acatou de imediato.

— Que te aflige assim, Silona? — perguntei, indo à cabeceira. — Sentes-te pior hoje?

— Estou irritada! — respondeu ela, desesperada. — Estou farta até à morte desta doença incorrigível! Não melhoro nem pioro. É só um arrastar cansativo. O dia é tão enfadonho e longo, e a noite não me traz descanso.

— Os teus sintomas estão melhores hoje, Silona — disse eu. — Talvez, para a semana, possas retomar os passeios de carruagem e gozar o ar ameno como dantes.

— Não me fales de incertezas — respondeu ela com triste ênfase. — Este velho corpo não me há de oprimir por muito mais tempo, espero.

Maria lavou-lhe suavemente as mãos e a testa e depois colocou diante dela a bandeja com iguarias cuidadosamente preparadas para lhe despertar o apetite que esmorecia, mas a doente fatigada declarou que nada lhe dava gosto. A pedido dela, retirou-se a comida e ela disse:

— Meu Jackson — promete-me uma coisa, sim?

— Penso que posso prometer tudo o que me pedires — disse eu.

— Promete-me — disse ela, com muita energia — que, quando o meu espírito se for, impedirás a ralé de olhar para este velho corpo gasto.

— Espero — disse eu — que conserves o uso do teu corpo durante muitos anos; mas, se não continuares nele por muito tempo, a quem, entre os nossos amigos, devo convidar para vir aqui?

— A ninguém — respondeu ela, com um olhar indignado. — Este chorar por um corpo morto, depois de ter negligenciado tratar o espírito vivo com respeito, é supremamente ridículo.

— Mas que queres tu dizer, Katie? — disse eu, realmente surpreendido com a singularidade do pedido. — Quem devo admitir e quem devo excluir?

— Exclui toda a gente — disse ela, com grande resolução. — E mais: não quero que os meus parentes sejam informados da minha morte, senão como os outros vierem a sabê-lo; porque o corpo sem vida, quando o meu espírito tiver voado, não precisa de paradas dispendiosas nem de exibição de luto.

— Silona — perguntei — consideras os sentimentos da natureza humana em tais ocasiões?

— Promete-me! — disse ela, agarrando-me de súbito a mão — diz que prometes cumprir o meu último pedido.

— Sim, Katie — respondi — prometo. As nossas opiniões harmonizam nestes assuntos. Cumprirei rigorosamente os teus desejos.

— Há mais uma coisa, meu Jackson — continuou ela então — que tens de me prometer.

— O que é, Silona?

— Sabes — disse ela — que tenho um horror perfeito de ser enterrada viva.

— Sim, Katie, sei! — foi a minha resposta, plenamente compreensiva.

— Então — disse ela — promete que não mandarás enterrar o corpo até teres a certeza de que estou total e completamente fora dele.

— Pela minha alma, prometo. Tal como eu não quereria ser sepultado vivo, assim impedirei igual desgraça sempre que estiver ao meu alcance fazê-lo.

— Prometes-me, meu Jackson? Fala!

— Prometo. Solenemente te prometo. Nisto podes confiar plenamente. Mas talvez ainda me sobrevivas na Terra; por isso, anima-te, Katie.

— Pronto! — exclamou ela, mais tranquila e alegre. — Estou satisfeita. Maria querida, traz-me a geleia de goiaba e aquela que a Sra. Cheney me deu; quero prová-las e compará-las. Mas a minha língua está tão seca que mal consigo sentir o sabor.

— Queres que eu entreabra a cortina, Katie? — perguntei — para que possas ver as geleias?

— Sim, querido — respondeu ela — o sol está quase a pôr-se. A luz é mais agradável.

O tempo prosseguiu o seu curso silencioso e já levara três semanas ao oceano da eternidade quando o espírito da minha benfeitora estava prestes a elevar-se. Por graus imperceptíveis, a personalidade imortal retirou-se da observação sensorial. Os seus sofrimentos não eram de dor, mas de total exaustão. A majestosa ousadia do seu olhar foi substituída por expressões de ternura e afeição. Havia, por vezes, uma aurora de glória nas suas feições e, ocasionalmente, sons de harmonias mais elevadas no timbre da sua voz. E, por fim, quando a quietude da tarde se reuniu sobre as colinas, ela passou para a sua "casa".

Na presença de alguns testemunhos amigos, o corpo exausto foi abandonado sem luta — na véspera de 2 de novembro de 1853 — e no seu rosto familiar ela deixara um sorriso de repouso e satisfação. Parentes da Segunda Esfera vieram buscá-la enquanto ainda permanecia na forma; e, quando o seu espírito ficou completamente liberto, conduziram-no suavemente ao alto pavilhão do seu Pai. Fizeram-me um pedido singular, que registei noutro lugar; e também, na mesma obra — "As Penetralia" — existem registos de duas notáveis visitas do seu espírito desencarnado; e, portanto, para evitar repetição, limitarei a remeter os meus leitores para a página 165 do referido volume.

O mobiliário confortável e dispendioso do chalé foi, por fim, vendido; outros compraram e ocuparam a morada resguardada; e assim desceu o pano sobre essa parte da minha vida.

CAPÍTULO LVI
O DUPLO SUICÍDIO

"Quando o teu coração em luta tiver vencido,
Quando o caminho se mostrar belo e claro,
Quando estiveres preparado para o céu,
Hás de descobrir que o céu é aqui."

Pouco depois de o espírito de Silona se ter retirado do mundo dos efeitos, comecei a ouvir indistintamente prelúdios eólios de incontáveis harmonias celestes. Embora as sombras do vale profundo me envolvessem e embora uma névoa de lágrimas encobrisse o meu coração solitário, ainda assim, por vezes, eu ouvia os místicos murmúrios de muitas vozes vindas da invisível Montanha da Beleza. Como o refresco da chuva de abril, ou como o florescer de flores imortais do pensamento no jardim da alma, assim me soava o "doce preâmbulo de encantadora sinfonia" que ressoava por todo o meu ser.

A atração era irresistível! Os meus olhos voltaram-se para as encostas da eminência futura e os meus pés marcavam o compasso da música que reverberava do seu cume invisível. A profundidade sagrada dessa música da Montanha, caro leitor, infundia no meu espírito uma alegre solenidade. Suspiráva como o som onírico hermético da concha do oceano; e, contudo, havia também nela o poder encantatório de Anfião e aquela medida harmoniosa que as esferas eternas fazem rolar pela imensidão.

Com uma valsa das minhas faculdades, continuei a minha peregrinação através desta planície pacífica de contemplação. O irmão espiritualmente designado, o Sr. Green, era então cidadão de Hartford. Com a sua habitual hospitalidade, fez-me sentir "em casa" na sua residência.

Os imprudentes opositores do espiritualismo tinham, por esta altura, atingido o terceiro grau do absurdo. Tinham soado a trombeta da "Infidelidade" até os pulmões quase lhes colapsarem de puro esgotamento. Mas eu repelira a acusação através de discursos públicos, nos quais expus a ideia harmonial da imortalidade. Ensinei que o Cristianismo puro é Amor sem adulteração, ao qual a nossa Filosofia é o princípio de Sabedoria. Portanto, que não éramos "infiéis" a tudo quanto é bom, verdadeiro e divino.

Depois, os opositores mudaram de posição e denunciaram o espiritualismo como a principal causa de "loucura". Também esta acusação eu refutei, mostrando que a origem dos manicómios remontava a data anterior a 1848, quando as manifestações modernas foram pela primeira vez abertamente inauguradas neste país. Além disso, ensinei que a natureza

humana era *causa non cognita* — que os princípios da organização espiritual do homem estavam ocultos para o povo das igrejas — e que, por isso, o mundo cético e a Igreja não podiam explicar a comunicação com os espíritos.

Em seguida, irrompeu "o mexerico" de diáconos e dos editores de jornais de cabeça estreita. Afirmavam sem reservas — naturalmente sem a mínima prova — que "o Espiritualismo é Doutrina do Amor Livre". A acusação de libertinagem foi feita sem rodeios. Pareceu-me este o derradeiro grau de malícia e absurdo. Mas, embora eu não me tivesse declarado "espiritualista", tinha frequentemente professado ser um "amante da sabedoria"; e assim, pedindo para conhecer a verdade exata, aceitei a tarefa de examinar a origem, as leis, os direitos, os erros, etc., da relação conjugal. Este tornou-se, portanto, o labor da minha peregrinação, durante toda a subida da Montanha da Beleza.

— Que progressos faz com a questão do casamento? — perguntou o Sr. Green, que sabia que eu consagrara muitos dias, na primeira metade, à solução do problema.

— Acho — disse eu — que a ordenança do casamento é mais divina do que o mundo geralmente crê que seja.

— Qual é a lei natural? — perguntou ele.

— Ah, isso ainda não descobri.

— Há algum modo — perguntou — de decidir quem é o verdadeiro companheiro?

— Ainda não sei — respondi. — As minhas investigações interiores não estão concluídas. Mas, pelo que tenho percebido, estou certo de que a discussão pública desta relação entre os sexos é absolutamente necessária.

— Porquê? — perguntou ele.

— Porque — disse eu — de maus casamentos resultam filhos maus; enquanto das uniões do coração o mundo recebe crianças ao mesmo tempo pacíficas e belas.

— E o que pensa do divórcio? — perguntou ele.

— É minha impressão — respondi — que um homem e uma mulher que descobrem não conseguir viver em paz na relação matrimonial deveriam ter honra e humanidade suficientes para assumir entre si a relação de irmão e irmã.

— Mas as leis — disse ele — não concederiam divórcio por tais considerações.

— Então as leis devem ser alteradas — respondi — para que se promova a felicidade geral da humanidade.

Esta conversa teve lugar pouco antes de eu partir numa digressão de conferências por parte de Massachusetts e pelo oeste do estado de Nova Iorque. As minhas penetrações interiores estavam ainda confinadas, por então, a um levantamento clarividente dos "vícios e virtudes fisiológicos" tanto dos casados como dos jovens; e, incidentalmente a tal levantamento, não pude deixar de detetar uma multidão de males atrozes que brotavam das relações matrimoniais existentes, males que nada, senão o divórcio, poderia efetivamente banir de milhares de lares e corações.

Em cumprimento de um convite, segui para Boston e proferi vários discursos reformadores. Enquanto lá estive, recebi visitas de muitas pessoas, de ambos os sexos, que afirmavam sofrer as dolorosas consequências de falsas uniões. Mas a todos respondi: "Ainda não completei o meu exame da relação matrimonial. Por isso, não estou preparado para vos oferecer senão a minha simpatia."

Certo dia fui visitar uma senhora, a Sra. Newton, dotada do poder de discernir coisas espirituais. Tinha uma palavra e um símbolo para cada emoção e cada pensamento. Desejos e simpatias humanas deslizavam para encarnações pitorescas e feéricas, obedecendo ao mandato da sua idealidade inspirada; e, ao suave fiat da sua vontade, a condição e o futuro de uma pessoa em *en rapport* erguiam-se e passavam perante a sua visão como um panorama de utilidades e proporções inteligíveis.

Trocadas algumas palavras de amistoso reconhecimento, sentou-se perto de mim e disse:
— Não é pelo seu intelecto que eu me aproximaria de si, irmão. Com esse posso familiarizar-me lendo os seus escritos.

— Como deseja então conhecer-me? — perguntei, muito agradado com a suavidade do seu falar.

— Pela sua natureza social — respondeu ela com franqueza; — e assim eu quereria que conhecesse também o meu bendito marido.

Assegurei-lhe que o meu espírito estava sempre grato por qualquer acréscimo de alegrias fraternas. E durante algum tempo conversámos sobre os prazeres e as verdades da Terra dos Espíritos. Por fim, exclamou:

— Quão feliz seria o mundo — quão jubiloso o coração de cada um — na verdadeira relação matrimonial!

— Sim — respondi — as misérias dos casamentos falsos são devastadoras e corruptoras para todos os envolvidos.

— Não há muito tempo — disse ela — veio visitar-me um cavalheiro muito refinado, cujo coração transbordava simultaneamente de felicidade e de miséria.

— De facto! — disse eu. — Qual era a causa de emoções tão contraditórias?

Com tom de ternura ela respondeu:
— Ele está ligado, e há anos, a uma pessoa antipática, sem resposta, sem amor.

— Encontrou ele alguém por quem sinta verdadeira atração? — perguntei.

— Oh, sim, irmão. Enquanto aqui esteve, o coração estava sobrecarregado pelo seu imenso amor por outra; uma pessoa ardente, gentil e afim.

— A esposa desagradável e sem amor sabe da sua ligação a esse outro coração mais sensível? — perguntei.

— É um caso muito singular, irmão — respondeu ela. — A sua esposa legal, como disse, não é afetuosa. Parece ter pouca noção dessas sensibilidades mais finas que, na natureza dele, reclamam uma resposta delicada e amorosa. Deve ser, contudo, uma mulher digna, pois não só sabe do amor inteiro e devotado dele por outra, como consente nele. E está até disposta a defender essa relação mais verdadeira, por acreditar que é justa.

— Um caso muito singular, de facto! — disse eu. — Se é verdade que aquela que é sua esposa legal concorda com esta nova relação por crer que é um ato de justiça — se esta impressão que recebeu da mente do infeliz cavalheiro estiver correta — então ela deve ser uma mulher de nobre espírito, ainda que não afetuosa, e eu gostaria de a ver. Na verdade, tão raro é uma alma humana escolher o caminho do sacrifício pessoal por impulso de um alto princípio amante da justiça, que eu estaria disposto a partir ainda esta noite e a caminhar quinhentas milhas para ver tal pessoa!

A senhora dotada relatou então o essencial de uma visão acerca do passado e do futuro do seu amigo, que testemunhara enquanto ele estivera na sua presença. As suas descrições infantis eram ao mesmo tempo

amorosas, comovidas, preces, belas, luminosas, proféticas e elogiosas. Esta encantadora cena simbólica do futuro dourado do cavalheiro numa união mais feliz, em contraste com o frio e a sombra de um passado sem amor, foi escrita e impressa num jornal de Boston. Era verdadeira poesia com vestes de prosa. Mas depressa passou a hora que eu reservara para uma conversa agradável com esta estimada irmã; e parti com uma imagem onírica pintada nas paredes da minha memória, à qual tenho muitas vezes regressado com a mais sentida satisfação.

O anúncio público de que eu estava disposto a viajar e a falar sobre temas de Reforma trouxe-me em breve mais convites do que eu podia aceitar pessoalmente. O velho Inverno retirara nominalmente o seu domínio sobre o tempo, e a Primavera estava à entrada do lúgubre templo de março; mas escuros, sombrios e caprichosos eram ainda os dias que passavam.

— O tempo afeta-o? — perguntou o Sr. Tirrell, a quem eu acabara de ser apresentado.

— Muito pouco, senhor — respondi. — Com certas precauções, posso suportar quase qualquer temperatura.

— Virá ao nosso lugar e dará algumas palestras? — perguntou ele.

— Onde mora? — perguntei.

— Em Quincy, neste estado, na região das pedreiras de granito.

Ficou tudo combinado e, passados alguns dias, cheguei à casa do Sr. Tirrell. Isto foi por volta de 4 de março, creio, de 1854. A minha palestra estava marcada para a noite de domingo. A tarde desse dia estava bem primaveril e saímos a passear para as célebres colinas de granito.

O meu guia liberal, o Sr. Tirrell, disse:
— Penso que vamos passar pelo cemitério. É apenas um pequeno desvio.

Assim, entrámos no recinto e, pouco depois, parámos diante de uma lápide lisa de mármore, para a qual o amável guia me chamou a atenção. E então apoiei-me no Cajado Mágico; pois, olhando na direção indicada, vi distintamente gravadas na face daquela pedra inanimada estas palavras estarrecedoras: "Em memória de John e Hannah Greaves, iludidos pelos escritos de A. J. Davis."

A história, tal como me foi contada, está vagamente na minha memória; mas penso que, no essencial, era mais ou menos esta: Um jovem casal, legalmente casado, veio do Oeste. Ao princípio supôs-se que eram ambos jovens homens, porque a esposa, dada a fantasias, se vestia com traje

masculino. O seu mau espírito era a Pobreza. O marido, amante de aventuras, sapateiro de ofício, trabalhava por vezes; mas, por alguma razão, não ganhava o suficiente para pagar a pensão.

Por fim, a suspeita conduziu à chocante descoberta de que a mais nova das duas pessoas era uma mulher disfarçada. Como tinham partilhado quarto e o povo de Braintree não sabia que eram legalmente um só, os habitantes indignaram-se contra eles. Isto, somado às aguilhoadas da pobreza e à debilidade geral das suas faculdades morais, impeliu-os a um suicídio simultâneo. Entre alguns papéis soltos e poucos livrinhos encontrados no quarto que o par romântico ocupara, descobriu-se o primeiro volume da "Grande Harmonia". E, ao folhear as suas páginas, pareceu haver alguma evidência de que, antes de cometerem o horrível ato de suicídio, tinham lido certos parágrafos na filosofia da Morte. Quando o pai do jovem, homem irrefletido e preconceituoso, chegou do Oeste e encontrou esse ténue fio de prova circunstancial, fechou de imediato o juízo contra a perceção de qualquer outra circunstância e motivo para o suicídio, e levou o gravador da lápide a inscrever a flagrante falsidade que aqui registo com franqueza.

— Amigo Tirrell — disse eu — então este é o caso de suicídio de que os opositores do espiritualismo tanto se serviram, com tanta fúria, há cerca de três anos, é isso?

— É esse mesmo — respondeu ele. — Mas não teve grande efeito nesta região.

— Porquê?

— Porque — respondeu — toda a gente por aqui sabe que os seus escritos nada tiveram a ver com o suicídio deles.

— De facto! — disse eu. — É verdade que as pessoas, os nossos opositores aqui, não endossam a inscrição daquela lápide?

— Sim — respondeu ele. — Não creio que o seu pior inimigo nesta aldeia seja favorável a essa inscrição.

— E então, o que pensam do Sr. Greaves, o pai do jovem? — perguntei.

— Tudo quanto ouvi dizer sobre o assunto — respondeu o Sr. Tirrell — concorda em que o pai se tornou ridículo neste caso; porque as várias causas privadas que levaram ao terrível ato são bem conhecidas da maioria dos nossos cidadãos.

Mas o espírito de meditação veio sobre mim, enquanto eu me apoiava no Cajado, e silenciosamente solilóquio assim: quão miseráveis são os traços

de uma mente que, dominada e enfurecida pelo preconceito, consegue gravar em mármore hieróglifos do erro! Suponhamos que eu fosse inimigo da Filosofia Harmonial. Suponhamos que eu fosse cidadão deste estado ou de alguma cidade distante, em visita de prazer a este lugar natal de John Quincy Adams e de outras personalidades ilustres. Para beber o sol e o ar, suponhamos que eu vagueasse por aqui — caminhando sem ruído e reverente entre os sinais silenciosos dos mortos sepultados.

De súbito os meus olhos repousam naquela inscrição. Pergunto a um transeunte que por ali demora o sentido exato daquelas palavras claramente esculpidas. As feições pálidas de um par suicida formam-se imediatamente no meu pensamento. Estendidos e imóveis, cobertos por uma pesada sombra de trevas morais, frios como a lua, traídos para o seu mudo sono por A. J. Davis! Quem é esta pessoa perigosa? Onde vive? O que escreve? Será possível que um ser assim seja deixado à solta numa comunidade civilizada? A minha respiração acelera, esfrego os olhos; recuo e considero; paro e volto; ajoelho-me junto ao solo; volto a olhar e odeio o homem!

Mas estas suposições são para estranhos, não para mim. Que penso eu, então, deste registo monumental? Vou dizer-vos. Penso que o pai destes filhos falecidos publicou uma falsidade que não só constitui um dano duradouro ao seu próprio carácter, como é um insulto aberto a um direito natural do mundo vivo. Esse direito natural é o de possuir a Verdade. Mas que apóstata da justiça é aquele que, levianamente, publica uma fabricação perniciosa!

Quão temerário perante todas as insígnias de um homem honrado! Eis alguém que, conscientemente, fez até a matéria inerte transmitir à alma estrangeira a mais nociva ilusão; que tentou deter uma Verdade por um bloqueio de mármore, tal como uma pedra foi rolada para a porta do sepulcro por aqueles apóstatas judeus que procuraram imolar o princípio divino do Amor. Para a mente de um anjo, a inscrição lê-se assim: "O mundo, iludido por um pai injusto."

Recentemente, três pessoas cometeram suicídio em Nova Iorque. Em cada caso, a causa foi: "desilusão amorosa". Os corpos abandonados foram decentemente sepultados. Mas, em vez daquelas belas palavras gravadas na lápide de cada um, por que não apresentar aos presentes algo como isto: "Iludidos pelo autor do Amor!" Quem escreveu "amor" no livro da vida humana? Quem fez o coração? Quem anima e ocupa o universo?

Assim meditava eu, caro leitor, quando o Sr. Tirrell me pediu que prosseguisse o passeio previsto até às pedreiras de granito para lá dos

campos. Nessa noite, não obstante a falsidade da lápide quanto à causa do Duplo Suicídio, o grande salão estava a abarrotar de ouvintes ansiosos e afetuosos; e, na manhã seguinte, parti com a alma cheia de gratidão ao Pai-Deus e ao mundo angélico.

Durante todo o percurso, da Nova Inglaterra ao centro do estado de Nova Iorque, com muito poucas interrupções, ouvi música vinda da Montanha ao longe. Inexprimivelmente doce e irresistivelmente elevadora era a melodia que descia pelas encostas psíquicas entre mim e a eminência da Beleza. Quer em hotéis, quer em comboios, quer em casas particulares, ou mesmo quando, diante do público reunido, eu falava e o dirigia, o meu ouvido interior captava os hinos celestes de coros invisíveis. E uma vez, estando eu na varanda de um hotel de Auburn, ouvi: "Tu — não — és — um — viajante — solitário, meu — filho." A voz era a do meu honrado Guia. Era musical como o canto de águas murmurantes; suave, baixa e harmoniosa, como o pulsar de um coração angélico imperecível.

Os habitantes de Auburn, em geral, eram decididamente hostis aos meus discursos públicos; e, contudo, as questões a que eu solicitava atenção eram de importância universal. Se um homem de púlpito tivesse proferido as minhas palestras, multidões teriam acorrido para as ouvir; mas, como era, sem nada de popular a apoiar-me por trás ou no meu falar, a assistência foi limitada.

Aos que vieram, porém, apresentei a filosofia da existência humana, o valor da vida, as bênçãos morais da saúde física. Ensinei que os casados deviam evitar toda a espécie de indulgência de "amor de sangue"; que os ainda não casados deviam resistir a todo o impulso para a perversão sexual; que chá e café, carne de porco e tabaco, álcool e pólvora, palavras profanas e indecência de qualquer género eram inimigos das funções reprodutivas — e que é por esse departamento da nossa natureza comum que a raça pode ser melhorada e elevada, libertando-se de tendências orgânicas para a guerra, a crueldade, a escravatura, os crimes privados e desastres de todo o nome e grandeza.

— Qual é o objetivo das suas palestras? — perguntou um cidadão de Auburn.

— Destruir a sua casa de prisão ali junto ao depósito — disse eu — e convidar o mundo ao altar da Natureza.

— O que quer dizer com "altar da Natureza"? — perguntou ele.

— O altar da Natureza — respondi — é o espírito humano.

— Não o consigo compreender, senhor — pela minha palavra, não consigo.

— Pois bem, amigo — disse eu — o espírito do homem é uma edição de bolso do grande volume da Natureza. A Igreja ensina os homens a procurar a verdade e a Divindade fora de si. Por isso, as pessoas andam às apalpadelas no mundo dos efeitos, na esfera sensível, à procura de verdade, justiça e felicidade. A mim parecem-me como um homem velho que, com os óculos postos, anda a procurar por toda a casa para os encontrar.

— Pode dizer, senhor, em poucas palavras — perguntou o cidadão impaciente — o que exatamente pretende com as suas palestras públicas?

— Sim, amigo, posso. Primeiro: ensino que, pela temperança física em todas as coisas, a alma se eleva em espiritualidade. Segundo: que, pela obediência às leis da justiça e da harmonia, o espírito de cada homem pode tornar-se radiante de luz celeste e inspiração perpétua. Reverenciando e obedecendo às Leis da Natureza, tal como estão escritas na constituição interior, o espírito humano pode desfrutar de um céu na terra. Crescer até à bondade — ser verdadeiro, puro e divino e, por isso mesmo, feliz — é o direito de nascença e o destino de todo o ser humano. A Igreja cristã diz que só se pode alcançar a pureza através dos seus remédios; mas a Igreja não destruiu a guerra, a escravatura e a libertinagem, embora tenha trabalhado, com pouca oposição que a impedisse, durante mil e oitocentos anos.

Nesse momento aproximou-se outro cidadão e disse:

— Sr. Davis, vi ontem um senhor de Rochester que se mostrou satisfeito com a perspetiva da sua ida para lá, para dar palestras.

— Isso é bom — respondi. — Conto estar lá depois de amanhã.

— O senhor de Rochester comentou — continuou o cidadão — que talvez se procure o seu conselho para evitar um divórcio, reconciliando as partes agora desavindas.

— Um divórcio! — disse eu. — Ouviu dizer quem são as partes?

— Não, esse senhor não me disse — respondeu ele — mas é algo esperado que assistam às suas palestras em Rochester.

CAPÍTULO LVII
O ECLIPSE TEOLÓGICO

A cena seguinte deste drama psicológico foi representada sob o teto que abrigou muitos viajantes cansados. O que a Palestina é para o cristão, Meca para o maometano, Roma para o católico, Itália para o Artista, isso é um "Lar" hospitaleiro para o Reformador exausto. Mais doce do que uma cena silvestre, mais abençoado do que a juventude em flor, mais querido do que mil coroas de louros, é o Refúgio que certos corações preparam para os Evangelistas da Nova Dispensação.

Eu chegara a Rochester e trocava palavras cordiais com visitantes no Refúgio do Reformador, quando um Amigo perguntou:

— Que acha a tua pessoa da Escravatura?

— Se tivesses perguntado "Que pensas da Liberdade?", talvez eu te pudesse responder com mais satisfação.

— Parece-me — disse o Amigo — que deixaste de lado a questão da Escravatura em todos os teus volumes.

— Mas deixei eu de lado a questão da Liberdade?

— Talvez não — foi a resposta. — Mas não me recordo de qualquer escrito teu sequer sobre Liberdade.

— Em todas as ocasiões apropriadas — respondi — declarei publicamente que a Liberdade não é local, mas geral; que não é um sentimento, mas um princípio; que a Liberdade é um oceano infinito, ao passo que as nossas aspirações individuais são apenas as suas ondas.

— Ah, Amigo Davis — disse o visitante — as tuas palavras sobre Liberdade não tocam a questão da Escravatura no Sul.

— Tens a certeza? — perguntei. — Apliquemos o teste. A Liberdade, enquanto princípio, não é local, mas geral. Um homem da liberdade é um homem de princípio. Olha para a política e calca-a aos pés. As suas lutas e sofrimentos não se destinam a servir interesses isolados. O seu patriotismo é tão ilimitado como a terra.

— Isso é tudo muito bom, Amigo Davis; mas tu não o aplicas ao nosso mal nacional.

— Eu penso — disse eu — que a minha visão da Liberdade é mais penetrante e completa na sua aplicação do que a tua.

— Oh, não, Amigo Davis, sinto que estás enganado.

— Vejamos — disse eu. — A minha proposição é que a Liberdade é um princípio. Um princípio, vês tu, ou tem aplicação universal, ou não tem nenhuma. Um verdadeiro homem da liberdade ama a liberdade nos Estados Unidos porque a ama na sua própria alma. Ama a Liberdade na Alemanha e na França, na Áustria e na Polónia, na Hungria e na Itália, porque ama a Liberdade como um princípio sagrado. A luta é sublime porque é universal. Agora deixai-me aplicar isto mais de perto. Não é Liberdade a que liberta o intelecto e escraviza as afeições; não é Liberdade a que emancipa o africano da servidão e recusa liberdade aos infelizes no casamento; não é Liberdade a que liberta os mal casados e, ao mesmo tempo, nega à mulher os direitos de propriedade e cidadania.

— As tuas palavras lembram-me — interrompeu Isaac — que esperamos um casal nas tuas palestras.

— Um casal! — disse eu, brincando. — Espero que haja vários na audiência.

— Eu ia dizer — continuou ele — que o rumor é que concluíram separar-se.

— Ah, devem ser as mesmas pessoas de quem me falaram em Auburn — respondi. — Sabes quem são?

— São professores — disse Isaac — a viver perto de, ou em, Randolph, creio eu. Parecem-nos muito bondosos e afetuosos um com o outro, e sentimos que talvez digas algo para resolver o problema entre eles.

— Não vou intrometer-me nos assuntos privados deles — disse eu. — E, no entanto, se me pedirem a minha opinião sobre a Liberdade, sabes, pelo que tenho dito, que a minha resposta será a favor do Princípio.

Durante todo este tempo, caro leitor, a minha primeira fonte de força era o fluxo clarividente das minhas Intuições; depois, de quando em quando, sentia o calmo batismo do mundo angélico; e, além de tudo, havia o poder silencioso do inquebrável Cajado Mágico.

Certa manhã, pouco depois do pequeno-almoço, Isaac veio ter comigo e disse em voz baixa:

— As pessoas atribuladas, os professores, acabaram de chegar. Quando estiveres pronto, faço-te a apresentação.

Fomos para a sala de estar e fui apresentado ao "Sr. e Sra. Love". Estavam presentes várias outras pessoas e a conversa tornou-se bastante animada e distribuída. Mas nada se disse sobre casamentos ou divórcios. Passaram dois dias entre esta apresentação e outra visita dos professores. Nesta ocasião, o cavalheiro fez-me, no decurso da conversa geral, uma pergunta que me pareceu poder ter alguma relação com as suas dificuldades conjugais.

— Sr. Davis — disse ele — desejo saber como decidiria agir num caso em que a conveniência estivesse em oposição ao que acredita ser um princípio do bem.

— Um princípio contém tudo o que há de valioso numa política — respondi. — Agiria, portanto, segundo o princípio e aceitaria as consequências públicas e privadas.

Ao ouvir esta resposta, o cavalheiro dirigiu-se à senhora, sua esposa, e disse:

— Lembras-te do que eu te disse na nossa conversa, outro dia, sobre um certo assunto?

A senhora, que fora uma ouvinte silenciosa desde o início, limitou-se a inclinar a cabeça em sinal de assentimento.

Durante esta estada em Rochester, que durou os poucos dias dedicados ao cumprimento dos meus compromissos, tive conversas amistosas e familiares com muitos, de ambos os sexos, sobre temas expostos nos meus discursos públicos. Mas ninguém abordou o assunto da infelicidade doméstica senão de modo geral. Embora eu tivesse encontrado várias vezes os professores que o rumor dizia estarem à procura de "divórcio", nenhum deles falara ou sequer insinuara qualquer desafeto conjugal. Nada ouvi nem vi que indicasse, por mínima que fosse, uma ideia de separação — a não ser a única pergunta do cavalheiro sobre princípio e política.

"Deve ser falso alarme", pensei eu, depois de terminar a minha última palestra; "ou então encolhem-se de falar por receio de que tais conversas me incomodem." Este último pensamento levou-me a aproximar-me deles, enquanto a audiência saía, e a exprimir a minha disponibilidade para receber cartas, caso se sentissem inclinados a escrever-me.

Enquanto falava a algumas poucas mentes liberais de Rochester sobre "vícios e virtudes", senti que se haviam despertado muitas resoluções silenciosas para viver vidas mais elevadas, mais felizes e mais harmoniais. E regressei a Hartford imensamente rico com tal recompensa.

A minha mesa de escrita, na residência do Sr. Green, estava carregada de cartas. Vinham de pessoas de quase todos os graus sociais e intelectuais. Alguns correspondentes desconhecidos vinham eriçados com as táticas da disputa lógica. Outros, embora menos inclinados a controverter as minhas proposições cardeais, eram igualmente vigorosos nas suas exigências imperativas de benefícios pessoais através da minha clarividência. Mas havia também cartas de outro temperamento, cheias de pálidas e sombrias imaginações sobre comunicações espirituais; e ainda outras epístolas, solicitando os meus serviços como professor de princípios Harmoniais, ardendo em palavras de filantropia universal.

Entre os pacotes de cartas que tinham chegado durante a minha ausência, encontrava-se uma espécie de epístola de despedida do conscienciosо escriba, que desempenhou um papel tão importante em várias cenas marcantes deste drama. E como a sua carta contém uma exposição clara e franca da sua posição final relativamente a mim e à minha obra, considero justo, tanto para com ele como para com o leitor, inseri-la aqui na íntegra:—

Williamsburgh, 15 de Março de 1854.
Sr. A. J. Davis:—

Caro Irmão: Sinto que é agora apropriado escrever-lhe e propor uma breve e amistosa comunhão acerca de assuntos respeitantes aos nossos próprios interesses espirituais individuais e aos interesses do desdobramento destes últimos dias.

Sem dúvida ainda se recorda do tempo em que existia entre nós uma intimidade profundamente simpática — uma intimidade que eu outrora acreditava que nunca poderia ser interrompida ou suspensa por qualquer acontecimento humano adverso, nem por quaisquer impulsos originados quer no mundo natural quer no espiritual. Essa intimidade, enquanto subsistiu, foi sem dúvida destinada pelo Poder que governa todas as coisas a um propósito bom e sábio, e esse propósito posso agora ver que foi cumprido. Poucos dias depois de um determinado acontecimento na sua carreira ter sido consumado (isto é, creio eu, a 5 ou 6 de Julho de 1848), e enquanto o senhor se encontrava em visita a Poughkeepsie, estando eu sentado à minha secretária, ocorreu-me uma impressão distinta, com o seguinte teor:—

"Pronto! Já nada mais tens a fazer com Davis. Deixou de ser teu dever colocares-te entre ele e aqueles que falam contra ele. Deixa-o e permite-lhe seguir o seu próprio caminho enquanto segues o teu."

Esta impressão foi tão inesperada e, devo dizê-lo, tão contrária às minhas intenções e mesmo aos meus desejos, que produziu na minha mente não pequena surpresa; e embora não pudesse de modo algum atribuí-la a qualquer fonte mundana, estive por algum tempo inclinado a duvidar da sua autoridade celeste, especialmente porque não recebi qualquer confirmação da mesma através de si, a quem então considerava muito mais capaz do que eu de receber impressões espirituais verídicas.

O senhor sabe, contudo, que acontecimentos externos, bem como convicções internas, se seguiram, de natureza tal que nos forçaram a separar-nos. Desde então até ao presente, o senhor e eu temos seguido caminhos divergentes. Considerando as coisas pelo seu aspeto exterior (para dizer o mínimo), o conjunto de convicções a que o meu caminho me conduziu pareceria ser, sob certos aspetos, totalmente diferente de determinados pontos de doutrina importantes e proeminentes expostos e defendidos em todos os seus escritos publicados.

Durante os últimos três anos, mais particularmente, tenho sido constantemente afligido ao ver o que me sinto compelido a considerar como as verdades mais sagradas, e das quais acredito depender a salvação do mundo, ignoradas, mal compreendidas, mal representadas e virtualmente (embora, naturalmente, de modo ignorante e, portanto, não intencional) abusadas por si e por intermédio de uma maioria dos médiuns espirituais e escritores mais proeminentes que adotam os princípios essenciais da sua filosofia e teologia.

Durante este período permaneci relativamente silencioso, não sentindo que o Mestre a quem desejo servir exclusivamente me tivesse ainda chamado para o seu campo. Agora, porém, sinto que chegou o momento de começar a expor as minhas convicções ao público e, com os impulsos que crescem constante e cada vez mais intensamente dentro de mim, não ouso permanecer em silêncio por muito mais tempo.

De facto, receio a tarefa que me aguarda. Prevejo que o curso que a consciência e o dever me obrigarão a seguir será o meio de romper o último vínculo entre mim e os muitos amigos que fiz no plano da sua teologia. Além disso, envolver-me-á provavelmente numa luta na qual (auxiliado, naturalmente, pelo meu Guia invisível) terei de permanecer quase sozinho e isolado contra uma multidão; e eu não sou um homem de guerra, mas de paz, como bem sabe. Desejaria, portanto, que o conflito e a discussão pública, e especialmente o conflito entre mim e o meu amigo Davis, pudessem ser evitados tanto quanto possível; e com esse fim lhe dirijo esta epístola, a fim de o convidar primeiro a uma comparação amistosa de notas, com o

propósito de averiguar até que ponto o senhor e eu podemos eventualmente concordar, e não até que ponto podemos divergir.

Outro objetivo que tenho em vista é solicitar-lhe, de forma respeitosa e fraterna, uma reconsideração cuidadosa de certas questões de importância vital nas quais, se não o compreendi mal, sou tão afortunado ou desafortunado a ponto de diferir amplamente de si. Do resultado de qualquer consulta epistolar ou oral que o senhor concorde em ter comigo sobre estes assuntos dependerá, na minha mente, a questão de até que ponto devo incluir o meu amigo Davis entre os apoiantes ou entre os dissidentes desses ensinamentos contra os quais provavelmente serei interiormente impelido a contender.

Permita-me, então, que seja entendido como fazendo as seguintes concessões ao que apreendo serem as suas próprias opiniões:—

1. Que há muita intolerância e fanatismo no mundo que ostensivamente assentam numa base religiosa, e que tal intolerância e fanatismo, além de serem intrinsecamente injustos, constituem um dos obstáculos mais formidáveis a toda a verdadeira reforma, e que, portanto, devemos trabalhar para os remover por todos os meios justos e honrosos.

2. Que nem a Bíblia nem qualquer outro livro religioso devem ser implicitamente aceites com base numa mera autoridade tradicional, ou sem os submeter ao escrutínio da nossa própria razão desenvolvida, intuição e sentido moral e religioso elevado e purificado; e que, portanto, a Bíblia deve ser (de forma franca) investigada, criticada e julgada segundo os seus méritos intrínsecos, os quais, contudo, devemos ter o cuidado de perceber interiormente.

3. Que houve verdadeiras revelações espiritualmente concedidas ao homem, em maior ou menor grau, em todas as épocas e entre todas as nações, e que a importância relativa destas deve ser julgada pelo seu assunto, carácter, alcance e, acima de tudo, pelos frutos que estiveram destinadas a produzir.

Nestes e em muitos pontos menores, suponho que o senhor e eu não diferiríamos essencialmente. Ao mesmo tempo, após a mais séria e paciente investigação continuada agora há vários anos, inclino-me a afirmar energicamente as seguintes proposições, entre outras de menor importância:—

1. Que o elemento religioso é o verdadeiro elemento central e fulcral da natureza humana e deve, portanto, ter sempre o governo supremo do homem inteiro. Este elemento é, pois, no meu juízo, o ponto de partida de toda a verdadeira, profunda e radical reforma, e, se for ignorado ou se as suas exigências forem desconsideradas, haverá uma tendência constante, da parte dos reformadores professos, para a presunção, o orgulho, a autodivinação e, consequentemente, para a desunião. Pelo elemento religioso entendo, naturalmente, a tendência para amar, adorar e prestar serviço filial a um Deus sempre presente que toma conhecimento pessoal das condições, pensamentos e ações das suas criaturas, que pessoalmente ouve (ou conhece) e responde às orações justas dos seus servos. Sem o reconhecimento de tal Deus, nenhuma religião, no sentido em que emprego o termo, pode existir.

2. Que, embora todas as mentes devam manter-se abertas à verdadeira instrução proveniente de qualquer e toda a fonte, acontece que o livro, ou coleção de livros, chamado Bíblia, especialmente quando visto com a devida referência ao seu sentido interior, contém a mais elevada, mais verdadeira e mais purificadora instrução acerca de Deus, das suas providências, dos seus planos para salvar o homem e das suas exigências paternais para com os seres humanos, do que qualquer outro livro existente entre os homens e é, portanto, absolutamente indispensável como guia para a reforma de nós mesmos e do mundo. Julgando-a inteiramente "pelos seus próprios méritos" e independentemente de qualquer autoridade tradicional, sou compelido a considerá-la precisamente como ela afirma ser — nas suas partes mais essenciais, uma produção de origem divina e, no seu próprio sentido do termo, a "Palavra de Deus". Além disso,—

3. Considero a doutrina da encarnação divina na pessoa de Jesus Cristo, ensinada no Evangelho de João, capítulos I e XIV, e em muitos outros lugares, como não apenas perfeitamente filosófica, mas absolutamente necessária para restaurar a união entre Deus e os últimos graus da humanidade, união essa que tinha sido previamente perdida em consequência dos pecados do homem. Creio, portanto, que Jesus Cristo é o único "Caminho, a Verdade e a Vida, e que ninguém (ou sociedade alguma) pode ir ao Pai senão por ele" — isto é, mediante inteira abnegação de si mesmo e uma entrega total e incondicional a ele como seu modelo e guia moral e espiritual.

Não entenda, contudo, que com isto suponho que toda a quantidade infinita da essência divina tenha sido encerrada e compreendida em qualquer

espaço ou forma limitada, e assim retirada de outras partes do universo. Nenhuma pessoa inteligente jamais supôs tal coisa. O facto é que Deus habita em todo o espaço e, por toda a parte, as suas qualidades interiores assumem, por correspondência, a forma de um homem visível às perceções interiores dos anjos elevados e puros que estão suficientemente em relação com ele; e o corpo físico de Jesus Cristo foi apenas o revestimento temporário, em espaço limitado, dessa forma espiritual omnipresente, para fins de redenção humana.

Estas proposições, que firmemente acredito serem verdades, produziram os efeitos mais salutares e de felicitação nas minhas afeições e vida, bem como nas afeições e vidas de milhões; e devo dizer que, depois de testemunhar a desunião e confusão e, em alguns casos, a manifesta malignidade e o engano deliberado de espíritos a quem o senhor e eu outrora recorremos em busca de verdadeira orientação, elas constituem a minha única esperança para a salvação, quer de mim próprio quer do mundo.

Todavia, se compreendi o significado dos seus escritos, o senhor divergiu materialmente (como, naturalmente, era livre de fazer) de todas as três proposições estabelecidas por último. Talvez a sua dissidência, afinal, não pareça tão ampla como supus, se eu puder persuadi-lo a uma definição um pouco mais precisa; e a esperança de obter tal definição da sua parte é um dos motivos que agora tenho para escrever. Por favor, Irmão Davis, reconsidere séria e solenemente estes pontos de importância vital.

Penetre profundamente no seu significado íntimo — ore, sim, ore fervorosamente a qualquer poder espiritual que reconheça como o mais elevado e melhor acima de si, que ainda possa exercer tutela sobre a sua vida interior — para que abra a sua alma à perceção de qualquer bem e verdade que possam estar envolvidos nestas várias proposições e nas doutrinas cristãs afins; e, depois de devidamente ponderar o assunto, escreva ao seu velho amigo, o Escriba, como o tema lhe parece.

A sua resposta franca às diversas questões especialmente propostas nesta carta permitir-me-á falar com maior segurança quando tiver ocasião de aludir às suas opiniões nos meus escritos e discursos públicos, protegendo-me assim do perigo de o representar inadvertidamente de modo incorreto. Sinto, contudo, que o tempo se aproxima rapidamente, se já não chegou, para o início da luta mortal entre o religionismo e o anti religionismo, o cristianismo e o anti cristianismo, o biblicismo e o anti biblicismo, tal como relacionados com o moderno desdobramento espiritual; e se a Verdade simplesmente tiver jogo limpo, nada tem a temer, seja qual for o lado da questão em que se encontre.

Já escrevi muito mais do que pretendia quando comecei, mas sou impelido a acrescentar o seguinte antes de concluir: O senhor sabe que existe uma classe muito numerosa de pessoas no mundo para quem a ideia de se humilharem, tomarem a cruz e seguirem incondicional e totalmente o Mestre divino (como o Novo Testamento exige), para onde quer que ele as conduza, é extremamente desagradável. Se refletir com franqueza por um momento, penso que admitirá comigo que é principalmente entre esta classe que se encontram os mais fervorosos admiradores dos seus ensinamentos, e que os admiram porque neles encontram (ou julgam encontrar) uma desculpa ou justificação para a sua relutância natural em conformar-se com o princípio evangélico da humildade e da entrega sem reservas de si mesmos a Deus.

Sou impelido a dizer, com toda a bondade fraterna, que Deus lhe exige que não sirva esta classe de pessoas alimentando o seu amor-próprio, mas que o sirva a Ele defendendo as suas verdades e preceitos, quer os homens queiram ouvir quer não.

Não se lembra de que, certa vez, na sua visão, se encontrou deitado sobre um altar entre duas montanhas? Oh, suba a esse altar, meu amado irmão, sem um momento de demora! E então, depois de presenciar os trovões e relâmpagos e receber as chuvas do céu (uma nova classe de influências espirituais), será revigorado e fortalecido, e o sol espiritual — o próprio Senhor — brilhará sobre si; e então estará verdadeiramente preparado para auxiliar o grande e único verdadeiro Pastor, Jesus Cristo, a reunir as suas ovelhas dispersas e desunidas — o que, permita-me dizer, com toda a bondade, nunca poderá fazer enquanto não o reconhecer primeiro como o único verdadeiro Pastor. Irmão Davis, cultive o elemento religioso da sua natureza, e então o seu intelecto perceberá estas coisas com maior clareza.

Peço-lhe que me escreva o mais brevemente possível e acredite que sou, com muitas orações pelo seu bem-estar espiritual,

Afetuosamente, seu irmão,
Wm. Fishbough.

E assim desce o pano, caro leitor, entre o estimado escriba e a posição áspera que ocupo perante o mundo humano. Neste acontecimento, porém, nada vejo que justifique murmuração ou surpresa. Recordo-me bem da primeira impressão que foi transmitida do seu espírito ao meu, a saber: que as suas faculdades intelectuais eram governadas pela sua alma espiritualmente afetuosa; e que qualquer convicção religiosa que uma vez se fixasse nas profundezas do seu coração amoroso dominaria todos os

raciocínios subsequentes e teria precedência na condução do seu destino. Este Eclipse Teológico total de uma mente humana não é fenómeno novo. Já o vimos muitas vezes antes, e assim o veremos novamente. Mas, após ler atentamente e refletir sobre a carta do digno Escriba, fiz a seguinte resposta:—

Hartford, 17 de Abril de 1854.
Sr. William Fishbough:—

Caro Irmão: No sábado à noite regressei, após uma ausência de mais de nove semanas, e encontrei a sua carta (de 16 de Março) sobre a minha secretária. É completamente desnecessário que aqui exprima a minha satisfação pelo tom verdadeiramente fraternal da sua comunicação. Quanto ao seu conteúdo, porém, devo observar brevemente o seguinte:—

1. Que as três "concessões" que faz — a opiniões que supõe que eu sustento — parecem, até onde vão, colocar-nos em comunhão de pensamento privado e de ação pública;
2. Mas, devido, como diz, a uma "investigação paciente continuada agora há vários anos", chegou a outras e diferentes conclusões que declara de modo muito claro e franco. Com essas conclusões não posso, de modo algum, harmonizar-me. Se eu apresentasse as minhas razões para não aceitar as suas proposições, não concebo que com isso o estivesse a ajudar na sua situação atual. Parece-me uma especulação teológica.

Com toda a verdadeira bondade, portanto, recuso qualquer exposição das descobertas intuitivas que (simplesmente em virtude do seu carácter intrínseco) me conduziram a conclusões diretamente opostas às suas. As suas experiências e conclusões religiosas, tanto quanto posso apreender a sua base e alcance, estão em estrita conformidade com a teologia ortodoxa; com o acréscimo dos seus exercícios espirituais algo penosos, durante os últimos três ou quatro anos, que conferem às suas convicções atuais a aparência de um aperfeiçoamento em relação às especulações rudimentares dos antigos teólogos.

Portanto, Irmão Fishbough, não vejo como possamos fazer outra coisa senão discordar fraternalmente. Não tenho simpatia por qualquer esquema de salvação que assente nos ensinamentos de um só livro da Bíblia, ou fora dela — nem sequer em todos os livros combinados. Pelo contrário, creio no crescimento progressivo e na harmonização de toda a Família Humana. Esse

crescimento universal, na medida das minhas possibilidades, ajudarei a acelerar.

Creio que erra grandemente quando afirma que os mais fervorosos admiradores dos meus ensinamentos se encontram entre aqueles para quem a "ideia de tomar a cruz é extremamente desagradável". Certamente sabe que os melhores Filósofos Harmoniais estão entre aqueles que experimentaram plenamente o antigo sistema. Não podem ser acusados de ignorância. Nem se mostraram relutantes em pôr à prova a religião experimental. Mas não multiplicarei palavras. Se se sente chamado a iniciar uma guerra contra a Natureza e a Razão, não apresentarei objeção, a menos que venha a sentir-me mais inclinado a isso do que atualmente.

Em todos os laços fraternais, continuo a ser,
A. J. Davis.

O meu modo de combate não é antigo. Creio na energia muscular — da alma. Exerço-me no anfiteatro da Sabedoria. Quando me torno vencedor, o Amor coroa-me com o amaranto e conduz-me a um assento ao lado daqueles que são mais nobres do que reis. Adoro no santuário da Omnipotência, e os atletas celestes exibem a sua força diante dos meus olhos. Admiro a cavalaria dos cavaleiros templários da Verdade, e os mais audazes entre eles cavalgam ao meu lado e guardam-me.

Traduzi para exercícios mentais os jogos físicos de Atenas e Roma — mostrai-me um Hércules intelectual, um Heitor poético, um Sansão profético, um Aquiles de integridade moral, um Golias de benevolência imparcial, um Titã de benevolência universal, um poderoso Júpiter de domínio próprio, um Deus de Harmonia, um Universo de Felicidade — mostrai-me estes atletas celestes, estes atributos e exercícios imperecíveis, estes soberanos no império da perfeição imaculada, e eu inclinarei a cabeça e adorá-los-ei dia e noite! Conduzi-me até eles, e serei um idólatra! Mas por que escrever com reservas? Não me conhece? Sou um idólatra, sou um adorador, sou uma criança orante do Pai-Deus — e porquê? Porque a minha visão repousa serenamente sobre essa poderosa hoste de princípios imutáveis que actuam infalivelmente no anfiteatro que se estende por esses imensuráveis campos da matéria e da mente, compondo o domínio infinito da Deidade.

CAPÍTULO LVIII
A CONJUGAÇÃO INFINITA

"Amor misterioso, infinito, inexaurível!
Na terra misterioso, e ainda misterioso
No céu! doce acorde, que harmoniza todas
As harpas do Paraíso! a fonte, o manancial,
Que enche a taça e o banquete do céu!"

Muito pouco tempo depois do meu regresso à cidade do Charter-Oak, senti as influências atrativas provenientes do cume do Monte da Beleza. Preparei-me, portanto, por meio de abstinência na dieta e regularidade nos exercícios ao ar livre, para consumar a peregrinação. Não estava só, caro leitor, senão exteriormente. A minha jornada até à Montanha do Poder fortalecera-me para a presente tentativa. Do terrível precipício da Table Mountain, na Carolina do Sul, muitos recuaram, nervosos e aterrados. Não assim comigo neste trabalho psíquico. As vertiginosas alturas do Monte do Poder, embora apresentassem abaixo o profundo abismo de possível degradação, não abalaram a fortaleza da minha alma.

Nas minhas palestras públicas deste período, ensinei que a indiferença ou o descontentamento entre os casados é principalmente atribuível à cessação das ternuras e dos delicados sinais de amor puro que conduziram ao altar nupcial; e, portanto, como remédio quase certo para tal desafeto doméstico, prescrevi a reintegração, pelos casados, dessas devoções puras que caracterizaram e santificaram o seu apego antes da hora do matrimónio.

Outra parte do meu ensino foi: que casar com uma pessoa que não se pode amar é um crime contra a "lei superior" da própria alma, cuja pena é desastrosa e inevitável. Também que toda a relação não motivada por amor mútuo é adultério positivo; e que a sanção do sacerdote, da paixão ou da lei estatutária não constitui fonte de justificação, nem pode transformar o vício privado em virtude pública.

Os estatutos modernos, assim como o costume demoníaco de uma antiguidade estúpida, concedem ao marido um direito legal sobre a pessoa da sua esposa. A consequência é que, quando a cortesia e o refinamento ordinários não o impedem, a mulher cansada e exausta é forçada à maternidade, como resultado dessas relações adúlteras que não podem deixar de ser consideradas "criminosas" pelas mentes puras neste mundo e no mundo angélico.

Portanto, ensinei que, quando a minha prescrição para a indiferença não produzisse cura e quando todas e quaisquer outras medidas misericordiosas

e conciliatórias falhassem em restaurar a vida doméstica ao seu estado edénico de amor nupcial e alegria, então as partes tinham o dever, como membros de uma família humana cujo bem universal deveriam procurar promover, de obter liberdade pessoal por meio do divórcio legal. Além disso, para prevenir litígios em questões de propriedade, evitar confusão social e travar abusos individuais da atração conjugal, ensinei o valor de uma declaração aberta e mútua perante o Estado quando uma relação matrimonial estivesse prestes a ser consumada.

E, finalmente, ensinei que a tarefa do mundo não era acender uma fogueira de maledicência em torno de cada caso de divórcio, mas prevenir maus casamentos; e que, para esse fim, as barreiras legais consideradas convenientes para a regulação da conduta individual deveriam ser colocadas altas e firmes entre os sexos e o altar nupcial; enquanto os impedimentos licenciosos que o Estado e a Igreja fixaram entre o Altar e o Direito do indivíduo à castidade e à liberdade deveriam ser reduzidos ou removidos.

Como o leitor prudente poderá imaginar, fui acusado de advogar a licenciosidade e de sancionar as absurdidades do "amor livre"; mas, possuindo ao mesmo tempo a Verdade simples e o Bastão Mágico, não me desviei para entrar em controvérsia com a ignorância dos meus atacantes. A vaga de retorno destes ensinamentos públicos trouxe, contudo, muitas cartas de ambos os sexos ao porto seguro da minha secretária. Uma delas continha o seguinte:—

……Assisti às suas recentes palestras em Auburn e, pela primeira vez, compreendi plenamente a causa dos meus sofrimentos ao longo de toda a vida. Há dezasseis anos casei com um homem quase exatamente o oposto de mim. Os nossos quatro filhos são doentios e mal-educados. Sei também que foram moralmente prejudicados pelas nossas dolorosas diferenças de sentimento e de palavras. Por vezes deixei o lar, levando comigo o meu filho mais novo, e permaneci ausente durante semanas para obter algum alívio… Sou compelida a ceder aos seus desejos, contra toda a minha inclinação e sentido de propriedade.

Por vezes odeio e desprezo até o meu próprio corpo e sinto-me mais disposta a morrer do que a viver, pois estou fraca, cansada e desesperada. As pessoas dizem que devo fazer o meu marido feliz e obedecer-lhe como diz a Escritura; mas a minha vida é um sacrifício às suas paixões, e devo ter liberdade ou a morte. … Os meus parentes opõem-se todos a que eu torne pública esta desafeição, embora saibam perfeitamente que sou mártir da sensualidade legal… O ministro aqui desaprova inteiramente o divórcio, exceto por fundamento bíblico, e não encontro simpatia alguma nesta

região… Poderá, por favor, responder a isto, Sr. Davis, e dizer-me se pensa que tal caso deve ser divorciado?

Com muita tristeza e sincero respeito,
S. A. H.

Em resposta ao exposto, que era apenas um exemplo entre muitas cartas de casamentos infelizes, disse que a justiça específica do divórcio, aplicada a casos individuais, não me sentia chamado a considerar; que o meu trabalho era de carácter geral, a saber: definir e promulgar as leis inalteráveis que, na economia da Natureza, regulam a relação matrimonial, e demonstrar a justiça dos divórcios sob certas circunstâncias domésticas; mas que devia deixar a cada um decidir por si próprio em referência às suas exigências e circunstâncias pessoais.

Ao abrir outra carta entre a massa diante de mim, li as seguintes frases e sentimentos:—

Holley, N. Y., Abril de 1854.

Meu bondoso amigo: Concedeu-me o privilégio de lhe escrever, e esta manhã sinto-me inclinada a fazê-lo. Posso falar-lhe livremente das minhas experiências passadas — das tristezas bem como das bênçãos que acompanharam a minha existência? É agradável e reconfortante encontrar um amigo que parece tão digno de confiança como o senhor; pois, embora possam existir muitos assim no vasto mundo, raramente cruzaram o meu próprio caminho.

Desde a hora da minha união legal com o meu amigo e irmão, mas não companheiro conjugal, ambos percebemos que o nosso era um casamento falso. Contudo, esforçámo-nos por ser felizes. Tentámos assimilar-nos um ao outro e tornar-nos inteiramente compatíveis. Escondemos do mundo todos os vestígios do terrível abismo que, apesar de todos os nossos esforços, continuamente se alargava entre nós; e assim temos vivido ano após ano, chamando-nos "marido" e "mulher", enquanto os nossos corações pulsavam de angústia perante a profanação dessas palavras sagradas.

Que admiração, então, que eu sentisse gratidão pela destemida enunciação dessas verdades evidentes que constituíram a base das suas palestras em Rochester? O meu coração sangra de piedade quando vejo os milhares que se curvam em angústia sob os falsos grilhões da sociedade. Oh, se viver e encontrar força dentro de mim, farei algo para abalar os nossos legisladores egoístas dos seus postos — a menos que nos concedam estatutos que respondam mais plenamente às necessidades da Humanidade.

Sou mais feliz do que outrora porque vejo uma obra a realizar. No caminho do esforço ativo, descobri um novo significado na vida. Há uma beleza na existência que não discerni nos anos passados; e, alegrada pela sua luz, sinto as minhas simpatias expandirem-se para toda a raça humana. Há aqueles na terra e, espero ardentemente, no Céu, em quem confio com gratidão, sentindo que—

"Quente dos seus espíritos se espalha ao redor
Uma atmosfera serena — divina —
Magnética, como uma névoa dourada,
Circundando a minha."

Tenciono partir daqui no primeiro dia de Maio. O Oeste será o meu lar durante o verão — que parte ou partes ainda não determinei. Se responder à minha carta algo desordenada, por favor dirija-a para este local. Com muito respeito, sua fraternalmente,
Mary F. Love.

Era evidente que o precedente emanava da pessoa de quem me falara a talentosa senhora em Boston e a quem eu fora apresentado enquanto estava no oeste de Nova Iorque. "Este caso", pensei, "é antigo e não uma recente desafeição, como fui levado a supor pelos murmúrios do povo." A minha resposta foi pronta e breve:—

Hartford, 18 de Abril de 1854.

Minha querida amiga: A sua carta chegou-me em segurança e agradou-me o seu tom de confiança amistosa. Sentindo a liberdade da Verdade, dificilmente poderia deixar de falar-me livremente das suas experiências passadas. Compreendo, com verdadeira simpatia, os sofrimentos que tem vivido e que foram partilhados igualmente pelo seu companheiro fraternal, mas não conjugal — com quem, também, a minha alma simpatiza profunda e constantemente.

O mundo precisa de grande luz sobre a questão do verdadeiro Matrimónio e da Paternidade. Quão profundamente oro para que a sua alma seja movida, com força, a ajudar a despertar os legisladores do nosso século para uma discussão plena, livre e salutar dos males das relações atuais entre os sexos — e, não menos, para uma nova avaliação da natureza e missão do matrimónio, no que toca ao progresso humano e ao desenvolvimento correto da nossa espécie.

Como muitos outros de quem recebo cartas, a senhora escreve-me acerca da infelicidade na sua própria relação falsa, e sei, pelo que descobri ser

a natureza do seu "amigo e irmão", que ele não sente menos a dor proveniente da consciência da mesma causa. Nestas coisas, ambos podem abrir-me os vossos corações feridos, com toda a simples confiança de pequenas crianças, e eu darei a cada um a minha simpatia fraternal, ainda que não saiba como quebrar os grilhões invisíveis que vos prendem numa dolorosa servidão.

Sinceramente seu amigo,
A. J. D.

O Monte da Beleza fez soar uma música de espécie mais divina. Do penhasco mais alto, através dos vales abaixo, corriam verdadeiros rios de melodia. As suas ondulações, como vagas, desciam através do meu ser e, como com tons de alaúde de vozes angélicas, despertavam porções da minha natureza selada para uma animação bela e harmonial. Assim, as minhas faculdades superiores foram excitadas para a perceção da simetria e da proporção. De um só fôlego pude inalar o evangelho do Belo.

O que antes eu chamava "Beleza", agora me parecia baixo e vulgar. Envergonhado do que admirara em anos anteriores e vencido por um sentido das glórias que se abriam no presente, escondi o rosto e chorei. Uma flor, uma face ruborizada, uma palavra verdadeira, uma canção simples, um doce hálito, uma pele limpa, dentes brancos, um sorriso puro, movimento gracioso, infância, amor, jovialidade, expressões inocentes do coração, delicados pensamentos da alma viril, a missão sagrada da natureza feminina, a adaptação do Amor à Sabedoria, o mal da desarmonia conjugal, a beleza da verdadeira relação nupcial, a pureza da descendência do Amor, a deformidade do concebido no pecado — tais atrações e pensamentos ocupavam a minha alma enquanto eu subia o vasto planalto do Monte da Beleza.

Dessa elevação, caro leitor, contemplei o vasto mundo dos homens vivos. A minha visão das loucuras dos vales da vida não a relatarei neste volume. Não considerei interesses imediatos e individuais; olhei e escrevi para o mundo humano. Olhei para as causas dos males domésticos; para os lares longínquos dos infelizes; para os hábitos do homem solitário; para os mistérios e misérias veladas das mulheres públicas; para a memória daquele que acalenta pensamentos baixos e desonrosos; para os olhos azuis da juventude arruinada eu olhei; para as almas entorpecidas que pregam com os lábios e praticam com o machado de guerra do erro; para revelações de alcova, de Harlem a Castle-Garden, de rio a rio e de costa a costa; dias inteiros dediquei a penetrações clarividentes em corações que viviam em cidades e aldeias rurais, e que batiam sob o peso cansado de uma angústia

inexprimível; através de longas, escuras e sombrias histórias de sofrimento doméstico privado eu olhei; e disse:

"Não admitirei impedimentos ao 'casamento de mentes verdadeiras'; mas contra esse amor sensual que 'altera quando encontra alteração, ou se dobra com quem remove para remover', falarei com o tom de uma trombeta." Pois vede os filhos doentios de progenitores sensuais! Vede a loucura daqueles que foram trazidos ao mundo na iniquidade! Vede os membros ociosos e as línguas tolas dos que vieram de pais antagonistas, legalmente casados! Vede a juventude inocente desfigurada e coberta pelas manchas de ódio e repulsa que alguma mulher delicada sentiu pelo seu marido bêbedo e sensual!

Vede as múltiplas deformidades que eu vi do sagrado cume desta Montanha! Vede o tumulto ardente do amor animal do sangue aquecido — a multidão invisível de essências reprodutivas — a precipitar-se, sob sanção legal, no mais santo santuário da alma feminina! E depois vede as consequências — a perda de delicadeza — a indiferença à verdade — o abandono às seduções do mal! Vede o que eu vi, caro leitor — vede o que eu vi — e não se admirará de eu ter escrito o quarto volume da "Grande Harmonia".

Mas a Montanha da Beleza — pela qual entendo um estado de espírito que permite ao indivíduo ver e compreender intuitivamente as harmonias do universo — tinha também os seus encantos. Enquanto meditava no seu amplo cume, os meus lábios estavam mudos. Porque não via palavras que pudessem descrever o Belo. Sóis e nuvens, mares e montanhas, florestas e campos, flores e quadros, homens e anjos — tudo isso são apenas os símbolos, os tipos, os espelhos, as sombras dessa beleza divina que a minha alma sentia, mas não podia exprimir. Depois vieram pensamentos que se juntavam rapidamente sobre tudo o que é útil, justo, potente, imutável — sobre tudo o que é harmonial e eterno — e o meu coração extasiado exclamou: "Certamente este é o reino do Belo!"

Cheio de princípios e animado pela melodia angélica que flutuava no ar suave, dediquei-me a investigar as leis da harmonia conjugal. Para resolver este problema, penetrei, tanto quanto pude, o código nupcial do Pai-Deus e da Mãe-Natureza — partes e contrapartes; as duas metades de um todo; coração e cabeça; alma e corpo; sol e terra; luz e calor; direita e esquerda; atração e repulsão; expansão e contração; positivo e negativo; masculino e feminino; intelecto e amor; Homem e Mulher!

Contemplei as conjugalidades infinitas do universo. Examinei primeiro o casamento de todos os elementos e formas nas coisas inanimadas; depois, os usos mais elevados da nupcialidade, até compreender o valor do amor humano e as leis sublimes que tornam eternas as suas devoções. Ao aplicar os princípios do matrimónio aos seres humanos, descobri que o maior dote do homem é o poder de eternizar uma união temporal. Não que todas as relações legais possam ser convertidas em bênçãos futuras e permanentes, mas apenas aqueles casamentos que começam com certa compatibilidade de temperamento. Mesmo então, a desobediência a essas leis e o desprezo por essas delicadezas pelas quais o Amor é despertado e nutrido poderiam fazer uma boa união definhar e, por fim, desaparecer numa separação fria e odiosa por toda a eternidade. Sobre estes pontos o leitor talvez compreenda o meu sentido consultando o volume a que já aludi.

Por esta altura — no verão pleno e exuberante de 1854 — recebi de Silona um esboço romântico da sua própria vida e casamento na Terra dos Espíritos. O seu próprio hálito era quente de entusiasmo. A sua alma, transbordante de alegria, exultava no amor imortal do seu companheiro recém-encontrado e dotado! Mas as suas descrições poéticas e vívidas podem ser encontradas, em extensão, consultando a página 174 do "Penetralia". Assim, resta apenas registar isto: que, antes do seu casamento com o sábio e belo "Cyloneos", da Irmandade de Morlassia, eu fizera profundas incursões nos territórios mais interiores da ciência conjugal. Das minhas descobertas quanto às harmonias temperamentais — de que apenas certas combinações podem aderir uma à outra eternamente — eu concluíra que, embora a relação entre nós fosse temporariamente sensata e fraternalmente benéfica, não poderia estender-se para além do túmulo e ser coroada com a perpetuidade harmonial.

Portanto, o seu relato, embora tivesse ao princípio algo de tristeza, não me surpreendeu. E enquanto ela se retirava da terra, sustentada e extasiada pelo amor forte e constante do seu verdadeiro companheiro conjugal, o meu coração rejubilou serenamente na felicidade deles, e os meus lábios respiraram uma bênção de despedida afetuosa.

CAPÍTULO LIX
CAUSA E EFEITO

"Feito mais sábio pela lição recebida,
Já não temo, pois sei
Que onde a charrua mais fundo entra,
Os melhores frutos crescem."

Uma nova criação abriu-se pelas revelações conjugais do Monte da Beleza. Vi que o mundo doméstico aguardava ser harmonizado, mas a primeira necessidade era a perfeição dos indivíduos — e então, em virtude da unidade e simpatia internas, a sociedade humana sentiria a "atmosfera, serena, divina, magnética", trazendo harmonia a partir das discórdias existentes.

Ainda: apercebi-me de que o estado mais verdadeiro e mais favorável para todo o ser humano é o do verdadeiro matrimónio; não uma relação de casa, social, rotineira, comum, para fins de conforto físico e conveniência pessoal; mas essa união nupcial que consagra alma a alma — terna, amorosa, profunda, firme, imutável, divina — como o casamento entre o Pai-Deus e a Mãe-Natureza.

A verdadeira mulher, portanto, com toda a profundidade do seu afeto, anseia por um lar congenial no santuário da natureza do homem; enquanto o verdadeiro homem, com a força de Júpiter e a ternura de uma criança, procura identificar o destino da sua alma com um destino corporizado na forma de mulher. Em tudo isto nada há senão poesia rude para aquele cujas atrações são sensuais; mas, para o coração verdadeiramente espiritual, apenas toquei a nota-chave a que cada acorde seu responde, com lágrimas e gratidão.

"E aqui estou eu", pensei, "sem a minha companheira. Se houver uma mulher, no domínio da sociedade humana, com quem eu pudesse unir-me eternamente, eu procurá-la-ia — uma alma na qual eu pudesse de imediato ver a criança do amor e a mulher da inteligência — uma amiga, uma companheira de brincadeiras, uma irmã, uma força para o progresso, uma associada de espírito nobre, uma companheira eterna. E para essa alma eu seria um igual, uma fonte de força, elevando-a acima da tempestade do vale, um Arauto, o lugar de repouso do seu espírito e o seu condutor seguro para esferas mais altas e mais belas da existência."

Assim meditava eu, caro leitor, quando uma chuva de influências benignas desceu sobre a minha cabeça. Abrindo a porta, entraram no meu

gabinete quatro amigos da Terra dos Espíritos; e um, que era o meu Guia familiar, disse:—

"Queres contemplar alguém que possa tornar-se a tua verdadeira companheira?"

"Bondoso Guia", disse eu, "há em mim um poder de amor que necessita de um ministério correspondente."

"Há muito sentes uma necessidade tão poderosa?", perguntou ele.

"Não", respondi. "Até aqui nunca me apercebera da existência de tal capacidade de amar."

"O verdadeiro amor", respondeu ele, "é de Deus. Enche, consola, acalma, eleva. Sentes estas emoções sublimes?"

"O amor que enche o meu coração", disse eu, "é o mesmo que vejo entre o Pai-Deus e a Mãe-Natureza."

"Jackson, meu filho", disse o bendito Guia, "se tens verdadeira perceção disto, a tua língua pode descrever-me as suas leis e a sua missão."

Depois de pensar alguns momentos, respondi: "O verdadeiro amor conjugal é aquele que transcende todas as circunstâncias exteriores e domina sobre os impulsos mutáveis consequentes às provações dos dias e das horas. É uma mola essencial para o desenvolvimento pessoal — uma necessidade na educação da alma — o melhor agente para harmonizar o carácter. Faz emergir as belezas, as perfeições e os gozos do coração mais íntimo. Revela cada um ao outro e ambos à humanidade. É a mais santa bênção do Céu — a mais divina ordenação do universo — a coroa da vida sobre o único destino de dois seres imortais!"

"Aprecias bem a verdadeira vida conjugal", disse ele. "Portanto, como conheces a lei dos temperamentos, usa a tua própria clarividência para encontrar e as tuas próprias intuições para estimar a tua contraparte. Há poucos momentos contemplámos alguém com quem o teu espírito poderia formar essa relação eterna."

"Obrigado, bondosos amigos", respondi. "As vossas palavras caem sobre o meu coração como bênçãos. Não ponho muito em dúvida a vossa decisão. Mas eu também quero ler o registo oculto. Desejo saber como base da minha confiança e da minha conduta futura."

"É bem", respondeu sorrindo o meu visitante celeste, "tal tem sido sempre o sentido das minhas lições da montanha."

Começaram então a retirar-se em direção à porta, quando eu disse: "Se algum de vós souber para que lado devo olhar para ver a pessoa da vossa escolha, por favor apontai nessa direção."

O meu Guia, gracioso e sereno, ergueu a mão e apontou para o sol poente. Estando eu em clarividência, olhei e, em breve, a minha visão repousou sobre quatro ou cinco pessoas que passeavam num jardim ornamentado no sul do Ohio. Havia três senhoras; uma das quais reconheci instantaneamente como aquela cuja carta fraternal eu recentemente respondera.

"Vês, meu filho?", disse o belo Guia. "Ela é o ser da nossa escolha. Prossegue agora com a tua análise." Dito isto, os quatro partiram, e eu fiquei só com as minhas meditações interiores.

As minhas investigações sobre as leis do matrimónio tinham-me dado o conhecimento de que não havia um destino inexorável com que contender; que Deus não tinha predeterminado e preordenado que um certo homem tivesse de casar com uma certa mulher para assegurar o casamento eterno; mas, pelo contrário, vi que o Código Divino está ao alcance da descoberta humana e ensina que compete aos dois decidir se se relacionarão de modo transitório ou permanente.

Com esse conhecimento a guiar-me, examinei primeiro o imenso campo da vida humana — para detetar, se possível, entre a vasta multidão de naturezas femininas, uma alma cuja constituição invisível e circunstâncias mentais fossem igualmente adequadas às minhas. A esta penetração clarividente dediquei uma hora durante cinco dias sucessivos, mas sem satisfação. Por fim, concluí examinar a senhora para quem fui remetido pelos meus visitantes. Fi-lo e constatei que não se enganavam.

Segui os passos dos seus pés de criança; as brincadeiras e os labores da sua meninice; o seu gosto por ocupações intelectuais; o amor inato da sua alma pela proporção, pela melodia e pela beleza; a tranquilidade natural do seu coração muito afetuoso; os votos empenhados e o seu matrimónio fraternal; os esforços mútuos para se contentarem e serem felizes; como a existência dos seus dois filhos exerceu, por algum tempo, uma influência reconciliadora; o apego subsequente que, involuntariamente, amadureceu em amor conjugal entre o marido legal e uma mulher mais congenial; a luta da sua alma silenciosa, tanto para dar assentimento como para ocultar o facto até à observação dos amigos mais íntimos; o acordo final e mútuo para uma separação conjugal, como questão de honra e justiça; a consideração de que, uma vez que nenhum dos dois poderia possivelmente amar o outro

como marido e mulher devem amar-se, a sua relação espúria deveria ser suspensa e legalmente abolida; que esta conclusão se fixara em ambas as mentes ainda antes de eu ter sido informado da sua singular situação pela senhora de Boston; e que o coração sem par, por vezes, sangrava com a agonia da desolação, mas não era movido por qualquer desejo de perturbar a harmonia da nova relação diante dos seus olhos.

Ora via-a exposta a várias influências injustas e afetada por elas; ora a contemplava como professora dos jovens, como amiga do grupo doméstico, como rejeitadora de naturezas incompatíveis, como errante solitária no campo do esforço público. Por muitas cenas tristes e provadoras segui as suas pegadas, até à hora em que os meus olhos físicos repousaram pela primeira vez sobre ela no Refúgio do Reformador. E então detetei a razão por que os dois não me consultaram, a saber: porque a determinação de obter o divórcio, particularmente na mente dela, estava firme como as colinas, e ela não procurava a opinião de ninguém.

Observei também que o seu motivo para obter uma separação legal era remover todo e qualquer obstáculo à felicidade imediata dele, e não servir quaisquer fins egoístas; vi este extraordinário exemplo de benevolência abnegada, esta razão muito pouco comum para procurar um divórcio, e admirei a mulher firme e amante da justiça. Segui-a até Cleveland; vi os seus falsos amigos, os seus verdadeiros amigos e os inimigos da sua paz; penetrei em cada pessoa e em cada coisa; e então, embora ela ainda não estivesse divorciada, considerei o curso das circunstâncias presentes e lancei o horóscopo dos acontecimentos futuros; sim, com a velocidade de um turbilhão, desfiz o novelo das suas experiências mais privadas; e, por fim, resolvi ocultar-lhe o facto de eu ter detetado uma genuína adequação da sua alma à minha.

O meu amigo, o Sr. Green, tendo alguns assuntos que o chamavam ao Ohio, pediu-me que o acompanhasse. Enquanto estávamos no comboio entre Buffalo e Cleveland, um indivíduo elegantemente vestido mas de mentalidade mesquinha, reconhecendo-me, aproximou-se e perguntou: "Pode dizer como é que o sol se parece fora da nossa atmosfera?"

"Nunca subi pessoalmente para além da nossa atmosfera", respondi; "contudo, por impressão e clarividência, observei o sol a partir do espaço e posso, portanto, dizer-lhe como parece."

Tirando o charuto da boca e soprando uma coluna de vapor fétido para o ar que eu respirava, disse: "Eu percebo de astronomia, senhor, e sei ver se o senhor está certo num instante, se responder às minhas perguntas."

"Bem", disse eu, sorrindo com uma emoção momentânea de ridículo, "quais são as suas perguntas?"

"Se sabe como o nosso sol se parece à distância", respondeu ele pomposamente, "diga-me."

"Da superfície da Terra", disse eu, com boa disposição, "os céus parecem cheios de luz, como sabe por observação. Mas se subisse até ao limite exterior da nossa atmosfera e olhasse na direção do sol, veria uma esfera de fogo sem raios, a arder firmemente num universo de Noite. O sol não apresentaria atmosfera, as incontáveis estrelas não emitiriam cintilações, e o céu agora azul pareceria uma concavidade negra e incomensurável."

"Treta!", exclamou. "Isso é tudo conversa espiritual, senhor. Tudo uma grande asneira! Que razão pode dar para o que tem andado a dizer?"

"As razões são muito simples", disse eu, calmamente. "A luz é equilibrada na Terra pela operação de duas causas. Primeiro, a absorção e refração perfeitas dos raios do sol pela nossa atmosfera; segundo, a reflexão da luz assim difundida pelos corpos à superfície da Terra."

O interrogador pareceu agora um pouco menos irritável: "Alguns dizem que o ar é frio no espaço: é assim?"

"Sim, senhor", disse eu. "A temperatura, à distância de quarenta e cinco milhas do globo, é inferior a qualquer frio conhecido pelo homem."

"O quê! Quer dizer que é mais frio lá em cima do que no Pólo Norte?"

"Sim, senhor", respondi, "o frio intenso nas regiões de neve eterna é quase tempo ameno quando comparado com o ar superior."

"Olhe cá! Não me venha pôr a coisa ainda pior desse modo horrível — diga só a verdade simples, uma vez na vida, e veja como soa!"

"A verdade simples é mais maravilhosa do que a ficção", repliquei. "Por isso, até esse facto ser reconhecido, as pessoas escolhem a mitologia em vez da espiritualidade, e as imagens em vez das realidades que as daguerreotiparam."

"Sobre este frio cá em cima", respondeu ele, "diga lá, não estará o senhor terrivelmente enganado?"

Ao dizer isto, a condição superior iluminou-me e, detetando instantaneamente mais verdade quanto ao frio, respondi: "Os químicos conseguem produzir uma temperatura mais baixa do que a que prevalece dentro do círculo Ártico. Podem converter o gás carbónico numa substância

sólida e o mercúrio tornar-se-ia firme como ferro; e, no entanto, essa temperatura intensamente gelada, cerca de cento e cinquenta graus abaixo de zero, é mais quente por quase oitenta graus do que o frio da região superior."

Embora o dia estivesse extremamente abafado, o interrogador estremeceu ao pensamento; mas, ainda cético, continuou: "Não me estará a aldrabar, pois não? Se está a dizer a verdade, então gostava de saber como é que os espíritos podem atravessar uma região tão fria e não morrerem gelados. Dava cinco dólares para o ver sair dessa dificuldade, seja como for!"

"Acredita na existência de tais seres?", perguntei.

"Isso não interessa; deixe-me só vê-lo sair dessa armadilha, senhor — é só isso que peço."

"A minha resposta é muito simples", disse eu. "Os espíritos, ao aproximarem-se da Terra, movem-se num rio suave, magnético e estival de elementos que flui do Pólo Norte ao Pólo Sul, a poucas milhas acima da superfície da Terra."

"Não, não!", exclamou ele. "Assim não se safa."

"Safo-me, sim", disse eu. "Isso é um terço da explicação. O seguinte é: os espíritos podem, pelo mero exercício da vontade, tornar-se invulneráveis a temperaturas altas ou baixas. E a última parte da explicação é: os espíritos raramente descem mesmo até ao nosso meio."

"Se o que disse por último é verdade", retorquiu, "então por que é que os médiuns dizem que os espíritos estão à volta das pessoas?"

"Porque", disse eu, "a camada inferior da nossa atmosfera é um espelho, semelhante à superfície de um lago tranquilo, no qual espíritos de elevações longínquas podem projetar uma imagem ou semelhança perfeita de si mesmos. As reflexões dessas imagens são tão nítidas e positivas, como a sombra do próprio corpo num espelho, que médiuns inexperientes as confundem com os próprios espíritos."

"Hum! Sim, sim!", respondeu ele com mais interesse e cortesia. "Isso parece assim meio razoável. Mas não percebo como é que isso pode ser quando mesas são movidas e se ouvem vozes numa sala."

"Eu não neguei", disse eu, "que os espíritos venham à nossa presença imediata. Apenas digo isto: que não vêm com tanta frequência como supõem aqueles que atuam como médiuns. Mesas e pessoas podem ser influenciadas a grande distância. Palavras podem ser sussurradas à alma de além do sol! E,

no entanto, meu amigo, também é verdade que os espíritos vêm às nossas casas e gostariam de encontrar acolhimento nos nossos corações."

O apito da locomotiva anunciava agora a nossa entrada no depósito de Cleveland, e o senhor disse com seriedade: "Fez-me bem, senhor. Gosto das suas doutrinas e hei de ler livros para examinar o assunto. Desejo-lhe bem, senhor, e êxito nos seus empreendimentos."

"Tem mais paciência com um tipo destes do que eu teria", comentou o Sr. Green, enquanto caminhávamos para a Cidade da Floresta.

"A Filosofia Harmonial", respondi, "ensina que um homem não deve ser repelido, mesmo quando desagradável, se houver alguma hipótese de lhe fazer bem. Agora acredito que este desconhecido ainda há de ser amigo da temperança e da reforma humana. Em todo o caso, é muito mais provável que dê ouvidos à voz da sua melhor natureza do que se eu o tivesse repelido no mesmo espírito de amargura pugilística que ele ao princípio manifestou."

A cena seguinte abre-se no salão de uma amiga de Cleveland. Tinham decorrido doze horas desde a nossa chegada, e muitas pessoas se reuniram para desfrutar de um convívio social. Por fim, a anfitriã, uma senhora dotada de um coração bondoso e de um amor sincero e ativo pela verdade e pela justiça, afastou-se de um grupo de convidados animados e, sentando-se ao meu lado, fez alguma alusão ao singular caso de divórcio. Ao ouvir isto, perguntei se "os méritos deste procedimento pouco comum eram conhecidos na comunidade".

"Creio que não", respondeu ela com um olhar pensativo. "As pessoas não estão preparadas para aprovar divórcios em tais circunstâncias."

"Que circunstâncias é que as pessoas exigem?", perguntei.

"O mundo, sabe", disse ela com pesar, "exige algo mais do que uma mera desafeição. A maioria parece pensar que tem de haver algum crime, abuso escandaloso e maus-tratos, para justificar uma ação de separação legal."

"É possível, Carrie", disse eu, "que os seres humanos não vejam um crime em irmão e irmã viverem como marido e mulher? Que maior violação da pureza e do princípio pode haver? O facto é, Sra. Lewis, este caso impõe-se ao meu respeito. Estas pessoas, como me informaram, passaram vários anos a tentar contentar-se juntas. Falharam; e agora estão dispostas a dar uma à outra liberdade. Esta é a primeira vez que conheço um casal a separar-se por uma lei de boa vontade e justiça mútuas. É uma posição ousada e original, e

espero que ambas as partes tenham coragem de a levar até ao fim, como começaram."

"Espero que sim", disse ela. "Mas o Sr. Love pareceu-me um tanto desanimado quando deixou a Mary aqui e queria que ela adiasse a ação por algum tempo. Ele tem, aparentemente, estado muito ansioso por se divorciar sempre que o vi antes, mas agora, parece-me, começa a temer a publicidade desagradável de uma separação legal."

"O que diz a esposa a isso?", perguntei.

"Pareceu-lhe custar ver-lhe tanto desalento", respondeu Carrie; "mas disse que tinha a certeza de que ele seria muito mais feliz quando pudesse casar com quem ama; e que, como ela também precisava de liberdade para a sua própria paz de espírito, não podia sentir que fosse correto adiar o seu doloroso empreendimento."

"Com que fundamento pode a Sra. Love requerer uma separação legal?", perguntei.

"Mal sei o que ela fará", disse a senhora com um olhar de simpatia. "Mas suponho que a sua principal alegação será 'abandono'."

"Supondo que a petição seja deferida — que plano tencionam então as partes adotar?", perguntei.

"Pelo que sei", respondeu a conscienciosa Carrie, "o plano deles é o mesmo de sempre, isto é, o Sr. Love casar e ficar com as crianças, e a Mary fazer disso o seu lar na casa dele, para estar com os pequenos sempre que não estiver a dar palestras ou a ensinar." Aqui a gentil senhora caiu momentaneamente num estado de reflexão pensativa e depois disse: "Jackson, receio que ela não consiga a sua liberdade."

A conversa tornou-se então mais geral, e outros temas rapidamente substituíram o assunto do nosso encontro fortuito.

Quatro dias passaram depressa — durante os quais o irmão designado espiritualmente e eu visitámos muitos amigos bem recordados em Amherst e Cleveland. Era um dos mais belos dias de domingo da estação — 24 de Setembro de 1854 — grande parte do qual eu dedicara a palestras públicas. No final do meu discurso aceitei o convite de coração aberto de um cidadão e segui com ele na direção da sua residência, bastante distante mas atraente.

Pelo caminho, ele comentou os constrangimentos embaraçosos e desagradáveis da ignorância da moda; que a maioria das pessoas era bronca e egoísta numa questão de justiça e liberdade; e, entre outros exemplos em

que a ação era necessária, citou o caso do Sr. e da Sra. Love como um caso destinado a suscitar palavras de calúnia e vitupério. Ao ouvir isto, perguntei: "Sabe onde está a Sra. Love, amigo Sterling, e se já fez pedido de divórcio legal?"

"Ela saiu daqui há algum tempo", respondeu, "e os poucos amigos de Cleveland que apoiam a causa dela não ouviram nada dela até há pouco tempo."

"Então não sabe até que ponto ela avançou?", perguntei.

"O facto é", disse ele num tom firme e impaciente, "ela avançou sem pedir o nosso conselho, fez o pedido lá longe, no Indiana, e o cunhado dela escreveu para aqui a pedir testemunhos."

"Bem, há algo de errado nisso?", perguntei.

"Está tudo fora do curso regular sugerido pelos amigos dela em Cleveland", respondeu ele, "e, pela maneira como tudo tem corrido, espero que ela acabe derrotada e obrigada a esperar mais um ou dois anos."

"Como se chama o cunhado dela?", perguntei.

"Charles M. Plumb", respondeu. "Parece-me um jovem inteligente e empreendedor, mas acho que tem sido pouco prudente neste caso."

"É verdade", perguntei, "que a Sra. Love está a perseverar neste assunto do divórcio sem o conselho e a ajuda dos amigos de Cleveland?"

"Sim", respondeu com alguma irritação. "Não pode culpar nenhum de nós se for derrotada; o que estou quase certo de que será o resultado destas manobras."

"Amigo Sterling", disse eu, "este facto deixa-me simultaneamente triste e grato. Lamento que ela não seja vigorosamente sustentada numa causa justa e, no entanto, fico muito satisfeito por ela não ter dependido dos amigos de Cleveland para aconselhamento."

"Bem, não se pode dizer que eu tenha feito alguma coisa para impedir o êxito dela", respondeu ele. "Na verdade, tenciono enviar-lhe já alguma ajuda pecuniária. Mas por que é que está contente, amigo Davis?"

"Porque", repliquei, "se ela tiver êxito, o mundo preconceituoso não poderá, com verdade, acusar os meus amigos nem os amigos do espiritualismo de terem sido instrumentais em causar a separação."

"Sim, isso é verdade! Mas, Davis, surpreende-me ouvir um reformador falar como fala. O preconceito público não deveria ser nada para quem defende princípios de justiça e liberdade universais."

"Quanto a mim", respondi, "nada temo, como sabe. Mas, quanto à força de alguns supostos reformadores para se manterem firmes face à condenação pública, estou desagradavelmente em dúvida."

"O que quer dizer?", perguntou ele.

"Quero dizer isto: nos recantos resguardados de alguma rua retirada, sob a proteção de uma sala fechada, num qualquer canto afastado da sociedade, ouvi muitos fazerem nobres declarações, confessarem-se amigos da mulher e amantes da igualdade de direitos, falarem com entusiasmo em favor de toda a boa palavra e de toda a obra perfeita; e depois, irmão Sterling, segui a conduta privada e pública de tais personagens e, com indizível tristeza, vi esses mesmos ousados e belos oradores fazerem jogos de fantasia e praticarem atos suficientemente desprezíveis e diabólicos para fazerem chorar os anjos."

"Verdade, muito verdade", disse ele com profunda ênfase e tom de pesar. "Poucos conseguem resistir à oposição do mundo. A minha experiência de anos em batalhas contra a escravatura e noutras lutas fixou esse facto na minha mente."

Nesse momento alcançámos a sua bela casa nos arredores e fomos introduzidos no meio dessas hospitalidades requintadas que, em ocasiões anteriores, me tinham sido livre e graciosamente concedidas, a mim e aos meus, pelos membros do seu lar. Sobre o assunto acima nada mais se disse até depois do pequeno-almoço na manhã seguinte, quando o senhor me entregou uma carta que recebera das partes em questão.

"Vamos", disse ele, "como vou responder a essa carta hoje, suponha que põe uma palavra de encorajamento."

"Não desejo identificar-me com o caso", respondi. "A mulher que luta merecia, contudo, ser apoiada, e já lhe escrevi ocasionalmente uma carta animadora, mas talvez seja melhor não o fazer agora."

"Mas, Davis", disse o irmão firme e destemido, "é precisamente o senhor quem deve apoiar os indivíduos nas suas lutas pela liberdade. Vamos, despache-se! Quero uma nota em quinze minutos, porque tenho de ir já para a baixa."

É de supor que o leitor compreenda a razão que me levou a recusar qualquer participação neste caso particular. Recordar-se-á que, por penetração clarividente, eu descobrira que poderia vir a formar-se uma relação, em futuro, entre a mulher então não divorciada e eu. Também vira, vagamente pressagiada, a torrente de falsas acusações que uma quadrilha sem escrúpulos de mexeriqueiros de salão desenvolveria contra ambos. Daí que a minha reserva fosse mais decidida e uniforme do que seria justificável noutras circunstâncias. Contudo, consenti em escrever e enviar o seguinte:—

Cleveland, 25 de Setembro de 1854.
À Sra. Mary F. Love:—

Querida Irmã: O amigo Sterling insiste em que eu lhe envie uma linha com a carta dele. Ele pensa que "uma palavra amável minha" a animará. Consenti, portanto, em juntar-me a ele no agradável esforço de a sustentar e encorajar nesta luta pela liberdade civil e mental. Seja muito firme e esperançosa, pois os anjos Amor e Sabedoria enviam-lhe bons e verdadeiros amigos para a auxiliarem exteriormente; e fortalecem também os seus propósitos, no presente esforço por Justiça e Liberdade.

Se não tiver êxito nesta sessão do tribunal, não precisa desesperar. Mais alguns meses, sem dúvida, realizarão tudo o que deseja. Lembre-se de que, se falhar agora, resta muito tempo e capacidade para alcançar os fins da justiça recíproca.

Com imutável estima, seu irmão,
A. J. D.

O meu amigo, William Green, prosseguiu a sua viagem para o sul do Ohio, a fim de visitar a célebre sala de espíritos de Koon, enquanto eu, tendo um compromisso certo de assistir a uma Convenção de Reforma em Peterboro', no Estado de Nova Iorque, não me demorei mais e apressei-me diretamente para o destino apropriado.

Dos incidentes e bênçãos dessa grande reunião não farei crónica. E, no entanto, devo registar o facto glorioso e profético de que palavras inspiradas, por muitos oradores, foram livre e destemidamente proferidas num edifício branco chamado "igreja", cujos bancos, como vedações, estavam ocupados por homens nobres vindos de campos lavrados, amantes da liberdade oriundos de oficinas de máquinas e ouvintes de quase todos os graus de crença e incredulidade. Reformadores enérgicos disseram poderosas verdades nessa ocasião propícia; e não observei mais de vinte na assembleia apinhada que, na posse da sua razão, não fizessem agradecer ao Pai-Deus.

Enquanto seguíamos nos vagões, de regresso a casa, entre Albany e Hartford, um desconhecido, tendo primeiro apurado o meu nome, perguntou "se eu podia dar-lhe quaisquer provas positivas da individualidade eterna da alma".

"Hoje não", respondi. "A minha mente não trabalha em todos os momentos."

"Lamento muito a sua falta de vontade para falar", disse ele, "porque considero a sua Filosofia a única teoria consistente no mundo."

O lugar adjacente estava ocupado por um indivíduo de aspeto corujesco, que ostentava uma gravata branca extraordinariamente grande, e ainda outros sinais de uma profissão evangélica. Ao ouvir a opinião do senhor inteligente acerca do sistema Harmonial, exclamou:—

"Fora com a vossa vã filosofia, com o vosso muito saber, querendo ser sábios acima do que está escrito! Não temos nós o testemunho de um Cristo ressuscitado? Não temos nós a declaração positiva do apóstolo Paulo de que o homem viverá depois da morte? Que mais pede, senhor, para o convencer da imortalidade?"

"Tenha paciência com o duvidoso", disse eu, dirigindo-me ao interlocutor clerical, "e faça a si mesmo a justiça de escutar. Tenho algumas frases a proferir a respeito desta mesma matéria."

O homem do púlpito olhou para mim com extrema dignidade, e eu olhei para ele com extrema imperturbabilidade, enquanto o senhor cético olhava para ambos com extremo interesse.

"A mente racional", comecei, "não negará que o Homem começa a vida em total ignorância. Não sabendo absolutamente nada, a superfície da alma humana tem de ser um livro em branco, uma folha de papel imaculada, por assim dizer, na qual a pena da experiência nunca traçou uma linha de pensamento. Consequentemente, visto sob este aspeto, o Homem inicia uma existência sensorial, como o bruto inculto da floresta, isto é, em devoção exclusiva aos fenómenos do tempo e do espaço. Portanto, o elemento primário mais forte no intelecto do Homem é um ceticismo em branco — uma espécie de descrença — que, afinal, e com sabedoria, é a mola mestra de todo o pensamento e investigação."

"A sua conversa, senhor, não toca no caso em questão", disse o ministro dignificado.

"Agora, sendo a lei de ação e reação tão distintamente uma lei da mente como da matéria", prossegui, "acontece que a mente do Homem, sem qualquer crescimento real em experiência, se lança como um cometa do periélio ao afélio, do ceticismo à superstição, do ateísmo ao sobrenaturalismo, oscilando como um pêndulo de um extremo ao outro; e assim acontece também que os que mais firmemente creem na revelação antiga são frequentemente quase tão ignorantes da verdade viva como aqueles que não têm fé alguma no sobrenatural e no miraculoso. Em qualquer dos casos, todo o argumento é supérfluo."

O cético interrompeu aqui: "Não posso acreditar na imortalidade da alma, senhor, embora muito o deseje."

"Por que não pode acreditar?", perguntei.

"Porque", respondeu ele, "vejo árvores, ervas, brutos, aves, homens, todos a virem à existência, viverem por uma estação e desaparecerem todos igualmente — mudando para outras formas — não deixando atrás de si vestígio de uma existência futura."

"Mas como sabe", perguntei, "que o espírito do Homem, tão imensamente superior às mentalidades animais, não vive depois da morte?"

"Oh, não sei ao certo", respondeu prontamente; "mas isto digo com honestidade: quando eu vir um espírito distintamente organizado, separado do corpo físico, acreditarei na existência de tal ser, e não antes."

A isto, o clérigo disse ao cético: "Oh, tenho pena de si, senhor — muita pena! O senhor é materialista — um infiel! Oh, se pudesse ter a minha fé perfeita!"

"Qual é a sua fé?", perguntou o cético, com modos de cavalheiro.

"A minha fé, senhor — a minha fé?", vociferou o entusiástico homem do púlpito, "ora, eu creio num Deus, senhor! e numa revelação divina, senhor — sim, senhor — e também na ressurreição ou no dia do juízo, senhor — quando este mortal revestir-se-á de imortalidade, senhor — e cada um será julgado segundo as obras feitas no corpo."

"Com base em quê acredita em tudo isso?", perguntou calmamente o cético.

"Com base em quê pergunta, senhor — com base em quê? Ora, senhor, não temos nós o testemunho de Moisés e dos profetas, e as afirmações positivas de Jesus, senhor, e dos seus apóstolos inspirados?"

"Sim, de facto, tem", retorquiu o cético. "Mas, meu amigo cristão, deixe-me perguntar: que prova é todo este aparato de testemunhos para a minha mente?"

"Ora, senhor, a sua terrível descrença faz-me estremecer em todos os membros", disse o clérigo.

"Moisés, e Jesus, e os apóstolos, são completos desconhecidos", respondeu o cético. "Nunca os encontrei eu mesmo, nem encontrei alguém que os tenha encontrado. Podem ter existido; podem ter sido honestos, ou o contrário, não sei. Toda a história é defeituosa. E, além disso, quando me for revelada pessoalmente a mesma prova de imortalidade que esses homens professaram ter recebido, então eu também terei, provavelmente, razões para acreditar naquilo que parece contradizer todas as analogias da vida orgânica. Uma revelação feita a outro não é revelação para mim. É apenas um 'diz-que-disse', um artigo em segunda mão, e não pode, portanto, ter o efeito satisfatório que resultaria de uma importação direta da prova positiva para a minha própria mente."

O comboio chegou ao depósito principal e, assim, o colóquio terminou. Assim está a questão entre o cristão educado e o cético intelectual. Nunca conseguirão "persuadir-se" um ao outro. Porquê? Porque ambos duvidam e ambos acreditam, embora de modo oposto, com base na autoridade de coisas exteriores. Nenhum ocupa o terreno filosófico dos princípios interiores. A igreja assenta em oráculos antigos e abstrações teológicas. Sobre o futuro lançou um manto de sentimentalismo vaporoso. Uma vaguidão angustiante, uma incerteza e irrealidade, lança sobre o destino da alma. E assim, como sempre será, fé em excesso provoca e desenvolve dúvida em excesso.

CAPÍTULO LX
SINAIS DOURADOS

O Monte da Beleza estava agora vencido. A sua encosta mais elevada ficara atrás de mim. Havia também uma libertação mental desse exercício ininterrupto de intuição que fora necessário para resolver o problema conjugal; e, enquanto seguia caminho para o vale futuro, tinha uma alegria interior e uma tranquilidade que excediam a linguagem. É verdade que muitas provações tinham passeado de braço dado pelo meu trilho na montanha e olhado para mim como assassinas; e é também verdade que eu caminhara ao compasso de música celeste que encantava o ar e arrebatava o meu espírito. Mas foi o Bastão Mágico, e não apenas a melodia, que me permitiu converter cada provação intrusa e cada adversário num ministro do desenvolvimento pessoal.

E a minha alma tinha de estar necessariamente muito quieta; pois o seu júbilo interior de gratidão ao Pai-Deus não se derramava em palavras. Por isso eu não podia ser interessante no convívio social. Contudo, os amigos vinham visitar-me, e eu não tinha coração para lhes negar entrada. Queriam dizer uma palavra amável ou fazer perguntas sobre vários assuntos. Eram todos queridos. Ainda mais atraentes, porém, eram esses sinais de sabedoria exaltada que, de hora a hora, desciam flutuando de regiões de pensamento e filosofia.

Durante três dias a minha alma anelou por estar afastada de sons e sofrimentos exteriores. Isto não parecerá estranho ao leitor que se lembre do poder impressionável que possuo de sentir "a dor alheia" a uma distância de centenas e mesmo milhares de milhas. As paredes compactas da minha morada, na saudável e bela cidade de Hartford, não eram proteção. O estudo e a disciplina do Monte da Beleza tinham aberto as minhas simpatias para toda a humanidade.

As cartas descritivas e interrogativas que me chegavam diariamente, de longe e de perto, não eram necessárias para pôr a minha alma em relação com os sofrimentos privados dos habitantes da Terra. Oh, amigo, não é tarefa fácil nem ociosa ser um trabalhador abnegado para multidões egoístas e sofredoras! A intuição humana, quando clarividente, não conhece espaço. As sensibilidades da alma podem fundir-se num único rio, invisível aos olhos físicos, correr entre as montanhas escarpadas da vida humana e recolher, nas suas amplas margens, "impressões" de provações individuais em ambos os lados do Atlântico. Não são palavras vãs, caro leitor; transcrevo-as das páginas do meu próprio livro de vida. Entre o pequeno-almoço e o jantar, durante as horas da manhã de um só dia, eu, no meu gabinete silencioso,

recebi impressões telegráficas acerca de corações que batiam a centenas de milhas de distância! Às suas alegrias momentâneas eu estava então completamente insensível, porque a minha missão era para as suas dores privadas. Intuitivamente identifiquei-me com o mundo vivo dos seres humanos.

A minha alma ansiava por libertar os escravos que via — por dar abrigo a fugitivos em todos os departamentos da vida — fugitivos da falsa teologia, da servidão política, da escravidão de alianças domésticas licenciosas, que igualmente contaminam marido e mulher e descendência — e, quando vi esses fugitivos em todas as grandes cidades e, por vezes, em aldeias rurais, oh, como rezei por poder para despertar em cada alma humana uma coragem moral que não parasse antes da justiça universal!

Um dia, enquanto assim contemplava, simpatizava e orava pela raça humana, o Guia bem conhecido soprou-me ao ouvido três palavras: "Ela — está — livre." Imediatamente perguntei: "Quer dizer a Sra. Love? Diga-me mais uma vez, bondoso Guia — entendi bem?"

"Ela — está — livre!", respondeu o ser dotado, e não voltei a ouvir a sua voz.

Isto ocorreu no sábado, 30 de Setembro, apenas cinco dias depois de eu ter enviado a nota registada no capítulo anterior. "Bom!", exclamei. "A mulher perseverante obteve um divórcio da servidão. O decreto certificado libertará ambas as partes, e cada uma poderá, legalmente, entrar em relações mais congeniais."

Não ouvindo, contudo, nada que confirmasse a declaração positiva do meu Guia, escrevi à senhora a pedir informação direta; e a sua resposta pronta e definida mostrou que o seu divórcio foi decretado no próprio dia em que o meu bondoso guardião mo anunciara e que, apesar da distância interveniente de quase mil milhas, eu tivera conhecimento da emancipação legal trinta e seis horas antes de a sua mente, muito mais interessada e ansiosa, receber notícia do mesmo facto por parte do seu fiel advogado!

Foi um dia sugestivo de Outubro que dediquei a examinar o meu futuro imediato. As grandes lições da minha jornada na Montanha ainda estavam frescas e, através delas, li o destino das coisas exteriores. "Tonalidades outonais", disse eu mentalmente, "aparecem na folha e na vida. Assim como o rio corre e se mistura com o poderoso oceano, assim a minha alma sem companheira segue viagem rumo à esfera ilimitada para além do túmulo. Mas o som surdo e pesado da terra a cair sobre o caixão, a escuridão que envolve e a quietude que permeia o corpo rejeitado, não podem lançar tristeza sobre

o espírito de um peregrino harmonial. E se virmos nuvens entre nós e o sol, desesperaremos? Não brilha o mesmo orbe eterno para além delas? E se a minha alma hoje está triste perante a perspetiva de batalhas a travar antes de eu alcançar a minha companheira, não haverá uma era de paz a seguir-se?"

Enquanto meditava, uma voz familiar veio insinuando-se pelo ar, e o meu Guia disse: "Que—se—o—outono—vem; não—tem—ele—uma—primavera—em—reserva?"

E eu respondi: "À minha missão pública e às suas provações não admitirei murmúrio algum. Não, bondoso Guia! Que fiquem tristes outros, que creem nas trevas, que respiram os nevoeiros da velha mitologia; mas eu? não, nunca, nunca — *Excelsior!*"

O leitor não se admirará destes sentimentos transitórios de tristeza, quando souber que, por meio de penetração clarividente, vi que o meu ensino público em Hartford estava concluído; que eu devia ocultar à mulher libertada o facto da nossa aptidão conjugal (a fim de deixar as suas afeições livres para se fixarem no seu próprio objeto); e, por fim, que eu devia viajar por um labirinto de amargos preconceitos para agir com justiça e consumar o verdadeiro matrimónio. Tudo isto se ergueu diante de mim como uma sombria tempestade outonal. Apoiado no Bastão Mágico, porém, escrevi a minha despedida e preparei-me para o campo aberto.

O *Hartford Times* publicou o discurso de despedida. Mas, devido à diatribe jornalística que se seguiu, esbocei uma carta adicional de despedida, num espírito de crítica. A tudo isto respondeu a imprensa conservadora e religiosa com ridículo e sátira, troça e alguma graça, calúnia e deturpação. Pouco antes da minha partida final, um amigo perguntou: "Viu o apelo para uma reunião amanhã à noite?"

Ao assegurar-lhe que não, observou que "os amigos esperariam que eu estivesse presente".

Na noite seguinte, conforme, dirigi-me ao salão enfeitado com estandartes e decorado, no qual os nossos princípios tinham sido ensinados, e encontrei uma grande congregação à espera. O presidente escolhido, William Green, jr., levantou-se e leu o seguinte:—

Dado que saudamos a promulgação da Filosofia Harmonial como uma nova era no mundo; e que, pela fé na causa e efeito, antevemos o dia em que, por influência dela, os poderes e principados discordantes deste mundo se tornarão Um Reino de Amor, Sabedoria e Harmonia.

Dado que, visto que o Irmão Davis se propõe, no futuro, dedicar uma parte muito considerável do seu tempo como professor, discursando pelo país, esperamos sinceramente que o público em geral acolha na sua vida os princípios ensinados pela Filosofia Harmonial, os quais, estamos certos, são plenamente capazes de harmonizar este mundo — coisa que todas as religiões até aqui existentes se provaram totalmente incapazes de fazer.

Dado que algo mais do que um voto de agradecimento nos é devido para com ele, pelas muitas palestras inestimáveis com que, gratuitamente, nos iluminou durante os seus quatro anos de residência entre nós; e que sentimos um elevado grau de gratidão; portanto,

Dado que, como pequena expressão do nosso amor e gratidão, se peça ao Irmão Davis que aceite de nós um Relógio, com uma inscrição, expressiva dos nossos sentimentos e opiniões acima declarados.

Imediatamente após a aprovação das resoluções acima, o presidente apresentou-me a lembrança dourada para eu a aceitar. Mas imagine a minha confusão, caro leitor! Ali eu estava, diante de uma grande e expectante assembleia, sem uma palavra a dizer — completamente confuso e intimidado — sentindo ao mesmo tempo uma emoção avassaladora de gratidão e uma exigência sobre a minha mente não treinada para um discurso improvisado como oferta de agradecimento. Felizmente eu tinha comigo algumas folhas de papel de carta e consegui pedir ao público licença para me retirar para a sala contígua. Num instante a minha alma encheu-se de luz e linguagem. E tão rapidamente quanto o pensamento pode atravessar uma paisagem, assim rapidamente tracei a lápis as seguintes palavras de resposta, que li de imediato à congregação ainda sentada:—

Irmãos da Nova Dispensação: Falais de Gratidão. Toda a gratidão é minha, não vossa. De tempos a tempos tenho discursado para vós, como que involuntariamente, porque não o pude evitar — era um alívio tão bem-aventurado para a minha alma comunicar as suas impressões irresistíveis. Os moralistas ensinaram que as partes beneficiadas devem um débito de gratidão aos seus benfeitores. Daí a doutrina e a prática popular de fazer reconhecimentos perpétuos ao sobrenatural. Mas nada pode ser mais absurdo. É o benfeitor, não o recebedor, quem goza primeiro o bem dos seus atos. Só ele sente, e necessariamente tem de sentir, o mais profundo débito de gratidão. Consequentemente, é sempre mais bem-aventurado dar do que receber.

Vós, queridos amigos, muitas vezes me permitistes o gozo de tal bem-aventurança, e eu agradeço-vos por isso; mas agora, como estou prestes a

partir, a felicidade natural do benfeitor é vossa — e eu sou o recebedor — fazendo-me sentir incapaz de exprimir em palavras as emoções prazerosas despertadas por esta transposição inesperada.

O vosso sinal de amizade é trabalhado do metal mais puro da Terra — uma substância que se diz não se manchar. Este facto, tão significativo exteriormente, não é sem a sua moral. Espero beneficiar de uma sugestão tão delicadamente expressa por vós.

E presenteastes-me com um registrador do Tempo. É um pensamento surpreendente! Em toda a parte me lembrará as pulsações da Eternidade — das horas, minutos e segundos, à medida que abrem asas e voam do império da vida para o reino da morte. Mas esta reflexão não nos pode perturbar nem entristecer — pois sabemos que, para os nossos princípios mais íntimos, não há Morte; mas Vida, desdobrando-se cada vez mais belamente à medida que avançamos com o voo do tempo para sempre.

Este Relógio ajudará a minha alma a manter as suas vigílias de dia e de noite. O meu espírito está profundamente impressionado com o vosso belo sinal. No seu rosto brilhante verei as faces sempre felizes, sempre animadoras, dos meus amigos harmoniais na cidade de Hartford; e as suas mãos estendidas impressionar-me-ão, daqui em diante, a recordar, com um estremecimento de felicidade pura, o aperto familiar de muitas mulheres dedicadas e homens destemidos; que, apesar do peso dos preconceitos populares, se mantiveram firmes, formando uma falange pioneira, em favor do evangelho da Natureza e da Razão.

A minha alma está alegre, meus amigos, porque me destes um dom tão significativo — um que guardarei quente com as emanações do meu espírito, porque em toda a parte será o meu constante companheiro falante — um medidor do tempo; o registrador de cada momento sucessivo, que serei advertido a aproveitar à medida que passa. Manter-me-á no meu trabalho feliz. Cantar-me-á sempre: "Agora é o dia, e agora é a hora!"

Esse poeta terrivelmente triste, Robert Pollok, diz: "O anjo de Deus apareceu numa estátua de fogo, ardendo, e, levantando a sua mão ao alto, * * jurou que o Tempo não seria mais."

Mas, apesar do juramento deste anjo apócrifo, permanece inabalável a minha convicção de que o Tempo é eterno; ou, antes, que aquilo a que chamamos "Eternidade" é composto de Tempo como as gotas constituem o oceano. E, constantemente, em todas as latitudes e sob todas as circunstâncias, o vosso dom servirá para me lembrar desta convicção, inspirando-me novos esforços pela humanidade.

Dia a dia profere discurso! Falamos de ontem, hoje e amanhã. Que são estes senão os nomes próprios de vagas sempre reservados, sempre presentes, sempre próximas do oceano do Tempo? O vosso sinal, irmãos, é belamente simbólico de uma oração oculta, que habita dentro de cada alma, para que eu não perca Tempo em fazer tudo o que eu, como irmão individual, possa, para quebrar os grilhões da ignorância — para ensinar a filosofia da nossa existência — para trazer o homem à comunhão com as suas próprias Intuições e Razão — e, pela influência benigna de um Espiritualismo racional, fazer algo para estabelecer relações harmoniosas entre os Céus e a Terra!

Eu disse que a gratidão era minha, não vossa — que não precisais exprimir nenhuma para comigo. Mas penso que o vosso sinal de amizade não diminuirá a minha dívida para convosco. Não, meus amigos: a bondade uniforme e a franqueza com que tendes ouvido as minhas "impressões" — a vossa crescente confiança nesse desaparecimento final da Ignorância e do Sofrimento da Terra — a vossa confiança na Religião Eterna da Justiça e da Liberdade, fundada nas leis deificadas da Natureza universal — a gradual emancipação das vossas afeições do desânimo das superstições populares e da escravidão de credos prescritivos — o desenvolvimento progressivo das vossas faculdades intelectuais rumo a uma perceção de princípios filosóficos — a vossa manifesta determinação de ser livres e fiéis ao Deus vivo dentro de vós — de vos opordes a tudo o que concebeis ser Erro e Opressão, e de vos apegardes firmemente a tudo o que apreendeis ser Verdade e Liberdade; sim, irmãos, a minha recordação de tudo isto, além da fragrância duradoura das flores da Amizade, cujos germes plantámos silenciosamente no jardim do coração uns dos outros — aumentará, ao longo de todos os anos vindouros, ainda mais a dívida de gratidão permanente que há muito tenho tido a felicidade de sentir.

Como exprimis de modo tão tocante e substancial os vossos sentimentos afetuosos, não sei como posso partir sem vos instar a lembrar, em todos os lugares e sob todas as circunstâncias, as palavras impressionantes que escrevestes nas paredes desta sala, correspondendo aos quatro quartos do mundo — "Amor" — "Sabedoria" — "Harmonia" — "Excelsior". Que o som destas palavras atue como a magia da Verdade sobre cada coração, dizendo sempre a todos: "Paz, aquietai-vos!", para que, quer abatidos pela aflição quer exaltados pela felicidade, vos sintais consagrados, alma e corpo, à Causa imortal da Harmonia Humana, de que estes termos elétricos são tão universalmente expressivos! E permiti-me que vos solicite sempre que tenhais em mente que esta Plataforma, em que agora estou, está, enquanto estiver na vossa posse, dedicada aos Direitos do Homem e da Mulher — o púlpito da Livre Palavra e da Discussão Imparcial! E, quer

permaneçais nesta cidade quer vos mudeis para outras partes, quer em casa quer no estrangeiro, que nunca vos esqueçais de pregar e praticar a grande Lei, escrita sobre aquela tribuna, a saber: "Que Nenhum Homem Chame Deus Seu Pai Se Não Chama o Homem Seu Irmão!"

O motivo que me move a registar o que precede é a desculpa que fornece para registar o seguinte burlesco espirituoso, que apareceu no *Hartford Courant*, um jornal conservador, pouco depois de as minhas observações terem sido publicadas no *Times*. A paródia é excelente. Há nela espírito genuíno, embora limitado e transitório como o cintilar retórico do olhar de um comediante:—

APRESENTAÇÃO DO RELÓGIO

Gullville, 1 de Novembro de 1854.

Sr. Editor: Conhecendo a sua disposição para ajudar o desenvolvimento da Beleza do Amor e a Magnificência da Sabedoria, para o bem de espíritos substanciais organizados, sinto-me impressionado — ou antes, apercebo-me de uma inclinação — para lhe enviar uma notícia de uma reunião realizada neste lugar na noite de terça-feira, para a apresentação de um relógio de ouro (folheado) ao Professor Z. J. Roback, o descobridor e vendedor da célebre Pílula Univercœlestial Astrológico-Magnética para a cura de todas as doenças.

O relógio foi apresentado em nome dos membros da Fraternidade do Amor Livre, uma associação composta pelos pacientes do Professor Roback e por alguns agentes, jornaleiros e aprendizes do comércio das pílulas. As seguintes resoluções foram aprovadas numa reunião anterior da fraternidade e mostram a ocasião da apresentação:—

Dado que, visto que o Irmão Roback se propõe no futuro dedicar uma parte muito considerável do seu tempo a vender as suas pílulas noutros mercados menos sobrecarregados, esperamos sinceramente que o público em geral receba este inestimável panaceia no seu estômago universal — para harmonizar o mundo, numa sujeição consentida e uníssona às suas suaves virtudes catárticas; resultado que todas as pílulas e purgas da prática regular se provaram totalmente incapazes de alcançar.

Dado que algo mais do que um voto de agradecimento nos é devido para com ele, pelos muitos e inestimáveis "conselhos gratuitos" com que, há quatro anos, tem iluminado aqueles de nós que compraram as suas pílulas; e que estamos muito gratos pelo mesmo: Portanto,

Dado que, como pequena expressão do nosso amor e gratidão, pedimos ao Irmão Roback que aceite de nós um Relógio, com a seguinte inscrição, *Tempus abire*, significando: "Está na hora de ir."

Depois de estas resoluções terem sido comunicadas e o relógio apresentado, na devida forma, pelo presidente, o Professor Roback fez então as seguintes observações:—

OBSERVAÇÕES DO PROFESSOR ROBACK

Irmãos e Vítimas: É sempre mais bem-aventurado dar do que receber — sobretudo pílulas. Falais de gratidão, porque recebestes benefícios. Não faleis mais assim, pois com isso reconheceis e encorajais o absurdo dogma eclesiástico de que o homem deve gratidão ao seu Criador e preservador. A nossa nobre filosofia ensina coisas melhores — que o benfeitor deve ser grato ao recebedor, e que a obrigação imaginária pelos benefícios recebidos é anulada pela mera receção passiva deles. Aceito o vosso relógio. Não me agradeçais, irmãos. Estais muito bem servidos. Aplausos: lágrimas das irmãs zelosas e pancadinhas abafadas pelos espíritos assistentes.

O vosso sinal de amizade é trabalhado com dois metais da terra — latão por dentro e uma fina camada de ouro por fora. Este facto, tão significativo exteriormente, não é sem a sua moral. Espero beneficiar da dica tão delicadamente expressa por vós. Será meu cuidado constante manter a "significância exterior" que o dourado confere ao latão.

Este relógio ajudar-me-á a lembrar verdades importantes. Recordar-me-á a eternidade do tempo e da matéria. Move-se, e já vos foi ensinado que "matéria e movimento são princípios co-eternos existentes na Natureza" e que "a matéria possui movimento inerentemente". Portanto, mover-se-á para sempre. Não se gastará — porque a matéria é eterna. Não parará — porque o movimento é eterno. Tornar-se-á melhor, mais brilhante e mais perfeito — porque as "leis da matéria e do movimento são eternamente progressivas". Sim, irmãos, rejubilemo-nos juntos com este pensamento — este pequeno monitor que faz tique-taque pode ainda tornar-se, noutra esfera, mais pura e mais elevada, um relógio de oito dias! (Aplausos. Salamaleques da grande mesa. Cambalhotas entusiásticas dos bancos e das cadeiras. Aplausos.)

O meu espírito está profundamente impressionado com o vosso belo sinal. Contemplo o seu mostrador de latão — e face responde a face. Os seus ponteiros estendidos apontam para todos os pontos da bússola e, a cada hora do dia, clamam: dá! A sua mola espiral sugere uma verdade fundamental da nossa filosofia: que o intelecto e o espírito se desenvolvem na razão direta

da barba. O seu movimento demonstra a possível consecução de todo o movimento originado por um poder interno, ou contido em si — uma série de revoluções em torno do seu próprio pequeno centro, numa órbita muito circunscrita; e a isto, a nossa filosofia chama progresso.

E agora, irmãos, estou prestes a afastar-me de vós por uma temporada. Não vos esquecerei. A bondade uniforme com que tendes escutado as minhas "impressões", e engolido as minhas pílulas — o favor que tantas vezes recebestes das minhas mãos, de vos ser permitido ministrar às minhas necessidades — o vosso apoio fiel na guerra que travei contra a prática regular — a vossa alegre rejeição dos preconceitos e superstições populares, descartando os credos antiquados que reconhecem uma religião, uma Bíblia e um Deus, e adotando comigo a crença mais sublime de que o universo não tem ser maior ou mais sábio do que nós próprios somos ou podemos vir a ser — tudo isto torna triste a nossa despedida. Mas, irmãos, a capacidade de engolir não é infinita.

Em vós, prevejo que o seu limite se aproxima. Os vossos estômagos já não anseiam por pílulas com os ardentes anelos do seu primeiro amor. Eu tenho "mais algumas" — e (enquanto afiais os apetites para outro curso), vou vendê-las. Mais um aperto familiar destas mulheres dedicadas, mais um aperto de despedida destes meus pacientes destemidos; e agora, irmãos e irmãs, adeus. Soluções. O espírito do Dr.Franklin limpa os óculos.

No final das observações do professor, foi-lhe apresentado um elegante suporte de relógio em ébano, em forma de uma pequena forca — com o mote (alusivo às suas pesquisas astrológicas e investigação das esferas superiores), *Sic itur ad astra*.

Quizquis.

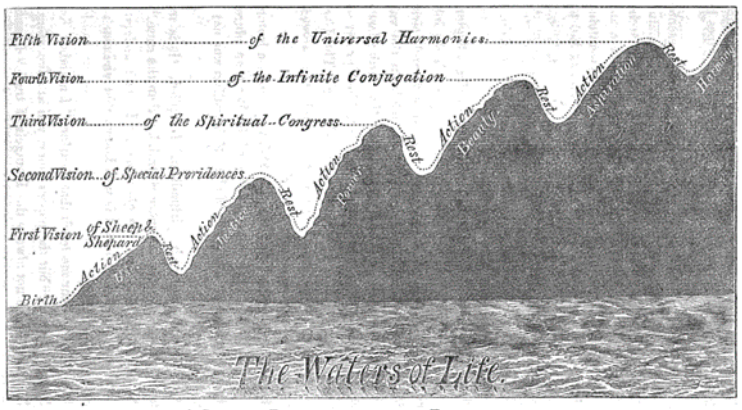
P. S. — Para informação daqueles amigos do Professor Roback que não estiveram presentes nesta interessante ocasião, sou autorizado a declarar que ele proferirá outros quatro discursos de despedida, no mesmo local, a intervalos de uma semana.

As minhas experiências mentais e sociais têm sido um cumprimento perfeito e repetitivo da minha primeira visão. As afeições religiosas, sociais, patrióticas e outras da humanidade, embora naturalmente puras e inclinadas a aglomerar-se como ovelhas, correriam, independentemente do seu pastor chamado "Verdade", para cá e para lá nas ruas e entre as montanhas da vida. A certa altura, a causa de confusão e oposição na mente pública era o grito alarmante de "infidelidade".

A Verdade, de trajo simples e sem pretensão, o pastor eterno, pouco podia fazer para estabelecer harmonia. Então pedia-me que o ajudasse, e eu assim fiz através de palestras e publicações. Depois parecia que a paz reinava em todo o rebanho. Em seguida, porém, os preconceitos do povo começaram a subir silenciosamente como os nevoeiros de um país doente; desses nevoeiros formavam-se grandes nuvens negras no alto ar, cujo conteúdo descia em torrentes pavorosas, com trovões e relâmpagos; e assim, muitas vezes, fui encharcado pela abundância de oposição exterior.

O altar era a reputação. A reputação não passa, no melhor dos casos, de um monte de lenha seca. Uns quantos lampejos de fogo da língua bifurcada da falsidade destrui-la-iam pela raiz. Por isso, viver e trabalhar pela "reputação", como a maioria dos homens públicos faz, pareceu-me abaixo da dignidade moral e do verdadeiro chamamento de um Homem. Assim, embora molhado e a tremer com a tempestade de ignorância e preconceito exteriores, afastei-me imediatamente do frágil altar, rejeitei uma posição de espírito prostrada e procurei manter-me firme sobre a terra honesta, com a cabeça voltada para o firmamento.

Então vieram novas acusações e vazias causas de alarme — "loucura" — "amor livre" — "espíritos malignos" — "ilusão infernal", etc. — com o que o rebanho (isto é, as afeições preconceituosas do povo) se assustava e debandava em todas as direções ridículas. As grandes e antigas montanhas da Justiça e do Poder eram demasiado altas, porém, e os juízos do povo, não encontrando nem confinamento nem fuga, foram sendo forçados, de tempos a tempos, a ceder perante a "Verdade", o belo e eterno pastor, cuja missão sempre me esforcei por proclamar e promover por toda a terra.



A Symbolic Representation of my Experience.

Uma representação simbólica da minha experiência.

Assim, caro leitor, fui compelido a subir, começando primeiro pela Montanha do "Uso". Mas cada nova disciplina, cada novo esforço,

acrescentou mais força física e sabedoria espiritual; e não estive "abatido" no vale nem "exaltado" no cume mais alto. O artista gravou uma representação simbólica da minha progressão individual. Não é preciso dizer ao leitor que o meu primeiro capítulo, "O Uso da Autobiografia", é uma explicação geral, enquanto os seguintes revelam as minúcias dessa experiência.

No dia anterior à minha partida da cidade do Charter Oak, para uma digressão de palestras pela Nova Inglaterra e partes do Oeste, um cavalheiro instruído e refinado perguntou "se o Espiritualismo Moderno não seria imoral na sua tendência".

"Tal como eu aceito e ensino o espiritualismo", respondi, "é mais salutar do que a igreja e mais restritivo do que o Estado."

"Agora, Sr. Davis", disse o interlocutor, "não consigo entender como pode dizer isso, quando é sabido que ensina a doutrina do amor livre."

"Alguma vez me ouviu ensinar tal doutrina?", perguntei.

"Não, senhor", respondeu ele, "mas os jornais noticiam que a defende."

"Os jornais nem sempre são os Evangelhos da verdade", repliquei. "O jornalista popular é um cronista do que individualmente sabe e pensa — um mero refletor dos factos e fantasias superficiais da multidão passageira — e, por isso, não pode ser tido como mais do que parcialmente correto nas suas afirmações."

"Isso é verdade, sem dúvida", disse ele. "Mas se não ensina o amor livre, Sr. Davis, gostaria de saber como lhe chamaria."

"Já que me pergunta com espírito tão amável, senhor, sinto-me livre para lhe dizer. As doutrinas Harmoniais do matrimónio, que defendo sem concessões, por palavra e por vida, são estas: que todos os tesouros do amor ilimitado de um coração pertencem a outro único coração igualmente opulento. É uma lei imutável que, quando dois corações se sentem verdadeiramente e sabiamente atraídos para um mesmo abraço, as partes assim unidas possuem o poder de tornar a sua união transitória ou permanente."

"Como? Quer dizer, Sr. Davis, que duas almas humanas podem edificar ou demolir para sempre um matrimónio que, no início, é agradável a ambas as partes?"

"Quero", respondi. "À hora húmida do entardecer, 'quando os corações gentis se inclinam para os pensamentos mais ternos', duas naturezas juvenis podem respirar mutuamente declarações do rico excesso da afeição — sendo

cada uma a bela tradutora do coração mais puro da outra — e formar uma união que parece o auge das suas mais caras esperanças; mas, quando o crepúsculo cinzento e frio de uma lua-de-mel esgotada se insinua sobre o casal legalmente casado, podem já não ser amantes, nem amigos civilizados, mas inimigos declarados da pureza e felicidade um do outro."

"É verdade, Sr. Davis", interrompeu o ouvinte. "Mas qual é o seu remédio? Não ensina que tais pessoas devem viver juntas sem se casarem e separar-se quando entram em conflito?"

"Não, senhor", respondi. "Pelo contrário, ensino que o verdadeiro matrimónio é a consagração de um homem a uma mulher; que não deve haver familiaridade entre os sexos, além das saudações da amizade, a menos que dois corações estejam assim reciprocamente consagrados; e mesmo assim, apenas depois de terem declarado abertamente, na presença de testemunhas, a sua relação conjugal voluntária."

"Mas, Sr. Davis, suponhamos um caso: aqui está uma mulher que tem um bom marido, segundo o mundo, mas não o ama e não pode amá-lo — que diz então?"

"Nessas circunstâncias", disse eu, "o marido não tem o direito (aos olhos do céu) de insistir nos seus privilégios legais. Se o fizer, serão necessários longos anos de trabalho autoimposto no penitenciário moral para expiar e apagar o seu pecado espiritual. Os dois devem viver na relação divina de irmão e irmã. Assim também devem viver em relação a qualquer outro ser humano."

"Mas", perguntou o cavalheiro, "suponha que uma das partes concebeu amor conjugal por outra pessoa — que fazer então?"

"Se tiverem família", respondi, "a sabedoria poderá prescrever a continuação da relação fraternal, por causa dos filhos."

"Mas suponha que o marido não consente em manter a pureza dessa relação fraternal; que os filhos sofrem sob a influência da discórdia doméstica; e que a esposa e mãe sente a sua saúde declinar diariamente — que fazer então?"

"Então", disse eu, "a sabedoria prescreverá divórcio imediato e incondicional."

"Agora, Sr. Davis, deixe-me colocar a questão de outra forma: suponha que não há filhos; que marido e mulher consentem honradamente em viver

na castidade da relação fraternal; mas que um ou outro ama outra pessoa — que fazer então?"

"Nesse caso", respondi, "as partes devem considerar francamente e decidir cuidadosamente qual o curso que melhor assegurará a sua felicidade mútua e o bem do mundo. Sejam quais forem as circunstâncias, contudo, a sabedoria proclama sempre uma grande verdade consoladora, a saber: que todo o desejo inato encontrará satisfação última. Por outras palavras, se a sua alma mais íntima anseia por um companheiro — se suspira por um coração de amor puro que a terra até agora lhe negou — espere, não desespere, mas viva uma vida pura; pois quando a provação da morte terminar e o Lar do Espírito for alcançado, encontrará seguramente o seu par eterno."

"Mas, Sr. Davis, suponha que tenho um temperamento ardente, entusiástico, sanguíneo?"

"Então a sua provação será mais severa", respondi, "e a sua vitória tanto mais sublime."

"É uma doutrina algo difícil de praticar", disse o cavalheiro.

"Mas tal é a minha filosofia", respondi, "e tal é a minha prática. Muitas mulheres delicadas e homens robustos têm procurado a minha opinião acerca das suas dificuldades domésticas, e as minhas palavras de resposta têm sido como estas: 'Deveis aguardar os desenvolvimentos do tempo que vem. Talvez o vosso olhar tenha visto o vosso verdadeiro companheiro; talvez não; mas a alma não engana; anseia por um par, e há alguém que satisfará esses anelos; sede pacientes, pois; mantende o vosso espírito puro e o vosso corpo livre de mancha, para receber os sagrados tesouros de algum espírito eterno.'"

"O que se diz, Sr. Davis", observou o cavalheiro, "é que o seu povo segue os espíritos na questão do casamento."

"Talvez haja alguns crentes na Comunicação Espiritual que se tenham desviado", respondi. "Mas esses não tomaram a Filosofia Harmonial como regra de fé e prática."

"Crê realmente em uniões eternas?", perguntou ele.

"Sim, do fundo da minha alma que creio", respondi. "Quando os anos em círculo tiverem operado mudanças infinitas, quando os mares profundos estiverem secos, quando a grande terra já não produzir, quando todos os seres humanos habitarem mundos superiores, quando, nos reinos longínquos

da matéria, novos sistemas e universos rolarem para ordem e proporção — mesmo então, os verdadeiramente casados, não conhecendo indiferença nem decadência, amarão com ternura e devoção sempre crescentes."

"Obrigado, Sr. Davis, por esta declaração franca dos seus princípios. O senhor não ensina amor livre — vejo isso. Coloca as barreiras muito altas, talvez altas demais para a maioria dos mortais. A minha própria opinião, senhor, é que a tendência moral da sua doutrina vai no sentido de maior pureza do que as pessoas geralmente imaginam."

Durante muitas semanas antes da minha partida, e mesmo durante a viagem, fui assaltado por uma experiência extremamente singular. O leitor poderá ser suficientemente simpático e imaginativo para compreender o embaraço da minha posição. Eu expressara livremente o meu ideal do verdadeiro matrimónio — descrevera frequentemente a bem-aventurança resultante de uma união pura de alma com alma — quando, eis que, para meu embaraço, várias mentes gentis pareceram confundir a minha pessoa com o princípio!

Imagine o meu espanto e mortificação. É verdade que eu não me revestira de uma frieza armada. Simples e naturalmente falara, quando solicitado, das verdades que via acerca da ciência conjugal. Nunca me ocorrera, porém, que alguma natureza sem par fixasse em mim a encarnação de um ideal. O Bastão Mágico tornou-se necessário. Frieza, austeridade, recusa, negligência — contrárias a toda a minha inclinação — foram convocadas como guarda-costas. Pareceu-me que o equívoco não era apenas doloroso e perigoso, mas singularmente absurdo também; como se um doente confundisse o médico com a sua doença, ou tentasse engolir o frasco em vez do medicamento. E, no entanto, não podia sorrir à expressão espontânea dessas atrações divinas e centrais. Indicavam a existência de uma necessidade insatisfeita em naturezas profundamente amorosas.

Mas eu só podia amar Uma, e, oh, como a minha alma se alegrava ao saber que essa residia na terra! A Filosofia confirmara e estabelecera a tendência primária das minhas atrações como imutavelmente monogâmica. E as muitas cartas delicadas que me chegavam de pessoas puras e afetuosas, cujos corações solitários procuravam separadamente em mim um refúgio conjugal, ensinaram-me a necessidade de fixar em breve a minha própria posição nupcial perante o mundo.

CAPÍTULO LXI
VISITAÇÕES SINGULARES

"Um dia, uma hora de virtuosa liberdade
Vale uma eternidade inteira de servidão."

O comboio pesadamente carregado de três meses passou desde a conversa por último registada. A cortina agora erguida permite ao leitor olhar uma vez mais para o Refúgio do Reformador, em Rochester, Nova Iorque.

Num aposento confortavelmente aquecido e utilmente mobilado, logo acima da sala de estar, podeis ver o sujeito desta autobiografia. Era pleno inverno; 25 de Janeiro de 1855. O ar serenamente frio, tão cheio de geada elétrica, crepitava como uma veste de seda. Muito agudo, muito calmo e muito quieto era o ambiente circundante. Cintilava ao sol como um éter destilado de diamantes. Mas suavemente, através desse aposento tranquilo, sopravam as saudações do meu venerado Guia. Era a voz do amor que eu ouvia; ao som da qual o meu coração batia musicalmente. A afeição do meu guardião bem conhecido era pura e celeste — suave e fragrante como flores da árvore da Vida — sempre crescendo e florescendo no jardim do espírito.

"Bondoso Guia", disse a minha alma, "tenho sentido, através do espaço, que há um trabalho privado para mim entre os parentes de Mary, no condado de Orleães."

"Ah, está bem!", respondeu ele. "A minha missão esta manhã é fortalecer o teu propósito."

"O meu desejo", disse eu, "é visitar os seus amigos amanhã. A minha próxima palestra concede-me dois dias e duas noites de folga."

"Vai, em pessoa", respondeu ele. "Tocarás e quebrarás a cadeia que prende treze parentes numa só objeção contra ti como companheiro de Mary."

"O que podem eles objetar?", perguntei. "Não é ela uma mulher legalmente livre? Não é dona da sua própria pessoa? Não obteve a sua liberdade independentemente do meu conselho e influência?"

"O preconceito humano é poderoso", respondeu o Guia. "Mas Deus é Amor, meu filho; não és tu filho de Deus?"

"A esse Pai divino entrego absolutamente tudo o que é imortal na minha natureza", respondi. "Mas diz-me, poderei vencer os preconceitos da sua família?"

"Uma batalha entre o orgulho privado e uma lei de justiça deve ser travada", disse ele firmemente. "Não estás preparado para suportar reprovação e vencer?"

"Bom anjo guardião", respondi, "a obra é abençoada e não esperarei nem me cansarei nela."

O silêncio voltou. O visitante celestial retirara-se da atmosfera da terra. Assim, fiquei novamente livre para conviver com os felizes moradores do Refúgio.

Foi exatamente vinte e nove horas depois da entrevista acima que, de acordo com as minhas próprias intuições do que era correto e com as palavras do afetuoso Guia, tomei o meu Bastão Mágico e o comboio das seis para Holley. A intensa frigidez do ar dera lugar a outro decreto do velho Inverno, agora a correr desenfreadamente e a brincar fantasticamente pelos campos abertos com tais brinquedos como vento, granizo e neve.

"Esta é uma noite singular", disse eu mentalmente, "para iniciar uma missão tão delicada. A família preconceituosa dificilmente ficará agradavelmente impressionada com esta intrusão sem cerimónia." Mas os vagões carregados avançaram, e em breve eu estava de pé na plataforma da estação de Holley.

Felizmente, ao viajar da Nova Inglaterra para o Oeste de Nova Iorque, fizera escala na memorável Albany para me apresentar ao Sr. Charles M. Plumb, assistente literário na legislatura então em sessão, e para expressar a minha apreciação pela sua conduta honrada, pronta e destemida no referido caso de separação legal. Durante a minha breve permanência, ele perguntou-me, com bondade e cordialidade, "se não teria tempo para visitar a Sra. Plumb, sua esposa, ao passar de Rochester para o Oeste?"

Este pequeno fragmento de cortesia amistosa, caro leitor, era o único pretexto verbal racional que eu tinha para esta visita. Assim armado e equipado, dirigi-me ao hotel, aluguei um quarto para a noite, ceei alguns bocados de pão e mel e, depois de várias indagações, alcancei a habitação do Sr. Chancey Robinson, na colina.

Imagine a minha figura, caro leitor, mesmo antes de eu bater à porta do desconhecido. O meu sobretudo pardo, exceto no comprimento, era do modelo Horace Greeley; o meu grande xaile de manta, exceto na maneira

como o trazia sobre o corpo, era da última moda de Broadway; o meu chapéu de copa baixa e aba larga, exceto na sua ímpia flexibilidade, era da escola de George Fox; o meu cabelo preto e a barba cheia, exceto na regularidade do seu arranjo, eram do corte dos banditti italianos; por fim, estando eu quase coberto pela neve que caía depressa e sendo um estranho a chegar como um ladrão de noite, não era de admirar que a família Robinson me olhasse e me tratasse com marcada reserva. Que visitação singular! Que apresentação a futuros amigos em espírito e parentes por afinidade! Não teria sido temeridade aceitar uma tarefa tão delicada e inexplicável?

Sendo admitido, perguntei: "Os pais da Sra. Plumb residem nesta casa?"

Havia no aposento um ar de conforto doméstico; e nele estavam uma jovem mulher, um jovem homem e uma vizinha. A jovem mulher, que mais tarde soube ser uma filha recentemente casada, respondeu: "Sim, senhor" — mas o seu modo dizia: "Oxalá não me faça outra pergunta."

Em poucos minutos, porém, as nuvens de desconcerto e timidez começaram a dissipar-se. Pouco depois, também o pai entrou, vindo da ceia; e, disparando contra mim uma salva de olhares agudos e inquisitivos, perguntou:

"Quem é o senhor?"

"O meu nome é Davis", respondi — deixando uma ampla margem à imaginação de cada um para acrescentar qualquer prefixo cristão que lhe soasse mais agradável. "Tendo visto o Sr. Plumb em Albany", continuei, "de quem muito gostei, prometi a mim mesmo o prazer adicional de conhecer também a Sra. Plumb, de acordo com o seu amável pedido."

De relance vi que o pai, embora fisicamente abaixo do metro e oitenta, era consideravelmente mais alto do que a maioria das pessoas em mentalidade. Havia também um agudo fio na expressão do seu olhar e um estalo de espingarda na firmeza da sua fala, o que me impressionou extraordinariamente. Sentindo que um homem assim devia ter algo de reformador dentro de si, perguntei:

"Quais são as novidades na linha da Temperança por esta região?"

"Trabalho duro!", disse ele, rápido e resoluto. "Mas havemos de apanhá-los."

"As pessoas favorecem a reforma nesta comunidade?", perguntei.

Com um ar firme, autoconfiante e meio desafiante, respondeu: "Não se pode fazer muito com gente que vive de Rum, Ignorância e Tabaco."

Por esta altura apareceu a esposa, de ar matronal, vestida para sair; e então o homem de princípios disse:

"Tem de nos desculpar. A família vai a uma exibição de discursos na academia. A hora chegou. Tenho de ir agora."

Não tendo disposição para passar a noite de outra forma, pedi licença para acompanhar a mãe, ao que ela consentiu muito amavelmente. Mas, por não estar habituado a galanterias, de algum modo fiz com que a boa senhora tombasse do portão da frente para dentro de um enorme monte de neve. Não se magoou, contudo, e pareceu divertir-se com o acidente, bem como com a tentativa ridícula que cada um de nós fez de pedir desculpa ao outro.

Na academia, fiquei muito agradado com um estudante que recitou de memória uma parte do célebre discurso do General Warren. Perto do final dos exercícios académicos, bem conduzidos, o mesmo jovem, com considerável poder de declamação, proferiu um breve discurso original sobre "Passado e Presente"; e, concluído o espetáculo, o talentoso aluno foi-me apresentado como "Charles J. Robinson". Com ele obtive então a informação de que a Sra. Plumb, a quem ele chamava "Zilpha", estava a cerca de quatro milhas, no campo, a passar algum tempo com uma irmã casada, a quem chamava Sra. Pettengill. A meu pedido, ele prometeu servir-me de guia até lá na manhã seguinte.

Fiel à sua palavra, o jovem irmão passou pelo hotel. O prestável estalajadeiro providenciou o cavalo e o trenó por uma "consideração" razoável; e, encolhidos sob a pele de búfalo, lá partimos a toda a velocidade através da tempestade.

Foi difícil puxar conversa a Charlie. Porém, ao fim de algum tempo, apesar do agravamento do mau tempo, ele tornou-se moderadamente familiar e falador. Mas a intenção da minha visita — numa tempestade destas e numa altura destas — continuava, para ele, um enigma por resolver. Na verdade, eu próprio não podia prever o que dela resultaria. Uma coisa eu sabia: que o objeto tinha inteira justificação da minha consciência — pois eu estava em missão de paz e boa vontade para a família daquela a quem o meu coração designava como sua companheira conjugal. Como os seus amigos se poderiam ter tornado particularmente preconceituosos contra mim era uma pergunta sem resposta; e, contudo, tão distintamente quanto o meu rosto sentia o açoite da neve, tão definitivamente a minha alma percebia que algo corria mal à distância. Nem a pele de búfalo nem a tempestade eram obstáculo à intrusão desse sentimento.

Por sugestão de Charlie, parámos e conversámos uma hora na casa do Sr. Colby Dibble; depois, um jantar foi alegremente servido na residência de Joseph Pratt, Esquire; por fim, chegámos à casa do Sr. D. N. Pettengill, na aldeia recatada de Clarendon. O ainda reservado Charlie entrou adiante e apresentou-me à sua "irmã Eliza".

No momento em que ela apanhou o som do meu nome próprio cristão, uma expressão rebelde formou-se no seu rosto naturalmente belo, e houve, de imediato, como que uma reunião de indignação entre as forças mentais. O grande fogão espalhava calor em abundância e logo a neve nas nossas roupas começou a derreter. "Vou tirar o casaco, Eliza", disse Charlie. "É demasiado grosso para esta sala tão quente."

"Sim, Charlie, tira", respondeu ela com amabilidade. "Eu penduro o teu casaco."

A ênfase da sua voz na palavra "teu" deu-me a entender que "o meu" casaco não seria pendurado se eu o tirasse. E, de facto, depois de a sobrecasaca de Charlie ter sido arrumada de modo fraternal, ela sentou-se com uma dignidade ao mesmo tempo resoluta e bela.

"O meu casaco também é demasiado quente para esta sala aquecida", observei, "por isso vou apenas pô-lo de lado."

"Faça como quiser, senhor", respondeu ela com um olhar de severidade forçada.

Mas, tendo-me concedido a liberdade, tirei a peça em questão e voltei a sentar-me, à espera de novos desenvolvimentos. Pouco depois entrou a Sra. Plumb com os alegres filhos da irmã, e fui recebido com sincera cordialidade. Zilpha, lendo imediatamente o significado do semblante de Eliza, observou, em tom de desculpa:

"A minha irmã não é crente no espiritualismo, Sr. Davis."

"Posso simpatizar com ela", disse eu de modo apaziguador, "porque eu estava no mesmo estado de espírito há cerca de dez anos."

A isto, Eliza ergueu a sua boa figura ainda mais orgulhosamente, tocou nos seus óculos de armação dourada (pois, como eu, era míope) e disse:

"Não é esse o meu problema, senhor."

Por fim comecei a recear que a minha visita presente resultasse em pouco proveito e, por isso, disse:

"Esta noite tenho de estar em Rochester — por isso, Charlie, faça o favor de ir buscar o cavalo e voltaremos a Holley."

"Eu quero que o Sr. Davis fique", disse Eliza com muita determinação. "Há algumas perguntas que lhe quero fazer; depois pode ir quando quiser."

A sua prontidão na fala despertou-me a esperança de fazer algum bem. "Qualquer mulher", pensei eu, "capaz de manifestar tal franqueza e decisão, é também capaz de ser uma amiga duradoura e valiosa. A sua total ausência de hipocrisia é admirável; e, quando a sua alma estiver plenamente viva para o princípio da Justiça, ninguém será defensor mais firme. Ela tem evidentemente muito preconceito contra mim, mas quando conhecer toda a verdade acerca deste assunto, esse preconceito desaparecerá como o orvalho da manhã. Por isso estou muito grato por esta entrevista."

Neste momento entrou um cavalheiro a quem fui imediatamente apresentado e de quem senti a emanação de uma esfera hostil. O grupo presente pareceu, de pronto, resolver-se involuntariamente numa espécie de júri doméstico; eu tornei-me a testemunha no banco, e o irmão recém-chegado, o advogado de acusação. Acendeu-se fogo na sala; as crianças alegres foram excluídas; e nós, "de maior crescimento", reunimo-nos ali.

"Sr. Davis!", disse o irmão, "ainda bem que está aqui, senhor."

"Eu também", foi a minha resposta.

"Li algumas das suas obras, senhor", disse ele, "e vejo que tendem para a infidelidade e para a destruição de todas as nossas instituições."

"As minhas obras tendem a destruir boas instituições?", perguntei.

Sem atender à minha pergunta direta, prosseguiu: "As suas doutrinas vão contra o domingo — e — o que é pior, senhor — desfazem laços de família — arrancam pela raiz as relações matrimoniais — e, senhor, o senhor tem de saber que as suas doutrinas são imorais e perigosas."

"Dir-me-á que livros meus leu?", perguntei. "Quanto a mim, não conheço nenhum volume meu que ensine tais doutrinas."

"Oh, eu não li muito mais do que alguns excertos no *Tribune* há uns anos. Mas o sentido geral dos seus escritos é suficientemente claro."

"Condena com tão pouca prova?", perguntei.

"Mais vale irmos ao ponto importante", respondeu ele. "É este: chegou aqui ontem a notícia de que o senhor encontrou a nossa irmã, a Sra. Love, em Rochester, no inverno passado, e que então a influenciou a rejeitar o marido

e a tomar o senhor em vez dele. Diz-se que 'os espíritos' lhe disseram para fazer isso, e que ela foi levada a acreditar."

"Isso é um relato muito ridículo e completamente falso", disse eu. "Os meus amigos que me conhecem sabem que eu nunca sigo o ditame de espíritos, nem na terra nem no céu. Mas sugestões estou sempre pronto a recebê-las de quem quer que seja."

"Por favor responda-me à pergunta simples, Sr. Davis", disse ele: "Disse, ou não disse, à nossa irmã, que ela era a sua afinidade espiritual?"

A frieza quase forense da sua pergunta tinha algo de divertido; mas, com toda a sinceridade, respondi: "Não, senhor. Nem mesmo nesta data — quatro meses após o divórcio — lhe dei conhecimento da minha intenção, que é, senhor, pedir-lhe honradamente que se torne minha companheira. Mas dessa intenção ela é mais ignorante do que o senhor. Acabo agora de lhe dizer aquilo que ela saberá pela primeira vez quando eu lhe escrever uma história epistolar desta memorável entrevista."

Houve então silêncio na sala durante cerca de meio minuto. Depois, dirigindo-me à digna e reservada Eliza, disse:

"Faça agora as suas perguntas, por favor, porque tenho de partir em breve."

"Não, senhor", respondeu ela num tom mais moderado. "O Nathan perguntou o que eu queria saber."

Charlie e Zilpha, durante todo este tempo, pareciam mortificados e indignados, enquanto outra irmã, Minerva, e o comerciante, o Sr. Pettengill, que haviam sido ouvintes silenciosos, pareciam ocupar terreno neutro. A minha alma não podia censurar os parentes preconceituosos, porém, porque eu apreciava plenamente a origem das suas apreensões alarmantes. Parecia que a irmã deles, Mary, obtivera um divórcio sem conhecimento da família; e que nenhum parente, exceto o Sr. e a Sra. Plumb, fora informado, mesmo após o divórcio, de todas as razões privadas que, durante anos de sofrimento silencioso, vinham abrindo caminho para esta separação legal.

Naturalmente, o orgulho familiar foi despertado e concentrado — o medo de serem perseguidos por bisbilhoteiros profissionais e identificados com o que uma geração pouco desenvolvida chama "a desgraça do divórcio" — este orgulho, muito mais forte do que o santo princípio da justiça, foi a origem do seu sofrimento comum; e o receio de que ela trouxesse ainda maior censura sobre si e sobre eles, formando uma nova união matrimonial, reforçou a sua oposição impaciente. Nada disto eu registaria se não fosse

para ilustrar dois factos — primeiro, que "nada é mais fácil do que enganar-se"; segundo, que esta geração consente em encobrir e ocultar o vício com librés legais e populares.

"Obrigado, Sr. Davis", disse o irmão agora composto; "respondeu francamente às minhas perguntas, senhor, e espero que o futuro endireite tudo."

A afetuosa e nobre Zilpha, que tinha sido uma espécie de anjo guardião de Mary durante as suas mais severas provações, expressou então a esperança de que o nosso próximo encontro fosse em circunstâncias mais favoráveis à amizade. Ela testemunhara, durante a entrevista, direta e positivamente, que eu nada tivera que ver com causar a separação; antes, pelo contrário, tendo vivido durante anos na família de Mary, sabia que o desejo de divórcio criara raízes no coração tanto do marido como dela, muito antes de qualquer deles me ter conhecido.

No caminho para Holley, Charlie manteve um silêncio sombrio, com uma expressão ocasional de pesar pelo que se passara nesse dia.

Era quase noite quando chegámos ao hotel. Antes de apanhar o comboio, dirigi-me de novo à agradável casa na colina para outra entrevista. Bastava pouco discernimento para descobrir que alguns membros desta família estavam mais ou menos afetos à teologia evangélica. Pareceu-me que os pais tinham bebido em demasia dos canais turvos da ortodoxia batista. Havia, contudo, muita inteligência robusta no grupo doméstico — suficiente, pensei, para assegurar um resgate futuro dos enredos da religião documental.

Acendeu-se fogo no fogão da sala, e os pais convidaram-me para o aposento retirado; quando o pai, sem rodeios, disse:

"Bem, se quer alguma coisa de mim, diga."

"Estou aqui para o informar", respondi, "de que a sua filha Mary pode tornar-se minha—"

"Não posso ouvir conversa dessas, senhor!"

"Deixe o cavalheiro dizer o que quer", interveio a mãe, com consideração.

"Bem, prossiga."

"Como eu dizia", continuei, apoiando-me no Bastão Mágico, "ela pode tornar-se minha esposa."

Ao ouvir isto, o cavalheiro de olhar penetrante e resoluto endireitou-se na cadeira e, com uma notável perpendicularidade de porte, disse:—

"A minha filha Mary, senhor, tem uma educação de primeira ordem. Está habilitada a ensinar em qualquer instituição pública. Os seus parentes são muitos, inteligentes e respeitáveis. A primeira coisa que soubemos da dificuldade doméstica dela foi depois de ela ter vindo a casa como mulher divorciada."

"Não fale tão alto, Sr. Robinson", disse a sua companheira de aspeto maternal.

"Bem, senhor", continuou ele, com voz mais baixa mas com modos mais afirmativos, "aconselhei-a a ficar solteira; a não casar para outra desgraça. Não dou o meu consentimento para ela casar com quem quer que seja antes de passarem vários anos — e consigo, nunca!"

A isto respondi: "Creio que o senhor não considera que a sua filha está livre para dispor das suas próprias afeições."

"A minha filha, senhor", disse ele, ainda mais severamente, "fez naufrágio da religião e naufrágio do casamento. Ao que ela há de chegar, não sei." Levantou-se então da cadeira e, plantando-se como um capitão indomável da Armada Invencível, prosseguiu assim: "Não, senhor! Ela já tem o meu conselho, e o senhor também. Seria a destruição de ambos, e de todos os envolvidos. Por muito correto que tenha sido o curso dela, se casar consigo as pessoas dirão que os propósitos dela eram maus, e o senhor não os conseguirá fazer acreditar no contrário. Não, senhor! Nunca consentirei — nunca!" Ao lançar a última palavra, a sua mão ergueu-se de repente, como que para me convencer de que eu ficaria "feito em pó no ar".

"Sr. Robinson", respondi calmamente, "os seus sentimentos de solicitude paternal são muito naturais e admiráveis. Mas nesta relação proposta não há nada de errado. A verdade e a justiça estão connosco. Por isso, a fala do mundo não é nada. A sua filha obteve a sua liberdade legal sem a sua ajuda nem a minha; e creio firmemente, senhor, que ela é igualmente capaz de decidir esta questão. Mas pelo menos não duvidará da natureza honrada das minhas intenções quando o informar de que estou a transmitir a si e à sua família este conhecimento da minha escolha ainda antes de a informar a ela do mesmo facto. Ainda não lhe pedi que seja minha esposa; mas quando eu lhe voltar a escrever, ela sem dúvida saberá dos meus desejos honestos."

Ele lançou-me um olhar rápido e surpreendido ao concluir, e depois disse:

"Bem, se não foi mais longe do que isso, escrever-lhe-ei. Creio que consigo desmanchar tudo."

O pai, meio indignado, saiu então da sala. Mas a mãe, que ficou ainda algum tempo, disse com tons suaves de admoestação:

"Tenho medo de que as pessoas não o entendam. A Mary é um dos meus melhores filhos. Tem um feitio muito bom — firme, caseiro — e nunca deu problemas."

"A história privada da sua filha é-me familiar, Sra. Robinson", disse eu. "Os seus elogios são todos merecidos."

"E depois", continuou ela com bela ternura, "há os seus dois queridos meninos. O que será deles, não sei. A Mary diz que o entendimento é que ela os pode ter parte do tempo. Mas eles hão de viver com o pai, e ele ainda não tem casa para eles."

"Fique certa", respondi, "de que os melhores interesses da sua filha e a felicidade dos seus queridos filhos nunca serão prejudicados pela minha influência." Dito isto, apressei-me para a estação e, pouco depois, parti para Rochester.

Na manhã seguinte fui visitado, no Refúgio do Reformador, por um médium, que perguntou:

"Acha correto eu agir alguma vez contra as instruções dos espíritos?"

"Certamente", disse eu; "sempre que a razão e a consciência lho digam."

"Mas os espíritos não podem dar-nos luz antes do nosso próprio juízo?", perguntou ele.

"Não como princípio geral", respondi. "Os espíritos são eternamente seres humanos. Crer que os espíritos podem ultrapassar os limites essenciais da intuição humana e transmitir conhecimento superior ao que os homens podem obter por grande talento e grande labor é equivalente a repudiar as leis fundamentais de todo o desenvolvimento."

"Então para que serve o espiritualismo?", exclamou ele.

"O espiritualismo é útil como demonstração viva de uma existência futura. Prova isso abundantemente; mas nada mais com certeza."

"Mas, Sr. Davis, deixa-me espantado!", exclamou o cavalheiro. "Não segue o conselho dos espíritos?"

"Sim, quando posso fazê-lo em harmonia com as minhas próprias intuições. Os espíritos ajudaram-me muitas vezes; mas não controlam nem a minha pessoa nem a minha razão."

"Então reconhece que os espíritos nos podem ajudar?", disse ele, algo reconfortado.

"Sim", respondi; "reconheço com gratidão que os espíritos podem e de facto prestam bons ofícios àqueles que estão na Terra. Não desencorajaria nenhum amigo de obter todo o benefício que razoavelmente possa através da ajuda de seres espirituais. Mas esse benefício só pode ser alcançado com a condição de que lhes permitamos ser nossos mestres no sentido de professores, não nossos senhores; de que os aceitemos como companheiros, não como deuses a adorar."

CAPÍTULO LXII
O MATRIMÓNIO CONJUGAL

"Já não sozinho pelo ermo do mundo,
Embora trilhasse caminhos de alto intento,
Eu viajava agora: já não sem companheiro."

A cena seguinte abre-se noutro Refúgio para Reformadores. Situava-se em Harveysburgh, Ohio, e era santificado pelos seus proprietários inteligentes. Sinceros, verídicos e amorosos eram Valentine e Jane Nicholson e a sua família de quatro filhas. O tempo era 12 de Fevereiro de 1855; cerca de três semanas após a minha visita a Holley. Nas suas andanças pelo sul do Ohio, com fins de palestras, Mary chegara à casa do Irmão Valentine. Na própria véspera da minha chegada, por feliz acaso, ela tinha um compromisso para discursar. A esse discurso assisti com atenção crítica. O seu tema era "Temperança"; assunto comum tratado com invulgar perícia. Os seus pensamentos e ilustrações eram ordenados, lógicos, belos, verdadeiros e amplos; enquanto os tons da sua voz eram firmes, de longo alcance, humanos e capazes de verdadeira eloquência. Vi que a sua natureza estava em casa nos amplos campos da Reforma. O leitor pode imaginar a minha felicidade ao encontrar assim uma colaboradora. Todas as minhas visões sobre os seus dotes foram plenamente confirmadas. Da sua aparência pessoal nada preciso dizer; pois o artista a retratou na parte inicial deste volume.

De regresso ao Refúgio do Reformador, disse:

"Mary, esta visita é necessária para que se familiarize comigo. Pessoalmente, somos quase completos desconhecidos um para o outro. E, no entanto, não é estranha ao meu espírito, pois vi-a à distância muitas vezes."

"Longo caminho percorreu, Irmão Jackson", respondeu ela de modo apaziguador. "Muitas horas de labor cansativo suportou. Quão grato deve ser um tempo de descanso para alguém como o senhor!"

Durante a minha permanência nesta morada fraternal assegurei várias vezes a Mary que eu não tinha qualquer direito sobre as suas afeições; que ela era livre de decidir contra a minha proposta de união conjugal; que a minha vida era uma batalha contínua com a ignorância e as injustiças e os sofrimentos de toda a espécie e magnitude; e que, se ela consentisse em tornar-se minha companheira, os seus parentes franziriam o sobrolho contra nós e o mundo também por algum tempo.

"O matrimónio é uma relação demasiado sagrada para ser formada sem reflexão", disse eu. "Por isso, Mary, antes de decidir, faça a si mesma esta pergunta: 'Posso eu, em obediência às minhas mais elevadas atrações, aos meus impulsos mais nobres e às minhas aspirações mais puras, entregar a Jackson todas as minhas afeições e confiança para sempre?' Quero que me compare com todos os outros que viu; e depois, no recolhimento do autoquestionamento, chegue a uma conclusão verdadeira.

Vê, minha querida Mary, quão zelosa é a minha alma da sua liberdade pessoal, espiritual e social. Quão dolorosa, quão indizivelmente e insuportavelmente terrível seria uma segunda servidão. Se for possível que algum outro espírito exerça sobre si uma influência mais atraente e satisfatória do que a minha, então deve prender-se a esse outro espírito e não voltar mais a mim. O pensamento é doloroso — muito gelado para as correntes vitais do espírito — mas obedeceremos à voz da Sabedoria."

Assim conversámos longa e seriamente sobre a bela filosofia do verdadeiro matrimónio; e, pouco antes de eu partir para Cleveland, a minha Mary disse:

"Se algum dia chegar o tempo em que eu possa ser uma colaboradora consigo, na santa missão de redimir o mundo da sua ignorância e sofrimentos, então a minha alma será feliz e muito grata."

"Mas, Mary", disse eu, "não receia que a sua paz seja perturbada pelos preconceitos e deturpações que a nossa união suscitaria?"

"Jackson", disse ela com uma ênfase sincera e honesta, "sinto que nenhum reproche seria demasiado amargo para eu suportar, nenhum sofrimento demasiado grande para eu enfrentar, nenhum labor demasiado severo para eu cumprir, se eu puder ter a certeza de que o senhor é o companheiro da minha alma."

"Mary", disse eu, "pode tornar-se a minha companheira eterna, desejando-o e vivendo assim ao longo de todos os anos desta vida."

E ela assegurou-me que tal era o desejo central da sua alma e assim viveria — totalmente consagrada ao meu espírito e, por isso mesmo, à vasta irmandade da humanidade. Este foi o penhor dessa união santa a que o meu Guia se referira no cume do Monte da Beleza. Uma cadeia percetível de providências espirituais estendera-se desde as minhas primeiras recordações até este momento; mas a consagração perfeita deste coração amado a mim e ao meu trabalho era o mais brilhante de todos os elos que a compunham. Por isso parti, para cumprir os meus compromissos em Ohio e Michigan, com o espírito cheio de alegria elevada.

No dia 15 de Maio de 1855 — três meses após a visita agora registada — cheguei à residência rural de Joseph Pratt, Esq., em Clarendon, condado de Orleans. Em conformidade com as leis do Estado de Nova Iorque e também em harmonia com as nossas perceções e ensinamentos mútuos, Mary e eu declaramos abertamente a nossa união na presença de dezasseis testemunhas amigas. O inteligente proprietário da casa (cunhado de Mary), sendo Magistrado, conduziu habilmente a cerimónia e colocou-me na mão o seu certificado legal.

Antes deste acontecimento, eu enviara uma amável carta-convite aos seus pais, em Holley. Mas não apareceram. Na verdade, vários membros da sua atribulada família mantiveram-se a "respeitável distância" — reconhecendo, assim, que, por então, uma pergunta era a principal: "Que dirá o povo?"

Concluída a breve cerimónia, sentindo que a nossa verdadeira posição ainda não era plenamente compreendida, disse:—

"Amigos: Hoje a vossa irmã Mary, agora minha companheira, partirá para a cidade de Nova Iorque. Sentindo que estais a par dos passos justos e honrados que conduziram a esta aliança — e que apreciais também a posição da outra parte, bem como a total falsidade de vários artigos de jornal nesta região — não direi palavras de explicação ou comentário sobre esses tópicos. É de outras matérias, de interesse vital, que desejo falar.

"Os filhos de Mary, como sabeis, foram reclamados há poucos dias pelo seu protetor legal e afastaram-se da sua presença. Ela despediu-se deles, não de livre vontade, mas em obediência à Lei Estatutária. As leis tirânicas do Estado de Nova Iorque — instituídas por homens para homens — arrancam à mãe o direito aos seus próprios filhos. Estas leis feitas por homens provêm, de modo condescendente, para dependentes como mulheres, crianças, aprendizes e idiotas; e, falando politicamente, todos estes são considerados possuidores de 'direitos iguais' — a saber: obedecer ao decreto das leis legislativas e manter-se afastados da urna.

Nestas circunstâncias, muitas mulheres decidiriam suportar todas as durezas que um falso matrimónio pudesse impor, em vez de procurar uma separação legal que inevitavelmente as privaria da sua querida descendência. Mary não teria dúvida em ceder a uma atração semelhante, se não tivesse inteira confiança na honra e generosidade do pai dos seus filhos e na garantia dele de que ela poderia livremente vê-los e exprimir-lhes o seu amor durante todos os anos futuros.

"Parece-me, contudo, que o amor de mãe é apenas um sexto do coração de uma verdadeira mulher; e que a proporção de tempo necessária para criar uma família é apenas um quarto do tempo de vida próprio de uma mulher. Por isso, quando uma mãe se afunda nas profundezas de uma união repulsiva e impura por causa dos seus filhos, é muito provável que não só veja a sua prole arruinada pelo veneno moral da discórdia doméstica, como também se torne ela própria um ser mirrado e inútil. Se Mary, então, acredita que, sem ser menos terna e cuidadosa para com os seus queridos, os seus ensinamentos públicos podem eventualmente beneficiar os filhos de mil pais, não estará ela a escolher a parte mais sábia e melhor? A questão vazia da 'Reputação' nós a deixaremos para o futuro."

Quatro meses passaram rapidamente para o Passado sem retorno. Mas as mudanças e reconciliações na família, ocorridas nesse breve período, foram muitas e bem-vindas. O pai ousado e digno de Mary escrevera-me um convite, "curto e doce", para levar a minha "mulher" e visitar a família. Assim, chegámos à casa de Holley no dia 11 de Setembro de 1855; e, com algumas palavras honestas de sentido retrospetivo, o Preconceito de rosto carrancudo foi expulso da habitação parental! No dia seguinte, Mary, eu e mais duas pessoas fomos a Barre numa breve visita aos seus filhos, na residência dos avós. O embaraço e a irritação decorrentes da nossa visita inesperada foram penosos para todos, exceto para o possuidor do Bastão Mágico. Mas o coração de Mary estava grato por ver os pequenos, que estavam saudáveis e contentes. Durante a semana seguinte fomos recebidos

com bondade nas casas prósperas de todos os parentes residentes; e, em todo o círculo, ninguém nos tratou com mais delicada e amorosa cordialidade do que a irmã Eliza.

Passemos agora por mais alguns meses e observemos os modos do mundo para connosco. De quando em quando chegavam cartas de correspondentes desconhecidos, carregadas de perguntas sobre os factos do nosso casamento. A muitas dessas perguntas não tive tempo de responder, mas respondi-as nesta autobiografia. Claro que nunca me admirei nem me aborreci; porque, muito antes, as sombras claras destes acontecimentos já tinham sido lançadas sobre a minha visão. Mas — "Que posso eu fazer", perguntava-me, "pela fé e amizade perturbadas dos nossos amigos distantes?" A resposta foi: "Publicar os factos." Era uma tarefa muito desagradável; mas quase a concluí.

Um dia recebi um jornal que continha o seguinte, dito ter sido engendrado por algumas pessoas religiosas em Dundee, Nova Iorque:

"Dado que o Espiritualismo . . . remove as barreiras à libertinagem e ao vício, como se exemplifica na conduta de Andrew Jackson Davis, que está agora a viver uma vida adúltera na cidade de Brooklyn com a esposa do Sr. Love de Buffalo."

O aparecimento da precedente "fraude piedosa" fez-me perceber como é fácil para os inescrupulosos fazer circular uma falsidade contra algum reformador cujas doutrinas lhes desagradem. Mas não muito depois recebi uma carta de Buffalo que me revelou o facto de que esta acusação absurda podia ser aparentemente provada contra mim e os meus, por referência ao registo de uma decisão legal do Supremo Tribunal do condado de Erie. A carta era a seguinte:—

A. J. Davis:—Senhor: Quero escrever-lhe, e dir-lhe-ei porquê. Acabo de ver um decreto do tribunal no condado de Erie, concedendo ao Sr. S. G. Love um divórcio com base em testemunho positivo. Cito do decreto — "que a ré está agora e tem estado há algum tempo a viver em adultério aberto com o dito A. J. Davis, e que a dita ré Mary F. Love agora se chama Mary F. Davis"; e, senhor, o decreto do tribunal acrescenta ainda — "que será lícito ao dito autor casar de novo como se a ré estivesse realmente morta; mas não será lícito à dita ré casar de novo até que o dito autor esteja realmente morto."

Esta carta chocou-nos e entristeceu-nos, mas o seu conteúdo não era nem surpreendente nem misterioso. Vários meses antes da data dela, tínhamos recebido uma comunicação do Sr. Love, que era a seguinte:—

Buffalo, 16 de Fevereiro de 1856.

Minha querida Mary: Tendo visto ultimamente vários artigos nos jornais sobre o assunto dos Divórcios, procurei aconselhamento quanto à minha própria condição. Verifico que, nunca tendo sido residente do Estado de Indiana, não estou necessariamente livre pelas condições do Divórcio concedido em seu favor, enquanto eu permanecer cidadão deste Estado. Pelo menos, pode surgir dificuldade a esse respeito.

Tens objeções a que eu obtenha um divórcio de ti neste Estado? Sem oposição, pode ser conseguido muito discretamente. Será obtido unicamente com o propósito de evitar a possibilidade de problemas para todas as partes envolvidas, daqui em diante. Uma resposta breve será muito apreciada.

Uma carta das crianças, há um ou dois dias, dá conta de que estão bastante bem e felizes. À pressa, mas muito sinceramente,
S. G. ——.

Mary foi pronta na resposta, assegurando-lhe que não tínhamos a menor objeção ao divórcio proposto, sobretudo se havia algum perigo de problemas sem ele. Assim, quando lhe foi entregue a intimação para comparecer contra ele, recebeu-a e não ofereceu resistência, nem então nem jamais depois. Na verdade, alegrava-se com a ideia de remover todo e qualquer impedimento à felicidade pessoal do seu amigo. Sem dar mais atenção ao assunto, prosseguíamos com os nossos ensinamentos públicos por cidades do Leste, quando a carta já registada chegou, carregada com a notícia indesejada do escândalo bárbaro que fora legalizado e perpetuado pelo Supremo Tribunal do condado de Erie.

À primeira vista, alguém poderia inclinar-se a culpar o autor deste divórcio por obter o seu pedido ocultando intencionalmente a prioridade da libertação de Mary concedida em Indiana. Mas nós, pelo contrário, não atribuímos culpa a pessoa alguma. O Sr. Love foi compelido a fazer como fez pelas leis absurdas e desumanas do Estado do Império, leis que exigem a alegação da comissão dos crimes mais detestáveis como único fundamento de libertação de uma união profana. Que é isto senão uma garantia ao vício — um incentivo às práticas mais revoltantes?

Contudo, embora eu não tivesse qualquer pensamento de censura, este ato de ilegalidade legal forçou-me, contra toda a minha inclinação inata, a tomar uma posição positiva no plano da justiça de mim mesmo. Senti que a influência prospetiva deste falso registo tinha de ser neutralizada; não por mim nem por Mary, mas pela Filosofia Harmonial — não por qualquer benefício pessoal presente, mas pelo bem futuro do mundo.

Portanto, para evitar um dano profundo e duradouro que pudesse vir a recair sobre a causa do Progresso Humano pela existência desta calúnia flagrante mas não contraditada, fiz com que uma cópia certificada do decreto anterior de divórcio de Mary fosse registada na secretaria do condado de Erie, no dia 6 de Abril de 1857. O veneno e o seu antídoto ficam assim inseparavelmente associados. Mas lembre-se que tais leis, que tornaram necessária esta medida, não podem deixar de ser uma vergonha eterna para a legislatura de qualquer Estado ou país.

Mas, como todas as outras nuvens do vale, também esta tinha "um forro de prata". As nossas almas ficaram felizes ao saber que, pouco depois desta libertação legal do nosso "amigo e irmão", ele consumou a verdadeira relação conjugal que a sua natureza mais profunda há tanto tempo e tão firmemente desejava. Assim, as crianças encontram um refúgio seguro no seio da afeição e são abençoadas com orientação sábia e cuidadosa no caminho do desenvolvimento. Disto temos abundante garantia, através de uma carta nobre e bela, recentemente recebida da refinada e talentosa companheira do pai delas.

O último ato social neste drama psicológico está agora cumprido. A maior parte das nuvens anteriores passou enquanto eu repousava no vale entre o Monte da Beleza e o Monte da Aspiração. Monte da Aspiração significa um estado mental (ou psíquico) que permite à mente e ao coração fazer Progresso absoluto e permanente. Assim também todos os Montes são símbolos de estados mentais, nos quais a alma passa de uma experiência definida para outra. Da eminência dominante da Aspiração escrevi o mais sábio de todos os meus volumes, "Penetralia". Oh, se eu pudesse retratar a glória dessas "Harmonias Universais" que — enquanto no Monte da Aspiração — despertaram e fortaleceram toda a minha existência!

O Monte da Harmonia, com a sua grandeza suspensa e atrações estupendas, está diante de mim! E sei que o meu espírito, acompanhado pela sua companheira, continuará a subir. Já consigo ouvir, como por acaso, certas palavras santas de amor harmonial sussurradas a Mãe-Natureza desde o coração profundo, profundo, de Sabedoria de Pai-Deus. As marés prateadas da sua afeição indissolúvel correm musicalmente através do meu ser. Entre visões eternas, a minha alma silenciosa transborda perpetuamente de amor reverente e liberdade sem limites. Mas todas as experiências mentais, como a Música e as Estações, avançam em círculos ascendentes. Assim, o cume do Monte da Harmonia é apenas a base de outro monte ainda mais distante e exaltado.

FIM